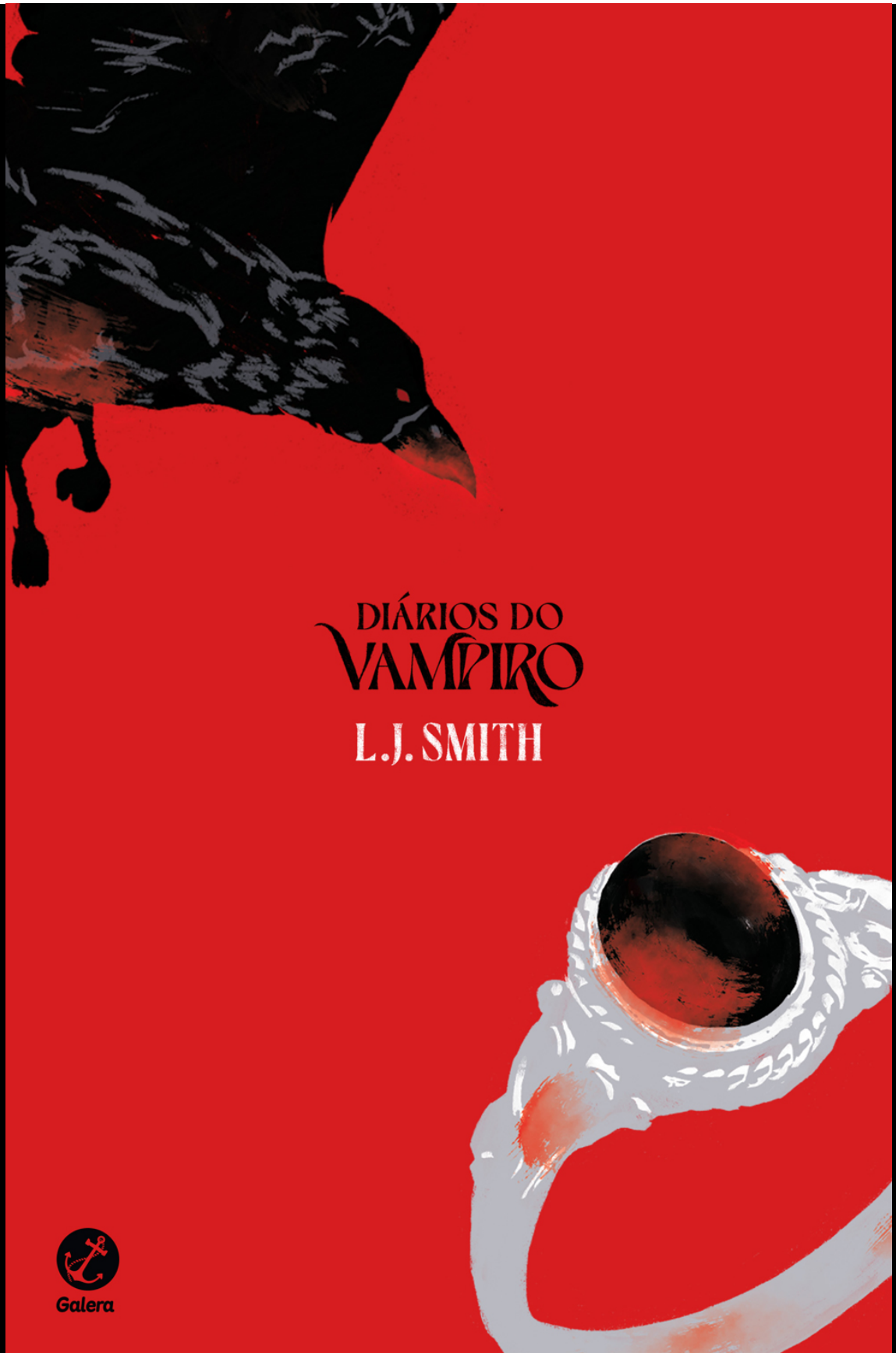


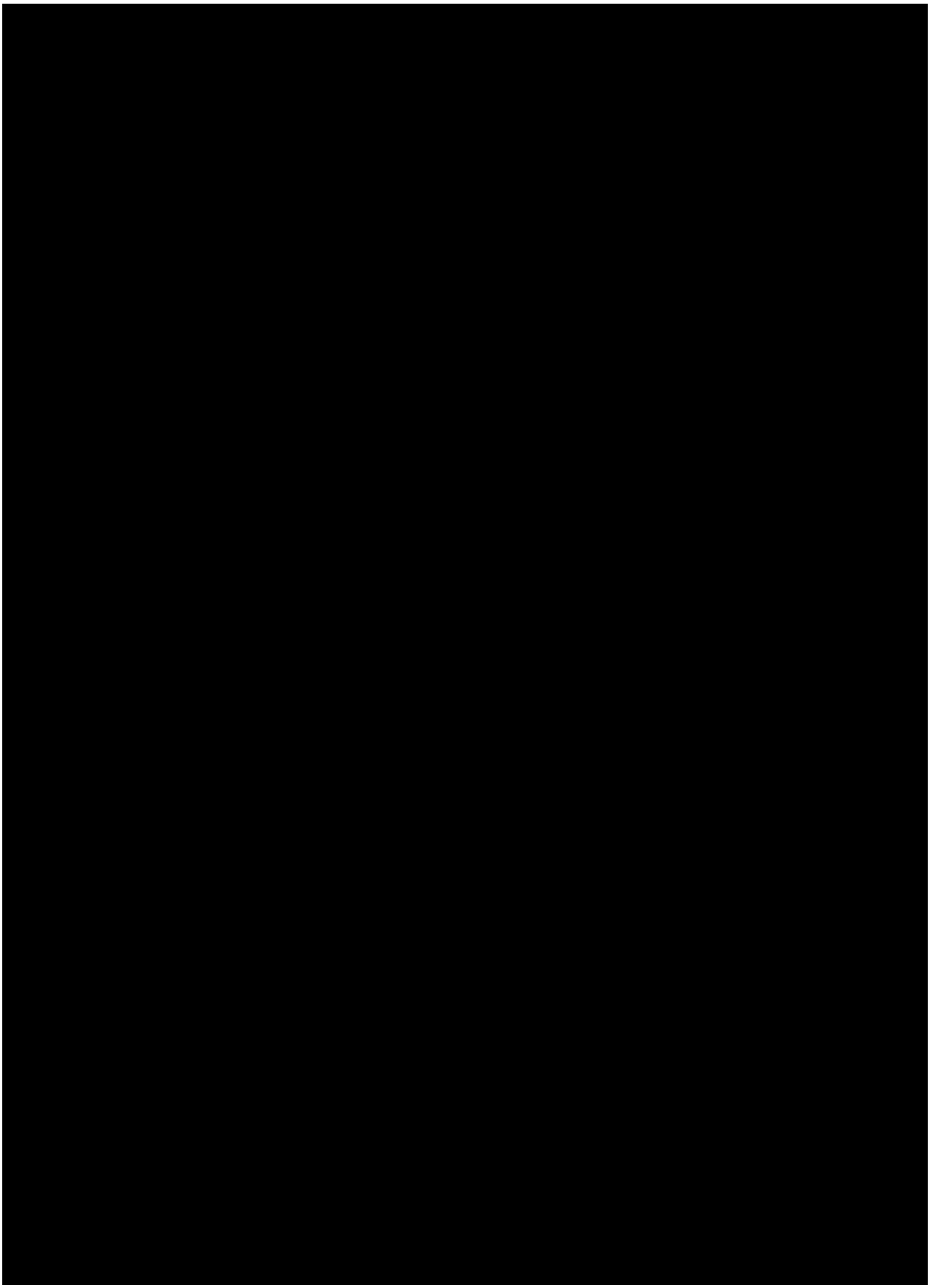
DIÁRIOS DO VAMPIRO

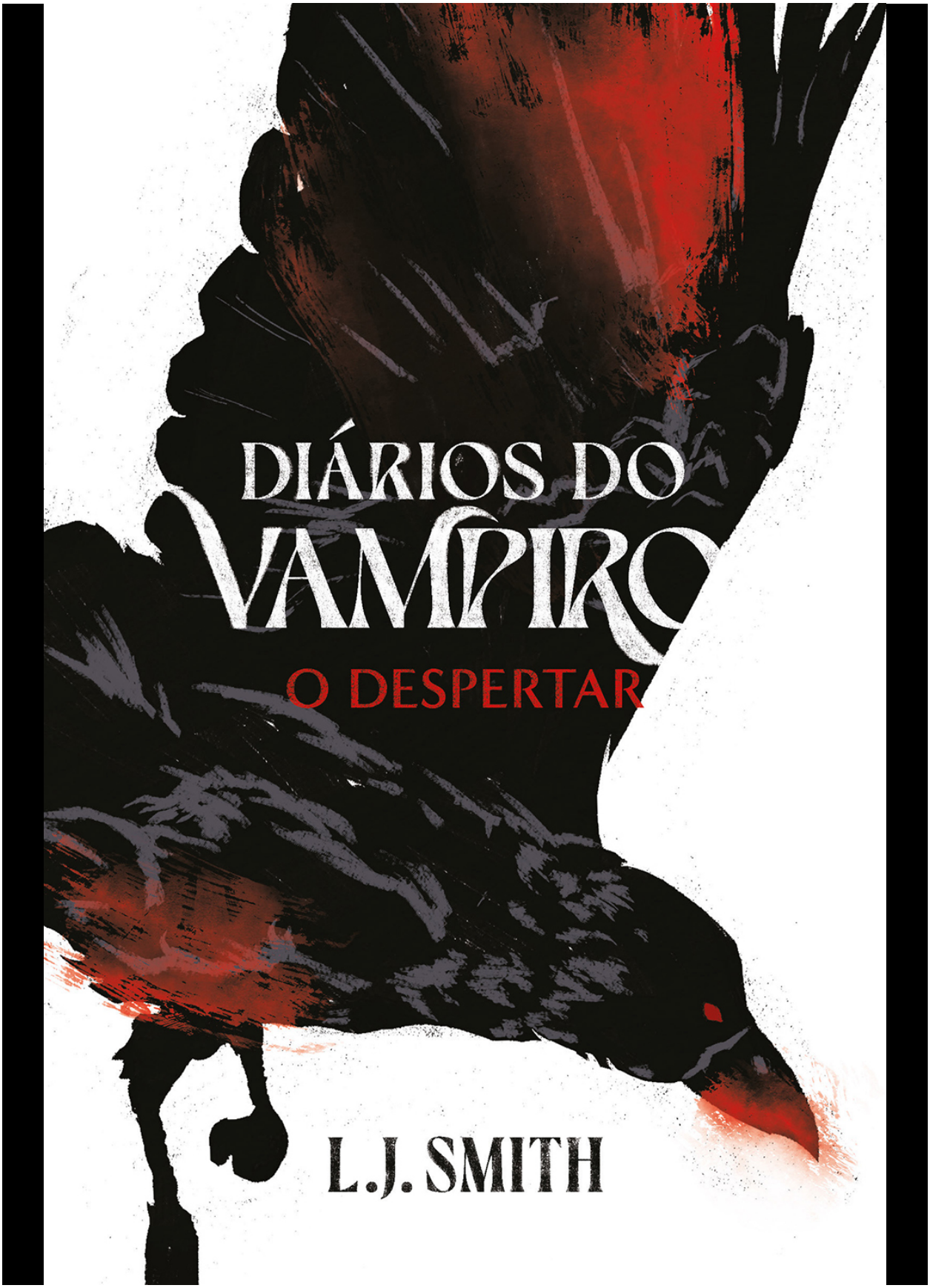
L.J. SMITH

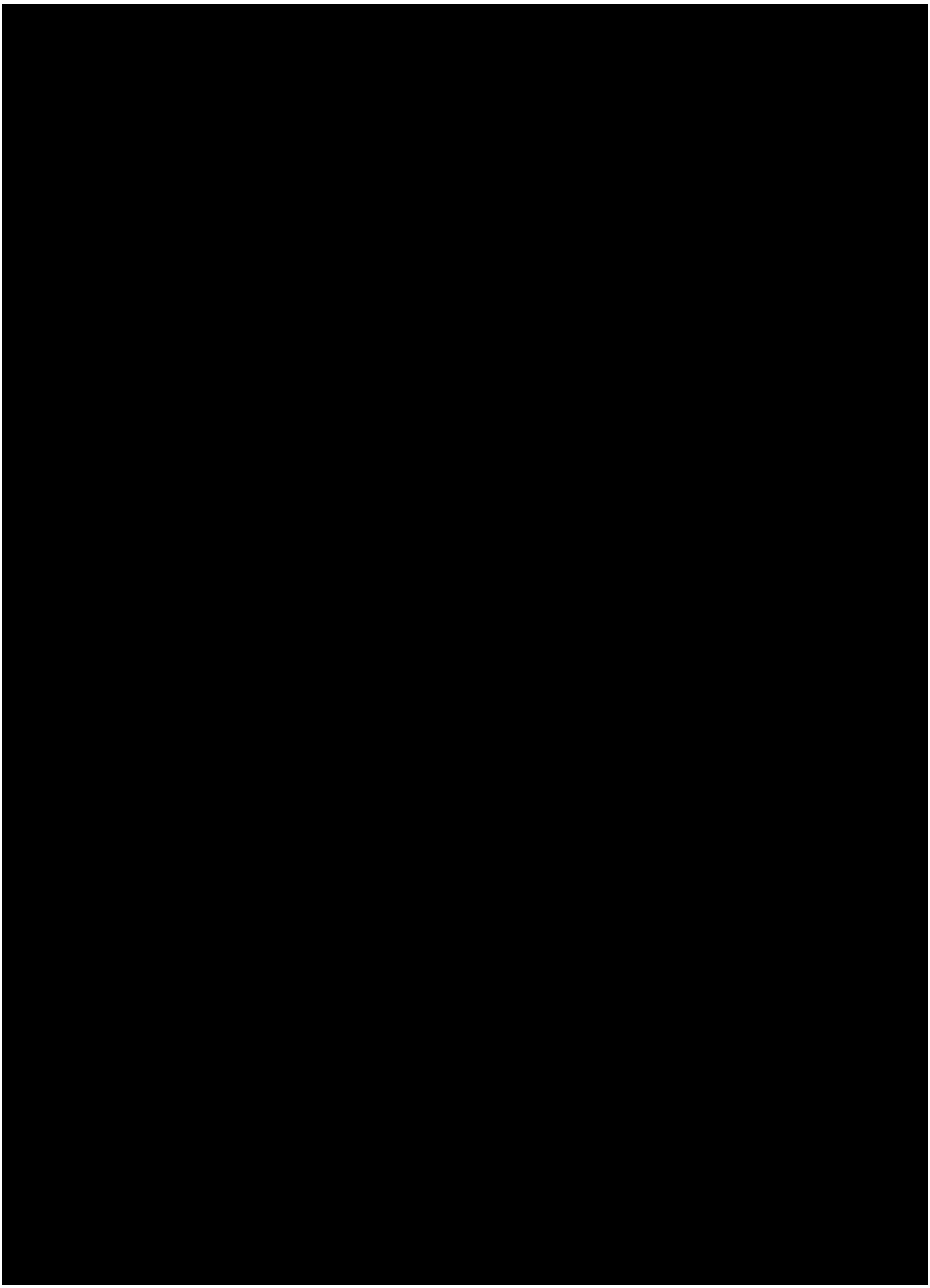


Galera


DIÁRIOS DO
VAMPIRO
L.J. SMITH
Galera




DIÁRIOS DO
VAMPIRO
O DESPERTAR
L.J. SMITH



Obras da autora publicadas pela Galera Record

***Série* Diários do Vampiro**

O despertar
O confronto
A fúria
Reunião Sombria
O Retorno — Anoitecer
O Retorno — Almas sombrias
O Retorno — Meia-noite
Caçadores — Espectro
Caçadores — Canção da lua
Caçadores — Destino

***Série* Diários de Stefan**

Origens
Sede de sangue
Desejo
Estripador
Asilo

***Série* Os Originais**

Ascensão
A perda

***Série* Círculo Secreto**

A iniciação
A prisioneira
O poder
A ruptura
A caçada
A tentação

Série Mundo das sombras

Vampiro secreto

Filhas da escuridão

Submissão mortal

L.J.SMITH

DIÁRIOS DO VAMPIRO

O DESPERTAR

1ª edição

Tradução | Ryta Vinagre

Galera

2023

DIAGRAMAÇÃO DA VERSÃO IMPRESSA
Abreu's System

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S647d
Smith, L. J.
Diários do vampiro: o despertar [recurso eletrônico] / L. J. Smith; tradução Ryta Vinagre. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2023.
recurso digital (Diários do vampiro; 1)

Tradução de: The awakening
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5981-338-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Vinagre, Ryta. II. Título. III. Série.

23-84593

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Gabriela Faray Ferreira Lopes – Bibliotecária – CRB-7/6643

Copyright © 1991 by Daniel Weiss Associates, Inc. and Lisa Smith

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.
Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado pelo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA GALERA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 120 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil



ISBN 978-65-5981-338-4

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

A minha querida amiga e irmã, Judy

Um agradecimento especial a Anne Smith, Peggy Bokulic, Anne Marie Smith e Laura Penny por informações sobre a Virgínia, e a Jack e Sue Check por toda a sua erudição local.

Sumário

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

1

4 de setembro

Querido diário,

~~Alguma coisa horrível vai acontecer hoje~~.

Não sei por que estou escrevendo isso. É loucura. Não há motivos para eu estar aborrecida e todos os motivos para ficar feliz, mas...

Mas aqui estou eu, às cinco e meia da manhã, acordada e apavorada. Fico dizendo a mim mesma que é só porque estou totalmente confusa com a diferença de fuso horário entre a França e aqui. Mas isso não explica por que estou tão assustada. Por que estou tão perdida.

Dois dias atrás, enquanto tia Judith, Margaret e eu estávamos voltando de carro do aeroporto, tive uma sensação estranha. Quando entramos na nossa rua, de repente pensei: "Mamãe e papai estão em casa esperando por nós. Aposto que estarão na varanda da frente ou na sala, olhando pela janela. Eles devem ter sentido muito a minha falta."

Eu sei. Isso não faz o menor sentido.

Mas mesmo quando vi a casa e a varanda vazias, ainda senti isso. Corri pela escada e tentei abrir a porta, até bati a aldrava. E quando tia Judith destrancou a porta, eu explodi para dentro e fiquei no corredor escutando, esperando ouvir minha mãe descer a escada ou meu pai chamando do gabinete dele.

Foi aí que tia Judith deixou a mala cair no chão com estrondo atrás de mim, soltou um suspiro imenso e disse: "Estamos em casa." Depois,

Margaret riu. E me veio a sensação mais terrível que tive em toda a minha vida. Nunca me senti tão completamente perdida.

Casa. Estou em casa. Por que isso parece uma mentira?

Eu nasci aqui, em Fell's Church. Sempre morei nesta casa, sempre. Este é meu velho quarto de sempre, com a marca de queimadura no piso de madeira de quando Caroline e eu tentamos fumar escondido no quinto ano e quase sufocamos. Posso olhar pela janela e ver o grande marmeleiro, que Matt e os meninos escalaram para invadir a festa do pijama do meu aniversário há dois anos. Esta é a minha cama, minha cadeira, minha cômoda.

Mas neste momento tudo me parece estranho, como se este não fosse o meu lugar. Eu é que estou deslocada. E o pior é que sinto que pertenço a algum lugar, mas não consigo descobrir qual é.

Ontem eu estava cansada demais para ir ao primeiro dia de aula. Meredith pegou o horário para mim, eu não tive vontade de falar com ela ao telefone. Tia Judith disse a todos que ligaram que eu estava com jet lag e dormindo, mas ela me olhava de um jeito estranho no jantar.

Mas hoje vou ter que ver o pessoal. Temos que nos encontrar no estacionamento antes da aula. Será por isso que estou assustada? Será que tenho medo deles?

Elena Gilbert parou de escrever. Olhou a última frase que escrevera e sacudiu a cabeça, a caneta pairando sobre o pequeno caderno com capa de veludo azul. Depois, com um gesto repentino, ela levantou a cabeça e atirou caneta e caderno na grande janela da sacada, onde eles quicaram suavemente e caíram no assento acolchoado.

Era tudo tão completamente ridículo.

Desde quando ela, Elena Gilbert, tinha medo de encontrar alguém? Desde quando tinha medo de *alguma coisa*? Ela se levantou e passou os braços com raiva num quimono de seda vermelha. Nem olhou para o elaborado espelho vitoriano acima da cômoda de cerejeira: sabia o que veria ali. Elena Gilbert, descolada, loura e magra, a que lançava moda, a veterana

do Ensino Médio, a garota que todo menino queria ter e toda menina queria ser. Que agora tinha uma careta incomum na cara e a boca num biquinho.

Um banho quente e um café e vou me acalmar, pensou ela. O ritual matinal de se lavar e se vestir era tranquilizador, e ela se demorou nele, vasculhando as novas roupas de Paris. Por fim escolheu um top cor-de-rosa claro e short branco de linho que a deixavam parecida com um sundae de framboesa. Dá vontade de comer, pensou Elena, e o espelho mostrou uma garota com um sorriso secreto. Seus temores anteriores derreteram, esquecidos.

— Elena! Onde você está? Vai se atrasar para a escola! — A voz veio fraquinha do primeiro andar.

Elena passou a escova mais uma vez pelo cabelo sedoso e o prendeu atrás com uma fita rosa escuro. Depois pegou a mochila e desceu a escada.

Na cozinha, Margaret, de 4 anos, comia cereais à mesa e tia Judith queimava alguma coisa no fogão. Tia Judith era o tipo de mulher que sempre parecia meio atrapalhada; tinha um rosto fino e meigo, e cabelo claro ondulado, puxado de qualquer jeito para trás. Elena lhe plantou um beijo no rosto.

— Bom dia a todo mundo. Desculpe por não ter tempo para o café da manhã.

— Mas Elena, não pode sair sem comer nada. Precisa de proteína...

— Vou comprar um donut antes da aula — disse Elena alegremente. Ela deu um beijo na cabeça de Margaret e se virou para sair.

— Mas Elena...

— E é provável que eu vá pra casa de Bonnie ou Meredith depois da aula, então não me espere para o jantar. Tchau!

— Elena...

Elena já estava na porta da frente. Ela a fechou depois de passar, interrompendo os protestos distantes de tia Judith, e foi para a varanda.

E parou.

Todas as sensações ruins da manhã tomaram-na de novo. A ansiedade, o medo. E a certeza de que algo horrível estava prestes a acontecer.

A Maple Street estava deserta. As altas casas vitorianas pareciam estranhas e silenciosas, como se todas estivessem desocupadas, como as casas de um set de filmagem abandonado. Todas davam a impressão de não conter *gente*, mas sim coisas estranhas que a observavam.

Era isso; alguma coisa a observava. O céu não estava azul, mas leitoso e opaco, como uma tigela gigante virada de cabeça para baixo. O ar era abafado e Elena tinha certeza de que alguém a olhava.

Ela teve um vislumbre de alguma coisa escura nos galhos do velho marmeleiro na frente da casa.

Era um corvo, empoleirado imóvel nas folhas amareladas. E era aquilo que a observava.

Ela tentou dizer a si mesma que isso era ridículo, mas de algum modo ela *entendeu*. Era o maior corvo que vira na vida, roliço e lustroso, com um arco-íris cintilando nas penas do dorso. Ela podia ver cada detalhe dele com clareza: as garras escuras e ávidas, o bico afiado, um olho preto reluzindo.

Estava tão imóvel que podia ser um modelo de cera de uma ave pousada ali. Mas, enquanto o olhava, Elena se sentiu corar aos poucos, o calor vindo em ondas pelo pescoço e as bochechas. Porque ele... olhava para ela. Da mesma maneira que os meninos olhavam quando ela usava um biquíni ou uma blusa transparente. Como se a estivesse despindo com os olhos.

Antes que percebesse o que fazia, ela largou a mochila e pegou uma pedra ao lado da entrada da casa.

— Sai daqui — disse ela, e ouviu a raiva tremer em sua voz. — Sai! *Sai daqui!* — Com a última palavra, ela atirou a pedra.

Houve uma explosão de folhas, mas o corvo voou sem se ferir. Suas asas eram imensas e o barulho que faziam parecia o de um bando inteiro de corvos. Elena se agachou, de repente em pânico, enquanto ele voava diretamente sobre sua cabeça, o vento das asas agitando seu cabelo louro.

Mas ele subiu de novo e circulou, uma silhueta preta contra o céu branco como papel. Depois, com um grasnido áspero, voou para o bosque.

Elena endireitou o corpo lentamente, depois olhou em volta, constrangida. Não acreditava no que acabara de fazer. Mas agora a ave se

fora e o céu já parecia estar normal de novo. As folhas tremularam com uma brisa e Elena respirou fundo. Na rua, uma porta se abriu e várias crianças saíram, aos risos.

Ela sorriu para elas e respirou fundo de novo, o alívio dominando-a como a luz do sol. Como pôde ter sido tão boba? Era um lindo dia, cheio de promessas, e nada de ruim ia acontecer.

Nada de ruim ia acontecer — exceto que ela ia chegar atrasada à escola. O pessoal todo estaria esperando por ela no estacionamento.

Eu posso muito bem dizer a todos que parei para atirar pedras num pervertido que estava me espiando, pensou ela, e quase riu. Ora essa, *isto* teria dado o que pensar.

Sem olhar para o marmeleiro que ficava para trás, Elena começou a andar pela rua o mais rápido que pôde.

O corvo se chocou com o alto de um carvalho imenso e a cabeça de Stefan se voltou repentinamente por reflexo. Quando viu que era só um pássaro, relaxou.

Seus olhos se voltaram para a forma branca e flácida em suas mãos e ele sentiu o rosto contorcer de arrependimento. Ele não pretendia matá-lo. Teria caçado alguma coisa maior do que um coelho se soubesse que estava com tanta fome. Mas é claro que era isto que o assustava: jamais saber a intensidade de sua fome, ou o que poderia fazer para aplacá-la. Ele teve sorte por, desta vez, ter matado apenas um coelho.

Ele estava embaixo dos antigos carvalhos, a luz do sol infiltrando-se até o cabelo ondulado. De jeans e camiseta, Stefan Salvatore parecia exatamente um aluno normal do Ensino Médio.

Mas não era.

Imerso no bosque, onde ninguém poderia vê-lo, ele foi se alimentar. Agora lambia meticulosamente as gengivas e os lábios, para se assegurar de não ter deixado nenhuma mancha. Ele não queria se arriscar. Este embuste já seria difícil o suficiente sem isso.

Por um momento ele se perguntou, mais uma vez, se devia desistir de tudo. Talvez devesse voltar à Itália, a seu esconderijo. O que o fazia pensar que podia voltar ao mundo da luz do dia?

Mas ele estava cansado de viver nas sombras. Estava cansado da escuridão e das coisas que viviam nela. Acima de tudo, estava cansado de ficar só.

Ele não tinha certeza do motivo para ter escolhido Fell's Church, na Virgínia. Era uma cidade nova, pelos padrões dele; os prédios mais antigos tinham sido construídos apenas há um século e meio. Mas as lembranças e os fantasmas da Guerra Civil ainda viviam ali, tão reais quanto os supermercados e as lanchonetes.

Stefan apreciava o respeito pelo passado. Pensou que poderia vir a gostar das pessoas de Fell's Church. E talvez — só talvez — pudesse encontrar um lugar entre elas.

É claro que ele nunca seria completamente aceito. Um sorriso amargurado curvou seus lábios com esta ideia. Ele sabia muito bem que não havia esperança para *isso*. Nunca haveria um lugar onde ele pudesse se sentir inteiramente à vontade, onde pudesse ser verdadeiramente ele mesmo.

A não ser que ele escolhesse pertencer às sombras...

Ele afugentou esta ideia. Havia renunciado à escuridão; deixara as sombras para trás. Estava riscando todos aqueles longos anos e começando do zero, hoje.

Stefan percebeu que ainda segurava o coelho. Delicadamente, depositou-o no leito das folhas marrons do carvalho. Ao longe, distantes demais para os ouvidos humanos captarem, ele reconheceu os ruídos de uma raposa.

Venha, irmã caçadora, pensou ele com tristeza. Seu café da manhã a espera.

Enquanto pendurava o casaco no ombro, ele percebeu o corvo que o perturbara mais cedo. Ainda estava empoleirado no carvalho e parecia observá-lo. Havia algo de errado nisso.

Stefan começou a se concentrar, examinando a ave, mas se deteve. Lembre-se de sua promessa, pensou. Não use os Poderes a não ser que seja

absolutamente necessário. A não ser que não haja alternativa.

Movendo-se quase em silêncio em meio às folhas mortas e galhos secos, ele chegou à beira do bosque. Seu carro estava estacionado ali. Ele olhou para trás, uma vez, e viu que o corvo havia deixado os galhos e descera até o coelho.

Havia alguma coisa sinistra no modo como ele abria as asas sobre o corpo branco e flácido, algo funesto e triunfante. Stefan hesitou por um instante e quase correu de volta para afugentar o pássaro. Ainda assim, a ave tinha tanto direito de comer quanto a raposa, lembrou a si mesmo.

Tanto direito quanto ele próprio.

Se ele encontrasse a ave de novo, olharia em sua mente, decidiu. Então, Stefan tirou os olhos do corvo e correu pelo bosque, com o queixo empinado. Não queria se atrasar para as aulas na Robert E. Lee High School.

2

Elena foi cercada no instante em que entrou no estacionamento da escola. Todos estavam ali, toda a turma que ela não via desde junho, além de quatro ou cinco seguidoras que tinham a esperança de adquirir popularidade por associação. Ela aceitou um por um os abraços de boas-vindas de seu grupo.

Caroline tinha crescido pelo menos uns 3 centímetros e estava mais magra e mais parecida com uma modelo da *Vogue* do que nunca. Ela cumprimentou Elena friamente e recuou de novo, com os olhos verdes estreitos como os de um gato.

Bonnie não tinha crescido nada, e seu cabelo ruivo e cacheado mal chegava ao queixo de Elena enquanto ela atirava os braços para abraçar a amiga. Peraí um minutinho — *cachos*?, pensou Elena. Ela empurrou a menina mais baixa.

— Bonnie! O que você fez com o cabelo?

— Gostou? Acho que me deixa mais alta. — Bonnie afofou as mechas e sorriu, os olhos castanhos cintilando de empolgação, a carinha de coração iluminada.

Elena se afastou.

— Meredith. Você não mudou nada.

Este abraço foi igualmente caloroso de ambas as partes. Ela sentiu falta de Meredith mais do que de qualquer outra pessoa, pensou Elena, olhando a menina alta. Meredith nunca usava maquiagem nenhuma; mas com a pele marrom-clara perfeita e cílios pretos e pesados, ela não precisava. Agora tinha uma elegante sobrancelha erguida ao examinar Elena.

— Bom, seu cabelo está dois tons mais claros por causa do sol... Mas cadê o bronzeado? Pensei que você tivesse ficado na Riviera francesa.

— Você sabe que nunca me bronzeio. — Elena ergueu as mãos para sua própria inspeção. A pele era impecável, como porcelana, mas quase tão clara e transparente quanto a de Bonnie.

— Peraí, isso me lembra uma coisa — intrometeu-se Bonnie, pegando a mão de Elena. — Adivinha só o que meu primo me ensinou neste verão? — Antes que alguém pudesse falar, ela informou, triunfante: — Leitura das mãos!

Houve grunhidos e alguns risos.

— Podem rir à vontade — disse Bonnie, sem se deixar perturbar. — Meu primo disse que sou sensitiva. Agora, vamos ver... — Ela olhou a palma da mão de Elena.

— Rápido, ou vamos chegar atrasadas — disse Elena com certa impaciência.

— Tudo bem, tudo bem. Agora, esta é a sua linha da vida... Ou será a linha do coração? — No grupo, alguém deu uma risadinha. — Silêncio, estou alcançando o vazio. Eu vejo... Eu vejo... — De repente, Bonnie ficou pálida, como se tivesse se assustado. Seus olhos castanhos se arregalaram, mas ela não parecia mais estar olhando a mão de Elena. Era como se olhasse *através* dela — para alguma coisa apavorante.

— Vai conhecer um estrangeiro alto e de cabelos escuros — murmurou Meredith atrás dela. Houve uma explosão de risadas.

— Cabelos escuros, sim, e estrangeiro... Mas não alto.

A voz de Bonnie era rouca e distante.

— Mas — continuou ela depois de um momento, parecendo confusa —, antigamente ele *era* alto. — Seus olhos castanhos arregalados ergueram-se para Elena, assombrados. — Mas isso é impossível... Não é? — Ela largou a mão de Elena, quase a atirando longe. — Não quero ver mais nada.

— Tudo bem, acabou o show. Vamos — disse Elena às outras, vagamente irritada. Ela sempre achava que os truques de paranormal eram só isso: truques. Então por que ficara aborrecida? Só porque esta manhã ela mesma quase teve um ataque de pânico...

As meninas partiram para o prédio da escola, mas o ronco de um motor bem regulado as fez parar.

— Uau! — disse Caroline, olhando. — Um carro e tanto.

— Um Porsche e tanto — corrigiu-a Meredith, secamente.

O 911 turbo preto e reluzente ronronou pelo estacionamento, procurando uma vaga, movendo-se com a indolência de uma pantera aproximando-se da presa.

Quando o carro parou, a porta se abriu e elas olharam o motorista.

— Ai, meu Deus — sussurrou Caroline.

— Ai, meu Deus, mesmo — cochichou Bonnie.

De onde estava, Elena podia ver um corpo magro e musculoso. Jeans desbotados que ele provavelmente tinha de tirar à noite, camiseta apertada e uma jaqueta de couro de corte incomum. O cabelo era ondulado — e escuro.

Mas ele não era alto. Tinha altura mediana.

Elena soltou a respiração.

— Quem *é* esse mascarado? — disse Meredith.

E a observação era correta — óculos de sol cobriam totalmente os olhos do rapaz, escondendo seu rosto como uma máscara.

— Esse *estranho* mascarado — disse outra pessoa, e um tagarelar de vozes se elevou.

— Viu a jaqueta dele? É italiana, de Roma.

— Como você sabe? Nunca na vida você foi além de Rome, em Nova York!

— Epa. Elena está com aquele olhar de novo. O olhar da caçadora.

— É melhor que o baixinho bonito e de cabelos escuros tenha cuidado.

— Ele não é baixinho; é perfeito!

Em meio a tagarelice, a voz de Caroline de repente se destacou.

— Ah, dá um tempo, Elena. Você já tem o Matt. O que mais você quer? O que pode fazer com dois que não pode fazer com um?

— A mesma coisa... Só que por mais tempo — disse Meredith numa voz arrastada e o grupo se dissolveu em risos.

O menino tinha trancado o carro e andava para a escola. Despreocupadamente, Elena partiu atrás dele, as outras meninas em seu encalço num grupo estreito. Por um instante, a irritação borbulhou dentro dela. Será possível que não podia ir a *lugar nenhum* sem um desfile em seus calcanhares? Mas Meredith pegou o olhar dela e ela sorriu a contragosto.

— *Noblesse oblige* — disse Meredith delicadamente.

— Como é?

— Se quer ser a rainha da escola, tem que aguentar as consequências.

A declaração fez Elena franzir a testa enquanto elas entravam no prédio. Um longo corredor se estendia a frente e uma figura de jeans e jaqueta de couro desaparecia por uma porta à frente. Elena reduziu o passo ao seguir para a secretaria, finalmente parando para olhar pensativamente as mensagens no quadro de cortiça ao lado da porta. Havia uma grande janela ali, através da qual toda a sala ficava visível.

As outras meninas olhavam abertamente pela janela e riam.

— Bela visão de trás.

— Isso *definitivamente* é uma jaqueta Armani.

— Acha que ele é de outro estado?

Elena aguçava os ouvidos, tentando escutar o nome do menino. Parecia haver uma espécie de problema ali: a Sra. Clarke, a secretária de admissão, olhava uma lista e sacudia a cabeça. O menino disse alguma coisa e a Sra. Clarke ergueu as mãos num gesto de "O que eu posso fazer?" Ela passou o dedo pela lista e sacudiu a cabeça de novo, conclusivamente. O menino começou a se virar, depois voltou. E quando a Sra. Clarke olhou para ele de novo, sua expressão se transformou.

Agora os óculos de sol estavam na mão do garoto. A Sra. Clarke pareceu se assustar com alguma coisa; Elena a viu piscar várias vezes. Seus lábios se abriram e fecharam como se ela tentasse falar.

Elena queria poder ver mais do que a parte de trás da cabeça do menino. A Sra. Clarke remexia em pilhas de papéis, parecendo confusa. Por fim encontrou uma espécie de formulário e escreveu nele, depois o virou e empurrou para o garoto.

O menino escreveu brevemente no formulário — assinando, provavelmente — e o devolveu. A Sra. Clarke fitou o papel por um segundo, depois remexeu em outra pilha de papéis, passando-lhe por fim o que parecia um horário de aulas. Os olhos dela não desgrudavam do menino enquanto ele o pegava, inclinava a cabeça para agradecer e se virava para a porta.

Elena agora estava morrendo de curiosidade. O que tinha acontecido ali? E como seria a cara desse estranho? Mas enquanto saía da sala, ele recolocou os óculos escuros. A decepção a acossou.

Ainda assim, ela podia ver o resto de seu rosto enquanto ele parava à porta. Os cachos escuros emolduravam feições tão elegantes que podiam ter sido extraídas de uma moeda ou medalhão romano. Maçãs do rosto altas, nariz reto e clássico... E uma boca de tirar o sono da gente à noite, pensou Elena. O lábio superior era belamente esculpido, meio sensível, muito sensual. A tagarelice das meninas no corredor parou como se alguém tivesse desligado um interruptor.

A maioria agora se afastava dele, olhando para todo canto, menos em sua direção. Elena manteve-se firme perto da janela e atirou um pouco a cabeça, puxando o elástico do cabelo para que ele caísse solto nos ombros.

Sem olhar para os lados, o menino andou pelo corredor. Um coro de suspiros e cochichos irrompeu no momento em que ele não poderia mais ouvir nada.

Elena não escutou nada disso.

Ele passou direto por ela, pensou, pasma. Passou direto, sem nem olhar.

Vagamente, ela percebeu que o sinal estava tocando. Meredith puxava seu braço.

— Que foi?

— Eu disse, aqui está o seu horário. Temos trigonometria no segundo andar agora. Vamos!

Elena deixou que Meredith a empurrasse pelo corredor, subindo a escada e entrando na sala de aula. Ela deslizou automaticamente para uma

cadeira vaga e fixou os olhos na professora sem realmente vê-la na frente da sala. O choque ainda não havia passado.

Ele passou direto. Sem nem olhar. Ela não conseguia lembrar há quanto tempo um menino tinha feito isso. Todos eles olhavam, no mínimo. Alguns assoviavam. Alguns paravam para falar. Alguns só encaravam.

E tudo sempre esteve muito bem para Elena.

Afinal, o que era mais importante do que os meninos? Eles eram o ponto de referência de sua popularidade, de sua beleza. E eles podiam ser úteis para todo tipo de coisas. Às vezes eles eram excitantes, mas em geral isso não durava muito. Às vezes eles davam calafrios desde o início.

A maioria dos meninos, refletiu Elena, era como filhotinhos de cachorro. Lindos, mas dispensáveis. Muito poucos podiam ser mais do que isso, podiam se tornar amigos de verdade. Como Matt.

Ah, Matt. No ano anterior ela tivera esperanças de que ele fosse o cara que procurava, o menino que poderia fazê-la sentir... Bom, alguma coisa a mais. Mais do que o prazer que vinha do triunfo ao realizar uma conquista, o orgulho de mostrar sua nova aquisição para as outras meninas. E Elena passara *mesmo* a sentir um forte afeto por Matt. Mas no verão, quando ela teve tempo para pensar, percebeu que o afeto era de uma prima ou irmã.

A Srta. Halpern entregava os livros de trigonometria. Elena pegou o dela mecanicamente e escreveu o nome no interior, ainda imersa em pensamentos.

Ela gostava mais de Matt do que de qualquer outro menino que conhecia. E era por isso que ia ter que dizer a ele que acabara.

Ela não soube como lhe dizer isso por carta. Não sabia como dizer a ele agora. Não era medo de que ele desse um ataque; ele simplesmente não entenderia. Ela mesma não entendia direito.

Era como se Elena sempre estivesse procurando... alguma coisa. Só que quando ela pensava ter conseguido, não era aquilo. Não foi com Matt, nem com nenhum dos meninos que teve.

E depois tinha de começar tudo de novo. Felizmente, sempre havia material novo. Nenhum menino até agora resistira a ela, e nenhum menino

a ignorara. Até agora.

Até agora. Lembrando o momento no corredor, Elena descobriu que seus dedos estavam agarrados à caneta. Ela ainda não acreditava que ele a havia esnobado daquela maneira.

O sinal tocou e todos saíram da sala, mas Elena parou na porta. Mordeu o lábio, olhando o rio de alunos que fluía pelo corredor. Depois localizou uma das seguidoras do estacionamento.

— Frances! Vem cá.

Frances se aproximou ansiosamente, a cara iluminando-se.

— Olha, Frances, se lembra daquele menino hoje de manhã?

— Com o Porsche e aquele... er... patrimônio todo? Como eu poderia esquecer?

— Bom, eu quero o horário de aulas dele. Pegue na secretaria, se puder, ou copie dele se for preciso. Mas consiga!

Frances pareceu surpresa por um momento, depois sorriu e assentiu.

— Tudo bem, Elena, vou tentar. Encontro você no almoço, se conseguir alguma coisa.

— Obrigada. — Elena viu a menina ir.

— Sabe de uma coisa, você não tem jeito mesmo — disse a voz de Meredith no ouvido dela.

— Para que serve ser rainha da escola se eu não puder usar uma súdita de vez em quando? — respondeu Elena calmamente. — Aonde eu vou agora?

— Conhecimentos gerais. Tome, pegue você mesma. — Meredith empurrou um horário para ela. — Tenho que correr para a aula de química. Até mais!

A aula de conhecimentos gerais e o resto da manhã passaram num borrão. Elena esperava ter outro vislumbre do novo aluno, mas ele não estava em nenhuma de suas turmas. Matt estava em uma delas e ela sentiu uma agonia quando os olhos azuis dele encontraram os dela com um sorriso.

Depois do sinal do almoço, ela olhava para a direita e a esquerda, cumprimentando quem passava por ela a caminho do refeitório. Caroline estava do lado de fora, numa pose despreocupada junto a uma parede, de queixo erguido, os ombros para trás, os quadris para a frente. Os dois meninos com quem ela falava se calaram e se cutucaram ao verem Elena se aproximar.

— Oi — disse Elena brevemente aos meninos, e para Caroline: — Pronta para ir comer?

Os olhos verdes de Caroline mal se voltaram para Elena e ela tirou o cabelo ruivo e brilhante do rosto.

— Onde, na *mesa real*? — disse ela.

Elena tomou um susto. Ela e Caroline eram amigas desde o jardim de infância, e elas sempre competiam de bom humor. Mas ultimamente alguma coisa acontecera com Caroline. Ela começara a levar a rivalidade cada vez mais a sério. E agora Elena estava surpresa com a amargura na voz da menina.

— Bom, não seria assim se você fosse uma plebeia — disse ela alegremente.

— Ah, nisso você tem razão — disse Caroline, voltando-se para encarar Elena. Aqueles olhos verdes de gata estavam semicerrados e enevoados, e Elena ficou chocada com a hostilidade que viu ali. Os dois meninos sorriram inquietos e se afastaram.

Caroline não pareceu perceber.

— Muita coisa mudou enquanto você esteve fora neste verão, Elena — continuou ela. — E talvez sua época no trono tenha passado.

Elena corou; podia sentir. Ela lutou para manter a voz estável.

— Talvez — disse ela. — Mas, se eu fosse você, ainda não compraria um cetro, Caroline. — Ela se virou e foi para o refeitório.

Foi um alívio ver Meredith e Bonnie, e Frances ao lado delas. Elena sentiu o rosto esfriar enquanto escolhia o almoço e ia se juntar às meninas. Ela não deixaria que Caroline a perturbasse; não ia pensar em Caroline em momento nenhum.

— Consegui — disse Frances, agitando uma folha de papel enquanto Elena se sentava.

— E eu tenho informações quentes — disse Bonnie, cheia de importância. — Elena, ouve só isso. Ele está na minha turma de biologia e eu me sentei bem de frente para ele. O nome dele é Stefan, Stefan Salvatore, e ele é da Itália, e está hospedado com a velha Sra. Flowers nos limites da cidade. — Ela suspirou. — Ele é *tão* romântico. Caroline deixou cair os livros e ele os pegou para ela.

Elena franziu a cara.

— Mas que falta de jeito de Caroline. O que mais aconteceu?

— Bom, foi só isso. Ele não chegou a falar com ela. Ele é muuuito misterioso, entendeu? A Sra. Endicott, minha professora de biologia, tentou fazer com que ele tirasse os óculos, mas ele não tirou. Ele tem um problema de saúde.

— Que problema de saúde?

— *Eu* não sei. Talvez seja terminal e os dias dele estejam contados. Isso não seria romântico?

— Ah, muito — disse Meredith.

Elena olhava a folha de papel de Frances, mordendo o lábio.

— Ele está no meu sétimo tempo, história europeia. Alguém mais está nessa turma?

— Eu — disse Bonnie. — E acho que a Caroline também. Ah, e talvez o Matt; ele disse alguma coisa ontem sobre a sorte que tinha, pegando o Sr. Tanner.

Maravilhoso, pensou Elena, pegando um garfo e apunhalando o purê de batatas. Parecia que o sétimo tempo ia ser *extremamente* interessante.

Stefan estava feliz porque o dia de aula estava terminando. Ele queria sair daquelas salas e corredores apinhados, só por alguns minutos.

Tantas mentes. A pressão de tantos padrões de pensamento, tantas vozes mentais que o cercavam, deixava-o atordoado. Já fazia anos que ele estivera num enxame de gente como esse.

Uma mente em particular se destacava das outras. Estava entre aquelas que o olharam no corredor principal do prédio da escola. Ele não sabia como era ela, mas sua personalidade era poderosa. Stefan tinha certeza de que a reconheceria.

Até agora, pelo menos, ele sobrevivera ao primeiro dia de embuste. Tinha usado os Poderes duas vezes, e com parcimônia. Mas estava cansado e, admitiu com tristeza, faminto. O coelho não fora suficiente.

Preocupe-se com isso depois. Ele encontrou sua última sala de aula e se sentou. E de imediato sentiu a presença daquela mente de novo.

Ela brilhava à beira de sua consciência, uma luz dourada, suave e no entanto vibrante. E, pela primeira vez, ele pôde localizar a menina de onde vinha a luz. Estava sentada bem na frente dele.

No instante em que Stefan pensava nisso, ela se virou e ele viu seu rosto. Foi uma luta para Stefan não ofegar de choque.

Katherine! Mas é claro que não poderia ser. Katherine estava morta; ninguém sabia disso melhor do que ele.

Ainda assim, a semelhança era sobrenatural. Aquele cabelo dourado, tão claro que quase parecia tremeluzir. Aquela pele macia, que sempre o fazia pensar em cisnes, ou alabastro, corando num rosa fraco acima das maçãs do rosto. E os olhos... Os olhos de Katherine tinham uma cor que ele nunca vira antes; mais escuros do que o azul do céu, saturados como o lápis-lazúli em sua tiara de joias na cabeça. Essa menina tinha os mesmos olhos.

E estavam fixos nele enquanto ela sorria.

Ele baixou a cabeça e se desviou do sorriso rapidamente. De todas as coisas, não queria pensar em Katherine. Não queria olhar para aquela, que o lembrava dela, e não queria sentir mais a presença dela. Ele manteve os olhos na mesa, bloqueando sua mente com a maior intensidade que pôde. E por fim, lentamente, ela se virou de novo.

Ela estava magoada. Mesmo através do bloqueio, ele podia sentir isso. Ele não se importava. Na realidade, Stefan ficou feliz e teve esperanças de que isso a mantivesse afastada dele. Além dessa esperança, ele não tinha nenhum sentimento por ela.

Ele ficou dizendo isso a si mesmo enquanto estava sentado, o zunido da voz do professor derramando-se nele sem ser ouvida. Mas ele podia sentir um toque sutil de um perfume — violetas, pensou ele. E o pescoço magro e branco da menina estava curvado sobre o livro, o cabelo claro caindo de lado.

Com raiva e frustração, ele reconheceu a sensação tentadora em seus dentes — mais uma coceira ou um formigamento do que uma dor. Era fome, uma fome específica. E não era uma fome a que estivesse disposto a ceder.

O professor andava pela sala como um furão, fazendo perguntas, e Stefan deliberadamente fixou sua atenção no homem. De início ele ficou confuso, porque embora nenhum dos alunos soubesse as respostas, as perguntas continuavam sendo feitas. Depois ele percebeu que este era o propósito do homem. Envergonhar os alunos com o que eles não sabiam.

Agora ele tinha encontrado outra vítima, uma menina baixinha de cachos ruivos e rosto em forma de coração. Stefan olhou com desprazer enquanto o professor a metralhava de perguntas. Ela parecia infeliz enquanto ele se afastava dela para se voltar para toda a turma.

— Entenderam o que eu quis dizer? Vocês acham que são o máximo; vocês agora estão no último ano, preparando-se para a formatura. Bem, posso lhes dizer que alguns não estão preparados nem para o jardim de infância. Como esta aqui! — Ele gesticulou para a menina ruiva. — Não faz ideia do que foi a Revolução Francesa. Acha que Maria Antonieta era uma estrela de filme mudo.

Os alunos em volta de Stefan se remexiam, pouco à vontade. Ele podia sentir o ressentimento em suas mentes, e a humilhação. E o medo. Todos temiam aquele baixinho magro com olhos de doninha, até os rapazes musculosos que eram mais altos do que ele.

— Muito bem, vamos tentar outra época. — O professor voltou à mesma menina que estivera interrogando. — Durante o Renascimento... — Ele se interrompeu. — Você *sabe* o que é o Renascimento, não sabe? O período entre os séculos XIII e XVII, em que a Europa descobriu as grandes ideias da

Grécia e da Roma antigas? O período que gerou tantos dos maiores artistas e pensadores da Europa? — Quando a menina assentiu, confusa, ele continuou. — Durante o Renascimento, o que estudantes de sua idade faziam na escola? E então? Alguma ideia? Algum chute?

A menina engoliu em seco. Com um sorriso amarelo, ela disse:

— Jogavam futebol?

Às gargalhadas que se seguiram, a cara do professor escureceu.

— Dificilmente! — rebateu ele, e a turma se aquietou. — Você acha que isso é uma piada? Bem, naquele tempo, os estudantes de sua idade já eram proficientes em várias línguas. Também dominavam a lógica, a matemática, a astronomia, a filosofia e a gramática. Eles estariam prontos para ir para a universidade, em que cada curso era ministrado em latim. Futebol seria a última coisa em...

— Com licença.

A voz baixa interrompeu o professor no meio de sua arenga. Todos se voltaram para Stefan.

— O quê? O que você disse?

— Eu disse com licença — repetiu Stefan, tirando os óculos e se levantando. — Mas o senhor está enganado. Os estudantes no Renascimento eram estimulados a participar de jogos. Eles aprendiam que um corpo saudável acompanha uma mente saudável. E eles certamente participavam de esportes de equipe, como o críquete, o tênis... e até o futebol. — Ele se virou para a ruiva e sorriu, e ela retribuiu o sorriso, agradecida. Para o professor, ele acrescentou: — Mas as coisas mais importantes que aprendiam eram boas maneiras e cortesia. Tenho certeza de que seu livro lhe dirá isso.

Os alunos sorriam. A cara do professor estava vermelha feito sangue, e seus olhos soltavam faíscas. Mas Stefan continuou olhando fixo para ele, e depois de mais um minuto foi o professor quem teve de virar a cara.

O sinal tocou.

Stefan recolocou os óculos rapidamente e pegou seus livros. Já atraíra mais atenção para si do que devia e não queria ter de olhar a loura de novo.

Além disso, ele precisava sair dali rapidamente; havia uma ardência conhecida em suas veias.

Ao chegar à porta, alguém gritou:

— Ei! Eles jogavam futebol mesmo naquela época?

Ele não pôde deixar de lançar um sorriso por sobre o ombro.

— Ah, sim. Às vezes com cabeças decepadas de prisioneiros de guerra.

Elena o olhou partir. Ele deliberadamente a evitara. Ele a esnobara de propósito, e na frente de Caroline, que ficou olhando como um falcão. Lágrimas ardiam em seus olhos, mas no momento só uma ideia queimava em sua mente.

Ela o teria, mesmo que isso a matasse. Mesmo que matasse os dois, ele seria dela.

3

A primeira luz do amanhecer raiava a noite de rosa e de um verde muito claro. Stefan olhava da janela de seu quarto na pensão. Tinha alugado este quarto especificamente por causa do alçapão no teto, um alçapão que se abria para a sacada no telhado. Agora aquela porta estava aberta e um vento frio e úmido soprava pela escada. Stefan estava vestido, mas não porque tivesse acordado cedo. Ele não dormira nada.

Ele acabara de voltar do bosque, e alguns pedaços de folhas molhadas se prendiam nas laterais de suas botas. Ele as limpou com todo o cuidado. Não lhe escaparam os comentários dos alunos na véspera e Stefan sabia que eles ficaram olhando suas roupas. Ele sempre se vestira com o melhor, não só por vaidade, mas porque era a coisa certa a fazer. Seu preceptor costumava dizer: *Um aristocrata deve se vestir de acordo com sua posição. Se não o fizer, mostrará desdém pelos outros*. Todos tinham um lugar no mundo, e o lugar dele antigamente era entre a nobreza. Antigamente.

Por que ele ruminava essas coisas? É claro que ele devia ter percebido que fazer o papel de estudante podia trazer de volta os tempos de aluno. Agora as lembranças vinham densas e rápidas, como se deslizassem pelas páginas de um diário, seus olhos pegando uma entrada aqui e outra ali. Uma delas faiscou diante dele nitidamente: a cara do pai quando Damon anunciou que estava abandonando a universidade. Ele nunca se esquecera disso. Nunca vira o pai tão furioso...

— O que quer dizer com não vai voltar? — Normalmente Giuseppe era um homem agradável, mas tinha um gênio forte e o filho mais velho incitara a violência nele.

Agora este filho limpava levemente os lábios com um lenço de seda cor de açafrão.

— Eu pensei que o senhor compreenderia uma frase tão simples, pai. Devo repeti-la para o senhor em latim?

— Damon... — começou Stefan rigidamente, apavorado com este desrespeito. Mas seu pai o interrompeu.

— Está me dizendo que eu, Giuseppe, conde di Salvatore, terei de encarar meus amigos sabendo que meu filho é um *scioparto*? Um imprestável? Um folgazão que não faz nenhuma contribuição útil a Florença? — Os criados se afastavam à medida que Giuseppe se enfurecia.

Damon nem piscou.

— Aparentemente, sim. Se estiver chamando de amigos os que o adulam na esperança de que o senhor lhes emprestará dinheiro de seus amigos.

— *Sporco parassito!* — gritou Giuseppe, levantando-se da cadeira. — Já não é bem ruim que você tenha desperdiçado seu tempo e meu dinheiro quando estava na escola? Ah, sim, eu sei tudo sobre a jogatina, as justas, as mulheres. E sei que se não fosse por seu secretário e seus preceptores, você fracassaria em cada curso. Mas agora quer me desgraçar completamente. E por quê? Por quê? — Sua mão grande se ergueu num rompante para pegar o queixo de Damon. — Para poder voltar a suas caçadas e sua falcoaria?

Stefan tinha de dar crédito ao irmão; Damon não pestanejou. Ficou parado, quase descansando no aperto do pai, em cada centímetro o aristocrata, do chapéu elegantemente na cabeça escura ao manto debruado de arminho e os sapatos de couro macio. Seu lábio superior estava curvado numa linha de pura arrogância.

Desta vez você levou isso longe demais, pensou Stefan, vendo os dois homens que se olhavam fixamente. Desta vez, nem você será capaz de usar o charme para escapar.

Mas neste momento houve um leve passo no vão da porta. Virando-se, Stefan ficou deslumbrado com os olhos cor de lápis-lazúli, emoldurados por longos cílios dourados. Era Katherine. O pai dela, o barão von Swartzschild, a havia trazido das terras frias dos principados alemães para o interior da

Itália, na esperança de que isso a ajudasse a se recuperar de uma longa enfermidade. E, desde o dia em que ela chegara, tudo mudou para Stefan.

— Perdoem-me. Não pretendia me intrometer. — A voz de Katherine era suave e clara. Ela fez um leve movimento de quem vai se retirar.

— Não, não vá. Fique — disse Stefan rapidamente. Ele queria dizer mais, pegar a mão dela, mas não se atreveu a isso. Não na presença do pai. Só o que pôde fazer foi olhar em seus olhos tão azuis quanto joias, erguidos para ele.

— Sim, fique — disse Giuseppe, e Stefan viu que a expressão ameaçadora do pai se atenuara e ele soltara Damon. Ele avançou, endireitando as pesadas dobras do longo manto com barra de peles. — Seu pai deve estar voltando aos negócios na cidade hoje e ficará feliz ao vê-la. Mas seu rosto está pálido, pequena Katherine. Não está doente de novo, assim espero.

— Sabe que sempre sou pálida, senhor. Não uso ruge, como suas ousadas mulheres italianas.

— Você não precisa disso — disse Stefan antes que pudesse se impedir, e Katherine sorriu para ele. Ela era tão linda. Uma dor começou em seu peito.

O pai continuou.

— E eu a vejo tão pouco durante o dia. Você mal nos dá o prazer de sua companhia antes do entardecer.

— Tenho meus estudos e devoções em meus aposentos, senhor — disse Katherine baixinho, baixando os cílios. Stefan sabia que isso não era verdade, mas não disse nada; nunca trairia o segredo de Katherine. Ela olhou o pai dele de novo. — Mas agora estou aqui, senhor.

— Sim, sim, isto é bem verdade. E devo dizer que esta noite teremos uma refeição muito especial pela volta de seu pai. Damon... Conversaremos depois. — Enquanto Giuseppe gesticulava para um criado e saía, Stefan virou-se para Katherine, encantado. Eles mal podiam se falar sem a presença de seu pai ou de Gudren, a impassível criada germânica de Katherine.

Mas o que Stefan viu lhe pareceu um murro no estômago. Katherine sorria — aquele sorrisinho secreto que ela em geral compartilhava com ele. Mas não olhava para Stefan. Olhava para Damon.

Stefan odiou o irmão naquele momento, odiou a beleza sombria e a graça e sensualidade de Damon, que atraía mulheres como mariposas a uma chama. Naquele instante, ele queria golpear Damon, estilhaçar aquela beleza. Em vez disso, teve de ficar parado e olhar Katherine se aproximar lentamente de seu irmão, passo a passo, o vestido de brocado dourado sussurrando no piso ladrilhado.

E, enquanto olhava, Damon estendeu a mão para Katherine e abriu seu cruel sorriso de triunfo...

Stefan virou-se bruscamente da janela.

Por que estava reabrindo velhas feridas? Mas enquanto ainda pensava nisso, ele sacou a fina corrente de ouro que trazia sob a camisa. Seu polegar e o indicador acariciaram o anel que nela pendia, depois ele a ergueu até a luz.

O pequeno aro era primorosamente trabalhado em ouro e cinco séculos não conseguiram apagar seu brilho. Tinha uma única pedra engastada, um lápis-lazúli do tamanho da unha de seu dedo mínimo. Stefan olhou para ela, depois para o pesado anel de prata, também com um lápis-lazúli engastado, em sua própria mão. Em seu peito, sentiu o aperto familiar.

Ele não conseguia esquecer o passado e não desejava realmente fazer isso. Apesar de tudo o que acontecera, ele acalentava a lembrança de Katherine. Mas havia uma lembrança que ele não devia perturbar, uma página no diário que não devia virar. Se tivesse de reviver aquele horror, aquela... maldade, ele enlouqueceria. Como tinha enlouquecido naquele dia, no dia derradeiro, quando considerou sua própria sina...

Stefan encostou-se na janela, a testa comprimida em sua frieza. Seu preceptor tinha outro ditado: *O mal nunca encontrará a paz. Pode triunfar, mas jamais encontrará a paz.*

Por que ele viera para Fell's Church?

Ele tinha esperanças de encontrar a paz aqui, mas era impossível. Nunca seria aceito, jamais descansaria. Porque ele era cruel. E não podia mudar o que era.

Naquela manhã, Elena acordou ainda mais cedo do que de costume. Podia ouvir tia Judith andando em seu quarto, preparando-se para tomar banho. Margaret ainda dormia, enroscada como um ratinho na cama. Elena passou pela porta entreaberta da irmã mais nova sem fazer ruído e continuou pelo corredor até sair da casa.

O ar estava fresco e claro; o marmeleiro habitado apenas pelos gaios e pardais de sempre. Elena, que tinha ido para a cama com a cabeça latejando de dor, ergueu o rosto para o céu azul e limpo e respirou fundo.

Sentia-se muito melhor do que na véspera. Prometera encontrar Matt antes da aula e, embora não ansiasse por isso, tinha certeza de que tudo ficaria bem.

Matt morava a apenas duas ruas da escola. Era uma casa simples, como todas as outras naquela rua, a não ser talvez pelo balanço na varanda que era um pouco mais gasto, a tinta um pouco mais descascada. Matt já estava parado do lado de fora e por um momento o coração de Elena acelerou ao vê-lo, como costumava acontecer.

Ele *era mesmo* bonito. Não havia dúvida quanto a isso. Não daquela forma assombrosa e quase perturbadora que... que algumas pessoas aparentavam, mas de um jeito saudável. Matt Honeycutt era o típico americano. O cabelo louro estava curto para a temporada de futebol, e sua pele estava queimada de sol, de trabalhar ao ar livre na fazenda dos avós. Os olhos azuis eram sinceros e francos. Mas hoje, enquanto Matt estendia os braços para abraçá-la delicadamente, eles estavam meio tristes.

— Quer entrar?

— Não. Vamos dar uma caminhada — disse Elena. Eles andaram lado a lado, sem se tocar. Bordos e nogueiras escuras ladeavam a rua e o ar ainda tinha um silêncio matinal. Elena olhava os próprios pés na calçada molhada, sentindo-se subitamente insegura. Não sabia como começar.

— Então, você ainda não me contou sobre a França — disse ele.

— Ah, foi ótimo — respondeu Elena. Ela olhou de lado para ele. Matt também olhava a calçada. — Tudo lá foi ótimo — continuou ela, tentando

imprimir algum entusiasmo na voz. — As pessoas, a comida, tudo. Foi mesmo... — sua voz falhou e ela riu de nervoso.

— É, eu sei. Ótimo — ele terminou por ela. Ele parou e olhou os tênis surrados. Elena os reconhecia do ano passado. A família de Matt mal conseguia se sustentar; talvez ele não tivesse podido comprar sapatos novos. Ela levantou a cabeça e descobriu os olhos azuis e calmos dele.

— Sabe de uma coisa, *você* é que está ótima agora — disse ele.

Elena abriu a boca, espantada, mas ele falou novamente.

— E acho que tem uma coisa para me dizer.

Ela o fitou e ele sorriu, um sorriso torto e pesaroso. Depois ele estendeu os braços novamente.

— Ah. *Matt* — disse ela, abraçando-o com força. Ela recuou para olhar em seu rosto. — Matt, você é o cara mais legal que já conheci. Eu não mereço você.

— Ora, então é por isso que está me largando — disse Matt enquanto eles recomeçaram a andar. — Porque sou bom demais para você. Eu devia ter percebido isso antes.

Ela lhe deu um soco no braço.

— Não, não é por isso, e eu não estou largando você. Vamos ser amigos, não é?

— Ah, claro. Sem dúvida nenhuma.

— Porque é o que percebi que somos. — Ela parou, olhando para ele de novo. — Bons amigos. Seja franco agora, Matt, não é o que você sente por mim?

Ele olhou para ela, depois revirou os olhos.

— Posso apelar a meu direito de ficar calado? — perguntou ele. Enquanto a cara de Elena arriava, ele acrescentou: — Isso não tem nada a ver com aquele cara novo, tem?

— Não — respondeu Elena depois de hesitar, em seguida acrescentou rapidamente: — Eu nem o conheci ainda. Não o conheço.

— Mas quer. Não, não diga isso. — Ele pôs um braço em volta dela e a virou delicadamente. — Venha, vamos para a escola. Se tivermos tempo, vou

até te pagar um donut.

Enquanto eles andavam, alguma coisa se agitou na nogueira acima deles. Matt assoviou e apontou.

— Olha só isso! O maior corvo que já vi na minha vida.

Elena olhou, mas ele já havia ido embora.

A escola naquele dia era apenas um lugar conveniente para Elena analisar seus planos.

Ela acordou sabendo o que ia fazer. E reuniu a maior quantidade de informações que pôde sobre Stefan Salvatore. O que não foi difícil, uma vez que todos na Robert E. Lee estavam falando dele.

Era de conhecimento geral que ele tivera uma espécie de rixa com a secretária de admissão ontem. E hoje ele tinha sido chamado à sala do diretor. Alguma coisa em seus documentos. Mas o diretor o mandou de volta à aula (depois, segundo os boatos, de uma ligação para Roma — ou seria para Washington?), e agora tudo parecia estar resolvido. Pelo menos oficialmente.

Quando Elena chegou para a aula de história europeia naquela tarde, foi recebida por um assovio baixo no corredor. Dick Carter e Tyler Smallwood estavam zanzando por ali. Uma dupla de idiotas, pensou ela, ignorando o assovio e as gracinhas dos dois. Eles pensaram que estar paramentados e seguros dentro no uniforme do time de futebol americano os tornava uns gatos. Elena ficou de olho neles enquanto ela mesma se demorava no corredor, retocando o batom e mexendo no pó compacto. Ela deu instruções específicas a Bonnie e o plano estava pronto para ser colocado em prática assim que Stefan aparecesse. O espelho do pó lhe dava uma visão maravilhosa do corredor às suas costas.

Ainda assim, ela não o viu se aproximando. De repente ele estava ao lado dela, e Elena fechou a caixa de pó compacto enquanto ele passava. Ela pretendia pará-lo, mas alguma coisa aconteceu antes que pudesse fazer isso. Stefan se retesou — ou, pelo menos, havia alguma coisa nele que de repente

pareceu cautelosa. Nesse momento Dick e Tyler pararam na porta da sala de história. Bloqueando o caminho.

Idiotas, pensou Elena. Com raiva, ela os fuzilou com o olhar por sobre o ombro de Stefan.

Eles estavam gostando do jogo, relaxados na soleira da porta, fingindo não ver Stefan parado ali.

— Com licença. — Foi o mesmo tom que ele usou com o professor de história. Baixo, distante.

Dick e Tyler se olharam, depois olharam em volta, como se ouvissem vozes de espíritos.

— Licenza? — disse Tyler em falsete. — Licenza? Com licenza? Influenza? — Os dois riram.

Elena viu os músculos endurecerem sob a camiseta diante dela. Aquilo era totalmente injusto; os dois eram mais altos do que Stefan, e Tyler tinha duas vezes a largura dele.

— Algum problema aqui? — Elena ficou tão sobressaltada quanto os meninos com a nova voz atrás dela. Ela se virou e viu Matt. Seus olhos azuis eram duros.

Elena mordeu o lábio para reprimir um sorriso enquanto Tyler e Dick se afastavam lentamente, ressentidos. O bom e velho Matt, pensou ela. Mas agora o bom e velho Matt estava entrando na sala ao lado de Stefan, e ela teve de segui-los, olhando as costas das duas camisetas. Quando eles se sentaram, ela deslizou para a carteira atrás de Stefan, onde podia observá-lo sem ser observada. Seu plano teria de esperar até depois da aula.

Matt sacudia algo no bolso, o que significava que queria dizer alguma coisa.

— Er, ei — começou ele enfim, pouco à vontade. — Aqueles caras, sabe como é...

Stefan riu. Era um som amargo.

— Quem sou eu para julgar? — Havia mais emoção em sua voz do que Elena ouvira antes, mesmo quando ele falou com o Sr. Tanner. E essa

emoção era de uma infelicidade crua. — De qualquer modo, por que eu devia ser bem recebido aqui? — Terminou ele, quase para si mesmo.

— Por que não seria? — Matt agora fitava Stefan; seu queixo endureceu e ele parecia decidido. — Escute — disse ele. — Você ontem falou de futebol. Bom, um astro do nosso time rompeu um ligamento ontem e precisamos de um substituto. Os testes serão hoje à tarde. O que você acha?

— Eu? — Stefan pareceu ser pego de guarda baixa. — Ah... Não sei se vou poder.

— Você sabe correr?

— Se eu sei...? — Stefan meio que se virou para Matt e Elena pôde ver uma leve sugestão de sorriso curvando seus lábios. — Sei.

— Sabe pegar?

— Sei.

— É só o que você tem de fazer. Eu sou *quarterback*. Se você puder pegar o que eu lançar e correr com ela, então pode jogar.

— Entendi. — Stefan já estava quase sorrindo, embora a boca de Matt estivesse séria, os olhos azuis dançando. Pasma consigo mesma, Elena percebeu que estava com ciúme. Havia uma camaradagem entre os dois meninos que a excluía completamente.

Mas no instante seguinte o sorriso de Stefan desapareceu. Ele disse, distante:

— Obrigado... Mas não. Tenho outros compromissos.

Neste momento, Bonnie e Caroline chegaram e a aula começou.

Durante toda a aula de Tanner sobre a Europa, Elena repetia para si mesma: "Olá. Meu nome é Elena Gilbert. Sou do Comitê de Boas-vindas dos Veteranos, e fui designada para lhe mostrar a escola. Então, não vai querer me meter em problemas, não é, me impedindo de fazer meu trabalho?" Esta última frase com os olhos arregalados e tristonhos — mas só se ele desse a impressão de que ia tentar se esquivar. Era praticamente à prova de erro. Ele era fascinado por donzelas que precisavam ser resgatadas.

Na metade da aula, a menina sentada à direita dela lhe passou um bilhete. Elena o abriu e reconheceu a letra redonda e infantil de Bonnie.

Dizia: “Mantive C. longe o máximo que pude. O que houve? Não deu certo???”

Elena levantou a cabeça e viu Bonnie se virar na carteira da fila da frente. Elena apontou para o bilhete e sacudiu a cabeça, murmurando: “Depois da aula.”

Pareceu se passar um século até que Tanner deu umas instruções de último minuto sobre um seminário e os dispensou. Depois todos se levantaram de uma só vez. Lá vai, pensou Elena, e, com o coração aos saltos, andou firmemente na direção de Stefan, bloqueando o corredor para ele não poder contorná-la.

Assim como Dick e Tyler, pensou ela, sentindo um impulso incontrolável de dar uma gargalhada. Ela levantou a cabeça e seus olhos ficavam exatamente no nível da boca de Stefan.

Sua mente teve um apagão. O que devia dizer mesmo? Ela abriu a boca e, de algum modo, as palavras que tinha ensaiado saíram trêmulas.

— Oi, meu nome é Elena Gilbert e sou do comitê de Boas-vindas dos Veteranos e fui designada...

— Desculpe; eu não tenho tempo. — Por um minuto, ela não acreditou que ele já estivesse falando, que nem lhe desse a oportunidade de terminar. Sua boca continuou onde o discurso havia parado.

— ... para mostrar a você a escola...

— Desculpe; não posso. Tenho que... ir aos testes do futebol. — Stefan virou-se para Matt, que estava parado ali perto, olhando espantado. — Você disse que eram logo depois da aula, não foi?

— Sim — disse Matt devagar. — Mas...

— Então é melhor eu ir andando. Talvez possa me mostrar o caminho.

Matt olhou desamparado para Elena, depois deu de ombros.

— Bom... claro. Vamos. — Ele olhou para trás uma vez quando partiram. Stefan não fez o mesmo.

Elena se viu olhando para uma roda de observadores interessados, inclusive Caroline, que sorria abertamente. Elena sentiu um torpor no corpo

e um volume na garganta. Não suportou ficar ali nem mais um segundo. Virou-se e saiu da sala com a maior rapidez que pôde.

4

Quando Elena chegou ao armário, o torpor tinha diminuído e o bolo na garganta tentava se dissolver em lágrimas. Mas ela não ia chorar na escola, disse a si mesma, ela *não faria isso*. Depois de fechar o armário, foi para a saída principal.

Pelo segundo dia consecutivo, ela estava indo para casa logo depois do último sinal, e sozinha. Tia Judith não ia poder lidar com isso. Mas quando Elena chegou em casa, o carro de tia Judith não estava na entrada; ela e Margaret deviam ter saído para fazer compras. A casa estava silenciosa e pacífica quando Elena entrou.

Ela ficou feliz com aquela quietude; naquele momento, queria ficar sozinha. Mas, por outro lado, não sabia exatamente o que fazer consigo mesma. Agora que finalmente *podia* chorar, ela descobriu que as lágrimas não vinham. Deixou a mochila tombar no chão do hall e foi lentamente para a sala.

Era uma sala bonita e impressionante, a única parte da casa, além do quarto de Elena, que pertencia à estrutura original. A primeira casa tinha sido construída antes de 1861 e foi quase completamente incendiada na Guerra Civil. Só o que puderam salvar fora este cômodo, com sua elaborada lareira emoldurada por frisos espiralados, e o grande quarto em cima. O bisavô do pai de Elena construíra uma casa nova e os Gilbert moravam ali desde então.

Elena virou-se para olhar por uma das janelas que iam do chão ao teto. O vidro muito antigo era grosso e ondulado, e todo o lado de fora ficava distorcido, parecendo meio trêmulo. Ela se lembrou da primeira vez que seu pai lhe mostrara esse vidro antigo e ondulado, quando ela era mais nova do que Margaret era agora.

O bolo em sua garganta voltou, mas as lágrimas ainda não saíram. Tudo dentro dela era contraditório. Ela não queria companhia, e no entanto sentia-se dolorosamente só. Ela *queria* pensar, mas agora que tentava, seus pensamentos lhe escapavam como camundongos fugindo de uma coruja branca.

Coruja branca... Ave de rapina... Carniceira... Corvo, ela pensou. "O maior corvo que já vi na minha vida", Matt havia dito.

Seus olhos formigaram de novo. Coitado do Matt. Ela o magoara, mas ele tinha sido tão bacana. Tinha sido legal até com Stefan.

Stefan. Seu coração martelou uma vez, duro, espremendo duas lágrimas quentes de seus olhos. Pronto, enfim ela estava chorando. Ela estava chorando de raiva, humilhação e frustração — e o que mais?

O que ela realmente perdera hoje? O que ela realmente sentia por esse estranho, esse Stefan Salvatore? É verdade que ele era um desafio e isso o tornava diferente, interessante. Stefan era exótico... Era excitante.

Que engraçado, isso era o que os caras às vezes diziam da *própria* Elena. E ultimamente ela ouvia deles, ou dos amigos ou irmãs deles, como eles ficavam nervosos antes de sair com ela, como as palmas das mãos suavam e um frio na barriga surgia. Elena sempre achou essas histórias divertidas. Nenhum menino que ela conhecera na vida a havia deixado nervosa.

Mas hoje, quando falava com Stefan, sua pulsação tinha disparado, seus joelhos tinham ficado fracos. As palmas das mãos ficaram molhadas. E não havia frio na barriga — havia uma avalanche.

Ela estava interessada no cara porque ele a deixava nervosa? Não era um bom motivo, Elena, disse ela a si mesma. Na realidade, era um motivo muito ruim.

Mas também havia aquela boca. Aquela boca esculpida que amolecia seus joelhos com alguma coisa inteiramente diferente do nervosismo. E aquele cabelo escuro como a noite — seus dedos formigavam de vontade de sentir sua maciez. Aquele corpo magro, musculoso, as pernas longas... E aquela *voz*. Tinha sido a voz dele que a fizera decidir ontem, tornando-a absolutamente determinada a tê-lo. A voz dele tinha sido fria e desdenhosa

quando falou com o Sr. Tanner, mas estranhamente atraente, apesar de tudo. Ela se perguntou se também podia ficar escura com a noite, e como soaria dizendo o nome dela, sussurrando seu nome...

— Elena!

Elena deu um salto, seus devaneios espatifados. Mas não era Stefan Salvatore que a chamava, era tia Judith fazendo barulho na porta da frente.

— Elena? Elena! — e essa era Margaret, a voz estridente. — Você está em casa?

A infelicidade dominou Elena de novo e ela olhou pela cozinha. Não conseguiria encarar as perguntas preocupadas da tia ou a animação inocente de Margaret. Não com os cílios molhados e novas lágrimas ameaçando sair a qualquer momento. Ela tomou uma decisão rápida e no mesmo momento escapuliu pela porta dos fundos, enquanto a da frente se fechava com estrondo.

Na varanda dos fundos e no quintal, ela hesitou. Não queria correr para ninguém que conhecia. Mas para onde iria sozinha?

A resposta veio quase de imediato. É claro. Iria ver os pais.

Era uma longa caminhada; quase até os limites da cidade, mas nos últimos três anos tinha se tornado familiar para Elena. Ela atravessou a ponte Wickery e subiu a colina, passou pela igreja em ruínas e desceu até o pequeno vale abaixo.

Aquela parte do cemitério era bem conservada; fora a antiga seção que ficara arruinada. Ali, a grama era bem aparada e buquês de flores produziam borrifos de cores vivas. Elena se sentou perto da grande lápide de mármore com o "Gilbert" entalhado na frente.

— Oi, mãe. Oi, pai — sussurrou ela. Ela se inclinou para colocar na frente da lápide uns beijos-de-frade roxos que tinha colhido no caminho. Depois cruzou as pernas sob o corpo e se sentou.

Elena ia ali com frequência depois do acidente. Margaret fora a única a sobreviver ao acidente de carro; nem se lembrava deles. Mas Elena se lembrava. Deixou sua mente vagar por essas lembranças, o bolo em sua garganta inchou e as lágrimas saíram facilmente. Ela sentia tanta falta deles,

ainda sentia. A mãe, tão nova e bonita, e o pai, com um sorriso que criava rugas em volta dos olhos.

Elena tinha sorte por ter tia Judith, é claro. Não era toda tia que largava o emprego e se mudava para uma cidadezinha para cuidar de duas sobrinhas órfãs. E Robert, o noivo de tia Judith, era mais um padrasto para Margaret do que um tio emprestado por casamento.

Mas Elena se lembrava dos pais. Às vezes, logo depois do enterro, ela passava ali para brigar com eles, furiosa pela idiotice de se deixarem morrer. Isso acontecia quando ela ainda não conhecia muito bem tia Judith e sentia que não havia lugar na terra a que pertencesse.

Qual era o lugar dela agora?, ela se perguntou. A resposta fácil era, ali, em Fell's Church, onde morara a vida toda. Mas ultimamente a resposta fácil parecia errada. Ultimamente ela sentia que devia haver mais alguma coisa lá fora para ela, um lugar que ela reconhecesse de pronto e chamasse de lar.

Uma sombra caiu sobre Elena e ela olhou para cima, assustada. Por um instante, as duas figuras paradas acima dela eram estranhas, desconhecidas, vagamente ameaçadoras. Ela as encarou, paralisada.

— Elena — disse alvoroçada a figura menor, as mãos nos quadris —, às vezes eu *me preocupo* de verdade com você.

Elena piscou e soltou uma risada curta. Eram Bonnie e Meredith.

— O que uma pessoa precisa fazer para ter alguma privacidade na vida? — disse ela enquanto as duas se sentavam.

— É só dizer para a gente ir embora — sugeriu Meredith, mas Elena deu de ombros. Meredith e Bonnie em geral vinham aqui para encontrá-la nos meses depois do acidente. De repente, ela se sentiu feliz com isso, e grata às duas amigas. No mínimo, seu lugar era com as amigas que se importavam com ela. Elena não ligava que elas vissem que estivera chorando e aceitou o lenço amarfanhado que Bonnie lhe oferecia, enxugando os olhos. As três ficaram sentadas em silêncio por um tempinho, olhando o vento farfalhar os carvalhos na beira do cemitério.

— Eu lamento pelo que aconteceu na aula — disse Bonnie por fim, numa voz suave. — Foi mesmo horrível.

— E o seu sobrenome é "Tato" — disse Meredith. — Não pode ter sido tão ruim, Elena.

— Você não estava lá. — Elena sentia-se quente de novo com a lembrança. — *Foi mesmo* horrível. Mas não ligo mais — acrescentou ela categoricamente, num tom de desafio. — Para mim, acabou. Eu não o quero mais.

— Elena!

— Não, Bonnie. Ele evidentemente acha que é bom demais para... para os americanos. Então ele pode pegar aqueles óculos de grife e...

Houve bufos de riso das outras meninas. Elena assoou o nariz e sacudiu a cabeça.

— E então — disse ela a Bonnie, mudando de assunto propositalmente — pelo menos hoje o Tanner parecia de melhor humor.

Bonnie pareceu infeliz.

— Sabia que ele me fez ser a primeira a apresentar meu seminário? Mas eu não ligo; vou fazer o meu sobre os druidas e...

— Sobre o quê?

— *Drui*-das. Os caras esquisitos que construíram Stonehenge e faziam mágica e essas coisas na antiga Grã-Bretanha. Eu sou descendente deles, e é por isso que sou paranormal.

Meredith bufou, mas Elena franziu a testa para a folha de grama que torcia entre os dedos.

— Bonnie, você realmente viu alguma coisa ontem na minha mão? — perguntou ela de repente.

Bonnie hesitou.

— Não sei — disse ela por fim. — Eu... na hora *achei* que sim. Mas às vezes minha imaginação corre solta.

— Ela sabia que você estava aqui — disse Meredith inesperadamente. — Pensei em procurar na lanchonete, mas Bonnie disse: "ela está no cemitério".

— Eu disse? — Bonnie pareceu meio surpresa, mas impressionada. — Bom, agora você vê. Minha avó em Edimburgo tinha intuições e eu também tenho. Sempre pula uma geração.

— E você descende dos druidas — disse Meredith solenemente.

— Bom, isso é verdade! Na Escócia, eles preservam as antigas tradições. Você não ia *acreditar* em algumas coisas que minha avó faz. Ela sabe como descobrir com quem você vai se casar e quando vai morrer. Ela me disse que eu vou morrer cedo.

— Bonnie!

— Ela disse, sim. Eu estarei jovem e linda em meu caixão. Não acha isso romântico?

— Não acho, não. Acho que é nojento — disse Elena. As sombras ficavam mais longas e o vento agora esfriava.

— Então, com quem você vai se casar, Bonnie? — Meredith a desafiou.

— Não sei. Minha avó me contou o ritual para descobrir, mas nunca experimentei. É claro — Bonnie assumiu uma pose sofisticada — que ele tem de ser tremendamente rico e totalmente lindo. Como nosso misterioso galã de cabelos escuros, por exemplo. Particularmente se ninguém mais o quiser. — Ela lançou um olhar travesso para Elena.

Elena se recusou a morder a isca.

— Que tal Tyler Smallwood? — murmurou ela com inocência. — O pai dele é bem rico.

— E ele não é feio — concordou Meredith solenemente. — Isto é, claro, se você gostar muito de bichos. Todos aqueles dentões brancos.

As meninas se olharam e explodiram simultaneamente numa gargalhada. Bonnie atirou um punhado de grama em Meredith, que as limpou e atirou um dente-de-leão nela. Em algum lugar no meio disso, Elena percebeu que ia ficar bem. Seria ela mesma de novo, não perdida, nem uma estranha, mas Elena Gilbert, a rainha da Robert E. Lee. Ela tirou a fita cor de damasco do cabelo e sacudiu, soltando-o no rosto.

— Decidi o que vou fazer no *meu* seminário — disse ela, fitando com os olhos semicerrados enquanto Bonnie tirava a grama dos cachos de cabelo.

— O quê? — disse Meredith.

Elena empinou o queixo para olhar o céu avermelhado e roxo no alto da colina. Respirou pensativamente e deixou o suspense se demorar mais um

pouco. Depois disse com frieza:

— A Renascença italiana.

Bonnie e Meredith a fitaram, depois se olharam e explodiram em uivos de riso de novo.

— Arrá — disse Meredith quando elas se recuperaram. — Então o tigre retornou.

Elena abriu um sorriso selvagem. Sua confiança voltara. E embora não entendesse a si mesma, ela sabia de uma coisa: não ia deixar que Stefan Salvatore se safasse ileso.

— Tudo bem — disse ela animadamente. — Agora me escutem, vocês duas. Ninguém mais pode saber disso, ou eu serei a piada da escola. E Caroline adoraria qualquer desculpa para me ridicularizar. Mas eu *ainda* o quero e vou tê-lo. Não sei como, mas vou. Mas até que eu bole um plano, nós vamos dar um gelo nele.

— Ah, *nós* vamos?

— É, *nós* vamos. Você não pode ter o cara, Bonnie; ele é meu. E eu preciso confiar inteiramente em você.

— Peraí um minutinho — disse Meredith, com um brilho nos olhos. Ela soltou o broche esmaltado da blusa e depois, segurando no alto do polegar, deu uma espetada rápida. — Bonnie, me dê a sua mão.

— Por quê? — disse Bonnie, olhando o alfinete com desconfiança.

— Porque quero me casar com você. Por que acha que é, idiota?

— Mas... Mas... Ah, tudo *bem*. Ai!

— Agora você, Elena. — Meredith espetou o polegar de Elena com eficiência, depois espremeu para conseguir uma gota de sangue. — Agora — continuou ela, fitando as outras duas com os olhos escuros e faiscantes —, vamos colocar os polegares juntos e jurar. Especialmente você, Bonnie. Jure guardar segredo e fazer o que Elena pedir com relação a Stefan.

— Olha, jurar com sangue é perigoso — protestou Bonnie, séria. — Significa que você tem de se prender ao juramento, independentemente do que acontecer, não importa o *quê*, Meredith.

— Eu sei — disse Meredith, impiedosa. — É por isso que estou lhe dizendo para fazer isso. Eu me lembro do que aconteceu com Michael Martin.

Bonnie fez uma careta.

— Isso foi anos atrás e nós terminamos logo depois, de qualquer forma, e... Ah, tudo bem. Vou jurar. — Fechando os olhos, ela disse: — Juro guardar isso em segredo e fazer tudo o que Elena pedir sobre Stefan.

Meredith repetiu o juramento. E Elena, olhando as sombras pálidas de seus polegares unidos no anoitecer que se adensava, respirou fundo e disse suavemente:

— E eu juro não descansar até que ele me pertença.

Uma lufada de vento frio soprou pelo cemitério, agitando o cabelo das meninas e fazendo voar folhas secas no chão. Bonnie arfou e recuou, e as três olharam em volta, depois riram de nervosos.

— Está escuro — disse Elena, surpresa.

— É melhor a gente ir para casa — disse Meredith, recolocando o broche enquanto se levantava. Bonnie se ergueu também, colocando a ponta do polegar na boca.

— Tchau — disse Elena suavemente, de frente para a lápide. A flor roxa era um borrão no chão. Ela pegou a fita cor de damasco que estava ao lado, virou-se e assentiu para Bonnie e Meredith. — Vamos.

Em silêncio, elas subiram a colina na direção da igreja em ruínas. O juramento feito com sangue lhes dera toda uma sensação solene e, enquanto elas passavam pela igreja arruinada, Bonnie estremeceu. Com o sol se pondo, a temperatura caíra abruptamente e o vento aumentava. Cada lufada provocava sussurros na relva e fazia os antigos carvalhos chocalharem as folhas pendentes.

— Estou congelando de frio — disse Elena, parando por um momento perto do buraco escuro que antigamente fora a porta da igreja e olhando para a paisagem abaixo.

A lua ainda não tinha nascido e ela só conseguia distinguir o antigo cemitério e a ponte Wickery além dele. O antigo cemitério datava da Guerra

Civil e muitas lápides traziam os nomes de soldados. O lugar tinha uma aparência selvagem; amoreiras e mato alto cresciam nas sepulturas, e trepadeiras enxameavam sobre o granito esfarelado. Elena jamais gostara disso.

— Parece diferente, não é? No escuro, quero dizer — disse ela, hesitante. Ela não sabia como dizer o que realmente queria, que este não era um lugar para os vivos.

— A gente podia pegar o caminho mais longo — disse Meredith. — Mas isso ia significar mais vinte minutos a pé.

— Eu não me importo de ir por aqui — disse Bonnie, engolindo em seco. — Sempre disse que queria ser enterrada ali, no antigo cemitério.

— Quer parar de falar em ser enterrada? — rebateu Elena, e partiu para descer a colina. Mas quanto mais descia pelo caminho estreito, mais desconfortável se sentia. Ela reduziu o passo até que Bonnie e Meredith a alcançassem. Ao se aproximarem da primeira lápide, seu coração começou a bater acelerado. Ela tentou ignorar, mas toda a sua pele formigava, em alerta, e os pelos finos de seus braços se eriçaram. Entre as lufadas de vento, cada som parecia horrivelmente ampliado; o esmagar de seus pés no caminho coberto de folhas era ensurdecedor.

Agora a igreja em ruínas era uma silhueta escura atrás das meninas. A trilha estreita seguia entre lápides incrustadas de liquens, muitas mais altas do que Meredith. Grandes o bastante para alguma coisa se esconder por trás, pensou Elena, inquieta. Algumas lápides eram perturbadoras, como aquela com o querubim que parecia um bebê de verdade, a não ser pela cabeça que tinha caído e fora cuidadosamente colocada ao lado do corpo. Os imensos olhos de granito da cabeça eram vazios. Elena não conseguia tirar os olhos deles e seu coração começou a bater forte.

— Por que paramos? — disse Meredith.

— Eu só... Desculpe — murmurou Elena, mas quando se obrigou a virar-se, de imediato enrijeceu. — Bonnie? — disse ela. — Bonnie, qual é o problema?

Bonnie olhava fixamente o cemitério, os lábios separados, os olhos tão arregalados e vagos quanto os do querubim de pedra. O medo inundou o estômago de Elena.

— Bonnie, pare com isso. Pare! Não é engraçado.

Bonnie não respondeu.

— Bonnie! — disse Meredith. Ela e Elena se olharam, e de repente Elena sabia que tinha de ir embora. Ela girou o corpo para recomeçar a percorrer a trilha, mas uma voz estranha soou por trás, e ela se virou de repente.

— Elena — disse a voz. Não era a voz de Bonnie, mas vinha de sua boca. Pálida na escuridão, Bonnie estava imóvel, fitando o cemitério. Seu rosto não tinha expressão alguma. — Elena — disse a voz novamente e acrescentou, enquanto a cabeça de Bonnie se virava para ela: — Há alguém esperando ali por você.

Elena nunca soube o que aconteceu nos minutos seguintes. Alguma coisa pareceu se mexer entre as formas recurvadas e escuras das lápides, mudando e subindo entre elas. Elena gritou e Meredith deu um berro, depois as duas estavam correndo e Bonnie corria com elas, gritando também.

Elena correu pelo caminho estreito, tropeçando nas pedras e grumos de raiz de grama. Bonnie lutava para respirar atrás dela e Meredith, a calma e cínica Meredith, arfava desesperada. Houve uma agitação repentina e um guincho num carvalho acima delas, e Elena descobriu que podia correr ainda mais rápido.

— Tem alguma coisa atrás da gente! — gritou Bonnie, estridente. — Ah, meu Deus, o que está acontecendo?

— Pegue a ponte — ofegou Elena através do fogo nos pulmões. Ela não sabia por quê, mas sentia que tinha de chegar lá. — Não pare, Bonnie! Não olhe para trás! — Ela pegou a manga da menina e a puxou.

— Não posso fazer isso — soluçou Bonnie, segurando a lateral do corpo, o passo vacilante.

— Pode sim — rosnou Elena, agarrando a manga de Bonnie e obrigando-a a continuar em movimento. — Vamos. *Vamos!*

Ela viu o brilho prateado da água diante delas. Havia uma clareira entre os carvalhos e a ponte pouco além. As pernas de Elena tremiam e sua respiração assoviava na garganta, mas ela não se permitiu ficar para trás. Agora podia ver as tábuas de madeira da passarela. A ponte estava a seis metros das meninas, agora a três metros, dois.

— Conseguimos — disse Meredith ofegante, os pés batendo na madeira.

— Não pare! Vamos para o outro lado!

A ponte estalava enquanto elas corriam atabalhoadamente, os passos ecoando na água. Quando pulou na terra batida da outra margem, Elena enfim soltou a manga de Bonnie e deixou que as pernas parassem, trôpegas.

Meredith estava curvada, as mãos nas coxas, respirando fundo. Bonnie chorava.

— O que foi isso? Ah, o que foi isso? — dizia ela. — Ainda está vindo?

— Achei que a especialista fosse você — disse Meredith com a voz entrecortada. — Pelo amor de Deus, Elena, vamos dar o fora daqui.

— Não, agora está tudo bem — sussurrou Elena. Havia lágrimas em seus olhos e todo o seu corpo tremia, mas o bafo quente em sua nuca se fora. O rio se estendia entre ela e aquilo, as águas num tumulto escuro. — Não pode nos seguir aqui — disse ela.

Meredith a olhou, depois para a outra margem, com os carvalhos agrupados, em seguida para Bonnie. Molhou os lábios e deu uma risada curta.

— Claro. Não pode nos seguir. Mas vamos para casa de qualquer maneira, tá? A não ser que goste de passar a noite aqui fora.

Uma sensação inominável fez Elena estremecer.

— Esta noite não, obrigada — falou. Ela pôs um braço em volta de Bonnie, que ainda fungava. — Está tudo bem, Bonnie. Agora estamos seguras. Vamos.

Meredith olhava o outro lado do rio de novo.

— Sabe de uma coisa, não estou vendo nada lá — disse ela, a voz mais calma. — Talvez não houvesse nada atrás da gente; talvez a gente tenha

entrado em pânico e nos assustamos sozinhas. Com uma ajudazinha da sacerdotisa druida aqui.

Elena não disse nada quando elas começaram a andar, mantendo-se muito próximas na trilha de terra. Mas ela tinha dúvidas. Tinha muitas dúvidas.

5

A lua cheia estava a pino quando Stefan voltou à pensão. Ele estava atordoado, quase com vertigem, tanto de cansaço como do excesso de sangue que tinha tomado. Já fazia muito tempo desde que ele se permitira se alimentar tanto. Mas a explosão de poder descontrolado perto do cemitério colocou-o em frenesi, despedaçando seu controle já enfraquecido. Ele ainda não entendia bem de onde vinha o Poder. Estava em seu lugar nas sombras observando as meninas humanas quando ele explodiu de trás, provocando a fuga das garotas. Ele foi apanhado entre o medo de elas correrem para o rio e o desejo de sondar este poder e descobrir sua origem. No final, foi atrás *dela*, incapaz de permitir que ela se ferisse.

Alguma coisa escura tinha voado para o bosque enquanto as humanas chegavam ao santuário da ponte, mas nem mesmo os sentidos noturnos de Stefan conseguiram distinguir o que era. Ele observou enquanto *ela* e as outras duas partiram para a cidade. Depois deu meia-volta para o cemitério.

Agora estava vazio, livre do que quer que estivesse ali. No chão, jazia uma fita de seda que a olhos comuns teria parecido cinza no escuro. Mas ele viu sua verdadeira cor e, enquanto a segurava entre os dedos, levando-a lentamente até os lábios, pôde sentir o cheiro dela, de seu cabelo.

A lembrança o engolfou. Já era bem ruim quando ela estava fora de vista, quando sua mera existência o importunava, provocando a consciência. Mas estar no mesmo ambiente que ela na escola, sentir sua presença ali atrás, sentir a fragrância inebriante da pele ao seu redor, era quase mais do que ele podia suportar.

Ele ouvira cada respiração suave que ela dera, sentira seu calor irradiando nas costas dele, sentira cada batida de sua doce pulsação. E por fim, para seu pavor, Stefan se descobrira penetrando nisso. Sua língua roçava

os caninos de um lado a outro, desfrutando da dor e do prazer que se formava ali, estimulando-o. Ele inalou deliberadamente o aroma dela para as narinas e deixou que as visões o invadissem, imaginando tudo. Como seu pescoço seria macio, como os lábios teriam a mesma suavidade no início, plantando minúsculos beijos aqui e ali, até que ele chegasse à cavidade dócil de seu pescoço. Como ele se aninharia ali, no lugar onde o coração batia tão forte na pele delicada. E como por fim os lábios dele se separariam, repuxar-se-iam dos dentes doloridos e agora afiados como pequenas adagas, e...

Não. Ele saiu do transe com um solavanco, a pulsação desvairada, o corpo trêmulo. A turma fora dispensada, havia movimento em volta e ele só podia esperar que ninguém o estivesse observando muito de perto.

Quando ela lhe falou, ele não conseguiu acreditar que tinha de ficar de frente para ela enquanto suas veias ardiam e todo o maxilar superior doía. Por um momento teve medo de que seu controle lhe escapasse, que ele a pegasse pelos ombros, na frente de todos. Ele não fazia ideia de como conseguira se afastar, sabia apenas que algum tempo depois estava canalizando sua energia para um exercício físico pesado, vagamente consciente de que não devia usar os Poderes. Não importava; mesmo sem eles, Stefan era muito superior aos meninos mortais com os quais competia no campo de futebol americano. Sua visão era mais aguçada, reflexos mais rápidos, os músculos mais fortes. Agora levava um tapinha nas costas e a voz de Matt soava em seus ouvidos:

— Meus parabéns! Bem-vindo ao time!

Olhando aquele rosto sincero e sorridente, Stefan foi tomado de vergonha. Se você soubesse o que eu sou, não sorriria para mim, pensou ele, impecável. Eu ganhei esta competição de vocês ludibriando-os. E a menina que você ama — você a ama, não é? — agora está em meus pensamentos.

E ela continuou em seus pensamentos, apesar de todos os seus esforços para bani-la esta tarde. Ele ficara vagando pelo cemitério, atraído do bosque por uma força que não compreendia. Depois de chegar lá, ele a vira, lutara consigo mesmo, lutara com a necessidade, até que o impulso do Poder fez

com que ela e as amigas fugissem. E depois ele viera para casa — mas só depois de se alimentar. Depois de perder o controle.

Ele não conseguia se lembrar exatamente como tinha acontecido, como deixara que acontecesse. Essa chama do Poder começara, despertando coisas dentro dele que seria melhor manter adormecidas. A necessidade da caça. O anseio pela caçada, pelo cheiro do medo e o triunfo selvagem da morte. Já fazia anos — séculos — desde que ele sentira a necessidade com tanta força. Suas veias começaram a arder como fogo. E todos os seus pensamentos ficaram vermelhos: ele não conseguia pensar em nada, a não ser no gosto acobreado e quente, na vibração primordial do sangue.

Com essa excitação ainda grassando dentro de si, ele deu um passo ou dois atrás das meninas. Era melhor nem pensar no que *poderia* ter acontecido se ele não tivesse sentido o cheiro do velho. Mas enquanto se aproximava do final da ponte, suas narinas inflaram com o odor pungente e distinto de carne humana.

Sangue humano. O elixir definitivo, o vinho proibido. Mais inebriante do que qualquer bebida alcoólica, a essência ardente da própria vida. E ele estava tão cansado de reprimir a necessidade.

Houve um movimento na margem sob a ponte, enquanto uma pilha de trapos velhos se agitava. E no instante seguinte Stefan pousou graciosamente, como um felino, ao lado dele. Sua mão se estendeu e puxou os trapos, expondo o rosto rugoso que pestanejava no alto de um pescoço esquelético. Seus lábios se repuxaram.

E depois não houve som algum; somente o deleite.

Agora, enquanto subia trôpego a escada principal da pensão, ele tentava não pensar nisso, e não pensar nela — na menina que o tentara com seu calor, com sua vida. Era *ela* que ele verdadeiramente desejava, mas de agora em diante ele devia dar um fim a isso, devia matar quaisquer desses pensamentos, antes que eles começassem. Para o bem dele e para o bem dela. Stefan poderia ser o pior pesadelo da menina e ela nem sabia disso.

— Quem está aí? É você, rapaz? — uma voz desafinada e áspera chamou. Uma das portas do segundo andar se abriu e uma cabeça grisalha espiou.

— Sim, *signora*... Sra. Flowers. Desculpe por tê-la perturbado.

— Ah, é preciso mais do que um piso rangendo para me perturbar. Trancou a porta?

— Sim, *signora*. A senhora está... segura.

— Muito bem. Precisamos ficar seguros aqui. Nunca se sabe o que pode estar lá fora nesse bosque, não acha? — Ele olhou rapidamente para a carinha sorridente cercada pelos fiapos de cabelo grisalho, os olhos brilhantes e velozes. Haveria algum segredo escondido neles?

— Boa noite, *signora*.

— Boa noite, rapaz. — Ela fechou a porta.

Em seu quarto, ele caiu na cama e ficou deitado, encarando o teto baixo e inclinado.

Em geral ele ficava inquieto à noite; não era sua hora natural de dormir. Mas esta noite ele estava cansado. Consumia muita energia enfrentar a luz do sol, e a refeição pesada só contribuiu para sua letargia. Logo, embora seus olhos não se fechassem, ele não via mais o teto caiado acima dele.

Fragmentos aleatórios de lembranças flutuavam por sua mente. Katherine, tão linda naquela noite perto da fonte, o luar brilhando prateado em seu cabelo de ouro. Que orgulho ele tinha de se sentar com ela, ser o único que compartilhava seu segredo...

— Mas você não pode sair ao sol!

— Eu *posso*, desde que use isto. — Ela ergueu a mãozinha branca e o luar reluziu no anel de lápis-lazúli. — Mas o sol me cansa muito. Nunca fui muito forte.

Stefan olhou para ela, para a delicadeza de suas feições e a leveza de seu corpo. Ela era quase tão frágil quanto um vidro aquecido e repuxado. Não, ela nunca teria sido forte.

— Eu sempre adoecia quando era criança — disse ela com delicadeza, os olhos no jorro de água da fonte. — Da última vez, o médico finalmente disse que eu morreria. Lembro-me de meu pai chorando e me lembro de estar deitada em minha cama grande, fraca demais para me mexer. Cada

respiração era um esforço demasiado. Eu estava tão triste por deixar o mundo e sentia frio, tanto frio.

— Mas o que aconteceu?

— Acordei no meio da noite e vi Gudren, minha criada, parada perto de minha cama. Depois ela deu um passo para o lado e vi o homem que ela trouxera. E tive medo. O nome dele era Klaus e eu ouvira o povo do vilarejo dizer que ele era cruel. Gritei para Gudren me salvar, mas ela se limitou a ficar parada ali, olhando. Quando ele tocou meu pescoço com os lábios, pensei que iria me matar.

Ela parou. Stefan a fitava com pavor e compaixão, e ela lhe sorriu de um jeito reconfortante.

— Afinal, não foi tão terrível. Senti um pouco de dor no início, mas isto rapidamente cessou. E depois a sensação era de fato agradável. Quando ele me deu o próprio sangue para beber, me senti forte pela primeira vez em meses. E depois esperamos juntos pelo amanhecer. Quando o médico veio, nem acreditou que eu era capaz de me sentar e falar. Papai disse que era um milagre e chorou de novo, de felicidade. — Seu rosto se toldou. — Terei de deixar meu pai em breve. Um dia ele perceberá que, desde aquela doença, eu não fiquei nem uma hora mais velha.

— E jamais ficará?

— Não. Este é o assombro nisso, Stefan! — Ela o olhou com uma alegria infantil. — Eu serei jovem para sempre e nunca morrerei! Pode imaginar?

Ele não podia imaginar de outra forma além de como Katherine era agora: linda, inocente, perfeita.

— Mas... no início você não achou assustador?

— No início, um pouco. Mas Gudren me mostrou o que fazer. Foi ela quem me disse para mandar fazer este anel, com uma pedra que me protegeria do sol. Enquanto eu estava deitada na cama, ela me trouxe bebidas densas e quentes. Mais tarde, ela levava pequenos animais que seu filho caçava.

— E... gente? Não?

Stefan ouviu seu riso.

— É claro que não. Posso ter tudo o que preciso com uma pomba. Gudren disse que se eu desejar ser poderosa, devo tomar sangue humano, pois a essência vital dos humanos é mais forte. E Klaus costumava insistir nisto também; queria trocar sangue mais uma vez. Mas eu disse a Gudren que não queria poder. E quanto a Klaus... — Ela parou e baixou a cabeça, tanto que os cílios pousaram na bochecha. — Não acho que isto é coisa que se faça levianamente. Beberei sangue humano apenas quando tiver encontrado meu companheiro, aquele que ficará a meu lado por toda a eternidade. — Ela o olhou gravemente.

Stefan sorriu para Katherine, sentindo-se tonto e ardendo de orgulho. Ele mal conseguia conter a felicidade que sentia naquele momento.

Na cama, no quarto de teto baixo, Stefan gemeu. Depois a escuridão o atraiu mais profundamente e novas imagens começaram a palpitar por sua mente.

Eram vislumbres difusos do passado que não formavam uma sequência interligada. Ele os viu como cenas, brevemente iluminadas por clarões de um raio. O rosto do irmão, retorcido numa máscara de fúria inumana. Os olhos azuis de Katherine cintilando e dançando enquanto ela dava piruetas com o novo vestido branco. O brilho de branco atrás de um limoeiro. A sensação de uma espada em sua mão; a voz de Giuseppe gritando de longe. O limoeiro. Ele não devia ir para trás do limoeiro. Ele viu o rosto de Damon novamente, mas desta vez o irmão ria de se acabar. Ria sem parar, um som como o tilintar de vidro quebrado. E o limoeiro agora estava mais perto...

— Damon... Katherine... *Não*!

Stefan se sentou ereto na cama.

Passou as mãos trêmulas pelo cabelo e controlou a respiração.

Um sonho terrível. Fazia muito tempo que ele não era torturado por sonhos como aquele; muito tempo, uma vez que ele não sonhava. Os últimos segundos foram repassados em sua mente e ele viu mais uma vez o limoeiro e ouviu de novo o riso do irmão.

Ecoava em sua mente com uma clareza quase *exagerada*. De repente, sem estar ciente de uma decisão consciente de se mover, Stefan se viu na janela aberta. O ar da noite era frio em seu rosto enquanto ele olhava a escuridão prateada.

— *Damon?* — Uma onda de Poder acompanhou a indagação. Depois caiu numa quietude absoluta, escutando com todos os sentidos.

Não sentiu nada, nenhuma ondulação como resposta. Perto dali, duas aves noturnas alçaram voo ao céu. Na cidade, muitas mentes dormiam; no bosque, animais noturnos vagavam para sua vida secreta.

Ele suspirou e voltou para dentro do quarto. Talvez estivesse enganado sobre o riso; talvez estivesse enganado sobre a ameaça no cemitério. Fell's Church estava tranquila, pacífica e ele deveria entrar naquela sintonia. Ele precisava dormir.

5 de setembro (na verdade início de 6 de setembro — cerca de 1h)

Querido Diário,

Eu devia voltar para a cama logo. Acordei faz poucos minutos pensando que alguém estava gritando, mas agora a casa está em silêncio. Tantas coisas estranhas aconteceram hoje que acho que meus nervos estão em frangalhos.

Pelo menos acordei sabendo exatamente o que ia fazer com relação a Stefan. A coisa toda simplesmente brotou em minha cabeça. O Plano B, Fase Um, começa amanhã.

Os olhos de Frances estavam em brasa e as bochechas coradas enquanto ela se aproximava das três meninas na mesa.

— Ah, Elena, você tem que ouvir isso!

Elena sorriu para ela, educada mas não íntima demais. Frances baixou a cabeça castanha.

— Quer dizer... Posso me sentar aqui? Acabei de ouvir a história mais bizarra sobre Stefan Salvatore.

— Sente-se — disse Elena graciosamente. — Mas — acrescentou ela, passando manteiga num pãozinho —, não estamos muito interessadas na novidade.

— Vocês...? — começou Frances. Ela olhou para Meredith, depois para Bonnie. — Estão brincando, né?

— De jeito nenhum. — Meredith meteu o garfo numa vagem e olhou pensativamente para ela. — Hoje temos outras coisas em mente.

— Exatamente — disse Bonnie depois de um começo súbito. — Stefan já é história, sabe como é. *Passé*. — Ela se curvou e esfregou o tornozelo.

Frances olhou suplicante para Elena.

— Mas pensei que você quisesse saber tudo sobre ele.

— Curiosidade — disse Elena. — Afinal, ele é um visitante e eu queria lhe dar as boas-vindas a Fell's Church. Mas é claro que tenho de ser fiel a Jean-Claude.

— Jean-Claude?

— Jean-Claude — disse Meredith, erguendo as sobrancelhas e suspirando.

— Jean-Claude — Bonnie fez eco com disposição.

Delicadamente, com o polegar e o indicador, Elena pegou uma foto na mochila.

— Aqui está ele na frente do chalé onde ficamos. Logo depois ele me trouxe uma flor e disse... Bom — ela sorriu misteriosamente —, eu não devia repetir!

Frances encarava a foto. Mostrava um jovem bronzeado, sem camisa, parado na frente de um arbusto de hibisco e sorrindo timidamente.

— Ele é mais velho, não é? — disse ela com respeito.

— Vinte e um. É claro — Elena olhou por sobre o ombro — que minha tia jamais aprovaria, então vamos guardar segredo dela até a formatura. Nós temos trocado correspondência escondido.

— Mas que romântico — Frances suspirou. — Eu nunca vou falar nada, prometo. Mas sobre Stefan...

Elena lhe abriu um sorriso superior.

— Se é — ela disse — para ter um prato europeu, prefiro francês a italiano, sempre. — Ela se virou para Meredith. — Não é verdade?

— Han. Sempre. — Meredith e Elena sorriram com malícia, depois se viraram para Frances. — Não concorda?

— Ah, sim — disse Frances apressadamente. — Eu também. Sempre. — Ela sorriu maliciosamente para si mesma e assentiu várias vezes enquanto se levantava e partia.

Quando ela se foi, Bonnie disse desconsolada:

— Isso vai me matar. Elena, eu vou morrer se não ouvir a fofoca.

— Ah, isso? Eu posso lhe contar — respondeu Elena calmamente. — Ela ia dizer que há um boato por aí de que Stefan Salvatore é drogado.

— É *o quê*? — começou Bonnie, depois deu uma gargalhada. — Mas isso é ridículo. Que drogado no mundo se vestiria daquele jeito e usaria óculos escuros? Quer dizer, ele faz o que pode para chamar a atenção... — Sua voz falhou e os olhos castanhos se arregalaram. — Mas pode ser mesmo *por isso* que ele age assim. Quem ia desconfiar de alguém tão óbvio? E ele mora sozinho, é cheio de segredos... Elena! E se for verdade?

— Não é — disse Meredith.

— Como sabe disso?

— Porque fui eu que comecei a espalhar o boato. — Ao ver a expressão de Bonnie, ela sorriu e acrescentou: — Elena me disse para fazer isso.

— Aaaahhhh. — Bonnie olhou com admiração para Elena. — Você é má. Posso dizer às pessoas que ele tem uma doença terminal?

— Não, não pode. Não quero nenhum tipinho Florence Nightingale fazendo fila para segurar a mão dele. Mas pode dizer às pessoas o que quiser sobre Jean-Claude.

Bonnie pegou a foto.

— Quem era ele mesmo?

— O jardineiro. Ele adorava esses hibiscos. Também era casado, com dois filhos.

— Que pena — disse Bonnie com sinceridade. — E você disse a Frances para não contar a ninguém sobre ele...

— É verdade. — Elena olhou o relógio. — O que significa que lá pelas, ah, duas horas a escola toda já vai saber.

Depois da aula, as meninas seguiram para a casa de Bonnie. Foram recebidas na porta da frente por um latido estridente, e quando Bonnie abriu a porta, um pequinês muito velho e muito gordo tentou escapar. O nome dele era Yangtze, e era tão mimado que ninguém, a não ser a mãe de Bonnie, o suportava. Ele mordeu o tornozelo de Elena quando ela passou.

A sala era escura e abarrotada com um monte de móveis exagerados e cortinas pesadas nas janelas. A irmã de Bonnie, Mary, estava lá, tirando uma touca de seu cabelo ruivo ondulado. Ela era só dois anos mais velha do que Bonnie e trabalhava na clínica de Fell's Church.

— Ah, Bonnie — disse ela. — Ainda bem que voltou. Oi, Elena, oi, Meredith.

Elena e Meredith disseram "oi".

— O que foi? Você parece cansada — disse Bonnie.

Mary largou a touca na mesa de centro. Em vez de responder, ela fez uma pergunta.

— Ontem à noite, quando você chegou em casa muito perturbada, onde disse que tinham ido mesmo?

— Lá pela... Lá pela ponte Wickery.

— Foi o que pensei. — Mary respirou fundo. — Agora escute aqui, Bonnie McCullough. Você *jamais* vá até lá de novo, especialmente sozinha e à noite. Entendeu bem?

— E por que não? — perguntou Bonnie, confusa.

— Porque ontem à noite alguém foi atacado ali, é por isso. E você sabe onde encontraram o sujeito? *Bem na margem, debaixo da ponte Wickery*.

Elena e Meredith a fitaram, incrédulas, e Bonnie segurou o braço de Elena.

— Alguém foi atacado debaixo da ponte? Mas quem foi? O que aconteceu?

— Não sei. Hoje de manhã um dos funcionários do cemitério o viu deitado ali. Acho que era um sem-teto e provavelmente dormia debaixo da ponte quando foi atacado. Mas ele estava semimorto quando o levaram à clínica e ainda não recuperou a consciência. Ele pode morrer.

Elena engoliu em seco.

— Como assim, atacado?

— Quero dizer — falou Mary distintamente — que a garganta dele quase foi decepada. Ele perdeu uma quantidade incrível de sangue. No início pensaram que podia ser um animal, mas agora o Dr. Lowen disse que foi uma pessoa. E a polícia acha que quem quer que tenha feito isso, está escondido no cemitério. — Mary olhou para cada uma delas, a boca numa linha reta. — Então, se vocês *estiveram* perto da ponte... ou no cemitério, Elena Gilbert... Essa pessoa podia estar ali com vocês. Entenderam?

— Não precisa mais nos assustar — respondeu Bonnie com a voz fraca. — Já entendemos, Mary.

— Muito bem. Ótimo. — Os ombros de Mary arriaram e, cansada, ela esfregou a nuca. — Vou ter que me deitar um tempinho. Eu não pretendia ser tão ranzinza. — Ela saiu da sala.

Sozinhas, as três meninas se olharam.

— Podia ter sido uma de nós — disse Meredith baixinho. — Especialmente você, Elena; você foi para lá sozinha.

A pele de Elena formigava, o mesmo alerta doloroso que sentira no antigo cemitério. Ela podia sentir o arrepio do vento e ver as fileiras de lápides ao seu redor. O sol e a Robert E. Lee nunca pareceram tão distantes.

— Bonnie — disse ela lentamente —, você viu alguém ali? Foi o que quis dizer quando disse que alguém esperava por mim?

Na sala escura, Bonnie olhou sem entender para Elena.

— Do que você está falando? Eu não disse isso.

— Disse, sim.

— Não disse, não. Eu nunca disse isso.

— Bonnie — disse Meredith —, nós duas ouvimos. Você encarava os túmulos antigos e depois disse a Elena...

— Não sei do que estão falando, e eu não disse *nada*. — A cara de Bonnie estava franzida de raiva, mas havia lágrimas em seus olhos. — Não quero mais falar nisso.

Elena e Meredith se olharam, desamparadas. Do lado de fora, o sol se escondeu por trás de uma nuvem.

6

26 de setembro

Querido Diário,
Desculpe por não escrever há tanto tempo, e eu nem consigo realmente explicar o motivo disso — a não ser que há coisas demais de que tenho medo de falar, mesmo a você.

Primeiro, aconteceu uma coisa terrível. No dia em que Bonnie, Meredith e eu estávamos no cemitério, um velho foi atacado lá e quase morreu. A polícia ainda não encontrou quem fez isso. As pessoas acham que o velho estava delirando, porque quando ele acordou, começou a tagarelar sobre "olhos no escuro", carvalhos e essas coisas. Mas eu me lembro do que aconteceu com a gente naquela noite e isso me dá o que pensar. Isso me dá medo.

Todo mundo ficou com medo por um tempo e todas as crianças tiveram de ficar dentro de casa depois de escurecer, ou sair em grupos. Mas agora já faz umas três semanas e não houve mais ataques, então o frisson está passando. Tia Judith diz que deve ter sido outro vagabundo que fez isso. O pai de Tyler Smallwood até sugeriu que o velho podia ter feito isso consigo mesmo — mas eu bem que queria ver alguém morder a si mesmo no pescoço.

Mas estive ocupada principalmente com o Plano B. Até agora, tudo tem dado certo. Recebi várias cartas e um buquê de rosas vermelhas de "Jean-Claude" (o tio de Meredith é florista) e todo mundo parece ter se esquecido de que eu um dia estive interessada em Stefan. Então minha posição social está segura. Nem Caroline tem me causado problemas.

Na verdade, eu não sei o que Caroline anda fazendo ultimamente e não ligo. Nunca a vejo no almoço ou depois da aula; ela parece ter se afastado completamente de sua antiga turma.

Só há uma coisa com que me importo agora: Stefan.

Nem Bonnie e Meredith percebem como ele é importante para mim. Tenho medo de contar a elas; tenho medo de que elas pensem que perdi o juízo. Na escola, eu uso uma máscara de calma e controle, mas por dentro — bom, a cada dia fica pior.

Tia Judith começou a se preocupar comigo. Diz que eu não ando comendo bem ultimamente, e ela tem razão. Não consigo me concentrar nas aulas, nem em nada divertido, como levantar fundos para a Casa Mal-Assombrada: não consigo me concentrar em nada, só nele. E nem entendo o porquê.

Ele não falou comigo desde aquela tarde horrível. Mas vou te contar uma coisa estranha. Na semana passada, na aula de história, eu levantei a cabeça e o peguei olhando para mim. Estávamos sentados a algumas carteiras de distância e ele estava totalmente virado de lado na mesa, só olhando. Por um momento eu fiquei quase assustada e meu coração começou a martelar, e nós só nos olhamos — depois ele virou a cara. Mas, desde então, isso aconteceu outras duas vezes, e a cada vez sinto seus olhos em mim antes de vê-los. Esta é a pura verdade. Sei que não é minha imaginação.

Ele não é como nenhum garoto que eu tenha conhecido.

Ele parece tão isolado, tão solitário. Mas é por opção. Ele faz muito sucesso no time de futebol americano, mas não anda com nenhum dos caras, a não ser, talvez, Matt. Matt é o único com quem ele conversa. Ele não anda com nenhuma menina também; isso eu posso ver, então talvez o boato de ser viciado esteja fazendo algum bem. Mais parece que ele está evitando as pessoas, e não que elas o evitam. Ele desaparece entre as aulas e depois do treino de futebol, e eu nunca o vi nem uma vez no refeitório. Ele nunca convidou ninguém para

conhecer seu quarto na pensão. Ele nunca vai à lanchonete depois da aula.

Então, como eu posso pegá-lo num lugar onde ele não possa fugir de mim? Este é o verdadeiro problema com o Plano B. Bonnie diz: "Por que não fica presa numa tempestade com ele, assim você tem de se aninhar para conservar o calor do corpo?" E Meredith sugeriu que meu carro podia quebrar na frente da pensão. Mas nenhuma das duas ideias é prática, e eu vou perder a cabeça tentando bolar alguma coisa melhor.

A cada dia fica pior para mim. Sinto como se eu fosse um relógio ou coisa assim, com a corda cada vez mais apertada. Se eu não descobrir logo o que fazer, eu vou...

Eu ia dizer "morrer".

A solução lhe ocorreu de uma forma muito simples e repentina.

Ela se lamentava por Matt; sabia que ele ficara magoado com o boato sobre Jean-Claude. Ele mal falava com ela desde que a história tinha sido espalhada, em geral passando por Elena e acenando rapidamente. E quando ela esbarrou com ele um dia num corredor vazio perto da sala de redação criativa, ele nem a olhou nos olhos.

— Matt... — ela começou. Ela queria lhe dizer que não era verdade, que ela nunca começaria a ver outro menino sem contar a ele primeiro. Ela queria dizer que nunca tivera a intenção de magoá-lo e que agora se sentia péssima. Mas ela não sabia como começar. Por fim, ela só soltou: — Desculpe! — e se virou para entrar em aula.

— Elena — disse Matt, e ela se virou. Ele agora pelo menos a olhava, o olhar demorando-se em seus lábios, em seu cabelo. Depois ele sacudiu a cabeça como se dissesse que haviam pregado uma peça nele. — Esse cara francês é pra valer? — perguntou ele por fim.

— Não — disse Elena de pronto e sem hesitação. — Eu inventei — acrescentou ela simplesmente — para mostrar a todos que não estou aborrecida com... — Ela parou de falar.

— Com Stefan. Entendi. — Matt assentiu, parecendo ao mesmo tempo sombrio, mas um pouco mais compreensivo. — Olha, Elena, aquilo *foi mesmo* muito desagradável da parte dele. Mas não acho que tenha sido pessoal. Ele é assim com todo mundo...

— Menos com você.

— Não. Ele fala comigo, às vezes, mas nunca sobre algo pessoal. Ele nunca diz nada sobre a família dele ou o que faz fora da escola. É como se... como se houvesse um muro em volta dele que eu não consigo transpor. Não acho que ele vá deixar que alguém derrube o muro. O que é uma pena, porque acho que, por trás, ele é infeliz.

Elena pensou nisso, fascinada com uma visão de Stefan que ela jamais considerara. Ele sempre parecia tão controlado, tão calmo e imperturbável. Mas Elena sabia que ela própria dava a mesma impressão para os outros. Seria possível que por baixo ele fosse tão confuso e infeliz quanto ela?

Foi quando surgiu a ideia, e era ridícula de tão simples. Sem esquemas complicados, sem tempestades ou carros quebrando.

— Matt — disse ela devagar —, você não acha que seria bom se alguém conseguisse passar pelo muro? Quer dizer, bom para Stefan? Não acha que seria a melhor coisa que poderia acontecer com ele? — Ela o olhou atentamente, querendo que ele entendesse.

Ele a fitou por um instante, depois fechou os olhos brevemente e sacudiu a cabeça, incrédulo.

— Elena — disse ele —, você é inacreditável. Você torce as pessoas nos seus dedinhos e não acho que saiba o que está fazendo. E agora vai me pedir para fazer alguma coisa para ajudá-la a armar uma emboscada para Stefan, e eu sou um idiota porque posso concordar com isso.

— Você não é idiota, é um cavalheiro. E eu quero lhe pedir um favor, mas só se você achar que está tudo bem. Não quero magoar Stefan e não quero magoar você.

— Não quer?

— *Não*. Sei a impressão que dá, mas é verdade. Eu só quero... — Ela se interrompeu de novo. Como poderia explicar o que queria quando nem ela

mesma entendia?

— Você só quer tudo e todos girando em torno de Elena Gilbert — disse ele com amargura. — Você só quer aquilo que não tem.

Chocada, ela recuou e olhou para ele. Sentiu um nó na garganta e o calor atingiu seus olhos.

— Não — disse ele. — Elena, não fique assim. Desculpe. — Ele suspirou. — Tudo bem, o que eu devo fazer? Amarrar o cara e largá-lo na sua porta?

— Não — disse Elena, ainda tentando fazer com que as lágrimas voltassem a seu lugar de origem. — Eu só queria que você o convencesse a ir ao Baile de Reencontro na semana que vem.

A expressão de Matt era indefinida.

— Você só quer que ele esteja no baile.

Elena assentiu.

— Tudo bem. Sei que ele vai. E Elena... eu não quero levar ninguém, só você.

— Tudo bem — disse Elena depois de um momento. — E... bom... obrigada.

A expressão de Matt ainda era peculiar.

— Não agradeça a mim, Elena. Não é nada... De verdade. — Ela ainda estava confusa com isso quando ele se virou e andou pelo corredor.

— Fique parada — disse Meredith, torcendo o cabelo de Elena em sinal de reprovação.

— Eu ainda acho — disse Bonnie do assento acolchoado da janela — que eles foram maravilhosos.

— Quem? — murmurou Elena, distraída.

— Como se você não soubesse — disse Bonnie. — Seus dois "caras", que fizeram o milagre de última hora no jogo de ontem. Quando Stefan pegou aquele último passe, achei que eu ia desmaiar. Ou vomitar.

— Ah, *francamente* — disse Meredith.

— E Matt... Esse garoto é simplesmente poesia em movimento...

— E nenhum dos dois é meu — disse Elena categoricamente. Por baixo dos dedos habilidosos de Meredith, seu cabelo virava uma obra de arte, uma massa macia de ouro trançado. E o vestido era perfeito; um tom claro de violeta que destacava a cor de seus olhos. Mas até para si mesma ela parecia pálida e inflexível, não suavemente corada de excitação, mas branca e decidida, como um soldado muito jovem sendo mandado para a frente de batalha.

De pé no campo de futebol ontem, quando seu nome foi anunciado como a Rainha do Baile, ela só teve um pensamento. Ele *não podia* se recusar a dançar com ela. Se ele chegasse a dançar, ele não podia rejeitar a Rainha do Baile. E agora, de pé diante do espelho, ela repetiu isso a si mesma.

— Hoje à noite você terá quem quiser — dizia Bonnie com suavidade. — E olha aqui, quando você se livrar do Matt, posso ficar com ele para lhe dar algum conforto?

Meredith bufou.

— O que o Raymond vai pensar disso?

— Ah, *você* pode consolar o *Raymond*. Mas é sério, Elena, eu gosto do Matt. E depois que você conseguir o Stefan, seu triângulo vai ficar meio apertado. Então...

— Ah, faça o que quiser. Matt merece alguma consideração. — E sem dúvida não vai conseguir isso comigo, pensou Elena. Ela ainda não acreditava exatamente no que estava fazendo com ele. Mas agora ela não podia ruminar sua autocrítica; precisava de todas as suas forças e sua concentração.

— Pronto. — Meredith pôs o último grampo no cabelo de Elena. — Agora olhe para nós, a Rainha do Baile e sua corte... Ou parte dela, de qualquer forma. Nós estamos lindas.

— Este "nós" é só porque você é da realeza? — Elena disse isso de brincadeira, mas era verdade. Elas *estavam mesmo* lindas. O vestido de Meredith era um puro arrebatamento de cetim vinho, apertado na cintura e caindo em pregas dos quadris. Seu cabelo escuro pendia solto nas costas. E

Bonnie, de pé junto das outras diante do espelho, parecia um brinde de festa cintilante de tafetá rosa e lantejoulas pretas.

Quanto a si mesma... Elena olhou a imagem com um olho experiente e pensou de novo: O vestido é perfeito. A única outra frase que lhe veio à mente foi *violetas cristalizadas*. Sua avó guardava um vidrinho delas, flores de verdade mergulhadas em açúcar cristalizado e congelado.

Elas desceram a escada juntas, como faziam em todo baile desde o sétimo ano — só que, antes, Caroline sempre estava com elas. Elena percebeu com pouca admiração que ela nem sabia com quem Caroline ia esta noite.

Tia Judith e Robert — em breve tio Robert — estavam na sala, junto com Margaret, de pijama.

— Ah, vocês estão lindas, meninas — disse tia Judith, tão palpitante e animada que parecia que ela mesma ia ao baile. Ela deu um beijo em Elena e Margaret estendeu os braços para um abraço.

— Você tá bonita — disse ela com a simplicidade de uma menina de 4 anos.

Robert também olhava para Elena. Ele piscou, abriu a boca e a fechou de novo.

— Qual é o problema, Bob?

— Ah. — Ele olhou para tia Judith, parecendo constrangido. — Bom, na verdade, acaba de me ocorrer que Elena é uma variação do nome Helena. E por algum motivo eu estava pensando em Helena de Troia.

— Linda e condenada — disse Bonnie alegremente.

— Bom, sim — disse Robert, sem parecer nada animado.

Elena não disse nada.

A campainha tocou. Matt estava na escada, com seu paletó esporte azul de sempre. Com ele, estavam Ed Goff, parceiro de Meredith, e Raymond Hernandez, acompanhante de Bonnie. Elena procurou por Stefan.

— Ele já deve estar lá — disse Matt, interpretando o olhar de Elena. — Olha, Elena...

Mas o que quer que ele tivesse a dizer foi interrompido pela tagarelice dos outros casais. Bonnie e Raymond foram no carro de Matt, e mantiveram um fluxo constante de gracinhas em todo o caminho até a escola.

A música se derramava pela porta aberta do auditório. Enquanto saía do carro, Elena foi tomada de uma certeza curiosa. Alguma coisa ia acontecer, percebeu ela, olhando o volume quadrado do prédio da escola. A marcha lenta e tranquila das últimas semanas estava prestes a se acelerar.

Estou pronta, pensou ela. E esperou que fosse verdade.

Dentro do prédio, havia um caleidoscópio de cores e atividade. Ela e Matt foram cercados no momento em que entraram e choveram elogios para os dois. O vestido de Elena... O cabelo dela... As flores. Matt era uma lenda em evolução: outro Joe Montana, uma aposta certa para uma bolsa por atletismo.

No turbilhão deslumbrante que devia ser a vida para ela, Elena continuava procurando uma cabeça escura.

Tyler Smallwood bafejava perto dela, cheirando a ponche, desodorante Brut e chiclete de menta. Sua acompanhante tinha um olhar homicida. Elena o ignorou na esperança de que ele fosse embora.

O Sr. Tanner passou por ela com um copo de papel ensopado, dando a impressão de que a gola o estrangulava. Sue Carson, a outra princesa do baile, apareceu rapidamente e arrulhou sobre o vestido violeta. Bonnie já estava na pista de dança, bruxuleando sob as luzes. Mas Elena não via Stefan em lugar algum.

Mais um bafo de menta e ela ia vomitar. Ela cutucou Matt e eles escaparam para a mesa de refrigerantes, onde o treinador Lyman fazia uma crítica do jogo. Casais e grupos se aproximaram deles, passando alguns minutos e depois se retirando para dar espaço aos seguintes na fila. Exatamente como se nós *fôssemos* da realeza, pensou Elena impetuosamente. Ela olhou de lado para ver se Matt aparentava estar se divertindo também, mas ele olhava fixamente para a esquerda.

Ela seguiu o olhar de Matt. E ali, meio escondida atrás de um grupo de jogadores de futebol, estava a cabeça escura que ela procurara tanto.

Inconfundível, mesmo na luz fraca. Um arrepio a tomou, mais de dor do que de qualquer outra coisa.

— E agora? — disse Matt, o queixo trincado. — Amarrar o cara?

— Não. Vou convidá-lo para dançar, só isso. Vou esperar até que tenhamos dançado primeiro, se você quiser.

Ele sacudiu a cabeça e ela partiu na direção de Stefan, passando pela multidão.

Gradualmente, Elena registrou informações sobre ele enquanto se aproximava. Seu blazer preto era de um corte sutilmente diferente do que vestiam os outros meninos, mais elegante, e ele usava um suéter de cashmere branco por baixo. Ele estava imóvel, sereno, meio separado dos grupos em volta dele. E, embora só conseguisse vê-lo de perfil, Elena sabia que ele não estava de óculos.

É claro que ele os tirava para jogar futebol, mas ela nunca o vira de perto sem eles. Isso a deixou aturdida e animada, como se fosse um baile de máscaras e tivesse chegado a hora de tirar o disfarce. Ela se concentrou no ombro dele, na linha de seu queixo, e depois ele estava se virando para ela.

Nesse instante, Elena teve consciência de que ela era bonita. Não era só o vestido, ou como o cabelo fora penteado. Ela era bonita por si mesma: magra, soberana, ao mesmo tempo suave e ardente. Ela viu os lábios de Stefan se abrirem um pouco, por reflexo, e olhou nos olhos dele.

— Oi. — Esta era sua voz, tão baixa e autoconfiante? Os olhos dele eram verdes. Verdes como as folhas de carvalho no verão. — Está se divertindo? — ela perguntou.

Eu agora estou. Ele não disse isso, mas ela sabia que era o que estava pensando; Elena podia perceber pelo modo como ele a olhava. Ela nunca teve tanta certeza de seu poder. Só que na verdade ele não dava a impressão de estar se divertindo; parecia ferido, sentindo dor, como se não pudesse suportar nem um minuto daquilo.

A banda começou uma música lenta. Ele ainda a fitava, bebendo-a. Aqueles olhos verdes escureceram de desejo. Ela teve a sensação súbita de

que ele podia puxá-la repentinamente e beijá-la com força, sem dizer uma só palavra.

— Quer dançar? — disse ela suavemente. Estou brincando com fogo, com algo que não entendo, pensou ela de repente. E nesse instante ela percebeu que tinha medo. O coração começou a martelar violentamente. Era como se aqueles olhos verdes falassem a uma parte dela que estava imersa no fundo, sob a superfície — e essa parte lhe gritasse "perigo". Um instinto mais antigo do que a civilização lhe dizia para fugir, para correr dali.

Ela não se mexeu. A mesma força que a apavorava a mantinha presa naquele lugar. Isto está fora de controle, pensou ela de repente. O que quer que estivesse acontecendo, estava além de sua compreensão, não era nada normal nem sadio. Mas agora não havia como parar, e mesmo com medo ela se divertia. Era o momento mais intenso que já tivera com um menino, mas não estava acontecendo absolutamente nada. Ele só a olhava, como que hipnotizado, e ela retribuía o olhar, enquanto a energia tremeluzia entre eles, faiscando. Ela viu os olhos dele escurecerem, derrotados, e sentiu o salto desvairado de seu próprio coração enquanto ele estendia lentamente uma das mãos.

E depois tudo se espatifou.

— Ora, Elena, você está tão *encantadora* — disse uma voz, e a visão de Elena foi ofuscada por ouro. Era Caroline, o cabelo ruivo volumoso e brilhante, a pele num bronzeado perfeito. Usava um vestido de lamê dourado que revelava uma quantidade incrivelmente ousada de pele perfeita. Ela deslizou o braço despido no de Stefan e sorriu demoradamente para ele. Eles estavam impressionantes juntos, como um casal de modelos internacionais fazendo uma visita rápida no baile do colégio, muito mais glamourosos e sofisticados do que qualquer outra pessoa no salão. — E esse vestidinho é tão *lindinho* — continuou Caroline, enquanto a mente de Elena operava no automático. Aquele braço despreocupadamente possessivo unido ao de Stefan lhe dizia tudo: onde Caroline estivera na hora do almoço nas últimas semanas, o que ela aprontara esse tempo todo. — Eu disse a Stefan que nós simplesmente tínhamos de passar por aqui um minutinho,

mas não vamos ficar muito tempo. Então você não se importa se eu quiser que ele dance só comigo, não é?

Elena agora estava estranhamente calma, sua mente zumbindo, indistinta. Ela disse que não, é claro que não se importava, e viu Caroline se afastar, uma sinfonia em ruivo e ouro. Stefan foi com ela.

Havia um círculo de rostos em volta de Elena; ela se afastou deles e deu com Matt.

— Você sabia que ele viria com ela.

— Eu sabia que ela queria que ele viesse. Ela o esteve seguindo na hora do almoço e depois da aula, e meio que se jogando pra cima dele. Mas...

— Sei. — Ainda naquela calma estranha e artificial, ela olhou a multidão e viu Bonnie vindo na direção dela, além de Meredith saindo de sua mesa. Então elas viram. Provavelmente todo mundo viu. Sem dizer nada a Matt, ela se afastou, andando por instinto para o toalete das mulheres.

Estava abarrotado, e Meredith e Bonnie faziam observações animadas e fortuitas enquanto olhavam para ela com preocupação.

— Viu aquele vestido? — disse Bonnie, apertando os dedos de Elena secretamente. — A frente deve ser grudada com uma cola bem forte. E o que ela vai usar no próximo baile? Celofane?

— Lenço de papel — disse Meredith. Ela acrescentou em voz baixa: — Você está bem?

— Estou. — Elena podia ver no espelho que os olhos estavam brilhantes demais e que havia uma mancha de cor ardendo em cada bochecha. Ela ajeitou o cabelo e se virou.

O banheiro se esvaziou, dando-lhes privacidade. Bonnie mexia nervosamente no laço de lantejoulas na cintura.

— Talvez não seja uma coisa ruim, afinal — disse ela em voz baixa. — Quer dizer, há semanas que você não pensa em nada, só nele. Quase um mês. E então talvez seja melhor assim. De repente, agora, você consiga passar a outras coisas, em vez de... Bom, perseguir o cara.

Et tu, Brute?, pensou Elena.

— Muito obrigada por seu apoio — disse ela em voz alta.

— Ora essa, Elena, não fique assim — intrometeu-se Meredith. — Ela não está querendo magoar você, ela só acha...

— E eu imagino que você ache também, né? Bom, está tudo bem. Vou sair e descobrir outras coisas em que me ocupar. Tipo outras grandes amigas. — Ela as deixou encarando suas costas.

Fora do banheiro, Elena se atirou no turbilhão de cores e música. Foi mais animada do que nunca em qualquer dança. Ela dançou com todos, rindo alto demais, paquerando cada menino que aparecia em seu caminho.

Ela foi chamada para ser coroada. Subiu ao palco, olhando as figuras exibindo cores e brilhos embaixo. Alguém lhe deu flores; alguém pôs uma tiara de strass em sua cabeça. Houve aplausos. Tudo passou como que num sonho.

Ela deu mole para Tyler porque ele estava mais perto quando ela desceu do palco. Depois se lembrou do que ele e Dick fizeram com Stefan e tirou uma das rosas do buquê, dando a ele. Matt olhava da lateral, os lábios tensos. A acompanhante esquecida de Tyler estava quase em prantos.

Ela podia sentir cheiro de álcool e menta no hálito de Tyler, e a cara dele estava vermelha. Os amigos de Tyler estavam em volta dela, uma turma barulhenta e risonha, e ela viu Dick servir alguma coisa de um saco de papel pardo em seu copo de ponche.

Ela nunca ficara com esse grupo antes. Eles a acolheram, a admiraram, os meninos competindo por sua atenção. Piadas voavam de um lado para outro e Elena riu, mesmo quando não faziam sentido nenhum. O braço de Tyler envolveu sua cintura e ela riu ainda mais. Pelo canto do olho, ela viu Matt sacudir a cabeça e se afastar. As meninas estavam ficando estridentes, os meninos turbulentos. Tyler aninhava a boca molhada em seu pescoço.

— Tive uma ideia — anunciou ele ao grupo, abraçando Elena com mais força. — Vamos para um lugar mais divertido.

Alguém gritou: “Tipo o que, Tyler? A casa de seu pai?”

Tyler sorria de forma exagerada, bêbado e despreocupado.

— Não, eu quis dizer um lugar onde possamos deixar nossa marca. Tipo o cemitério.

As meninas gritaram. Os meninos se deram cotoveladas e socos fingidos.

A acompanhante de Tyler estava fora da roda.

— Tyler, isso é loucura — disse ela, a voz aguda e fina. — Você sabe o que aconteceu com o velho. Eu não quero ir lá.

— Ótimo, então você fica aqui. — Tyler pegou a chave no bolso e a girou para o resto da turma. — Quem *não está* com medo? — disse ele.

— Ei, eu estou nessa — disse Dick, e houve um coro de aprovação.

— Eu também — disse Elena, clara e desafiadora. Ela sorriu para Tyler e ele praticamente a girou no ar.

E depois ela e Tyler estavam liderando um grupo ruidoso e destrambelhado para o estacionamento, onde eles se empilharam nos carros. Em seguida Tyler baixava o teto do conversível e ela entrava, com Dick e uma menina chamada Vickie Bennett espremendo-se no banco traseiro.

— Elena! — gritou alguém, longe, da porta iluminada da escola.

— Dirija — disse ela a Tyler, tirando a tiara quando o motor rugiu. Eles queimaram pneu no estacionamento e o vento frio da noite soprou no rosto de Elena.

7

Bonnie estava na pista, de olhos fechados, deixando que a música fluísse por seu corpo. Quando abriu os olhos por um instante, Meredith acenava da lateral. Bonnie empinou o queixo com rebeldia, mas quando os gestos ficaram mais insistentes ela revirou os olhos para Raymond e obedeceu. Raymond a seguiu.

Matt e Ed estavam atrás de Meredith. Matt estava de cara amarrada. Ed parecia pouco à vontade.

— Elena acabou de sair — disse Meredith.

— Este é um país livre — disse Bonnie.

— Ela foi com Tyler Smallwood — disse Meredith. — Matt, tem certeza de que não ouviu para onde eles foram?

Matt sacudiu a cabeça.

— Eu diria que ela merece o que quer que aconteça... Mas é minha culpa também, de certo modo — disse ele com tristeza. — Acho que temos de ir atrás dela.

— E deixar o *baile*? — disse Bonnie. Ela olhou para Meredith, que murmurou as palavras *você prometeu*. — Não acredito nisso — cochichou ela com raiva.

— Não sei como vamos encontrá-la — disse Meredith —, mas vamos ter que tentar. — Depois acrescentou, numa voz estranhamente hesitante: — Bonnie, *você* por acaso sabe onde ela está?

— Como é? Não, claro que não; eu estava dançando. Já ouviu falar disso, não é? O que é que se faz num baile?

— Você e Ray ficam aqui — disse Matt a Ed. — Se ela voltar, diga que a estamos procurando.

— E se vamos sair, é melhor que seja agora — acrescentou Bonnie com descortesia. Ela se virou e prontamente esbarrou num blazer escuro.

— Bom, com *licença* — disse ela, levantando a cabeça e vendo Stefan Salvatore. Ele nada disse enquanto ela, Meredith e Matt iam para a porta, deixando para trás um Raymond e um Ed que pareciam infelizes.

As estrelas estavam distantes e tinham um brilho gelado no céu sem nuvens. Elena se sentia da mesma maneira. Parte dela ria e gritava com Dick, Vickie e Tyler por sobre o rugido do vento, mas outra parte observava de longe.

Tyler estacionou na metade do aclive que levava à igreja em ruínas, deixando os faróis acesos enquanto todos saíam do carro. Embora houvesse vários carros atrás quando saíram da escola, eles pareciam ser os únicos que percorreram todo o caminho até o cemitério.

Tyler abriu a mala do carro e pegou uma embalagem de seis latas de cerveja.

— Sobra mais para nós. — Ele ofereceu uma cerveja a Elena, que sacudiu a cabeça, tentando ignorar a sensação nauseante na boca do estômago. Ela se sentia mal por estar ali — mas agora não havia como admitir isso.

Eles subiram o caminho de lajes, as meninas cambaleando nos saltos altos e se apoiando nos meninos. Quando chegaram ao topo, Elena arfou e Vickie deu um gritinho.

Uma coisa imensa e vermelha pairava pouco acima do horizonte. Elena precisou de um momento para perceber que era a lua. Era tão grande e irreal que parecia cenário de um filme de ficção científica, e sua massa inchada brilhava sombriamente com uma luz doentia.

— Parece uma abóbora grande e podre — disse Tyler, lançando uma pedra na direção da lua. Elena se obrigou a dar um sorriso reluzente para ele.

— Por que não entramos? — disse Vickie, apontando a mão branca para o buraco vazio na entrada da igreja.

A maior parte do telhado havia caído, embora o campanário ainda estivesse intacto, uma torre se estendendo alta acima deles. Três das paredes estavam de pé; a quarta estava à altura dos joelhos. Havia pilhas de entulho em toda parte.

Uma luz brilhou no rosto de Elena e ela se virou, sobressaltada, vendo Tyler segurando um isqueiro. Ele sorriu maliciosamente, mostrando os dentes fortes e brancos, e perguntou:

— Quer acender meu fogo?

O riso de Elena foi o mais alto, para encobrir seu desconforto. Ela pegou o isqueiro, usando-o para iluminar a sepultura na lateral da igreja. Não era parecido com nenhum túmulo do cemitério, embora o pai dela tivesse dito que vira coisas semelhantes na Inglaterra. Parecia uma caixa grande de pedra, com tamanho suficiente para duas pessoas, e duas estátuas de mármore deitadas na tampa.

— Thomas Keeping Fell e Honoria Fell — disse Tyler com um gesto largo, como se os apresentasse. — O velho Thomas supostamente fundou Fell's Church. Mas na verdade os Smallwood também estavam aqui na época. O trisavô do meu avô morava no vale perto do córrego Drowning...

— ...até que foi devorado por lobos — disse Dick, e atirou a cabeça para trás imitando o animal. Depois arrotou. Vickie deu uma gargalhada. A irritação vincou as feições bonitas de Tyler, mas ele se obrigou a sorrir.

— Thomas e Honoria estão meio pálidos — disse Vickie, ainda rindo. — Acho que precisam de um pouco de cor. — Ela pegou um batom na bolsa e começou a cobrir a boca de mármore da estátua da mulher com um vermelho ceroso. Elena sentiu outra pontada de náusea. Quando criança, sempre ficava pasma com a senhora pálida e o homem solene, deitados de olhos fechados, as mãos cruzadas no peito. E, depois que seus pais morreram, ela pensava neles deitados lado a lado, como estes no cemitério. Mas ela segurou o isqueiro enquanto a outra menina desenhava um bigode de batom e um nariz de palhaço em Thomas Fell.

Tyler as olhava.

— Ei, todos estão produzidos mas não têm aonde ir. — Ele pôs a mão na beira da tampa de pedra e se apoiou nela, tentando erguê-la pela lateral. — O que você acha, Dick... Quer dar a eles uma noitada na cidade? Tipo talvez bem no centro da cidade?

Não, pensou Elena, apavorada, enquanto Dick dava uma gargalhada e Vickie guinchava de rir. Mas Dick já estava ao lado de Tyler, escorando-se e preparando-se, com as mãos na tampa de pedra.

— No três — disse Tyler, e contou. — Um, dois, *três*.

Os olhos de Elena estavam fixos na horrível cara de palhaço de Thomas Fell enquanto os meninos empurravam para a frente e grunhiam, os músculos inchando por baixo da roupa. Eles não conseguiram mover nem um centímetro da tampa.

— Essa porcaria deve estar presa — disse Tyler com raiva, virando-se.

Elena sentiu-se fraca de alívio. Tentando parecer despreocupada, ela se encostou na tampa de pedra para ter apoio — e foi quando aconteceu.

Ela ouviu o moer da pedra e sentiu a tampa se deslocar sob sua mão esquerda, tudo ao mesmo tempo. A tampa se afastava dela, fazendo-a perder o equilíbrio. O isqueiro voou e ela gritou duas vezes, tentando se manter de pé. Estava caindo na sepultura aberta e um vento gelado rugia a seu redor. Gritos soaram em seus ouvidos.

Em seguida ela estava do lado de fora e a luz da lua era forte o bastante para enxergar os outros. Tyler a havia segurado. Ela olhou desesperadamente em volta.

— Que escândalo é esse? O que houve? — Tyler a sacudia.

— Ela se mexeu! A tampa se mexeu! Ela abriu e... sei lá... eu quase caí lá dentro. Era frio...

Os meninos estavam rindo.

— A coitadinha está nervosa — disse Tyler. — Vem, Dick-boy, vamos dar uma olhada.

— Tyler, não...

Mas eles já estavam lá dentro. Vickie ficou na porta, olhando, enquanto Elena tremia. Agora Tyler acenava para ela da porta.

— Olha — disse ele quando ela voltou para dentro, relutante. Ele pegara o isqueiro e o segurava acima do peito de mármore de Thomas Fell. — Ainda está presa aqui, grudadinha da silva. Está vendo?

Elena encarou o alinhamento perfeito da tampa com a sepultura.

— Ela se mexeu. Eu quase caí aí dentro...

— Claro, o que você quiser, gata. — Tyler passou os braços em volta dela, prendendo-a de costas para ele. Ela olhou e viu Dick e Vickie na mesma posição, só que Vickie, de olhos fechados, parecia estar gostando disso. Tyler esfregou o queixo forte em seu cabelo.

— Quero voltar para o baile agora — disse ela com firmeza.

Houve uma parada no esfregar. Depois Tyler suspirou e disse:

— Claro, gata. — Ele olhou para Dick e Vickie. — E vocês dois?

Dick sorriu.

— Vamos ficar aqui um tempinho. — Vickie riu de olhos ainda fechados.

— Tudo bem. — Elena se perguntou como eles iam voltar, mas deixou que Tyler a levasse pela porta. Do lado de fora, porém, ele parou.

— Não posso deixar você ir sem dar uma olhada na lápide de meu avô — disse ele. — Aí, Elena — completou enquanto ela começava a protestar —, não magoe meus sentimentos. Você tem que ver; é o orgulho da família.

Elena se obrigou a sorrir, embora seu estômago parecesse de gelo. Talvez, se ela o agradasse, ele a tirasse dali.

— Tudo bem — disse ela, e partiu para o cemitério.

— Por aí não. Por aqui. — E no momento seguinte ele a levava para o antigo cemitério. — Está tudo bem, é sério, não fica longe da trilha. Olha, ali, está vendo? — Ele apontou para uma coisa que brilhava ao luar.

Elena ofegou, os músculos endurecendo em volta do coração. Parecia que havia uma pessoa de pé, um gigante com uma cabeça redonda e sem cabelos. E ela não gostou nada de estar ali, entre as lápides gastas e inclinadas de granito do século passado. O luar lançava sombras estranhas e havia poças de escuridão impenetrável em toda parte.

— É só a esfera no topo. Não precisa ter medo — disse Tyler, puxando-a com ele para fora da trilha e subindo até a lápide iluminada. Era feita de

mármore vermelho e a esfera imensa que a encimava lembrava a Elena a lua inchada no horizonte. Agora essa mesma lua brilhava neles, branca como as mãos de Thomas Fell. Elena não conseguiu reprimir o tremor. — Coitadinha, está com frio. Preciso aquecê-la — disse Tyler. Elena tentou empurrá-lo, mas ele era forte demais, envolvendo-a com os braços, puxando-a para ele.

— Tyler, quero ir embora; quero ir embora *agora*...

— Claro, gata, nós vamos — disse ele. — Mas precisamos aquecer você primeiro. Meu Deus, você está gelada.

— *Tyler, pare* — disse ela. Os braços dele apenas ficaram irritantes, restritivos, mas agora, chocada, ela sentiu as mãos de Tyler em seu corpo, tateando em busca da pele.

Nunca em sua vida Elena ficara numa situação dessas, longe de qualquer ajuda. Ela mirou um salto agulha no sapato de couro dele, bem no peito do pé, mas ele se esquivou.

— Tyler, *tire suas mãos de mim*.

— O que é isso, Elena, não fique assim, eu só quero te esquentar todinha...

— Tyler, vamos embora — ela disse, sufocada. Elena tentou se desvencilhar dele. Tyler cambaleou e depois todo o seu peso estava em cima dela, esmagando-a no emaranhado de hera e mato no chão. Elena falou desesperadamente. — Eu vou te matar, Tyler, é sério. *Me solta*.

Tyler tentou rolar, rindo de repente, os membros pesados e descoordenados, quase inúteis.

— Ei, dá um tempo, Elena, não fique chateada. Eu só estava te esquentando. Elena, a Princesa de Gelo, esquentando... Está ficando quente agora, não está?

Depois Elena sentiu a boca quente e molhada de Tyler em seu rosto. Ela ainda estava presa embaixo dele e os beijos molhados de Tyler roçavam seu pescoço. Ela ouviu o tecido se rasgar.

— Epa — murmurou Tyler. — Desculpe por isso.

Elena girou a cabeça e sua boca encontrou a mão de Tyler, acariciando desajeitada seu rosto. Ela a mordeu, cravando os dentes na palma da mão carnuda. Ela mordeu *com força*, sentiu o gosto de sangue, ouviu o grito de agonia de Tyler. A mão se afastou de repente.

— Ei! Eu pedi desculpas! — Tyler olhou entristecido para a mão machucada. Depois seu rosto se escureceu, enquanto, ainda olhando para a mão, ele a fechou num punho.

Acabou, pensou Elena, tão calma que parecia estar num pesadelo. Ele vai me bater, ou me matar. Ela se preparou para o golpe.

Stefan resistia a entrar no cemitério; tudo dentro dele gritava contra isso. Na última vez que estivera ali, fora a noite do velho.

O horror voltou a se deslocar por suas entranhas com a lembrança. Ele teria jurado que não tinha drenado o homem debaixo da ponte, que não tirara sangue suficiente para lhe causar mal. Mas tudo naquela noite depois da onda de Poder era atordoante e confuso. Se é que *houvera mesmo* uma onda de Poder. Ele fechou os olhos. Quando soube que o velho estava hospitalizado, quase morto, não teve palavras para expressar seu choque. Como *pôde* se descontrolar tanto? Matar, quase matar, quando ele não matava ninguém desde...

Ele não se permitiu pensar nisso.

Agora, parado diante do portão do cemitério na escuridão de meio da noite, o que ele mais queria na vida era dar a volta e ir embora. Voltar para o baile, onde tinha deixado Caroline, aquela criatura macia e bronzeada de sol que era absolutamente segura porque não significava absolutamente nada para ele.

Mas ele não podia voltar, porque Elena estava no cemitério. Ele podia senti-la, e sentir sua crescente aflição. Elena estava no cemitério e tinha problemas, e ele precisava encontrá-la.

Ele estava no meio da subida da colina quando a vertigem o atingiu. Fez com que ele vacilasse, lutando para seguir para a igreja porque era a única coisa em que podia manter o foco. Ondas cinzentas de névoa varreram seu

cérebro e ele se esforçou para continuar em movimento. Fraco, ele parecia tão fraco. E impotente contra o mero poder dessa vertigem.

Ele precisava... ir até Elena. Mas ele estava fraco. Não podia ser... fraco... se tinha de ajudar Elena. Ele precisava... ir...

A porta da igreja se escancarava diante dele.

Elena viu a lua por sobre o ombro direito de Tyler. Era estranhamente adequado que fosse a última coisa que visse, pensou ela. O grito estava preso na garganta, sufocado pelo medo.

E então alguma coisa pegou Tyler e o atirou na lápide do avô.

Foi o que pareceu a Elena. Ela rolou de lado, ofegante, uma das mãos segurando o vestido rasgado, a outra procurando por uma arma.

Ela não precisava de arma nenhuma. Algo se moveu no escuro e ela viu a pessoa que arrancara Tyler dela. Stefan Salvatore. Mas era um Stefan que ela nunca vira: aquele rosto de feições finas estava branco e frio de fúria, e havia uma luz letal nos olhos verdes. Sem se mexer, Stefan emanava tanta cólera e ameaça que Elena se viu com mais medo dele do que sentira de Tyler.

— Quando o vi pela primeira vez, soube que você nunca aprendeu boas maneiras — disse Stefan. Sua voz era suave, fria e leve, e de algum modo deixava Elena tonta. Ela não conseguia tirar os olhos de Stefan enquanto ele avançava para Tyler, que sacudia a cabeça, tonto, e começava a se levantar. Stefan movimentava-se como um dançarino, cada movimento tranquilo e precisamente controlado. — Mas eu não fazia ideia de que seu caráter era tão subdesenvolvido.

Ele bateu em Tyler. O menino maior estava estendendo uma das mãos carnudas e Stefan o golpeou quase com negligência na face, antes de a mão fazer contato.

Tyler voou contra outra lápide. Ele se remexeu e se levantou arfando, os olhos brancos. Elena viu um fio de sangue escorrer de seu nariz. Depois ele atacou.

— Um *cavalheiro* não força sua companhia a ninguém — disse Stefan, e o golpeou de lado. Tyler caiu esparramado de novo, de cara para o mato e as trepadeiras. Desta vez ele se levantou mais devagar e o sangue fluía das duas narinas e da boca. Bufava como um cavalo apavorado ao se lançar para Stefan.

Stefan pegou a frente do paletó de Tyler, girando-o e absorvendo o impacto do ataque homicida. Sacudiu Tyler duas vezes, enquanto aqueles punhos imensos se debatiam como pás de moinho em volta dele, incapazes de tocá-lo. Depois ele largou Tyler.

— Um cavalheiro não insulta uma mulher — disse ele. A cara de Tyler estava retorcida, os olhos rolavam. Mas ele pegou a perna de Stefan. Stefan o puxou de pé e o sacudiu de novo, e Tyler ficou flácido como uma boneca de trapos, revirando os olhos. Stefan continuou a falar, mantendo reto o pesado corpo e pontuando cada palavra com uma sacudida de arrancar os ossos. — E, sobretudo, ele não a fere...

— Stefan! — gritou Elena. A cabeça de Tyler batia de um lado a outro a cada sacudida. Elena teve medo do que via: medo do que Stefan podia fazer. E medo acima de tudo da voz de Stefan, aquela voz fria que era como um florete dançando, linda, mortal e inteiramente impiedosa. — Stefan, *pare*.

Sua cabeça se voltou de repente para ela, sobressaltado, com se tivesse se esquecido de sua presença. Por um momento ele a olhou sem reconhecê-la, os olhos escuros na luz da lua, e ela pensou em um predador, uma grande ave ou um belo carnívoro, incapaz de emoções humanas. Depois a compreensão chegou a seu rosto e parte da escuridão desapareceu do olhar.

Ele olhou para a cabeça mole de Tyler, depois o acomodou delicadamente na lápide de mármore vermelho. Os joelhos de Tyler se dobraram e ele deslizou de cara para o túmulo, mas, para alívio de Elena, seus olhos se abriram — ou pelo menos o esquerdo se abriu. O direito estava inchado numa fenda.

— Ele vai ficar bem — disse Stefan com a voz inexpressiva.

Enquanto seu medo refluía, Elena se sentiu esvaziar. Choque, pensou ela, estou em choque. Devo começar a gritar desesperadamente a qualquer

minuto.

— Há alguém que possa levá-la para casa? — disse Stefan, ainda com aquela voz insensível de arrepiar.

Elena pensou em Dick e Vickie, fazendo Deus sabia o que ao lado da estátua de Thomas Fell.

— Não — disse ela. Sua mente começava a trabalhar de novo, percebendo as coisas ao redor. O vestido violeta estava rasgado na frente; acabado. Mecanicamente, ela o reuniu sobre a combinação.

— Eu levo você — disse Stefan.

Apesar do torpor, Elena sentiu um arrepio rápido de medo. Olhou para ele, uma figura estranhamente elegante entre as lápides, o rosto pálido ao luar. Ele nunca lhe pareceu tão... tão *lindo*, mas essa beleza era quase alienígena. Não era só estrangeira, era inumana, porque nenhum ser humano podia projetar essa aura de poder ou distanciamento.

— Obrigada. Seria muito gentil — disse ela devagar. Não havia mais nada a fazer.

Eles deixaram Tyler se levantando dolorosamente perto do túmulo do avô. Elena sentiu outro arrepio enquanto eles chegavam à trilha e Stefan se virou para a ponte Wickery.

— Deixei meu carro na pensão — disse ele. — Este é o caminho mais curto para voltarmos.

— Foi por aqui que você veio?

— Não. Não atravessei a ponte, mas será seguro.

Elena acreditou nele. Pálido e silencioso, ele andou ao lado dela sem tocá-la, a não ser quando tirou o blazer para colocar em seus ombros despidos. Ela sentiu uma estranha certeza de que ele poderia matar qualquer coisa que tentasse atingi-la.

A ponte Wickery era branca à luz da lua e embaixo as águas geladas se retorciam sobre pedras antigas. O mundo todo estava sossegado, lindo e frio enquanto eles passavam pelos carvalhos até a estrada rural estreita.

Eles passaram por pastos cercados e campos escuros até que chegaram a uma estradinha sinuosa e longa. A pensão era um prédio grande de tijolos

vermelho-ferrugem, feito de barro nativo, e flanqueado por cedros e bordos antigos. Todas as janelas estavam às escuras, menos uma.

Stefan abriu uma das portas duplas e eles entraram em um pequeno hall, com um lance de escada diretamente diante deles. O corrimão, como as portas, era de carvalho claro natural, tão polido que parecia brilhar.

Eles subiram a escada até o patamar do segundo andar, que era mal iluminado. Para surpresa de Elena, Stefan a levou a um dos quartos e abriu o que parecia ser uma porta de armário. Do outro lado da porta, ela podia ver uma escada muito íngreme e muito estreita.

Que lugar estranho, pensou ela. Essa escada oculta enterrada no coração da casa, onde não penetrava nenhum som do exterior. Ela chegou ao alto da escada e saiu num cômodo grande, que compunha todo o terceiro andar.

Era quase tão mal iluminado quanto a casa, mas Elena podia ver o piso de madeira manchado e as vigas expostas do teto inclinado. Havia janelas altas em todos os lados, e muitas malas espalhadas em meio a alguns móveis imensos.

Ela percebeu que ele a observava.

— Há um banheiro onde eu...?

Ele assentiu para uma porta. Ela tirou o blazer, estendeu para ele sem olhá-lo e entrou.

8

Elena entrou no banheiro grata, tonta e entorpecida. Saiu dele irritada.

Ela não tinha certeza de como a transformação ocorrera. Mas em algum momento, enquanto lavava os arranhões no rosto e nos braços, irritada com a falta de um espelho e com o fato de ter deixado a bolsa no conversível de Tyler, ela começou a *sentir* de novo. E o que sentiu foi raiva.

Maldito Stefan Salvatore. Tão frio e controlado, mesmo enquanto salvava sua vida. Ele que se dane com sua educação, cortesia e os muros que o cercavam, que pareciam mais espessos e mais altos do que nunca.

Ela tirou os grampos que restavam no cabelo e os usou para prender a frente do vestido. Depois penteou o cabelo rapidamente com um pente de osso gravado que encontrou na pia. Saiu do banheiro com o queixo erguido e os olhos semicerrados.

Ele não havia vestido o paletó. Estava parado perto da janela, com o suéter branco e a cabeça tombada, tenso, esperando. Sem levantar a cabeça, ele gesticulou para um pedaço de veludo escuro disposto nas costas de uma cadeira.

— Talvez queira usar isto por cima do vestido.

Era um manto longo, muito sofisticado e macio, com um capuz. Elena colocou o tecido pesado nos ombros. Mas o presente não a abrandou; percebeu que Stefan não tentou se aproximar dela, nem mesmo a olhava ao falar.

Deliberadamente, ela invadiu o espaço territorial dele, puxando o manto e sentindo, mesmo neste momento, um prazer sensual no modo como as dobras caíam em volta de seu corpo, arrastando atrás dela no chão. Ela andou até ele e fez um exame da pesada cômoda de mogno perto da janela.

Nela, havia uma adaga que parecia cruel, com um punho de marfim e um linda xícara de ágata engastada em prata. Havia também uma esfera dourada com uma espécie de mostrador e várias moedas de ouro.

Ela pegou uma das moedas, em parte porque era interessante e em parte porque ela sabia que o irritaria vê-la mexendo em suas coisas.

— O que é isto?

Ele respondeu um instante depois.

— Um florim de ouro. Uma moeda florentina.

— E o que é isso?

— Um relógio alemão de bolso. Do final do século XV — disse ele distraidamente. Ele acrescentou: — Elena...

Ela estendeu a mão para um pequeno cofre de ferro com uma tampa com dobradiças.

— E isso? Ele abre?

— *Não*. — Ele tinha os reflexos de um felino; a mão bateu no cofre, mantendo a tampa abaixada. — Isto é particular — disse ele, a tensão evidente em sua voz.

Ela percebeu que a mão dele só fez contato com a tampa curva de ferro e não com seu corpo. Ela ergueu os dedos e ele retirou a mão de pronto.

De repente, a raiva de Elena era demasiada para ser reprimida por mais tempo.

— Cuidado — disse ela furiosamente. — Não toque em mim, ou pode pegar uma doença.

Ele se virou para a janela.

E no entanto, mesmo enquanto se afastava, voltando ao meio do quarto, Elena podia sentir que ele olhava seu reflexo. E ela entendeu, de repente, como devia parecer a ele, o cabelo claro derramando-se sobre o manto escuro, a mão branca mantendo o veludo fechado no pescoço. Uma princesa enfurecida andando em sua torre.

Ela tombou a cabeça para trás para olhar o alçapão no teto e ouviu um respirar suave e distinto. Quando Elena se virou, o olhar dele estava fixo em

seu pescoço exposto; a expressão em seus olhos a confundiu. Mas no momento seguinte o rosto de Stefan endureceu, excluindo-a.

— Acredito — disse ele — que é melhor levá-la para casa.

Nesse instante, ela queria magoá-lo, fazer com que ele se sentisse tão mal quanto o que fizera a ela. Mas ela também queria a verdade. Estava cansada daquele jogo, cansada de tramas e conspirações, de tentar ler a mente de Stefan Salvatore. Era apavorante e no entanto um alívio maravilhoso ouvir a própria voz pronunciando as palavras em que pensava há tanto tempo.

— Por que você me odeia?

Ele a fitou. Por um momento ele não pareceu saber o que dizer. Depois falou:

— Eu não a odeio.

— Odeia, sim — disse Elena. — Sei que não é... não é de bom-tom dizer isso, mas eu não ligo. Eu sei que devia ser grata a você por me salvar esta noite, mas também não ligo para isso. Eu não pedi a você para me salvar. Antes de mais nada, não sei por que você estava no cemitério. E realmente não entendo por que você fez isso, considerando o que sente por mim.

Ele sacudia a cabeça, mas sua voz era tranquila.

— Eu não a odeio.

— Desde o comecinho, você tem me evitado como se eu fosse... uma espécie de leprosa. Tentei ser simpática, mas você me rejeitou, na minha cara. É isso que um *cavalheiro* faz quando alguém tenta lhe dar as boas-vindas?

Ele agora tentava dizer alguma coisa, mas ela continuou, indiferente.

— Você me esnobou em público várias vezes; você me humilhou na escola. Não estaria falando comigo agora se não fosse uma questão de vida ou morte. É isso que é preciso fazer para arrancar uma palavra sua? Alguém tem que quase ser assassinado? E mesmo agora — continuou ela com amargura — você não me quer por perto. Qual é o seu problema, Stefan Salvatore, por que tem de viver desse jeito? Construindo muros contra os outros para mantê-los a distância? Não pode confiar em ninguém? *Qual é o seu problema?*

Ele agora estava em silêncio, de cara virada. Ela respirou fundo e endireitou os ombros, mantendo a cabeça erguida apesar dos olhos que ardiam, sensíveis.

— E qual é o problema *comigo* — acrescentou ela, mais baixo —, já que você nem olha para mim, mas pode deixar Caroline Forbes cair em cima de você? Eu tenho o direito de saber isso, pelo menos. Não vou incomodá-lo novamente, nem vou falar com você na escola, mas quero saber a verdade antes de ir embora. Por que você me odeia tanto, Stefan?

Devagar, ele se virou e ergueu a cabeça. Seus olhos eram vagos, nada viam, e alguma coisa se retorceu em Elena com a dor que viu naquele rosto.

A voz dele ainda era controlada — mas, com dificuldade, ela podia ouvir o esforço que custava a ele mantê-la estável.

— Sim — disse ele —, acho que tem o direito de saber. Elena. — Ele então olhou para ela, encontrando seus olhos e ela pensou: é tão ruim assim? O que pode ser tão ruim? — Eu não a odeio — continuou ele, pronunciando cada palavra com cuidado, distintamente. — Nunca a odiei. Mas você... me lembra alguém.

Elena ficou confusa. Ela esperava por qualquer coisa, menos isso.

— Eu me pareço com alguém que você conhece?

— Com alguém que conheci — disse ele em voz baixa. — Mas — ele acrescentou lentamente, como se tentasse decifrar alguma coisa consigo mesmo —, você na verdade não é igual a ela. Ela era parecida com você, mas era frágil, delicada. Vulnerável. Por dentro e por fora.

— E eu não sou assim.

Ele fez um som que teria sido uma risada, se houvesse algum humor.

— Não. Você é uma guerreira... Você é... você mesma.

Elena ficou em silêncio por um momento. Não conseguia continuar zangada, vendo a dor no rosto dele.

— Você era muito próximo dela?

— Sim.

— O que aconteceu?

Houve uma longa pausa, tão longa que Elena pensou que ele não ia responder. Mas por fim ele disse:

— Ela morreu.

Elena soltou um suspiro trêmulo. O que restava da raiva fugiu e desapareceu por dentro dela.

— Deve ter doído terrivelmente — disse ela com delicadeza, pensando na lápide branca dos Gilbert em meio à relva. — Eu sinto muito.

Ele não disse nada. Seu rosto se fechou novamente e ele parecia estar olhando alguma coisa ao longe, algo terrível e doloroso que só ele podia ver. Mas não havia apenas tristeza em sua expressão. Através dos muros e por detrás de todo o controle trêmulo, ela podia ver o olhar torturado de culpa e solidão. Um olhar tão perdido e assombrado que ela foi para o lado dele antes que se desse conta do que fazia.

— Stefan — sussurrou ela. Ele não parecia ouvi-la; parecia estar à deriva, em seu próprio mundo de infelicidade.

Ela não pôde deixar de colocar a mão em seu braço.

— Stefan, eu sei como é essa dor...

— Você *não* sabe — explodiu ele, toda a sua quietude irrompendo em fúria. Ele olhou para a mão dela como se acabasse de notá-la ali, como se enfurecido pela afronta de Elena tocar nele. Seus olhos verdes estavam dilatados e escuros enquanto ele se livrava da mão de Elena, atirando a mão para o alto, a fim de impedi-la de tocar nele novamente...

...e de algum modo, em vez disso, ele segurou a mão dela, seus dedos entrelaçados com força, segurando-a com sofreguidão. Ele olhou para as mãos entrelaçadas, aturdido. Depois, lentamente, seu olhar passou dos dedos para o rosto de Elena.

— Elena... — sussurrou ele.

E então ela viu, a angústia despedaçando o olhar dele, como se ele simplesmente não pudesse mais lutar. A derrota enquanto os muros finalmente ruíam e ela via o que havia por trás deles.

E então, desamparado, ele curvou a cabeça para os lábios de Elena.

— Espere... Pare aqui — disse Bonnie. — Acho que vi alguma coisa.

O Ford amassado de Matt reduziu, indo para a lateral da estrada, onde cresciam amoreiras e arbustos espessos. Alguma coisa branca lampejou ali, indo para eles.

— Ai, meu Deus — disse Meredith. — É Vickie Bennett.

A menina cambaleou para os faróis e ficou ali, oscilando, enquanto Matt pisava nos freios. O cabelo castanho-claro estava embaraçado, e os olhos vítreos numa cara suja de terra olhavam para a frente. Ela só usava um corpete branco e fino.

— Traga-a para carro — disse Matt. Meredith já estava abrindo a porta. Pulou para fora e correu até a menina confusa.

— Vickie, você está bem? O que aconteceu com você?

Vickie gemeu, ainda olhando para a frente. Depois de repente pareceu ver Meredith e se agarrou a ela, cravando as unhas em seus braços.

— Vá embora daqui — disse ela, os olhos cheios de uma intensidade desesperada, a voz estranha e espessa, como se ela tivesse alguma coisa na boca. — Todos vocês... Saiam já daqui! Ele está vindo.

— O que esta vindo? Vickie, onde está Elena?

— Saiam daqui *agora*...

Meredith olhou a estrada, depois levou a menina trêmula para o carro.

— Vamos levar você — disse ela —, mas precisa nos dizer o que aconteceu. Bonnie, me dê seu xale. Ela está congelando de frio.

— Ela foi ferida — disse Matt em tom grave. — E está em choque ou coisa assim. A questão é, onde estão os outros? Vickie, Elena estava com você?

Vickie começou a soluçar, colocando as mãos no rosto enquanto Meredith aninhava o xale rosa iridescente de Bonnie em seus ombros.

— Não... Dick... — disse ela indistintamente. Parecia que era doloroso falar. — A gente estava na igreja... Foi horrível. Ele apareceu... como uma névoa cercando tudo. Uma névoa escura. E olhos. Eu vi os olhos dele no escuro, ardendo. Eles me queimavam...

— Ela está delirando — disse Bonnie. — Ou está em choque, ou sei lá como se chama isso.

Matt falou devagar e com clareza.

— Vickie, por favor, só nos diga uma coisa. Onde está Elena? O que houve com ela?

— Eu não *sei*. — Vickie ergueu o rosto manchado de lágrimas para o céu. — Dick e eu... estávamos sozinhos. Nós estávamos... E depois de repente a coisa estava em volta da gente. Eu não consegui correr. Elena disse que a sepultura estava aberta. Talvez tenha saído dali. Foi horrível...

— Eles estavam no cemitério, na igreja em ruínas — interpretou Meredith. — E Elena estava com eles. E olhe só isso. — Na luz do teto do carro, todos puderam ver os arranhões fundos e recentes descendo do pescoço de Vickie até o corpete.

— Parecem marcas de animal — disse Bonnie. — Como garras de gato, talvez.

— Nenhum gato pegou aquele velho embaixo da ponte — disse Matt. Seu rosto estava pálido e os músculos se destacavam em seu maxilar. Meredith seguiu seu olhar pela estrada e sacudiu a cabeça.

— Matt, temos que levá-la primeiro. *Precisamos* fazer isso — disse ela. — Escute, estou tão preocupada com Elena quanto você. Mas Vickie precisa de um médico e temos que chamar a polícia. Não temos alternativa. Precisamos voltar.

Matt olhou a estrada por mais um longo momento, depois soltou o ar num silvo. Batendo a porta do carro, ele o engrenou e deu a volta, cada movimento feito de forma violenta.

E, no caminho para a cidade, Vickie gemia, balbuciando algo sobre os olhos.

Elena sentiu os lábios de Stefan encontrando os dela.

E... Foi tudo muito simples. Todas as perguntas respondidas, todos os medos postos de lado, todas as dúvidas eliminadas. O que ela sentiu não era apenas paixão, mas uma ternura opressiva e um amor tão forte que a fez

tremer por dentro. Teria sido apavorante por sua intensidade, só que enquanto estava com ele, ela não podia ter medo de nada.

Ela estava em casa.

Aquele era o seu lugar e ela enfim o encontrara. Com Stefan, ela estava em casa.

Ele recuou lentamente e ela sentiu que Stefan tremia.

— Ah, Elena — sussurrou ele em seus lábios. — Não podemos fazer...

— Já fizemos — sussurrou ela, puxando-o para si de novo.

Era quase como se ela pudesse ouvir os pensamentos dele, pudesse sentir seus sentimentos. Prazer e desejo disparavam por eles, ligando-os, atraindo os dois. E Elena sentiu também um manancial de emoções mais profundas dentro dele. Ele queria abraçá-la para sempre, protegê-la de todos os perigos. Ele queria defendê-la de qualquer mal que a ameaçasse. Ele queria unir sua vida à dela.

Ela sentiu a terna pressão de seus lábios nos dela e mal suportou sua doçura. *Sim*, pensou ela. A sensação a percorreu como ondas num lago tranquilo e claro. Ela se afogava nele, ao mesmo tempo na alegria que sentia em Stefan e na deliciosa onda de resposta em si mesma. O amor de Stefan a banhava, brilhava por ela, iluminava cada canto escuro de sua alma como um sol. Ela tremeu de prazer, de amor e de desejo.

Ele se afastou lentamente, como se não suportasse se separar dela, e eles se olharam nos olhos com um prazer assombrado.

Não falaram nada. Não havia necessidade de falar. Ele afagou seu cabelo, com um toque tão leve que ela mal podia sentir, como se ele tivesse medo de ela se romper em suas mãos. Ela entendeu, então, que não tinha sido o ódio que fizera com que ele a evitasse por tanto tempo. Não, não tinha sido ódio, de maneira nenhuma.

Elena não fazia ideia de quanto tempo se passara até que eles finalmente desceram a escada da pensão em silêncio. Em qualquer outra hora, ela teria ficado emocionada por entrar no carro preto e reluzente de Stefan, mas esta

noite mal deu pela presença dele. Ele segurava sua mão enquanto os dois seguiam pelas ruas desertas.

Ao se aproximarem da casa, a primeira coisa que Elena viu foram as luzes.

— É a polícia — disse ela, encontrando sua voz com certa dificuldade. Era estranho falar depois de ficar tanto tempo em silêncio. — E aquele é o carro de Robert na entrada, e o outro é o de Matt — disse ela. Ela olhou para Stefan e a paz que a inundara de repente parecia frágil. — O que será que aconteceu? Acha que Tyler já disse a eles...

— Nem Tyler seria tão idiota — disse Stefan.

Ele parou atrás de uma das viaturas da polícia e Elena relutantemente soltou a mão da dele. Elena queria de todo o coração que ela e Stefan ficassem a sós, juntos, que nunca tivessem de enfrentar o mundo.

Mas não havia como evitar isso. Eles andaram pelo passadiço até a porta, que estava aberta. A casa, por dentro, resplandecia de luzes.

Ao entrar, Elena viu o que pareciam dezenas de rostos se virando para ela. Ela teve uma visão repentina de como deveria estar, parada ali na porta com o manto de veludo preto e ondulante, com Stefan Salvatore a seu lado. E depois tia Judith deu um grito e a estava tomando nos braços, sacudindo-a e abraçando-a ao mesmo tempo.

— Elena! Ah, graças a Deus você está bem. Mas onde esteve? E por que não ligou? Não entende o que tivemos de passar?

Elena olhou a sala, pasma. Não entendeu nada.

— Só estamos felizes por ter você de volta — disse Robert.

— Eu estava na pensão, com Stefan — disse ela lentamente. — Tia Judith, este é Stefan Salvatore; ele aluga um quarto lá. Ele me trouxe para casa.

— Obrigada — disse tia Judith a Stefan por sobre a cabeça de Elena. Depois, recuando para olhar Elena, ela disse: — Mas seu vestido, seu cabelo... O que houve?

— Não sabe? Então o Tyler não lhe contou. Mas por que a polícia está aqui? — Elena se aproximou de Stefan por instinto e o sentiu se aproximar

dela de forma protetora.

— A polícia está aqui porque Vickie Bennett foi atacada no cemitério esta noite — disse Matt. Ele, Bonnie e Meredith estavam parados atrás de tia Judith e Robert, parecendo aliviados, meio sem jeito e muito cansados. — Nós a encontramos há umas duas ou três horas e estamos procurando você desde então.

— *Atacada*? — disse Elena, aturdida. — Atacada pelo quê?

— Ninguém sabe — disse Meredith.

— Bom, ora, pode ser que não haja motivos de preocupação — disse Robert num tom tranquilizador. — O médico disse que ela tomou um belo susto e que andou bebendo. Toda a coisa pode ter sido imaginação dela.

— Aqueles arranhões não eram imaginários — disse Matt, educado mas teimoso.

— Que arranhões? Do que vocês estão falando? — perguntou Elena, olhando de um rosto a outro.

— Eu vou te contar — disse Meredith, e explicou, sucintamente, como os outros e ela encontraram Vickie. — Ela ficou dizendo que não sabia onde você estava, que ela estava sozinha com Dick quando aconteceu. E quando nós a levamos, o médico disse que não conseguia encontrar nada de conclusivo. Ela não foi muito ferida, a não ser pelos arranhões; pode ter sido um gato.

— Não há outras marcas nela? — disse Stefan asperamente. Era a primeira vez que ele falava desde que entrara na casa e Elena o olhou, surpresa com seu tom de voz.

— Não — disse Meredith. — É claro que um gato não teria arrancado as roupas dela... Mas Dick pode ter feito isso. Ah, e a língua dela estava mordida.

— *Como é?* — disse Elena.

— Muito mordida, eu quero dizer. Deve ter sangrado muito, e agora ela sente dor quando fala.

Ao lado de Elena, Stefan ficou imóvel.

— Ela tem alguma explicação para o que aconteceu?

— Ela estava descontrolada — disse Matt. — Bem descontrolada; o que dizia não tinha sentido nenhum. Ficou tagarelando sobre olhos e névoa escura e de não conseguir correr... E é por isso que o médico acha que talvez tenha sido alguma alucinação. Mas, pelo que todos podem deduzir, os fatos são que ela e Dick Carter estavam na igreja em ruínas perto do cemitério por volta da meia-noite, e que alguma coisa apareceu e a atacou lá.

Bonnie acrescentou:

— Não atacou o Dick, pelo menos mostra que tem bom gosto. A polícia o encontrou desmaiado no chão da igreja e ele não se lembra de nada.

Mas Elena mal ouviu as últimas palavras. Havia alguma coisa terrivelmente errada com Stefan. Ela não entendia como sabia disso, mas sabia. Ele se enrijecera enquanto Matt terminava de falar e agora, embora não tivesse se mexido, ela sentia que uma grande distância os separava, como se ela e Stefan estivessem em lados opostos de uma falha, uma rachadura no gelo.

Ele disse, na mesma voz terrivelmente controlada que ela ouvira antes em seu quarto:

— Na igreja, Matt?

— Sim, na igreja em ruínas — disse Matt.

— E tem certeza de que ela disse que era meia-noite?

— Ela não tem certeza, mas deve ser sido mais ou menos a essa hora. Nós a encontramos logo depois. Por quê?

Stefan não disse nada. Elena podia sentir o abismo entre eles se ampliando.

— Stefan — sussurrou ela. Depois, em voz alta, ela disse desesperadamente: — Stefan, o que foi?

Ele sacudiu a cabeça. Não me exclua, pensou ela, mas ele nem a olhou.

— Ela vai sobreviver? — perguntou ele abruptamente.

— O médico disse que não há nada de muito errado com ela — disse Matt. — Ninguém sugeriu que ela podia morrer.

O assentir de Stefan foi abrupto; depois ele se virou para Elena.

— Tenho que ir — disse ele. — Agora você está em segurança.

Ela pegou a mão dele enquanto ele se virava.

— Claro que estou em segurança — disse ela. — Graças a você.

— Sim — ele falou. Mas não havia resposta em seus olhos. Estavam resguardados, opacos.

— Me liga amanhã. — Ela apertou a mão dele, tentando transmitir o que sentia sob o olhar atento de todos que observavam. Desejando que ele entendesse.

Ele olhou para as mãos com indiferença, depois, lentamente, de volta a ela. E então, enfim, retribuiu a pressão nos dedos.

— Sim, Elena — sussurrou ele, os olhos prendendo-se nos dela. No minuto seguinte, ele se fora.

Ela respirou fundo e se virou para a sala abarrotada. Tia Judith ainda adejava por ali, o olhar fixo no que podia ser o vestido rasgado de Elena, por baixo do manto.

— Elena — disse ela —, o que *aconteceu*? — E seus olhos foram para a porta, por onde Stefan acabara de sair.

Uma gargalhada meio estrangulada irrompeu na garganta de Elena e ela a sufocou.

— Não foi Stefan quem fez isso — disse ela. — Stefan me salvou. — Ela sentiu o rosto enrijecer e olhou o policial atrás de tia Judith. — Foi Tyler, Tyler Smallwood...

9

Ela não era a reencarnação de Katherine.

Voltando de carro à pensão no silêncio cor de lavanda clara antes do amanhecer, Stefan pensava nisso.

Ele contara muito a ela e o que disse era verdade, mas só agora percebia quanto tempo estivera caminhando para esta conclusão. Ele estivera ciente de cada respiração e movimento de Elena por semanas e classificara cada diferença.

O cabelo de Elena era um ou dois tons mais claro do que o de Katherine, e suas sobrancelhas e cílios eram mais escuros. Os de Katherine eram quase prateados. E ela era mais alta do que Katherine por um bom palmo. Ela também se movimentava com uma liberdade maior; as meninas desta idade ficavam mais à vontade com seu corpo.

Até os olhos de Elena, aqueles olhos que o petrificaram com o choque do reconhecimento no primeiro dia, não eram os mesmos. Os olhos de Katherine em geral eram arregalados, cheios de uma perplexidade infantil, ou baixos, como era adequado para uma jovem do final do século XV. Mas os olhos de Elena o fitavam de frente, olhavam-no fixamente e sem pestanejar. E às vezes eles se estreitavam com determinação ou desafio, de uma forma que Katherine jamais faria.

Em graça, beleza e mero fascínio, elas eram semelhantes. Mas onde Katherine tinha sido uma gatinha branca, Elena era uma tigresa.

Enquanto passava pelas silhuetas dos bordos, Stefan se encolheu com a lembrança que surgiu de repente. Não pensaria nisso, não se permitiria... Mas as imagens já se desenrolavam diante dele. Era como se o diário tivesse caído aberto e ele não pudesse fazer mais do que olhar desamparado a página enquanto a história era tocada em sua mente.

Branco, Katherine estava vestindo branco naquele dia. Um vestido branco e novo de seda veneziana, com mangas recortadas para mostrar a fina chemise de linho por baixo. Ela estava com um colar de ouro e pérolas e brincos minúsculos com pingentes de pérola nas orelhas.

Katherine tinha ficado muito alegre com o vestido novo que o pai encomendara especialmente para ela.

Ela fizera uma pirueta na frente de Stefan, erguendo a saia longa em uma das mãos para mostrar a anágua de brocado amarelo por baixo...

— Está vendo, é bordada com as minhas iniciais. Papai mandou que fizessem assim. *Mein lieber Papa*... — Sua voz falhou e ela parou de girar, uma das mãos lentamente acomodando-se ao lado do corpo. — Mas qual é o problema, Stefan? Você não está sorrindo.

Ele nem podia tentar. Vê-la ali, branca e dourada como uma visão etérea, era fisicamente doloroso para ele. Se ele a perdesse, não sabia como ia viver.

Os dedos de Stefan se fecharam convulsivamente no metal frio e gravado.

— Katherine, como posso sorrir, como posso ser feliz quando...

— Quando?

— Quando vejo como você olha para Damon. — Pronto, estava dito. Ele continuou, com dificuldade. — Antes de ele vir para casa, você e eu ficávamos juntos todo dia. Meu pai e o seu estavam satisfeitos, e falavam de planos para o casamento. Mas agora os dias ficaram mais curtos, o verão está quase acabando... E você passa tanto tempo com Damon quanto comigo. O único motivo para meu pai permitir que ele fique aqui é porque você pediu. Mas *por que* você pediu, Katherine? Pensei que gostasse de mim.

Seus olhos azuis estavam espantados.

— Eu gosto de você, Stefan. Ah, você sabe que gosto!

— Então por que interceder a favor de Damon com meu pai? Se não fosse por você, ele teria atirado Damon na rua...

— O que tenho certeza que agradaria a *você*, irmãozinho. — A voz na porta era suave e arrogante, mas quando Stefan se virou viu os olhos de

Damon em brasa.

— Ah, não, isso não é verdade — disse Katherine. — Stefan jamais desejaria vê-lo magoado.

O lábio de Damon se retorceu e ele lançou a Stefan um olhar enviesado ao andar para o lado de Katherine.

— Talvez não — disse Damon a ela, a voz se suavizando um pouco. — Mas meu irmão tem razão sobre uma coisa, pelo menos. Os dias ficam mais curtos e logo seu pai estará partindo de Florença. E ele a levará... A não ser que você tenha um motivo para ficar.

A não ser que você tenha um marido com quem ficar. As palavras não foram ditas, mas todos as ouviram. O barão gostava demais da filha para obrigá-la a se casar contra a vontade. No fim, teria de ser uma decisão de Katherine. Uma escolha dela.

Agora que o assunto tinha sido levantado, Stefan não conseguiu ficar em silêncio.

— Katherine sabe que deve deixar o pai em breve... — começou ele, ostentando seu conhecimento secreto, mas o irmão o interrompeu.

— Ah, sim, antes que o velho fique desconfiado — disse Damon despreocupadamente. — Até o mais bobo dos pais deve começar a estranhar quando a filha só aparece à noite.

A raiva e a mágoa tomaram Stefan. Era verdade, então; seu irmão sabia. Katherine compartilhara seu segredo com Damon.

— Por que contou a ele, Katherine? Por quê? O que pode ver nele? Um homem que não se importa com nada, a não ser com seu próprio prazer? Como ele pode fazê-la feliz quando só pensa em si mesmo?

— E como este *menino* pode fazê-la feliz quando não sabe nada do mundo? — intrometeu-se Damon, a voz afiada de desdém. — Como ele a protegerá se nunca enfrentou a realidade? Passou a vida toda entre livros e pinturas; ele que fique onde está.

Katherine sacudia a cabeça, aflita, os olhos duas gemas azuis toldados de lágrimas.

— Nenhum dos dois compreende — disse ela. — Vocês pensam que posso me casar e me acomodar aqui como qualquer outra dama de Florença. Mas não posso ser como as outras damas. Como poderia manter um lar com criados que observarão cada movimento meu? Como poderia viver num lugar onde as pessoas verão que os anos não me afetam? Nunca haverá uma vida normal para mim.

Ela respirou fundo e olhou para cada um deles.

— Quem decidir ser meu marido deve abrir mão da vida ao sol — sussurrou ela. — Deve decidir viver sob a lua e nas horas de escuridão.

— Então *você* deve escolher alguém que não tenha medo das sombras — disse Damon, e Stefan ficou surpreso com a intensidade de sua voz. Ele nunca ouvira Damon falar com tanta seriedade, sem simulações. — Katherine, olhe para meu irmão: será ele capaz de renunciar à luz do sol? Ele é apegado demais às coisas banais: seus amigos, a família, os deveres em Florença. A escuridão o destruiria.

— Mentira! — gritou Stefan. Ele agora fervia. — Eu sou tão forte quanto você, *irmão*, e não temo nada nas sombras ou no sol. E amo Katherine mais do que os amigos ou a família...

— ...ou seus deveres? Você a ama o bastante para abrir mão também disso?

— Sim — disse Stefan num tom de desafio. — O bastante para renunciar a tudo.

Damon abriu um de seus sorrisos súbitos e perturbadores. Depois se voltou novamente para Katherine.

— Ao que parece — disse ele —, a escolha é somente sua. Você tem dois pretendentes para sua mão; escolherá um de nós ou nenhum dos dois?

Katherine tombou lentamente a cabeça dourada. Depois ergueu os olhos azuis para os dois.

— Me deem até sábado para pensar. E, nesse meio-tempo, não me pressionem com perguntas.

Stefan assentiu com relutância. Damon disse:

— E no domingo?

— No domingo, ao crepúsculo, eu tomarei minha decisão.

O crepúsculo... A escuridão violeta do crepúsculo...

Os tons de veludo desbotaram em volta de Stefan e ele caiu em si. Não estava anoitecendo, mas amanhecendo, aquele céu tingido ao seu redor. Perdido em pensamentos, ele tinha seguido para a beira do bosque.

A noroeste ele viu a ponte Wickery e o cemitério. Uma nova lembrança acelerou sua pulsação.

Ele havia dito a Damon que estava disposto a abrir mão de tudo por Katherine. E foi exatamente o que fez. Ele renunciara a todo direito à luz do sol e se tornara uma criatura das trevas por ela. Um caçador condenado a ser eternamente perseguido, um ladrão que tinha de roubar a vida para preencher as próprias veias.

E talvez um assassino.

Não, disseram que a menina Vickie não morreria. Mas sua próxima vítima poderia morrer. A pior coisa no último ataque era que ele não se lembrava de nada. Lembrava-se da fraqueza, da necessidade premente, e se lembrava de cambalear pela porta da igreja, mas nada depois disso. Ele recuperou os sentidos do lado de fora com os gritos de Elena ecoando em seus ouvidos — e correu para ela sem parar para pensar no que podia ter acontecido.

Elena... Por um momento ele sentiu um surto de pura alegria e espanto, esquecendo-se de todo o resto. Elena, quente como o sol, suave como a manhã, mas com um cerne de aço que não podia ser rompido. Ela era como o fogo ardendo no gelo, como o gume afiado de uma adaga de prata.

Mas teria ele o direito de amá-la? Seus sentimentos por ela a colocavam em perigo. E se da próxima vez que a necessidade o tomasse Elena fosse o ser humano vivo mais imediato, o mais próximo vaso cheio de sangue quente e renovador?

Morrerei antes de tocar nela, pensou ele, fazendo um juramento para si mesmo. Antes de perfurar suas veias, eu morrerei de sede. E juro que ela

jamais saberá de meu segredo. Ela jamais terá de abrir mão do sol por minha causa.

Atrás dele, o céu clareava. Mas, antes de partir, ele sondou o ambiente com outro pensamento, com toda a força de sua dor, à procura de outro Poder que pudesse estar próximo. Procurando por outra solução para o que acontecera na igreja.

Mas não havia nada, nenhuma sugestão de resposta. O cemitério zombava dele com seu silêncio.

Elena acordou com o sol brilhando na janela. De pronto sentiu como se tivesse acabado de se recuperar de uma longa gripe, como se fosse manhã de Natal. Seus pensamentos eram atabalhoados enquanto ela se sentava.

Ah. Ela estava toda doída. Mas ela e Stefan — isso corrigia tudo. Aquele idiota bêbado do Tyler... Mas Tyler não importava mais. Nada mais importava, a não ser que Stefan a amava.

Ela desceu a escada de camisola, percebendo pela luz inclinada nas janelas que devia ter dormido até muito tarde. Tia Judith e Margaret estavam na sala de estar.

— Bom dia, tia Judith. — Ela deu um abraço longo e surpreendente na tia. — E bom dia, docinho. — Ela puxou Margaret de pé e valsou pela sala com ela. — E... Ah! Bom dia, Robert. — Meio constrangida com sua exuberância e por estar seminua, ela baixou Margaret e correu para a cozinha.

Tia Judith entrou. Embora estivesse com olheiras, ela sorria.

— Você está de bom humor esta manhã.

— Ah, estou sim. — Elena lhe deu outro abraço, para se desculpar pelas olheiras.

— Sabia que temos de voltar à delegacia para falar com eles sobre Tyler?

— Sim. — Elena pegou suco na geladeira e se serviu num copo. — Mas posso visitar Vickie Bennett em casa primeiro? Sei que ela deve estar perturbada, em especial porque parece que nem todo mundo acredita nela.

— Você acredita, Elena?

— Sim — respondeu ela lentamente. — Eu acredito. E, tia Judith — acrescentou, tomando uma decisão —, alguma coisa aconteceu comigo na igreja também. Pensei...

— Elena! Bonnie e Meredith estão aqui para ver você. — A voz de Robert soou do corredor.

O clima de confidências foi rompido.

— Ah... Mande as duas entrar — gritou Elena, tomando um gole de suco de laranja. — Vou lhe contar sobre isso mais tarde — prometeu ela a tia Judith assim que os passos se aproximaram da cozinha.

Bonnie e Meredith pararam na porta, com uma formalidade incomum. Elena ficou sem jeito e esperou até que a tia saísse da cozinha para falar.

Depois deu um pigarro, os olhos fixos em um ladrilho gasto do linóleo. Ela olhou rapidamente de lado e viu que Bonnie e Meredith encaravam o mesmo ladrilho.

Ela deu uma gargalhada e as duas olharam ao ouvi-la rir.

— Estou feliz demais para ficar na defensiva — disse Elena, estendendo os braços para as duas. — E sei que devo me desculpar pelo que disse, e me desculpo *de verdade*, mas não posso ficar toda ridícula com isso. Foi terrível e mereço ser executada, e agora será que podemos fingir que nada aconteceu?

— Você *devia mesmo* se desculpar, fugindo da gente daquele jeito — Bonnie a repreendeu enquanto as três se uniam num abraço apertado.

— E com Tyler Smallwood, ainda por cima — disse Meredith.

— Bom, eu aprendi a lição quanto a isso — disse Elena, e por um momento seu humor azedou. Depois Bonnie soltou sua risada aguda.

— E você ganhou o próprio maioral... Stefan Salvatore! Mas aquilo é que foi uma entrada dramática. Quando você apareceu na porta com ele, pensei que eu estava alucinando. Como *conseguiu* isso?

— Não consegui. Ele só apareceu, como o cavaleiro de um daqueles filmes antigos.

— Defendendo a sua honra — disse Bonnie. — O que pode ser mais emocionante?

— Posso pensar em pelo menos duas coisas — disse Meredith. — Mas talvez Elena tenha cuidado disso também.

— Vou contar tudo a vocês — disse Elena, soltando-as e recuando um passo. — Mas primeiro, vocês vão na casa da Vickie comigo? Quero falar com ela.

— Pode falar *com a gente* enquanto estiver se vestindo, e enquanto estivermos andando, e enquanto estiver escovando os dentes — disse Bonnie com firmeza. — E se deixar um detalhezinho que seja de fora, vai ter que encarar a Inquisição Espanhola.

— Está vendo? — disse Meredith maliciosamente. — Todo o trabalho do Sr. Tanner está compensando. A Bonnie agora sabe que a Inquisição Espanhola não é uma banda de rock.

Elena estava entusiasmada, rindo enquanto as três subiam a escada.

A Sra. Bennett estava pálida e cansada, mas as convidou a entrar.

— Vickie esteve descansando; o médico disse para mantê-la na cama — explicou ela, com um sorriso que tremeu um pouco. Elena, Bonnie e Meredith se apertavam no corredor estreito.

A Sra. Bennett bateu de leve na porta de Vickie.

— Vickie, meu amor, umas meninas da escola querem ver você. Não demorem muito com ela — acrescentou ela a Elena, abrindo a porta.

— Não vamos demorar — prometeu Elena. Ela entrou em um lindo quarto azul e branco, com as outras duas atrás. Vickie estava estirada na cama, encostada em travesseiros, com um edredom azul claro puxado até o queixo. Seu rosto era branco feito papel contra o edredom e os olhos de pálpebras pesadas fitavam à frente.

— Era assim que ela estava ontem à noite — sussurrou Bonnie.

Elena se aproximou da cama.

— Vickie — disse ela delicadamente. Vickie continuava encarando, mas Elena pensou que sua respiração se alterara ligeiramente. — Vickie, pode me ouvir? É Elena Gilbert. — Ela olhou insegura para Bonnie e Meredith.

— Parece que deram tranquilizantes a ela — disse Meredith.

Mas a Sra. Bennett não tinha dito nada sobre ter dado algum remédio a filha. De cenho franzido, Elena voltou-se para a menina que não respondia.

— Vickie, sou eu, Elena. Só queria conversar com você sobre ontem à noite. Quero que saiba que eu acredito em você, sobre o que aconteceu. — Elena ignorou o olhar afiado que Meredith lhe lançava e continuou. — E quero te perguntar...

— Não! — Um grito, rude e penetrante, irrompeu da garganta de Vickie. O corpo que estivera imóvel como uma figura de cera explodiu numa ação violenta. Os cabelos castanho-claros de Vickie chicoteavam no rosto enquanto ela atirava a cabeça de um lado a outro e suas mãos açoitavam o vazio do ar. — Não! Não! — gritou ela.

— Faça alguma coisa! — Bonnie arfou. — Sra. Bennett! Sra. Bennett!

Elena e Meredith tentavam segurar Vickie na cama, e Vickie lutava com as duas. Os gritos continuavam. De repente, a mãe de Vickie estava ao lado delas, ajudando-as a segurar a filha, empurrando as outras.

— O que vocês fizeram com ela? — exclamou a Sra. Bennett.

Vickie se agarrou à mãe, acalmando-se, mas os olhos carregados vislumbraram Elena por sobre o ombro da Sra. Bennett.

— Você faz parte disso! Você é do mal! — gritou ela descontroladamente para Elena. — Fique longe de mim!

Elena ficou confusa.

— Vickie! Eu só vim perguntar...

— Acho que é melhor irem embora agora. Deixem-nos em paz — disse a Sra. Bennett, segurando protetoramente a filha. — Não veem o que estão fazendo com ela?

Num silêncio aturdido, Elena saiu do quarto. Bonnie e Meredith a seguiram.

— Devem ser os remédios — disse Bonnie depois que elas saíram da casa. — Ela ficou totalmente descompensada.

— Repararam nas mãos dela? — disse Meredith a Elena. — Quando tentamos segurá-la, eu peguei uma das mãos. Estava fria como gelo.

Elena sacudiu a cabeça, pasma. Nada disso fazia sentido, mas ela *não ia* deixar que isso estragasse seu dia. Não ia deixar. Desesperadamente, ela vasculhou sua mente em busca de alguma coisa que pudesse compensar a experiência, que lhe permitisse se prender a sua felicidade.

— *Eu* sei — disse ela. — A pensão.

— O quê?

— Eu disse a Stefan para me ligar hoje, mas por que não vamos até a pensão a pé? Não fica muito longe daqui.

— Só uma caminhada de vinte minutos — disse Bonnie. Ela se iluminou. — Pelo menos, finalmente poderemos ver o quarto dele.

— Na verdade — disse Elena —, eu estava pensando que vocês duas podiam ficar embaixo. Bom, eu só vou vê-lo por alguns minutos — acrescentou ela, na defensiva, enquanto as duas a olhavam. Era estranho, talvez, mas ela ainda não queria dividir Stefan com as amigas. Ele era tão novo para ela que parecia quase um segredo.

A batida na porta de carvalho foi atendida pela Sra. Flowers. Ela era uma gnoma baixinha e enrugada com olhos pretos surpreendentemente brilhantes.

— Você deve ser Elena — disse ela. — Vi você e Stefan saindo ontem à noite e ele me disse seu nome quando voltou.

— A senhora nos viu? — disse Elena, sobressaltada. — Eu não a vi.

— Não, não viu — disse a Sra. Flowers, e riu. — Que menina linda você é, minha querida — acrescentou ela. — Uma linda menina. — Ela afagou o rosto de Elena.

— Er, obrigada — disse Elena, pouco à vontade. Ela não gostava do modo como aqueles olhos de passarinho estavam fixos nela. Ela olhou da Sra. Flowers para a escada. — Stefan está?

— Deve estar, a não ser que tenha voado do telhado! — disse a Sra. Flowers, e riu de novo. Elena riu por educação.

— Vamos ficar aqui embaixo com a Sra. Flowers — disse Meredith a Elena, enquanto Bonnie revirava os olhos, martirizada. Reprimindo um sorriso, Elena assentiu e subiu a escada.

Que casa antiga e estranha, pensou ela de novo ao localizar a segunda escada no quarto. As vozes embaixo eram muito fracas ali e, enquanto ela subia os degraus, elas desapareceram inteiramente. Elena foi envolta em silêncio e teve a sensação de que entrara em outro mundo ao se aproximar da porta mal iluminada no alto.

A batida na porta foi muito tímida.

— Stefan?

Ela não conseguia ouvir nada vindo de dentro, mas de repente a porta se abriu. Todo mundo deve estar pálido e cansado hoje, pensou Elena, e em seguida ela estava nos braços dele.

Aqueles braços se estreitaram ao seu redor convulsivamente.

— Elena. Ah, Elena...

Depois ele recuou. Exatamente como fizera na noite anterior; Elena podia sentir o abismo se abrindo entre os dois. Ela viu o olhar frio e correto aparecer em seus olhos.

— Não — disse ela, mal tendo consciência de que falara em voz alta. — Eu não vou deixar. — E puxou a boca de Stefan para a dela.

Por um momento não houve reação, mas depois ele tremeu e o beijo tornou-se ardente. Seus dedos se emaranharam no cabelo de Elena e o universo encolheu em volta dela. Nada mais existia além de Stefan, a sensação de seus braços, o fogo dos lábios nos dela.

Alguns minutos ou séculos depois, eles se separaram, ambos trêmulos. Mas o olhar dos dois continuou conectado e Elena viu que os olhos de Stefan estavam dilatados demais, mesmo para aquela luz fraca; só havia uma fina faixa de verde em volta das pupilas escuras. Ele parecia tonto e a boca — aquela boca! — estava inchada.

— Acho — disse ele, e ela pôde ouvir o controle em sua voz — que é melhor termos cuidado quando fizermos isso.

Elena assentiu, ela mesma tonta. Não em público, pensava ela. E não quando Bonnie e Meredith estavam esperando no andar de baixo. E não quando eles estivessem completamente a sós, a não ser...

— Mas você pode me abraçar — disse ela.

Que estranho, depois dessa paixão ela poder se sentir tão segura, tão tranquila, nos braços dele.

— Eu te amo — sussurrou ela na lã áspera de seu suéter.

Ela sentiu que um tremor percorreu Stefan.

— Elena — disse ele de novo, soando quase desesperado.

Ela levantou a cabeça.

— Qual é o problema? O que pode haver de errado, Stefan? Você não me ama?

— Eu... — Ele olhou para ela, desamparado, e eles ouviram a voz da Sra. Flowers chamando fraquinha do pé da escada.

— Rapaz! Rapaz! Stefan! — Parecia que ela estava batendo com o sapato no corrimão.

Stefan suspirou.

— É melhor ver o que ela quer. — Ele se afastou de Elena, o rosto misterioso.

Sozinha, Elena cruzou os braços e tremeu. Estava tão frio ali. Ele devia ter uma lareira, pensou ela, os olhos percorrendo languidamente o quarto e por fim parando na cômoda de mogno que ela examinara na noite anterior.

O cofre.

Ela olhou a porta fechada. Se ele voltasse e a pegasse... Ela não devia — mas já estava indo para a cômoda.

Pense na esposa do Barba-Azul, disse ela a si mesma. A curiosidade a *matou*. Mas os dedos já estavam na tampa de ferro. Com o coração batendo acelerado, ela abriu a tampa.

Na luz fraca, o cofre em princípio parecia estar vazio e Elena soltou uma risada nervosa. O que ela esperava? Cartas de amor de Caroline? Uma adaga ensanguentada?

Depois ela viu a fina tira de seda, dobrada repetidas vezes num canto. Ela a pegou e passou entre os dedos. Era a fita cor de damasco que ela perdera no segundo dia de aula.

Ah, Stefan. As lágrimas arderam em seus olhos, e no peito o amor brotou desamparadamente, transbordando. Tanto tempo assim? Você gosta

de mim há tanto tempo assim? Ah, Stefan, eu te amo...

E não importa se você não pode me dizer o mesmo, pensou ela. Ela ouviu um som do lado de fora da porta e dobrou rapidamente a fita, recolocando-a no cofre. Depois se virou para a porta, piscando para se livrar das lágrimas.

Não importa que não possa dizer isso agora. Eu direi por nós dois. E um dia você vai aprender a dizer.

10

7 de outubro, cerca de 8h

Querido Diário,
Estou escrevendo isso durante a aula de trigonometria e espero que a Srta. Halpern não me veja.

Não tive tempo para escrever ontem à noite, embora eu quisesse. Ontem foi um dia louco e confuso, exatamente como na noite do Baile do Reencontro. Sentada aqui na escola agora, eu quase sinto que tudo o que aconteceu neste fim de semana foi um sonho. As coisas ruins foram péssimas, mas as boas foram muito, muito boas.

Não vou dar queixa contra Tyler na polícia. Mas ele foi suspenso da escola e expulso do time de futebol. O Dick também, por ficar bêbado no baile. Ninguém está dizendo isso, mas acho que um monte de gente pensa que ele foi responsável pelo que aconteceu com Vickie. A irmã da Bonnie viu Tyler na clínica ontem e disse que os olhos dele estavam pretos e a cara roxa. Não posso deixar de me preocupar com o que vai acontecer quando ele e Dick voltarem para a escola. Agora eles têm mais motivos do que nunca para odiar Stefan.

O que me leva a Stefan. Quando acordei hoje de manhã, entrei em pânico, pensando: "E se tudo isso não for verdade? E se nunca aconteceu, ou se ele mudou de ideia?" E tia Judith estava preocupada no café da manhã porque eu não consegui comer de novo. Mas quando cheguei na escola e o vi no corredor perto da secretaria, ficamos nos olhando. E entendi. Antes de se afastar, ele sorriu, meio torto. E eu entendi isso também, ele tinha razão, era melhor a gente não se

agarrar num corredor público, a não ser que a gente queira alegrar a vida das secretárias.

Estamos definitivamente juntos. Agora eu só tenho que descobrir um jeito de explicar tudo isso a Jean-Claude. Rá rá.

O que não entendo é por que Stefan não está tão feliz com isso quanto eu. Quando estamos juntos, posso sentir como ele se sente e sei o quanto ele me quer, o quanto gosta de mim. Quando me beija, é como se uma fome desesperada pulsasse dentro dele, como se quisesse arrancar minha alma do corpo. Parece um buraco negro que

Ainda 7 de outubro, agora mais ou menos 14h

Bom, uma pequena pausa porque a Srta. Halpern me pegou. Ela até começou a ler em voz alta o que eu tinha escrito, mas então acho que o assunto a constrangeu, seus óculos embaçaram e ela parou. Ela é do tipo Nada Divertido. Estou feliz demais para me importar com coisas menores como a porcaria da trigonometria.

Stefan e eu almoçamos juntos, ou pelo menos fomos para um canto do campo e nos sentamos com meu almoço. Ele nem se incomodou em trazer nada e é claro que por acaso eu também não consegui comer. Não nos tocamos muito — nós não nos tocamos — mas conversamos e nos olhamos demais. Eu quero tocá-lo. Mais do que qualquer menino que tenha conhecido. E sei que ele quer isso também, mas ele se reprime comigo.

É isso que eu não entendo, por que ele reprime, por que ele se segura tanto. Ontem, no quarto dele, encontrei uma prova de que ele andou me observando desde o início. Lembra como eu contei que no segundo dia de aula a Bonnie, a Meredith e eu estávamos no cemitério? Bom, ontem, no quarto de Stefan, eu encontrei a fita damasco que eu usava no cabelo naquele dia. Lembro que ela caiu da minha mão quando eu estava correndo, e ele deve ter pego e guardado.

Eu nem disse a ele que sei, porque ele obviamente quer guardar segredo disso, mas isso mostra, não mostra?, que ele gosta de mim.

Vou te falar de outra pessoa que é do tipo Nada Divertido. Caroline. Ao que parece, ela andou arrastando Stefan para a sala de fotografia todo dia na hora do almoço, e quando ele não apareceu hoje ela saiu para procurar até que nos encontrou. Coitado do Stefan, ele tinha se esquecido totalmente dela e ficou impressionado consigo mesmo. Depois que ela saiu — com um tom verde desagradável e doentio de raiva, devo acrescentar — ele me contou como Caroline grudou nele na primeira semana de aula. Ela disse que percebeu que ele não comia realmente no almoço e nem ela, porque desde então ela estava de dieta, então por que eles não iam a um lugar sossegado para relaxar? Ele não disse nada de ruim sobre ela (o que acho que é de novo o conceito dele de boas maneiras, um cavalheiro não faz isso), mas ele disse que não houve absolutamente nada entre os dois. E quanto a Caroline, acho que ser esquecida foi pior do que se ele tivesse atirado pedras nela.

Mas fico me perguntando por que Stefan não almoça. É estranho para um jogador de futebol americano.

Epa. O Sr. Tanner acaba de passar e eu botei meu caderno em cima do diário bem a tempo. Bonnie está dando risadinhas atrás de seu livro de história, eu posso ver os ombros dela tremendo. E Stefan, que está na minha frente, parece tenso como se estivesse prestes a saltar da cadeira a qualquer momento. Matt está me olhando de um jeito "sua doida" e Caroline me encara feio. Estou sendo muito, muito inocente, escrevendo com os olhos fixos na cara de Tanner. Assim, se isto ficar meio torto e bagunçado, você vai entender por quê.

No último mês, nem tenho sido eu mesma. Não tenho conseguido pensar claramente nem me concentrar em nada, só em Stefan. Há tanta coisa que deixei por fazer que chega a me dar medo. Eu devia estar encarregada da decoração da Casa Mal-Assombrada e não fiz

nadinha ainda. Agora tenho exatamente três semanas e meia para organizar tudo — e quero estar com Stefan.

Eu posso sair do comitê. Mas isso deixaria o trabalho todo com Bonnie e Meredith. E eu fico me lembrando do que Matt disse quando eu pedi a ele para levar Stefan no baile: "Você quer tudo e todos girando em torno de Elena Gilbert."

Isso não é verdade. Ou, pelo menos, pode ter sido antigamente, mas não vou deixar mais que seja verdade. Eu quero — ah, isso vai parecer uma completa idiotice, mas eu quero ser digna de Stefan. Sei que ele não decepcionaria os meninos do time só porque é mais conveniente para ele. Quero que ele tenha orgulho de mim.

Quero que ele me ame tanto quanto eu o amo.

— Rápido! — gritou Bonnie da porta do ginásio. Ao lado dela, o zelador do colégio, o Sr. Shelby, estava esperando.

Elena deu uma última olhada para as figuras distantes no campo de futebol, depois atravessou com relutância o asfalto para se juntar a Bonnie.

— Eu só queria dizer a Stefan aonde eu vou — disse ela. Depois de uma semana com Stefan, ela ainda sentia um arrepio só de pronunciar o nome dele. Esta semana, toda noite ele foi à casa dela, aparecendo na porta lá pelo pôr do sol, de mãos nos bolsos, usando sua jaqueta com a gola erguida. Depois, em geral eles iam dar uma caminhada, ou ficavam sentados na varanda, conversando. Embora não dissessem nada sobre isso, Elena sabia que essa era a maneira de Stefan ter certeza de que eles não ficavam juntos sozinhos. Protegendo a honra dela, pensou Elena maliciosamente e com angústia, porque ela sabia, no fundo, que havia mais do que isso nessa história.

— Ele pode viver sem você por uma noite — disse Bonnie com indiferença. — Se você ficar falando com ele, nunca vai sair, e *eu* quero chegar em casa a tempo para pegar alguma coisa do jantar.

— Oi, Sr. Shelby — disse Elena ao zelador, que ainda esperava pacientemente. Para surpresa dela, ele fechou um olho numa piscadela

solene. — Cadê a Meredith? — acrescentou ela.

— Aqui — disse uma voz de trás, e Meredith apareceu com uma caixa de papelão com pastas de arquivo e blocos nos braços. — Peguei essas coisas no seu armário.

— Já estão todas aqui? — disse o Sr. Shelby. — Muito bem, agora, tratem de deixar a porta bem trancada, entenderam? Assim ninguém pode entrar.

Bonnie, prestes a entrar, parou de repente.

— Tem certeza de que ninguém já está aí dentro *mesmo*? — disse ela preocupada.

Elena lhe deu um empurrão.

— Rápido — imitou ela com maldade. — Quero chegar em casa a tempo para o jantar.

— Não há ninguém aí dentro — disse o Sr. Shelby, a boca se retorcendo sob o bigode. — Mas gritem se quiserem alguma coisa. Eu vou ficar por perto.

A porta bateu atrás delas com um som curiosamente definitivo.

— Ao trabalho — disse Meredith com resignação, colocando a caixa no chão.

Elena assentiu, olhando o salão vazio. Todo ano o Conselho de Alunos montava uma Casa Mal-Assombrada para levantar fundos. Elena era do comitê de decoração há dois anos, junto com Bonnie e Meredith, mas era diferente de ser presidente. Elena tinha de tomar decisões que afetariam a todos e não podia usar o que fizera nos anos anteriores.

A Casa Mal-Assombrada em geral era montada em um depósito de madeira mas, com a crescente inquietude na cidade, ficou decidido que o ginásio da escola era mais seguro. Para Elena, isso significava repensar toda a decoração, e com menos de três semanas até o Halloween.

— Aqui é bem sinistro — disse Meredith em voz baixa. E *havia* alguma coisa perturbadora em estar num grande espaço fechado, pensou Elena. Ela se viu baixando o tom de voz.

— Vamos medir primeiro — disse ela. Elas andaram pelo salão, os passos ecoando.

— Tudo bem — disse Elena quando terminaram. — Vamos tratar de trabalhar. — Ela tentou se livrar da intranquilidade, dizendo a si mesma que era ridículo se sentir insegura no ginásio da escola, com Bonnie e Meredith ao lado dela e todo um time de futebol treinando a menos de 200 metros de distância.

As três se sentaram na arquibancada com canetas e blocos na mão. Elena e Meredith consultaram os esboços de decoração dos anos anteriores, enquanto Bonnie mordia a caneta e olhava em volta pensativamente.

— Bom, aqui está o ginásio — disse Meredith, fazendo um esboço rápido no bloco. — E as pessoas terão de entrar por aqui. Agora, podemos ter o Cadáver Sangrento na ponta... Aliás, quem vai ser o Cadáver Sangrento este ano?

— O treinador Lyman, eu acho. Ele fez um bom trabalho no ano passado e ainda ajuda a manter os meninos do futebol na linha. — Elena apontou seu esboço. — Tudo bem, vamos colocar uma divisória aqui e fazer a Câmara de Tortura Medieval. Eles vão sair direto dela e dar na Sala dos Mortos-Vivos...

— Acho que precisamos ter druidas — disse Bonnie de repente.

— Ter o quê? — disse Elena, e depois, enquanto Bonnie começava a gritar "*druuui*-das", ela agitou a mão, acalmando-a. — Tá legal, tá legal, eu me lembro. Mas por quê?

— Porque foram eles que inventaram o Halloween. É verdade. No início era um de seus dias sagrados, quando eles faziam fogueiras e entalhavam rostos em nabos para afastar os espíritos do mal. Eles acreditavam que este era o dia em que a fronteira entre os vivos e os mortos era a mais fina. E eles tinham medo, Elena. Faziam sacrifícios humanos. Podemos sacrificar o treinador Lyman.

— Na verdade, não é uma ideia tão ruim — disse Meredith. — O Cadáver Sangrento pode ser um sacrifício. Sabe como é, em um altar de pedra, com uma faca e poças de sangue em volta. E depois, quando você chegar bem perto, ele de repente se senta.

— E você tem um ataque cardíaco — disse Elena, mas ela precisava admitir que *era mesmo* uma boa ideia, definitivamente de dar medo. Fez com que se sentisse um pouco menos nauseada de pensar nisso. Todo aquele sangue... Mas na verdade era só xarope de groselha.

As outras meninas também ficaram em silêncio. Do vestiário masculino ao lado, elas podiam ouvir o som de água correndo e portas de armário batendo e, por cima disso, gritos de vozes indistintas.

— O treino acabou — murmurou Bonnie. — Deve estar escuro lá fora.

— Sim, e o Nosso Herói está todo limpinho — disse Meredith, erguendo uma sobrancelha para Elena. — Quer dar uma espiada?

— Eu quero — disse Elena, brincando. De algum modo, de um jeito indefinível, o ambiente ficou sombrio. No momento em que ela *desejou* ver Stefan, quis estar com ele. — Soube de mais alguma coisa sobre Vickie Bennett? — perguntou ela de repente.

— Bom — disse Bonnie, depois de um momento —, eu soube que os pais dela estão levando a garota a um psiquiatra.

— Um psiquiatra? E por quê?

— Bom... Acho que eles pensam que aquelas coisas que ela nos contou foram algum tipo de alucinação. E eu soube que os pesadelos dela são horríveis.

— Ah — disse Elena. Os sons do vestiário dos meninos diminuíam e elas ouviram uma porta bater do lado de fora. Alucinações, pensou ela, alucinações e pesadelos. Por algum motivo, ela de repente se lembrou daquela noite no cemitério, a noite em que Bonnie mandou que todas corressem de alguma coisa que nenhuma delas podia ver.

— É melhor voltar ao nosso trabalho — disse Meredith. Elena se sacudiu para se livrar dos devaneios e assentiu.

— A gente... A gente pode ter um cemitério — disse Bonnie insegura, como se estivesse lendo os pensamentos de Elena. — Na Casa Mal-Assombrada, quero dizer.

— *Não* — disse Elena asperamente. — Não, vamos ficar com o que temos — acrescentou ela com uma voz mais calma e voltou a se curvar sobre

o bloco.

Mais uma vez não houve som algum, a não ser o raspar suave das canetas e o farfalhar de papéis.

— Que bom — disse Elena por fim. — Agora só precisamos medir as diferentes seções. Alguém vai ter que ir para trás das arquibancadas... O que é agora?

As luzes do ginásio piscaram e caíram à metade de sua força.

— Ah, *não* — disse Meredith, exasperada. As luzes piscaram de novo, apagaram e voltaram fracas mais uma vez.

— Não consigo ler nada — disse Elena, olhando o que agora parecia ser uma folha indefinível de papel banco. Ela olhou para Bonnie e Meredith e viu dois glóbulos brancos no lugar do rosto.

— Deve haver alguma coisa errada com o gerador de emergência — disse Meredith. — Vou chamar o Sr. Shelby.

— Não podemos esperar até amanhã? — disse Bonnie com melancolia.

— Amanhã é sábado — disse Elena. — E a gente devia terminar isso esta semana.

— Vou chamar o Shelby — disse Meredith de novo. — Vem, Bonnie, você vai comigo.

Elena começou: — A gente pode ir... — mas Meredith a interrompeu.

— Se todas formos e não conseguirmos encontrá-lo, então não vamos poder voltar. Vem, Bonnie, é só dentro da escola.

— Mas está *escuro* lá.

— Está escuro em todo lugar; é noite. *Vamos*; em dupla, será mais seguro. — Ela arrastou uma Bonnie de má vontade para a porta. — Elena, não deixe ninguém mais entrar.

— Até parece que precisa me dizer isso — disse Elena, abrindo a porta para as duas e olhando-as seguir alguns passos pelo corredor. Quando elas começaram a se misturar com o escuro, Elena recuou para dentro e fechou a porta.

Bem, isso estava uma boa droga, como sua mãe costumava dizer. Elena se aproximou da caixa de papelão que Meredith tinha trazido e começou a

empilhar as pastas e blocos ali dentro. Naquela luz, ela só podia vê-los como formas vagas. Não havia som nenhum, exceto sua própria respiração e os ruídos que ela produzia. Ela estava sozinha na sala imensa e escura...

Alguém a observava.

Ela não entendia como sabia, mas tinha certeza. Alguém estava atrás dela no ginásio escuro, olhando. *Olhos no escuro*, dissera o velho. Vickie tinha dito isso também. E agora aqueles olhos estavam nela.

Ela girou rapidamente para ficar de frente para o salão, esforçando-se para enxergar nas sombras, tentando não respirar. Morria de medo de que a coisa saísse de onde estava para pegá-la se ela fizesse um som que fosse. Mas não conseguia ver nada, não ouvia nada.

As arquibancadas estavam às escuras, formas ameaçadoras se estendendo para o nada. E na extremidade do salão havia simplesmente uma névoa cinza e indefinida. Uma neblina escura, pensou ela, e pôde sentir cada músculo agonizante de tensão enquanto tentava desesperadamente ouvir. Ah, meu Deus, o que era esse sussurro suave? Devia ser sua imaginação... Por favor, que seja só sua imaginação.

De repente, sua mente ficou clara. Ela precisava sair daquele lugar *agora*. Havia um perigo de verdade ali, não era só fantasia. Alguma coisa estava ali, algo maligno, algo que a queria. E ela estava completamente sozinha.

Alguma coisa se moveu nas sombras.

Seu grito ficou paralisado na garganta. Os músculos também paralisaram, mantendo-a imóvel por causa do terror — e por alguma força sem nome. Desamparada, ela viu a forma no escuro se afastar das sombras em sua direção. Era quase como se a própria escuridão tivesse ganhado vida e estivesse se fundindo enquanto ela olhava, tomando forma — uma forma humana, a forma de um jovem.

— Desculpe por ter assustado você.

A voz era agradável, com um leve sotaque que ela não conseguiu identificar. Não parecia lamentar nada.

O alívio foi tão repentino e completo que chegou a doer. Ela arriou os ombros e ouviu a própria respiração sair num suspiro.

Era só um cara, um ex-aluno ou assistente do Sr. Shelby. Só um garoto comum, com um sorrisinho, como se fosse divertido ver Elena quase desmaiar.

Bom... Talvez não muito comum. Ele era extraordinariamente bonito. Seu rosto era pálido no crepúsculo artificial, mas ela podia ver que as feições eram bem definidas e quase perfeitas sob o emaranhado de cabelos pretos. Aquelas maçãs do rosto eram o sonho de um escultor. E ele estava quase invisível, porque usava preto: botas pretas e macias, jeans pretos, suéter preto e jaqueta de couro preta.

Ele ainda estava com o sorrisinho. O alívio de Elena se transformou em raiva.

— Como foi que você entrou? — perguntou ela. — E o que está fazendo aqui? Ninguém mais deveria entrar no ginásio.

— Eu entrei pela porta — disse ele. Sua voz era suave, refinada, mas ela ainda podia perceber um tom de diversão e achou isso desconcertante.

— Todas as portas estão trancadas — replicou ela num tom categórico e acusador.

Ele ergueu as sobrancelhas e sorriu.

— Estão mesmo?

Elena sentiu outro tremor de medo, os pelos da nuca se eriçando.

— Deviam estar — disse ela com a voz mais fria que conseguiu fazer.

— Você está zangada — observou ele gravemente. — Eu pedi desculpas por deixá-la com medo.

— Eu não tive medo! — rebateu ela. Elena se sentia tola diante dele, como uma criança ouvindo a condescendência de alguém mais velho e mais inteligente. Isso a deixou ainda mais furiosa. — Só tomei um susto — continuou ela. — O que não é de admirar, com você zanzando pelo escuro desse jeito.

— Coisas interessantes acontecem no escuro... Às vezes. — Ele ainda ria para ela; ela sabia, pelos olhos dele. Ele se aproximou um passo e ela pôde ver que aqueles olhos não eram comuns, eram quase pretos, mas tinham

uma luz estranha. Como se fosse possível olhar cada vez mais fundo até cair neles, e cair para sempre.

Ela percebeu que estava o encarando. Por que as luzes não se acendiam? Elena queria sair dali. Ela se afastou, colocando a ponta de uma arquibancada entre os dois, e empilhou as últimas pastas na caixa. Esqueça o resto do trabalho por esta noite. Só o que ela queria fazer era ir embora.

Mas o silêncio prolongado a deixou inquieta. Ele só estava parado ali, sem se mexer, olhando para ela. Por que ele não dizia nada?

— Veio procurar alguém? — Ela ficou irritada consigo mesma por ser a primeira a falar.

Ele ainda a fitava, aqueles olhos escuros fixos de um jeito que a deixava cada vez menos à vontade. Elena engoliu em seco.

Com os olhos nos lábios dela, ele murmurou:

— Ah, sim.

— Que foi? — Ela se esqueceu do que perguntara. Seu rosto e a garganta queimavam, ardendo com o calor do sangue. Ela se sentia tão tonta. Se ao menos ele parasse de *olhar* para ela...

— Sim, eu procuro alguém — repetiu ele, não mais alto do que antes. Depois, num passo só, aproximou-se dela de modo que eles estavam separados apenas pelo canto de um banco.

Elena não conseguia respirar. Ele estava tão perto. Perto o bastante para tocar nela. Ela podia sentir um leve odor de sua colônia e o couro da jaqueta. E os olhos ainda estavam fixos nos dela — Elena não conseguia se desviar deles. Não se pareciam com nada que ela vira, escuros como a meia-noite, as pupilas dilatadas como de um gato. Eles encheram sua visão enquanto ele se inclinava, tombando a cabeça para a dela. Ela sentiu os próprios olhos semicerrarem, perdendo o foco. Sentiu a cabeça tombar para trás, os lábios se separarem.

Não! Bem a tempo, ela virou a cabeça de lado. Parecia que tinha sido puxada da beira de um precipício. O que eu estou fazendo?, pensou ela, chocada. Eu estava prestes a deixar que ele me beijasse. Um estranho completo, alguém que só conheço há alguns minutos.

Mas o pior não era isso. Por aqueles poucos minutos, aconteceu uma coisa inacreditável. Por aqueles poucos minutos, ela se esquecera de Stefan.

Mas agora a imagem dele enchia sua mente, o desejando tanto que era como uma dor física em seu corpo. Ela queria Stefan, queria seus braços em volta dela, queria estar segura com ele.

Ela engoliu em seco. Suas narinas inflaram, Elena respirava com dificuldade. Ela tentou manter a voz estável e majestosa.

— Vou sair agora — disse ela. — Se está procurando alguém, acho melhor procurar em outro lugar.

Ele olhava para ela de um jeito estranho, com uma expressão que ela não compreendia. Era um misto de irritação e respeito rancoroso — e outra coisa. Algo quente e feroz que a amedrontava de um jeito diferente.

Ele esperou para responder até que a mão de Elena estivesse na maçaneta e sua voz era suave mas séria, sem vestígio de diversão.

— Talvez eu já tenha encontrado... Elena.

Quando se virou, ela não conseguiu ver nada, só a escuridão.

11

Elena cambaleou pelo corredor escuro, tentando visualizar o que a cercava. Depois o mundo de repente palpitou num clarão e ela se viu cercada por filas conhecidas de armários. Seu alívio foi tão grande que ela quase gritou. Nunca pensou que ficaria tão feliz só por *enxergar*. Ela ficou parada por um minuto, olhando em volta, agradecida.

— Elena! O que está fazendo aqui?

Eram Meredith e Bonnie, disparando pelo corredor na direção dela.

— *Onde vocês estavam?* — disse ela, zangada.

Meredith fez uma careta.

— Não conseguíamos encontrar o Shelby. E quando finalmente o encontramos, ele estava dormindo. Estou falando sério — acrescentou ela, vendo o olhar de incredulidade de Elena. — Dormindo. E depois não conseguimos acordá-lo. Foi só quando as luzes voltaram que ele abriu os olhos. Depois começamos a procurar por você. Mas o que está fazendo *aqui*?

Elena hesitou.

— Eu cansei de esperar — disse ela com a maior leveza que pôde. — De qualquer modo, acho que já trabalhamos o bastante por hoje.

— E agora é que ela diz isso — falou Bonnie.

Meredith não disse nada, mas olhou para Elena de um jeito incisivo e curioso. Elena teve a sensação desagradável de que aqueles olhos escuros enxergavam por baixo da superfície.

Durante todo o fim de semana e na semana seguinte, Elena trabalhou nos planos para a Casa Mal-Assombrada. Nunca havia tempo suficiente para ficar com Stefan e isso era frustrante, mas ainda mais frustrante era o próprio Stefan. Ela podia sentir a paixão dele por ela, mas também podia

sentir que ele lutava, ainda se recusava a ficar totalmente a sós com ela. E de muitas maneiras permanecia envolto pelo mesmo mistério que Elena percebera quando o viu pela primeira vez.

Ele nunca falava da família ou de sua vida antes de ir para Fell's Church e, se ela fizesse alguma pergunta, ele fugia do assunto. Uma vez ela perguntou se ele sentia falta da Itália, se lamentava estar ali. E por um instante seus olhos se iluminaram, o verde faiscando como folhas de carvalho refletidas num regato. "Como posso me lamentar, se *você* está aqui?", disse ele, beijando-a de um jeito que eliminou todas as indagações de sua mente. Naquele momento, Elena sabia como era ser inteiramente feliz. Ela também sentia a alegria dele e, quando ele recuou, viu que seu rosto estava iluminado, como se o sol brilhasse nele.

— Ah, Elena — sussurrou ele.

Os bons momentos eram assim. Mas ultimamente ele a beijava com uma frequência cada vez menor e ela sentia a distância se ampliar entre os dois.

Na sexta-feira, ela, Bonnie e Meredith decidiram dormir na casa dos McCullough. O céu estava cinzento e ameaçava chuviscar enquanto ela e Meredith iam a pé para a casa de Bonnie. Estava estranhamente frio para meados de outubro e as árvores que margeavam a rua silenciosa já sentiam o efeito dos ventos frios. Os bordos eram uma chama de escarlate, enquanto os ginkgos eram de um amarelo radiante.

Bonnie as recebeu na porta.

— Todo mundo saiu! Temos a casa toda só para nós até amanhã à tarde, quando minha família volta de Leesburg. — Ela as conduziu para dentro, pegando o pequinês gordo que tentava sair. — Não, Yangtze, fique aqui. Yangtze, não-não! Não!

Mas era tarde demais. Yangtze tinha escapado e disparava pelo jardim para o bordo solitário, onde latiu estridentemente para um dos galhos, os rolos de gordura no dorso se balançando.

— Ah, o que ele está perseguindo *agora*? — disse Bonnie, colocando as mãos nas orelhas.

— Parece um corvo — disse Meredith.

Elena enrijeceu. Deu alguns passos até a árvore, olhando as folhas douradas. E lá estava. O mesmo corvo que já vira duas vezes. Talvez três, pensou ela, lembrando-se da forma escura voando dos carvalhos no cemitério.

Enquanto olhava, Elena sentiu o estômago encolher de medo e as mãos ficarem frias. Ele a fitava novamente com o olho negro e brilhante, um olhar quase humano. Aqueles olhos... Onde ela vira olhos assim?

De repente as três meninas pularam para trás, quando o corvo soltou um grasnado áspero e bateu as asas, irrompendo das árvores para elas. No último momento, ele desceu no cachorrinho, que agora latia sem parar. Chegou a centímetros dos dentes caninos e subiu de novo, voando sobre a casa e desaparecendo nas nogueiras escuras mais além.

As três meninas ficaram paralisadas de medo. Depois Bonnie e Meredith se olharam, e a tensão se desfez numa gargalhada nervosa.

— Por um momento pensei que ele vinha para cima de nós — disse Bonnie, indo até o pequinês ultrajado e arrastando-o, ainda latindo, para a casa.

— Eu também — disse Elena em voz baixa. E embora seguisse as amigas para dentro, não pôde rir junto com as duas.

Mas depois que ela e Meredith largaram suas coisas, a noite caiu num padrão familiar. Era difícil continuar inquieta sentada na sala de estar abarrotada de Bonnie, ao lado de uma lareira que rugia, com uma xícara de chocolate quente na mão. Logo as três estavam discutindo os últimos planos para a Casa Mal-Assombrada, e Elena relaxou.

— Estamos indo muito bem — disse Meredith por fim. — É claro que passamos tanto tempo imaginando as fantasias de todo mundo que acabamos nem pensando nas nossas.

— A minha é fácil — disse Bonnie. — Vou ser uma sacerdotisa druida, e só preciso de uma guirlanda de folhas de carvalho no cabelo e um manto branco. Mary e eu podemos costurar um numa noite.

— Acho que vou ser uma bruxa — disse Meredith, pensativa. — Só preciso de um vestido longo e preto. E você, Elena?

Elena sorriu.

— Bom, devia ser segredo, mas... Tia Judith me levou a um costureiro. Encontrei uma foto de um vestido renascentista em um dos livros que usei em meu seminário, e vamos copiar. É seda veneziana, azul-gelo, absolutamente lindo.

— Parece bonito mesmo — disse Bonnie. — E caro.

— Estou usando meu próprio dinheiro, do fundo dos meus pais. Só espero que Stefan goste. É uma surpresa para ele, e... Bom, só espero que ele goste.

— O que o Stefan vai ser? Ele está ajudando com a Casa Mal-Assombrada? — perguntou Bonnie com curiosidade.

— Não sei — disse Elena depois de um instante. — Ele não parece muito animado com toda a história de Halloween.

— É difícil vê-lo todo enrolado em lençóis rasgados e coberto de sangue falso como os outros meninos — concordou Meredith. — Ele parece... Bom, nobre demais para isso.

— Já sei! — disse Bonnie. — Sei exatamente o que ele pode ser, e ele nem vai precisar se fantasiar tanto. Olha, ele é estrangeiro, é meio pálido, tem um jeito meditativo maravilhoso... Coloque um fraque nele e você tem um Conde Drácula perfeito!

Elena sorriu a contragosto.

— Bom, vou perguntar a ele — disse ela.

— E por falar em Stefan — disse Meredith, os olhos escuros nos de Elena —, como vão as coisas?

Elena suspirou, olhando para o fogo.

— Não... sei muito bem — disse ela por fim, lentamente. — Tem horas em que tudo é maravilhoso, depois há outras ocasiões em que...

Meredith e Bonnie trocaram um olhar, e Meredith falou delicadamente.

— Outras ocasiões em que...?

Elena hesitou, debatendo-se. Depois tomou uma decisão.

— Só um minutinho — disse ela, levantando-se e correndo pela escada. Ela voltou com um pequeno caderno com capa de veludo azul nas mãos.

— Escrevi parte disso ontem à noite, quando não conseguia dormir — confessou ela. — Isto exprime melhor do que posso falar agora. — Ela encontrou a página, respirou fundo e começou:

"17 de outubro

"Querido Diário,

"Sinto-me péssima esta noite e tenho que dividir isso com alguém.

"Tem alguma coisa errada entre mim e Stefan. Há aquela tristeza horrível dentro dele que eu não consigo alcançar e ela está nos separando, eu não sei o que fazer.

"Não suporto a ideia de perdê-lo. Mas ele está muito infeliz com alguma coisa e, se ele não me contar o que é, se ele não confia tanto em mim, não vejo nenhuma esperança para nós.

"Ontem, enquanto ele me abraçava, senti uma coisa macia e redonda por baixo da camisa dele, algo numa corrente. Perguntei a ele, de brincadeira, se era um presente de Caroline. E ele ficou paralisado e não falou mais. Foi como se ele de repente estivesse a mil quilômetros de mim e os olhos dele... Havia tanta dor nos olhos dele que eu mal consegui suportar."

Elena parou de ler e acompanhou com os olhos as últimas frases escritas no diário. *Senti como se alguém o tivesse magoado muito no passado e ele nunca tivesse superado. Mas também acho que é alguma coisa que ele teme, um segredo que ele tem medo que eu descubra. Se eu soubesse o que era, poderia provar que ele pode confiar em mim. Que ele pode confiar em mim, independentemente do que acontecer, até o fim.*

— Se eu soubesse — sussurrou ela.

— Se você soubesse o quê? — disse Meredith e Elena olhou para ela, sobressaltada.

— Ah... Se eu soubesse o que vai acontecer — disse ela rapidamente, fechando o diário. — Quer dizer, se eu soubesse que um dia vamos terminar, acho que eu simplesmente acabaria com isso. E se eu soubesse que tudo ia

ficar bem no final, não me importaria em nada com o que acontece agora. Mas é horrível passar um dia depois do outro sem ter certeza de nada.

Bonnie mordeu o lábio, sentou-se ereta, os olhos faiscando.

— Posso te mostrar um jeito de descobrir, Elena — disse ela. — Minha avó me contou como descobrir quem vai se casar com você. Chama-se jantar mudo.

— Deixe-me adivinhar, um velho truque de druidas — disse Meredith.

— Não sei se é tão antigo — disse Bonnie. — Minha avó disse que sempre existiram jantares mudos. Mas, de qualquer forma, funciona. Minha mãe viu a imagem de meu pai quando tentou e um mês depois eles se casaram. É fácil, Elena; e o que você tem a perder?

Elena olhou de Bonnie para Meredith.

— Não sei — disse ela. — Mas olha, você não acredita realmente...

Bonnie endireitou o corpo, parecendo ofendida.

— Está chamando a minha mãe de mentirosa? Ah, dá um tempo, Elena, não custa nada tentar. Por que não?

— O que a gente tem que fazer? — disse Elena, em dúvida. Ela se sentia estranhamente intrigada, mas ao mesmo tempo tinha medo.

— É simples. Temos que preparar tudo antes de bater a meia-noite...

Faltando cinco minutos para a meia-noite, Elena estava de pé na sala de estar dos McCullough, sentindo-se mais boba do que qualquer outra coisa. Do quintal, podia ouvir os latidos frenéticos de Yangtze, mas dentro da casa o único som era o bater sem pressa do relógio de pêndulo. Seguindo as instruções de Bonnie, ela colocou um prato, um copo e um jogo de talheres na mesa grande e escura de nogueira, o tempo todo sem dizer nada. Depois, acendeu uma única vela no candelabro no meio da mesa e se posicionou atrás da cadeira, de frente para o prato.

De acordo com Bonnie, no soar da meia-noite ela devia puxar a cadeira e convidar seu futuro marido a entrar. A essa altura, a vela se apagaria e ela veria uma figura espectral na cadeira.

Mais cedo, ela ficou meio inquieta com isso, sem ter certeza se queria ver *alguma* figura espectral, mesmo do possível marido. Mas agora a coisa toda parecia tola e inofensiva. Enquanto o relógio começava a soar, ela endireitou o corpo e segurou bem as costas da cadeira. Bonnie lhe dissera para só soltar quando a cerimônia acabasse.

Ah, isso *era mesmo* muito bobo. Talvez ela não dissesse as palavras... Mas quando o relógio começou a soar a hora, ela se ouviu falando.

— Entre — disse ela, constrangida, para a sala vazia, puxando a cadeira. — Entre, entre...

A vela apagou.

Elena encarou a escuridão súbita. Sentiu o vento, uma lufada fria que apagou a vela. Vinha de trás, das portas francesas, e ela se virou rapidamente, uma das mãos ainda na cadeira. Ela teria jurado que as portas se fecharam.

Alguma coisa se moveu na escuridão.

O terror tomou Elena, eliminando seu constrangimento e qualquer vestígio de diversão. Ah, meu Deus, o que ela tinha feito, o que trouxera para si? O coração se contraiu e parecia que ela tinha sido lançada, de repente, no pesadelo mais apavorante. Não só estava escuro, como também completamente silencioso; não havia nada para ver e nada para ouvir, e ela estava caindo...

— Permita-me — disse uma voz, e uma chama forte crepitou no escuro.

Por um instante terrível e nauseante ela pensou que era Tyler, lembrando-se de seu isqueiro na igreja em ruínas da colina. Mas enquanto a vela na mesa voltava a brilhar, ela viu a mão pálida de dedos longos que se estendia. Não era o punho carnudo e vermelho de Tyler. Por um instante ela pensou que fosse de Stefan, depois seus olhos se ergueram até o rosto.

— Você! — disse ela, surpresa. — O que acha que está fazendo *aqui*? — Ela olhou dele para as portas francesas, que estavam abertas, mostrando o gramado lateral. — Você sempre entra na casa dos outros sem ser convidado?

— Mas você me convidou a entrar. — Sua voz era idêntica à que ela se lembrava, baixa, irônica e maliciosa. Ela também se lembrava do sorriso. — Obrigado — acrescentou ele, e graciosamente se sentou na cadeira que ela puxara.

Ela tirou repentinamente a mão das costas.

— Eu não estava convidando *você* — replicou Elena impotente, presa entre a indignação e o constrangimento. — O que estava fazendo rondando a casa de Bonnie?

Ele sorriu. À luz da vela, o cabelo preto brilhava tanto que parecia ser líquido; macio e fino demais para um cabelo humano. Seu rosto era muito pálido, mas ao mesmo tempo completamente atraente. E os olhos pegaram os dela e se fixaram neles.

— "Helena, tua beleza é para mim como os barcos vitoriosos de outrora, que gentilmente, sobre o perfumado mar..."

— Acho melhor ir embora agora. — Ela não queria que ele falasse mais. Sua voz lhe provocava coisas esquisitas, fazia-a se sentir estranhamente fraca, começava a derreter em seu estômago. — Não devia estar aqui. Por favor. — Ela estendeu a mão para a vela, ameaçando pegá-la e deixá-lo sozinho, reprimindo a vertigem que ameaçava dominá-la.

Mas antes que ela pudesse pegar a vela, ele fez uma coisa extraordinária. Pegou a mão estendida de Elena, não com brusquidão, mas gentilmente, e a segurou nos dedos magros e frios. Depois virou a mão, tombou a cabeça e beijou sua palma.

— Não... — sussurrou Elena, atordoada.

— Venha comigo — disse ele, olhando nos olhos dela.

— Por favor. Não... — sussurrou ela de novo, o mundo girando a seu redor. Do que ele estava falando? Ir com ele para onde? Mas ela se sentia tão tonta, tão fraca.

Ele estava de pé, apoiando-a. Ela se encostou nele, sentiu aqueles dedos frios no primeiro botão da blusa em seu pescoço.

— Por favor, não...

— Está tudo bem. Você verá. — Ele afastou sua blusa do pescoço, a outra mão atrás de sua cabeça.

— *Não*. — De repente, a força lhe voltou e ela se afastou bruscamente dele, tropeçando na cadeira. — Eu disse para você ir embora e falei a sério. Saia... Agora!

Por um instante, uma fúria genuína surgiu nos olhos dele, uma onda escura de ameaça. Depois os olhos ficaram calmos, frios, e ele abriu, um sorriso, doce e brilhante que se apagou de imediato.

— Vou partir — disse Damon. — Por ora.

Ela sacudiu a cabeça e o viu sair pelas portas francesas sem dizer nada. Quando as portas se fecharam depois de sua passagem, ela ficou em silêncio, tentando recuperar o fôlego.

O silêncio... Mas não devia estar silencioso. Ela se virou confusa para o relógio antigo e viu que tinha parado. Mas antes que pudesse examiná-lo de perto, ouviu as vozes elevadas de Meredith e Bonnie.

Ela disparou pelo corredor, sentindo a fraqueza incomum nas pernas, puxando a blusa de volta e abotoando-a. A porta dos fundos estava aberta e Elena pôde ver duas figuras do lado de fora, curvadas sobre alguma coisa no gramado.

— Bonnie? Meredith? O que aconteceu?

Bonnie olhou enquanto Elena se aproximava. Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

— Ah, Elena, ele está morto.

Com um arrepio de pavor, Elena olhou o pequeno fardo aos pés de Bonnie. Era o pequinês, deitado muito rígido de lado, os olhos abertos.

— Ah, *Bonnie* — disse ela.

— Ele era velho — disse Bonnie —, mas eu não esperava que fosse tão rápido. Agorinha mesmo ele estava latindo.

— Acho melhor entrarmos — disse Meredith, e Elena olhou para ela e assentiu. Aquela não era uma noite para ficar no escuro, do lado de fora. Também não era uma noite para convidar coisas a entrar. Ela agora sabia disso, embora ainda não entendesse o que tinha acontecido.

Quando voltaram à sala, Elena descobriu que seu diário havia sumido.

Stefan ergueu a cabeça do pescoço macio como veludo da corça. O bosque estava cheio de ruídos noturnos e ele não sabia o que o perturbava.

Com o Poder de sua mente distraído, a fêmea de cervo saiu de seu transe. Ele sentiu os músculos tremerem enquanto ela tentava se livrar de seus pés.

Vá, então, pensou ele, sentando-se e soltando-a inteiramente. Com um giro e um salto, ela se ergueu e correu.

Ele teve o suficiente. Saciado, ele lambeu os cantos da boca, sentindo os caninos embotados se retraírem, sensíveis demais, como sempre, depois de uma alimentação prolongada. Era difícil saber o quanto bastava. Não havia crises de vertigem desde aquela ao lado da igreja, mas ele vivia com medo de que acontecesse novamente.

Ele vivia com um medo específico: de que ele um dia caísse em si, a mente girando de confusão, e encontrasse o gracioso corpo de Elena flácido em seus braços, o pescoço fino marcado com duas feridas vermelhas, o coração imóvel para sempre.

Era isso que ele tinha de prever.

Mesmo agora, a sede de sangue, com toda a sua miríade de terrores e prazeres, era um mistério para ele. Embora tivesse vivido com isso a cada dia durante séculos, ainda não a entendia. Como humano vivo, ele sem dúvida ficara enojado, nauseado com a ideia de beber o líquido espesso e quente diretamente de um corpo que respirava. Isto é, se alguém se propusesse literalmente a tal coisa com ele.

Mas nada foi dito naquela noite, a noite em que Katherine o transformou.

Mesmo depois de todos aqueles anos, a lembrança era clara. Ele estava dormindo quando ela apareceu em seus aposentos, movendo-se com a suavidade de uma visão ou um fantasma. Ele estava dormindo, sozinho...

Ela vestia uma camisola fina de linho quando se aproximou dele.

Era a véspera do dia que ela marcara, o dia em que ela anunciaria sua decisão. E ela procurou por ele.

A mão branca separou as cortinas em volta de sua cama e Stefan acordou, sentando-se, alarmado. Quando a viu, o cabelo dourado claro cintilando em seus ombros, os olhos azuis perdidos na sombra, ele ficou calado de pasmo.

E de amor. Nunca vira nada mais lindo em sua vida. Ele tremeu e tentou falar, mas ela pôs dois dedos frios em seus lábios.

— Silêncio — sussurrou ela, e a cama afundou sob o novo peso enquanto ela subia.

Com o rosto em brasa, o coração de Stefan martelou de constrangimento e excitação. Nunca houvera uma mulher em sua cama. E esta era Katherine. Katherine, cuja beleza parecia vir do céu. Katherine, que ele amava mais do que a própria alma.

E porque a amava, ele fez um grande esforço. Enquanto ela deslizava por baixo dos lençóis, aproximando-se tanto que Stefan podia sentir o ar frio da noite na camisola fina, ele conseguiu falar.

— Katherine — sussurrou ele. — Nós... podemos esperar. Até que estejamos casados na igreja. Farei com que meu pai organize isso na semana que vem. Não... não vai demorar muito...

— Silêncio — sussurrou ela novamente, e ele sentiu aquela frieza em sua pele. Ele não conseguiu evitar; pôs os braços em volta dela, abraçando-a, trazendo-a para junto dele. — O que fazemos agora nada tem a ver com isso — disse ela, e estendeu os dedos finos para afagar seu pescoço.

Ele entendeu. E sentiu um lampejo de medo, que desapareceu enquanto os dedos continuavam a acariciar. Ele queria isso, queria tudo o que lhe permitisse estar com Katherine.

— Deite-se, meu amor — sussurrou ela.

Meu amor. As palavras cantaram através de Stefan enquanto ele se deitava de costas no travesseiro, tombando o queixo para trás, para que seu pescoço ficasse exposto. Seu medo desaparecera, substituído por uma felicidade tão grande que ele pensou que ia espatifá-lo.

Ele sentiu o suave roçar dos cabelos dela em seu peito e tentou acalmar a respiração. Sentiu o hálito de Katherine em seu pescoço, depois os lábios. E em seguida os dentes.

Houve uma pontada de dor, mas ele se manteve imóvel e não produziu nenhum som, pensando apenas em Katherine, em como queria ceder a ela. E quase ao mesmo tempo a dor cessou e ele sentiu o sangue sendo retirado de seu corpo. Não era terrível, como ele temia. Era uma sensação de entrega, de alento.

Depois foi como se suas mentes se fundissem, tornando-se uma só. Ele podia sentir o júbilo de Katherine ao beber dele, seu prazer em tomar o sangue quente que lhe dava a vida. E ele sabia que ela podia sentir seu prazer em doar. Mas a realidade se distanciava, as fronteiras entre os sonhos e o despertar se toldavam. Ele não conseguia pensar com clareza; não conseguia pensar de forma alguma. Só podia *sentir*, e seus sentimentos espiralavam para cima, levando-o cada vez mais alto, rompendo seus últimos laços com a terra.

Algum tempo depois, sem saber como tinha chegado lá, ele se viu nos braços dela. Katherine o aninhava como a mãe que segura seu bebê, guiando sua boca para pousar na carne nua pouco acima da gola de sua camisola. Havia uma ferida mínima ali, um corte escuro na pele clara. Ele não teve medo nem hesitação e, quando ela lhe afagou o cabelo, estimulando-o, ele começou a sugar.

Frio e preciso, Stefan espanou a terra dos joelhos. O mundo humano dormia, perdido em seu estupor, mas os sentidos estavam afiados como uma faca. Ele devia estar saciado, mas sentia fome de novo; a lembrança despertara seu apetite. Com as narinas infladas para pegar o cheiro almiscarado de uma raposa, ele começou a caçar.

12

Elena girava devagar diante do espelho de corpo inteiro do quarto de tia Judith. Margaret estava sentada ao pé da cama de baldaquino, os olhos azuis grandes e solenes de admiração.

— Queria ter um vestido assim para o Halloween — disse ela.

— Acho que você fica melhor de gatinha branca — disse Elena, dando um beijo entre as orelhas claras e aveludadas, presas à faixa na cabeça de Margaret. Depois ela se virou para a tia, que estava na porta com agulha e linha preparadas. — Está perfeito — disse ela calorosamente. — Não precisamos mudar nada.

A menina no espelho podia ter saído de um dos livros da Renascença italiana de Elena. O pescoço e os ombros estavam nus e o corpete apertado do vestido azul-gelo destacava sua cintura fina. As mangas longas e bufantes eram recortadas para que aparecesse a seda branca da chemise por baixo, e a saia comprida e deslizante roçava o chão em volta dela. Era um lindo vestido, e a cor parecia destacar o azul dos olhos de Elena.

Enquanto se virava, o olhar de Elena caiu no antiquado relógio de pêndulo acima da cômoda.

— Ah, não... São quase sete horas. Stefan vai chegar a qualquer minuto.

— É o carro dele agora — disse tia Judith, olhando pela janela. — Vou descer e abrir a porta.

— Está tudo bem — disse Elena rapidamente. — Eu mesma atendo. Tchau, divirta-se no gostosuras-ou-travessuras! — Ela correu escada abaixo.

Lá vai, pensou ela. Ao chegar à maçaneta, ela se lembrou daquele dia, quase dois meses antes, quando ela se interpôs no caminho de Stefan para a aula de história europeia. Ela sentia a mesma ansiedade, a mesma excitação e tensão.

Só espero que, diferentemente daquele dia, tudo saia melhor do que o planejado, pensou Elena. Na última semana e meia, ela depositara suas esperanças neste momento, nesta noite. Se ela e Stefan não se entendessem esta noite, jamais o fariam.

A porta se abriu e ela recuou com os olhos baixos, sentindo-se quase envergonhada, com medo de encarar Stefan. Mas quando ouviu a respiração áspera, ela levantou a cabeça rapidamente — e sentiu o coração gelar.

Ele a olhava admirado, é verdade. Mas não era a admiração prazerosa que ela vira nos olhos dele na primeira noite em seu quarto. Era algo mais próximo do choque.

— Você não gostou — sussurrou ela, apavorada sob o olhar mordaz dele.

Ele se recuperou rapidamente, como sempre, piscando e sacudindo a cabeça.

— Não, não, é lindo. Você está linda.

Então por que você está parado aí parecendo que viu um fantasma?, pensou ela. Por que não me abraça, me beija... Qualquer coisa!

— Você está incrível — disse ela em voz baixa. E era verdade; ele estava reluzente e bonito no smoking e capa que vestira para seu personagem. Ela ficou surpresa de ele ter concordado com isso, mas quando fez a sugestão, ele pareceu se divertir mais do que qualquer outra coisa. Agora ele estava elegante e confortável, como se as roupas fossem tão naturais para ele quanto os jeans.

— É melhor irmos — disse ele, num tom igualmente baixo e sério.

Elena assentiu e seguiu com ele para o carro, mas seu coração não estava mais apenas frio; estava gelado. Ele estava mais distante do que nunca e ela não fazia ideia de como trazê-lo de volta.

Trovões grunhiram no alto enquanto eles iam para a escola e Elena olhou pela janela do carro com desânimo. O manto de nuvens era espesso e escuro, embora ainda não tivesse começado a chover. O ar estava carregado de eletricidade e o roxo soturno das nuvens dava ao céu uma aparência de pesadelo. Era o clima perfeito para o Halloween, ameaçador e de outro

mundo, mas só despertava medo em Elena. Desde aquela noite na casa de Bonnie, ela deixara de apreciar o sinistro e o misterioso.

Seu diário nunca mais apareceu, embora elas tivessem procurado pela casa toda de Bonnie. Ela ainda não acreditava que ele sumira, e a ideia de um estranho ler seus pensamentos mais íntimos a deixava furiosa por dentro. Porque, claramente, ele fora roubado; que outra explicação haveria? Mais de uma porta foi aberta naquela noite na casa dos McCullough; alguém podia ter simplesmente entrado. Ela queria *matar* quem tinha feito isso.

Uma miragem de olhos escuros surgiu diante dela. Aquele garoto, o garoto a quem ela quase cedera na casa de Bonnie, o menino que a fizera esquecer Stefan. Teria sido ele?

Ela voltou a si enquanto eles estacionavam na escola e se obrigou a sorrir ao seguir pelos corredores. O ginásio era um caos mal organizado. Desde a partida de Elena, tudo tinha mudado. Depois, o lugar ficou cheio de veteranos: membros do Conselho de Alunos, jogadores de futebol, o Key Club, todos dando os últimos retoques nos adereços e cenários. Agora estava cheio de estranhos e a maioria nem era humana.

Vários zumbis se viraram quando Elena entrou, os crânios sorridentes visíveis através da carne podre dos rostos. Um corcunda grotescamente deformado mancou para ela, junto a um cadáver com a pele lívida e buracos nos olhos. De outra direção, veio um lobisomem, o focinho num rosnado coberto de sangue, e uma bruxa sombria e dramática.

Elena percebeu, com um sobressalto, que não conseguia reconhecer metade daquelas pessoas fantasiadas. Depois elas estavam em volta dela, admirando o vestido azul-gelo, anunciando problemas que já tinham surgido. Elena acenou para que se calassem e se virou para a bruxa, cujo cabelo comprido e preto fluía pelas costas de um vestido preto e apertado.

— O que foi, Meredith? — disse ela.

— O treinador Lyman está doente — respondeu Meredith de mau humor —, então alguém tem que pedir ao Tanner para substituir.

— O Sr. *Tanner*? — Elena ficou apavorada.

— É, e ele já está criando problemas. A coitada da Bonnie está cheia. É melhor você ir até lá.

Elena suspirou e assentiu, depois andou pela rota tortuosa da Casa Mal-Assombrada. Ao passar pela horrível Câmara de Tortura e pelo horripilante Covil do Estripador, ela pensou: eles montaram tudo bem *demais*. O lugar era enervante, mesmo quando iluminado.

A Sala dos Druidas ficava perto da saída. Ali, foi montada uma Stonehenge de papelão. Mas a linda e pequena sacerdotisa druida que estava em meio aos monolitos realistas, usando um manto e uma guirlanda de folhas de carvalho, parecia prestes a cair no choro.

— Mas você *tem* que usar o sangue — dizia ela num tom suplicante. — Faz parte do cenário; você é uma vítima de sacrifício.

— Já é bem ruim usar esse manto ridículo — respondeu Tanner asperamente. — Ninguém me disse que eu ia ter de me sujar todo de xarope.

— Não vai cair no *senhor* — disse Bonnie. — Só no manto e no altar. O senhor é o sacrifício — repetiu ela, como se de algum modo isso o convencesse.

— Quanto a isto — disse o Sr. Tanner com repulsa —, a precisão de todo este cenário é muito suspeita. Contrariamente à crença popular, os druidas não construíram Stonehenge; foi construído por uma cultura da Idade do Bronze que...

Elena se aproximou.

— Sr. Tanner, isso não é importante.

— Não, não é, para você — disse ele. — E é por isso que você e sua amiga neurótica aqui são um fracasso em história.

— Isto é impertinente — disse uma voz, e Elena olhou rapidamente por sobre o ombro, vendo Stefan.

— Sr. Salvatore — disse Tanner, pronunciando as palavras como se significassem *Agora meu dia está completo*. — Imagino que tenha novas palavras de sabedoria para dar. Ou vai me deixar com um olho roxo? — Seu olhar percorreu Stefan, que estava parado ali, inconscientemente elegante

em seu smoking de corte perfeito, e Elena sentiu um súbito choque de discernimento.

Tanner na verdade não é muito mais velho do que nós, pensou ela. Ele parece velho por causa da careca incipiente, mas aposto que está na casa dos vinte. Depois, por algum motivo, ela se lembrou de como Tanner ficara no Baile de Reencontro, com seu terno barato e brilhante que não caía bem.

Aposto que ele nunca teve seu próprio baile, pensou ela. E, pela primeira vez, sentiu certa simpatia por ele.

Talvez Stefan também sentisse isso porque, embora tivesse se colocado bem na frente do homenzinho, cara a cara com ele, sua voz era baixa.

— Não, não vou. Acho que toda esta história está ultrapassando as medidas. Por que não... — Elena não conseguiu ouvir o resto, mas ele falava num tom calmo e baixo, e o Sr. Tanner pareceu escutar. Ela olhou para a multidão que tinha se formado atrás dela: quatro ou cinco demônios necrófilos, o lobisomem, um gorila e um corcunda.

— Muito bem, está tudo sob controle — disse ela, e eles se dispersaram. Stefan estava cuidando das coisas, embora ela não soubesse como, uma vez que só conseguia ver sua nuca.

Sua nuca... Por um momento, uma imagem passou diante dela, do primeiro dia de aula. De como Stefan tinha ficado na secretaria falando com a Sra. Clarke, a secretária, e de como a atitude da Sra. Clarke fora estranha. E agora, quando Elena olhou para o Sr. Tanner, ele tinha a mesma expressão meio desnorteada. Elena sentiu uma onda lenta de inquietude.

— Vamos — disse ela a Bonnie. — Vamos em frente.

Elas cortaram caminho pela Sala de Desembarque Alienígena e pela Sala dos Mortos-Vivos, deslizando entre as divisórias, saindo no primeiro ambiente, onde os visitantes entravam e eram recebidos por um lobisomem. O lobisomem tinha tirado a cabeça e falava com um casal de múmias e uma princesa egípcia.

Elena tinha de admitir que Caroline ficava bem de Cleópatra, as linhas de seu corpo bronzeado francamente visíveis através do envoltório de linho

transparente que vestia. Matt, o lobisomem, não podia ser criticado por seus olhos ficarem descendo do rosto de Caroline.

— Tudo certo por aqui? — disse Elena com uma leveza forçada.

Matt se assustou um pouco, depois se virou para ela e Bonnie. Elena mal o vira desde a noite do baile, e sabia que ele e Stefan também estavam distantes. Por causa dela. E embora Matt não pudesse ser criticado por *isso* também, ela sabia o quanto magoava Stefan.

— Está tudo ótimo — disse Matt, parecendo pouco à vontade.

— Quando Stefan terminar com Tanner, acho que vou mandá-lo para cá — disse Elena. — Ele pode ajudar a receber as pessoas.

Matt ergueu os ombros com indiferença. Depois disse:

— Terminar o que com o Tanner?

Elena olhou para ele surpresa. Ela podia jurar que ele estivera na Sala dos Druidas há um minuto. Ela explicou, então.

Do lado de fora, o trovão soou de novo, e através da porta aberta Elena viu um clarão no céu noturno. Houve outro e um estalo mais alto de trovão alguns segundos depois.

— Espero que não chova — disse Bonnie.

— Sim — disse Caroline, que estava parada em silêncio enquanto Elena falava com Matt. — Seria uma *pena* se ninguém viesse.

Elena olhou incisivamente para ela e viu o ódio declarado nos olhos estreitos e felinos de Caroline.

— Caroline — disse ela por impulso —, escute. Você e eu não podemos parar com isso? Não podemos esquecer o que aconteceu e começar de novo?

Sob a dobra em sua testa, os olhos de Caroline se arregalaram e se fecharam de novo numa fenda. Sua boca se retorceu e ela se aproximou de Elena.

— Eu *nunca* vou esquecer — respondeu ela, depois se virou e saiu.

No silêncio que se seguiu, Bonnie e Matt olharam para o chão. Elena foi até a porta para sentir o ar frio no rosto. Do lado de fora, podia ver o campo e os galhos agitados dos carvalhos mais além, e de novo foi tomada de um

pressentimento estranho. Esta é a noite, pensou ela com tristeza. Esta é a noite em que tudo acontece. Mas o que era o "tudo", ela não sabia.

Uma voz soou pelo ginásio.

— Muito bem, tudo pronto para liberar a fila formada no estacionamento. Apague as luzes, Ed! — De repente, a escuridão desceu e o ar ficou cheio de gemidos e risadas descontroladas, como uma orquestra afinando os instrumentos. Elena suspirou e se virou.

— É melhor se preparar para começar a conduzi-los — ela disse a Bonnie em voz alta. Bonnie assentiu e desapareceu no escuro. Matt tinha recolocado a cabeça de lobisomem e ligava um gravador, que acrescentou uma música sinistra à cacofonia.

Stefan veio pelo canto, o cabelo e as roupas se misturando com a escuridão. Só a camisa branca se destacava claramente.

— Está dando tudo certo com Tanner — disse ele. — Há mais alguma coisa que eu possa fazer?

— Bom, você pode trabalhar aqui, com Matt, recebendo as pessoas em... — A voz de Elena falhou. Matt estava curvado sobre o gravador, ajustando meticulosamente o volume, sem olhar para cima. Elena olhou para Stefan e viu seu rosto rígido e inexpressivo. — Ou pode ir até o vestiário dos meninos e ficar encarregado do café e das coisas para os voluntários — terminou ela num tom cansado.

— Vou para o vestiário — disse ele.

Enquanto ele se virava, ela percebeu que ele cambaleava um pouco.

— Stefan? Está tudo bem?

— Tudo ótimo — respondeu ele, recuperando o equilíbrio. — Meio cansado, é só isso. — Ela o viu partir, o peito parecendo mais pesado a cada minuto.

Ela se virou para Matt, ameaçando dizer alguma coisa, mas neste momento a fila de visitantes chegou à porta.

— O show vai começar — disse ele, agachando nas sombras.

Elena andou de sala em sala, resolvendo os problemas. Nos anos anteriores, ela gostava mais desta parte da noite, vendo as cenas horríveis sendo representadas e o terror delicioso dos visitantes, mas esta noite havia uma sensação de pavor e tensão por baixo de todos os seus pensamentos. Esta é a noite, pensou ela novamente, e o gelo em seu peito pareceu se espessar.

Um Ceifeiro Sinistro — ou pelo menos o que pensou ser a figura de capuz e manto preto — passou, e ela se viu distraidamente tentando se lembrar se tinha visto isso em alguma das festas de Halloween. Havia algo de familiar no modo como a figura se movimentava.

Bonnie trocou um sorriso cansado com a bruxa alta e magra que orientava o trânsito para a Sala das Aranhas. Vários meninos do primeiro ano batiam nas aranhas de borracha penduradas e gritavam, incomodando até a si próprios. Bonnie os conduziu para a Sala dos Druidas.

Ali, as luzes estroboscópicas davam ao cenário uma propriedade onírica. Bonnie sentiu um triunfo sombrio ao ver o Sr. Tanner esticado no altar de pedra, o manto branco totalmente sujo de sangue, os olhos fixos no teto.

— Legal! — gritou um dos meninos, correndo até o altar. Bonnie ficou para trás e sorriu, esperando que o sacrificado, todo sujo de sangue, se levantasse e matasse o menino de susto.

Mas o Sr. Tanner não se mexeu, mesmo quando o menino enfiou a mão na poça de sangue perto da cabeça dele.

Que estranho, pensou Bonnie, correndo para evitar que a criança pegasse a faca sacrifical.

— Não faça isso — disse ela. Então o menino ergueu a mão ensanguentada, e ela se exibia, vermelha, em cada clarão da luz estroboscópica. Bonnie sentiu um medo súbito e irracional de que o Sr. Tanner fosse esperar até que ela se curvasse sobre ele e depois a fizesse pular. Mas ele continuava encarando o teto. — Sr. Tanner, o senhor está bem? Sr. Tanner? Sr. Tanner!

Nem um movimento, nem um som. Nem um lampejo daqueles olhos brancos e arregalados. Não toque nele, algo na mente de Bonnie lhe disse de

repente e com urgência. Não toque nele não toque nele não toque nele...

Sob as luzes estroboscópicas, ela viu a própria mão se mover para a frente, viu que pegava o ombro do Sr. Tanner e o sacudia, viu a cabeça dele tombar flácida para ela. Depois viu seu pescoço.

E Bonnie começou a gritar.

Elena ouviu os gritos, eram estridentes, prolongados e diferentes de qualquer outro som na Casa Mal-Assombrada, e ela entendeu de imediato que não eram de brincadeira.

Tudo depois disso foi um pesadelo.

Chegando à Sala dos Druidas num átimo, ela viu um quadro vivo, mas não o preparado para os visitantes. Bonnie gritava, Meredith segurava seus ombros. Três meninos tentavam sair pela saída acortinada e dois seguranças olhavam para dentro, bloqueando seu caminho. O Sr. Tanner estava deitado no altar de pedra, esparramado, e o rosto...

— Ele está morto — Bonnie chorava, os gritos transformando-se em palavras. — Ah, meu Deus, o sangue é de verdade, ele está morto. Eu *toquei* nele, Elena, e ele está morto, ele está morto de verdade...

As pessoas entravam na sala. Alguém mais começou a gritar e isso se espalhou, e então todos tentavam sair, empurrando-se em pânico, chutando as divisórias.

— Acendam as luzes! — gritou Elena, e ouviu o grito ser transmitido por outros. — Meredith, rápido, consiga um telefone no ginásio e chame uma ambulância, ligue para a polícia... Faça com que acendam as luzes!

Quando as luzes se acenderam, Elena olhou em volta, mas não conseguiu ver adulto algum, ninguém que pudesse se encarregar da situação. Parte dela estava fria feito gelo, a mente disparando ao tentar pensar no que fazer a seguir. Outra parte simplesmente estava entorpecida de pavor. O Sr. Tanner... Ela jamais gostara dele, mas de algum modo isso só piorava as coisas.

— Tire todas as crianças daqui. Todo mundo para fora, menos quem estiver trabalhando — disse ela.

— Não! Fechem as portas! Não deixem que *ninguém* saia até que a polícia chegue — gritou um lobisomem ao lado dela, tirando a máscara. Elena se virou aturdida para a voz e viu que não era Matt, mas Tyler Smallwood.

Ele só pudera voltar à escola naquela semana e o rosto ainda estava deformado da surra que levara de Stefan. Mas sua voz tinha autoridade e Elena viu os seguranças fechando a porta de saída. Ela ouviu outra porta se fechar do outro lado do ginásio.

Daquelas dez pessoas, mais ou menos, que se espremiam na área de Stonehenge, Elena só reconheceu uma como voluntária. O restante era gente que ela vira na escola, mas não conhecia nenhuma delas muito bem. Uma delas, um menino vestido de pirata, falou com Tyler.

— Quer dizer... Você acha que alguém aqui fez isso?

— Alguém aqui fez, é isso mesmo — disse Tyler. Havia um tom bizarro e excitado em sua voz, como se ele quase estivesse gostando disso. Tyler gesticulou para a poça de sangue na pedra. — Isso ainda está líquido; não pode ter acontecido há muito tempo. E olha como o pescoço dele foi cortado. O assassino deve ter feito com isso. — Ele apontou para a faca sacrificial.

— Então o assassino pode estar aqui neste instante — sussurrou uma menina de quimono.

— E não é difícil imaginar quem seja — disse Tyler. — Alguém que odiava Tanner, que sempre estava se metendo em discussões com ele. Alguém que estava discutindo com ele esta noite mesmo. Eu vi.

Então *você* era o lobisomem nesta sala, pensou Elena num torpor. Mas o que estava fazendo aqui, antes de tudo? Você não é da equipe da festa.

— Alguém que tem um histórico de violência — continuava Tyler, os lábios se repuxando nos dentes. — Alguém que, até onde sabemos, é um psicopata que veio para Fell's Church só para matar.

— Tyler, de quem você está falando? — O torpor de Elena explodiu como uma bolha. Furiosa, ela se aproximou do rapaz alto e musculoso. — Que absurdo é esse?

Ele gesticulou para ela sem olhá-la.

— É o que diz a namorada dele... Mas talvez ela tenha seus interesses.

— E talvez *você tenha* seus interesses, Tyler — disse uma voz de trás da multidão, e Elena viu um segundo lobisomem abrindo caminho para a sala. Matt.

— Ah, é? Bom, por que não nos conta o que você sabe sobre Salvatore? De onde ele vem? Onde está a família dele? De onde ele tira tanto dinheiro? — Tyler se virou para o resto da multidão. — Quem sabe *alguma coisa* sobre ele?

As pessoas sacudiam a cabeça. Elena podia ver, em um rosto após outro, a desconfiança florescendo. A desconfiança de qualquer coisa desconhecida, qualquer coisa diferente. E Stefan era diferente. Ele era o estranho no meio deles, e justo agora eles precisavam de um bode expiatório.

— Eu ouvi um boato... — começou a menina de quimono.

— É só isso que todo mundo ouviu, boatos! — disse Tyler. — Ninguém *sabe* realmente nada sobre ele. Mas tem uma coisa que eu *sei*. Os ataques em Fell's Church começaram na primeira semana de aulas... *E foi a semana em que Stefan Salvatore chegou*.

Houve um murmúrio crescente e a própria Elena sentiu um choque ao perceber. É claro, tudo isso era ridículo, era só coincidência. Mas o que Tyler dizia era verdade. Os ataques tinham começado quando Stefan chegara.

— Vou lhes contar mais uma coisa — gritou Tyler, gesticulando para todos silenciarem. — Escutem! Vou lhes contar mais uma coisa! — Tyler esperou até que todos estivessem olhando para ele e disse devagar, para impressionar: — Ele estava *no* cemitério na noite em que Vickie Bennett foi atacada.

— É claro que ele estava no cemitério... Dando um jeito na sua cara — disse Matt, mas sua voz carecia da força de costume. Tyler aproveitou o comentário.

— Sim, e ele quase me matou. E hoje à noite alguém *matou mesmo* o Tanner. Não sei o que *você* acha, mas *eu* acho que foi ele. Acho que foi ele!

— Mas onde ele está? — gritou alguém da multidão.

Tyler olhou em volta.

— Se foi ele, ainda deve estar aqui — gritou Tyler. — Vamos encontrá-lo.

— Stefan não fez nada! Tyler... — gritou Elena, mas o barulho da multidão encobriu sua voz. As palavras de Tyler foram transmitidas e repetidas. *Encontrá-lo... Encontrá-lo... Encontrá-lo.* Elena ouviu passarem de uma pessoa para outra. E agora os rostos na Sala dos Druidas expressavam mais do que desconfiança; Elena podia ver neles raiva e uma sede de vingança. A multidão tinha se transformado em algo monstruoso, algo que estava além do controle.

— Onde ele está, Elena? — disse Tyler, e ela viu o triunfo ardendo nos olhos dele. Ele *estava mesmo* gostando disso.

— Não sei — disse ela com ferocidade, querendo bater em Tyler.

— Ele ainda deve estar aqui! Encontrem-no! — gritou alguém, e pareceu que todos estavam em movimento, apontando, empurrando, tudo a um só tempo. As divisórias eram derrubadas e empurradas de lado.

O coração de Elena martelava. Não era mais um grupo de pessoas; era uma turba. Ela ficou apavorada com o que eles fariam com Stefan se o encontrassem, mas ela levaria Tyler diretamente para ele se tentasse avisá-lo.

Ela olhou em volta com desespero. Bonnie ainda olhava para a face sem vida do Sr. Tanner. Não encontraria ajuda ali. Elena se virou para olhar a multidão de novo e seus olhos encontraram os de Matt.

Ele parecia confuso e furioso, o cabelo louro desgrenhado, o rosto corado e suado. Elena pôs toda a força de vontade num olhar de súplica.

Por favor, Matt, pensou ela. Não pode acreditar nisso. Você sabe que não é verdade.

Mas os olhos de Matt revelaram que ele *não* sabia. Havia neles um misto de confusão e agitação.

Por favor, pensou Elena, fitando aqueles olhos azuis, desejando que ele compreendesse. Ah, por favor, Matt, só você pode me salvar. Mesmo que você não acredite, por favor, procure confiar... Por favor...

Ela viu a mudança aparecer em seu rosto, a confusão sumindo à medida que aparecia a determinação implacável. Ele a olhou por mais um instante,

os olhos demorando-se nos dela, e assentiu uma vez. Depois se virou e deslizou pela multidão que andava em círculos, em sua perseguição.

Matt atravessou a multidão como uma faca até chegar ao outro lado do ginásio. Havia alguns calouros parados perto da porta do vestiário dos meninos; ele ordenou bruscamente que começassem a deslocar as divisórias caídas e, quando a atenção deles foi distraída, ele abriu a porta e entrou.

Olhou em volta rapidamente, sem vontade de gritar. Aliás, pensou ele, Stefan deve ter ouvido todo o tumulto no ginásio. Já deve ter dado o fora. Mas então Matt viu a figura vestida de preto no chão de ladrilhos brancos.

— Stefan! O que houve? — Por um instante terrível, Matt pensou que estava olhando para um segundo cadáver. Mas viu movimento ao se ajoelhar ao lado de Stefan.

— Ei, você está bem? Sente-se devagar... Calma. Está tudo bem com você, Stefan?

— Sim — disse Stefan. Ele não parecia bem, pensou Matt. Seu rosto estava lívido e as pupilas muito dilatadas. Ele parecia desorientado e doente. — Obrigado — disse ele.

— Pode me agradecer daqui a pouco. Stefan, você precisa sair daqui. Não pode ouvi-los? Eles estão atrás de você.

Stefan virou-se para o ginásio, como se escutasse, mas não havia compreensão em seu rosto.

— Quem está atrás de mim? Por quê?

— Todo mundo. Não importa. O que importa é que você tem que dar o fora antes que eles cheguem aqui. — Como Stefan continuava simplesmente a olhar sem entender, ele acrescentou: — Houve outro ataque, desta vez a Tanner, o Sr. Tanner. Ele está morto, Stefan, e eles acham que foi você.

Agora, enfim, ele viu a compreensão aparecer nos olhos de Stefan. Compreensão, horror e uma espécie de derrota resignada que era mais assustadora do que qualquer coisa que Matt vira esta noite. Ele pegou com força o ombro de Stefan.

— Eu *sei* que não foi você — disse Matt, e neste momento era verdade. — Eles vão perceber isso também, quando voltarem a raciocinar. Mas, enquanto isso, é melhor você ir embora.

— Ir embora... Sim — disse Stefan. O olhar de desorientação se fora e havia uma amargura empedernida no modo como ele pronunciou as palavras. — Eu vou... embora.

— Stefan...

— Matt. — Os olhos verdes estavam escuros e ardiam, e Matt percebeu que não conseguia se desviar deles. — Elena está segura? Que bom. Então, cuide dela, por favor.

— Stefan, do que está falando? Você é inocente; isso tudo vai passar...

— Só cuide dela, Matt.

Matt recuou, ainda olhando aqueles convincentes olhos verdes. Depois, devagar, assentiu.

— Eu cuidarei — disse ele em voz baixa. E viu Stefan partir.

13

Elena estava dentro do círculo de adultos e policiais, esperando por uma oportunidade de escapar. Ela sabia que Matt tinha alertado Stefan a tempo — o rosto dele lhe dizia isso —, mas ele não conseguira se aproximar o suficiente para falar com ela.

Por fim, com todas as atenções voltadas para o corpo, ela se afastou do grupo e foi até Matt.

— Stefan conseguiu ir embora — disse ele, os olhos no grupo de adultos. — Mas me disse para cuidar de você, e quero que fique aqui.

— *Cuidar* de mim? — O alarme e a suspeita apareceram no rosto de Elena. Depois, quase num sussurro, ela disse: — Entendi. — Ela pensou por um momento e falou com cautela. — Matt, preciso lavar as mãos. Bonnie me sujou de sangue. Espere aqui; eu volto logo.

Ele ia protestar, mas Elena já estava se afastando. Ela ergueu as mãos sujas como explicação enquanto chegava à porta do vestiário das meninas, e a professora que estava parada ali a deixou entrar. No vestiário, porém, ela continuou, saindo pela outra porta e entrando na escola escurecida. E dali saiu para a noite.

Zuccone!, pensou Stefan, pegando uma estante e derrubando-a, fazendo seu conteúdo voar. Tolo! Idiota! Tolo idiota e abominável. Como pôde ser tão estúpido?

Encontrar um lugar com eles aqui? Ser aceito como um deles? Ele devia ter perdido o juízo por pensar que isto era possível.

Ele pegou uma das grandes malas pesadas e as atirou pelo quarto, onde ela bateu na parede mais distante, espatifando uma janela. Estúpido, *estúpido*.

Quem estava atrás dele? Todo mundo. Matt disse isso. "*Houve outro ataque... Eles acham que foi você.*"

Bem, pela primeira vez parecia que os *barbari*, os humanos vivos e mesquinhos e seu medo de qualquer coisa desconhecida, tinham razão. De que outra maneira se explicaria o que acontecera? Ele sentiu a fraqueza, a vertigem, a confusão girando; e depois as trevas o tomaram. Quando despertou, foi para ouvir Matt dizendo que outro ser humano tinha sido pilhado, atacado. Dessa vez roubado não só de seu sangue, mas de sua vida. Como se explicaria *isso* a não ser que ele, Stefan, fosse o assassino?

Um assassino, era o que ele era. Maligno. Uma criatura nascida nas trevas, destinada a viver, caçar e se esconder para sempre. Por que, por que não matar, então? Por que não satisfazer a sua natureza? Como não podia mudá-la, ele podia muito bem se divertir com ela. Ele desencadearia suas trevas sobre aquela cidade que o odiava, que o perseguia mesmo agora.

Mas primeiro... Ele estava com sede. As veias ardiam como uma rede de fios secos e quentes. Ele precisava se alimentar... Logo... Já.

A pensão estava às escuras. Elena bateu na porta, mas ninguém atendeu. Trovões estalavam no alto. Ainda não havia chovido.

Depois da terceira série de batidas, Elena experimentou a porta e ela se abriu. A casa estava silenciosa e escura como breu. Ela foi para a escada tateando e subiu.

O segundo patamar estava igualmente escuro e ela cambaleou tentando encontrar o quarto com a escada para o terceiro andar. Uma luz fraca aparecia no alto e ela subiu os degraus até lá, sentindo-se oprimida pelas paredes e que pareciam próximas demais dos dois lados.

A luz saía por baixo da porta fechada. Elena bateu de leve e rapidamente.

— Stefan — sussurrou ela, depois chamou num tom mais alto. — Stefan, sou eu.

Nenhuma resposta. Ela pegou a maçaneta e abriu a porta, olhando em volta.

— Stefan...

Ela falava com um quarto vazio.

E um quarto cheio de caos. Parecia que uma ventania tinha passado, deixando destruição em seu caminho. As malas que antes estavam nos cantos tão sossegadamente agora se espalhavam em ângulos grotescos, escancaradas, o conteúdo espalhado pelo chão. Uma janela estava quebrada. Todos os pertences de Stefan, todas as coisas que ele guardava com tanto cuidado e parecia valorizar, espalhavam-se como lixo.

O pavor inundou Elena. A fúria, a violência naquela cena de devastação eram dolorosamente claras e lhe deram vertigem. Alguém que tinha um histórico de violência, foi o que Tyler disse.

Eu não me importo, pensou ela, a raiva reprimindo o medo. Não me importo com nada, Stefan; ainda quero ver você. Mas onde você está?

O alçapão no teto estava aberto e o ar frio soprava para baixo. Ah, pensou Elena, e de repente sentiu um arrepio de medo. O teto era tão alto...

Ela nunca havia subido a escada para a sacada e a saia comprida dificultava as coisas. Elena saiu pelo alçapão lentamente, ajoelhando-se no telhado e depois se erguendo. Viu uma figura escura no canto e foi até ela rapidamente.

— Stefan, eu precisava vir... — começou ela, e se interrompeu de repente, porque o clarão de um raio iluminou o céu no exato instante em que a figura no canto girou o corpo. E depois foi como se todos os pressentimentos, medos e pesadelos que tivera na vida estivessem se realizando a um só tempo. Estava além da capacidade de gritar; estava além de qualquer coisa.

Ah, Deus... Não. Sua mente se recusava a entender o que os olhos viam. Não. Não. Ela não olharia para isso, ela não acreditaria...

Mas não pôde deixar de ver. Mesmo que pudesse fechar os olhos, cada detalhe da cena ficou cauterizado em sua memória. Como se o raio tivesse marcado em seu cérebro para sempre.

Stefan. Stefan, tão elegante com suas roupas comuns, a jaqueta de couro preta com a gola virada para cima. Stefan, com o cabelo preto como uma das nuvens de tempestade que rolavam atrás dele. Stefan ficou visível no clarão

de luz, meio virado para ela, o corpo retorcido num agachar bestial, com um grunhido de fúria animal no rosto.

E sangue. Aquela boca arrogante, sensível e sensual estava suja de sangue. Aparecia num vermelho medonho contra a palidez de sua pele, contra a brancura de seus dentes expostos. Em suas mãos estava o corpo flácido de uma pomba, branca como aqueles dentes, as asas estendidas. Outra jazia no chão aos pés dele, como um lenço amassado e descartado.

— Ah, Deus, não — sussurrou Elena. Ela continuou a sussurrar, recuando, mal tendo consciência do que fazia. Sua mente simplesmente não conseguia lidar com aquele horror; seus pensamentos disparavam desvairadamente de pânico, como camundongos tentando escapar de uma gaiola. Ela não ia acreditar nisso, não podia *acreditar*. Seu corpo estava tomado por uma tensão insuportável, o coração explodia, a cabeça girava.

— Ah, Deus, *não*...

— Elena! — Mais terrível que qualquer coisa era isto: ver *Stefan* olhando para ela daquela cara animal, ver o esgar mudando para uma expressão de choque e desespero. — Elena, por favor. Por favor, não...

— Ah, Deus, *não*! — Os gritos tentavam abrir caminho por sua garganta. Ela recuou ainda mais, tropeçando, enquanto ele dava um passo na direção dela. — Não!

— Elena, por favor... Cuidado... — Aquela coisa terrível, a coisa com o rosto de Stefan, vinha atrás dela, os olhos verdes ardentes. Ela se lançou para trás enquanto ele dava outro passo com a mão estendida. Aquela mão longa de dedos finos que afagara seu cabelo com tanta delicadeza...

— Não *toque* em mim! — exclamou ela. E depois ela gritou, enquanto seu movimento a levava contra a grade de ferro da sacada. Era o ferro que estava ali por quase um século e meio, e em certos lugares estava quase totalmente enferrujado. Elena teve pavor de que o peso contra a grade fosse demasiado e sentiu que ia ceder. Ela ouviu o rasgar de metal e madeira sobrecarregados misturando-se com seu próprio grito. E depois não havia nada atrás dela, nada em que se agarrar, e ela caía.

Neste momento ela viu as nuvens roxas fervilhando, o volume escuro da casa ao lado dela. Parecia que tinha tempo para enxergá-los com clareza, sentir uma infinidade de terrores enquanto gritava e caía, e caía.

Mas o espatifar terrível não veio. De repente havia braços em volta dela, sustentando-a no vazio. Houve um baque surdo e os braços se estreitaram, o peso contra o seu corpo, absorvendo o impacto. E então tudo ficou em silêncio.

Ela ficou imóvel dentro do círculo daqueles braços, tentando se orientar, procurando acreditar em outra coisa inacreditável. Ela caíra do telhado do terceiro andar e no entanto ainda estava viva. Estava no jardim atrás da pensão, no silêncio absoluto entre estalos de trovões, com folhas caídas no chão em que deveria estar seu corpo quebrado.

Devagar, ela voltou o olhar para cima, para o rosto daquele que a segurava. Stefan.

Houve medos demais, golpes demais esta noite. Elena não conseguia mais reagir. Só o que pôde fazer foi olhar para ele, espantada.

Havia tanta tristeza nos olhos dele. Aqueles olhos verdes que ardiam como gelo agora estavam escuros e vazios, sem esperanças. O mesmo olhar que ela vira na primeira noite em seu quarto, só que agora era pior. Porque agora havia um ódio por si mesmo misturado ao pesar, e uma condenação amarga. Ela não conseguiu suportar.

— Stefan — sussurrou ela, sentindo que a tristeza penetrava sua própria alma. Ela ainda podia ver o vermelho nos lábios dele, mas agora sentia o despertar de uma onda de compaixão junto com o horror instintivo. Ficar tão só, tão alheio e tão só...

— Ah, Stefan — sussurrou ela.

Não houve resposta daqueles olhos tristes e perdidos.

— Vamos — disse ele em voz baixa, levando-a de volta à casa.

Stefan sentiu um surto de vergonha quando eles chegaram ao terceiro andar e à devastação que era seu quarto. Era insuportável que Elena, de

todas as pessoas, visse aquilo. Mas talvez também fosse adequado que ela visse o que ele verdadeiramente era, o que ele podia fazer.

Elena andou devagar e tonta até a cama e se sentou. Depois olhou para ele, os olhos sombrios encontrando os dele.

— Conte — foi só o que ela disse.

Ele deu uma risada curta, sem humor, e a viu se encolher. Isso o fez se odiar ainda mais.

— O que você precisa saber? — perguntou ele. Ele pôs um pé na tampa de uma mala virada e a encarou quase em desafio, indicando o quarto com um gesto. — Quem fez isso? Fui eu.

— Você é forte — disse ela, os olhos voltados para uma mala virada. Seu olhar subiu, como se ela estivesse se lembrando do que acontecera no telhado. — E rápido.

— Mais forte do que um humano — explicou ele, com uma ênfase deliberada na última palavra. Por que ela não se esconde dele agora, por que não o olhava com o ódio que ele vira antes? Ele não se importava mais com o que ela pensava. — Meus reflexos são mais rápidos e sou mais resistente. Tenho de ser. Sou um caçador — disse ele asperamente.

Alguma coisa no olhar dela lembrou a Stefan como Elena o interrompera. Ele enxugou a boca com as costas da mão, depois foi rapidamente pegar um copo de água que ficara intacto na mesa de cabeceira. Ele podia sentir os olhos de Elena enquanto bebia a água e enxugava a boca novamente. Ah, ele ainda se importava com o que ela pensava, era verdade.

— Você pode comer e beber... outras coisas — disse ela.

— Não preciso — disse ele baixinho, sentindo-se cansado e derrotado. — Não preciso de mais nada. — Ele girou subitamente e sentiu a intensidade apaixonada surgir nele de novo. — Você disse que eu era rápido... Mas isto é exatamente o que não sou. Já ouviu o ditado "os rápidos e os mortos", Elena? Rápido significa vivo; significa aqueles que têm vida. Eu pertenço à outra metade.

Ele podia ver que ela tremia. Mas a voz dela era calma e seus olhos não deixavam os dele.

— Conte — pediu ela de novo. — Stefan, eu tenho o direito de saber.

Ele reconhecia aquelas palavras. E eram tão verdadeiras quanto na primeira vez que ela as pronunciara.

— Sim, creio que tem — disse ele, e sua voz era cansada e dura. Ele olhou a janela quebrada por alguns instantes e voltou a olhar para ela, falando monotonamente. — Nasci no século XV. Acredita nisso?

Ela olhou os objetos que estavam no lugar onde tinham caído depois que ele os varrera da cômoda com um golpe furioso do braço. Os florins, a xícara de ágata, a adaga.

— Sim — disse ela suavemente. — Sim, acredito.

— E quer saber mais? Como vim a ser o que sou? — Quando ela assentiu, ele se virou para a janela de novo. Como poderia contar a ela? Ele, que tinha evitado perguntas por tanto tempo, que tinha se tornado um especialista em se esconder e ludibriar.

Só havia uma maneira, e era dizer a verdade completa, sem esconder nada. Colocar tudo diante dela, o que ele nunca oferecera a nenhuma outra alma.

E ele queria fazer isso. Embora soubesse que no fim a afastaria dele, Stefan precisava mostrar a Elena o que ele era.

E assim, fitando a escuridão do lado de fora da janela, com clarões de brilho azulado ocasionalmente iluminando o céu, ele começou.

Ele falou sem paixão, sem emoção, escolhendo com cuidado as palavras. Contou a ela de seu pai, aquele homem firme da Renascença, de seu mundo em Florença e da propriedade da família no campo. Contou a ela de seus estudos e suas ambições. De seu irmão, que era tão diferente dele, e do mal-estar entre os dois.

— Não sei quando Damon começou a me odiar — disse ele. — Sempre foi assim, desde que me entendo por gente. Talvez fosse porque minha mãe nunca se recuperou realmente de meu parto. Ela morreu alguns anos depois. Damon a amava muito e sempre tive a sensação de que ele me culpava. — Ele parou e engoliu em seco. — E mais tarde houve uma mulher.

— Aquela que parece comigo? — disse Elena suavemente. Ele assentiu. — Aquela — disse ela, mais hesitante — que lhe deu o anel?

Ele olhou o anel de prata no dedo, depois encontrou os olhos dela. E em seguida, lentamente, puxou o anel que usava na corrente sob a camisa e olhou para ele.

— Sim. Este era o anel dela — disse ele. — Sem um talismã desses, morreríamos à luz do sol, queimados como numa fogueira.

— Então ela era... igual a você?

— Ela me tornou o que sou. — Sem se deter, ele contou a Elena sobre Katherine. Sobre a beleza e a doçura de Katherine, e sobre seu amor por ela. E sobre o de Damon.

— Ela era gentil demais, cheia de afeto demais — disse ele por fim, dolorosamente. — Ela cedia a todos, inclusive a meu irmão. Mas dissemos a ela que precisava escolher entre nós dois. E depois... Ela me procurou.

Voltou com força a lembrança daquela noite, daquela noite doce e terrível. Ela o procurara. E ele ficara tão feliz, tomado pelo espanto e pela alegria. Ele tentou contar a Elena sobre isso, encontrar as palavras. Durante toda aquela noite ele ficara tão feliz, e mesmo na manhã seguinte, quando acordou e ela se fora, ele foi entronizado no mais elevado júbilo...

Quase podia ter sido um sonho, mas as duas pequenas feridas em seu pescoço eram reais. Ele ficou surpreso ao descobrir que não doíam e que pareciam estar parcialmente curadas. Elas eram escondidas pela gola alta de sua camisa.

Agora o sangue *dela* ardia em suas veias, pensou ele, e as próprias palavras fizeram seu coração disparar. Ela lhe dera sua força; ela o escolhera.

Ele até teve um sorriso para Damon quando eles se encontraram no local designado naquela noite. Damon estivera ausente da casa o dia todo, mas apareceu no jardim meticulosamente bem cuidado na hora exata, e ficou encostado numa árvore, ajeitando os punhos da camisa. Katherine estava atrasada.

— Talvez ela esteja cansada — sugeriu Stefan, olhando o céu cor de melão esmaecer num profundo azul noturno. Ele tentou manter a presunção longe de sua voz. — Talvez ela precise de mais descanso do que o de costume.

Damon o encarou, incisivo, os olhos escuros e penetrantes sob o emaranhado de cabelos pretos.

— Talvez — disse ele num tom crescente, como se não fosse falar mais nada.

Mas depois eles ouviram passos leves no caminho e Katherine apareceu entre a sebe. Estava com seu vestido branco e linda como um anjo.

Ela abriu um sorriso para os dois. Stefan retribuiu o sorriso educadamente, falando do segredo dos dois apenas com os olhos. Então eles esperaram.

— Vocês me pediram para tomar minha decisão — disse ela, olhando primeiro para ele e depois para o irmão. — E agora chegou a hora que determinei, e lhes direi o que decidi.

Ela ergueu a mão pequena, aquela com o anel, e Stefan olhou a pedra, percebendo que era do mesmo azul-escuro do céu noturno. Era como se Katherine sempre carregasse consigo um pedaço da noite.

— Os dois viram o anel — disse ela em voz baixa. — E sabem que, sem ele, eu morreria. Não é fácil conseguir que façam estes talismãs, mas felizmente minha criada Gudren é inteligente. E há muitos ourives em Florença.

Stefan ouvia sem entender, mas quando ela se virou para ele, ele sorriu de novo, estimulando-a.

— E assim — disse ela, sem desviar os olhos dele —, mandei fazer um presente para você. — Ela pegou a mão dele e colocou algo nela. Quando ele olhou, viu que era um anel com o mesmo feitio, porém maior e mais pesado, e incrustado em prata em vez de ouro.

— Por ora não precisará dele para enfrentar o sol — disse ela com delicadeza, sorrindo. — Mas em breve precisará.

O orgulho e o êxtase o deixaram mudo. Ele estendeu o braço para lhe beijar a mão, querendo tomá-la nos braços ali mesmo, diante de Damon. Mas Katherine estava se afastando.

— E para você — disse ela, e Stefan pensou que seus ouvidos o deviam estar traindo, porque certamente o calor, a ternura na voz de Katherine não podia ser para seu irmão —, para você também. Precisará dele em breve também.

Os olhos de Stefan também deviam ser traidores. Mostravam-no o que era impossível, o que não podia ser. Na mão de Damon, Katherine colocava um anel idêntico ao dele.

O silêncio que se seguiu foi completo, como o silêncio após o fim do mundo.

— Katherine... — Stefan mal teve forças para pronunciar as palavras. — Como pode dar isso a *ele*? Depois do que compartilhamos...

— O que *vocês* compartilharam? — A voz de Damon foi como o estalo de um chicote e ele se virou com raiva para Stefan. — Na noite passada ela veio *a mim*. A decisão já foi tomada. — E Damon baixou a gola alta para mostrar as duas feridas minúsculas no pescoço. Stefan as encarou, reprimindo a forte náusea. Eram idênticas às que ele próprio trazia.

Ele sacudiu a cabeça completamente espantado.

— Mas Katherine... Não foi um sonho. Você veio *a mim*...

— Eu procurei os dois. — A voz de Katherine era tranquila, até agradável, e seus olhos eram serenos. Ela sorriu para Damon e depois para Stefan. — Isso me enfraqueceu, mas estou feliz por ter feito. Não entendem? — Ela continuou enquanto eles a fitavam, admirados demais para falar. — Esta é a minha decisão! Eu amo os dois e não abrirei mão de nenhum de vocês. Agora nós três ficaremos juntos e seremos felizes.

— Felizes... — Stefan disse numa voz sufocada.

— Sim, felizes! Nós três seremos companheiros, alegres companheiros, para sempre. — Sua voz se elevou de exaltação e a luz de uma criança radiante brilhou em seus olhos. — Ficaremos juntos para sempre, jamais

adoeceremos, jamais envelheceremos, até o fim dos tempos! Esta é a minha decisão.

— Feliz... com *ele*? — A voz de Damon tremia de fúria e Stefan viu que o irmão normalmente controlado estava lívido de raiva. — Com esse *menino* se colocando entre nós, este palrador, esse protótipo bombástico da virtude? Mal consigo suportar olhar para ele agora. Espero, por Deus, nunca mais vê-lo, nunca mais ouvir sua voz!

— E desejo o mesmo para *você*, irmão — rosnou Stefan, o coração rasgando em seu peito. Isto era culpa de Damon; Damon tinha envenenado a mente de Katherine para que ela não soubesse mais o que fazia. — E estou inclinado a me certificar disto — acrescentou ele com violência.

Damon não teve dúvida da ameaça.

— Então pegue sua espada, se puder encontrá-la — sibilou ele em resposta, os olhos escuros e ameaçadores.

— Damon, Stefan, por favor! Não, por favor! — exclamou Katherine, colocando-se entre eles, pegando o braço de Stefan. Ela olhou de um para outro, os olhos azuis arregalados de choque e brilhando de lágrimas que não eram vertidas. — Pensem no que estão dizendo. Vocês são irmãos.

— Mas não por culpa minha — disse Damon, fazendo das palavras uma maldição.

— Mas não podem fazer as pazes? Por mim, Damon... Stefan? *Por favor?*

Parte de Stefan queria derreter ao olhar desesperado de Katherine, às lágrimas dela. Mas o orgulho ferido e o ciúme eram fortes demais e ele sabia que seu rosto estava tão rígido e inflexível quanto o de Damon.

— Não — disse ele. — Não podemos. Deve ser um ou outro, Katherine. Nunca a partilharei com *ele*.

A mão de Katherine deixou o braço de Stefan e as lágrimas caíram de seus olhos, gotas grandes que se esparramaram no vestido branco. Ela prendeu a respiração num soluço arrebatado. Em seguida, ainda chorando, ergueu a saia e correu.

— E depois Damon colocou o anel que ela lhe deu — disse Stefan, a voz rouca de emoção e de tanto falar. — E me disse: "Eu ainda a terei, *irmão*." E depois se afastou. — Ele se virou, piscando como se viesse da escuridão para a luz, e olhou para Elena.

Ela estava sentada imóvel na cama, fitando-o com aqueles olhos que eram tão parecidos com os de Katherine. Especialmente agora, quando estavam cheios de tristeza e pavor. Mas Elena não fugiu. Ela falou com ele.

— E... o que aconteceu?

As mãos de Stefan se fecharam violentamente por reflexo e ele se afastou repentinamente da janela. Essa lembrança não. Ele não suportava essa lembrança, e muito menos tentaria *falar* dela. Como poderia fazer isso? Como levaria Elena para aquelas trevas e lhe mostraria as coisas terríveis que se ocultavam ali?

— *Não* — disse ele. — Não posso. *Não posso.*

— Você precisa me contar — pediu ela delicadamente. — Stefan, é o final da história, não é? É o que está por trás de todos os seus muros, é o que você tem medo de me deixar ver. Mas você precisa deixar. Ah, Stefan, não pode parar agora.

Ele podia sentir o horror alcançando-o, o poço escancarado que vira com tanta clareza, sentira com tanta clareza tanto tempo atrás. No dia em que tudo terminara — quando tudo começara.

Ele sentiu pegarem suas mãos e quando desviou o olhar viu que os dedos de Elena se fechavam nelas, dando-lhe calor, dando-lhe forças. Os olhos dela estavam fixos nos dele.

— Conte.

— Quer saber o que aconteceu depois, o que foi feito de Katherine? — sussurrou ele. Ela assentiu, os olhos quase cegos, mas ainda firmes. — Então vou lhe contar. Ela morreu no dia seguinte. Meu irmão Damon e eu, nós a matamos.

14

Elena sentiu o corpo se arrepiar com as palavras.

— Você não está falando sério — disse ela, trêmula. Ela se lembrava do que tinha visto no telhado, o sangue sujando a boca de Stefan, e se obrigou a não recuar dele. — Stefan, eu conheço você. Não pode ter feito isso...

Ele ignorou seus protestos, apenas continuou a encará-la com os olhos verdes que queimavam como o gelo, uma frieza intensa e profunda. Ele olhava através dela, para uma distância incompreensível.

— Enquanto eu estava deitado na cama naquela noite, esperei, em vão, que ela viesse. Já havia percebido algumas mudanças em mim. Podia enxergar melhor no escuro; parecia que eu podia ouvir melhor. Eu me sentia mais forte do que nunca, cheio de uma energia elementar. E estava faminto.

"Eu tinha uma fome que nunca imaginara. No jantar, descobri que a comida e a bebida comuns não me satisfaziam. E depois vi o pescoço branco de uma das criadas e entendi por quê. — Ele respirou fundo, os olhos escuros e torturados. — Naquela noite, resisti à necessidade, embora requeresse toda a minha força de vontade. Fiquei pensando em Katherine e rezando para que ela viesse a mim. Rezando! — Ele soltou uma risada curta. — Se uma criatura como eu pode rezar."

Os dedos de Elena estavam dormentes por causa da pressão de Stefan, mas ela tentou apertá-los, para tranquilizá-lo.

— Continue, Stefan.

Ele agora não tinha dificuldades para falar. Parecia quase ter se esquecido da presença dela, como se estivesse contando a história para si mesmo.

— Na manhã seguinte, a necessidade era mais forte. Era como se minhas próprias veias estivessem secas e rachadas, desesperadas pelo fluido. Eu

sabia que não podia suportar por muito tempo.

"Fui aos aposentos de Katherine. Pretendia pedir a ela, implorar-lhe... — Sua voz falhou, ele se interrompeu, depois prosseguiu. — Mas Damon já estava lá, esperando do lado de fora do quarto. Eu podia ver que *ele* não tinha resistido à necessidade. O brilho de sua pele, a agilidade de seu passo me disseram isso. Ele parecia presunçoso como um peixe na água.

"Mas ele não teve Katherine. 'Bata, se quiser', disse-me ele, 'mas a mulher dragão aí dentro não o deixará entrar. Já tentei. Devemos dominá-la, eu e você?'

"Não respondi. Sua expressão, aquele olhar astuto e convencido me repelia. Soquei tanto a porta que poderia acordar os..." Ele se interrompeu, depois de outra risada sem humor. "Eu ia dizer 'acordar os mortos'. Mas não é assim tão difícil acordar os mortos, é?"

Depois de um momento, ele continuou.

— A criada, Gudren, abriu a porta. Tinha o rosto como um prato branco e achatado, os olhos como vidro preto. Perguntei-lhe se eu podia ver a senhora. Eu esperava ouvir que Katherine estava dormindo, mas em vez disso Gudren só olhou para mim, depois para Damon, por sobre meu ombro.

"'Eu não diria a *ele*', disse ela por fim, 'mas direi ao senhor. Minha senhora Katherine não está. Ela saiu de manhã cedo, para caminhar nos jardins. Disse que precisava muito pensar.'

"Fiquei surpreso. 'De manhã cedo?', perguntei.

"'Sim', respondeu ela. Ela olhou com franqueza para mim e Damon. 'Minha senhora estava muito infeliz na noite passada', disse ela sugestivamente. 'Chorou a noite toda.'

"Quando ela disse isso, uma sensação estranha me dominou. Não era só vergonha e pesar por Katherine estar tão infeliz. Era medo. Eu esqueci de minha fome e fraqueza. Até me esqueci de minha inimizade por Damon. Estava cheio de pressa e de uma imensa urgência. Virei-me para Damon e lhe disse que tínhamos de encontrar Katherine, e para minha surpresa ele assentiu.

“Começamos a procurar nos jardins, chamando por Katherine. Lembro-me exatamente de como estava tudo naquele dia. O sol brilhava nos ciprestes altos e nos pinheiros do jardim. Damon e eu corríamos entre eles, movimentando-nos cada vez mais rápido, e chamávamos. Continuamos chamando por ela...”

Elena pôde sentir os tremores no corpo de Stefan, transmitidos a ela pelos dedos firmes em sua mão. Ele respirava rapidamente, mas de forma superficial.

— Quase havíamos chegado ao final dos jardins quando me lembrei de um lugar que Katherine adorava. Era uma trilhazinha no campo, um muro baixo ao lado de um limoeiro. Parti para lá, gritando por ela. Mas à medida que me aproximava, parei de gritar. Senti... um medo... uma premonição terrível. E eu sabia que não devia... não devia ir...

— Stefan! — disse Elena. Ele a estava machucando, os dedos apertando os dela, esmagando-os. Os tremores que percorriam seu corpo aumentavam, transformando-se em sacolejos. — Stefan, por favor!

Mas ele não deu sinal de que a ouvira.

— Foi como... um pesadelo... Tudo acontecendo devagar demais. Eu não conseguia me mexer... E ainda tinha de fazer isso. Tinha de continuar andando. A cada passo, o medo ficava mais forte. Eu podia sentir o cheiro. Um cheiro de gordura queimada. Não devia ir até lá... Eu não queria ver...

Sua voz se tornou alta, urgente, a respiração saindo aos espasmos. Os olhos estavam arregalados e dilatados, como os de uma criança apavorada. Elena agarrou os dedos dele com a outra mão, envolvendo-os completamente.

— Stefan, está tudo bem. Você não está lá. Está aqui comigo.

— Eu não quero ver... Mas não posso evitar. Há alguma coisa branca. Algo branco debaixo da árvore. Não me faça olhar para isso!

— Stefan, Stefan, olhe para mim!

Ele não ouvia. As palavras saíam em espasmos arquejantes, como se ele não pudesse controlá-las, não conseguisse que saíssem com rapidez suficiente.

— Não posso chegar mais perto... Mas farei isso. Estou vendo a árvore, o muro. E a coisa branca. Atrás da árvore. Branca com dourado por baixo. E então eu sei, eu sei, e estou me aproximando porque é o vestido dela. O vestido branco de Katherine. E eu contorno a árvore e o vejo no chão, e é verdade. É o vestido de Katherine... — Sua voz se elevou e se interrompeu num pavor inimaginável — ...mas Katherine não está ali.

Elena sentiu um arrepio, como se o corpo tivesse sido mergulhado em água gelada. Sua pele se eriçou em arrepios e ela tentou falar com Stefan, mas não conseguiu. Ele se sacudia como se afugentasse o terror ao continuar falando.

— Katherine não estava ali, então talvez fosse uma piada, mas o vestido estava no chão, cheio de cinzas. Como as cinzas na lareira, exatamente igual, só que com o cheiro de carne recém-queimada. Fedia. O cheiro me deixa nauseado e com vertigem. Ao lado da manga do vestido está um pergaminho. E, numa pedra, uma pedra a pouca distância, está um anel. Um anel com uma pedra azul, o anel de Katherine. O anel de Katherine... — De repente, ele exclama numa voz terrível. — Katherine, o que você *fez*? — Depois Stefan caiu de joelhos, soltando enfim os dedos de Elena, para enterrar o rosto nas mãos.

Elena o abraçou enquanto ele era tomado de fortes soluços. Ela segurou seus ombros, puxando-o para seu colo.

— Katherine tirou o anel — sussurrou ela. Não era uma pergunta. — Ela se expôs ao sol.

Seu choro áspero continuava, enquanto ela o sustentava na saia do vestido azul, afagando os ombros trêmulos. Ela murmurou coisas sem sentido para acalmá-lo, tentando se livrar do próprio pavor. E então ele se aquietou e levantou a cabeça. Ele falou numa voz espessa, mas parecia ter voltado ao presente, ter retornado.

— O pergaminho era um bilhete, para mim e Damon. Dizia que ela fora egoísta, querendo os dois. Dizia... que ela não suportava ser o motivo de discórdia entre nós. Ela esperava que depois de sua partida nós não nos odiássemos mais. Ela fez aquilo para nos unir.

— Ah, Stefan — sussurrou Elena. Ela sentiu lágrimas ardentes de solidariedade caírem de seus olhos. — Ah, Stefan. Eu sinto tanto. Mas não entende que, depois de todo esse tempo, o que Katherine fez foi errado? Foi egoísta, mesmo, e foi a decisão *dela*. De certo modo, não tem nada a ver com você, nem com Damon.

Stefan sacudiu a cabeça como que para afugentar a verdade daquelas palavras.

— Ela deu a vida... por isso. Nós a matamos. — Ele agora estava sentado. Mas os olhos ainda estavam dilatados, grandes discos pretos, e ele tinha o olhar de um menino confuso.

— Damon apareceu atrás de mim. Pegou o bilhete e leu. E depois... Acho que ele enlouqueceu. Nós dois enlouquecemos. Eu tinha pegado o anel de Katherine e ele tentou tomá-lo. Não devia ficar com ele. Nós lutamos. Dissemos coisas horríveis um ao outro. Não me lembro de como voltamos para casa; mas de repente eu estava com minha espada. Nós lutamos. Eu queria destruir aquela cara arrogante para sempre, matá-lo. Lembro-me de meu pai gritando da casa. Lutamos com mais intensidade, para terminar antes que ele nos alcançasse.

"E estávamos emparelhados. Mas Damon sempre foi mais forte, e naquele dia ele também parecia mais rápido, como se tivesse se transformado mais do que eu. E assim, enquanto meu pai ainda gritava da janela, senti a lâmina de Damon passar por minha guarda. Depois a senti entrar em meu coração.

Elena fitava, espantada, mas ele continuou sem parar.

— Senti a dor do aço, senti que penetrava através de mim, fundo, bem fundo. Penetrando completamente, um golpe duro. E depois a força fugiu de mim e eu caí. Fiquei deitado no chão.

Ele olhou para Elena e concluiu simplesmente.

— E foi assim que eu... morri.

Elena ficou imóvel, sentada ali, como se o gelo que sentira no peito mais cedo tivesse transbordado e a tolhesse.

— Damon se aproximou e se curvou sobre mim. Eu podia ouvir os gritos de meu pai de longe, e gritos da casa, mas só o que podia ver era o rosto de Damon. Aqueles olhos escuros que eram como uma noite sem luar. Eu queria feri-lo pelo que ele me fizera. Por tudo o que ele me fizera, e a Katherine. — Stefan ficou em silêncio por um momento, depois disse, quase sonhador: — Depois levantei minha espada e o matei. Com o que restava de minhas forças, atingi o coração de meu irmão.

A tempestade havia se afastado e pela janela quebrada Elena podia ouvir suaves ruídos noturnos, o cantar de grilos, o vento esquadrinhando as árvores. No quarto de Stefan, tudo estava muito quieto.

— Não tive consciência de nada até despertar em meu túmulo — disse Stefan.

Ele se curvou para trás, afastando-se dela, e fechou os olhos. Seu rosto estava atormentado e exausto, mas aquele horrível devaneio pueril se fora.

— Damon e eu tivemos o suficiente do sangue de Katherine para evitar a morte real. Em vez disso, nos transformamos. Acordamos juntos em nosso túmulo, vestidos com as melhores roupas, deitados nas lajes, lado a lado. Estávamos fracos demais para nos machucar; o sangue tinha sido apenas o suficiente. E estávamos confusos. Chamei por Damon, mas ele correu para a noite.

"Felizmente, tínhamos sido enterrados com os anéis que Katherine nos dera. E eu encontrei o anel dela em meu bolso.

Como que inconscientemente, Stefan afagou o aro de ouro.

— Acho que eles pensaram que ela o dera a mim.

"Tentei ir para casa. Isso foi idiotice. Os criados gritaram ao me ver e correram para chamar um padre. Eu corri também. Para o único lugar em que ficava seguro, no escuro.

"E foi onde fiquei desde então. Onde é o meu lugar, Elena. Eu matei Katherine com meu orgulho e meu ciúme, e matei Damon com meu ódio. Mas fiz pior do que matar meu irmão. Eu o condenei.

"Se ele não tivesse morrido, com o sangue de Katherine tão forte em suas veias, ele teria tido uma chance. Com o tempo o sangue teria ficado mais fraco, e depois desaparecido. Ele teria se tornado um ser humano normal de novo. Ao matá-lo, eu o condenei a viver na noite. Tirei sua única oportunidade de salvação."

Stefan riu, amargurado.

— Sabe o que o nome Salvatore significa em italiano, Elena? Significa salvação, salvador. Assim fui batizado, e em homenagem a Santo Estêvão, o primeiro mártir cristão. E eu condenei meu irmão ao inferno.

— Não — disse Elena. E depois, numa voz mais forte, ela disse: — Não, Stefan. Ele se condenou. Ele matou *você*. Mas o que aconteceu com ele depois disso?

— Durante algum tempo, ele se uniu a uma das Companhias Livres, mercenários impiedosos cujo negócio era roubar e pilhar. Vagou pelo país com eles, lutando e bebendo o sangue de suas vítimas.

"Na época eu estava morando fora dos portões da cidade, meio faminto, predando animais, eu mesmo um deles. Por um bom tempo, não soube nada de Damon. Depois, um dia, ouvi sua voz em minha mente.

"Ele era mais forte do que eu, porque estava bebendo sangue humano. E matando. Os humanos têm a essência vital mais forte e seu sangue confere poder. E, quando eles são mortos, de algum modo a essência vital dada por eles é a mais forte de todas. É como se a alma fosse mais vibrante naqueles últimos momentos de pavor e luta. Porque Damon matava humanos, ele era capaz de recorrer aos Poderes mais do que eu."

— Que... poderes? — disse Elena. Uma ideia crescia em sua mente.

— Força, como você disse, e rapidez. Todos os sentidos mais aguçados, especialmente à noite. Aqueles que são fundamentais. Também podemos... sentir a mente dos outros. Podemos sentir a presença da mente e às vezes a natureza de seus pensamentos. Podemos lançar confusão em mentes mais fracas, ou para superá-las, ou para curvá-las à nossa vontade. Existem outros. Com sangue humano suficiente, podemos mudar de forma,

tornarmo-nos animais. E quanto mais você matar, mais fortes se tornam todos os Poderes.

"A voz de Damon em minha mente era muito forte. Ele disse que agora era *condotieri* de sua companhia e estava voltando a Florença. Disse que se eu estivesse lá quando ele chegasse, ele me mataria. Eu acreditei e parti. Eu o vi uma ou duas vezes desde então. A ameaça sempre é a mesma e ele é sempre mais poderoso. Damon obteve o máximo de sua natureza e parecia ufanar-se em seu lado mais sombrio.

"Mas é minha natureza também. As mesmas trevas estão dentro de mim. Pensei que podia conquistá-las, mas estava enganado. Por isso vim para cá, a Fell's Church. Pensei que se me acomodasse numa cidade pequena, longe de todas as velhas lembranças, eu poderia escapar das trevas e, em vez disso, esta noite matei um homem.

— *Não* — disse Elena com vigor. — Não acredito nisso, Stefan. — Sua história era cheia de horror e compaixão... E também medo. Ela admitia isso. Mas o asco tinha desaparecido e só havia uma coisa de que Elena tinha certeza: Stefan não era um assassino. — O que aconteceu esta noite, Stefan? Você discutiu com Tanner?

— Eu... não me lembro — disse ele com tristeza. — Usei o Poder para convencê-lo a fazer o que vocês queriam. Depois saí. Mas mais tarde senti a vertigem e a fraqueza me dominarem. Foi como antes. — Ele olhou diretamente para ela. — Da última vez que aconteceu, foi no cemitério, perto da igreja, na noite em que Vickie Bennett foi atacada.

— Mas você não fez isso. Não *pode* ter feito isso... Não é, Stefan?

— Não sei — disse ele asperamente. — Que outra explicação existe? E eu tirei sangue do velho debaixo da ponte, naquela noite em que vocês fugiram do cemitério. Eu teria jurado que não tirei o suficiente para prejudicá-lo, mas ele quase morreu. E eu estava presente quando Vickie e Tanner foram atacados.

— Mas você não se lembra de tê-los atacado — disse Elena, aliviada. A ideia que crescia em sua mente agora era quase uma certeza.

— Que diferença isso faz? Quem mais pode ter feito isso, se não eu?

— Damon — disse Elena.

Ele se encolheu e ela viu seus ombros enrijecerem de novo.

— É uma boa suposição. Eu esperava, em princípio, que pudesse haver uma explicação dessas. Que pudesse ser outra pessoa, alguém como meu irmão. Mas procurei com minha mente e nada descobri, nenhuma outra presença. A explicação mais simples é que o assassino sou eu.

— Não — disse Elena —, você não entende. Eu não quis dizer só que alguém como Damon pode ter feito as coisas que vimos. Quis dizer que Damon está aqui, em Fell's Church. Eu o vi.

Stefan se limitou a encará-la.

— Deve ter sido ele — disse Elena, respirando fundo. — Eu já o vi duas vezes, talvez três. Stefan, você acaba de me contar uma longa história e agora eu tenho outra para contar a você.

Com a maior rapidez e simplicidade que pôde, ela contou a ele sobre o que acontecera no ginásio e na casa de Bonnie. Os lábios dele se estreitaram numa linha branca quando ela contou sobre como Damon tentara beijá-la. O rosto dela ficou quente ao se lembrar da própria reação, como quase cedera a ele. Mas Elena contou tudo a Stefan.

Sobre o corvo também, e todas as outras coisas estranhas que aconteceram desde que ela voltara da França.

— E, Stefan, acho que Damon estava na Casa Mal-Assombrada esta noite — concluiu ela. — Pouco depois de você ficar tonto na sala da frente, alguém passou por mim. Estava vestido de... de Morte, com um manto preto e capuz, e não consegui ver seu rosto. Mas alguma coisa no modo como andava era familiar. Era ele, Stefan. Damon esteve lá.

— Mas isso ainda não explica as outras vezes. Vickie e o velho. Eu *tirei* sangue do velho. — O rosto de Stefan estava tenso, como se ele estivesse com medo de ter esperanças.

— Mas você disse que não tirou o bastante para causar danos a ele. Stefan, quem sabe o que aconteceu àquele homem depois que você saiu? Não era a coisa mais fácil do mundo para Damon atacá-lo depois? Em

especial se Damon anda espionando você o tempo todo, talvez assumindo outra forma...

— Como a de um corvo — murmurou Stefan.

— Como a de um corvo. E quanto a Vickie... Stefan, você disse que lança confusão sobre mentes mais fracas, dominando-as. Não pode ser que Damon fizesse isso com você? Subjugando sua mente como você pode subjugar a mente humana?

— Sim, e pode esconder sua presença de mim. — Havia uma empolgação crescente na voz de Stefan. — Foi por isso que ele não respondeu a meus chamados. Ele queria...

— Ele só queria que acontecesse o que aconteceu. Ele queria que você duvidasse de si mesmo, pensasse que era o assassino. *Mas isso não é verdade, Stefan*. Ah, Stefan, agora você sabe disso e não precisa ter medo. — Ela se levantou, sentindo a alegria e o alívio tomarem seu corpo. Daquela noite horrenda, saíra uma coisa maravilhosa.

— É por isso que você fica tão distante de mim, não é? — disse ela, estendendo as mãos para ele. — Porque tem medo do que pode fazer. Mas não precisa mais disso.

— *Não preciso?* — Ele respirava rapidamente de novo, e olhou as mãos estendidas de Elena como se fossem duas serpentes. — Acha que não há motivos para ter medo? Damon pode ter atacado essas pessoas, mas ele não controla meus pensamentos. E você não sabe o que ando pensando sobre você.

Elena manteve a voz estável.

— Você não quer me machucar — disse ela, com segurança.

— Não? Houve ocasiões, vendo você em público, em que eu mal conseguia suportar não tocar em você. Quando fiquei tão tentado por seu pescoço branco, seu pequeno pescoço branco com as veias azul-claras por baixo da pele... — Seus olhos estavam fixos no pescoço de Elena de uma forma que a lembrou dos olhos de Damon, e ela sentiu o coração acelerar. — Ocasiões em que pensei que a pegaria à força, ali mesmo na escola.

— Não há necessidade de me forçar a nada — disse Elena. Agora ela podia sentir a pulsação em toda parte; em seus punhos e no interior dos cotovelos... e no pescoço. — Eu tomei minha decisão, Stefan — disse ela suavemente, sustentando o olhar dele. — Eu quero.

Ele engoliu em seco com dificuldade.

— Não sabe o que está pedindo.

— Acho que sei. Você me disse como foi com Katherine, Stefan. Quero que seja assim conosco. Não quero que você me transforme. Mas podemos compartilhar um pouco sem que isto aconteça, não é? Eu sei — acrescentou ela, ainda mais suavemente — o quanto você amou Katherine. Mas ela agora se foi e eu estou aqui. E eu te amo, Stefan. Quero ficar com você.

— Não sabe do que está falando! — Ele estava de pé, rígido, o rosto furioso, os olhos angustiados. — Se eu ceder uma só vez, o que vai me *impedir* de transformar você, ou matá-la? A paixão é mais forte do que você pode imaginar. Não entende ainda o que sou, o que posso fazer?

Ela ficou parada ali e o olhou em silêncio, o queixo empinando um pouco. Isso pareceu enfurecê-lo.

— Será que ainda não entendeu? Ou terei de mostrar mais? Não pode imaginar o que posso fazer com você? — Ele andou até a lareira apagada e pegou uma acha longa de madeira, mais grossa do que os pulsos de Elena juntos. Com um só movimento, ele a partiu em duas, como se fosse um palito de fósforo. — *Seus* ossos frágeis — disse ele.

Do outro lado do quarto, estava um travesseiro; ele pegou e deixou em frangalhos a seda que o revestia com um golpe das unhas.

— *Sua* pele macia. — Depois ele se aproximou de Elena com uma velocidade sobrenatural; ele estava ali e a segurava pelos ombros antes que ela se desse conta do que estava acontecendo. Ele a olhou no rosto por um momento, depois, com um silvo selvagem que eriçou os pelos da nuca de Elena, repuxou os lábios.

Era o mesmo rosnado que ela vira no telhado, aqueles dentes expostos, os caninos crescendo a uma proporção e agudeza inacreditáveis. Eram as presas de um caçador, um assassino.

— *Seu* pescoço branco — disse ele numa voz distorcida.

Elena ficou paralisada por mais um instante, olhando como se impelida por aquela visão arrepiante, mas depois alguma coisa no fundo de seu inconsciente a dominou. Ela estendeu as mãos por dentro do círculo restritivo dos braços dele e pegou seu rosto. As bochechas de Stefan eram frias em suas palmas. Ela o segurou, suavemente, com muita delicadeza, como que para reprovar o aperto forte de Stefan em seus ombros despidos. E ela viu a confusão aparecer aos poucos naquele rosto, enquanto ele percebia que ela não ia brigar com ele, nem o afastaria.

Elena esperou até que a confusão chegasse aos olhos de Stefan, espatifando seu olhar, transformando-o quase numa expressão de súplica. Ela sabia que seu próprio rosto era destemido, suave porém intenso, os lábios meio separados. Os dois agora respiravam rapidamente, juntos, no mesmo ritmo. Elena podia sentir quando ele começou a tremer, como tinha feito quando as lembranças de Katherine foram um fardo demasiado. Depois, com muita delicadeza e decisão, ela puxou aquela boca que rosnava para a dela.

Ele tentou se opor. Mas a gentileza dela era mais forte do que toda a sua força inumana. Ela fechou os olhos e pensou apenas em Stefan, não nas coisas medonhas que soubera esta noite, só em Stefan, que tinha afagado seu cabelo com tanta delicadeza, como se ela pudesse se quebrar em suas mãos. Ela pensou nisso e beijou a boca predadora que a ameaçara só há alguns minutos.

Ela sentiu a mudança, a transformação na boca de Stefan enquanto ele se rendia, reagindo desamparado a ela, encontrando seus beijos macios com igual suavidade. Ela sentiu o tremor percorrer o corpo de Stefan enquanto o aperto firme em seus ombros também se suavizava, tornando-se um abraço. E ela entendeu que vencera.

— Você jamais vai me machucar — sussurrou ela.

Era como se eles estivessem afugentando aos beijos todo o medo, desolação e solidão dentro deles. Elena sentiu a paixão atravessá-la como um raio numa tempestade de verão, e podia sentir a reação apaixonada em

Stefan. Mas infundindo todo o resto havia uma gentileza quase assustadora nesta intensidade. Não havia necessidade de pressa nem rispidez, pensou Elena enquanto Stefan gentilmente a guiava para se sentar.

Aos poucos, os beijos ficaram mais urgentes e Elena sentiu um leve palpitar por todo o corpo, eletrizando-o, fazendo seu coração martelar e a respiração se acelerar. Fez com que ela se sentisse estranhamente mole e tonta, fez com que fechasse os olhos e deixasse a cabeça tombar para trás, em completo abandono.

Está na hora, Stefan, pensou ela. E, muito delicadamente, de novo puxou a boca dele para baixo, desta vez para o pescoço. Ela sentiu os lábios de Stefan roçarem sua pele, sentiu o hálito quente e frio ao mesmo tempo. Depois sentiu a pontada afiada.

Mas a dor desapareceu quase de imediato. Foi substituída por uma sensação de prazer que a fez tremer. Uma grande doçura a dominou, fluindo através dela para Stefan.

Por fim ela se viu olhando em seu rosto, para o rosto que enfim não tinha barreiras contra ela, não tinha muros. E o olhar que viu ali a deixou fraca.

— Você confia em mim? — sussurrou ele. E quando ela simplesmente assentiu, ele sustentou o olhar e estendeu a mão para alguma coisa ao lado da cama. Era a adaga. Ela a olhou sem medo, depois fixou os olhos de novo no rosto de Stefan.

Ele não tirou os olhos dela enquanto sacava a lâmina da bainha e fazia um pequeno corte na base do próprio pescoço. Elena olhou para aquilo de olhos arregalados, para o sangue brilhante como azevinho, mas, quando ele a instou para a frente, ela não tentou resistir.

Depois disso, ele a segurou ali por um bom tempo, enquanto os grilos do lado de fora faziam sua música. Por fim, ele se agitou.

— Queria que você ficasse aqui — sussurrou ele. — Queria que ficasse para sempre. Mas você não pode.

— Eu sei — respondeu ela, igualmente tranquila. Os olhos dos dois se encontraram novamente numa comunhão silenciosa. Havia tanta coisa a

dizer, tantos motivos para ficar juntos. — Amanhã — disse ela. Em seguida, encostando-se em seu ombro, ela sussurrou: — Aconteça o que acontecer, Stefan, eu estarei com você. Diga que acredita nisso.

A voz dele, baixa, abafada em seu cabelo.

— Ah, Elena, eu acredito. Aconteça o que acontecer, ficaremos juntos.

15

Assim que deixou Elena em casa, Stefan foi para o bosque.

Ele pegou a Old Creek Road, dirigindo sob as nuvens soturnas através das quais não se podia ver nenhum trecho do céu, até o lugar onde estacionara no primeiro dia de aula.

Saindo do carro, ele tentou refazer seus passos exatamente até a clareira onde vira o corvo. Seus instintos de caçador o ajudaram, relembrando o formato do arbusto e daquela raiz retorcida, até que ele se viu no espaço aberto margeado por antigos carvalhos.

Aqui. Sob este manto de folhas castanhas e desbotadas, ainda podia haver parte dos ossos de coelho.

Respirando longamente para se acalmar, para congregar seus Poderes, ele lançou um pensamento penetrante e exigente.

E pela primeira vez desde que chegara a Fell's Church, sentiu o palpitar de uma resposta. Mas parecia fraca e vacilante, e ele não a conseguiu localizar no espaço.

Stefan suspirou e se virou — e ficou paralisado.

Damon estava diante dele, de braços cruzados, encostado no carvalho maior. Parecia estar ali havia horas.

— E então — disse Stefan rigidamente —, é verdade. Faz muito tempo, irmão.

— Não tanto tempo quanto você pensa, *irmão*. — Stefan se lembrava daquela voz, a voz aveludada e irônica. — Eu o venho acompanhando há anos — disse Damon calmamente. Ele deu um piparote num pedaço de casca de árvore na manga da jaqueta de couro com a mesma despreocupação com que um dia arrumou os punhos de brocado. — Mas

você não ia saber disso, não é? Ah, não, seus Poderes são fracos, como sempre.

— Cuidado, Damon — disse Stefan com delicadeza. Perigosamente. — Tenha cuidado esta noite. Não estou com um humor tolerante.

— Santo Estêvão, dando um ataque? Imagine. Você está atormentado, creio eu, com minhas excursões em seu território. Só fiz isso porque queria estar perto de você. Os irmãos devem ser próximos.

— Você *matou* esta noite. E tentou me fazer pensar que fui eu.

— Tem certeza de que não foi você? Talvez nós tenhamos feito isso juntos. Cuidado! — disse ele, enquanto Stefan se aproximava. — Meu humor também não é o mais tolerante do mundo esta noite. Só tive um professorzinho de história ressequido; você teve uma linda garota.

A fúria dentro de Stefan se aglutinou, parecendo se concentrar em um ponto ardente e brilhante, como um sol dentro dele.

— Fique longe de Elena — sussurrou ele com tal ameaça que Damon realmente tombou a cabeça para trás um pouco. — Fique longe dela, Damon. Sei que a andou espionando, observando-a. Mas basta. Aproxime-se dela de novo e se arrependerá.

— Você *sempre* foi egoísta. A culpa foi sua. Não está disposto a dividir nada, não é? — De repente, os lábios de Damon se curvaram num sorriso singularmente bonito. — Mas felizmente a adorável Elena é mais generosa. Ela não lhe contou sobre nossos pequenos contatos? Ora, na primeira vez que nos vimos, ela quase cedeu a mim no ato.

— Isto é mentira!

— Ah, não, meu querido irmão. Eu nunca minto sobre nada importante. Ou devo dizer desimportante? De qualquer modo, sua bela donzela quase desmaiou em meus braços. Acho que ela gosta de homens de preto. — Enquanto Stefan o encarava, tentando controlar a respiração, Damon acrescentou, quase com gentileza: — Você está enganado a respeito dela, sabia? Acha que ela é gentil e dócil, como Katherine. Ela não é. Não é o seu tipo, meu irmão santo. Ela tem espírito e fogo tais que você não saberia o que fazer com isso.

— E você sim, imagino.

Damon descruzou os braços e sorriu lentamente de novo.

— Ah, sim.

Stefan queria saltar em cima dele, esmagar aquele sorriso lindo e arrogante, dilacerar a garganta de Damon. Ele disse, numa voz que mal conseguia controlar:

— Tem razão sobre uma coisa. Ela é forte. Forte o bastante para reprimir você. E agora que sabe o que você realmente é, ela o reprimirá. Só o que ela sente por você é asco.

As sobrancelhas de Damon se ergueram.

— Agora ela sente isso? Veremos. Talvez ela venha a descobrir que a verdadeira escuridão é mais de seu gosto do que um crepúsculo tímido. Eu, pelo menos, posso admitir a verdade sobre minha natureza. Mas estou preocupado com você, meu irmãozinho. Parece fraco e mal alimentado. Ela é uma provocação, não é?

Mate-o, exigiu alguma coisa na mente de Stefan. Mate-o, corte seu pescoço, rasgue sua garganta em farrapos sangrentos. Mas ele sabia que Damon se alimentara muito bem esta noite. A aura sombria do irmão estava inchada, pulsando, quase brilhando com a essência vital que ele tomara.

— Sim, eu bebi profundamente — disse Damon satisfeito, como se soubesse o que se passava na mente de Stefan. Ele suspirou e passou a língua nos lábios numa lembrança satisfeita. — Ele era pequeno, mas tinha uma quantidade surpreendente de sumo. Não era bonito como Elena, e certamente não cheirava tão bem. Mas é sempre estimulante sentir o sangue novo cantando dentro de você.

Damon respirou prolongadamente, afastando-se da árvore e olhando em volta. Stefan também se lembrava daqueles movimentos graciosos, cada gesto controlado e preciso. Os séculos só refinaram a pose natural de Damon.

— Me dá vontade de fazer isto — disse Damon, deslocando-se a um broto de árvore a poucos metros de distância. Tinha metade de seu tamanho e, quando ele o agarrou, seus dedos não davam a volta no tronco. Mas Stefan

viu a respiração rápida e o ondular de músculos sob a camisa preta e fina de Damon, e a árvore se soltou do chão, suas raízes penduradas. Stefan podia sentir o cheiro da umidade pungente da terra perturbada. — Eu não gostava dela ali mesmo — disse Damon, atirando-a à maior distância que permitiam as raízes ainda emaranhadas. Depois sorriu de um jeito envolvente. — Também me dá vontade de fazer *isto*.

Houve um tremor de movimento, depois Damon se fora. Stefan olhou em volta, mas não viu sinal dele.

— Aqui em cima, irmão.

— A voz vinha do alto e Stefan viu Damon empoleirado entre os galhos que se esparramavam do carvalho. Houve um farfalhar de folhas castanhas e ele desapareceu de novo.

— Aqui atrás, irmão.

— Stefan girou ao sentir o tapa no ombro, mas nada viu atrás dele.

— Bem aqui, irmão.

Ele girou de novo.

— Não, tente aqui.

Furioso, Stefan girou rapidamente para o outro lado, tentando pegar Damon. Mas seus dedos só agarraram o ar.

Aqui, Stefan. Desta vez a voz estava em sua mente e seu Poder o chocou em seu âmago. Era preciso uma força enorme para projetar pensamentos com tanta clareza. Lentamente, ele se virou mais uma vez e viu Damon de volta à sua posição original, encostado no carvalho grande.

Mas dessa vez o humor daqueles olhos escuros desaparecera. Eles estavam sombrios e insondáveis, e os lábios de Damon formavam uma linha reta.

De que outras provas precisa, Stefan? Sou muito mais forte do que você, como você é mais forte do que estes humanos lamentáveis. Eu também sou mais rápido do que você, e tenho outro Poder de que você mal ouviu falar. Os Antigos Poderes, Stefan. E não tenho medo de usá-los. Se lutar comigo, eu os usarei contra você.

— Foi por isso que veio para cá? Para me torturar?

Eu tenho sido misericordioso com você, irmão. Muitas vezes você foi meu para a morte, mas sempre poupei sua vida. Mas desta vez é diferente.

Damon se afastou da árvore de novo e falou em voz alta.

— Estou lhe avisando, Stefan, não se oponha a mim. Não importa o que vim fazer aqui. O que quero agora é Elena. E se tentar me impedir de tomá-la, eu o matarei.

— Pode tentar — disse Stefan. O ponto quente de fúria dentro dele ardeu com mais força do que nunca, vertendo seu brilho como toda uma galáxia de estrelas. Ele sabia, de algum modo, que isso ameaçava a escuridão de Damon.

— Acha que não posso fazer isso? Você nunca aprende, não é mesmo, irmãozinho? — Stefan teve tempo suficiente para perceber o leve tremor na cabeça de Damon quando houve outro borrão de movimento e sentiu mãos fortes o pegarem. Ele lutou de imediato, violentamente, tentando se livrar delas com todas as forças. Mas eram como mãos de aço.

Stefan se debateu com selvageria, tentando atingir a área vulnerável abaixo do queixo de Damon. Não se saiu bem; seus braços foram presos às costas, o corpo imobilizado. Ele estava indefeso como um passarinho sob as garras de um gato habilidoso e esguio.

Stefan ficou flácido por um instante, fazendo-se de peso morto, e então, de repente, explodiu com todos os seus músculos, tentando se libertar, procurando acertar um golpe. As mãos cruéis só o apertaram mais, tornando seu esforço inútil. Ridículo.

Você sempre foi teimoso. Talvez isso o convença.

Stefan olhou na cara do irmão, pálida como as janelas de vidro fosco da pensão, e naqueles olhos escuros sem fundo. Depois sentiu dedos agarrarem seu cabelo, puxando a cabeça para trás, expondo o pescoço.

Seus esforços se redobraram, tornando-se frenéticos. *Não se incomode*, veio a voz em sua cabeça, depois Stefan sentiu a dor aguda e dilacerante de dentes. Sentiu a humilhação e o desamparo da vítima do caçador, do caçado, da presa. E em seguida a dor do sangue sendo drenado contra a sua vontade.

Stefan se recusou a ceder e a dor ficava pior, a sensação de que sua alma se desprendia, como o broto de árvore. Penetrava-lhe como lanças de fogo, concentrando-se nas perfurações de sua carne onde os dentes de Damon tinham se cravado. A agonia ardeu por seu queixo e pelo rosto, descendo pelo peito e os ombros. Ele sentiu uma onda de vertigem e percebeu que estava perdendo a consciência.

Depois, abruptamente, as mãos o soltaram e Stefan caiu no chão, em um leito de folhas de carvalho molhadas que se desmanchavam. Arfando para respirar, ficou de quatro, dolorosamente.

— Está vendo, irmãozinho? Sou mais forte do que você. Forte o suficiente para tomá-lo, tirar seu sangue e sua vida, se eu quiser. Deixe Elena para mim, ou farei isso.

Stefan olhou para cima. Damon estava parado com a cabeça atirada para trás, as pernas meio separadas, como um conquistador colocando o pé no pescoço do conquistado. Aqueles olhos escuros como a noite ardiam de triunfo e o sangue de Stefan estava em seus lábios.

O ódio encheu Stefan, um ódio como ele nunca sentira. Era como se todo o seu ódio anterior por Damon tivesse sido uma gota de água neste oceano cheio de espuma. Muitas vezes, ao longo dos séculos, ele se arrependera do que fizera ao irmão, quando quis de todo o coração mudar isso. Agora só queria fazer novamente.

— Elena não é sua — grunhiu ele, levantando-se, tentando não demonstrar o que lhe custava este esforço. — Ela nunca será.

Concentrando-se em cada passo, colocando um pé na frente do outro, Stefan começou a se afastar. Todo o seu corpo doía e a vergonha que sentia era ainda maior do que a dor física. Havia pedaços de folhas molhadas e grãos de terra grudados em suas roupas, mas ele os ignorou. Esforçou-se para continuar em movimento, lutando contra a fraqueza que envolvia seus membros.

Você não aprende nunca, irmão.

Stefan não olhou para trás, nem tentou responder. Trincou os dentes e manteve as pernas em movimento. Mais um passo. E outro. E ainda outro.

Se ele pudesse se sentar por um momento, descansar...

Mais um passo, e outro. O carro não podia estar longe. Folhas estalavam sob seus pés, depois ele ouviu o estalo de folhas atrás dele.

Stefan tentou se virar rapidamente, mas seus reflexos quase tinham desaparecido. E o movimento abrupto foi demais para ele. A escuridão o tomou, encheu o corpo e a mente, e ele estava caindo. Ele caiu para sempre na escuridão da noite absoluta. E depois, misericordiosamente, perdeu a consciência.

16

Elena correu para a Robert E. Lee como se estivesse afastada de lá havia anos. A noite anterior parecia algo de sua infância distante, mal conseguia recordar. Mas ela sabia que hoje teria que enfrentar suas consequências.

Na noite anterior, Elena teve de encarar tia Judith. A tia ficou terrivelmente perturbada quando os vizinhos contaram sobre o assassinato, e ainda mais perturbada porque ninguém parecia saber o paradeiro de Elena. Quando Elena chegou em casa, quase às duas da manhã, ela estava frenética de preocupação.

Elena não conseguiu explicar. Só pôde dizer que estava com Stefan, e que ela sabia que ele fora acusado, e que ela sabia que ele era inocente. Todo o resto, tudo o que acontecera, teve de guardar para si mesma. Mesmo que acreditasse, tia Judith jamais compreenderia.

E hoje Elena tinha dormido demais, e estava atrasada. As ruas estavam desertas exceto por ela, que corria para a escola. No alto, o céu era cinzento e um vento aumentava. Ela queria desesperadamente ver Stefan. A noite toda, enquanto dormia um sono pesado demais, teve pesadelos com ele.

Um sonho tinha sido especialmente real. Nele, ela viu o rosto pálido de Stefan e seus olhos acusadores e furiosos. Ele ergueu um caderno para ela e disse: "Como pôde, Elena? Como pôde?" Depois ele largou o caderno aos pés dela e se afastou. Ela o chamou, suplicante, mas ele continuou andando até desaparecer na escuridão. Quando ela olhou o caderno, viu que era encadernado em veludo azul. Seu diário.

Um tremor de raiva a percorreu quando pensou novamente em como seu diário fora roubado. Mas o que o sonho significava? O que havia em seu diário para deixar Stefan daquele jeito?

Ela não sabia. Só o que sabia era que precisava vê-lo, ouvir a voz dele, sentir seus braços em torno dela. Ficar longe de Stefan era como ficar separada de sua própria carne.

Elena correu escada acima na escola até os corredores quase vazios. Foi para a ala de línguas estrangeiras, porque sabia que a primeira aula de Stefan era de latim. Se pudesse vê-lo só por um momento, ficaria bem.

Mas ele não estava na sala. Pela janelinha da porta, Elena viu o lugar dele vazio. Matt estava lá, e a expressão dele a deixou mais assustada do que nunca. Ela continuou olhando para a carteira de Stefan com uma apreensão nauseante.

Elena se virou da porta mecanicamente. Como um autômato, subiu a escada e foi para a aula de trigonometria. Ao abrir a porta, viu cada rosto se virando em sua direção, e ela deslizou apressadamente para a carteira vazia ao lado de Meredith.

A Srta. Halpern parou a aula por um momento e olhou para Elena, depois continuou. Quando a professora se virou de novo para o quadro-negro, Elena olhou para Meredith.

Meredith estendeu a mão para pegar a dela.

— Você está bem? — sussurrou.

— Não sei — disse Elena como uma idiota. Parecia-lhe que o ar em volta dela a sufocava, como se houvesse um peso esmagador a seu redor. Os dedos de Meredith pareciam secos e quentes. — Meredith, sabe o que houve com Stefan?

— Quer dizer que *você* não sabe? — Os olhos escuros de Meredith se arregalaram e Elena sentiu o peso ficar cada vez mais esmagador. Era como estar bem no fundo da água sem um traje de pressão.

— Eles não... o prenderam, não é? — disse Elena, forçando as palavras a saírem.

— Elena, é pior do que isso. Ele desapareceu. A polícia foi à pensão hoje de manhã cedo e ele não estava lá. Eles vieram à escola também, mas ele não apareceu aqui. Disseram que encontraram o carro dele abandonado perto da

Old Creek Road. Elena, eles acham que ele foi embora, fugiu da cidade, porque é culpado.

— Isso não é verdade — disse Elena entredentes. Ela viu as pessoas se virarem para olhar, mas não se importou nem um pouco. — Ele é inocente!

— Sei que pensa assim, Elena, mas por que razão ele iria embora?

— Ele não iria. Ele não foi. — Alguma coisa ardia dentro de Elena, um fogo de raiva que empurrava de volta o medo esmagador. Ela respirava asperamente. — Ele nunca sairia daqui por livre e espontânea vontade.

— Quer dizer que alguém o obrigou? Mas quem? Tyler não se atreveria...

— Ele foi obrigado, ou coisa pior — Elena interrompeu. Agora toda a sala as encarava e a Srta. Halpern abria a boca. Elena se levantou de repente, olhando para eles sem vê-los. — Deus o livre de ferir Stefan — disse ela. — Deus o *livre*. — Depois girou o corpo e foi para a porta.

— Elena, volte! Elena! — Elena podia ouvir os gritos atrás dela, de Meredith e da Srta. Halpern. Ela andou, cada vez mais rápido, vendo somente o que estava bem à sua frente, a mente fixa numa coisa.

Eles pensavam que ela iria procurar Tyler Smallwood. Ótimo. Eles podiam perder tempo correndo para o lado errado. Ela sabia o que deveria fazer.

Elena saiu da escola, imergindo no ar frio de outono. Andava com rapidez, as pernas devorando a distância entre a escola e a Old Creek Road. De lá, ela se virou para a ponte Wickery e o cemitério.

Um vento gelado açoitava seu cabelo e pinicava o rosto. Folhas de carvalho voavam em volta dela, girando no ar. Mas a conflagração em seu coração era ardente e afastava o frio. Elena agora sabia o que significava uma raiva assombrosa. Ela passou pelas faias arroxeadas e os salgueiros-chorões no meio do antigo cemitério e olhou em volta com os olhos febris.

No alto, as nuvens fluíam como um rio de chumbo. Os galhos dos carvalhos e faias se vergastavam intensamente. Uma lufada atirou punhados de folhas em seu rosto. Era como se o cemitério tentasse expulsá-la, como se

estivesse lhe mostrando seu poder, preparando-se para fazer alguma coisa perversa com ela.

Elena ignorou tudo isso. Girou o corpo, o olhar ardente vasculhando entre as lápides. Depois se virou e gritou diretamente para a fúria do vento. Uma só palavra, mas aquela que Elena sabia que o traria.

— *Damon!*

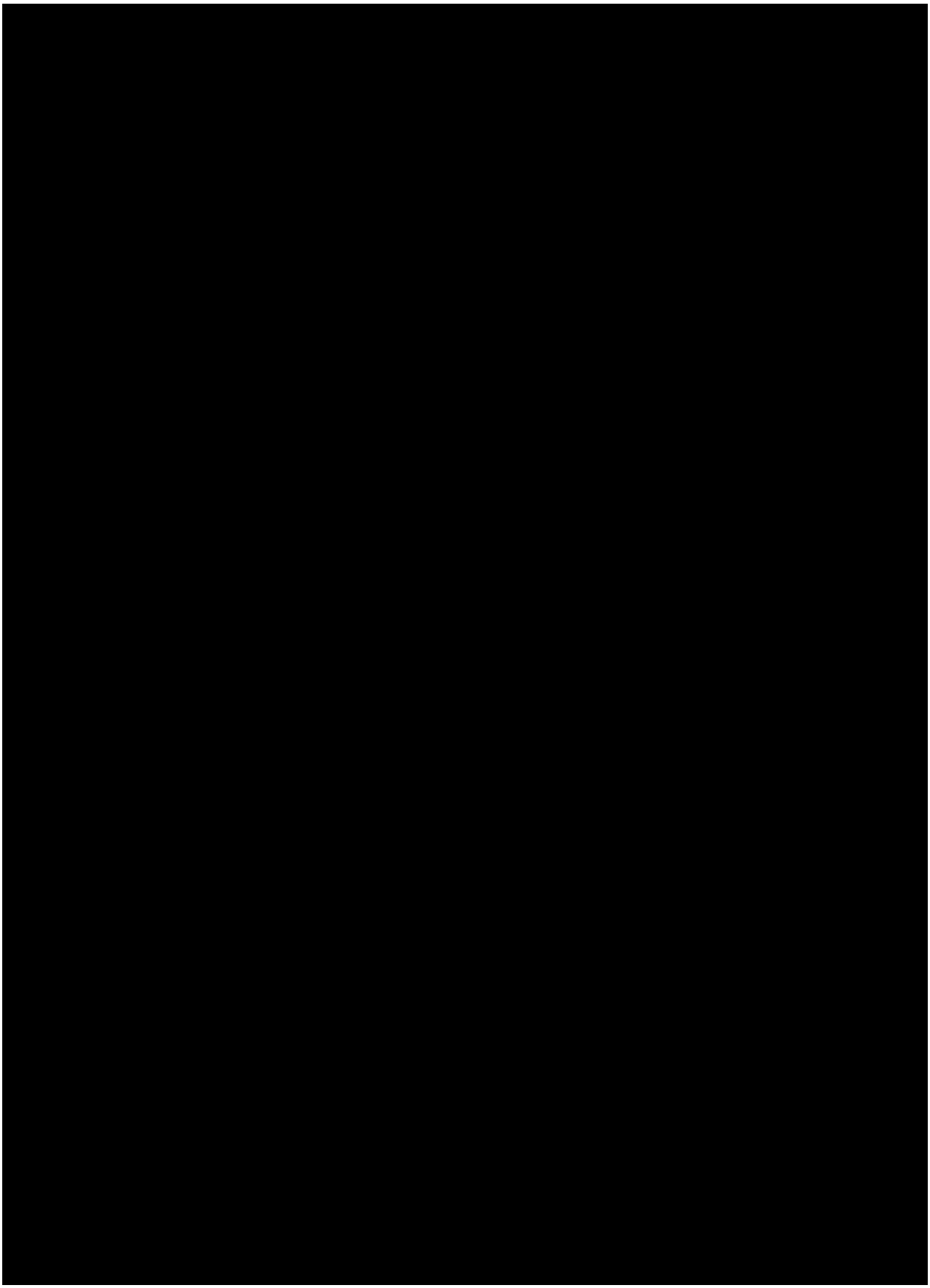
Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

L.J. SMITH



DIÁRIOS DO VAMPIRO

O CONFRONTO



Obras da autora publicadas pela Galera Record

***Série* Diários do Vampiro**

O despertar
O confronto
A fúria
Reunião Sombria
O Retorno — Anoitecer
O Retorno — Almas sombrias
O Retorno — Meia-noite
Caçadores — Espectro
Caçadores — Canção da lua
Caçadores — Destino

***Série* Diários de Stefan**

Origens
Sede de sangue
Desejo
Estripador
Asilo

***Série* Os Originais**

Ascensão
A perda

***Série* Círculo Secreto**

A iniciação
A prisioneira
O poder
A ruptura
A caçada
A tentação

Série Mundo das sombras

Vampiro secreto

Filhas da escuridão

Submissão mortal

L.J.SMITH

DIÁRIOS DO VAMPIRO

O CONFRONTO

1ª edição

Tradução | Ryta Vinagre

Galera

2023

DIAGRAMAÇÃO DA VERSÃO IMPRESSA
Abreu's System

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S647d
Smith, L. J.
Diários do vampiro: o confronto [recurso eletrônico] / L. J. Smith; tradução Ryta Vinagre. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2023.
recurso digital (Diários do vampiro; 2)

Tradução de: The struggle
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5981-339-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Vinagre, Ryta. II. Título. III. Série.

23-84594

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Gabriela Faray Ferreira Lopes – Bibliotecária – CRB-7/6643

Copyright © 1991 by Daniel Weiss Associates, Inc. and Lisa Smith

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.
Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado pelo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela

EDITORA GALERA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 120 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil



ISBN 978-65-5981-339-1

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

Sumário

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

1

– Damon!

O vento gelado vergastava o cabelo no rosto de Elena, investindo contra seu leve suéter. Folhas de carvalho giravam entre as filas de lápides de granito e as árvores chacoalhavam os galhos num frenesi. As mãos de Elena estavam geladas, os lábios e bochechas completamente entorpecidos, mas ela continuou ali de pé, gritando, berrando ao vento.

— Damon!

Este clima era uma mostra do seu Poder, e a intenção era afugentá-la. Não deu certo. A ideia de que o mesmo Poder se voltaria contra Stefan despertou uma fúria quente dentro de Elena, queimando contra o vento. Se Damon fizesse algo contra Stefan, se Damon o ferisse...

— Mas que droga, responda! — gritou ela para os carvalhos que margeavam o cemitério.

Uma folha morta de carvalho, feito uma garra castanho-esbranquiçada, deslizou até seus pés, mas não houve resposta. No alto, o céu era cinza como vidro, cinza como as lápides que a cercavam. Elena sentiu a raiva e a frustração acomodando-se em sua garganta e cedeu. Ela se enganara. Damon não estava ali, afinal; ela estava sozinha com o vento uivante.

Elena se virou — e engasgou.

Ele estava bem atrás dela, tão perto que as roupas de Elena roçaram nele quando ela se virou. A essa distância, ela devia ter sentido outro ser humano parado ali, sentido o calor do corpo dele ou tê-lo ouvido. Mas Damon, evidentemente, não era humano.

Ela recuou alguns passos antes de conseguir parar. Cada instinto que permanecera quieto enquanto ela gritava para a fúria do vento agora latejava em seu corpo.

Elena cerrou os punhos.

— Onde está Stefan?

Uma ruga apareceu entre as sobrancelhas escuras de Damon.

— Que Stefan?

Elena avançou um passo e deu um tapa nele.

Fez isso sem pensar e depois mal conseguiu acreditar no que fizera. Mas foi um belo tabefe, no qual ela empregou toda a sua força, e atingiu uma das faces de Damon. Sua mão ardeu. Ela se manteve firme, tentando acalmar a respiração, e o observou.

Ele estava vestido como na primeira vez em que Elena o vira, de preto. Botas pretas e macias, jeans, suéter e jaqueta de couro, tudo preto. Ele era parecido com Stefan. Ela ficou surpresa de não ter percebido isso antes. Tinha o mesmo cabelo escuro, a mesma pele clara, a mesma beleza perturbadora. Mas o cabelo de Damon era liso, não ondulado, os olhos eram escuros como a meia-noite e o sorriso era cruel.

Ele virou a cabeça lentamente para olhá-la e Elena viu o sangue subindo na face que havia estapeado.

— Não minta para mim — disse ela, a voz trêmula. — Eu sei quem você é. Sei *o que* você é. Você matou o Sr. Tanner ontem à noite. E agora Stefan desapareceu.

— Desapareceu, é?

— Você sabe que sim!

Damon sorriu e virou o rosto imediatamente.

— Estou avisando; se você o machucou...

— O que, então? — perguntou. — O que vai fazer, Elena? O que *você* pode fazer contra *mim*?

Elena se calou. Pela primeira vez, percebeu que o vento havia cessado. O dia tornara-se silencioso em volta deles, como se estivessem imóveis, no meio de algum grande círculo de poder. Parecia que tudo, o céu de chumbo, os carvalhos e as faias roxas, o próprio chão, estavam conectados a ele, como se ele extraísse Poder de tudo isso. Ele ficou parado com a cabeça um pouco inclinada para trás, os olhos insondáveis e cheios de luzes estranhas.

— Não sei — sussurrou ela —, mas vou dar um jeito. Pode acreditar.

De repente ele riu e o coração de Elena sofreu um solavanco, dando início a uma série de fortes marteladas. Meu Deus, ele era lindo. Bonito era um adjetivo fraco e pálido demais. Como sempre, o riso durou apenas um instante, mas deixou vestígios em seus olhos mesmo quando os lábios voltaram a ficar sóbrios.

— Acredito plenamente em você — disse ele, relaxando, observando o cemitério. Depois se virou e estendeu a mão para ela. — Você é boa demais para o meu irmão — disse ele despreocupadamente.

Elena pensou em bater na mão para afastá-la, mas não queria tocar nele de novo.

— Diga onde ele está.

— Talvez mais tarde... Mas há um preço. — Ele retirou a mão, justo quando Elena percebia que nela havia um anel igual ao de prata e lápis-lazúli de Stefan. Lembre-se disso, pensou ela com veemência. É importante.

— Meu irmão — prosseguiu Damon — é um tolo. Para ele, como você é parecida com Katherine, deve ser fraca e se deixar levar facilmente, assim como ela. Mas ele está enganado. Posso sentir sua raiva do outro lado da cidade. Posso senti-la agora, uma luz intensa como o sol do deserto. Você tem força, Elena, mesmo sendo como é. Mas pode ser muito mais forte...

Ela o fitou, sem compreender, sem gostar da mudança de assunto.

— Não sei do que está falando. E o que isso tem a ver com Stefan?

— Estou falando de Poder, Elena. — De repente, ele se aproximou de Elena, os olhos fixos nos dela, a voz suave e urgente. — Você tentou de tudo e nada a satisfez. É uma garota que tem tudo, mas sempre existe algo fora de seu alcance, algo de que precisa desesperadamente e não tem. É justamente o que estou oferecendo a você. Poder. Vida eterna. E sensações que nunca teve na vida.

Ela então *entendeu* e a bile subiu por sua garganta. Ficou sufocada de pavor e repúdio.

— Não.

— E por que não? — sussurrou ele. — Por que não experimentar, Elena? Seja franca. Não há uma parte de você que quer isso? — Os olhos escuros de Damon estavam tomados por um calor e uma intensidade que a mantinham petrificada, incapaz de desviar o olhar. — Posso despertar coisas que estiveram adormecidas aí dentro por toda sua vida. Você é forte o bastante para viver nas trevas, e de forma esplendorosa. Pode se tornar uma rainha das sombras. Por que não aceitar o Poder, Elena? Deixe-me ajudá-la a tê-lo.

— *Não* — disse ela, se forçando a desviar os olhos dos dele. Não ia encará-lo, não deixaria que ele fizesse aquilo. Não se permitiria esquecer... Esquecer...

— Este é o segredo definitivo, Elena — disse Damon. A voz dele era tão suave quanto as pontas dos dedos que tocavam o pescoço dela. — Você será feliz como nunca na vida.

Ela precisava se lembrar de algo terrivelmente importante. Ele estava usando o Poder para fazê-la esquecer, mas Elena não permitiria isso...

— E vamos ficar juntos, você e eu. — As pontas daqueles dedos frios afagaram a lateral do pescoço de Elena, descendo pela gola do suéter. — Só nós dois, para sempre.

Houve uma pontada súbita de dor quando os dedos dele roçaram as duas feridas minúsculas no pescoço de Elena, e a mente dela clareou.

Fizesse esquecer... *Stefan*.

Era isso que ele queria arrancar da mente dela. A lembrança de Stefan, de seus olhos verdes e daquele sorriso por trás do qual sempre havia uma tristeza oculta. Mas agora nada podia obrigá-la a tirar Stefan de seus pensamentos, não depois do que eles compartilharam. Ela se afastou de Damon, afugentando aqueles dedos frios. E então o encarou.

— Já encontrei o que eu quero — disse ela, rispidamente. — E com quem quero ficar para sempre.

A escuridão brotou nos olhos dele, uma fúria gélida que varreu o ar entre os dois. Enquanto fitava os olhos de Damon, Elena pensou numa cobra prestes a dar o bote.

— Não seja idiota como meu irmão — disse ele. — Ou terei de tratá-la da mesma maneira.

Agora ela estava com medo. Não pôde evitar, não com o frio que se derramava sobre ela e gelava seus ossos. O vento havia aumentado, os galhos se debatiam.

— Diga onde ele está, Damon.

— Neste momento? Não sei. Não pode parar de pensar nele nem por um instante?

— Não! — Ela estremeceu, o cabelo chicoteava seu rosto novamente.

— E esta é sua última resposta de hoje? Pense se realmente quer fazer este jogo comigo, Elena. As consequências não são nada divertidas.

— Tenho *certeza* disso. — Ela precisava impedi-lo antes que ele a dominasse novamente. — E você não pode me intimidar, Damon. Ou ainda não percebeu isso? No momento em que Stefan me disse o que vocês eram, o que faziam, você perdeu todo o poder que poderia ter sobre mim. Eu *odeio* você. Sinto verdadeiro nojo. E não há nada que possa fazer a mim, nada.

O rosto de Damon se alterou, retorcendo-se e paralisando sem nenhuma sensualidade, tornando-se cruel e severo de tão amargurado. Ele deu uma risada breve.

— Nada? — disse ele. — Posso fazer *qualquer coisa* com você e com aqueles que mais ama. Você não faz ideia, Elena, do que sou capaz de fazer. Mas vai aprender.

Ele recuou e o vento cortou Elena como uma faca. A visão dela parecia estar se toldando; era como se raios luminosos preenchessem o ar diante de seus olhos.

— O inverno está chegando, Elena — disse ele, com um tom de voz claro e arrepiante mesmo sob o uivo do vento. — Uma estação implacável. Antes que ele venha, terá de aprender o que posso e não posso fazer. Antes que o inverno esteja aqui, terá se unido a mim. Você será minha.

Aquela brancura retorcida a cegava e ela não conseguia mais enxergar o volume escuro da figura de Damon. Agora até a voz dele esmorecia. Ela

envolveu o próprio corpo, de cabeça baixa, tremendo. Então sussurrou: "Stefan..."

— Ah, e mais uma coisa — a voz de Damon voltou. — Você perguntou por meu irmão. Não se incomode em procurar por ele, Elena. Eu o matei ontem à noite.

A cabeça de Elena se ergueu de repente, mas não havia nada para ver, só aquela brancura vertiginosa, que queimava em seu nariz e no rosto e se acumulava sobre os cílios. Foi somente neste momento, enquanto finos grãos se acomodavam em sua pele, que ela percebeu o que eram: flocos de neve.

Estava nevando no início de novembro. No horizonte, o sol se fora.

2

Um crepúsculo nada natural pendia sobre o cemitério abandonado. A neve toldava os olhos de Elena e o vento entorpecia seu corpo como se ela tivesse entrado numa corrente de água gelada. No entanto, ela decidiu não virar na direção do cemitério moderno e da estrada que começava logo depois dele. Pelo que podia avaliar, a ponte Wickery estava à frente. Então ela seguiu reto.

A polícia encontrou o carro abandonado de Stefan perto da Old Creek Road. Isso significava que ele o havia deixado em algum ponto entre o córrego Drowning e o bosque. Elena cambaleou pela trilha cheia de mato que cortava o cemitério, mas manteve-se o tempo todo em movimento, segurando o suéter leve. Conhecia bem este cemitério e podia encontrar o caminho de olhos fechados.

No momento em que cruzava a ponte, seu tremor tornou-se algo doloroso. Agora já não nevava tanto, mas o vento piorara. Atravessava suas roupas como se fossem feitas de lenço de papel e tirava seu fôlego.

Stefan, pensou ela, e entrou na Old Creek Road, indo para o norte. Não acreditava no que Damon dissera. Se Stefan estivesse morto, ela *saberia*. Ele estava vivo, em algum lugar, e ela precisava encontrá-lo. Ele podia estar em qualquer lugar nesta brancura que girava; podia estar ferido, congelando. Sutilmente, Elena sentiu que não raciocinava mais. Todos os seus pensamentos se estreitaram em uma única ideia. Stefan. Encontrar Stefan.

Ficava cada vez mais difícil manter-se na estrada. À direita ficavam os carvalhos, à esquerda, as águas velozes do córrego Drowning. Ela cambaleou e reduziu o passo. O vento não parecia tão ruim agora, mas ela estava muito cansada. Precisava se sentar e descansar, só por um minuto.

Enquanto se abaixava ao lado da estrada, de repente percebeu como fora ingênua ao sair em busca de Stefan. Ele viria a ela. Só o que precisava fazer era ficar sentada e esperar. Ele já devia estar a caminho.

Elena fechou os olhos e encostou a cabeça nos joelhos dobrados. Sentia-se muito mais aquecida agora. Deixou a mente vagar e viu Stefan, sorrindo para ela. Os braços em volta dela eram fortes e seguros e ela relaxou, feliz por se livrar do medo e da tensão. Ela estava em casa. Estava em seu lugar. Stefan jamais deixaria que algo a ferisse.

Mas, em vez de abraçá-la, Stefan a sacudia. Ele estava estragando a linda tranquilidade de seu descanso. Ela viu o rosto dele, pálido e urgente, os olhos verdes escuros de dor. Tentou dizer a ele para ficar quieto, mas ele não ouvia. *Elena, levante-se*, disse ele, e Elena sentiu a força daqueles olhos verdes instando-a a agir. *Elena, levante-se agora...*

— Elena, levante-se! — A voz era alta, aguda e assustada. — Vamos, Elena. Levante-se! Não podemos carregar você!

Piscando, Elena colocou um rosto em foco. Era pequeno e com formato de coração; a pele clara, quase transparente, uma massa de cachos ruivos e macios emoldurava a figura. Olhos castanhos arregalados, com flocos de neve presos nos cílios, fitavam-na preocupados.

— Bonnie — disse ela, devagar. — O que está fazendo aqui?

— Está me ajudando a procurar por você — disse uma segunda voz, mais baixa, do outro lado de Elena. Ela se virou devagar e viu sobrancelhas elegantes e arqueadas e uma tez marrom. Os olhos escuros de Meredith, em geral tão irônicos, agora também pareciam preocupados. — Levante-se, Elena, a não ser que queira se tornar a princesa de gelo de verdade.

A neve cobria o corpo de Elena como um casaco de pele branco.

Rigidamente, Elena se levantou, apoiando-se fortemente nas duas meninas. Elas a conduziram para o carro de Meredith.

Devia estar mais quente dentro do carro, mas as terminações nervosas de Elena voltavam à vida, fazendo-a tremer, sinalizando o quão frio estava seu corpo. O inverno é uma estação implacável, pensou ela enquanto Meredith dirigia.

— O que está havendo, Elena? — disse Bonnie do banco traseiro. — Por que você fugiu da escola daquele jeito? E como pôde vir para *cá*?

Elena hesitou, depois sacudiu a cabeça. Queria desesperadamente contar tudo a Bonnie e Meredith. Contar toda a apavorante história de Stefan e Damon e o que realmente aconteceu na noite passada com o Sr. Tanner — e o que aconteceu depois também. Mas não podia. Mesmo que elas acreditassem, não cabia a ela revelar o segredo.

— Todo mundo está procurando por você — disse Meredith. — Toda a escola está agitada e sua tia está quase histérica.

— Desculpe — disse Elena desanimada, tentando reprimir os tremores violentos. Então, elas entraram na Maple Street e pararam na casa de Elena.

Tia Judith esperava do lado de fora com cobertores aquecidos.

— Eu sabia que se a encontrassem, você estaria meio congelada — disse ela numa voz propositalmente animada enquanto estendia a mão para Elena. — Neve um dia depois do Halloween! Nem acredito nisso. Onde a encontraram, meninas?

— Na Old Creek Road, depois da ponte — disse Meredith.

O rosto fino da tia Judith perdeu a cor.

— Perto do cemitério? Onde aconteceram os ataques? Elena, como *pôde*?... — A voz de tia Judith falhou enquanto ela olhava para Elena. — Não vamos falar mais nada sobre isso agora — disse ela, tentando recuperar o ânimo. — Vamos tirar essas roupas molhadas.

— Preciso voltar para lá assim que estiver seca — disse Elena. Seu cérebro trabalhava novamente e uma coisa era clara: ela não vira Stefan por lá; tudo havia sido um sonho. Stefan ainda estava desaparecido.

— Não precisa fazer nada disso — disse Robert, noivo da tia Judith. Até então, Elena mal dera pela presença dele, parado ali de lado. Mas seu tom de voz não permitia discussões. — Eles estão procurando por Stefan; deixe que a polícia faça o trabalho dela — disse ele.

— Eles acham que foi Stefan quem matou o Sr. Tanner, mas não foi ele. Vocês sabem disso, não sabem? — Enquanto tia Judith tirava o suéter ensopado, Elena olhava de um rosto para outro procurando ajuda, mas

todos eram iguais. — Vocês *sabem* que ele não fez isso — repetiu ela, quase desesperada.

Houve um silêncio.

— Elena — disse Meredith por fim —, ninguém quer pensar que foi ele. Mas... Bom, parece bem esquisito ele fugir desse jeito.

— Ele não fugiu. Não foi ele! Ele *não*...

— Calma, Elena — disse a tia Judith. — Não fique tão agitada. Acho que você está ficando doente. Estava tão frio lá fora e você só dormiu algumas horas na noite passada... — Ela pôs a mão no rosto da sobrinha.

De repente, foi demais para Elena. Ninguém acreditava nela, nem mesmo suas amigas e sua família. Neste momento, ela se sentiu cercada de inimigos.

— Não estou doente — gritou, se afastando. — E também não estou delirando... Ou o que quer que pensem. Stefan não fugiu e não matou o Sr. Tanner, e não ligo se nenhum de vocês acredita em mim... — Ela parou, ofegando. Tia Judith estava alvoroçada em volta dela, apressando-a escada acima, e ela se deixou levar. Mas Elena não foi para a cama quando a tia Judith sugeriu que devia estar cansada. Em vez disso, depois de se aquecer, sentou-se no sofá da sala perto da lareira, debaixo de uma pilha de mantas. O telefone tocou a tarde toda e ela ouviu a tia falando com amigos, vizinhos, com a escola. Garantia a todos que Elena estava bem. A... tragédia da noite anterior a afetara um pouco, foi só isso, e ela parecia meio febril. Mas ia ficar nova em folha assim que descansasse.

Meredith e Bonnie estavam sentadas ao lado dela.

— Quer conversar? — disse Meredith em voz baixa. Elena sacudiu a cabeça, olhando o fogo. Todos estavam contra ela. E tia Judith se enganava: ela não estava bem. Só ficaria bem quando Stefan fosse encontrado.

Matt apareceu para uma visita, espanando a neve de seu cabelo louro e do anoraque azul-escuro. Enquanto ele entrava na casa, Elena o olhou cheia de esperanças. Ontem Matt ajudara a salvar Stefan, quando o resto da escola queria linchá-lo. Mas hoje ele retribuiu o olhar esperançoso dela com outro de remorso, a preocupação em seus olhos azuis era só por ela.

A decepção foi insuportável.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Elena. — Cumprindo a promessa de cuidar de mim?

A mágoa palpitou nos olhos dele. Mas a voz de Matt era estável.

— Talvez seja parte do motivo. Mas eu tentaria cuidar de você de qualquer maneira, independentemente do que tenha prometido. Eu estava preocupado com você. Olha, Elena...

Ela não estava com humor para ouvir mais nada.

— Bom, estou bem, muito obrigada. Pergunte a qualquer um aqui. Então pode parar de se preocupar. Além disso, não entendo por que você quer cumprir uma promessa feita a um *assassino*.

Sobressaltado, Matt olhou para Meredith e Bonnie. Depois sacudiu a cabeça, desanimado.

— Não está sendo justa.

Elena também não estava com humor para ser justa.

— Eu já disse: pode parar de se preocupar comigo e com a minha vida. Estou bem, obrigada.

A implicação era evidente. Matt se virou para a porta assim que a tia Judith apareceu com sanduíches.

— Desculpe, tenho que ir — murmurou, correndo para a porta. Ele saiu sem olhar para trás.

Meredith, Bonnie, tia Judith e Robert tentaram conversar enquanto jantavam, mais cedo que de costume, perto da lareira. Elena não conseguiu comer e não falou nada. A única pessoa que não estava infeliz era a irmã mais nova de Elena, Margaret. Com o otimismo dos 4 anos de idade, ela se aninhou junto a Elena e ofereceu parte de seus doces de Halloween.

Elena abraçou a irmã com força, por um momento chegando a esmagar o rosto no cabelo louro-claro de Margaret. Se Stefan pudesse ligar para ela ou mandar um recado, a essa altura já o teria feito. Nada no mundo o teria impedido, a não ser que ele estivesse muito ferido, ou preso em algum lugar, ou...

Elena não queria nem pensar neste último "ou". Stefan estava vivo; tinha de estar vivo. Damon era um mentiroso.

Mas Stefan estava em perigo e ela precisava encontrá-lo de algum modo. Ela se preocupou com isso a noite toda, tentando desesperadamente bolar um plano. Uma coisa era clara: Elena estava sozinha. Não podia mais confiar em ninguém.

Escureceu lá fora. Elena se remexeu no sofá e soltou um bocejo forçado.

— Estou cansada — disse baixinho. — Talvez eu esteja mesmo doente. Acho que vou para a cama.

Meredith olhava sutilmente para ela.

— Eu estava pensando, Srta. Gilbert — disse ela, virando-se para a tia Judith —, que talvez Bonnie e eu devêssemos passar a noite aqui. Para fazer companhia a Elena.

— Que boa ideia — disse a tia Judith, satisfeita. — Desde que seus pais não se importem, será um prazer tê-las aqui.

— É uma viagem longa até Herron. Acho que vou ficar também — disse Robert. — Posso me deitar no sofá. — Tia Judith protestou que havia muitos quartos de hóspedes no segundo andar, mas Robert foi inflexível. O sofá seria ótimo para ele, afirmou.

Depois de olhar do sofá para o corredor onde a porta da frente estava à plena vista, Elena se sentou rigidamente. Eles haviam planejado isso, ou, pelo menos, todos haviam decidido o mesmo agora. Estavam se certificando de que ela não saísse da casa.

Quando saiu do banheiro pouco tempo depois, enrolada em seu quimono de seda vermelha, Elena encontrou Meredith e Bonnie sentadas em sua cama.

— Ora, olá, Rosencrantz e Guildenstern — disse ela com amargura.

Bonnie, que antes parecia deprimida, agora parecia alarmada. Encarou Meredith com um olhar de dúvida.

— Ela sabe quem somos. Ela quer dizer que acha que somos espiãs da tia dela — interpretou Meredith. — Elena, sabe muito bem que não é isso. Não pode confiar em nós?

— Não sei. Posso?

— Pode, porque nós somos suas *amigas*. — Antes que Elena pudesse se mexer, Meredith pulou da cama e fechou a porta. Depois se virou de frente para ela. — Agora, pela primeira vez na sua vida, me escute, sua idiotinha. É verdade que não sabemos o que pensar de Stefan. Mas será que não vê que é por sua culpa? Desde que você e ele ficaram juntos, você tem nos excluído. Aconteceram coisas que você não nos contou. Pelo menos não nos contou a história toda. Mas apesar disso, apesar de tudo, ainda confiamos em você. Ainda nos importamos com você. Ainda estamos do seu lado, Elena. E queremos ajudar. E se você não enxerga isso, então *é mesmo* uma idiota.

Lentamente, Elena trocou o olhar do rosto expressivo de Meredith para a palidez de Bonnie. Bonnie assentiu.

— É verdade — disse ela, piscando muito, como quem quer evitar as lágrimas. — Mesmo que não goste de nós, ainda gostamos de *você*.

Elena sentiu os próprios olhos marejados e sua expressão severa desfez-se. Bonnie então saiu da cama e as três se abraçaram, e Elena descobriu que não era capaz de evitar as lágrimas que desciam por seu rosto.

— Desculpe se não tenho conversado com vocês — disse ela. — Sei que não entenderiam e não posso explicar por que não posso contar tudo. Simplesmente *não posso*. Mas há algo que posso contar. — Ela recuou um passo, limpando o rosto, e olhou para elas com franqueza. — Por piores que sejam as evidências contra Stefan, *ele não matou o Sr. Tanner*. Sei que não foi ele, porque sei quem fez. E foi a mesma pessoa que atacou Vickie e o velho debaixo da ponte. E... — ela parou e pensou por um momento. — E, bem, Bonnie, acho que matou Yangtze também.

— *Yangtze?* — Os olhos de Bonnie se arregalaram. — Mas por que ele mataria um cachorro?

— Não sei, mas ele estava lá naquela noite, em sua casa. E ele estava... Com raiva. Sinto muito, Bonnie.

Bonnie sacudiu a cabeça, abismada. Meredith disse:

— Por que não contou à polícia?

O riso de Elena foi meio histérico.

— Não posso. Não é algo com que eles possam lidar. E esta é outra coisa que não posso explicar. Vocês disseram que ainda confiam em mim; bom, terão de confiar em mim nisso também.

Bonnie e Meredith olharam uma para outra, depois para a colcha, onde os dedos nervosos de Elena pegavam um fio do bordado. Por fim Meredith disse:

— Tudo bem. O que podemos fazer para ajudar?

— Não sei. Nada, a não ser... — Elena parou e olhou para Bonnie. — A não ser — disse ela, numa voz alterada — que você possa me ajudar a encontrar Stefan.

Os olhos castanhos de Bonnie estavam genuinamente confusos.

— Eu? Mas o que eu posso fazer? — Depois, ao ouvir Meredith respirar fundo, ela disse: — Ah. *Ah.*

— Você sabia onde eu estava naquele dia em que fui ao cemitério — disse Elena. — E você previu que Stefan ia à escola.

— Pensei que não levasse à sério essa coisa de paranormalidade — disse Bonnie, hesitante.

— Aprendi umas coisinhas desde então. De qualquer forma, estou disposta a acreditar *em qualquer coisa*, se ajudar a encontrar Stefan. Se ainda existir alguma chance, isso pode ajudar.

Bonnie estava recurvada, como se tentasse diminuir de tamanho.

— Elena, você não entende — disse ela, com pesar. — Não sou treinada; não é algo que eu consiga controlar. E... isso não é uma brincadeira, não é mais. Quanto mais você usa esses poderes, mais eles usam *você*. Um dia eles podem terminar usando você o tempo todo, quer você queira ou não. É *perigoso*.

Elena se levantou e andou até a cômoda de cerejeira, olhando sem ver. E por fim se virou.

— Tem razão; não é uma brincadeira. E acredito em você sobre o perigo que pode ser. Mas não é brincadeira para Stefan também. Bonnie, acho que ele está lá fora, em algum lugar, terrivelmente ferido. E não há ninguém para ajudá-lo; ninguém nem mesmo procura por ele, a não ser inimigos. Ele pode

estar morrendo agora mesmo. Ele... Ele pode até estar... — Sua garganta se fechou. Ela tombou a cabeça sobre a cômoda e respirou fundo, tentando se controlar. Quando olhou para cima, viu que Meredith olhava para Bonnie.

Bonnie endireitou os ombros, sentando-se o mais ereta que podia. Seu queixo se ergueu e a boca se firmou. E nos olhos castanhos normalmente brandos, uma luz severa brilhava enquanto encontravam os de Elena.

— Precisamos de uma vela — foi tudo o que ela disse.

O fósforo foi riscado e lançou centelhas na escuridão, depois a chama da vela ardeu forte e brilhante, conferindo ao rosto pálido de Bonnie um brilho dourado. A menina ficou curvada sobre a vela.

— Vou precisar que as duas me ajudem a me concentrar — disse ela. — Olhem para a chama e pensem em Stefan. Imaginem Stefan. O que quer que aconteça, continuem olhando para a chama. E o que quer que aconteça, não digam nada.

Elena assentiu, e o único som no quarto foi a respiração suave. A chama bruxuleava e dançava, lançando padrões de luz nas três meninas sentadas de pernas cruzadas em volta da vela. Bonnie, de olhos fechados, respirava profunda e lentamente, como alguém caindo no sono.

Stefan, pensou Elena, olhando a chama, tentando imprimir toda sua vontade no pensamento. Ela o criou em sua mente, usando todos os sentidos, conjurando-o para ela. A aspereza do suéter de lã sob seu rosto, o cheiro da jaqueta de couro, a força de seus braços em volta dela. Ah, Stefan...

Os cílios de Bonnie estremeceram, e sua respiração se acelerou, como alguém que estivesse tendo um pesadelo. Resoluta, Elena manteve os olhos na chama, mas quando Bonnie rompeu o silêncio, um arrepio percorreu sua espinha.

De início foi só um gemido, o som de alguém com dor. Depois, enquanto Bonnie balançava a cabeça, a respiração saindo em lufadas curtas, vieram as palavras.

— Sozinho... — disse ela, e parou. As unhas de Elena cravaram na mão dela. — Sozinho... no escuro — disse Bonnie. A voz era distante e torturada.

Houve silêncio de novo e Bonnie começou a falar rapidamente.

— Está escuro e frio. E estou sozinho. Algo está atrás de mim... algo denteado e duro. Pedras. Usaram para me machucar... Mas não agora. Agora estou dormente, de frio. Tão frio... — Bonnie se retorceu, como se tentasse se livrar de alguma coisa, e depois riu, uma risada pavorosa, quase como um soluço. — Que... engraçado. Nunca pensei que quisesse tanto ver o sol. Mas está sempre escuro aqui. E frio. Há água até meu pescoço, como gelo. Isso também é engraçado. Água em toda parte... E morrendo de sede. Tanta sede... Isso dói...

Elena sentiu algo apertar seu coração. Bonnie estava dentro dos pensamentos de Stefan e quem sabia o que podia descobrir ali? Stefan, diga-nos onde você está, pensou ela desesperadamente. Olhe em volta, diga o que vê.

— Sede... Preciso de... vida? — A voz de Bonnie era insegura, como se não soubesse como traduzir um conceito. — Estou fraco. Ele disse que sempre fui o fraco. Ele é forte... Um matador. Mas é o que eu sou também. Matei Katherine; talvez eu mereça morrer. Por que não me deixar levar?...

— Não! — disse Elena antes que pudesse se reprimir. Neste instante, ela se esqueceu de tudo, só o que tinha em mente era a dor de Stefan. — Stefan...

— Elena! — Meredith soltou um grito agudo ao mesmo tempo. Mas a cabeça de Bonnie tombou para frente, o fluxo de palavras interrompido. Apavorada, Elena percebeu o que fizera.

— Bonnie, você está bem? Pode encontrá-lo de novo? Eu não queria...

A cabeça de Bonnie se ergueu. Seus olhos agora estavam abertos, mas não olhavam nem para a vela, nem para Elena. Fitavam à frente, sem expressão. Quando Bonnie falou, sua voz estava distorcida e o coração de Elena parou. Não era a voz de Bonnie, mas outra que Elena reconhecia. Ela a ouvira saindo dos lábios de Bonnie antes, no cemitério.

— Elena — disse a voz —, não vá à ponte. É a Morte, Elena. Sua morte a espera ali. — Depois Bonnie tombou para frente.

Elena a pegou pelos ombros e a sacudiu.

— Bonnie! — ela quase gritava. — Bonnie!

— O quê... Ah, não. Passou. — A voz de Bonnie era fraca e trêmula, mas era dela. Ainda recurvada, ela pôs a mão na testa.

— Bonnie, você está bem?

— Acho que... sim. Mas foi tão estranho. — Seu tom se aguçou e ela levantou a cabeça, piscando. — O que foi isso, Elena, sobre ser um matador?

— Você se lembra disso?

— Eu me lembro de tudo. Não posso descrever; foi medonho. Mas o que isso *significa*?

— Nada — disse Elena. — Ele está alucinando, só isso.

Meredith se intrometeu.

— Ele? Então acha realmente que ela se transformou em Stefan?

Elena assentiu, os olhos inflamados e ardendo enquanto virava a cara.

— Sim. Acho que era Stefan. Só podia ser. E acho que ela até nos disse onde ele está. Debaixo da ponte Wickery, na água.

3

Bonnie a encarou.

— Não me lembro de nada sobre a ponte. Não parecia uma ponte.

— Mas você mesma disse, no final. Pensei que se lembrasse... — A voz de Elena sumiu. — Não se lembra dessa parte... — disse ela simplesmente. Não era uma pergunta.

— Eu me lembro de estar sozinha, em um lugar frio e escuro, me sentindo fraca. E com sede. Ou seria fome? Não sei, mas eu precisava... De alguma coisa. E quase quis morrer. E então você me despertou.

Elena e Meredith trocaram um olhar.

— E depois disso — disse Elena a Bonnie —, você disse mais uma coisa, numa voz estranha. Disse para não chegar perto da ponte.

— Ela disse para *você* não chegar perto da ponte — corrigiu Meredith. — Você, em particular, Elena. Ela disse que a Morte a esperava.

— Não ligo para o que me espera — disse Elena. — Se é lá que Stefan está, então é para lá que vou.

— Então é para lá que todas nós vamos — disse Meredith.

Elena hesitou.

— Não posso pedir isso a vocês — disse ela, lentamente. — Pode ser perigoso... Um perigo que vocês não conhecem. Pode ser melhor eu ir sozinha.

— Está brincando? — disse Bonnie, empinando o queixo. — Nós *adoramos* perigo. Quero estar jovem e bonita em meu túmulo, lembra?

— Não — disse Elena rapidamente. — Você mesma disse que isso não era uma brincadeira.

— Também não é para Stefan — ressaltou Meredith. — Não vamos conseguir fazer nada por ele ficando aqui.

Elena já se livrava do quimono, andando até o armário.

— É melhor nos agasalharmos bem. Peguem o que quiserem para se aquecer — disse ela.

Quando as três estavam mais ou menos vestidas de forma apropriada para o clima, Elena se voltou para a porta. Depois parou.

— Robert — lembrou ela. — Não há como sairmos pela porta da frente passando por ele, mesmo que ele esteja dormindo.

Ao mesmo tempo, as três viraram-se para olhar a janela.

— Ah, que maravilha — disse Bonnie.

Enquanto subiam no marmeleiro, Elena percebeu que tinha parado de nevar. Mas a ferroada do ar em seu rosto a lembrou das palavras de Damon. O inverno é uma estação implacável, pensou ela, e tremeu.

Todas as luzes da casa estavam apagadas, inclusive as da sala de estar. Robert já devia ter ido dormir. Mesmo assim, Elena prendeu a respiração ao se esgueirarem pelas janelas escuras. O carro de Meredith estava um pouco distante, na rua. Na última hora, Elena decidiu pegar uma corda e silenciosamente abriu a porta da garagem. A correnteza era forte no córrego Drowning e seria perigoso andar na beira do rio.

A viagem de carro até o último canto da cidade foi tensa. Enquanto elas passavam pelos arredores do bosque, Elena se lembrou de como as folhas sopraram nela no cemitério. Particularmente folhas de carvalho.

— Bonnie, os carvalhos têm algum significado especial? Sua avó alguma vez falou sobre eles?

— Bem, são sagrados para os druidas. Todas as árvores são, mas os carvalhos são as árvores mais sagradas. Eles pensavam que o espírito das árvores inspirava poder.

Elena digeriu isso em silêncio. Quando chegaram à ponte e saíram do carro, ela deu uma olhada inquieta nos carvalhos do lado direito da estrada. Mas a noite estava clara e estranhamente calma, e nenhuma brisa agitava as folhas castanhas e secas que restavam nos galhos.

— Fiquem atentas a um corvo — disse ela a Bonnie e Meredith.

— Um corvo? — disse Meredith asperamente. — Como o corvo do lado de fora da casa de Bonnie na noite em que Yangtze morreu?

— Na noite em que Yangtze foi morto. Sim. — Com o coração acelerado, Elena se aproximou das águas escuras do córrego Drowning. Apesar do nome, não era um córrego, mas um rio de correnteza rápida, com barrancos nas margens. Acima dele, ficava a ponte Wickery, uma estrutura de madeira construída há quase um século. Antigamente, era forte o bastante para suportar carroças; agora era só uma passarela para pedestres que ninguém usava porque era muito fora de mão. Era um lugar árido, solitário e nada amistoso, pensou Elena. Aqui e ali, apareciam trechos de neve no chão.

Apesar das corajosas palavras ditas anteriormente, Bonnie estava ficando para trás.

— Lembra a última vez em que passamos por essa ponte? — disse ela.

Lembro bem demais, pensou Elena. Na última vez em que atravessaram, elas foram perseguidas por... uma coisa... do cemitério. Ou alguém, pensou ela.

— Ainda não vamos atravessar — disse ela. — Primeiro vamos dar uma olhada na lateral.

— Onde o velho foi encontrado com a garganta cortada — murmurou Meredith, mas a seguiu.

Os faróis do carro só iluminavam uma pequena parte da margem sob a ponte. Ao sair da estreita cunha de luz, Elena sentiu um arrepio nauseante de premonição. A Morte está esperando, disse a voz. Será que a Morte estava aqui embaixo?

Seus pés escorregaram nas pedras úmidas e espumosas. Só o que podia ouvir era o correr da água e o eco vazio na ponte acima. E, embora ela semicerrasse os olhos, só o que conseguia ver no escuro era a margem irregular do rio e os suportes de madeira da ponte.

— Stefan? — sussurrou ela e quase ficou feliz pelo barulho da água engolfar sua voz. Ela se sentia como uma pessoa dizendo "quem está aí?" para uma casa vazia, mas com medo de alguém responder.

— Isso não está certo — disse Bonnie de trás dela.

— Como assim?

Bonnie olhava em volta, sacudindo a cabeça devagar, o corpo tenso de concentração.

— Simplesmente parece errado. Eu não... Bom, para começar eu não ouvi o rio antes. Não conseguia ouvir nada, só o silêncio mortal.

O coração de Elena desabou de desânimo. Parte dela sabia que Bonnie tinha razão, que Stefan não estava nesse lugar ermo e solitário. Mas parte dela estava assustada demais para dar ouvidos.

— Precisamos ter certeza — disse ela, vencendo o aperto no peito para se aproximar mais do escuro, tateando o caminho porque não conseguia enxergar nada. Mas por fim teve de admitir que não havia sinal de que alguém estivera recentemente ali. Tampouco sinal de uma cabeça escura na água. Ela limpou as mãos frias e lamacentas no jeans.

— Podemos olhar do outro lado da ponte — disse Meredith, e Elena assentiu mecanicamente. Mas não precisou ver a expressão de Bonnie para saber o que encontraria. Este era o lugar errado.

— Vamos dar o fora daqui — disse ela, subindo pela vegetação para a cunha de luz além da ponte. Assim que a alcançou, Elena ficou paralisada.

Bonnie arfou.

— Ai, meu Deus...

— Volte — sibilou Meredith. — Suba na margem.

Numa clara silhueta contra os faróis do carro, havia uma figura escura. Elena, com o olhar fixo e o coração disparado, não conseguiu identificar quem era, apenas percebeu que era um homem. O rosto dele estava na parte escura, mas ela teve uma sensação terrível.

O homem estava se aproximando delas.

Abaixando-se para ficar fora de vista, Elena se agachou contra a margem lamacenta debaixo da ponte, apequenando-se ao máximo. Podia sentir Bonnie tremendo atrás dela e os dedos de Meredith afundando em seu braço.

Elas não podiam ver nada dali, mas de repente houve um passo pesado na ponte. Mal ousando respirar, elas se espremeram uma na outra, os rostos

virados para cima. Passos pesados atravessaram as tábuas de madeira, afastando-se delas.

Por favor, continue, pensou Elena. Ah, por favor...

Ela cravou os dentes nos lábios, depois Bonnie gemeu suavemente, a mão gelada agarrada em Elena. Os passos estavam voltando.

Eu devia ir lá, pensou Elena. É a mim que ele quer, e não a elas. Ele disse isso. Eu devia ir lá e enfrentá-lo, e talvez ele deixe Bonnie e Meredith em paz. Mas a raiva furiosa que a sustentara nesta manhã agora virara cinzas. Nem com toda a força de vontade ela poderia soltar a mão de Bonnie, não conseguiria se soltar.

Os passos soaram bem acima delas. Depois houve um silêncio seguido de um barulho na margem.

Não, pensou Elena, o corpo eletrizado de medo. Ele estava descendo. Bonnie gemeu e enterrou a cabeça no ombro de Elena, e esta sentiu cada músculo tenso enquanto notava o movimento, e pés, pernas surgindo no escuro. *Não*...

— O que vocês estão *fazendo* aqui?

Primeiramente, a mente de Elena se recusou a processar a informação. Ainda estava em pânico e quase gritou quando Matt deu outro passo, descendo a margem, espiando sob a ponte.

— Elena? O que está *fazendo*? — disse ele de novo.

A cabeça de Bonnie voou para cima. A respiração de Meredith explodiu de alívio. A própria Elena sentiu os joelhos cedendo.

— *Matt* — disse ela. Foi só o que conseguiu falar.

Bonnie foi mais sonora.

— O que *você* acha que está fazendo? — disse ela num tom crescente. — Quer nos matar do coração? O que está fazendo aqui fora a esta hora da noite?

Matt enfiou a mão no bolso, sacudindo moedas. Enquanto as meninas saíam de debaixo da ponte, ele olhou para o rio.

— Eu segui vocês.

— Você *o quê?* — disse Elena.

Com relutância, ele girou para encará-la.

— Eu segui vocês — repetiu ele, os ombros tensos. — Imaginei que acharia um jeito de enganar sua tia e sair de novo. Então fiquei sentado no meu carro do outro lado da rua, olhando sua casa. E lá estavam as três saindo pela janela. Então segui vocês até aqui.

Elena não sabia o que dizer. Estava com raiva, e é claro que ele provavelmente só tinha feito isso para cumprir a promessa que fizera a Stefan. Mas a ideia de Matt sentado lá fora em seu Ford velho e amassado, talvez morrendo de frio e sem jantar... Isso causou tanta agonia em Elena que ela achou melhor ignorar.

Ele olhava o rio de novo. Ela se aproximou e falou em voz baixa.

— Desculpe, Matt — disse ela —, pelo modo como agi lá em casa mais cedo, e... por... — Ela se atrapalhou por um minuto e desistiu. Por tudo, pensou ela desolada.

— Bom, peço desculpas por ter assustado vocês. — Ele se virou animado para fitá-la, como se isso resolvesse a questão. — Agora podem, por favor, me dizer o que acham que estão fazendo?

— Bonnie pensou que Stefan poderia estar aqui.

— Bonnie não pensou nada — disse Bonnie. — Bonnie disse agora mesmo que este era o lugar errado. Estamos procurando por um lugar silencioso, sem barulhos e fechado. E eu estava me sentindo... cercada — explicou ela a Matt.

Matt a olhou com cautela, como se ela pudesse morder.

— Claro que sim — disse ele.

— Tinha pedras em volta de mim, mas não eram como essas pedras do rio.

— Ah, não, claro que não eram. — Ele olhou de lado para Meredith, que teve pena dele.

— Bonnie teve uma visão — disse ela.

Matt recuou um pouco e Elena pôde ver seu perfil nos faróis. Pela expressão dele, Elena percebeu que ele não sabia se fugia ou se amarrava as três e as levava ao manicômio mais próximo.

— Isso não é brincadeira — disse ela. — Bonnie é paranormal, Matt. Sei que eu sempre disse que não acreditava nesse tipo de coisa, mas estava errada. Você não sabe como eu estava errada. Esta noite, ela... Ela entrou em sintonia com Stefan em algum lugar e teve uma visão de onde ele está.

Matt respirou longamente.

— Sei. Tudo bem...

— Não me trate com condescendência! Não sou idiota, Matt, e estou dizendo que isso é pra valer. Ela esteve lá, com Stefan; ela soube de coisas que só ele sabia. E viu o lugar onde ele está preso.

— Preso — repetiu Bonnie. — É isso. Sem dúvida não havia nada aberto, como um rio. Mas tinha água, água até meu pescoço. Até o pescoço *dele*. E paredes de pedra em volta, cobertas de um musgo grosso. A água era gelada e parada, e cheirava mal.

— Mas o que você *viu*? — disse Elena.

— Nada. Era como se eu estivesse cega. De algum modo eu sabia que se houvesse o mais leve raio de sol, eu seria capaz de ver, mas não conseguia. Estava escuro como uma tumba.

— Como uma tumba... — Arrepios tênues percorreram Elena. Ela pensou na igreja em ruínas na colina acima do cemitério. Havia uma tumba ali, uma tumba que ela pensou ter visto aberta uma vez.

— Mas uma tumba não teria tanta água — dizia Meredith.

— Não... Mas então não consigo entender *onde* poderia ser — disse Bonnie. — Stefan não estava em seu juízo perfeito; estava fraco demais e ferido. E com tanta sede...

Elena abriu a boca para impedir que Bonnie continuasse, mas Matt se intrometeu.

— Vou dizer o que isso me parece — disse ele.

As três meninas olharam para ele, que estava meio separado delas, como quem ouve a conversa alheia. Quase tinham se esquecido dele.

— Posso saber o que é? — disse Elena.

— Um poço — disse ele. — Quero dizer, parece um poço.

Elena piscou, a excitação se agitando nela.

— Bonnie?

— *Podia* ser — disse Bonnie devagar. — O tamanho, as paredes, tudo combina. Mas um poço é aberto; eu teria visto as estrelas.

— Não se estiver tampado — disse Matt. — Um monte de fazendas por aqui têm poços que não estão mais em uso, e alguns fazendeiros os deixam tampados para evitar a queda de crianças pequenas. Meus avós fizeram isso.

Elena não conseguia mais conter a empolgação.

— Pode ser isso. *Deve* ser isso. Bonnie, lembra, você disse que *sempre* estava escuro lá.

— Sim, e tinha uma espécie de sensação de subterrâneo — Bonnie também estava animada, mas Meredith interrompeu com uma pergunta seca.

— Quantos poços acha que existem em Fell's Church, Matt?

— Talvez dezenas — disse ele. — Mas tampados? Não são muitos. E se está sugerindo que alguém largou Stefan em um deles, então não pode ser qualquer lugar, onde as pessoas vejam. Provavelmente um lugar abandonado...

— E o carro dele foi encontrado nesta estrada — disse Elena.

— A antiga fazenda Francher — disse Matt.

Todos se olharam. A fazenda Francher estava em ruínas e deserta por tanto tempo que ninguém se lembrava mais dela. Ficava no meio do bosque e as árvores a tomaram há quase um século.

— Vamos — acrescentou Matt simplesmente.

Elena pôs a mão no braço dele.

— Você acredita...?

Ele virou o rosto por um momento.

— Não sei no que acreditar — disse ele por fim. — Mas vou assim mesmo.

Eles se dividiram e entraram nos carros, Matt com Bonnie na frente e Meredith seguindo com Elena. O rapaz pegou uma trilha abandonada no bosque até que ela se fechou.

— A partir daqui, vamos a pé — disse ele.

Elena ficou feliz por ter pensado em trazer uma corda. Eles iam precisar dela, se Stefan realmente estivesse no poço Francher. E se não estivesse...

Ela não se permitiu pensar nisso.

Era difícil andar pelo bosque, especialmente no escuro. Os arbustos eram espessos e galhos mortos se estendiam, agarrando-se neles. Mariposas flutuavam em volta do grupo, roçando no rosto de Elena com asas invisíveis.

Por fim, chegaram numa clareira. As fundações da antiga casa podiam ser vistas, pedras de construção agora presas ao chão por mato e trepadeiras. A maior parte da chaminé ainda estava intacta, com buracos onde o concreto a sustentava antigamente, como um monumento em farelos.

— O poço deve ficar em algum lugar ali atrás — disse Matt.

Foi Meredith quem o encontrou e chamou pelos demais. Eles se reuniram em volta e olharam o bloco achatado e quadrado de pedra, quase nivelado no chão.

Matt se abaixou e examinou a terra e o mato em volta dele.

— Foi movido recentemente — disse ele.

Foi quando o coração de Elena começou a martelar com força. Ela podia senti-lo reverberando na garganta e na ponta dos dedos.

— Vamos tirar — decidiu numa voz que mal passava de um sussurro.

A laje de pedra era tão pesada que Matt não conseguiu deslocá-la. Por fim os quatro empurraram, escorando-se no chão, até que, com um gemido, o bloco se moveu uma fração de centímetro. Então havia um pequeno buraco entre a pedra e o poço, e Matt usou um galho morto como alavanca para aumentar o espaço. Em seguida todos empurraram de novo.

Quando havia uma abertura larga o bastante para passar a cabeça e os ombros, Elena se curvou, olhando. Quase tinha medo de ficar esperançosa.

— Stefan?

Os segundos seguintes, pairando sobre a abertura sombria, olhando no escuro, ouvindo apenas os ecos de seixos perturbados por seu movimento, foram uma agonia. Depois, inacreditavelmente, houve outro som.

— Quem...? Elena?

— Ah, Stefan! — O alívio a invadiu. — Sim! Estou aqui, estamos aqui, e vamos tirar você daí. Você está bem? Está ferido? — A única coisa que a impedia de cair era Matt agarrando-a por trás. — Stefan, aguente firme, nós trouxemos uma corda. Diga que está bem.

Houve um som fraco e quase irreconhecível, mas Elena sabia o que era. Uma risada. A voz de Stefan estava esganiçada, mas era inteligível.

— Já estive... melhor — disse ele. — Mas estou... vivo. Quem está com você?

— Eu. Matt — respondeu ele, soltando Elena e se curvando sobre o buraco. Elena, quase delirante em êxtase, notou que ele aparentava um olhar meio confuso. — E Meredith e Bonnie, que vai entortar umas colheres pra gente depois. Vou atirar uma corda para você... Isto é, a não ser que Bonnie possa levitá-lo. — Ainda ajoelhado, ele se virou para a menina.

Ela deu um tapa no alto de sua cabeça.

— Não brinque com isso! Tire-o daí!

— Sim, senhora — disse Matt, um tanto atordoado. — Pegue, Stefan. Vai ter que amarrar na cintura.

— Sim — disse Stefan. Ele não discutiu sobre os dedos entorpecidos de frio ou se eles poderiam ou não içar seu peso. Não havia outro jeito.

Os quinze minutos seguintes foram pavorosos para Elena. Foi necessária a força dos quatro para tirar Stefan do poço, embora a principal contribuição de Bonnie tenha sido dizer, "vamos, *vamos*", sempre que eles paravam para respirar. Mas por fim as mãos de Stefan agarraram a borda do buraco escuro e Matt estendeu o braço para pegá-lo por baixo dos ombros.

Depois Elena estava abraçando Stefan, os braços fechados em seu peito. Ela percebeu que havia algo de muito errado pela imobilidade nada natural dele, pela flacidez de seu corpo. Ele usou o que restava de suas forças para se içar para cima; suas mãos estavam cortadas e sangravam. No entanto o que mais preocupava Elena era o fato de que aquelas mãos não retribuíam seu abraço desesperado.

Quando soltou Stefan o suficiente para olhá-lo, Elena viu que a pele dele estava cerosa e tinha olheiras escuras. A pele era tão fria que a amedrontou.

Ela olhou para os outros com angústia.

A testa de Matt estava franzida de preocupação.

— É melhor levá-lo para a clínica, rápido. Ele precisa de um médico.

— Não! — A voz era fraca e rouca, e vinha da figura flácida que Elena aninhava. Ela sentiu Stefan se recompor, sentiu-o levantar a cabeça. Seus olhos verdes se fixaram nos dela e Elena viu a urgência neles.

— Nada de... médico. — Aqueles olhos arderam nos dela. — Prometa... Elena.

Os olhos da própria Elena arderam e sua visão ficou embaçada.

— Eu prometo — sussurrou ela. Depois sentiu que o que o mantinha de pé, aquela corrente de força de vontade e determinação, entrou em colapso. Stefan desfaleceu nos braços de Elena, inconsciente.

4

— Mas ele precisa de um médico. Parece que está morrendo! — disse Bonnie.

— Ele não pode. Não dá para explicar agora. Vamos levá-lo para casa, está bem? Ele está molhado e congelando aqui fora. Depois a gente discute isso.

A tarefa de carregar Stefan pelo bosque foi suficiente para ocupar a mente de todos por algum tempo. Ele continuou inconsciente e, quando finalmente o colocaram no banco traseiro do carro de Matt, todos estavam feridos e exaustos, além de molhados pelo contato com as roupas ensopadas de Stefan. Elena segurou a cabeça dele em seu colo enquanto seguiam de carro para o pensionato. Meredith e Bonnie os seguiram no carro de trás.

— Estou vendo luzes — disse Matt, parando diante do grande prédio vermelho-ferrugem. — Ela deve estar acordada. Mas é provável que a porta esteja trancada.

Elena baixou delicadamente a cabeça de Stefan e saiu do carro, vendo uma das janelas da casa se iluminar quando uma cortina foi empurrada de lado. Depois ela viu uma cabeça e ombros aparecerem na janela, olhando para baixo.

— Sra. Flowers! — chamou ela, acenando. — É Elena Gilbert, Sra. Flowers. Encontramos Stefan e precisamos entrar.

A figura na janela não se mexeu nem deu sinais de reconhecer suas palavras. No entanto, por sua postura, Elena sabia que ela ainda os olhava.

— Sra. Flowers, trouxemos Stefan — gritou ela novamente, gesticulando para o interior iluminado do carro. — Por favor!

— Elena! Já está destrancada! — A voz de Bonnie flutuou para ela da varanda da frente, distraindo Elena da figura que estava na janela. Quando

olhou para cima de novo, viu que as cortinas voltaram para o lugar, e depois a luz se apagou.

Era estranho, mas Elena não tinha tempo para tentar entender. Ela e Meredith ajudaram Matt a erguer Stefan e carregá-lo pela escada da frente.

Dentro da casa, estava escuro e silencioso. Elena orientou os outros a subir a escada que ficava de frente para a porta e chegar ao segundo andar. Dali eles entraram em um quarto, e Elena e Bonnie abriram a porta do que parecia ser de um closet. Revelou outra escada, muito escura e estreita.

— Quem deixaria... a porta da frente destrancada... depois de tudo o que aconteceu ultimamente? — Matt grunhiu enquanto eles arrastavam seu fardo inanimado. — Ela perdeu a noção do perigo.

— Ela *é* sem-noção — disse Bonnie lá de cima, empurrando a porta no alto da escada. — Da última vez em que estivemos aqui, ela disse coisas muito esquisitas... — Sua voz falhou num ofegar.

— Que coisas? — disse Elena. Mas ao chegarem à soleira da porta do quarto de Stefan, ela viu.

Havia se esquecido das condições em que o quarto estava da última vez em que o vira. Malas cheias de roupas estavam viradas ou deitadas de lado, como se tivessem sido atiradas de uma parede a outra por uma mão gigante. O conteúdo estava espalhado pelo chão, junto com artigos da cômoda e das mesas. Os móveis foram revirados e uma janela estava quebrada, deixando entrar o ar frio. Só havia um abajur, jogado num canto, e sombras grotescas assomavam no teto.

— *O que aconteceu?* — disse Matt.

Elena só respondeu depois de acomodar Stefan na cama.

— Não sei bem — disse ela e era mais ou menos verdade. — Mas já estava assim ontem à noite. Matt, pode me ajudar? Ele precisa ficar seco.

— Vou encontrar outra luz — disse Meredith, mas Elena retrucou rapidamente:

— Não, está dando para enxergar. Por que não tenta acender a lareira?

Em uma das malas escancaradas havia um roupão atoalhado de cor escura. Elena o pegou, e ela e Matt começaram a tirar as roupas molhadas e

pegajosas de Stefan. Ela tentava arrancar o suéter, mas apenas um vislumbre do pescoço de Stefan foi o suficiente para deixá-la paralisada.

— Matt. Você pode... Pode me passar aquela toalha?

Assim que ele se virou, ela arrancou o suéter pela cabeça de Stefan e rapidamente o enrolou no roupão. Quando Matt voltou e entregou a toalha para Elena, ela a envolveu no pescoço de Stefan como um cachecol. A pulsação de Elena estava a mil, a mente trabalhando furiosamente.

Por isso ele estava tão fraco, tão inerte. Ah, meu Deus. Ela precisava examiná-lo, ver até que ponto ele estava mal. Mas como poderia fazer isso, com Matt e as outras ali?

— Vou chamar um médico — disse Matt numa voz ríspida, fitando os olhos de Stefan. — Ele precisa de ajuda, Elena.

Elena entrou em pânico.

— Matt, não... Por favor. Ele... Ele tem medo de médicos. Não sei o que aconteceria se você trouxesse um aqui. — De novo, era a verdade, embora não toda a verdade. Elena tinha uma ideia do que poderia ajudar Stefan, mas não podia fazer isso com os outros presentes. Ela se apoiou em Stefan, esfregando as mãos dele entre as próprias, tentando pensar.

O que poderia fazer? Proteger o segredo de Stefan à custa da vida dele? Ou traí-lo para salvá-lo? Será que ele *seria mesmo* salvo se ela contasse a Matt, Bonnie e Meredith? Ela olhou os amigos, tentando imaginar a reação deles se soubessem a verdade sobre Stefan Salvatore.

Isso não era bom. Ela não podia se arriscar. Elena mal conseguiu lidar com o choque e o horror da descoberta. Se ela, que amava Stefan, estivera prestes a fugir dele aos gritos, o que os três fariam? E depois havia o assassinato do Sr. Tanner. Se eles soubessem o que Stefan era, seriam capazes de acreditar na inocência dele? Ou, no fundo do coração, eles sempre suspeitariam de Stefan?

Elena fechou os olhos. Era perigoso demais. Meredith, Bonnie e Matt eram seus amigos, mas ela não podia partilhar isso com eles. Em todo o mundo, não havia ninguém a quem ela pudesse confiar este segredo. Teria de guardar para si mesma.

Ela endireitou o corpo e olhou para Matt.

— Ele tem medo de médicos, mas uma enfermeira não seria problema. — Ela se virou para Bonnie e Meredith, ajoelhadas diante da lareira. — Bonnie, e a sua irmã?

— Mary? — Bonnie olhou o relógio. — Ela pegou o último turno na clínica esta semana, mas agora deve estar em casa. Só que...

— Então é isso. Matt, vá com Bonnie e peça a Mary para vir aqui olhar Stefan. Se ela achar que ele precisa de um médico, não vou mais discutir.

Matt hesitou, depois respirou pesadamente.

— Tudo bem. Ainda acho que você está errada, mas... Vamos, Bonnie. Vamos infringir algumas leis de trânsito.

Enquanto eles iam para a porta, Meredith continuou perto da lareira, fitando Elena com os olhos escuros e fixos.

Elena encarou os olhos dela.

— Meredith... Acho que todos vocês devem ir.

— Você acha? — Seus olhos escuros ainda fitavam os dela sem hesitar, como se tentassem penetrar e ler sua mente. Mas Meredith não fez mais perguntas. Depois de um instante ela assentiu e seguiu Matt e Bonnie sem dizer nada.

Quando Elena ouviu a porta ao pé da escada se fechar, endireitou apressadamente o abajur virado ao lado da cama e o ligou na tomada. Agora, pelo menos, podia avaliar os ferimentos de Stefan.

A cor dele parecia pior do que antes; estava literalmente quase tão branco quanto os lençóis em que se deitava. Os lábios também estavam pálidos e Elena de repente pensou em Thomas Fell, o fundador de Fell's Church. Ou, por outra, na estátua de Thomas Fell, deitada ao lado da esposa na tampa de pedra de seu túmulo. Stefan tinha a cor daquele mármore.

Os cortes e lacerações nas mãos exibiam um roxo lívido, mas não sangravam mais. Ela virou gentilmente a cabeça de Stefan para verificar seu pescoço.

E lá estava. Ela tocou a lateral do próprio pescoço automaticamente, como que para verificar a semelhança. Havia rasgões fundos e violentos em

carne viva. Parecia que ele havia sido atacado por um animal que tentara dilacerar sua garganta.

Uma raiva furiosa ardeu em Elena de novo. E com ela, o ódio. Ela percebeu que apesar de seu asco e fúria, antes ela não odiava realmente Damon. Não de verdade. Mas agora... Agora, ela *sentia ódio*. Ela o abominava com uma intensidade que nunca sentira por ninguém na vida. Ela queria feri-lo para fazê-lo pagar. Se tivesse uma estaca de madeira naquele momento, ela a teria cravado no coração de Damon sem lamentar nada.

Mas naquele momento ela precisava pensar em Stefan. Ele estava tão terrivelmente petrificado. Isso era o mais difícil de suportar, a falta de propósito ou resistência de seu corpo, o vazio. Era isso. Era como se ele tivesse sido esvaziado naquela forma e a ela só restasse um vaso oco.

— Stefan! — De nada adiantou sacudi-lo. Com uma das mãos no meio de seu peito frio, ela tentou detectar um batimento cardíaco. Se havia um, era fraco demais para ser sentido.

Mantenha a calma, Elena, disse ela a si mesma, afastando a parte de sua mente que queria entrar em pânico. A parte que dizia: "E se ele estiver morto? E se estiver realmente morto, e nada do que você fizer puder salvá-lo?"

Ao observar o quarto, ela viu a janela quebrada. Cacos de vidro espalhados no chão. Ela se curvou e pegou um, observando como cintilava na luz da lareira. Aquilo era lindo, como um gume de navalha, Elena pensou. Depois, deliberadamente, trincando os dentes, ela cortou o dedo com o caco.

A dor a fez arfar. Depois de um instante, o sangue começou a brotar do corte, pingando de seu dedo como cera de uma vela. Rapidamente, ela se ajoelhou junto a Stefan e colocou o dedo nos lábios dele.

Com a outra mão, Elena segurou a mão imóvel dele, sentindo a dureza do anel de prata que ele usava. Petrificada como uma estátua, Elena se ajoelhou ali e ficou esperando.

Ela quase não sentiu a primeira leve palpitação, ele estava reagindo. Os olhos dela estavam fixos no rosto dele e Elena enxergou o erguer mínimo do peito de Stefan pela visão periférica. Mas em seguida os lábios dele sob seu dedo tremeram e se separaram um pouco, e ele engoliu por reflexo.

— Isso — sussurrou Elena. — Por favor, Stefan.

As pálpebras dele tremularam e com uma alegria crescente ela sentiu os dedos de Stefan retribuírem a pressão em sua mão. Ele engoliu novamente.

— Isso. — Ela esperou até que os olhos de Stefan piscassem e lentamente se abrissem antes de se sentar. Depois virou para baixo a gola alta do suéter com uma das mãos, tirando-o do caminho.

Aqueles olhos verdes estavam confusos e pesados, mas com uma obstinação que ela nunca vira.

— Não — disse Stefan, a voz um sussurro entrecortado.

— Tem que ser, Stefan. Os outros vão voltar e trazer uma enfermeira. Precisei concordar com isso. E se você não estiver bem o bastante para convencê-la de que não precisa ir para o hospital... — Ela deixou a frase inacabada. Ela mesma não sabia o que um médico ou técnico de laboratório encontraria examinado Stefan. Mas Elena tinha certeza de que ele sabia, e que isso o deixaria apavorado.

Mas Stefan só pareceu mais obstinado, virando o rosto para longe dela.

— Não posso — sussurrou ele. — É perigoso demais. Já tomei... demais... ontem à noite.

Foi só ontem à noite? Parecia um ano atrás.

— Vai me matar? — perguntou ela. — Stefan, responda! Vai me matar?

— Não... — A voz dele era rabugenta. — Mas...

— Então temos de fazer isso. Não discuta comigo! — Curvando-se sobre ele, segurando sua mão, Elena podia sentir a necessidade dominadora de Stefan. Ela ficou admirada por ele tentar resistir. Era como um homem faminto parado diante de um banquete, incapaz de tirar os olhos dos pratos fumegantes, mas se recusando a comer.

— Não — disse Stefan de novo, e Elena sentiu uma onda de frustração. Stefan era a única pessoa que conhecia que era tão teimosa quanto ela.

— Sim. E se não cooperar, vou cortar outra coisa, como meu pulso. — Ela estava apertando o dedo no lençol para estancar o sangramento; agora ajudava Stefan a se erguer.

As pupilas de Stefan se dilataram e seus lábios se separaram.

— Demais... Já — murmurou ele, mas seu olhar continuou fixo no dedo de Elena, na gota de sangue brilhante na ponta. — E eu não posso... controlar...

— Está tudo bem — sussurrou Elena, levando o dedo aos lábios dele de novo e sentindo-os se abrirem para pegá-lo. Depois ela se curvou sobre ele e fechou os olhos.

A boca de Stefan estava fria e seca ao tocar seu pescoço. A mão segurava sua nuca enquanto os lábios procuravam as duas perfurações pequenas que já estavam ali. Elena esforçou-se para não se retrair com a breve pontada de dor. Depois sorriu.

Antes, ela sentiu a necessidade agonizante de Stefan, seu impulso de fome. Agora, pelo vínculo que partilhavam, ela só sentiu alegria e satisfação feroz. A satisfação profunda da fome sendo saciada aos poucos.

Seu próprio prazer vinha de doar, de saber que estava sustentando Stefan com a própria vida. Ela podia sentir a força fluindo para dentro dele.

Ela sentiu a necessidade se atenuar. Ainda assim, não tinha passado, e ela não conseguiu entender quando Stefan tentou afastá-la.

— Já basta — disse ele com a voz rouca, forçando os ombros dela para cima. Elena abriu os olhos, o prazer onírico interrompido. Os olhos de Stefan eram verdes como folhas de mandrágora e em seu rosto ela viu a fome feroz do predador.

— Não é o suficiente. Você ainda está fraco...

— É o bastante para *você*. — Ele a empurrou de novo e ela viu algo semelhante ao desespero cintilar naqueles olhos verdes. — Elena, se eu tomar mais, você começará a se transformar. E se você não se afastar, se não se afastar de mim *agora*...

Ela foi para o pé da cama. Ficou observando enquanto Stefan se sentava e ajeitava o roupão escuro. Na luz do abajur, Elena percebeu que ele tinha

recuperado parte da cor, um leve rubor coloria a tez pálida. O cabelo de Stefan começava a secar em um mar agitado de ondas escuras.

— Senti sua falta — disse ela suavemente. O alívio pulsou em seu corpo de repente, uma dor que era quase tão ruim quanto o medo e a tensão que sentira. Stefan estava vivo; falava com ela. Tudo ia ficar bem, afinal.

— Elena... — Seus olhos se encontraram e ela foi tomada pelo fogo verde. Inconscientemente, aproximou-se dele, depois parou quando ele riu alto.

— Nunca vi você assim — disse ele, e ela se olhou. Seus sapatos e jeans estavam cheios de lama vermelha, que também se espalhava generosamente pelo restante do seu corpo. O casaco estava rasgado revelando o enchimento. Elena não tinha dúvidas de que seu rosto estava sujo, e ela *sabia* que o cabelo estava embaraçado e desgrenhado. Elena Gilbert, o imaculado estereótipo fashion da Robert E. Lee, estava um horror.

— Eu gosto — disse Stefan, e desta vez ela riu com ele.

Eles ainda estavam rindo quando a porta se abriu. Elena enrijeceu, alerta, virando a gola do suéter, olhando o quarto em busca de evidências que pudessem traí-los. Stefan sentou-se mais reto e lambeu os lábios.

— Ele está melhor! — cantarolou Bonnie ao entrar no quarto e ver Stefan. Matt e Meredith estavam bem atrás dela, e seus rostos se iluminaram de surpresa e prazer. A quarta pessoa que entrou era só um pouco mais velha do que Bonnie, mas tinha um ar de autoridade que escondia sua juventude. Mary McCullough foi direto ao paciente para verificar seu pulso.

— Então é você que tem medo de médicos — disse ela.

Stefan pareceu desconcertado por um momento; depois, recuperou-se.

— É uma espécie de fobia que vem da infância — disse ele, parecendo constrangido. Ele olhou de lado para Elena, que sorriu nervosa e assentiu de forma contida. — De qualquer forma, agora não preciso de nenhum, como pode ver.

— Por que não me deixa avaliar isso? Sua pulsação está boa. Na realidade, está surpreendentemente baixa, mesmo para um atleta. Não acho

que esteja hipotérmico, mas você ainda está gelado. Vamos checar a temperatura.

— Não, não acho que isso seja necessário. — A voz de Stefan era baixa e calma. Elena já o ouvira usar essa voz e sabia o que ele tentava fazer. Mas Mary não deu a mínima.

— Abra, por favor.

— Pode deixar que eu faço isso — disse Elena rapidamente, estendendo a mão para pegar o termômetro de Mary. De algum modo, durante o gesto, o pequeno cilindro de vidro escorregou de sua mão. Caiu no chão de madeira e se espatifou em vários pedaços. — Ah, desculpe!

— Não tem problema — disse Stefan. — Estou me sentindo muito melhor agora e vou ficar mais quente com o tempo.

Mary olhou a sujeira no chão, depois olhou o quarto, observando a confusão ao redor.

— Muito bem — disse ela, virando-se com as mãos nos quadris. — O que houve por aqui?

Stefan nem piscou.

— Nada demais. A Sra. Flowers é uma dona de casa terrível — disse ele, olhando-a nos olhos.

Elena teve vontade de rir e viu essa vontade em Mary também. A menina mais velha fez uma careta e cruzou os braços.

— Acho que é inútil esperar por uma resposta objetiva — disse ela. — E está claro que você não está perigosamente doente. Não posso *obrigá-lo* a ir para a clínica. Mas sugiro enfaticamente que faça um checkup amanhã.

— Obrigado — disse Stefan, o que, Elena percebeu, não era o mesmo que concordar.

— Elena, *você* parece precisar de um médico — disse Bonnie. — Está branca feito um fantasma.

— Só estou cansada — disse Elena. — Foi um longo dia.

— Meu conselho é que vá para casa e durma... E fique por lá — disse Mary. — Você não está anêmica, está?

Elena resistiu ao impulso de levar a mão ao pescoço. Ela estava assim tão pálida?

— Não, só estou cansada — repetiu ela. — Podemos ir para casa agora, se Stefan estiver bem.

Ele assentiu, tranquilizando-a, seus olhos revelando uma mensagem só para ela.

— Podem nos dar um minuto, por favor? — disse ele a Mary e aos outros, e eles voltaram à escada.

— Tchau. Se cuida — disse Elena em voz alta ao abraçá-lo. Então sussurrou: — Por que não usou os Poderes em Mary?

— Eu usei — disse ele de mau humor ao ouvido dela. — Ou pelo menos tentei. Ainda devo estar fraco. Não se preocupe; vai passar.

— Claro que vai — disse Elena, mas seu estômago se revirou. — Tem certeza de que pode ficar sozinho? E se...

— Vou ficar bem. Você é que não deve ficar sozinha. — A voz de Stefan era suave mas urgente. — Elena, eu não tive a chance de avisá-la. Você tinha razão sobre Damon estar em Fell's Church.

— Eu sei. *Ele* fez isso com você, não foi? — Elena não mencionou que estivera procurando por ele.

— Eu... não me lembro. Mas ele é perigoso. Fique com Bonnie e Meredith esta noite, Elena. Não quero que fique sozinha. E fique atenta para não convidar nenhum estranho para a sua casa.

— Vamos direto para a cama — prometeu Elena, sorrindo para ele. — Não vamos convidar ninguém a entrar.

— Faça isso. — Não havia impertinência na voz dele e ela assentiu devagar.

— Eu entendo, Stefan. Vamos ter cuidado.

— Ótimo. — Eles se beijaram, um mero roçar de lábios, mas as mãos unidas se separaram com relutância. — Diga aos outros que agradeço — disse ele.

— Eu direi.

Os cinco se reagruparam do lado de fora do pensionato, Matt oferecendo-se para levar Mary e Bonnie para casa e Meredith indo atrás com Elena. Mary ainda estava claramente desconfiada dos acontecimentos da noite e Elena não podia culpá-la. Ela também não conseguia pensar. Estava cansada demais.

— Ele disse para agradecer a todos vocês — lembrou-se de dizer, depois de Matt ter saído.

— Não há... de quê — disse Bonnie, cuspindo as palavras com um bocejo enorme enquanto Meredith abria a porta do carro para ela.

Meredith não disse nada. Tinha ficado em silêncio desde que deixou Elena a sós com Stefan.

Bonnie riu de repente.

— Todos nós nos esquecemos de uma coisa — disse ela. — A profecia.

— Que profecia?

— Sobre a ponte. Aquela sobre a qual vocês disseram que eu falei. Bom, você foi até a ponte e a Morte não estava esperando, afinal. Talvez vocês tenham entendido mal.

— Não — disse Meredith. — Ouvimos tudo muito bem.

— Bom, então talvez seja outra ponte. Ou... Hummm... — Bonnie se aninhou no casaco, fechando os olhos, e não se incomodou em terminar.

Mas a mente de Elena completou a frase por ela. *Ou em outra hora.*

Uma coruja piou do lado de fora enquanto Meredith dava a partida no carro.

5

Sábado, 2 de novembro

Querido Diário,

Nesta manhã acordei e me senti muito estranha. Não sei nem como descrever. Por um lado, eu estava tão fraca que meus músculos não me sustentaram quando tentei me levantar. Mas por outro lado, eu me senti... satisfeita. Tão à vontade, tão relaxada. Como se eu estivesse flutuando em uma cama banhada em luz dourada. Nem me importaria de nunca mais me mexer na vida.

Depois me lembrei de Stefan e tentei me levantar, mas a tia Judith me colocou de volta na cama. Disse que Bonnie e Meredith tinham saído há horas e que eu dormia tão profundamente que elas não conseguiram me acordar. Ela disse que eu precisava descansar.

Então aqui estou eu. Tia Judith trouxe a TV para o meu quarto, mas nem ligo para o que está passando. Prefiro ficar deitada aqui e escrever, ou só ficar deitada.

Eu estava esperando que Stefan telefonasse. Ele me disse que ligaria. Ou talvez não tenha dito. Não consigo me lembrar. Quando ele ligar, vou ter que

Domingo, 3 de novembro, 22h30

Acabo de reler o que escrevi ontem e fiquei chocada. O que deu em mim? Parei no meio de uma frase e agora nem sei o que eu pretendia dizer. E nem expliquei sobre meu novo diário, nem nada. Eu devia estar totalmente avoada.

Mas então, este é o começo oficial *do meu novo diário. Comprei este caderno em branco na loja de conveniência. Não é tão bonito quanto o outro, mas vai servir. Perdi toda e qualquer esperança de reaver meu antigo diário. Quem o roubou não vai trazê-lo de volta. Mas quando penso que estão lendo todos os meus pensamentos íntimos e meus sentimentos por Stefan, tenho vontade de* matar. *Ao mesmo tempo, fico morta de humilhação.*

Não tenho vergonha do que sinto por Stefan. Só que é particular. E existem coisas ali, sobre como é quando nos beijamos, quando ele me abraça, que eu sei que ele não ia querer que ninguém lesse.

É claro que não há nada sobre o segredo de Stefan. Eu ainda não tinha descoberto qualquer coisa. Só descobri quando o entendi e ficamos juntos, juntos de verdade, afinal. Agora fazemos parte um do outro. Sinto como se estivesse esperando por ele a minha vida toda.

Talvez você pense que sou terrível por amá-lo, considerando o que ele é. Ele pode ser violento, e eu sei que há coisas em seu passado de que ele se envergonha. Mas ele nunca seria violento comigo, e o passado ficou para trás. Stefan traz muita culpa e mágoa dentro de si. Quero curá-lo.

Não sei o que vai acontecer agora; só estou feliz por ele estar seguro. Fui ao pensionato hoje e descobri que a polícia esteve lá ontem. Stefan ainda estava fraco e não pôde usar os Poderes para se livrar deles, mas não o acusaram de nada. Só fizeram perguntas. Stefan disse que eles foram amistosos, o que me deixa desconfiada. Na verdade, todas as perguntas se resumem a: onde você esteve na noite em que o velho foi atacado debaixo da ponte, na noite em que Vickie Bennett foi atacada na igreja em ruínas e na noite em que o Sr. Tanner foi assassinado na escola?

Eles não tinham qualquer prova contra ele. Os crimes começaram logo depois de ele chegar a Fell's Church, mas e daí? Isso não prova nada. Então ele discutiu com o Sr. Tanner naquela noite. De novo, e daí? Todo mundo discutiu com o Sr. Tanner. Então ele desapareceu

depois que o corpo do Sr. Tanner foi encontrado. Ele voltou agora e está muito claro que ele próprio foi atacado, pela mesma pessoa que cometeu os outros crimes. Mary contou à polícia sobre o estado em que o encontrou. E se eles nos perguntarem, Matt, Bonnie, Meredith e eu também podemos testemunhar como o encontramos. Não há nada contra ele.

Stefan e eu conversamos sobre isso e sobre outros assuntos. Foi tão bom estar ao seu lado de novo, mesmo que ele parecesse tão pálido e cansado. Ele ainda não se lembra de como terminou a noite de quinta, mas a maior parte disso é como eu suspeitei. Stefan encontrou Damon na quinta à noite depois de me levar para casa. Eles discutiram. Stefan terminou semimorto num poço. Não é preciso ser um gênio para deduzir o que aconteceu entre os dois eventos.

Ainda não contei a ele que fui procurar por Damon no cemitério na sexta de manhã. Acho que é melhor fazer isso amanhã. Sei que ele vai ficar aborrecido, principalmente quando souber o que Damon me disse.

Bom, é isso. Estou cansada. Este diário vai ficar bem escondido, por motivos óbvios.

Elena parou e olhou a última frase na página. Depois acrescentou:

P.S.: Quem será nosso novo professor de história europeia?

Ela enfiou o diário sob o colchão e apagou a luz.

Elena andava pelo corredor num vácuo curioso. Na escola, em geral ela era recebida com saudações de todos os lados; era um "oi, Elena" depois de outro "oi, Elena", sempre que ela passava. Mas hoje os olhos se desviavam furtivamente quando ela se aproximava, ou, de repente, as pessoas ficavam muito ocupadas fazendo algo que exigia que virassem as costas. Foi assim o dia todo.

Ela parou na porta da sala de história europeia. Já havia vários alunos sentados e, próximo ao quadro-negro, havia um estranho.

Ele mesmo quase parecia um aluno. Tinha cabelo cor de areia, meio comprido, e corpo de atleta. No quadro, escrevera, "Alaric K. Saltzman". Quando ele se virou, Elena viu que um sorriso juvenil dominava o rosto dele.

E continuou sorrindo enquanto Elena se sentava e outros alunos entravam. Stefan estava ali e seus olhos encontraram os de Elena enquanto ele se sentava ao lado dela, mas eles não se falaram. Ninguém falava nada. A sala estava mergulhada num silêncio mortal.

Bonnie se sentou do outro lado de Elena. Matt estava a algumas carteiras de distância, mas olhava direto para frente.

As últimas duas pessoas a entrar foram Caroline Forbes e Tyler Smallwood. Eles estavam juntos e Elena não gostou da expressão no rosto de Caroline. Ela conhecia muito bem aquele sorriso de gato satisfeito e os olhos verdes semicerrados. As feições bonitas e carnudas de Tyler brilhavam de satisfação. A descoloração sob os olhos, provocada pelo punho de Stefan, quase sumira.

— Muito bem, para começar, por que não colocamos as mesas em círculo?

A atenção de Elena se voltou de repente ao estranho na frente da sala. Ele ainda sorria.

— Vamos, formem uma roda. Assim todos podemos olhar o rosto um do outro enquanto falamos.

Em silêncio, os alunos obedeceram. O estranho não se sentou à mesa do Sr. Tanner; em vez disso, puxou uma cadeira para a roda e a inclinou para trás.

— Agora — disse ele —, sei que devem estar muito curiosos sobre mim. Meu nome está no quadro: Alaric K. Saltzman. Mas quero que me chamem de Alaric. Vou contar um pouco mais sobre mim depois, mas primeiro quero dar uma oportunidade de vocês falarem. Hoje deve ser um dia difícil para a maioria de vocês. Alguém de quem gostavam partiu, e isso deve doer.

Quero que tenham a oportunidade de se abrirem e partilharem esses sentimentos comigo e com seus colegas. Quero que tentem entrar em contato com a dor que sentem. Depois podemos começar a basear nossa relação na confiança. Agora, quem gostaria de ser o primeiro?

Eles o encararam. Ninguém moveu uma pálpebra.

— Bom, vejamos... Que tal você? — Ainda sorrindo, ele gesticulou para uma menina bonita de cabelos claros, estimulando-a. — Diga-nos seu nome e como se sente sobre o que aconteceu.

Aturdida, a menina se levantou.

— Meu nome é Sue Carson e, er... — Ela respirou fundo e continuou com tenacidade. — E estou com medo. Porque quem quer que seja esse maníaco, ainda está solto. E da próxima vez pode ser comigo. — Ela se sentou.

— Obrigado, Sue. Sei que muitos de seus colegas partilham de suas preocupações. Agora, entendo que alguns de vocês estavam presentes quando a tragédia aconteceu, não foi?

Carteiras rangeram enquanto os alunos se remexiam, inquietos. Mas Tyler Smallwood se levantou, os lábios repuxados para trás dos dentes fortes num sorriso.

— *A maioria* de nós estava lá — disse ele, e seus olhos dispararam para Stefan. Elena podia ver os outros seguindo o olhar dele. — Cheguei logo depois de Bonnie encontrar o corpo. E o que sinto é preocupação pela comunidade. Há um assassino perigoso nas ruas e até agora ninguém fez nada para impedi-lo. E... — Ele fez uma pausa. Elena não tinha certeza de como, mas sentiu Caroline sinalizando para ele parar. Caroline atirou o cabelo ruivo brilhante para trás e cruzou as pernas novamente enquanto Tyler voltava a se sentar.

— Muito bem, obrigado. Então a maioria de vocês estava presente. Isso sem dúvida é difícil. Podemos ouvir a pessoa que encontrou o corpo? Bonnie está aqui? — Ele olhou em volta.

Bonnie levantou a mão devagar, depois ficou de pé.

— Eu *acho* que encontrei o corpo — disse ela. — Quer dizer, fui a primeira pessoa a saber que ele estava morto, e não só fingindo.

Alaric Saltzman pareceu meio sobressaltado.

— Não só fingindo? Ele costumava se fingir de morto? — Houve risadinhas e ele abriu o sorriso juvenil, de novo. Elena se virou e olhou para Stefan, que tinha o cenho franzido.

— Não... Não — disse Bonnie. — Veja bem, ele foi uma vítima de sacrifício. Na Casa Mal-Assombrada. Então ele estava coberto de sangue mesmo, só que era sangue falso. E isso em parte foi culpa minha, porque ele não queria usar o sangue e eu disse que ele tinha de fazer. Ele devia ser o Cadáver Sangrento. Mas ele ficava dizendo que era sujeira demais, e só quando Stefan discutiu com ele... — ela parou. — Quer dizer, nós conversamos com ele, que por fim concordou, e depois a Casa Mal-Assombrada começou. Pouco tempo depois percebi que ele não estava se sentando e assustando as crianças como devia fazer, e me aproximei e perguntei a ele qual era o problema. E ele não respondeu. Ele só... Só ficou encarando o teto. E aí eu toquei nele e ele... Foi horrível. A cabeça dele simplesmente meio que *tombou*. — A voz de Bonnie hesitou e parou. Ela engoliu em seco.

Elena estava de pé, e também Stefan, Matt e alguns outros. Elena estendeu a mão para Bonnie.

— Bonnie, está tudo bem. Bonnie, não. Está tudo bem.

— E tinha sangue nas minhas mãos. Tinha sangue em toda parte, tanto sangue... — Ela fungava intensamente.

— Muito bem, tempo — disse Alaric Saltzman. — Desculpe; eu não pretendia perturbá-la tanto. Mas acho que você precisa trabalhar esses sentimentos futuramente. Está claro que essa foi uma experiência arrasadora.

Ele se levantou e andou até o meio da roda, as mãos abrindo-se e se fechando nervosamente. Bonnie ainda fungava um pouco.

— Eu sei — disse ele, o sorriso juvenil voltando com toda força. — Prefiro que a relação professor-aluno tenha um bom começo, longe de todo

esse clima. E se todos forem à minha casa esta noite e nós conversarmos informalmente? Talvez para nos conhecermos melhor, e falar sobre o que aconteceu. Podem até levar amigos, se quiserem. Que tal?

Houve mais ou menos 30 segundos de olhares perplexos. Depois alguém disse:

— Na sua casa?

— Sim... Ah, me esqueci. Que idiotice a minha. Estou morando na casa dos Ramsey, na Magnolia Avenue. — Ele escreveu o endereço no quadro. — Os Ramsey são amigos meus e me emprestaram a casa enquanto estão de férias. Sou de Charlottesville, e o diretor de vocês me ligou na sexta-feira, perguntando se eu podia assumir este cargo. E aproveitei a oportunidade. É meu primeiro emprego como professor.

— Ah, isso explica tudo — disse Elena à meia-voz.

— Explica? — disse Stefan.

— E então, o que vocês acham? Estamos combinados? — Alaric Saltzman olhou para eles.

Ninguém teve coragem de recusar. Houve uns "sins" e "claros" esparsos pela sala.

— Ótimo, então está combinado. Vou providenciar os refrigerantes, e todos vamos nos conhecer. Ah, a propósito... — Ele abriu a pauta da classe e passou os olhos. — Nesta turma, a participação compõe metade da nota final. — Ele olhou para cima e sorriu. — Agora vocês podem ir.

— Que coragem a dele — murmurou alguém enquanto Elena saía pela porta. Bonnie estava atrás dela, mas a voz de Alaric Saltzman a chamou.

— Os alunos que se abriram conosco podem, por favor, ficar por mais um minuto?

Stefan teve de ir embora também.

— É melhor ver como ficou o treino de futebol — explicou. — Deve ter sido cancelado, mas preciso ter certeza.

Elena ficou preocupada.

— Ainda que não tenha sido cancelado, acha que está se sentindo bem para isso?

— Vou ficar bem — disse ele, evasivo. Mas ela percebeu que o rosto dele ainda estava abatido e seus movimentos indicavam que sentia dor. — Encontro você no seu armário — completou.

Ela assentiu. Quando chegou ao armário, viu que Caroline estava por perto, falando com outras duas meninas. Três pares de olhos seguiram cada movimento de Elena enquanto ela guardava os livros, mas quando Elena levantou a cabeça, duas delas de repente viraram o rosto. Só Caroline continuou encarando, a cabeça meio tombada de lado, cochichando algo para as outras.

Para Elena, já bastava. Batendo a porta do armário, foi direto até elas.

— Oi, Becky; oi, Sheilla — disse ela. Depois, com uma ênfase exagerada: — Oi, Caroline.

Becky e Sheilla murmuraram um "oi" e acrescentam algo sobre ter de ir embora. Elena nem se virou para vê-las sair de fininho. Continuou encarando Caroline.

— O que é que tá pegando? — perguntou ela.

— Pegando? — Caroline obviamente estava gostando, tentando prolongar aquilo pelo maior tempo possível. — Pegando com quem?

— Com você, Caroline. Com todo mundo. Não finja que não está aprontando alguma, porque eu conheço você. As pessoas têm me evitado o dia todo como se eu tivesse uma doença, e você parece ter ganhado na loteria. O que você fez?

A expressão inquisitiva e inocente de Caroline sumiu e ela abriu um sorriso felino.

— Eu já havia dito, quando as aulas começaram, que as coisas seriam diferentes este ano, Elena — disse ela. — Avisei que sua época no trono podia estar acabando. Mas não é culpa *minha*. O que está acontecendo é simples seleção natural. A lei da selva.

— E o que *está* acontecendo?

— Bom, digamos que sair com um assassino pode representar um obstáculo em sua vida social.

O peito de Elena enrijeceu como se Caroline a tivesse golpeado. Por um momento, o desejo de bater em Caroline foi quase irresistível. Depois, com o sangue latejando nos ouvidos, ela disse entredentes:

— Isso não é verdade. Stefan não fez nada. A polícia o interrogou e ele foi liberado.

Caroline deu de ombros. Seu sorriso agora era condescendente.

— Elena, conheço você desde o jardim de infância — disse ela — Então vou te dar um conselho, pelos velhos tempos: deixe Stefan. Se fizer isso agora, pode evitar ser uma completa leprosa social. Caso contrário, pode muito bem comprar um sininho para tocar na rua.

Elena ficou refém da raiva enquanto Caroline se virava e se afastava, o cabelo ruivo movendo-se como líquido sob as luzes. Depois Elena recuperou a fala.

— Caroline. — A menina se virou. — Vai à festa na casa dos Ramsey hoje à noite?

— Acho que sim. Por quê?

— Porque eu estarei lá. Com Stefan. Vejo você na selva. — Desta vez foi Elena quem se virou.

A dignidade de sua saída foi um pouco arruinada quando ela viu uma figura magra e obscurecida na outra extremidade do corredor. Travou por um instante mas, ao chegar mais perto, ela reconheceu Stefan.

Ela sabia que o sorriso que abria era forçado e ele olhou para os armários enquanto os dois andavam lado a lado, saindo da escola.

— Então o treino de futebol foi cancelado? — disse ela.

Ele assentiu.

— O que foi aquilo tudo? — disse ele em voz baixa.

— Nada. Perguntei a Caroline se ela ia à festa hoje à noite. — Elena tombou a cabeça para trás e encarou o céu cinza e sombrio.

— E era sobre isso que vocês conversavam?

Ela se lembrou do que ele havia falado em seu quarto. Ele podia ver melhor do que um humano, e ouvir melhor também. Bem o bastante para entender palavras ditas a 12 metros no corredor?

— Sim — disse ela em desafio, ainda examinando as nuvens.

— E foi isso que a deixou com tanta raiva?

— Sim — disse ela de novo, no mesmo tom.

Elena podia sentir os olhos dele fitando os dela.

— Elena, isso não é verdade.

— Bom, se pode ler minha mente, não precisa me fazer perguntas, não é?

Eles agora estavam de frente um para o outro. Stefan estava tenso, a boca numa linha rígida.

— Sabe que eu não faria isso. Mas pensei que fosse você a mais apegada à honestidade nos relacionamentos.

— Tudo bem. Caroline estava daquele jeito cretino de sempre e eu acabei com ela. E daí? Por que você se importa?

— Porque — disse Stefan com simplicidade, mas brutalmente — ela pode ter razão. Não sobre o crime, mas sobre você. Sobre você e eu. Eu devia ter percebido que isso aconteceria. Não é só ela, é? Percebi hostilidade e medo o dia todo, mas estou cansado demais para tentar analisar isso. Eles acham que eu sou o assassino e estão descarregando em você.

— O que eles acham não importa! Todos estão errados e um dia vão se dar conta disso. Depois tudo vai ficar como sempre foi.

Um sorriso tristonho puxou os cantos da boca de Stefan.

— Você acredita mesmo nisso, não é? — Ele desviou os olhos e seu rosto endureceu. — E se não perceberem? E se tudo só piorar?

— Do que está falando?

— Pode ser melhor... — Stefan respirou fundo e continuou, com cuidado. — Pode ser melhor se não nos virmos por algum tempo. Se pensarem que não estamos juntos, vão deixá-la em paz.

Ela o encarou.

— E acha que pode fazer isso? Não me ver, nem falar comigo por sei lá quanto tempo?

— Se for necessário... Sim. Podemos fingir que terminamos. — Seu maxilar estava rígido.

Elena encarou Stefan por mais um tempo. Depois o contornou e se aproximou, tão perto que eles estavam quase se tocando. Ele teve de olhá-la de cima, seus olhos a poucos centímetros dos dela.

— Só há uma maneira — disse ela — de eu anunciar ao resto da escola que terminamos. E é se você me disser que não me ama e não quer me ver. Diga isso, Stefan, diga agora. Diga que não quer mais ficar comigo.

Ele parou de respirar. Olhou-a de cima, aqueles olhos verdes estriados como de um gato em tons de esmeralda, malaquita e azevinho.

— Diga — ela implorou. — Diga que pode ficar sem mim, Stefan. Diga...

Ela não terminou a frase. Foi interrompida pelos lábios de Stefan, ansiosos por calá-la.

6

Stefan estava sentado na sala de estar dos Gilbert, concordando educadamente com o que a tia Judith dizia. A mulher mais velha não estava à vontade com a presença dele; e não era preciso ser telepata para saber disso. Mas ela tentava, e Stefan também. Ele queria que Elena fosse feliz.

Elena. Mesmo quando não olhava para ela, Stefan estava ciente dela mais do que de qualquer outra coisa no aposento. Sua presença viva refletia na pele dele como a luz do sol nas pálpebras fechadas. Quando ele realmente se permitiu virar para olhá-la, foi um doce choque em todos os seus sentidos.

Ele a amava muito. Nunca mais a viu como Katherine; quase tinha se esquecido do quanto ela parecia com a garota morta. De qualquer forma, havia tantas diferenças. Elena tinha o mesmo cabelo dourado claro e pele leitosa, as mesmas feições delicadas de Katherine, mas a semelhança terminava aí. Os olhos de Elena agora pareciam violeta ao fogo da lareira mas normalmente tinham um tom azul-escuro como de lápis-lazúli e nada tímidos nem infantis como os de Katherine. Ao contrário, eram janelas para sua alma, que brilhava como uma chama ansiosa por trás daquele olhar. Elena era Elena, e sua imagem substituíra o fantasma gentil de Katherine no coração de Stefan.

Mas a força de Elena tornava perigoso o amor dos dois. Ele não conseguira resistir a ela na última semana, quando ela lhe ofereceu seu sangue. É claro que ele podia ter morrido sem ela, mas tudo tinha ido longe demais para a segurança de Elena. Pela centésima vez, os olhos de Stefan percorreram o rosto dela, procurando por sinais visíveis de mudança. A pele sedosa não estava um pouco mais clara? A expressão dela não estava um tanto mais distante?

Eles teriam de tomar cuidado a partir de agora. *Ele* teria de ser mais cauteloso. Certificar-se de se alimentar com frequência, satisfazer-se com animais, para não ficar tentado. Jamais deixar que a necessidade ficasse tão urgente. Agora que pensava nisso, ele estava com fome. A dor seca, o ardor, espalhava-se pelo maxilar superior, sussurrando pelas veias e capilares. Ele devia estar no bosque — os sentidos em alerta para perceber o mais leve estalar de galhos secos, os músculos prontos para a caçada — e não aqui, perto de uma lareira, olhando a teia de veias azuis claras no pescoço de Elena.

Aquele pescoço fino se virou enquanto Elena olhava para ele.

— Quer ir àquela festa hoje à noite? Podemos pegar o carro da tia Judith — disse ela.

— Mas deve jantar aqui primeiro — disse tia Judith apressadamente.

— Podemos comprar algo no caminho. — Elena quis dizer comprar algo para ela, pensou Stefan. Ele mesmo podia mastigar e engolir comida comum, se tivesse de agir assim, mas já não caía bem e há muito tempo ele perdera qualquer paladar por ela. Não, seus... apetites... agora eram mais específicos, pensou ele. E se fossem a essa festa, significaria inúmeras horas antes de poder se alimentar. Mas Stefan assentiu, concordando com Elena.

— Se quiser ir — disse ele.

Ela queria; estava decidida a isso. Ele vira desde o início.

— Então, tudo bem, é melhor eu trocar de roupa.

Ele a seguiu até o pé da escada.

— Vista algo com gola alta. Um suéter — sugeriu ele numa voz baixa demais para ser ouvida pelos outros.

Ela olhou a sala de estar vazia pela soleira da porta e disse:

— Tudo bem. Já estão quase curados. Está vendo? — Ela puxou a gola de renda para baixo, girando a cabeça de lado.

Stefan olhou, hipnotizado, as duas marcas redondas na pele fina. Eram de um vermelho transparente muito claro, como a cor de um vinho aguado. Ele trincou os dentes e se obrigou a desviar os olhos. Se olhasse por mais tempo, acabaria louco.

— Não foi isso que eu quis dizer — disse ele bruscamente.

O véu brilhante dos cabelos de Elena caiu nas marcas de novo, escondendo-as.

— Ah.

* * *

— Entre!

Quando eles obedeceram, entrando na sala, a conversa parou. Elena reparou nos rostos que se viravam para eles, olhos curiosos e furtivos e expressões preocupadas. Não era o tipo de olhar que ela estava acostumada a receber quando fazia sua entrada.

Foi outro aluno que abriu a porta para eles; Alaric Saltzman não estava à vista. Mas Caroline estava lá, sentada numa banqueta de bar, com as pernas à mostra para proveito de todos. Ela olhou cinicamente para Elena e fez uma observação qualquer a um menino que estava ao lado. Ele riu.

Elena podia sentir seu sorriso começar a ficar doloroso, enquanto um rubor se espalhava pelo rosto. Depois uma voz familiar chegou a ela.

— Elena, Stefan! Estamos aqui.

Agradecida, ela localizou Bonnie sentada com Meredith e Ed Goff em um sofá de dois lugares no canto. Ela e Stefan se acomodaram num grande divã de frente para eles e ela ouviu a conversa recomeçar pela sala.

Por acordo tácito, ninguém mencionou o constrangimento pela chegada de Elena e Stefan. Elena estava decidida a fingir que tudo estava como sempre foi.

E Bonnie e Meredith a apoiavam.

— Você está ótima — disse Bonnie calorosamente. — Adoro esse suéter vermelho.

— Ela está linda. Não é, Ed? — disse Meredith e Ed, parecendo meio sobressaltado, concordou.

— Então sua turma foi convidada também — disse Elena a Meredith. — Pensei que talvez fosse só o sétimo tempo.

— Não sei se *convidada* é a palavra certa — respondeu Meredith friamente. — Considerando que a participação conta metade da nossa nota.

— Acha que ele falou sério? Ele não pode fazer isso — intrometeu-se Ed.

Elena deu de ombros.

— Para mim, pareceu sério. Onde está Ray? — perguntou ela a Bonnie.

— Ray? Ah, Ray. Não sei, em algum lugar por aí, eu acho. Tem muita gente aqui.

Era verdade. A sala dos Ramsey estava abarrotada e, pelo que Elena podia ver, a multidão fluía para a sala de jantar, para a sala de estar e provavelmente também para a cozinha. Cotovelos roçavam no cabelo de Elena quando as pessoas circulavam atrás dela.

— O que Saltzman queria com vocês depois da aula? — dizia Stefan.

— Alaric — corrigiu Bonnie, presunçosa. — Ele quer que a gente o chame de Alaric. Ah, ele só estava sendo legal. Ele se sentiu péssimo por me fazer reviver aquela experiência agonizante. Ele não sabia exatamente como o Sr. Tanner tinha morrido e não percebeu que eu era tão sensível. É claro que ele mesmo é incrivelmente sensível, então ele entende como é. Ele é de aquário.

— Com uma lua ascendendo no clima romântico — disse Meredith à meia-voz. — Bonnie, você não acredita nessa bobagem, não é? Ele é professor; não devia ficar jogando essa para cima das alunas.

— Ele não estava jogando nada! Ele disse exatamente o mesmo a Tyler e a Sue Carson. Disse que a gente devia formar um grupo de apoio ou escrever um trabalho sobre aquela noite para extravasar nossos sentimentos. Ele disse que os adolescentes são muito impressionáveis e que não quer que a tragédia tenha um impacto duradouro em nossas vidas.

— Ah, fala sério — disse Ed, e Stefan transformou a risada numa tosse. Mas ele não estava se divertindo e a pergunta a Bonnie não tinha sido feita por mera curiosidade. Elena sabia disso; podia sentir irradiando dele. Stefan sentia por Alaric Saltzman o mesmo que a maioria das pessoas de sua turma sentia por Stefan. Cautela e desconfiança.

— *Foi mesmo* estranho ele agir como se a festa fosse uma ideia espontânea em nossa turma — disse ela, respondendo inconscientemente às palavras que Stefan não pronunciara —, quando é óbvio que foi planejada.

— O mais estranho ainda é a ideia de que a escola contrataria um substituto sem contar a ele como o professor anterior morreu — disse Stefan. — Todo mundo está falando nisso; deve até ter saído nos jornais.

— Mas não com todos os detalhes — disse Bonnie com firmeza. — Na verdade, há coisas que a polícia ainda não revelou porque eles acham que pode ajudá-los a pegar o assassino. Por exemplo — ela baixou a voz —, sabe o que Mary disse? O Dr. Feinberg conversou com o cara que fez a autópsia, o legista. E ele disse que não sobrou sangue nenhum no corpo. Nem uma gota.

Elena sentiu um vento gelado soprar por ela, como se estivesse mais uma vez no cemitério. Não conseguiu falar. Mas Ed disse:

— E para onde foi o sangue?

— Bom, acho que foi todo derramado no chão — disse Bonnie calmamente. — Caiu no altar todo e em tudo. É o que a polícia está investigando agora. Mas não é comum um cadáver não ter sangue algum; em geral fica um pouco dentro do corpo. Lividez *post mortem*, é como chamam. Parece uns hematomas grandes e roxos. Qual é o problema?

— Sua incrível sensibilidade está me dando vontade de vomitar — disse Meredith numa voz estrangulada. — Será que podemos mudar de assunto?

— Não foi *você* que ficou toda coberta de sangue — começou Bonnie, mas Stefan a interrompeu.

— Os investigadores já chegaram a alguma conclusão pelo que descobriram até agora? Eles estão mais perto de identificar o assassino?

— Não sei — disse Bonnie, e depois se iluminou. — É verdade, Elena, você disse que sabia...

— Cale a boca, Bonnie — disse Elena em desespero. Se havia um lugar para não discutir isso, era numa sala lotada, cercada de gente que odiava Stefan. Os olhos de Bonnie se arregalaram e ela assentiu, aquiescendo.

Mas Elena não conseguia relaxar. Stefan não matara o Sr. Tanner, e no entanto a mesma evidência que levaria a Damon podia muito bem levar a

ele. E *levaria* a ele, porque ninguém, além dela e de Stefan, sabia da existência de Damon. Ele estava lá fora, em algum lugar, nas sombras. Esperando pela próxima vítima. Talvez esperando por Stefan — ou por ela.

— Estou com calor — disse ela de repente. — Acho que vou ver que tipo de refrigerante *Alaric* providenciou.

Stefan começou a se levantar, mas Elena fez um gesto para ele continuar sentado. Para ele, a busca por fritas e ponche não teria utilidade nenhuma. E ela queria ficar sozinha por uns minutos, estar em movimento em vez de sentada, para se acalmar.

Estar com Meredith e Bonnie lhe dera uma falsa sensação de segurança. Deixando-as, ela mais uma vez foi confrontada com olhares de esguelha e costas viradas repentinamente. Desta vez Elena ficou com raiva. Passou pela multidão com uma insolência deliberada, sustentando cada olhar que pegasse por acaso. Eu já sou popular, pensou ela. Posso muito bem ser descarada também.

Ela estava com fome. Na sala de jantar dos Ramsey, alguém dispusera um sortimento de petiscos que parecia surpreendentemente bom. Elena pegou um prato de papel e colocou alguns palitos de cenoura, ignorando as pessoas em volta da mesa de carvalho descorado. Não ia falar com eles, a não ser que primeiramente se dirigissem a ela. Ela dedicou toda a atenção à comida, inclinando-se sobre as pessoas para pegar queijos e biscoitinhos Ritz, estendendo-se diante deles para alcançar as uvas, ostensivamente olhando de um lado a outro de toda a mesa para ver se havia algo que deixara passar.

Ela conseguira atrair a atenção de alguém, algo que sabia sem ter de erguer os olhos. Mordeu delicadamente o palito de biscoito, segurando-o entre os dentes como um lápis, e afastou-se da mesa.

— Posso dar uma mordida?

O choque fez os olhos dela se arregalarem, paralisando sua respiração. A mente de Elena se comprimiu, recusando-se a aceitar o que estava acontecendo e deixando-a impotente e vulnerável diante disso. Mas embora o pensamento racional tivesse desaparecido, seus sentidos registravam tudo

impiedosamente: olhos escuros dominando seu campo de visão, um sopro de algum tipo de colônia nas narinas, dois dedos longos trazendo seu queixo para cima. Damon se inclinou e, com elegância e precisão, mordeu a outra ponta do palito.

Naquele momento, os lábios dos dois ficaram a centímetros de distância. Ele se inclinou para uma segunda mordida antes que Elena se recuperasse o suficiente para atirá-la para trás, a mão pegando o pedaço de palito e jogando longe. Ele o pegou no ar, numa virtuosa exibição de reflexo.

Os olhos dele ainda grudados nela. Elena por fim respirou e abriu a boca; não tinha certeza do motivo. Para gritar, provavelmente. Para alertar a todas aquelas pessoas que fugissem para a noite. O coração batia como um martelo de forja e a visão completamente turva.

— Calma, calma. — Ele pegou o prato de Elena e de algum modo a segurou pelo pulso. Segurava de leve, como Mary tinha feito com Stefan. Enquanto ela continuava a fitar e arfar, ele o afagou com o polegar, como se a reconfortasse. — Calminha. Está tudo bem.

O que você está fazendo aqui?, pensou ela. O ambiente parecia sinistramente brilhante e artificial. Era como um daqueles pesadelos em que tudo é comum, como quando estamos despertos; e de repente acontece algo totalmente grotesco. Ele ia matar a todos.

— *Elena? Você está bem?* — Sue Carson falava com ela, pegando-a pelo ombro.

— Acho que ela se engasgou — disse Damon, soltando o pulso de Elena. — Mas agora está bem. Por que não nos apresenta?

Ele ia matar todos...

— Elena. Este é Damon, hummm — Sue ofereceu a mão, desculpando-se, e Damon terminou por ela.

— Smith — ele ergueu um copo de papel para Elena. — *La vita.*

— O que você está fazendo aqui? — sussurrou ela.

— Ele é universitário — disse Sue quando ficou evidente que Damon não ia responder. — Da... Universidade de Virginia, não é isso? William and Mary?

— Entre outros lugares — disse Damon, ainda olhando para Elena. Ele não olhou para Sue nem uma vez. — Gosto de viajar.

O mundo se encaixou novamente para Elena, mas era um mundo gélido. Havia gente de todo lado, assistindo ao diálogo com fascínio, impedindo-a de falar livremente. Mas eles também a mantinham em segurança. Por algum motivo, Damon estava fazendo um jogo, fingindo ser um deles. E enquanto a farsa continuasse, ele não faria nada a ela... Assim Elena esperava.

Um jogo. Mas ele estava ditando as regras. Estava parado aqui na sala de jantar dos Ramsey brincando com ela.

— Ele só vai ficar alguns dias — continuava Sue, prestativa. — Visitando... amigos, não foi o que disse? Ou parentes?

— Sim — disse Damon.

— Você tem sorte de poder sair sempre que quiser — disse Elena. Ela não sabia o que fazia com que tentasse desmascará-lo.

— A sorte tem muito pouco a ver com isso — disse Damon. — Gosta de dançar?

— O que você estuda?

Ele sorriu para ela.

— Folclore americano. Sabia, por exemplo, que um sinal no pescoço significa que você será rica? Importa-se se eu der uma olhada?

— *Eu* me importo. — A voz vinha de trás de Elena. Era clara, fria e baixa. Elena só ouviu Stefan falar naquele tom uma vez: quando encontrou Tyler tentando atacá-la no cemitério. Os dedos de Damon paralisaram em seu pescoço e, livre do feitiço, ela recuou.

— Mas você se importa, Elena? — perguntou ele.

Os dois se encararam sob a luz dourada que bruxuleava fraca do candelabro de bronze.

Elena estava ciente das camadas de seus próprios pensamentos, como um *parfait*. Todo mundo a olhava; isto devia ser melhor do que o cinema... Eu não tinha percebido que Stefan era mais alto... Bonnie e Meredith se

perguntavam o que estava havendo... A raiva de Stefan, mas ele ainda estava fraco, machucado... Se atacar Damon agora, ele vai perder...

E diante de todas aquelas pessoas. Seus pensamentos pararam de repente enquanto tudo se encaixava. Era para isso que Damon estava aqui, para fazer Stefan atacá-lo, aparentemente sem tê-lo provocado. Não importa o que aconteça depois disso, ele vencerá. Se Stefan o expulsar, será mais uma prova da "tendência violenta" de Stefan. Mais evidências para aqueles que o acusam. E se Stefan perder a briga...

Perderá também a vida, pensou Elena. Ah, Stefan, ele agora é muito mais forte; por favor, não faça isso. Não se coloque nas mãos dele. Ele *quer* matar você; só está procurando uma oportunidade.

Ela incitou o movimento de seus membros, embora estivessem rígidos e desajeitados como os de uma marionete.

— Stefan — disse ela, segurando a mão fria dele. — Vamos para casa.

Ela podia sentir a tensão em seu corpo, como uma corrente elétrica por baixo da pele. Naquele momento, ele estava totalmente concentrado em Damon, e a luz em seus olhos era como fogo refletido em uma lâmina de adaga. Ela não o reconhecia neste estado de espírito, não o conhecia. Ele a assustava.

— *Stefan* — ela chamou como se estivesse perdida numa neblina e não conseguisse encontrá-lo. — Stefan, *por favor*.

E lentamente, bem devagar, ela o sentiu responder. Ouviu-o respirar e sentiu o corpo dele perder o alerta, caindo a um nível de energia mais baixo. A concentração mortal de sua mente foi desviada e ele olhava para Elena, ele a via.

— Tudo bem — respondeu suavemente, fitando os olhos de Elena. — Vamos.

Ela continuou de mãos dadas com ele enquanto se afastavam, uma das mãos segurando a dele, a outra enfiada em seu braço. Por mera força de vontade, ela conseguiu não olhar por sobre o ombro enquanto iam embora, mas a pele de sua nuca formigou e ficou arrepiada como se esperasse a estocada de uma faca.

Em vez disso, ela ouviu a voz baixa e irônica de Damon:

— Já ouviu falar que um beijo numa ruiva cura herpes labial? — E depois a risada escandalosa e lisonjeada de Bonnie.

No caminho para a saída, eles finalmente encontraram o anfitrião.

— Indo embora tão cedo? — disse Alaric. — Mas nem tive a chance de conversar com vocês.

Ele parecia ao mesmo tempo ansioso e recriminador, como um cachorro que sabe muito bem que *não* vai ser levado para passear, mas abana o rabo de qualquer maneira. Elena sentiu a preocupação brotar em seu estômago, por ele e por todos na casa. Ela e Stefan os estavam deixando para Damon.

Ela só esperava que sua avaliação anterior fosse correta e ele quisesse continuar a farsa. Naquele momento ela estava ocupada demais tirando Stefan dali antes que ele mudasse de ideia.

— Não estou me sentindo muito bem — disse ela ao pegar a bolsa onde tinha deixado, perto do divã. — Desculpe, eu lamento. — Ela aumentou a pressão no braço de Stefan. Agora seria preciso muito pouco para que ele se virasse e fosse para a sala de jantar.

— *Eu* é que lamento — disse Alaric. — Adeus.

Eles estavam na porta antes que ela visse o pedacinho de papel violeta enfiado no compartimento lateral da bolsa. Elena o pegou e o desdobrou por reflexo, a mente em outras coisas.

Havia algo escrito ali, simples, claro e desconhecido. Só três frases. Ela as leu e sentiu o mundo balançar. Isto era demais; Elena não podia lidar com mais nada.

— O que é? — disse Stefan.

— Nada. — Ela enfiou o papel no compartimento lateral da bolsa, empurrando-o com os dedos. — Não é nada, Stefan. Vamos sair daqui.

E eles foram encarar as agulhadas da chuva.

7

— Da próxima vez — disse Stefan em voz baixa —, eu não vou embora.

Elena sabia que ele estava falando sério e isso a apavorou. Mas agora suas emoções estavam vagarosamente progredindo para um estado neutro e ela não queria discutir.

— Ele estava lá — disse ela. — Dentro de uma casa comum, cheia de gente comum, como se pertencesse àquele mundo. Não pensei que ele se atreveria a isso.

— E por que não? — disse Stefan asperamente, com amargura. — Eu estava lá, numa casa comum, cheia de gente comum, como se eu pertencesse a isso.

— Eu não quis dar essa impressão. É só que a única vez em que o vi em público foi na Casa Mal-Assombrada, quando ele estava de máscara e fantasia, e a noite estava escura. Antes disso sempre era num lugar deserto, como o ginásio naquela noite em que fiquei lá sozinha, ou no cemitério...

Assim que terminou essa última parte, Elena percebeu que tinha cometido um erro. Ainda não contara a Stefan sobre ter ido procurar Damon três dias antes. No banco do motorista, ele enrijeceu.

— Ou no cemitério?

— É... Quis dizer no dia em que Bonnie, Meredith e eu fomos perseguidas. Estou supondo que deve ter sido Damon. E o lugar estava deserto, a não ser por nós três.

Por que ela mentia para ele? Porque, respondeu uma vozinha severa em sua cabeça, de outra forma ele podia reagir mal. Saber o que Damon disse a ela, o que ele prometeu para seu destino, podia ser o suficiente para empurrar Stefan pelo precipício.

Não posso contar a ele, percebeu Elena com um sobressalto nauseado. Não sobre aquela vez, nem sobre nada que Damon fizesse no futuro. Se lutar com Damon, Stefan morre.

Então ele jamais vai saber, prometeu Elena a si mesma. Não importa o que for preciso, vou impedir que eles lutem por minha causa. Não importa como.

Por um momento, a apreensão a gelou. Quinhentos anos antes, Katherine tentou evitar que eles brigassem e só conseguiu forçá-los a uma luta mortal. Mas ela não cometeria o mesmo erro, disse Elena a si mesma com veemência. Os métodos de Katherine foram idiotas e infantis. Quem, além de uma criança idiota, mataria a si mesma na esperança de que os dois rivais por sua mão se tornassem amigos? Tinha sido o pior erro de toda essa lamentável história. Graças a isso, a rivalidade entre Stefan e Damon se transformou num ódio implacável. E, além de tudo, Stefan vivia com a culpa por isso desde então; ele se culpava pela estupidez e pela fraqueza de Katherine.

Ansiando por outro assunto, ela disse:

— Acha que alguém o convidou a entrar?

— Evidentemente, uma vez que ele *estava* lá dentro.

— Então é verdade sobre... pessoas como você. Vocês têm de ser convidados. Mas Damon entrou no ginásio sem convite.

— Isso porque o ginásio não é moradia de ninguém. Este é o critério. Não importa que seja uma casa, uma barraca ou um apartamento nos fundos de uma loja. Se humanos comerem e dormirem ali, precisamos ser convidados a entrar.

— Mas eu não convidei você a ir a *minha* casa.

— Sim, convidou sim. Naquela primeira noite, quando eu a levei para casa, você abriu a porta e assentiu para que eu entrasse. Não precisa ser um convite verbal. Basta a intenção. E a pessoa que o convida não tem de ser alguém que realmente more na casa. Qualquer humano pode fazer isso.

Elena pensava.

— E quanto a uma casa-barco?

— Dá no mesmo. Embora a água corrente possa ser uma barreira em si. Para alguns de nós, é quase impossível atravessá-la.

Elena teve uma visão súbita de si mesma, Meredith e Bonnie correndo para a ponte Wickery. Porque de algum modo ela sabia que estariam seguras do que as estava perseguindo se chegassem ao outro lado do rio.

— Então é *por isso* — sussurrou ela. Mas ainda não explicava como Elena sabia. Era como se o conhecimento tivesse sido colocado em sua mente, vindo de uma fonte externa. Depois ela percebeu outra coisa.

— Você me carregou pela ponte. Você pode atravessar a água.

— Isso porque sou fraco. — Ele respondeu numa voz monótona, sem emoção nenhuma por trás das palavras. — É uma ironia, mas quanto mais fortes são seus Poderes, mais você é afetado por determinadas limitações. Quanto mais pertence às trevas, mais as regras das trevas o cegam.

— E que outras regras existem? — perguntou Elena. Ela começava a vislumbrar um plano. Ou pelo menos a esperança de um plano.

Stefan olhou para ela.

— Sim — disse ele. — Acho que está na hora de você saber. Quanto mais souber sobre Damon, mais chances terá de se proteger.

De se proteger? Talvez Stefan soubesse mais do que ela pensava. Mas enquanto Stefan conduzia o carro a uma rua paralela e estacionava, ela disse simplesmente:

— Tudo bem. Preciso ficar conservada em alho?

Ele riu.

— Só se quiser ser impopular. Mas há determinadas plantas que podem ajudá-la. Como a verbena. É uma erva que protege contra feitiços e pode manter a mente clara mesmo que alguém esteja usando os Poderes contra você. As pessoas costumavam usá-la em volta do pescoço. Bonnie adoraria; era sagrada para os druidas.

— Verbena — disse ela, saboreando a palavra desconhecida. — O que mais?

— Luzes fortes, ou a luz direta do sol, podem ser dolorosas. Você deve perceber a mudança no clima.

— Já percebi — disse Elena depois de uma pausa. — Quer dizer que Damon está fazendo isso?

— Deve estar. É preciso um poder enorme para controlar os elementos, mas assim fica mais fácil viajar à luz do dia. Desde que ele mantenha o céu nublado, nem precisa proteger os olhos.

— Nem você — disse Elena. — E quanto a... Bom, cruzes e essas coisas?

— Não têm efeito — disse Stefan. — A não ser que a pessoa que a segure *realmente acredite* que é uma proteção, então ela pode fortalecer tremendamente sua vontade de resistir.

— Er... Balas de prata?

Stefan riu de novo.

— Isso é para lobisomens. Pelo que eu soube, eles não gostam de prata de maneira nenhuma. O método comprovado para minha espécie ainda é uma estaca de madeira atravessando o coração. Mas há outras maneiras que são mais ou menos eficazes: queimar, decapitar, martelar pregos nas têmporas. Ou o melhor de tudo...

— Stefan! — O sorriso solitário e amargo dele a deprimia. — E a transformação em animais? — disse ela. — Antes, você disse que com Poder suficiente, você conseguiria fazer isso. Se Damon pode ser o animal que quiser, como reconhecê-lo?

— Não qualquer animal que ele queira. Ele está limitado a um animal, ou no máximo a dois. Mesmo com os Poderes dele, não acho que ele possa sustentar mais do que isso.

— Então vamos continuar procurando por um corvo.

— Isso mesmo. Talvez você possa saber que ele está por perto observando os animais comuns. Em geral eles não reagem muito bem a nós; sentem que somos caçadores.

— Yangtze ficou latindo para aquele corvo. Era como se soubesse que havia algo errado nele — lembrou-se Elena. — Ah... Stefan — acrescentou ela num tom alterado enquanto um novo pensamento lhe ocorria —, e os espelhos? Não me lembro de ver você em um.

Por um momento, ele não respondeu. Depois disse:

— Diz a lenda que os espelhos refletem a alma de quem os olha. É por isso que os povos primitivos têm medo de espelhos; temem que suas almas fiquem presas e sejam roubadas. Assim, minha espécie não deveria ter reflexo... Porque não temos alma. — Lentamente, ele estendeu a mão para o retrovisor e o virou para baixo, ajustando para que Elena pudesse olhar. No vidro prateado, ela viu os olhos dele, perdidos, assombrados e infinitamente tristes.

Não havia nada a fazer a não ser se abraçá-lo, e foi o que Elena fez.

— Eu te amo — ela sussurrou. Era o único conforto que podia oferecer. Era tudo o que eles tinham.

Os braços de Stefan se estreitaram em volta de Elena; o rosto dele foi enterrado no cabelo dela.

— Você é o espelho — sussurrou ele.

Era bom senti-lo relaxar, a tensão se esvaindo de seu corpo enquanto o calor e o conforto o inundavam. Ela também ficou reconfortada, inundada por uma sensação de paz, cercada por ela. Era tão bom que ela só se lembrou de perguntar o que ele queria dizer quando os dois estavam na porta da casa de Elena, despedindo-se.

— Eu sou o espelho? — disse ela então, olhando para ele.

— Você roubou minha alma — disse ele. — Tranque a porta e não abra durante esta noite. — E então ele se foi.

— Elena, graças a Deus — disse tia Judith. Quando Elena a encarou, ela acrescentou: — Bonnie ligou da festa. Disse que você saiu inesperadamente e, como não chegava em casa, fiquei preocupada.

— Stefan e eu fomos dar uma volta — Elena não gostou da expressão da tia quando disse isso. — Algum problema?

— Não, não. E só que... — Tia Judith não parecia saber como terminar a frase. — Elena, eu me pergunto se seria uma boa ideia... não ver tanto Stefan.

Elena ficou imóvel.

— Você também?

— Não é que eu acredite em fofocas — garantiu tia Judith —, mas, para o seu bem, pode ser melhor se distanciar um pouco dele e...

— Largá-lo? Abandoná-lo porque as pessoas espalham boatos sobre ele? Ficar longe das calúnias para que uma parte delas não grude em mim? — A raiva era um alívio bem-vindo e as palavras se aglomeravam na garganta de Elena, todas tentando sair ao mesmo tempo. — Não, eu *não* acho que seja uma boa ideia, tia Judith. E se estivéssemos falando de Robert, você também não acharia. Ou talvez sim!

— Elena, não vou admitir que fale comigo nesse tom...

— Já terminei mesmo! — gritou Elena, e disparou às cegas para a escada. Conseguiu reprimir as lágrimas até entrar no quarto e trancar a porta. Depois se atirou na cama e chorou.

Ela se arrastou para fora da cama um tempo depois para ligar para Bonnie. Bonnie estava animada e volúvel. Que diabos Elena queria dizer perguntando se havia acontecido alguma coisa incomum depois de ela e Stefan saírem? A coisa incomum foi eles terem ido embora! Não, o cara novo, Damon, não disse nada sobre Stefan; ele só ficou por ali um tempinho e depois desapareceu. Não, Bonnie não viu se ele tinha saído com alguém. Por quê? Elena estava com ciúmes? Sim, isso era uma brincadeira. Mas francamente, ele *era lindo*, não era? Quase tão lindo quanto Stefan, desde que você goste de cabelos e olhos escuros. É claro que se preferir cabelo mais claro e olhos castanhos...

Elena de imediato deduziu que os olhos de Alaric Saltzman eram castanhos.

Ela enfim desligou o telefone e só então se lembrou do bilhete que encontrou na bolsa. Devia ter perguntado a Bonnie se alguém tinha chegado perto de sua bolsa enquanto estava na sala de jantar. Mas Bonnie e Meredith também ficaram parte do tempo na sala de jantar. Alguém pode ter feito isso exatamente nessa hora.

Apenas olhar o papel violeta a fez sentir um gosto de metal no fundo da boca. Mal conseguia encará-lo. Mas agora que estava sozinha, *precisava* abri-

lo e ler de novo, o tempo todo na esperança de que desta vez as palavras fossem diferentes, de que ela pudesse ter se enganado.

Mas elas não estavam diferentes. As letras nítidas destacavam-se do fundo claro como se tivessem três metros de altura.

Eu quero tocá-lo. Mais do que qualquer menino que tenha conhecido. E sei que ele quer isso também, mas ele se reprime comigo.

As palavras dela. De seu diário. Aquele que foi roubado.

No dia seguinte, Meredith e Bonnie tocaram a campainha.

— Stefan me ligou ontem à noite — disse Meredith. — Disse que queria se assegurar de que você não ia à escola sozinha. Ele não vai à aula hoje, então perguntou se Bonnie e eu podíamos vir pegar você aqui.

— Para sermos suas damas de companhia — disse Bonnie, que claramente estava de bom humor. — Acho que é um amor da parte dele ser tão protetor.

— Ele também deve ser de Aquário — disse Meredith. — Vamos, Elena, antes que eu a mate para que ela pare de falar em Alaric.

Elena andou em silêncio, perguntando-se o que Stefan estava fazendo para não ir à aula. Sentia-se vulnerável e exposta, como se sua pele estivesse pelo avesso. Um daqueles dias em que ela estava prestes a chorar por qualquer motivo.

Na secretaria, o quadro de avisos trazia um papel violeta.

Ela devia saber. Ela *sabia* em algum lugar bem no fundo. O ladrão não estava satisfeito em fazer com que ela soubesse que suas palavras particulares estavam sendo lidas. Estava deixando claro que ainda podiam se tornar públicas.

Ela arrancou o bilhete do quadro e o amassou, mas não antes de dar uma olhada nas palavras. Bastou uma passada de olhos para aquelas letrinhas fundirem o cérebro de Elena.

Sinto como se alguém o tivesse magoado muito no passado e ele nunca tivesse superado. Mas também me parece algo que o deixa temeroso, um segredo que ele tem medo que eu descubra.

— Elena, o que é isso? Qual é o problema? Elena, volte aqui!

Bonnie e Meredith a seguiram até o banheiro feminino mais próximo, onde ela parou perto do cesto de lixo, rasgando o bilhete em pedaços microscópicos, respirando como se tivesse corrido uma maratona. Elas se entreolharam e se preocuparam em verificar os reservados do banheiro.

— Muito bem — disse Meredith em voz alta —, privilégio de veterana. Você! — Ela bateu na única porta fechada. — Saia.

Houve um farfalhar, depois uma caloura confusa saiu.

— Mas eu ainda nem...

— Saia. Fora — ordenou Bonnie. — E *você* — disse ela à menina que lavava as mãos —, fique lá fora e cuide para que ninguém mais entre.

— Mas por quê? O que vocês...

— *Anda*, garota. Se alguém passar por essa porta, vamos considerar você a responsável.

Quando a porta se fechou de novo, elas cercaram Elena.

— Tudo bem, isto é um assalto — disse Meredith. — Anda logo, Elena, desembucha.

Elena rasgou o último pedacinho de papel, presa entre o riso e as lágrimas. Queria contar tudo a elas, mas não podia. Então falou sobre o diário.

As duas ficaram igualmente furiosas, tão indignadas quanto Elena.

— Foi alguém da festa, só pode ser — disse Meredith por fim, depois que cada uma delas expressou sua opinião sobre o caráter, a moral e o provável destino do ladrão no além-túmulo. — Mas qualquer um ali pode ter feito isso. Não me lembro de ninguém em particular chegando perto de sua bolsa, mas a sala estava abarrotada de gente e pode ter acontecido sem que eu percebesse.

— Mas por que alguém ia *querer* fazer isso? — disse Bonnie. — A não ser... Elena, na noite em que encontramos Stefan, você andou sugerindo umas coisas. Disse que achava saber quem era o assassino.

— Eu não achava que sabia; eu *sabia*. Mas se está querendo dizer que isto pode ter alguma relação, não tenho certeza. Pode até ser. A mesma

pessoa pode ter feito isso.

Bonnie ficou apavorada.

— Mas isso significa que o assassino é um aluno da escola! — Quando Elena sacudiu a cabeça, ela continuou: — A única pessoa na festa que não era aluna era aquele cara e o Alaric. — Sua expressão mudou. — Alaric não matou o Sr. Tanner! Ele nem estava em Fell's Church na época.

— Eu sei. Não foi Alaric. — Agora Elena tinha ido longe demais para parar; Bonnie e Meredith já sabiam demais. — Foi Damon.

— Aquele cara era o *assassino*? O cara que me *beijou*?

— Bonnie, calma. — Como sempre, a agitação dos outros deixava Elena mais controlada. — Sim, ele é o assassino e nós três temos que ficar em guarda contra ele. É por isso que estou contando a vocês. Nunca, jamais convidem aquele sujeito a entrar na casa de vocês.

Elena parou, considerando a reação das amigas. Elas a encaravam, e por um momento ela teve a sensação nauseante de que não acreditavam. Que questionariam sua sanidade.

Mas Meredith apenas perguntou numa voz tranquila e desligada:

— Tem certeza disso?

— Sim. Tenho certeza. Ele é o assassino, foi ele quem colocou Stefan no poço e ele pode vir atrás de uma de nós. E não sei se há algo que possa impedi-lo.

— Está certo, então — disse Meredith, erguendo as sobrancelhas. — Não me admira que você e Stefan tivessem tanta pressa para sair da festa.

Caroline abriu um sorriso malicioso para Elena enquanto esta entrava no refeitório. Mas Elena estava em outro plano para perceber.

Mas uma coisa ela notou de cara. Vickie Bennett estava lá.

Vickie não ia à escola desde a noite em que Matt, Bonnie e Meredith a encontraram vagando na estrada, tagarelando sobre névoa, olhos e algo terrível no cemitério. Os médicos que a examinaram depois disseram que não havia nada de errado com ela fisicamente, mas ela ainda não tinha

voltado a Robert E. Lee. As pessoas cochichavam sobre psicólogos e os tratamentos medicamentosos que estavam tentando.

Mas ela não parecia desequilibrada, pensou Elena. Estava pálida, contida e meio amarfanhada em suas roupas, e quando Elena passou e ela notou sua presença, os olhos de Vickie eram como de uma corça assustada.

Era estranho se sentar a uma mesa meio vazia, com a companhia apenas de Bonnie e Meredith. Em geral as pessoas se espremiam para conseguir lugares na mesa das três.

— Não terminamos aquela conversa de hoje de manhã — disse Meredith. — Pegue algo para comer, depois vamos pensar no que fazer com aqueles bilhetes.

— Não estou com fome — disse Elena categoricamente. — E o que a gente *pode* fazer? Se for Damon, não há como impedi-lo. Confie em mim, não é um caso de polícia. É por isso que não contei a eles que ele é o assassino. Não há nenhuma prova, e além disso eles nunca... Bonnie, você não está prestando atenção.

— Desculpe — disse Bonnie, que olhava para além da orelha esquerda de Elena. — Mas está rolando algo bem estranho ali.

Elena se virou. Vickie Bennett estava parada na frente do refeitório, mas não parecia mais amarfanhada e contida. Avaliava a sala de um jeito furtivo, sorridente.

— Bom, ela não parece normal, mas eu não diria que está exatamente estranha — disse Meredith. Depois acrescentou: — Peraí um minutinho.

Vickie desabotoava o cardigã. Mas o estranho era o *jeito* como fazia isso — com petelecos deliberados dos dedos, o tempo todo olhando em volta com aquele sorriso misterioso. Quando o último botão foi aberto, ela tirou o suéter delicadamente entre o indicador e o polegar e o deslizou primeiro por um braço, depois por outro. Ela largou o suéter no chão.

— A palavra é estranha mesmo — confirmou Meredith.

Os alunos que passavam na frente de Vickie com as bandejas lotadas olharam para ela com curiosidade e depois olharam de novo por sobre o ombro. Mas só pararam de andar quando ela tirou os sapatos.

Ela o fez graciosamente, encostando o salto de uma bota no bico da outra e empurrando. Depois tirou a segunda bota com um chute.

— Ela não pode continuar com isso — murmurou Bonnie, enquanto os dedos de Vickie passavam aos botões de pérolas falsas da blusa de seda branca.

Cabeças viravam; as pessoas se cutucavam e gesticulavam. Em volta de Vickie, formara-se um pequeno grupo, parado a certa distância para não interferir na visão dos outros.

A blusa de seda branca foi tirada, flutuando como um fantasma ferido até o chão. Vickie estava de sutiã de renda creme por baixo.

Não se ouviu mais nenhum som no refeitório, só o silvo dos cochichos. Ninguém comia. O grupo de pessoas em volta de Vickie cresceu.

Vickie sorria recatadamente e começava a soltar as fivelas na cintura. Foi a vez da saia pregueada cair no chão. Ela pisou e a empurrou de lado com o pé.

Alguém apareceu nos fundos do refeitório e entoou: "*Tira! Tira!*" Outras vozes se juntaram a ele.

— Ninguém vai parar a garota? — Bonnie fumegava.

Elena se levantou. Da última vez em que havia chegado perto de Vickie, a menina gritou e bateu nela. Mas agora, enquanto Elena se aproximava, Vickie lhe abriu um sorriso conspiratório. Seus lábios se moveram, mas Elena não conseguiu distinguir o que ela dizia com aquela cantoria toda.

— Vamos, Vickie. Venha — disse ela.

O cabelo castanho claro de Vickie foi atirado para trás e ela puxou a alça do sutiã.

Elena abaixou-se para pegar o cardigã e passá-lo nos ombros da menina magra. Ao fazer isso, enquanto tocava Vickie, aqueles olhos semicerrados se arregalaram como uma corça assustada de novo. Vickie lançou para Elena um olhar, como se tivesse acabado de acordar de um sonho. Olhou para si mesma e sua expressão transformou-se em incredulidade. Apertando mais o cardigã em volta do corpo, ela recuou, tremendo.

A sala ficou em silêncio de novo.

— Está tudo bem — disse Elena num tom tranquilizador. — Vamos.

Ao som da voz de Elena, Vickie pulou como se tocada por um fio desencapado. Encarou Elena, depois explodiu.

— Você é um deles! Eu vi você! Você é do mal!

Ela se virou e correu descalça para fora do refeitório, deixando Elena aturdida.

8

— Sabe o que é esquisito no que Vickie fez na escola? Quero dizer, além de todas as coisas óbvias — disse Bonnie, lambendo a cobertura de chocolate dos dedos.

— O quê? — disse Elena, desanimada.

— Bom, o modo como ela terminou, de sutiã. Ela estava igualzinha ao dia em que a encontramos na estrada, só que lá ela também estava toda arranhada.

— Arranhões de gato, foi o que pensamos — disse Meredith, dando a última dentada no bolo. Ela parecia estar num daqueles estados de espírito silenciosos e pensativos; agora olhava Elena com atenção. — Mas isso não me parece muito provável.

Elena a encarou também.

— Talvez ela tenha caído em algumas trepadeiras — disse ela. — Agora, se vocês já terminaram de comer, querem ver aquele primeiro bilhete?

Elas deixaram os pratos na pia e subiram a escada para o quarto de Elena, que se sentia corar enquanto as outras liam o bilhete. Bonnie e Meredith eram suas melhores amigas, agora talvez as únicas. Ela já havia lido passagens de seu diário para as duas. Mas isto era diferente. Era a sensação mais humilhante que ela teve na vida.

— E então? — disse ela a Meredith.

— Quem escreveu isso tem 1,70m de altura, é meio manco e usa bigode falso — entoou Meredith. — Desculpe — acrescentou ela, vendo a expressão de Elena. — Não é engraçado. Na verdade, não há muito por onde começar, há? A letra parece de homem, mas o papel é bem coisa de mulher.

— E o bilhete todo tem um toque meio feminino — acrescentou Bonnie, quicando de leve na cama de Elena. — Bom, tem mesmo — disse ela na

defensiva. — Citar trechos do diário de alguém é algo que só mesmo uma mulher pensaria em fazer. Os homens não ligam para diários.

— Você não quer acreditar que seja o Damon — disse Meredith. — Pensei que estivesse mais preocupada com ele sendo um assassino psicopata do que um ladrão de diários.

— Não sei; os assassinos são meio românticos. Imagine você morrendo com as mãos dele agarrando seu pescoço. Damon estrangula você até a morte e a sua última visão é o rosto dele. — Colocando as mãos no próprio pescoço, Bonnie arfou e expirou tragicamente, terminando tombada na cama. — Ele pode ficar comigo quando quiser — disse ela, de olhos ainda fechados.

Elena estava prestes a dizer, "você não entende, isso é *sério*", mas em vez disso sibilou num suspiro.

— Ah, meu Deus — disse ela, e correu até a janela. O dia estava úmido e pesado, e a janela fora aberta. Do lado de fora, nos galhos esqueléticos do marmeleiro, havia um corvo.

Elena bateu a janela com tanta força que o vidro chocalhou e tiniu. O corvo olhou para ela através da vidraça trêmula com olhos de obsidiana. Arco-íris cintilaram da plumagem preta e reluzente.

— Por que você *disse* isso? — disse ela, virando-se para Bonnie.

— Ei, não tem ninguém lá fora — disse Meredith delicadamente. — A não ser que os pássaros contem.

Elena se afastou delas. A árvore agora estava vazia.

— Desculpe — disse Bonnie com a voz fraca, depois de um momento. — É só que às vezes nada disso parece real, nem a morte do Sr. Tanner parece lá muito verdadeira. E Damon parecia... Bom, excitante. Mas perigoso. Posso acreditar que ele é perigoso.

— E além disso, ele não ia espremer seu pescoço; ia cortá-lo — disse Meredith. — Ou pelo menos foi o que ele fez com o Sr. Tanner. Mas o velho debaixo da ponte teve a garganta dilacerada, como se um animal tivesse feito isso. — Meredith procurou esclarecimento em Elena. — Damon não tem um animal, tem?

— Não. Não sei. — De repente, Elena se sentiu muito cansada. Estava preocupada com Bonnie, com as consequências daquelas palavras tolas.

"Posso fazer qualquer coisa com você e com aqueles que mais ama", ela se lembrou. O que Damon podia fazer agora? Ela não o compreendia. Ele era diferente a cada vez que se encontravam. No ginásio, ele foi debochado, rindo dela. Mas da vez seguinte ela jurava que ele falava a sério, citando poesia para ela, tentando convencê-la a sair com ele. Na semana anterior, com o vento gelado do cemitério vergastando em volta, ele foi ameaçador, cruel. E por trás das palavras irônicas ditas na noite passada, ela sentiu-se novamente ameaçada. Elena não podia prever o que ele faria depois.

Mas, o que quer que acontecesse, ela precisava proteger Bonnie e Meredith dele. Em especial porque ela não podia alertá-las corretamente.

E o que Stefan estava aprontando? Ela precisava dele agora, mais do que qualquer outra coisa. Onde é que ele *estava*?

Começou naquela manhã.

— Deixa ver se eu entendi direito — disse Matt, encostando-se na carroceria de seu velho Ford sedan quando Stefan o procurou antes da aula. — Quer meu carro emprestado.

— Sim — disse Stefan.

— E o motivo para você querer meu carro emprestado são flores. Você quer conseguir umas flores para Elena.

— Sim.

— E essas flores em particular, essa flores que você tem que arranjar, não crescem por aqui.

— Podem crescer. Mas a estação na qual florescem já chegou ao fim aqui, tão ao norte. E o gelo teria acabado com elas de qualquer forma.

— Então você quer ir para o sul... Até onde no sul, você não sabe... Para encontrar umas flores dessas que você tem que dar a Elena.

— Ou pelo menos umas mudas — disse Stefan. — Mas prefiro ter as flores de verdade.

— E como a polícia ainda está com seu carro, você quer pegar o meu emprestado, pelo tempo que precisar para chegar ao sul e encontrar essas flores que precisa dar para Elena.

— Imagino que dirigir é a forma menos ostensiva de sair da cidade — explicou Stefan. — Não quero que a polícia me siga.

— Aham. E é por isso que quer meu carro.

— Sim. Vai me emprestar?

— Vou emprestar meu carro ao cara que roubou minha namorada e agora quer fazer um passeio ao sul para descolar umas flores especiais que ela precisa ganhar? Você perdeu o juízo? — Matt, que olhava os telhados das casas de madeira do outro lado da rua, virou-se enfim para olhar Stefan. Seus olhos azuis, em geral animados e francos, estavam repletos de uma incredulidade completa, encimados por sobrancelhas torcidas e unidas.

Stefan virou a cara. Devia saber muito bem. Depois de tudo o que Matt fizera por ele, era ridículo esperar mais. Em especial ultimamente, quando as pessoas se encolhiam ao som de seus passos e evitavam seus olhos quando ele se aproximava. Esperar que Matt, que tinha os melhores motivos para se ressentir dele, fizesse um favor desses sem explicações, com base só na fé, era *mesmo* insanidade.

— Não, eu não perdi o juízo — disse ele em voz baixa e se virou para ir.

— Nem eu — disse Matt. — E de jeito nenhum vou entregar meu carro a você. Que inferno, não. Eu vou com você.

Quando Stefan se virou, Matt estava olhando o carro e não para ele, o lábio inferior projetado para frente num biquinho preocupado e prudente.

— Afinal — disse ele, esfregando o vinil lascado do teto —, você pode arranhar a pintura ou algo assim.

Elena baixou o fone no gancho. *Alguém* estava no pensionato, porque alguém tirava o fone do gancho quando tocava, mas depois disso só havia silêncio e o estalo da linha desconectada. Ela desconfiava de que era a Sra. Flowers, mas isso não dizia nada sobre onde estava Stefan. Por instinto, ela queria ir até ele. Mas estava escuro lá fora e Stefan a alertara especificamente

para não sair no escuro, em especial para ir a algum lugar perto do cemitério ou do bosque. O pensionato ficava perto dos dois.

— Ninguém atende? — disse Meredith enquanto Elena voltava e se sentava na cama.

— Ela fica desligando na minha cara — disse Elena e murmurou alguma coisa.

— Você disse que ela era uma bruaca?

— Não, mas rima com isso.

— Olha — disse Bonnie, sentando-se ereta. — Se Stefan disse que ia ligar, então ele vai ligar. Não há motivos para você passar a noite comigo.

Havia um motivo, embora Elena não pudesse explicar nem mesmo a si. Afinal, Damon tinha beijado Bonnie na festa de Alaric Saltzman. Era culpa de Elena que Bonnie estivesse correndo perigo. De algum modo ela sentia que podia proteger Bonnie se pelo menos estivesse presente.

— Minha mãe, meu pai e Mary estão em casa — insistiu Bonnie. — E trancamos todas as portas e janelas e tudo desde que o Sr. Tanner foi assassinado. Neste fim de semana papai até colocou umas trancas a mais. Não vejo o que *você* possa fazer quanto a isso.

Elena também não via. Mas ia fazer, mesmo assim.

Ela deixou um recado para Stefan com tia Judith, para dizer a ele onde estava. Ainda havia um constrangimento renitente entre ela e a tia. E assim seria, pensou Elena, até que a tia mudasse de ideia sobre Stefan.

Na casa da amiga, ela ficou com o quarto que pertencia a uma das irmãs de Bonnie que agora estava na universidade. A primeira atitude que tomou foi olhar a janela. Estava fechada e trancada, e não havia nada do lado de fora em que alguém pudesse subir, como um cano ou uma árvore. O mais disfarçadamente possível, ela também verificou o quarto de Bonnie e quaisquer outros em que conseguiu entrar. Bonnie tinha razão; todos estavam lacrados por dentro. Nada de fora podia entrar.

Naquela noite, ela ficou deitada na cama por muito tempo, olhando o teto, incapaz de dormir. Ficava se lembrando de Vickie sonhadoramente fazendo um *striptease* no refeitório. O que havia de errado com aquela

menina? Ela se lembraria de perguntar a Stefan da próxima vez em que o visse.

Pensar em Stefan era agradável, mesmo com todas as coisas terríveis que aconteceram recentemente. Elena sorriu no escuro, deixando a mente vagar. Um dia, todo esse tormento acabaria, e ela e Stefan poderiam planejar a vida juntos. É claro que ele não falou nada sobre isso, mas Elena tinha certeza. Ia se casar com Stefan, ou com mais ninguém. E Stefan não ia se casar com ninguém, só com ela...

A transição para o sonho foi tão suave e gradual que ela mal percebeu. Mas ela sabia, de algum modo, que estava sonhando. Era como se parte dela estivesse parada, assistindo ao desenrolar do sonho.

Ela estava sentada em um corredor comprido, coberto de espelhos de um lado e janelas do outro. Esperava algo. Depois viu um tremor de movimento e Stefan estava parado do lado de fora das janelas. Com o rosto pálido e os olhos magoados e coléricos. Ela se aproximou da janela, mas não conseguiu ouvir o que ele dizia por causa do vidro. Em uma das mãos, ele segurava um livro com capa de veludo azul e ficava gesticulando para o objeto e perguntando alguma coisa a ela. Depois ele finalmente largou o livro e se virou.

— Stefan, não vá! Não me deixe! — ela gritava. Seus dedos se achataram no vidro, esbranquiçados. Depois ela percebeu que havia uma tranca em um lado da janela e a abriu, chamando por ele. Mas ele tinha desaparecido e do lado de fora só se via a névoa branca, girando.

Desconsolada, ela se afastou da janela e começou a andar pelo corredor. Sua própria imagem cintilava em um espelho após outro. Depois alguma coisa em um dos reflexos chamou sua atenção. Os olhos eram os dela, mas havia uma nova expressão, um olhar predatório, furtivo. Os olhos de Vickie estavam exatamente assim quando ela se despiu. E havia algo perturbador e faminto em seu sorriso.

Enquanto Elena olhava, imóvel, a imagem de repente rodopiou sem parar, como se dançasse. O horror tomou Elena. Ela começou a correr pelo salão, mas agora todos os reflexos tinham vida própria, dançando, acenando,

rindo para ela. Quando pensou que seu coração e os pulmões iam explodir de pavor, ela chegou ao final do corredor e abriu uma porta num rompante.

Estava numa sala grande e bonita. O teto alto era intrincadamente entalhado e marchetado de ouro; as soleiras das portas eram revestidas de mármore branco; estátuas clássicas ficavam em nichos pelas paredes. Elena nunca vira uma sala com tanto esplendor, mas sabia onde estava. Era a Itália renascentista, quando Stefan era vivo.

Ela olhou para si mesma e viu que usava um vestido parecido com aquele que tinha feito para o Halloween, o vestido de baile azul gelo da Renascença. Mas este vestido era de um vermelho rubi profundo, e na cintura ela usava uma corrente fina incrustada de pedras vermelhas e brilhantes. As mesmas pedras estavam em seus cabelos. Quando ela se mexeu, a seda faiscou como chamas à luz de centenas de tochas.

Na extremidade do salão, duas portas imensas giraram para dentro. Uma figura apareceu entre elas. Andou na direção de Elena e ela viu que era um jovem vestido de roupas renascentistas, camisa leve e colete debruado de peles.

Stefan! Ela partiu na direção dele com ansiedade, sentindo o peso do vestido balançar da cintura. Mas paralisou ao se aproximar, puxando o ar subitamente. Era Damon.

Ele continuou andando na direção dela, confiante, despreocupado. Ele sorria, e tinha uma expressão desafiadora. Alcançando-a, ele pôs a mão no coração e se curvou. Depois estendeu a mão para ela como se a desafiasse a segurá-la.

— Gosta de dançar? — disse ele. Sem mover os lábios. A voz estava na mente de Elena.

O medo dela se esgotou e ela riu. Qual era o problema dela, com medo dele? Eles se entendiam muito bem. Mas em vez de segurar a mão de Damon, ela se virou, a seda do vestido girando atrás dela. Elena andou com leveza para uma das estátuas junto à parede, sem olhar para ver se ele a seguia. Ela sabia que ele a seguiria. Fingiu estar absorta na estátua, afastando-se de novo assim que ele a alcançou, mordendo o lábio para

reprimir o riso. Sentia-se maravilhosamente bem, tão viva, tão linda. Perigoso? É claro, esse jogo era perigoso. Mas ela sempre gostara do perigo.

Quando ele a alcançou de novo, ela o observou com malícia ao se virar. Ele estendeu a mão, mas só pegou a corrente em sua cintura. Ele a soltou rapidamente e, olhando para trás, ela viu que o engaste de uma das gemas o havia cortado.

A gota de sangue no dedo dele era da cor exata do vestido dela. Os olhos de Damon faiscaram para ela de lado e os lábios se curvaram num sorriso debochado enquanto ele erguia o dedo ferido. Você não se atreveria, dizia aquele olhar.

Ah, não?, disse Elena a ele com o olhar. Ousada, ela pegou a mão dele e a segurou por um momento, provocando-o. Depois levou o dedo aos lábios.

Após alguns segundos, ela o soltou e olhou para ele.

— Eu *gosto* de dançar — disse ela e descobriu que, como ele, podia falar com a mente. Era uma sensação emocionante. Ela foi ao meio do salão e esperou.

Ele a seguiu, gracioso, como uma fera à espreita. Seus dedos eram quentes e firmes ao se entrelaçarem aos dela.

Havia música, embora o volume oscilasse e parecesse distante. Damon apoiou a outra mão na cintura de Elena. Ela podia sentir o calor dos dedos dele ali, a pressão. Ela levantou a saia e eles começaram a dançar.

Era adorável, era como voar, e o corpo de Elena conhecia cada movimento. Eles giraram e giraram pela sala vazia, em perfeita sintonia, juntos.

Damon ria para ela, os olhos escuros cintilando de prazer. Ela se sentia tão linda; tão equilibrada, atenta e pronta para tudo. Não conseguia se lembrar de quando tinha se divertido tanto.

Aos poucos, porém, o sorriso dele esmaeceu e o ritmo da dança dos dois se reduziu. Por fim, ela ficou imóvel no círculo dos braços dele. Seus olhos escuros não eram mais de diversão, traziam ferocidade e ódio. Ela olhou para ele com sobriedade, sem temer. E depois, pela primeira vez, sentiu que *estava mesmo* sonhando; ficou meio tonta, muito lânguida e fraca.

O ambiente em volta era algo completamente turvo. Ela só conseguia enxergar os olhos dele, e eles a faziam se sentir cada vez mais sonolenta. Elena permitiu que os próprios olhos se fechassem um pouco e a cabeça caísse para trás. Ela suspirou.

Podia *sentir* o olhar dele agora, nos lábios, no pescoço dela. Ela sorriu consigo mesma e deixou que os olhos se fechassem completamente.

Ele agora sustentava o peso de Elena, evitando que ela caísse. Ela sentiu os lábios dele tocando seu pescoço, eram ardentes e febris. Depois ela sentiu a fisgada, como as estocadas de duas agulhas. Acabou rapidamente, porém, e ela relaxou para o prazer de ter seu sangue drenado.

Lembrava-se dessa sensação, a sensação de flutuar numa cama de luz dourada. Um langor delicioso tomou o corpo de Elena. Ela ficou sonolenta, como se tivesse muita dificuldade para se mexer. Não queria se afastar; sentia-se muito bem.

Os dedos de Elena estavam pousados no cabelo de Damon, mantendo a cabeça dele próxima. Negligentemente, ela os entrelaçou nas mechas escuras e macias. O cabelo de Damon era como seda, quente e vivo sob os dedos. Quando ela abriu os olhos numa fenda, viu que refletia um arco-íris à luz de velas. Vermelho, azul, roxo, como... como as penas...

E depois tudo se espatifou. De repente sentiu dor no pescoço, como se sua alma estivesse sendo arrancada. Ela empurrava Damon, arranhava-o, tentando obrigá-lo a se afastar. Gritos soavam em seus ouvidos. Damon lutava, mas não era Damon; era um corvo. Asas imensas batiam contra ela, agitando-se no ar.

Os olhos de Elena estavam abertos. Ela estava consciente e gritava. O salão desaparecera e ela estava num quarto escuro. Mas o pesadelo a seguira. Mesmo enquanto estendia a mão para acender a luz, ele voltava, asas batendo em seu rosto, o bico afiado mergulhando em busca dela.

Elena o golpeava, a mão voando para proteger os olhos. Ainda gritava. Não conseguia se livrar disso, daquelas asas terríveis que se agitavam freneticamente, com um som de mil cartas de baralho sendo embaralhadas.

A porta se abriu de repente e ela ouviu gritos. O corpo quente e pesado do corvo a prendeu e seus gritos foram mais altos. Depois alguém a estava tirando da cama e ela estava de pé, protegida atrás do pai de Bonnie. Ele tinha uma vassoura e batia na ave.

Bonnie estava na soleira da porta. Elena correu para os braços dela. O pai de Bonnie gritava, depois ouviu-se o bater de uma janela.

— Saiu — disse o Sr. McCullough, respirando com dificuldade.

Mary e a Sra. McCullough estavam no corredor, vestidas em roupões.

— Você está machucada — disse a Sra. McCullough a Elena, pasma. — Aquele bicho horrível bicou você.

— Estou bem — disse Elena, esfregando um ponto de sangue no rosto. Tremia tanto que os joelhos estavam prestes a ceder.

— Como foi que isso *entrou*? — disse Bonnie.

O Sr. McCullough examinava a janela.

— Não devia ter deixado a janela aberta — disse ele. — E o que pretendia com as trancas levantadas?

— Eu não fiz isso — Elena chorava.

— Estava destrancada e aberta quando ouvi você gritando e entrei — disse o pai de Bonnie. — Não sei quem mais teria aberto se não foi você.

Elena sufocou os protestos. Hesitante, com cautela, foi até a janela. Ele tinha razão; as trancas tinham sido desatarraxadas. E isso só podia ter sido feito de dentro da casa.

— Talvez você seja sonâmbula — disse Bonnie, afastando Elena da janela enquanto o Sr. McCullough começava a fixar as trancas. — É melhor você se limpar.

Sonâmbula. De repente todo o sonho voltou a Elena. O corredor de espelhos, o salão de baile e Damon. Dançando com Damon. Ela se livrou do aperto de Bonnie.

— Eu mesma faço isso — disse ela, ouvindo a própria voz tremer à beira da histeria. — Não... É sério... Eu quero fazer. — Ela escapuliu para o banheiro e ficou de costas para a porta trancada, tentando respirar.

A última coisa que queria fazer era se olhar num espelho. Mas por fim, lentamente, ela se aproximou do que estava sobre a pia, tremendo ao ver a beira do reflexo, aproximando-se centímetro a centímetro até ser emoldurada em sua superfície prateada.

Sua imagem a encarava de volta, pálida como um fantasma, os olhos que pareciam feridos e assustados. Havia olheiras fundas e manchas de sangue no rosto.

Devagar, ela virou a cabeça de leve e levantou o cabelo. Quase gritou ao ver o que havia ali.

Duas pequenas feridas, recentes e abertas na pele do pescoço.

9

— Sei que vou lamentar por perguntar isso — disse Matt, desviando os olhos avermelhados que contemplavam a I-95 para Stefan, sentado no banco do carona ao lado dele. — Mas pode me dizer por que queremos esse mato extraespecial, semitropical e que não está disponível na cidade para Elena?

Stefan olhou no banco traseiro o resultado de sua busca por sebes e matagal. As plantas, com caules verdes se ramificando e folhas serreadas, pareciam mais um mato do que qualquer outra coisa. Os restos secos de flores nas pontas dos brotos eram quase invisíveis, e ninguém podia fingir que aqueles brotos eram decorativos.

— E se eu disser que elas podem ser usadas para fazer um colírio natural? — propôs ele, depois de pensar por um momento. — Ou um chá medicinal?

— Por quê? Estava pensando em dizer algo assim?

— Na verdade, não.

— Que bom. Porque se dissesse, eu talvez desse um murro na sua cara.

Sem olhar para Matt, Stefan sorriu. Havia alguma coisa nova se agitando dentro dele, algo que não sentia há quase cinco séculos, a não ser com Elena. Aceitação. Calor e amizade partilhados com um companheiro, que não sabia a verdade sobre ele, mas confiava nele mesmo assim. Que estava disposto a acreditar nele. Não sabia se merecia isso, mas não podia negar o significado que aquilo tinha. Quase o fez se sentir... humano de novo.

Elena olhava sua própria imagem no espelho. Não fora um sonho. Não inteiramente. As feridas em seu pescoço provavam isso. E agora que as via, ela percebeu a vertigem, a letargia.

Foi culpa dela. Ficou tão preocupada em alertar Bonnie e Meredith para não convidarem estranhos a entrarem em casa. E o tempo todo se esquecera de que ela mesma convidara Damon para a casa de Bonnie; ela fez isso na noite em que montou o jantar na sala de Bonnie e gritou à escuridão, "entre".

E o convite valia para sempre. Ele podia voltar sempre que quisesse, mesmo agora. Em especial agora, enquanto ela estava fraca e podia muito bem ser hipnotizada a destrancar a janela de novo.

Elena cambaleou para fora do banheiro, passou por Bonnie e entrou no quarto de hóspedes. Pegou a bolsa de viagem e começou a enfiar tudo nela.

— Elena, você não pode ir para casa!

— Não posso ficar aqui — disse Elena. Ela olhou em volta, procurando pelos sapatos, localizou-os perto da cama e partiu para eles. Depois parou, com um som estrangulado. Deitada no lençol amarfanhado da cama havia uma única pena preta. Era imensa, terrivelmente grande, real e sólida, com uma haste grossa de aparência lustrosa. Parecia quase obscena deitada ali no lençol branco de percal.

A náusea tomou conta de Elena, e ela se afastou. Não conseguia respirar.

— Tudo bem, tudo bem — disse Bonnie. — Se é assim que você prefere, vou pedir ao meu pai para levar você para casa.

— Você tem que vir também. — Acabara de ocorrer a Elena que Bonnie estava mais segura na casa dela. *Você e aqueles que mais ama*, lembrou-se ela, e virou-se para pegar o braço de Bonnie. — Você *tem que ir*, Bonnie. Preciso de você comigo.

E por fim ela conseguiu. Os McCullough pensaram que ela estava histérica, que estava exagerando, possivelmente sofrendo um colapso nervoso. Mas por fim cederam. O Sr. McCullough levou Elena e Bonnie para a casa dos Gilbert, onde, como se fossem duas ladras, elas destrancaram a porta e se esgueiraram para dentro sem acordar ninguém.

Mesmo ali, Elena não conseguia dormir. Ficou deitada ao lado de Bonnie, que respirava delicadamente, olhando a janela do quarto, vigiando. Do lado de fora, os galhos do marmeleiro guinchavam no vidro, mas nada mais se mexeu até o amanhecer.

Foi quando ela ouviu o carro. Reconhecia o motor ofegante de Matt em qualquer lugar. Alarmada, foi na ponta dos pés até a janela e olhou a quietude do amanhecer de outro dia cinzento. Depois correu escada abaixo e abriu a porta.

— Stefan! — Ela nunca ficou tão feliz em ver alguém. Voou para ele antes que ele pudesse fechar a porta do carro. Ele balançou para trás com a força do impacto, e ela pôde sentir sua surpresa. Ela normalmente não era tão efusiva em público.

— Ei — disse ele, retribuindo gentilmente o abraço. — Eu também, mas não amasse as flores.

— Flores? — Ela recuou para olhar o que ele carregava; depois, observou o rosto de Stefan. Depois o de Matt, que saía do outro lado do carro. A expressão de Stefan era pálida e esgotada; a de Matt estava inchada de cansaço; os olhos injetados.

— É melhor entrarem — disse ela por fim, confusa. — Vocês dois estão péssimos.

— É a verbena — disse Stefan, algum tempo depois. Ele e Elena estavam sentados à mesa da cozinha. Pela porta aberta, podiam ver Matt estendido no sofá da família, roncando suavemente. Ele desabara ali depois de comer três tigelas de cereais. Tia Judith, Bonnie e Margaret ainda estavam dormindo no segundo andar, mas mesmo assim Stefan mantinha a voz baixa. — Lembra do que lhe falei sobre ela? — perguntou ele.

— Você disse que ajuda a manter sua mente clara mesmo quando alguém está usando os Poderes para influenciá-la. — Elena teve orgulho da estabilidade em sua voz.

— Isso mesmo. E essa é uma das coisas que Damon pode tentar. Ele pode usar o Poder da mente mesmo à distância, e pode fazer isso, quer você esteja dormindo ou acordada.

Lágrimas encharcaram os olhos de Elena e ela baixou a cabeça para escondê-las, observando os caules longos e finos com os restos secos de minúsculas flores lilases na pontinha.

— Dormindo? — sussurrou ela, com medo de que desta vez sua voz não parecesse tão controlada.

— Sim. Ele pode influenciar você a sair da casa, digamos, ou deixar que ele entre. Mas a verbena deve evitar isso. — Stefan parecia cansado, mas satisfeito consigo mesmo.

Ah, Stefan, se você soubesse, pensou Elena. O presente chegou com uma noite de atraso. Apesar de todos os esforços dela, uma lágrima rolou, caindo nas folhas verdes e longas.

— Elena! — Ele ficou sobressaltado. — O que foi? Conte.

Ele tentava olhar no rosto dela, mas Elena baixou a cabeça, apertando-a no ombro dele. Stefan passou os braços em volta dela, sem tentar forçá-la a olhar para cima.

— Conte — repetiu ele suavemente.

Este era o momento. Se ela realmente fosse contar a ele, devia ser agora. A garganta de Elena estava ardida e inchada, e ela queria despejar todas as palavras que estavam presas ali.

Mas não conseguia. Não importa como, não vou deixar que elas me vençam, pensou ela.

— É só que... eu estava preocupada com você — ela conseguiu dizer. — Não sabia onde você estava, ou quando ia voltar.

— Eu devia ter contado. Mas é só isso? Não há mais nada perturbando você?

— É só isso. — Agora ela teria de pedir a Bonnie para jurar segredo sobre o corvo. Por que uma mentira sempre levava a outra? — O que devemos fazer com a verbena? — perguntou ela, voltando a se recostar na cadeira.

— Vou lhe mostrar esta noite. Depois que eu extrair o óleo das sementes, você pode esfregar na pele ou colocar na água do banho. Pode também fazer um sachê das folhas secas e carregar com você, ou colocá-lo embaixo do travesseiro à noite.

— É melhor dar a Bonnie e Meredith também. Elas vão precisar de proteção.

Ele assentiu.

— Por enquanto... — Ele quebrou um ramo e o colocou na mão dela — ... leve isto para a escola. Vou voltar ao pensionato para extrair o óleo. — Ele parou por um momento e depois falou. — Elena...

— Sim?

— Se eu pensasse que isso faria algum bem a você, eu iria embora. Não a exporia a Damon, mas não acho que ele vá me seguir se eu for; agora é tarde. Acredito que ele possa ficar... por sua causa.

— Nem *pense* em ir embora — disse ela com ferocidade, encarando-o. — Stefan, essa é a única coisa que não vou suportar. Prometa que não vai; por favor.

— Não vou deixar você sozinha com ele — disse Stefan, que não era bem a mesma coisa. Mas não tinha sentido pressioná-lo mais.

Em vez disso, ela o ajudou a acordar Matt e viu os dois partirem. Depois, com um ramo de verbena seca na mão, subiu para se preparar para a escola.

Bonnie bocejou durante todo o café da manhã e só acordou realmente quando as duas estavam do lado de fora, indo a pé para a escola com uma brisa fresca no rosto. O dia ia ser frio.

— Tive um sonho muito estranho esta noite — disse Bonnie.

O coração de Elena saltou. Ela já havia enfiado um ramo de verbena na mochila de Bonnie, bem no fundo, onde a amiga não pudesse perceber. Mas se Damon tivesse chegado a Bonnie na noite anterior...

— Sobre o quê? — disse ela, preparando-se.

— Sobre você. Eu vi você parada debaixo de uma árvore, o vento soprava. Por algum motivo, tive medo e não queria chegar mais perto. Você estava... diferente. Muito pálida, mas quase brilhando. E depois um corvo voou da árvore, você estendeu a mão e o pegou no ar. Você era tão rápida que era inacreditável. E depois olhou para mim, com essa expressão. Você sorria, mas me deu vontade de fugir. E aí você torceu o pescoço do corvo e ele morreu.

Elena ouviu tudo isso com um pavor crescente. Até que finalmente disse:

— Que sonho mais *revoltante*.

— É mesmo, né? — disse Bonnie, sossegada. — O que será que isso significa? Os corvos são aves de mau agouro nas lendas. Eles podem prever a morte.

— Deve significar que você sabia como eu estava perturbada, encontrando aquele corvo no quarto.

— Sim — disse Bonnie. — Só que tem uma coisa. Eu tive esse sonho *antes* de você acordar todo mundo aos gritos.

* * *

Na hora do almoço daquele dia havia outro pedaço de papel violeta no quadro de avisos da secretaria. Este, porém, dizia simplesmente: *OLHE NOS PESSOAIS.*

— Que pessoais? — disse Bonnie.

Meredith, que passava naquele momento com um exemplar de *Wildcat Weekly*, o jornal da escola, deu a resposta.

— Já viram isso? — disse ela.

Estava na seção de anúncios pessoais, completamente anônimo, sem saudação nem assinatura. *Não suporto a ideia de perdê-lo. Mas ele está muito infeliz com alguma coisa e, se ele não me contar o que é, se ele não confia tanto em mim, não vejo nenhuma esperança para nós.*

Lendo isso, Elena sentiu uma explosão de energia renovada em meio ao cansaço. Ah, Deus, ela odiava quem estava fazendo isso. Imaginava atirar na pessoa, esfaqueá-la, vê-la cair. E depois, nitidamente, ela imaginou outra coisa. Arrancar um punhado do cabelo da ladra e afundar os dentes num pescoço desprotegido. Era uma visão estranha e inquietante, mas no momento quase parecia real.

Ela percebeu Bonnie e Meredith olhando para ela.

— E então? — disse ela, sentindo-se meio desconfortável.

— Eu podia jurar que você não estava ouvindo — Bonnie suspirou. — Acabei de dizer que ainda assim não me parece Da... trabalho do assassino. Não parece que um homicida seria tão fútil.

— Por mais que eu odeie concordar, ela tem razão — disse Meredith. — Tem cheiro de alguém dissimulado. Alguém com rancor, que realmente quer fazer você sofrer.

A saliva se acumulava na boca de Elena e ela precisou engoli-la.

— Também alguém que está familiarizado com a escola. É preciso preencher um formulário para colocar um recado pessoal em uma das aulas de jornalismo — disse ela.

— E alguém que sabe que você tem um diário, supondo-se que o roubou de propósito. Talvez estivesse em uma das suas turmas no dia em que o trouxe para a escola. Lembra? Quando o Sr. Tanner quase pegou você — acrescentou Bonnie.

— Mas foi a Srta. Halpern que realmente me pegou; ela até leu parte dele em voz alta, um pouco sobre Stefan. Foi logo depois de Stefan e eu ficarmos juntos. Peraí um minuto, Bonnie! Naquela noite, na sua casa, quando o diário foi roubado, quanto tempo vocês duas ficaram fora da sala de estar?

— Só alguns minutos. Yangtze tinha parado de latir e eu fui até a porta para ele entrar e... — Bonnie apertou os lábios e deu de ombros.

— Então o ladrão tem que conhecer a sua casa — disse Meredith rapidamente —, ou não teria sido capaz de entrar, pegar o diário e sair antes que nós o víssemos. Muito bem, então, estamos procurando alguém dissimulado e cruel, que provavelmente frequenta uma de suas aulas, Elena, e muito provavelmente familiarizado com a casa de Bonnie. Alguém que tem rancor pessoal e fará o que for para atingir você... Ah, meu Deus.

As três se olharam.

— Só pode ser — cochichou Bonnie. — Só pode ser.

— Que idiotas nós somos; a gente devia ter percebido isso na hora — disse Meredith.

Para Elena, significou a percepção súbita de que toda a raiva que sentia por isso antes não era nada parecida com a raiva que era capaz de sentir. Uma vela ardendo perto do sol.

— Caroline — disse ela, e trincou os dentes com tanta força que o maxilar doeu.

Caroline. Elena sentia verdadeiramente que podia matar a menina de olhos verdes naquele momento. Podia ter corrido para tentar, se Bonnie e Meredith não a houvessem impedido.

— Depois da aula — disse Meredith com firmeza —, quando pudermos levá-la a um lugar reservado. Espere o momento certo, Elena.

Mas enquanto iam para o refeitório, Elena percebeu uma cabeça ruiva desaparecendo no corredor de música e arte. E ela se lembrou do que Stefan dissera no início do ano, sobre Caroline levá-lo para a sala de fotografia na hora do almoço. Para ter privacidade, Caroline dissera a ele.

— Vão vocês duas; esqueci uma coisa — disse ela assim que Bonnie e Meredith estavam com a comida nas bandejas do refeitório. Depois ela se fez de surda e andou rapidamente, voltando ao setor de artes.

Todas as salas estavam às escuras, mas a porta da sala de fotografia estava destrancada. Alguma coisa fez Elena girar a maçaneta com cautela e mover-se em silêncio depois de entrar, em vez de marchar para dentro para começar o confronto, como planejara. Será que Caroline estava ali? Se estivesse, o que ela estava fazendo sozinha no escuro?

De início, a sala parecia estar deserta. Depois Elena ouviu vozes murmuradas de um pequeno nicho nos fundos e viu que a porta da sala escura estava escancarada.

Em silêncio, furtivamente, ela andou até chegar à soleira da porta e os murmúrios se transformaram em palavras.

— Mas como podemos ter certeza de que vai ser ela que eles vão escolher? — Essa era Caroline.

— Meu pai é do conselho da escola. Eles vão escolhê-la, pode ter certeza. — E *esse* era Tyler Smallwood. O pai dele era advogado e tinha participação em todos os conselhos. — Além disso, quem mais seria? — continuou ele. — "O Espírito de Fell's Church" deve ser inteligente e bem constituída.

— E *eu* não sou inteligente, imagino?

— Eu disse isso? Olha, se quiser ser a única de vestido branco na parada do Dia dos Fundadores, tudo bem. Mas se quiser ver Stefan Salvatore fugir da cidade com base nas evidências do diário da namorada dele...

— Mas por que esperar tanto tempo?

Tyler ficou impaciente.

— Porque assim você vai estragar a comemoração também. A comemoração dos Fell. Por que eles têm o crédito pela fundação da cidade? Os Smallwoods chegaram aqui primeiro.

— Ah, quem liga para quem fundou a cidade? Só o que eu quero é ver Elena humilhada na frente da escola toda.

— E Salvatore. — O puro ódio e malícia na voz de Tyler deu arrepios em Elena. — Ele terá sorte se terminar enforcado numa árvore. Tem certeza de que as evidências estão lá?

— Quantas vezes tenho que explicar? Primeiro, diz que ela perdeu a fita em 2 de setembro no cemitério. Depois, diz que Stefan a pegou naquele dia e a guardou. A ponte Wickery fica bem ao lado do cemitério. Isso quer dizer que Stefan estava perto da ponte em 2 de setembro, na noite em que o velho foi atacado lá. Todo mundo já sabe que ele estava no local dos ataques da Vickie e do Tanner. O que mais você quer?

— Isso não se sustentaria num tribunal. Talvez eu deva conseguir algumas provas para corroborar. Tipo perguntar a Sra. Flowers a que horas ele chegou em casa naquela noite.

— Ah, e quem *liga*? A maioria das pessoas já acha que ele é culpado. O diário fala de algum segredo que ele esconde de todos. As pessoas vão entender a ideia.

— Está guardando num lugar seguro?

— Não, Tyler, estou guardando em cima da mesa de centro. Acha que sou tão idiota assim?

— Idiota o bastante para mandar bilhetes a Elena, dando dicas a ela. — Houve um farfalhar, como de jornal. — Olha só isso, é inacreditável. E tem que parar, *agora*. E se ela deduzir quem está fazendo isso?

— O que ela vai fazer, chamar a polícia?

— Ainda quero que você pare com isso. Espere até o Dia dos Fundadores, depois vai ver a Princesa de Gelo derreter.

— E dizer *ciao* a Stefan. Tyler... Ninguém vai machucá-lo, não é?

— E quem liga? — Tyler imitou o tom que Caroline assumiu antes. — Deixe isso comigo e com meus amigos, Caroline. Faça só a sua parte, está bem?

A voz de Caroline caiu a um murmúrio gutural.

— Convença-me. — Depois de uma pausa, Tyler riu.

Houve movimento, um farfalhar, um suspiro. Elena se virou e saiu da sala tão silenciosamente quanto tinha entrado.

Chegou ao corredor ao lado, depois se recostou nos armários ali, tentando pensar.

Era demais para absorver tudo ao mesmo tempo. Caroline, que fora no passado sua grande amiga, a traíra e queria vê-la humilhada na frente de toda a escola. Tyler, que sempre pareceu mais um idiota irritante do que uma ameaça verdadeira, planejava expulsar Stefan da cidade — ou matá-lo. E o pior de tudo era que eles usavam o diário da própria Elena para fazer isso.

Agora ela entendia o início do sonho que teve na noite anterior. Um sonho parecido com esse um dia antes de descobrir que Stefan estava desaparecido. Nos dois, Stefan a fitava com olhos coléricos e incriminadores, e depois atirara um livro aos pés de Elena e se afastara.

Não era um livro. Era seu diário. Que tinha evidências que podiam ser mortais para Stefan. Por três vezes pessoas em Fell's Church foram atacadas, e por três vezes Stefan estava na cena. O que pareceria à cidade, à polícia?

E não havia como saber a verdade. Suponha que ela dissesse, "Stefan não é o culpado. É o irmão dele, Damon, que o odeia e sabe o quanto Stefan odeia até mesmo a ideia de ferir e matar. E que seguiu Stefan pelo mundo e atacou as pessoas para que Stefan pensasse que talvez tivesse feito isso, para enlouquecê-lo. E que está aqui na cidade *em algum lugar* — procurem por ele no cemitério ou no bosque. Mas, ah, a propósito, não procurem um sujeito bonito, porque no momento ele pode ser um corvo.

"Aliás, ele é um vampiro."

Nem ela acreditava em si mesma. Era ridículo.

Uma fisgada na lateral do pescoço a lembrou de como a história ridícula era séria. Ela se sentia estranha hoje, quase como se estivesse doente. Era mais do que só tensão e privação de sono. Estava meio tonta e às vezes o chão parecia esponjoso, cedendo sob seus pés e voltando a subir. Sintomas de gripe, só que Elena tinha certeza de que não tinham a ver com nenhum *vírus* em seu sangue.

Culpa de Damon, de novo. Tudo era culpa de Damon, menos o diário. Ela não tinha ninguém para culpar por isso, só a si mesma. Se não tivesse escrito sobre Stefan, se não tivesse levado o diário para a escola... Se ao menos ela não o tivesse deixado na sala de Bonnie. Se. Se.

Naquele momento, só o que importava era que Elena precisava pegá-lo de volta.

10

O sinal tocou. Não havia tempo para voltar ao refeitório e contar a Bonnie e Meredith. Elena foi para a aula seguinte, passando pelos rostos que a evitavam e os olhares hostis que estavam se tornando muito familiares ultimamente.

Na aula de história, foi difícil não encarar Caroline, não deixar que ela percebesse que Elena sabia. Alaric perguntou sobre Matt e Stefan — ausentes pelo segundo dia consecutivo — e Elena deu de ombros, sentindo-se exposta como se em uma vitrine, à mercê dos olhares de todos. Não confiava neste homem de sorriso juvenil, olhos castanhos e com tanta sede de saber sobre a morte do Sr. Tanner. E Bonnie, que simplesmente olhava para Alaric toda sentimental, não ajudava em nada.

Depois da aula, ela pegou um trecho de conversa de Sue Carson. "... ele está de férias na faculdade... esqueci exatamente onde..."

Elena estava farta do silêncio discreto. Girou o corpo e falou diretamente com Sue e a menina que, tal como ela, metia-se na conversa sem ter sido convidada.

— Se eu fosse você — disse ela a Sue —, ficaria longe de Damon. Estou falando sério.

Houve um riso constrangido e sobressaltado. Sue era uma das poucas pessoas na escola que não evitava Elena e agora dava a impressão de querer ter feito isso.

— Quer dizer — disse a outra menina hesitante — porque ele é seu também? Ou...

A risada de Elena foi áspera.

— Quero dizer porque ele é *perigoso* — disse ela. — E não estou brincando.

As duas se limitaram a olhar para ela. Elena as poupou do constrangimento a mais de ter de responder ou se afastar educadamente, então deu meia-volta e foi embora. Ela arrancou Bonnie das garras das tietes de Alaric depois da aula e foi para o armário de Meredith.

— Aonde estamos indo? Pensei que a gente ia conversar com Caroline.

— Não vamos mais — disse Elena. — Espere até a gente chegar em casa. Depois conto o porquê.

— Não acredito — disse Bonnie uma hora depois. — Quero dizer, acredito, mas não *acredito*. Nem mesmo sobre Caroline.

— É Tyler — disse Elena. — Os grandes planos são dele. E ainda dizem que os homens não se interessam por diários.

— Na verdade, a gente deve agradecer a ele — disse Meredith. — Graças a ele, pelo menos temos até o Dia dos Fundadores para agirmos a respeito disso. Por que você disse que devia ser no Dia dos Fundadores, Elena?

— Tyler tem algo contra os Fell.

— Mas todos eles estão mortos — disse Bonnie.

— Bom, isso não parece importar para Tyler. Lembro que ele falou disso no cemitério também, quando a gente estava procurando o túmulo deles. Ele acha que roubaram o lugar de direito dos seus ancestrais como fundadores da cidade ou algo assim.

— Elena — disse Meredith em tons sério —, tem mais alguma coisa no diário que possa atingir Stefan? Além da história sobre o velho, quero dizer.

— Isso não basta? — Com aqueles olhos escuros e fixos nela, Elena sentiu o desconforto palpitar entre as costelas. O que Meredith estava perguntando?

— Basta para expulsar Stefan da cidade, como eles disseram — concordou Bonnie.

— Caroline disse que estava escondido num lugar seguro. O que deve significar a casa dela. — Meredith mordia o lábio, pensativa. — Ela só tem um irmão no primeiro ano, não é? E a mãe dela não trabalha, mas sempre vai fazer compras em Roanoke. Eles ainda têm empregada?

— Por quê? — disse Bonnie. — Que diferença isso faz?

— Bom, não vamos querer ninguém entrando enquanto estivermos roubando a casa.

— Enquanto estivermos *o quê*? — A voz de Bonnie subiu a um guincho. — Não pode estar falando sério!

— E o que a gente vai fazer, ficar sentada e esperar até o Dia dos Fundadores e deixar que ela leia o diário de Elena na frente de toda a cidade? *Ela* roubou o diário da *sua* casa. Temos que roubar de volta — disse Meredith, tão calma que parecia desnorteada.

— Vamos ser apanhadas. Seremos expulsas da escola... Se não acabarmos na cadeia. — Bonnie se virou para Elena, apelando a ela. — Diga a ela, Elena.

— Bom... — Com toda franqueza, a perspectiva deixou a própria Elena meio nauseada. Não era tanto a ideia de expulsão, nem da cadeia, mas a ideia de ser pega em flagrante. A expressão altiva da Sra. Forbes flutuou diante de seus olhos, cheia de indignação justificada. Depois mudou para a de Caroline, rindo com desdém enquanto a mãe apontava um dedo acusador para Elena.

Além disso, parecia uma... *violação*, entrar na casa de alguém quando não havia ninguém lá, vasculhar suas posses. Ela odiaria se alguém fizesse isso com ela.

Mas é claro que alguém tinha feito. Caroline violara a casa de Bonnie e neste exato momento tinha nas mãos a posse mais particular de Elena.

— Vamos fazer isso — disse Elena em voz baixa. — Mas precisamos ter cuidado.

— Não podemos conversar sobre isso? — disse Bonnie baixinho, olhando a expressão determinada de Meredith para a de Elena.

— Não há nada sobre o que conversar. Você vai — disse-lhe Meredith. — Você prometeu — acrescentou ela enquanto Bonnie expirava para objetar novamente. Ela ergueu o indicador.

— O juramento de sangue era só para ajudar Elena a *conseguir* Stefan! — exclamou Bonnie.

— Pense bem — disse Meredith. — Você jurou que faria o que Elena pedisse com relação a Stefan. Não dizia nada sobre limitações de tempo ou sobre "só até Elena conseguir o cara".

O queixo de Bonnie despencou. Ela olhou para Elena, que quase ria a contragosto.

— É verdade — disse Elena solenemente. — E você mesma disse: "Jurar com sangue significa que você tem que se prender ao juramento, não importa o que acontecer."

Bonnie fechou a boca e empinou o queixo.

— Tudo bem — disse ela de mau humor. — Agora estou presa pelo resto da minha vida a fazer o que Elena quiser que eu faça com relação ao Stefan. Que maravilha.

— Esta será a última coisa que vou pedir — disse Elena. — E eu *prometo*. Juro...

— Não! — disse Meredith, tornando-se séria de repente. — Não jure, Elena. Pode se arrepender depois.

— Agora você está fazendo profecias também? — disse Elena. E depois perguntou: — Como vamos conseguir a chave da casa de Caroline por mais ou menos uma hora?

Sábado, 9 de novembro

Querido Diário,

Desculpe por demorar tanto. Ultimamente ando ocupada demais ou deprimida demais — ou as duas coisas — para escrever.

Além disso, com tudo o que aconteceu, estou quase com medo de continuar a ter um diário. Mas eu preciso *me voltar para alguém, porque agora não há um único ser humano, nem uma pessoa na Terra, de quem eu não guarde algum segredo.*

Bonnie e Meredith não podem saber a verdade sobre Stefan. Stefan não pode saber a verdade sobre Damon. Tia Judith não pode saber de nada. Bonnie e Meredith sabem sobre Caroline e o diário; Stefan não

sabe. Stefan sabe sobre a verbena que uso agora todo dia; Bonnie e Meredith, não — embora eu tenha dado às duas sachês cheios da coisa. A parte boa: parece funcionar, ou pelo menos não fiquei sonâmbula desde aquela noite. Mas seria uma mentira dizer que não tenho sonhado com Damon. Ele está em todos os meus pesadelos.

Agora minha vida está cheia de mentiras e preciso de alguém *com quem ser totalmente sincera. Vou esconder esse diário debaixo da tábua solta no armário, para que ninguém encontre mesmo que eu caia morta e eles limpem meu quarto. Talvez um dia, quando um dos netos de Margaret vá brincar ali, e cutucar a tábua e puxar, mas até lá, ninguém. Este diário é meu último segredo.*

Não sei por que estou pensando em morte e em morrer. Isso é maluquice da Bonnie; é ela que pensa que seria muito romântico. Eu sei como é; não havia nada de romântico nela quando a mamãe e o papai morreram. Só os piores sentimentos do mundo. Quero viver por um bom tempo, casar com Stefan e ser feliz. E não há motivos para não poder fazer isso, depois que todos esses problemas ficarem para trás.

Só que há vezes em que eu fico com medo e não acredito nisso. E há umas coisinhas que não deviam importar, mas me incomodam. Como por que Stefan usa o anel de Katherine no pescoço, embora eu saiba que ele me ama. Como por que ele nunca disse *que me ama, embora eu saiba que é verdade.*

Isso não importa. Tudo vai dar certo. Tem que dar certo. E depois vamos ficar juntos e ser felizes. Não há motivos para não podermos. Não há motivos para não podermos. Não há motivo...

Elena parou de escrever, tentando manter as letras da página em foco. Mas elas ficaram ainda mais borradas e ela fechou o caderno antes que uma lágrima traidora caísse na tinta. Depois foi até o armário, puxou a tábua solta com uma lixa de unha e deixou o diário ali.

Ela estava com a lixa de unha no bolso uma semana depois, quando as três, ela, Bonnie e Meredith, estavam do lado de fora da porta dos fundos da casa de Caroline.

— Rápido — sibilou Bonnie, agoniada, olhando o quintal como se esperasse que alguma coisa saltasse para elas. — Anda, Meredith!

— Pronto — disse Meredith quando a chave finalmente girou para o lado certo na tranca e a maçaneta cedeu nos dedos que viravam. — Estamos dentro.

— Tem certeza de que *eles* não estão aí? Elena, e se eles voltarem mais cedo? Por que não fazemos isso à luz do dia, pelo menos?

— Bonnie, vai *entrar* ou não? Nós já repassamos tudo isso. A empregada sempre está aqui de dia. E eles só vão voltar mais cedo se alguém vomitar no Chez Louis. Agora, entra! — disse Elena.

— Ninguém se atreveria a vomitar no jantar de aniversário do Sr. Forbes — disse Meredith num tom reconfortante para Bonnie enquanto a menina mais baixa entrava. — Estamos seguras.

— Se eles têm dinheiro para ir a restaurantes caros, é de se pensar que podem pagar para deixar algumas luzes acesas — disse Bonnie, recusando-se a ser tranquilizada.

No fundo, Elena concordava com isso. Era estranho e desconcertante ficar andando na casa de outra pessoa no escuro, o coração dela martelava de um jeito sufocante enquanto subiam a escada. A palma de sua mão, agarrada na lanterninha que mostrava o caminho, estava molhada e escorregadia. Mas apesar desses sintomas físicos de pânico, a mente de Elena ainda operava com frieza, quase a distância.

— Tem que ser no quarto dela — disse Elena.

A janela de Caroline dava para a rua, o que significava que elas tinham de ser ainda mais cuidadosas para não revelar luz alguma ali. Elena girou o facho de luz mínimo pelo quarto com desânimo. Uma coisa era planejar dar uma busca no quarto de alguém, imaginar com eficiência e método vasculhar as gavetas. Outra, bem diferente, era realmente estar lá, cercada

pelo que pareciam milhares de lugares para esconder alguma coisa, com medo de tocar em algo para Caroline não perceber que tinha sido revirado.

As outras duas meninas ainda estavam imóveis.

— Talvez a gente deva ir para casa — disse Bonnie baixinho. E Meredith não a contradisse.

— Precisamos tentar. Pelo menos tentar — disse Elena, ouvindo como sua voz soava mínima e oca. Ela abriu uma gaveta no camiseiro e acendeu a lanterna nas pilhas organizadas de calcinhas de renda. Uma espiada rápida foi o bastante para garantir que não havia nenhum livro ali. Ela endireitou as pilhas e fechou a gaveta. Depois soltou a respiração.

— Não é assim tão difícil — disse ela. — O que precisamos fazer é dividir o quarto e procurar *tudo* em nossa seção, cada gaveta, cada móvel, cada objeto grande o bastante para esconder um diário.

Ela atribuiu o armário a si mesma e a primeira coisa que fez foi sondar as tábuas do piso com a lixa de unha. Mas as tábuas de Caroline pareciam firmes e as paredes, bem sólidas. Vasculhando as roupas de Caroline, ela encontrou várias coisas que tinha emprestado à menina no ano anterior. Ficou tentada a levar de volta, mas é claro que não podia fazer isso. Uma busca nos sapatos e nas bolsas não revelou nada, mesmo quando ela arrastou uma cadeira para investigar completamente a prateleira de cima do armário.

Meredith estava sentada no chão, examinando uma pilha de bichos de pelúcia que tinham sido relegados a uma arca com outras lembranças da infância. Ela passou os dedos longos e sensíveis em cada um, procurando por fendas no tecido. Quando chegou ao poodle de pelúcia, ela parou.

— Eu dei isso a ela — sussurrou Meredith. — Acho que no aniversário de 10 anos. Pensei que ela tivesse jogado fora.

Elena não podia ver seus olhos; a lanterna de Meredith estava voltada para o poodle. Mas ela sabia como a amiga se sentia.

— Tentei fazer as pazes com ela — disse Elena suavemente. — Eu tentei, Meredith, na Casa Mal-Assombrada. Mas ela deixou muito claro que nunca

me perdoará por tirar Stefan dela. Eu queria que as coisas fossem diferentes, mas ela não quer que sejam assim.

— Então agora é guerra.

— Então agora é guerra — disse Elena, categórica e definitiva. Ela olhou enquanto Meredith colocava o poodle de lado e pegava o bicho seguinte. Depois voltou às próprias buscas.

Mas ela não teve melhor sorte com a cômoda do que com o armário. E a cada momento que passava, ela se sentia mais inquieta, mais certa de que estavam prestes a ouvir um carro parando na entrada dos Forbes.

— É inútil — disse Meredith por fim, apalpando por baixo do colchão de Caroline. — Ela deve ter escondido... Espere. Tem alguma coisa aqui. Estou sentindo uma quina.

Elena e Bonnie encararam, de lados opostos do quarto, imediatamente encararam Meredith, temporariamente paralisadas.

— Peguei. Elena, é um diário!

O alívio tomou conta de Elena e ela se sentiu como um pedaço amassado de papel sendo endireitado e alisado. Conseguiu se mexer de novo. Era maravilhoso respirar. Ela sabia, sabia o tempo todo que nada de *realmente* terrível podia acontecer a Stefan. A vida não podia ser tão cruel, não com Elena Gilbert. Eles agora estavam seguros.

Mas a voz de Meredith era confusa.

— É um diário. Mas é verde, e não azul. É o diário errado.

— *Como é?* — Elena pegou o livrinho, lançando a lanterna nele, tentando fazer com que o verde esmeralda da capa mudasse para azul safira. Não deu certo. Este diário era quase igual, mas não era o dela.

— É de Caroline — disse ela estupidamente, ainda sem querer acreditar.

Bonnie e Meredith se aproximaram. Todas olharam o livro fechado, depois uma para a outra.

— Pode ter pistas — disse Elena lentamente.

— É verdade — concordou Meredith. Mas foi Bonnie quem realmente pegou o diário e o abriu.

Elena olhou por sobre o ombro para a letra fina e inclinada para trás de Caroline, tão diferente das letras firmes dos bilhetes roxos. De início seus olhos não focalizaram, mas depois um nome saltou aos olhos dela. *Elena*.

— Peraí, o que é isso?

Bonnie, que era quem estava em condições de ler mais de uma ou duas palavras, ficou em silêncio por um momento, os lábios se mexendo. Depois bufou.

— Escutem só — disse ela e leu: — "Elena é a pessoa mais egoísta que já conheci. Todo mundo acha que ela é toda certinha, mas na verdade é só frieza. É patético como as pessoas puxam o saco dela, nunca percebem que ela não dá a mínima para ninguém nem nada, só para Elena."

— *Caroline* disse isso? Olha quem fala! — Mas Elena podia sentir o calor subir à face. Era praticamente o que Matt disse quando ela estava atrás de Stefan.

— Continua, tem mais — disse Meredith, cutucando Bonnie, que prosseguiu numa voz ofendida.

— "Ultimamente, Bonnie tem sido quase tão ruim quanto ela, sempre tentando se fazer de importante. A última novidade é fingir que é paranormal, para as pessoas prestarem atenção nela. Se ela fosse *mesmo* paranormal, teria deduzido que Elena apenas a usa."

Houve uma densa pausa, depois Elena disse:

— É só isso?

— Não, tem um pouco sobre Meredith. "Meredith não faz nada para impedir isso. Na verdade, Meredith não *faz nada*; ela só olha. É como se não pudesse agir; ela só pode reagir às coisas. Além disso, ouvi meus pais falando sobre a família dela — não admira que ela nunca tenha falado neles." O que ela quis dizer com isso?

Meredith não se mexeu e Elena podia ver só seu pescoço e queixo na luz fraca. Mas ela falou baixo e calmamente.

— Isso não importa. Continue lendo, Bonnie, procure alguma coisa sobre o diário de Elena.

— Tente em 18 de outubro. Foi quando ele foi roubado — disse Elena, deixando as indagações de lado. Perguntaria a Meredith depois.

Não havia entrada para 18 de outubro, nem para o fim de semana seguinte; na verdade, só havia algumas poucas entradas para as semanas seguintes. Nenhuma delas falava no diário.

— Bom, então é isso — disse Meredith, sentando-se. — Isto aqui é algo inútil. A não ser que a gente queira chantagear *Caroline*. Sabe como é, não mostramos o dela se ela não mostrar o seu.

Era uma ideia tentadora, mas Bonnie localizou uma falha.

— Não há nada de ruim sobre Caroline aí; ela só reclama dos outros. Principalmente da gente. Aposto que Caroline ia *adorar* ter isso lido em voz alta na frente da escola toda. Ela ia ganhar o dia.

— E o que vamos fazer com isso?

— Coloque no lugar — disse Elena, cansada. Ela girou a lanterna pelo quarto, que pareceu a seus olhos estar cheio de diferenças sutis de quando elas entraram. — Vamos ter que continuar fingindo que não sabemos que ela tem meu diário e esperar por outra oportunidade.

— Tudo bem — disse Bonnie, mas continuou folheando o caderninho, de vez em quando dando vazão a um bufo ou silvo de indignação. — Vocês têm que ouvir essa! — exclamou ela.

— Não temos tempo — disse Elena. Ela teria dito outra coisa, mas naquele momento Meredith falou, o tom exigindo a atenção imediata de todas.

— Um carro.

Foi preciso só um segundo para ter certeza de que o veículo estava parando na entrada dos Forbes. Os olhos de Bonnie se arregalaram e a boca se escancarou, ficando tão redonda que ela parecia estar paralisada, ajoelhada ao lado da cama.

— Anda! Anda — disse Elena, tirando o diário dela. — Apaguem as lanternas e saiam pela porta dos fundos.

Elas já estavam em movimento, Meredith empurrando Bonnie para frente. Elena caiu de joelhos e ergueu a colcha, puxando o colchão de

Caroline para cima. Com a outra mão, empurrou o diário para frente, alojando-o entre o colchão e o estrado empoeirado. As molas mal cobertas beliscaram debaixo do seu braço, mas pior ainda foi o peso do colchão *queen size* descendo nela. Ela deu mais uns cutucões no livro com a ponta dos dedos e tirou o braço, ajeitando a colcha no lugar.

Ela deu uma última olhada desvairada pelo quarto ao sair; agora não havia tempo para ajeitar nada. Enquanto andava rapidamente e em silêncio para a escada, ela ouviu uma chave na porta da frente.

O que se seguiu foi uma espécie de jogo apavorante de pique-esconde. Elena sabia que eles não estavam deliberadamente atrás dela, mas a família Forbes parecia decidida a deixá-la encurralada em sua casa. Ela voltava por onde havia entrado quando vozes e luzes se materializaram no hall e pessoas subiram a escada. Elena fugiu deles e entrou na última porta do corredor, e eles pareciam segui-la. Eles andavam pelo mezanino; estavam bem ao lado da suíte master. Ela se virou para o banheiro adjacente, mas viu luzes por baixo da porta, cortando sua rota de fuga.

Elena estava presa. A qualquer momento os pais de Caroline podiam entrar. Ela viu as janelas francesas que davam para uma sacada e tomou a decisão imediatamente.

Do lado de fora, o ar era frio e a respiração ofegante de Elena era algo evidente. Uma luz amarela explodiu do quarto ao lado dela e ela se aninhou ainda mais para a esquerda, desviando o caminho. Depois, o som que ela tanto temia veio seguido de uma clareza terrível: o estalo de uma maçaneta na porta, seguido pelo ondular de cortinas sendo puxadas enquanto as janelas eram abertas.

Ela olhou freneticamente em volta. Era alto demais para pular dali e não havia nada em que pudesse se agarrar para descer. Só restava a Elena o telhado, mas também não havia por onde subir. Ainda assim, um instinto a fez tentar, e ela estava na grade da sacada, tateando onde se segurar, quando uma sombra apareceu nas cortinas finas. A mão as separou, uma figura começou a surgir e Elena sentiu algo segurando sua mão, fechando-se em seu punho e içando-a para cima. Automaticamente, Elena tomou impulso

com os pés e sentiu o corpo subir em direção ao telhado. Tentando acalmar a respiração entrecortada, ela olhou agradecida para ver quem a havia resgatado — e ficou paralisada.

11

— O nome é Salvatore. De salvador — disse ele. Houve um breve clarão de dentes brancos no escuro.

Elena olhou para baixo. A projeção do telhado obscurecia a sacada, mas ela podia ouvir um farfalhar abaixo. Mas não eram sons de perseguição, e não havia sinal de que as palavras de seu companheiro tinham sido ouvidas. Um minuto depois, ela ouviu as janelas francesas se fecharem.

— Pensei que fosse Smith — disse ela, ainda olhando o escuro abaixo.

Damon riu. Era um riso terrivelmente envolvente, sem a amargura de Stefan. Fez com que Elena pensasse nas luzes de arco-íris das penas do corvo.

Entretanto, ela não estava iludida. Por mais encantador que parecesse, Damon era perigoso, quase além da imaginação. Aquele corpo gracioso e sensual era dez vezes mais forte do que um corpo humano. Aqueles olhos escuros indolentes eram adaptados para enxergar perfeitamente à noite. A mão de dedos longos que a puxaram para o telhado podia se mover com uma velocidade inacreditável. E, o mais perturbador de tudo, a mente dele era a mente de um assassino. Um predador.

Ela podia sentir isso sob a superfície de Damon. Ele era *diferente* de um ser humano. Tinha vivido por tanto tempo caçando e matando que se esquecera de qualquer outra maneira de viver. E ele gostava disso, não reprimia sua natureza, como fazia Stefan, mas se rejubilava nela. Ele não tinha moral nem consciência e ela estava presa ali, com este homem, no meio da noite.

Ela se acomodou sobre um calcanhar, pronta para pular a qualquer minuto. Agora devia sentir raiva, depois do que ele fez nos sonhos. Ela

estava com raiva, mas não fazia sentido expressá-la. Ele sabia que ela devia estar furiosa, e só teria rido se ela dissesse isso a ele.

Ela o observou em silêncio, atenta, esperando pelo próximo movimento.

Mas ele não se mexeu. Aquelas mãos que podiam disparar com a rapidez de serpentes num bote pousavam imóveis nos joelhos. A expressão de Damon a lembrava de como ele olhou para ela antes. Na primeira vez em que se viram, ela viu o mesmo respeito retraído e relutante em seus olhos — só que na época havia também surpresa. Agora não havia nada.

— Não vai gritar para mim? Nem desmaiar? — disse ele, como quem oferece opções-padrão.

Elena ainda o observava. Ele era muito mais forte do que ela e bem mais veloz, mas, se ela precisasse, achava que podia chegar à beira do telhado antes que ele a alcançasse. Era uma queda de nove metros se ela errasse a sacada, mas podia decidir a se arriscar. Tudo dependia de Damon.

— Não vou desmaiar — disse ela asperamente. — E por que eu deveria gritar? Estamos fazendo um jogo. Fui idiota esta noite e perdi. Você me avisou no cemitério sobre as consequências.

Os lábios de Damon se separaram num respirar rápido e ele se virou.

— Eu podia fazer de você minha Rainha das Trevas — disse ele, e, falando quase consigo mesmo, continuou: — Tive muitas companheiras, garotas jovens como você e mulheres que eram as beldades da Europa. Mas *você* é aquela que quero ter ao meu lado, para dominar e ter o que quisermos, quando quisermos. Temidos e venerados por todas as almas mais fracas. Seria assim tão ruim?

— Eu *sou* uma das almas mais fracas — disse Elena. — E você e eu somos inimigos, Damon. Jamais seremos outra coisa.

— Tem certeza? — Ele a olhou, e ela podia sentir o poder de sua mente tocando a dela, como o roçar daqueles dedos longos. Mas não houve vertigem, nenhuma sensação de fraqueza ou de que ia sucumbir. Esta tarde ela tomou um longo banho quente, como sempre fazia ultimamente, numa banheira salpicada de verbena seca.

Os olhos de Damon faiscaram de compreensão, mas ele levou o revés com elegância.

— O que está fazendo aqui? — disse ele despreocupadamente.

Era estranho, mas ela não sentia necessidade de mentir para ele.

— Caroline pegou algo que pertence a mim. Um diário. Vim pegá-lo de volta.

Um novo brilho lampejou nos olhos escuros.

— Sem dúvida para proteger meu irmão inútil de alguma maneira — disse ele, irritado.

— Stefan não está envolvido nisso!

— Ah, não está? — Ela teve medo de ele entender mais do que ela pretendia. — Que estranho, ele sempre me parece envolvido quando há problemas. Ele *cria* problemas. Agora, se ele saísse da história...

Elena falou com a voz firme.

— Se machucar Stefan de novo, eu farei com que lamente. Vou encontrar uma maneira de fazer você se arrepender, Damon. Estou falando sério.

— Entendo. Bom, então, terei de trabalhar em *você*, não é?

Elena não disse nada. Ela mesma se encurralou, concordando em fazer esse jogo mortal de Damon de novo. Elena virou o rosto.

— Eu a terei no fim, sabe disso — disse ele delicadamente. Era a voz que ele usou na festa, quando disse "calma, calma". Agora não havia deboche nem malícia; ele simplesmente declarava um fato. — Por bem ou por mal, como dizem... esta é uma ótima expressão... você será minha antes do cair da próxima neve.

Elena tentou esconder o medo que sentia, mas sabia que ele percebera de qualquer forma.

— Ótimo — disse ele. — Você tem algum juízo. Tem razão em ter medo de mim; sou a coisa mais perigosa que vai encontrar na vida. Mas agora tenho uma proposta de negócio para fazer a você.

— Uma proposta de *negócio*?

— Exatamente. Você veio aqui pegar um diário. Mas não conseguiu. — Ele indicou as mãos vazias de Elena. — Fracassou, não foi? — Elena não

respondeu e ele continuou: — E como você não quer meu irmão *envolvido*, ele não pode ajudá-la. Mas eu posso. E o farei.

— Vai me ajudar?

— É claro. Por um preço.

Elena o encarou. O sangue ardeu em seu rosto. Quando conseguiu pronunciar alguma coisa, as palavras saíram num sussurro.

— Que... *preço*?

Um sorriso se acendeu na escuridão.

— Alguns minutos de seu tempo, Elena. Algumas gotas de seu sangue. Mais ou menos uma hora comigo, a sós.

— Seu... — Elena não conseguiu encontrar a palavra certa. Todo epíteto que conhecia era brando demais.

— Eu a terei, por fim — disse ele num tom racional. — Se você for franca, vai admitir isso a si mesma. A última vez não foi a última. Por que teima em não aceitar isso? — A voz dele caiu a um timbre caloroso e íntimo. — Lembra...

— Prefiro cortar minha garganta — disse ela.

— Uma ideia intrigante. Mas posso fazer isso de uma forma muito mais agradável.

Ele ria para ela. De algum modo, acima de todo o resto naquele dia, aquilo foi demais.

— Você é nojento, sabia? — disse ela. — É de dar náuseas. — Ela agora tremia e não conseguia respirar. — Vou morrer antes de ceder a você. Prefiro...

Elena não sabia o que dava nela. Quando estava com Damon, era dominada por uma espécie de instinto. E nesse momento sentia que preferia arriscar tudo a deixar que ele vencesse. Ela percebeu, com metade da mente, que ele estava recostado, relaxado, desfrutando da guinada que o jogo assumia. A outra metade de sua mente calculava a distância entre o telhado e a sacada.

— Prefiro fazer isso — disse ela, e se atirou.

Elena tinha razão; ele foi pego de guarda baixa e não se moveu com rapidez suficiente para impedi-la. Ela sentiu o espaço vazio abaixo de seus pés e o terror a dominando ao perceber que a sacada ficava mais abaixo do que pensara. Ela ia errar o alvo.

Mas ela não incluíra Damon nos cálculos. A mão dele se estendeu, não rápido o bastante para mantê-la no telhado, mas para evitar que caísse ainda mais. Era como se seu peso não fosse nada para ele. Por reflexo, Elena agarrou a borda do telhado e tentou erguer o joelho.

A voz dele foi tomada pela fúria.

— Sua *tola*! Se está ansiosa para encontrar a morte, posso apresentá-la a você.

— Solte-me — disse Elena entredentes. Alguém ia aparecer na sacada a qualquer minuto, Elena tinha certeza disso. — *Solte-me.*

— Aqui e agora? — Encarando aqueles olhos escuros e insondáveis, ela percebeu que ele falava sério. Se ela dissesse sim, ele a largaria.

— Seria uma maneira rápida de terminar as coisas, não é? — perguntou. Seu coração martelava de medo, mas ela se recusou a permitir que ele visse isso.

— Mas que desperdício. — Com um único movimento, ele a colocou em segurança. Para si mesmo. Os braços dele se estreitaram ao redor de Elena, apertando-a à firmeza magra de seu corpo, e de repente ela não conseguiu ver nada. Estava embrulhada. Depois sentiu aqueles músculos rígidos se preparando como os de um grande felino, e os dois se atiraram no espaço.

Ela estava caindo. Não conseguiu deixar de se agarrar a ele como a única coisa sólida no mundo em disparada. Depois ele pousou, como um gato, absorvendo facilmente o impacto.

Stefan havia feito algo parecido uma vez. Mas Stefan não a segurou desta forma depois, dolorosamente perto, com os lábios quase em contato com os dela.

— Pense em minha proposta — pediu ele.

Ela não conseguia se mexer nem virar o rosto. E desta vez Elena sabia que não era o Poder que ele usava, mas simplesmente a atração desenfreada

que havia entre os dois. Era inútil negar isso; seu corpo reagia ao dele. Ela podia sentir a respiração de Damon nos próprios lábios.

— Não preciso de você para nada — disse a ele.

Ela pensou que Damon ia beijá-la, mas ele não o fez. Acima deles houve o som de janelas se abrindo e uma voz colérica na sacada.

— Ei! O que está havendo aí? Tem alguém aí fora?

— Desta vez eu fiz apenas um favor — disse Damon, muito suavemente, ainda a envolvendo em seus braços. — Da próxima, eu vou cobrar.

Ela não teria virado a cabeça. Se ele tentasse beijá-la naquela hora, ela teria deixado. Mas de repente a dureza de seus braços se derreteu em volta dela e o rosto dele pareceu se toldar. Era como se a escuridão o levasse de volta. Depois asas pretas bateram no ar e um corvo imenso estava voando.

Alguma coisa, um livro ou sapato, foi atirada nele da sacada. Errou por um metro.

— Malditos pássaros — disse a voz do Sr. Forbes no alto. — Devem estar fazendo ninho no telhado.

Tremendo, com os braços em volta do corpo, Elena se escondeu no escuro abaixo até que ele voltou para dentro.

Elena encontrou Meredith e Bonnie agachadas perto do portão.

— Por que demorou tanto? — sussurrou Bonnie. — Pensamos que tivesse sido flagrada!

— Quase fui. Tive de ficar até que fosse seguro. — Elena estava tão acostumada a mentir sobre Damon que já fazia isso sem muito esforço. — Vamos para casa — cochichou ela. — Não podemos fazer mais nada.

Quando elas se separaram na porta da casa de Elena, Meredith disse:

— Só faltam duas semanas para o Dia dos Fundadores.

— Eu sei. — Por um momento a proposta de Damon passeou na mente de Elena. Mas ela sacudiu a cabeça, para clareá-la. — Vou pensar em alguma coisa até lá — disse ela.

Na escola, no dia seguinte, Elena não tinha pensado em nada. O único fato estimulante era que Caroline não pareceu ter dado por falta de nada em seu quarto — mas esse era *todo* o estímulo que Elena pôde encontrar para se encorajar. Havia uma reunião naquela manhã, em que foi anunciado que o conselho escolar escolhera Elena como a aluna para representar "O Espírito de Fell's Church". Durante todo o discurso do diretor, o sorriso de Caroline tinha fulgurado, triunfante e malicioso.

Elena tentou ignorá-lo. Fez o máximo que pôde para ignorar o desprezo e o desdém que vieram na esteira da reunião, mas não foi fácil. Nunca era fácil, e havia dias em que ela pensava que ia bater em alguém ou só começar a gritar, mas até agora conseguira se controlar.

Naquela tarde, esperando que acabasse a aula de história do sexto tempo, Elena examinou Tyler Smallwood. Desde que voltara à escola, ele não dirigiu nem uma palavra a ela. Ele sorriu de um jeito tão desagradável quanto Caroline durante o anúncio do diretor. Agora, ao ver Elena sozinha, ele cutucou Dick Carter com o cotovelo.

— O que é aquilo ali? — disse ele. — Um chá de cadeira?

Stefan, onde você está?, pensou Elena. Mas ela sabia a resposta a isso. Do outro lado da escola, na aula de astronomia.

Dick abriu a boca para dizer alguma coisa, mas sua expressão mudou. Ele olhava para além de Elena, para o corredor. Elena se virou e viu Vickie.

Vickie e Dick namoravam antes do Baile de Reencontro. Elena achava que eles ainda estavam juntos. Mas Dick parecia inseguro, como se não tivesse certeza do que esperar da menina que andava na direção dele.

Havia algo estranho na expressão de Vickie, no jeito que ela andava. Ela se movia como se os pés não tocassem o chão. Seus olhos estavam dilatados e sonhadores.

— E aí — disse Dick inseguro, dando um passo na frente dela. Vickie passou por ele sem nem o olhar e se dirigiu a Tyler. Elena viu o que aconteceu em seguida com uma inquietude crescente. Devia ser engraçado, mas não era.

Tudo começou com Tyler ficando meio confuso. Depois Vickie pôs a mão em seu peito. Ele sorriu, mas havia algo de forçado nisso. Vickie deslizou a mão sob o casaco dele. O sorriso de Tyler vacilou. Vickie pôs a outra mão em seu peito. Tyler olhou para Dick.

— Ei, Vickie, pega leve — disse Dick apressadamente, mas não se aproximou dela.

Vickie deslizou as duas mãos para cima, empurrando a jaqueta de Tyler dos ombros. Ele tentou colocá-las de volta sem largar os livros ou parecer preocupado demais. Não conseguiu. Os dedos de Vickie se esgueiravam por baixo de sua camisa.

— Pare com isso. Não dá para você fazer ela parar? — disse Tyler a Dick. Ele tinha recuado até a parede.

— Ei, Vickie, pare. Não faça isso. — Mas Dick continuava a uma distância segura. Tyler, depois de lançar um olhar enfurecido a ele, tentou afastar Vickie.

Começou um ruído. De início parecia ter a frequência quase baixa demais para a audição humana, mas ficou cada vez mais alto. Um grunhido, sinistro de tão ameaçador, que gelou a espinha de Elena. Um olhar esbugalhado de incredulidade estampava o rosto de Tyler, e ela logo percebeu por quê. O som vinha de Vickie.

Depois tudo aconteceu em um só tempo. Tyler estava no chão com os dentes de Vickie batendo a centímetros de seu pescoço. Elena, esquecendo todas as rixas, tentava ajudar Dick a tirá-la dali. Tyler uivava. A porta da sala de aula de história se abriu e Alaric gritou.

— Não a machuque! Cuidado! É epilepsia, só precisamos deitá-la!

Os dentes de Vickie bateram de novo no pescoço de Tyler enquanto ele estendia a mão para tentar se desvencilhar. A menina mais magra era mais forte do que todos eles juntos, e ninguém tinha controle sobre ela. Eles não iam conseguir segurá-la por muito mais tempo. Foi com um alívio imenso que Elena ouviu a voz familiar em seu ombro.

— Vickie, calma. Está tudo bem. Agora relaxe.

Com Stefan pegando o braço de Vickie e falando com ela num tom tranquilizador, Elena se atreveu a afrouxar a mão. E no começo parecia que a estratégia de Stefan funcionava. Os dedos em garra de Vickie amoleceram e eles conseguiram tirá-la de cima de Tyler. Enquanto Stefan continuava falando, ela relaxou e os olhos se fecharam.

— Assim está melhor. Agora está se sentindo cansada. Está tudo bem, pode dormir.

Mas depois, abruptamente, ela despertou, e qualquer Poder que Stefan estivesse exercendo sobre ela foi interrompido. Os olhos de Vickie se abriram de repente, e eles não tinham nenhuma semelhança com os olhos de corça assustada que Elena vira no refeitório. Ardiam numa fúria infernal. Ela rosnou para Stefan e irrompeu numa luta com forças renovadas.

Foram necessários cinco ou seis deles para segurá-la enquanto alguém chamava a polícia. Elena ficou onde estava, falando com Vickie, às vezes gritando com ela, até que a polícia chegou. E isso não foi nada bom.

Depois ela recuou e viu a multidão de espectadores pela primeira vez. Bonnie estava na fila da frente, encarando boquiaberta. E Caroline também.

— O que *aconteceu?* — disse Bonnie enquanto os policiais levavam Vickie.

Elena, arfando um pouco, tirou uma mecha de cabelo dos olhos.

— Ela ficou descontrolada e tentou tirar a roupa de Tyler.

Bonnie franziu os lábios.

— Bom, ela devia estar descontrolada mesmo para *querer* isso, não é? — E abriu um sorriso malicioso por sobre o ombro, diretamente para Caroline.

Os joelhos de Elena bambeavam e as mãos tremiam. Sentiu um braço em volta dela e se encostou agradecida em Stefan. Depois olhou para ele.

— Epilepsia? — disse ela com desprezo incrédulo.

Ele olhava para Vickie pelo corredor. Alaric Saltzman, ainda gritando instruções, aparentemente iria acompanhá-la. O grupo virou a esquina.

— Acho que a turma foi dispensada — disse Stefan. — Vamos.

Eles andaram para o pensionato em silêncio, cada um perdido em seus pensamentos. Elena franziu a testa e várias vezes voltou o olhar para Stefan, mas só falou quando eles estavam a sós no quarto.

— Stefan, o que foi tudo aquilo? O que aconteceu com Vickie?

— Era o que eu estava me perguntando. Só há uma explicação plausível, e é a de que ela ainda está sendo dominada.

— Quer dizer que Damon ainda está... Ah, meu Deus! Ah, Stefan, eu devia ter dado parte da verbena a ela. Devia ter percebido...

— Não teria feito diferença alguma. Acredite. — Ela se virou para a porta como se fosse atrás de Vickie naquele minuto, mas ele a puxou de volta com gentileza. — Algumas pessoas são mais facilmente influenciadas do que outras, Elena. E nunca foi mesmo muito difícil manipulá-la. E agora Vickie pertence a ele.

Lentamente, Elena se sentou.

— Então não há nada que alguém possa fazer? Mas Stefan, ela vai se transformar... Como você e Damon?

— Depende. — O tom de voz dele era vago. — Não é só uma questão de quanto sangue ela perdeu. Ela precisa do sangue dele em suas veias para que a transformação seja completa. Caso contrário, ela vai terminar como o Sr. Tanner. Drenada, exaurida. Morta.

Elena respirou fundo. Havia algo que ela queria perguntar, uma questão que a atormentava há muito tempo.

— Stefan, quando você falou com Vickie na escola, pensei que estivesse dando certo. Você estava usando os Poderes nela, não estava?

— Sim.

— Mas depois ela enlouqueceu de novo. O que quero dizer é... Stefan, você *está mesmo* bem, não está? Seus Poderes voltaram?

Ele não respondeu. Mas isso era resposta suficiente para ela.

— Stefan, por que não me contou? Qual é o problema? — Ela se aproximou e ajoelhou-se ao lado dele para que Stefan fosse obrigado a olhar para ela.

— Estou levando algum tempo para me recuperar, é só isso. Não se preocupe.

— Eu *estou* preocupada. Não há nada que possamos fazer?

— Não — disse ele. Mas seus olhos baixaram.

A compreensão tomou Elena.

— *Ah* — sussurrou ela, sentando-se. Depois estendeu a mão de novo, tentando segurar as mãos dele. — Stefan, escute...

— Elena, *não*. Não entende? É perigoso, perigoso para nós dois, em especial para você. Eu podia matá-la, ou até algo pior.

— Só se perder o controle — disse ela. — E você não vai perder. Me beije.

— *Não* — disse Stefan de novo. Ele acrescentou, com menos rispidez: — Vou sair para caçar esta noite assim que escurecer.

— E é a mesma coisa? — disse ela. Ela sabia que não era. Era o sangue humano que conferia Poder. — Ah, Stefan, por favor; não vê que eu quero? *Você* mesmo não quer?

— Isso não é justo — disse ele, o olhar torturado. — Você sabe que não é, Elena. Sabe o quanto... — Ele desviou os olhos dela de novo, as mãos cerradas em punhos.

— Então, por que não? Stefan, eu preciso... — Ela não conseguiu terminar. Não conseguia explicar do que precisava; era uma necessidade de conexão com ele, de proximidade. Ela precisava se lembrar de como era com ele, eliminar a lembrança de dançar em seu sonho e dos braços de Damon fechados em volta dela. — Preciso que nós fiquemos juntos de novo — sussurrou ela.

Stefan ainda olhava para o outro lado, e sacudiu a cabeça.

— Tudo bem — sussurrou Elena, mas sentiu uma onda de tristeza e medo enquanto a derrota inundava seus ossos. A maior parte do medo era por Stefan, que era vulnerável sem os Poderes, vulnerável o bastante para ser ferido pelos cidadãos comuns de Fell's Church. Mas parte do medo era por si mesma.

12

Uma voz soou enquanto Elena pegava uma lata na prateleira da loja.

— Já está comprando molho de cranberry?

Elena olhou.

— Oi, Matt. Sim, a tia Judith gosta de fazer um teste no domingo antes do Dia de Ação de Graças, lembra? Se ela treinar, é menos provável que algo terrível aconteça.

— Como se lembrar de que não comprou molho de cranberry 15 minutos antes do jantar?

— Cinco minutos antes do jantar — disse Elena, consultando o relógio, e Matt riu. Era bom ouvir isso, e era um som que Elena não ouvia há tempos. Ela avançou para o caixa, mas depois de pagar pelas compras hesitou, olhando para trás. Matt estava parado perto da estante de revistas, aparentemente absorto, mas havia algo na curva dos ombros que a fez querer ir até ele.

Ela enfiou um dedo na revista de Matt.

— O que *você* vai fazer no jantar? — disse ela. Quando ele olhou inseguro para a frente da loja, ela acrescentou: — Bonnie está esperando no carro; ela vai estar lá. Além dela, só a família. E Robert, é claro; ele deve estar lá agora. — Ela pretendia dizer que Stefan não iria. Ainda não tinha certeza de como as coisas estavam entre Matt e Stefan. Pelo menos eles se falavam.

— Vou precisar me virar esta noite; minha mãe não está se sentindo tão calorosa — disse ele. Mas depois, como se mudasse de assunto, ele continuou: — Onde está Meredith?

— Com a família dela, visitando uns parentes ou algo assim. — Elena foi vaga porque Meredith também foi vaga; ela mal falava da família. — Então, o que acha? Quer experimentar a culinária da tia Judith?

— Pelos velhos tempos?

— Pelos velhos *amigos* — disse Elena, depois de hesitar por um instante, sorrindo para ele.

Ele piscou e desviou o olhar.

— Como posso rejeitar um convite desses? — disse ele numa voz estranhamente abafada. Mas quando devolveu a revista à prateleira e a seguiu para fora da loja, também estava sorrindo.

Bonnie o cumprimentou animadamente e tia Judith pareceu satisfeita em vê-lo entrar na cozinha quando eles chegaram à casa.

— O jantar está quase pronto — disse ela, pegando o saco de compras de Elena. — Robert chegou há alguns minutos. Por que não vão direto para a sala de jantar? Ah, e pegue outra cadeira, Elena. Com Matt, somos sete.

— Seis, tia Judith — disse Elena, divertindo-se. — Você e Robert, eu e Margaret, Matt e Bonnie.

— Sim, querida, mas Robert também trouxe um convidado. Eles já estão sentados.

Elena registrou as palavras enquanto passava pela porta da sala de jantar, mas demorou um pouco para que sua mente reagisse àquelas palavras. Mesmo assim, ela *entendeu*; ao passar pela porta, de algum modo sabia o que esperava por ela.

Robert estava de pé ali, segurando uma garrafa de vinho branco e parecendo jovial. E sentado à mesa, na ponta do centro de mesa e próximo às velas altas acesas, estava Damon.

Elena percebeu que tinha parado de andar quando Bonnie esbarrou nela por trás. Depois forçou as pernas a entrarem em ação. Sua mente não foi tão obediente; continuou paralisada.

— Ah! Elena — disse Robert, estendendo a mão. — Esta é Elena, a menina sobre a qual estava falando — disse ele a Damon. — Elena, este é Damon... Ah...

— Smith — disse Damon.

— Ah, sim. Ele é de minha *alma mater*, a William and Mary, e eu o encontrei na calçada da loja de conveniência. Como ele estava procurando

um lugar para comer, eu o convidei a vir aqui para uma refeição caseira. Damon, estes são os amigos de Elena, Matt e Bonnie.

— Oi — disse Matt. Bonnie só encarava; depois, girou os olhos enormes para Elena.

Elena tentava se controlar. Não sabia se gritava, se saía da sala pisando duro ou se atirava a taça de vinho que Robert servia na cara de Damon. Naquele momento, no entanto, ela estava enfurecida demais para ficar assustada.

Matt foi pegar uma cadeira na sala de estar. Elena se surpreendeu com a forma despreocupada como aceitou Damon, depois se deu conta de que ele não tinha estado na festa de Alaric. Ele não sabia o que acontecera entre Stefan e o "visitante da universidade".

Bonnie, porém, parecia prestes a entrar em pânico. Olhava para Elena de um jeito suplicante. Damon tinha se levantado e puxava uma cadeira para ela.

Antes que pudesse pensar no que fazer, Elena ouviu a voz aguda de Margaret na porta.

— Matt, quer ver minha gatinha? Tia Judith disse que posso ficar com ela. O nome dela vai ser Snowball.

Elena se virou, inflamada com uma ideia.

— Ela é uma gracinha — dizia Matt educadamente, curvando-se para o montinho de pelos nos braços de Margaret. Ele tomou um susto quando Elena, sem a menor cerimônia, pegou a gata debaixo do nariz dele.

— Vem, Margaret, vamos mostrar a gatinha para o amigo de Robert — disse ela, e enfiou a bolinha peluda na cara de Damon, sem atirá-la nele.

Seguiu-se um pandemônio. Snowball inchou duas vezes seu tamanho normal enquanto o pelo se eriçava completamente. Fez um ruído de água pingando em uma chapa quente e depois rosnou e mostrou as garras para Elena, bateu em Damon e ricocheteou nas paredes antes de sumir da sala.

Por um instante, Elena teve a satisfação de ver os olhos escuros de Damon um pouco mais arregalados do que o de costume. Depois as

pálpebras caíram, escondendo-os de novo, e Elena virou-se para ver a reação dos outros ocupantes da sala.

Margaret abria a boca para dar um gemido de maria-fumaça. Robert tentava evitar isso, levando-a para encontrar a gata. Bonnie estava com as costas na parede, parecendo desesperada. Matt e tia Judith, que olhava da cozinha, pareciam completamente atarantados.

— Acho que você não tem muito jeito com animais — disse Elena a Damon, e sentou-se numa cadeira à mesa. Ela assentiu para Bonnie, que relutantemente se desgrudou da parede e puxou sua própria cadeira antes que Damon pudesse tocar nela. Os olhos castanhos de Bonnie o seguiram furtivamente enquanto ele se sentava.

Depois de alguns minutos, Robert reapareceu com uma Margaret chorosa e franziu a testa severamente para Elena. Matt empurrou sua própria cadeira em silêncio, embora as sobrancelhas ainda estivessem erguidas ao máximo.

Quando tia Judith chegou e a refeição começou, Elena olhou de um lado a outro da mesa. Uma névoa brilhante parecia envolver a todos e ela teve a sensação de irrealidade, mas a cena em si parecia quase inacreditavelmente saudável, como se saída de um comercial. Nada mais do que uma família mediana sentada para comer peru, pensou ela. Uma tia solteirona ligeiramente atrapalhada, preocupada que as ervilhas estivessem moles demais e os pãezinhos queimados, um candidato a tio bem à vontade, uma sobrinha adolescente e loura e ainda a irmã mais nova a reboque. Um sujeito de olhos azuis do tipo bom moço, uma amiga dada ao sobrenatural, um lindo vampiro passando a travessa de batata-doce. Um típico lar americano.

Bonnie passou a primeira metade da refeição telegrafando com os olhos "O que eu faço?" para Elena. Mas como só o que Elena telegrafava era "nada", ela aparentemente decidira deixar que o destino a levasse. Começou a comer.

Elena não tinha ideia do que fazer. Ser apanhada desse jeito era um insulto, uma humilhação, e Damon sabia disso. Mas ele deslumbrara tia Judith e Robert, com elogios sobre a refeição e a leve conversa sobre a

William and Mary. Agora até Margaret sorria para ele e logo Bonnie também estava enfeitiçada.

— Fell's Church vai comemorar o Dia dos Fundadores na semana que vem — informou tia Judith a Damon, seu rosto fino ficando rosado. — Seria ótimo se você pudesse vir nesse dia.

— Gostaria muito — disse Damon, gentil.

Tia Judith pareceu satisfeita.

— E este ano Elena tem um grande papel nele. Ela foi escolhida para representar o Espírito de Fell's Church.

— Deve estar orgulhosa dela — disse Damon.

— Ah, nós estamos — disse tia Judith. — Então vai tentar vir, não é?

Elena interrompeu, passando manteiga furiosamente num pãozinho.

— Soube de umas novidades sobre a Vickie — disse ela. — Lembra, a menina que foi atacada. — Ela olhou incisivamente para Damon.

Houve um breve silêncio. Depois Damon disse:

— Receio não conhecê-la.

— Ah, eu sei que conhece. Mais ou menos da minha altura, olhos castanhos, cabelo castanho-claro... De qualquer modo, ela está piorando.

— Ah, querida — disse tia Judith.

— Sim, ao que parece os médicos não conseguem entender. Ela está piorando cada vez mais, como se o ataque ainda estivesse acontecendo. — Elena mantinha os olhos fixos nos de Damon enquanto falava, mas tudo que ele demonstrou foi um educado interesse. — Pegue mais recheio — concluiu ela, empurrando uma tigela para ele.

— Não, obrigado. Mas vou querer um pouco mais disso. — Ele ergueu uma colher de molho de cranberry a uma das velas para que a luz a atravessasse. — A cor é tão tentadora.

Bonnie, como os demais à mesa, olhou para a vela quando ele fez isso. Mas Elena percebeu que o olhar da amiga não voltou para baixo. Continuou encarando a chama dançante e aos poucos toda exasperação desapareceu de seu rosto.

Ah, *não*, pensou Elena, enquanto uma onda de apreensão se esgueirava por seus membros. Ela já vira esse olhar antes. Tentou chamar a atenção de Bonnie, mas a menina parecia não ver nada, só a vela.

— ... e depois as crianças do primário representam uma peça sobre a história da cidade — dizia tia Judith a Damon. — Mas a cerimônia termina com os alunos mais velhos. Elena, quantos alunos do último ano vão fazer a leitura?

— Só três. — Elena teve de se virar para a tia, e foi no momento em que viu a expressão sorridente de tia Judith que ela ouviu a voz.

— Morte.

Tia Judith arfou. Robert parou com o garfo a meio caminho da boca. Elena queria, ávida, absoluta e desesperadamente, que Meredith estivesse ali.

— Morte — disse a voz de novo. — A morte está nessa casa.

Elena olhou pela mesa e viu que não havia ninguém para ajudá-la. Todos encaravam Bonnie, imóveis como numa fotografia.

A própria Bonnie encarava a chama da vela. Seu semblante era inexpressivo, os olhos arregalados, como ficaram da outra vez em que esta voz falou através dela. Agora, aqueles olhos que nada viam viraram-se para Elena.

— A sua morte — disse a voz. — Sua morte a espera, Elena. Ela está...

Bonnie pareceu sufocar. Depois se jogou para a frente e quase caiu no prato de jantar.

Houve uma paralisia instantânea e depois todos se mexeram. Robert se colocou de pé num salto e puxou os ombros de Bonnie, erguendo-a. A pele de Bonnie tinha ficado azulada, os olhos estavam fechados. Tia Judith adejava em volta dela, limpando seu rosto com um guardanapo molhado. Damon observava com olhos pensativos e semicerrados.

— Ela está bem — disse Robert, erguendo a cabeça num alívio evidente. — Acho que só desmaiou. Deve ter sido uma espécie de ataque histérico. — Mas Elena só voltou a respirar quando Bonnie, ainda grogue, abriu os olhos e perguntou o que todo mundo estava olhando.

Isso encerrou definitivamente o jantar. Robert insistiu que Bonnie fosse levada para casa imediatamente, e na movimentação que se seguiu Elena encontrou tempo para sussurrar uma palavra a Damon.

— Fora!

Ele ergueu as sobrancelhas.

— O quê?

— Eu disse fora! Agora! Saia daqui. Vou contar a eles que você é o assassino.

Ele encarou-a com censura.

— Não acha que um convidado merece um pouco mais de consideração? — disse ele, mas ao ver a expressão dela, deu de ombros e sorriu.

— Obrigado por me receber para jantar — disse ele alto para tia Judith, que passava carregando uma manta para o carro. — Espero poder retribuir o favor um dia desses. — Para Elena, ele acrescentou: — Vejo você mais tarde.

Bom, *isso* foi bem claro, pensou Elena, enquanto Robert partia com um Matt sombrio e uma Bonnie sonolenta. Tia Judith estava ao telefone com a Sra. McCullough.

— Também não sei o que há com essas meninas — dizia ela. — Primeiro Vickie, agora Bonnie... E ultimamente Elena também não tem estado muito normal...

Enquanto tia Judith falava e Margaret procurava pela gatinha perdida, Elena andava de um lado a outro.

Teria de ligar para Stefan. Era o que tinha de fazer. Não estava preocupada com Bonnie; nas outras vezes em que isso aconteceu, não pareceu causar danos permanentes. E Damon teria coisas melhores para fazer do que atormentar os amigos de Elena esta noite.

Ele foi até lá para cobrar o "favor" que fizera a ela. Ela sabia, sem dúvida nenhuma, que era esse o significado de suas últimas palavras. E significava que ela teria de contar tudo a Stefan, porque precisava dele esta noite, precisava de sua proteção.

Mas o que Stefan poderia fazer? Apesar de todas as súplicas e argumentos de Elena na noite anterior, ele se recusara a tomar seu sangue. Insistira que seus Poderes voltariam sem isso, mas Elena sabia que ele ainda estava vulnerável. Mesmo que Stefan estivesse aqui, poderia ele deter Damon? Poderia fazer isso sem se matar?

A casa de Bonnie não era um refúgio. E Meredith estava fora da cidade. Não havia ninguém para ajudá-la, ninguém em quem pudesse confiar. Mas a ideia de esperar aqui sozinha a noite, sabendo que Damon viria, era insuportável.

Ela ouviu tia Judith desligar o telefone. Automaticamente, foi para a cozinha. O número de Stefan disparava por sua mente. Depois ela parou e vagarosamente se virou para olhar a sala de estar que havia acabado de deixar.

Ela olhou as janelas do chão ao teto, e a lareira elaborada e sua cornija com lindos arabescos. Esta sala fazia parte da casa original, aquela que foi quase completamente incendiada na Guerra Civil. Seu quarto ficava no outro andar.

Uma grande luz começava a surgir. Elena olhou a sanca pelo teto, onde se unia com a sala de jantar, mais moderna. Depois quase disparou para a escada, o coração batendo acelerado.

— Tia Judith? — A tia parou na escada. — Tia Judith, me diga uma coisa. Damon entrou na sala de estar?

— O quê? — Tia Judith piscou para ela, distraída.

— Robert entrou com Damon pela sala de estar? Por favor, pense, tia Judith! Eu preciso saber.

— Ora essa, não, acho que não. Não, não entrou. Eles entraram e foram direto para a sala de jantar. Elena, mas que diabos...? — No mesmo instante Elena impulsivamente lançou os braços para a tia e a abraçou.

— Desculpe, tia Judith. Só estou feliz — disse Elena. Sorrindo, ela se virou para descer a escada.

— Bom, ainda bem que *alguém* ficou feliz, depois desse jantar. Mas aquele rapaz bonito, Damon, pareceu gostar. Sabe de uma coisa, Elena, ele

parecia muito interessado em você, apesar do modo como a senhorita estava agindo.

Elena se virou.

— E daí?

— Bom, só pensei que você podia dar uma chance a ele, é só isso. Eu o achei muito agradável. O tipo de jovem que gosto de ver por aqui.

Elena riu por um momento, depois engoliu em seco para reprimir a gargalhada histérica. A tia estava sugerindo que ela ficasse com Damon em vez de Stefan... Porque Damon era mais seguro. O tipo de jovem agradável de que qualquer tia gostaria.

— Tia Judith — começou Elena, ofegando, mas depois percebeu que era inútil. Sacudiu a cabeça, muda, erguendo as mãos derrotada, e observou a tia subir a escada.

Em geral, Elena dormia de porta fechada. Mas esta noite resolveu deixá-la aberta e se deitou na cama olhando o corredor escuro. De vez em quando via os números luminosos no relógio na mesa de cabeceira ao lado.

Não havia o perigo de ela dormir. À medida que os minutos se arrastavam, ela quase começou a querer isso. O tempo passava com uma lentidão agonizante. Onze horas... Onze e meia... Meia-noite. Uma da manhã. Uma e meia. Duas.

Às duas e dez, ela ouviu um som.

Ela escutou, ainda deitada na cama, o sussurro fraco na escada. Sabia que ele encontraria um jeito de entrar, se quisesse. Se Damon estivesse tão decidido, nenhuma tranca o impediria.

A música do sonho que teve naquela noite na casa de Bonnie tinia em sua mente, algumas notas melancólicas e prateadas. Despertava estranhas sensações nela. Quase num devaneio ou no próprio sonho, ela se levantou e parou na soleira da porta.

O corredor estava escuro, mas seus olhos tiveram muito tempo para se adaptar. Ela podia ver a silhueta mais escura subindo a escada. Quando chegou ao topo, ela viu o brilho rápido e mortal de seu sorriso.

Esperou, sem sorrir, até que ele a alcançou e ficou de frente para ela, com apenas um metro de piso de madeira entre os dois. A casa estava completamente silenciosa. Do outro lado do corredor, Margaret dormia; no final, tia Judith estava envolta em sonhos, sem ter consciência do que acontecia no corredor.

Damon não disse nada, mas olhou para ela, os olhos se demorando na longa camisola de renda com a gola alta. Elena a escolhera porque era a mais modesta que tinha, mas Damon evidentemente a achava atraente. Ela se forçou a ficar em silêncio, mas sua boca estava seca e o coração martelava surdo. Agora era a hora. Mais um minuto e ela saberia.

Ela recuou, sem dizer nada nem fazer qualquer gesto de convite, deixando a soleira da porta vazia. Ela viu um brilho rápido nos olhos profundos de Damon e o viu partir ansiosamente para ela. E o viu parar.

Ele ficou do lado de fora do quarto, completamente desconcertado. Tentou novamente entrar, mas não conseguiu. Algo parecia impedir que ele avançasse. Em seu rosto, a surpresa deu lugar à confusão e depois à raiva.

Ele levantou a cabeça, os olhos examinavam o dintel, percorrendo o teto de cada lado da soleira. Depois, ao perceber plenamente o que acontecia, seus lábios se repuxaram pelos dentes num esgar animal.

Segura em seu lado da porta, Elena riu suavemente. Funcionou.

— Meu quarto e a sala abaixo são o que restou da casa antiga — disse ela. — E é claro que era uma habitação diferente. Como você *não* foi convidado a entrar nela, nunca entrará.

O peito de Damon se erguia de raiva, as narinas infladas, os olhos desvairados. Ondas de uma fúria sombria emanavam dele. Parecia querer derrubar as paredes com as mãos, que se retorciam e se cerravam de cólera.

O triunfo e alívio causaram vertigem em Elena.

— Agora é melhor ir embora — disse ela. — Não há nada para você aqui.

Mas por um instante aqueles olhos ameaçadores arderam nos dela, e depois Damon se virou. Mas não foi para a escada. Em vez disso, deu um passo pelo corredor e colocou a mão na porta do quarto de Margaret.

Elena começou a avançar até se dar conta do que fazia. Parou na porta, agarrada ao batente, a própria respiração vindo com dificuldade.

A cabeça dele se virou de repente e ele sorriu, de forma lenta e cruel. Deu uma leve girada na maçaneta sem nem olhar. Os olhos dele, como poças de ébano líquido, permaneciam em Elena.

— Você é quem sabe — disse ele.

Elena ficou completamente imóvel, sentindo como se todo o inverno estivesse dentro dela. Margaret era só um bebê. Ele não podia estar falando sério; ninguém podia ser tão monstruoso a ponto de machucar uma menina de 4 anos.

Mas não havia nenhum sinal de suavidade ou compaixão no rosto de Damon; ele era um caçador, um assassino, e os fracos eram sua presa. Ela se lembrou do esgar animal pavoroso que tinha transfigurado suas lindas feições e entendeu que não podia deixar Margaret nas mãos dele.

Tudo pareceu estar acontecendo em câmera lenta. Ela viu a mão de Damon na maçaneta; viu aqueles olhos impiedosos. Ela estava passando pela soleira da porta, deixando para trás o único lugar seguro que conhecia.

A Morte estava na casa, dissera Bonnie. E agora Elena tinha de encontrar a Morte por livre e espontânea vontade. Ela tombou a cabeça para esconder as lágrimas desamparadas que vinham a seus olhos. É o fim. Damon venceu.

Elena não levantou a cabeça para vê-lo avançar em sua direção. Mas sentiu o ar se agitar em volta, fazendo-a tremer. E depois ela foi engolfada numa escuridão suave e interminável, que a envolveu como as asas de um grande pássaro.

13

Elena se agitou, depois abriu as pálpebras pesadas. A luz aparecia pela beira das cortinas. Ela teve dificuldade de se mexer, então ficou deitada na cama e tentou reconstituir o que acontecera na noite anterior.

Damon. Damon havia aparecido aqui e ameaçado Margaret. E Elena precisara ceder. Ele vencera.

Mas por que ele não terminou o serviço de uma vez? Elena ergueu a mão lânguida para tocar a lateral do pescoço, já sabendo o que encontraria ali. Sim, lá estavam: duas pequenas perfurações doloridas e sensíveis à pressão.

No entanto, ela ainda estava viva. Ele parou pouco antes de cumprir sua promessa. Por quê?

As lembranças de Elena das últimas horas eram desordenadas e embaçadas. Só fragmentos estavam claros. Os olhos de Damon descendo para ela, preenchendo todo seu mundo. A fisgada afiada no pescoço. E, mais tarde, Damon abrindo a camisa, o sangue dele brotando de um pequeno corte no pescoço.

Então Damon obrigou Elena a beber o sangue dele. Se *obrigou* for a palavra certa. Ela não se lembrava de impor nenhuma resistência ou sentir nenhuma repulsa. Na hora, ela queria.

Mas Elena não estava morta, nem mesmo seriamente enfraquecida. Ele não a transformou em vampira. E era isso que ela não conseguia entender.

Ele não tem moral nem consciência, lembrou-se Elena. Então certamente não foi por compaixão que resolveu parar. Provavelmente só queria estender o jogo, fazê-la sofrer antes de matá-la. Ou talvez queira que ela seja como Vickie, com um pé no mundo das trevas e outro na luz. Enlouquecendo lentamente daquele jeito.

De uma coisa Elena tinha certeza: não seria levada a pensar que era generosidade da parte dele. Damon não era capaz de generosidade. Nem se importava com ninguém, só consigo mesmo.

Empurrando o cobertor para trás, ela se levantou da cama. Podia ouvir tia Judith andando pelo corredor. Era manhã de segunda-feira e ela precisava se arrumar para a escola.

Quarta-feira, 27 de novembro

Querido Diário,

Não é bom fingir que não estou com medo, porque estou. Amanhã é o Dia de Ação de Graças e o Dia dos Fundadores será dois dias depois. E ainda não sei como impedir Caroline e Tyler.

Não sei o que fazer. Se eu não recuperar meu diário com Caroline, ela vai lê-lo na frente de todo mundo. Ela terá uma oportunidade perfeita; está entre os três veteranos escolhidos para recitar poesia na cerimônia de encerramento. Escolhida pelo conselho da escola, do qual o pai de Tyler faz parte, devo acrescentar. O que será que ele vai pensar quando tudo isso acabar?

Mas que diferença faz? A não ser que eu bole um plano, quando tudo isso acabar não vai haver com o que se importar. E Stefan terá ido embora, expulso da cidade pelos bons cidadãos de Fell's Church. Ou morto, se não conseguir recuperar parte de seus Poderes. E se ele morrer, eu vou morrer também. É simples.

O que significa que tenho de descobrir um jeito de pegar o diário. Preciso fazer isso.

Mas não consigo.

Eu sei, você está esperando que eu diga isso. Há um jeito de conseguir meu diário — o jeito de Damon. Só o que preciso fazer é concordar com o preço dele.

Mas você não entende o quanto isso me apavora. Não só porque Damon me mete medo, mas porque tenho medo do que ainda vai

acontecer se ele e eu ficarmos juntos de novo. Tenho medo do que ainda vai me acontecer... E a mim e Stefan.

Não posso mais falar nesse assunto. É perturbador demais. Estou tão confusa, perdida e sozinha. Não há ninguém que eu possa procurar, ninguém com quem conversar. Ninguém que possa entender.

O que vou fazer?

Quinta-feira, 28 de novembro, 23h30

Querido Diário,

Hoje as coisas parecem mais claras, talvez porque eu tenha tomado uma decisão. É uma decisão que me apavora, mas é melhor do que a única alternativa em que consigo pensar.

Vou contar tudo a Stefan.

É a única coisa que posso fazer agora. O Dia dos Fundadores é no sábado e eu não pensei em nenhum plano. Mas talvez Stefan possa pensar em algum plano, se perceber como a situação é desesperadora. Amanhã vou passar no pensionato, e quando chegar lá vou contar a ele tudo que devia ter contado muito antes.

Tudo. Sobre Damon também.

Não sei o que ele vai dizer. Fico me lembrando de seu rosto nos meus sonhos. O modo como ele me olhou, com tanta amargura e raiva. Não como se me amasse. Se ele me olhar desse jeito amanhã...

Ah, estou com medo. Meu estômago está revirado. Mal consegui tocar no jantar de Ação de Graças — e não consigo ficar parada. Parece que posso me desintegrar em mil pedaços. Dormir esta noite? Rá.

Por favor, que Stefan entenda. Por favor, que ele me perdoe.

O mais engraçado é que eu queria me tornar uma pessoa melhor para ele. Queria ser digna do amor dele. Stefan tem essas ideias sobre honra, sobre o certo e o errado. E agora, quando ele descobrir que eu estive mentindo para ele, o que vai pensar? Será que vai acreditar em

mim, que eu só estava tentando protegê-lo? Será que vai confiar em mim de novo?

Amanhã eu vou descobrir. Ah, meu Deus, queria que isso acabasse. Não sei como vou viver até lá.

Elena escapuliu de casa sem dizer a tia Judith aonde ia. Estava cansada de mentiras, mas não queria enfrentar o alvoroço que inevitavelmente aconteceria se ela dissesse que ia à casa de Stefan. Desde que Damon aparecera para jantar, tia Judith tinha falado nele, fazendo insinuações sutis e não tão sutis em toda conversa. E Robert fazia o mesmo. Elena às vezes achava que ele pressionava tia Judith.

Cansada, ela se inclinou na campainha do pensionato. Onde andava a Sra. Flowers ultimamente? Quando a porta enfim se abriu, Stefan estava atrás dela.

Ele estava vestido para sair, a gola da jaqueta virada para cima.

— Pensei que íamos dar uma caminhada — disse ele.

— Não. — Elena foi firme. Não conseguiu abrir um sorriso verdadeiro para ele, então parou de tentar. — Vamos subir, Stefan, está bem? Precisamos conversar.

Por um momento, ele olhou para ela surpreso. Algo devia transparecer no rosto de Elena, porque a expressão dele aos poucos enrijeceu e escureceu. Ele respirou fundo e assentiu. Sem dizer nada, Stefan se virou e a levou até seu quarto.

As malas, cômodas e estantes há muito tempo haviam sido organizadas, é claro. Mas Elena sentia como se visse aquilo tudo pela primeira vez. Por algum motivo, pensou na primeira noite em que esteve ali, quando Stefan a salvara do repugnante abraço de Tyler. Os olhos dela percorreram os objetos na cômoda: os florins de ouro do século XV, a adaga com cabo de marfim, o pequeno cofre de ferro com a tampa de dobradiça que ela havia tentado abrir naquela primeira noite e ele batera a tampa.

Ela se virou. Stefan estava de pé junto à janela, delineado pelo retângulo do céu cinzento e triste. Todos os dias desta semana foram frios e nevoentos,

e este não era exceção. A expressão de Stefan espelhava o clima do lado de fora.

— Então — disse ele em voz baixa —, sobre o que precisamos conversar?

Houve um último momento de indecisão, depois Elena se decidiu. Estendeu a mão para o pequeno cofre de ferro e o abriu.

Dentro dele, uma fita de seda damasco ainda brilhava. A fita de seu cabelo. Lembrava-a do verão, dos dias quentes que agora pareciam incrivelmente distantes. Ela a pegou e estendeu a Stefan.

— Sobre isso — disse ela.

Ele tinha dado um passo à frente quando ela tocou no cofre, mas agora estava confuso e surpreso.

— Sobre *isso*?

— Sim. Porque eu sabia que estava aqui, Stefan. Encontrei há muito tempo, num dia em que você saiu do quarto por alguns minutos. Não sei por que eu tinha de saber o que havia aqui, mas não consegui evitar. Então achei a fita. E depois... — Ela parou e se preparou. — Depois escrevi sobre isso no meu diário.

Stefan estava cada vez mais aturdido, como se não fosse nada disso que ele esperava. Elena procurou pelas palavras certas.

— Escrevi sobre isso porque eu pensava que era prova de que você gostava de mim o tempo todo, o suficiente para pegá-la e escondê-la. Nunca pensei que podia ser prova de qualquer outra coisa.

Depois, de repente, ela começou a falar aceleradamente. Contou sobre levar o diário à casa de Bonnie, de como foi roubado. Contou sobre os bilhetes, sobre descobrir que era Caroline quem os mandava e depois, afastando-se, enrolando sem parar a fita de seda em volta dos dedos nervosos, ela contou tudo sobre o plano de Caroline e Tyler.

Sua voz quase sumiu no final.

— Ando tão apavorada desde então — sussurrou ela, os olhos ainda na fita. — Com medo de que você tenha raiva de mim. Com medo do que eles vão fazer. Com medo. Tentei recuperar o diário, Stefan, até entrei na casa de Caroline. Mas ela o escondeu bem demais. Pensei sem parar, mas não

consigo encontrar um jeito de impedi-la de ler o diário. — Por fim, ela olhou para ele. — Desculpe, eu lamento muito.

— Deve lamentar mesmo! — disse ele, partindo para ela com veemência. Ela sentiu o sangue sumir do rosto. Mas Stefan continuou. — Devia se lamentar por esconder algo assim de mim quando eu podia tê-la ajudado. Elena, por que não me *contou*?

— Porque era tudo culpa minha. E tive um sonho... — Ela tentou descrever como ele aparecia nos sonhos, a amargura, a acusação em seus olhos. — Acho que eu morreria se você realmente olhasse para mim daquele jeito — concluiu ela num tom infeliz.

Mas ao olhar para Elena agora, a expressão de Stefan era uma combinação de alívio e pasmo.

— Então é isso — disse ele, quase num sussurro. — É isso que está incomodando você.

Elena abriu a boca, mas ele ainda falava.

— Eu sabia que havia algo errado, sabia que você escondia alguma coisa. Mas pensei... — Ele sacudiu a cabeça e um sorriso torto puxou seus lábios. — Agora não importa mais. Não quero invadir sua privacidade. Nem quero perguntar nada. E o tempo todo você estava preocupada em proteger *a mim*.

A língua de Elena estava presa no céu da boca. As palavras também pareciam presas. Há mais, pensou ela, mas não disse, não quando os olhos de Stefan estavam assim, não quando todo o rosto dele estava iluminado daquele jeito.

— Quando você disse que precisávamos conversar hoje, pensei que tivesse mudado de ideia a meu respeito — disse ele simplesmente, sem autopiedade. — E eu não a culparia. Mas em vez disso... — Ele sacudiu a cabeça de novo. — Elena — disse ele, depois ela estava em seus braços.

Era tão bom estar ali, era tão *perfeito*. Ela nem percebeu como as coisas estiveram erradas entre eles até agora, quando o erro desapareceu. *Era disto* que ela se lembrava, o que ela sentiu naquela primeira noite gloriosa quando Stefan a abraçou. Toda a doçura e ternura do mundo surgindo entre eles. Ela

estava em casa, em seu lugar de direito. Em um lugar que sempre havia sido seu.

Todo o resto foi esquecido.

Como aconteceu no início, Elena sentia como se quase pudesse ler os pensamentos de Stefan. Eles estavam conectados, um era parte do outro. Seus corações batiam no mesmo ritmo.

Só faltava uma coisa para ficar completo. Elena sabia disso e atirou a cabeça para trás, estendendo a mão para afastar o cabelo da lateral do pescoço. E desta vez Stefan não protestou, nem a afugentou. Em vez de recusa, ele irradiava uma aceitação profunda — e também uma profunda necessidade.

Sentimentos de amor, de prazer, de apreciação dominaram Elena que, com uma alegria incrédula, percebeu que os sentimentos eram dele. Por um momento, ela conseguiu penetrar os olhos dele, e sentiu o quanto Stefan gostava dela. Podia ser apavorante se ela não tivesse a mesma profundidade de sentimentos para retribuir.

Ela não sentiu dor enquanto os caninos dele penetravam seu pescoço. E nem ocorreu a Elena que ela oferecera sem pensar o lado que não havia sido marcado — embora as feridas deixadas por Damon já tivessem se curado.

Ela se agarrou a Stefan quando ele tentou erguer sua cabeça. Mas ele foi inflexível, e por fim ela teve de ceder. Ainda a abraçando, ele tateou pela cômoda atrás da lâmina de cabo de marfim e com um movimento rápido deixou seu próprio sangue fluir.

Quando os joelhos de Elena ficaram fracos, ele a sentou na cama. E depois eles ficaram abraçados, sem ter consciência do tempo ou de mais nada. Elena sentia que só ela e Stefan existiam.

— Eu te amo — disse ele delicadamente.

De início Elena, em sua névoa de prazer, simplesmente aceitou as palavras. Depois, com um arrepio de doçura, se deu conta do que ele havia dito.

Ele a amava. Elena sabia disso o tempo todo, mas ele nunca havia falado isso a ela.

— Eu te amo, Stefan — sussurrou. Ela ficou surpresa quando ele se mexeu e se afastou um pouco, até que viu o que ele fazia. Estendendo a mão por dentro do suéter, ele tirou a corrente que usava no pescoço desde que ela o conhecia. Na corrente havia um anel de ouro, lindamente trabalhado, com um lápis-lazúli incrustado.

O anel de Katherine. Enquanto Elena olhava, ele tirou a corrente e a abriu, retirando o delicado anel de ouro.

— Quando Katherine morreu — disse ele — pensei que nunca mais amaria ninguém. Embora soubesse que ela teria desejado que isso acontecesse, eu tinha certeza de que jamais voltaria a amar. Mas eu estava errado. — Ele hesitou por um momento e depois continuou.

— Guardei este anel porque era um símbolo dela. Assim eu podia mantê-la perto do meu coração. Mas agora gostaria que fosse um símbolo de outra coisa. — De novo ele hesitou, parecendo quase com medo de olhar nos olhos dela. — Considerando o modo como as coisas estão, eu não tenho nenhum direito de pedir isso. Mas Elena... — Ele se esforçou por alguns minutos e depois desistiu, os olhos encontrando os dela sem dizer nada.

Elena não conseguia falar. Nem conseguia respirar. Mas Stefan interpretou mal esse silêncio. A esperança em seus olhos morreu e ele virou o rosto.

— Você tem razão — disse ele. — É impossível. Há dificuldades demais... Por minha causa. Devido ao que eu sou. Ninguém como você deve se prender a alguém como eu. Nem devia ter sugerido isso...

— Stefan! — disse Elena. — Stefan, se ficar em silêncio por um momento...

— ... então esqueça que eu disse alguma coisa...

— *Stefan!* — disse ela. — Stefan, *olhe para mim*.

Lentamente, ele obedeceu, voltando-se para ela. Ele a olhou nos olhos e a autocondenação amargurada desapareceu de seu rosto, substituída por uma expressão que a fez perder o fôlego de novo. Depois, ainda lentamente, ele pegou a mão que ela estendia. Deliberadamente, enquanto os dois olhavam, ele colocou o anel no dedo de Elena.

Coube como se tivesse sido feito para ela. O ouro cintilava suntuosamente na luz e a pedra de lápis-lazúli reluzia num azul vibrante e profundo, como um lago límpido cercado por neve intocada.

— É melhor guardarmos isso em segredo por enquanto — disse ela, ouvindo o tremor na própria voz. — Tia Judith terá um ataque se souber que fiquei noiva antes de me formar. Mas vou fazer 18 anos no verão que vem, e ela não vai poder nos impedir.

— Elena, tem certeza de que é isso que você quer? Não seria fácil viver comigo. Eu sempre vou ser diferente de você, por mais que me esforce. Se um dia quiser mudar de ideia...

— Se você me amar, eu jamais vou mudar de ideia.

Ele a pegou nos braços de novo, e a paz e a satisfação a inundaram. Mas ainda havia um temor que roía na beira de sua consciência.

— Stefan, sobre amanhã... Se Caroline e Tyler puserem o plano em prática, não vai importar que eu mude de ideia ou não.

— Então vamos ter de cuidar para que eles não consigam nada. Se Bonnie e Meredith me ajudarem, acho que posso encontrar um jeito de pegar o diário de Caroline. Mas mesmo que eu não possa, não vou fugir. Não vou deixar você, Elena; vou ficar e lutar.

— Mas eles vão machucá-lo. Stefan, não suporto isso.

— E eu não posso deixar você. Estamos combinados. Deixe que eu me preocupo com o resto; vou encontrar um jeito. E se não encontrar... Bem, não importa, vou ficar com você. Vamos ficar juntos.

— Vamos ficar juntos — repetiu Elena, pousando a cabeça no ombro dele, feliz por parar de pensar um pouco e simplesmente *existir*.

Sexta-feira, 29 de novembro

Querido Diário,

Está tarde, mas não consigo dormir. Acho que não preciso tanto de sono como antes.

Bom, amanhã é o dia.

Conversamos com Bonnie e Meredith ontem à noite. O plano de Stefan é a imagem da simplicidade. O caso é que, não importa onde Caroline tenha escondido o diário, ela terá de levá-lo amanhã. Mas nossas leituras estão marcadas para o final da programação do dia e ela tem de estar na parada e fazer tudo o mais primeiro. Então ela terá de guardar o diário em algum lugar durante esse tempo. Assim, se a vigiarmos do minuto em que Caroline sair de casa até ela subir ao palco, talvez a gente consiga ver onde o diário ficará. E se ela não perceber que estamos desconfiados, não vai ficar de guarda erguida.

Foi então que entendemos.

O motivo para o plano dar certo é que todo mundo no programa estará de roupas de época. A Sra. Grimesby, a bibliotecária, nos ajudará a vestir as roupas do século XIX antes da parada, e nós não vamos poder usar nem portar nada que não faça parte do figurino. Nada de bolsas, nem mochilas. Nada de diários! Caroline terá de deixá-lo para trás em algum ponto.

Vamos nos revezar para vigiá-la. Bonnie vai ficar na frente da casa dela e ver o que Caroline está levando quando sair. Eu vou vigiá-la quando ela se vestir na casa da Sra. Grimesby. Depois, enquanto a parada estiver acontecendo, Stefan e Meredith vão invadir a casa — ou o carro dos Forbes, se for o caso — e fazer o trabalho.

Não vejo como pode falhar. E não consigo expressar o quanto me sinto melhor. É tão bom poder dividir este problema com Stefan. Aprendi minha lição; nunca mais vou guardar segredos dele.

Vou usar meu anel amanhã. Se a Sra. Grimesby perguntar sobre ele, vou dizer a ela que é ainda mais antigo do que o século XIX, é da Itália renascentista. Quero ver a cara dela quando eu disser isto.

É melhor tentar dormir um pouco agora. Espero não sonhar.

14

Bonnie tremia ao esperar do lado de fora da alta casa vitoriana. O ar estava gelado esta manhã e, embora fossem quase oito horas, o sol não tinha realmente aparecido. O céu era uma massa densa de nuvens cinzentas e brancas, criando um crepúsculo sinistro na terra.

Quando ela começou a bater os pés e esfregar as mãos, a porta dos Forbes se abriu. Bonnie recuou um pouco para trás do arbusto que era seu esconderijo e observou a família andar até o carro. O Sr. Forbes não carregava nada além de uma câmera. A Sra. Forbes tinha uma bolsa e uma cadeira de armar. Daniel Forbes, irmão mais novo de Caroline, tinha outra cadeira. E Caroline...

Bonnie se inclinou para a frente, a respiração sibilando de satisfação. Caroline estava de jeans e um suéter pesado, e levava uma espécie de saco de pano branco. Não era grande, mas o tamanho era suficiente para guardar um pequeno diário.

Satisfeita com o que vira, Bonnie esperou atrás do arbusto até que o carro partiu. Depois disparou para a esquina da Thrush Street com a Hawthorne Drive.

— Lá está ela, tia Judith. Na esquina.

O carro reduziu e parou, e Bonnie entrou no banco traseiro com Elena.

— Ela está com uma bolsa de pano branca — murmurou Bonnie no ouvido de Elena enquanto tia Judith arrancava de novo.

A excitação formigou pelo corpo de Elena e ela apertou a mão de Bonnie.

— Ótimo — cochichou ela. — Agora vamos ver se ela a leva para a casa da Sra. Grimesby. Se não, diga a Meredith que está no carro.

Bonnie assentiu e apertou a mão de Elena.

Elas chegaram à casa da Sra. Grimesby bem a tempo de ver Caroline entrando com um saco branco pendurado no braço. Bonnie e Elena trocaram um olhar. Agora cabia a Elena ver onde Caroline o deixaria na casa.

— Vou ficar aqui também, Srta. Gilbert — disse Bonnie enquanto Elena pulava para fora do carro. Ia esperar do lado de fora com Meredith até Elena poder dizer a elas onde estava o saco. O importante era não deixar que Caroline suspeitasse de nada fora do comum.

A Sra. Grimesby, que atendeu quando Elena bateu na porta, era a bibliotecária de Fell's Church. A casa dela quase parecia uma biblioteca; havia estantes em toda parte e livros empilhados no chão. Ela também era curadora dos artefatos históricos de Fell's Church, inclusive o vestuário que foi preservado dos primeiros dias da cidade.

Agora a casa ressoava com vozes jovens, e os quartos estavam cheios de alunos em vários estágios da troca de roupa. A Sra. Grimesby sempre supervisionava o figurino para a peça. Elena estava pronta para pedir para ser colocada no mesmo quarto de Caroline, mas não foi necessário. A Sra. Grimesby já a estava conduzindo para lá.

Caroline, apenas com a roupa de baixo da moda, lançou a Elena o que pretendia ser um olhar indiferente, mas Elena detectou o júbilo cruel por trás. Ela manteve os olhos no fardo de roupas que a Sra. Grimesby pegava na cama.

— Esta é sua, Elena. Uma de nossas peças mais bem preservadas... E é toda autêntica também, até as fitas. Acreditamos que este vestido tenha pertencido a Honoria Fell.

— É lindo — disse Elena, enquanto a Sra. Grimesby sacudia as dobras do tecido branco. — É feito do quê?

— Musselina morávia e gaze de seda. Como hoje está muito frio, você pode usar o casaco de veludo por cima. — A bibliotecária indicou uma roupa rosa-clara estendida no encosto de uma cadeira.

Elena lançou um olhar disfarçado para Caroline enquanto começava a trocar de roupa. Sim, lá estava o saco de pano, aos pés de Caroline. Ela se remoeu na dúvida de se devia pegá-lo, mas a Sra. Grimesby ainda estava no quarto.

O vestido de musselina era muito simples, de tecido floral e cintura alta sob os seios com uma fita rosa-clara. As mangas na altura do cotovelo e ligeiramente bufantes eram presas com fitas da mesma cor. A moda era bem larga no início do século XIX para caber numa menina do século XX — pelo menos se ela fosse magra. Elena sorriu enquanto a Sra. Grimesby a levava ao espelho.

— Pertenceu mesmo a Honoria Fell? — perguntou ela, pensando na imagem marmórea dessa senhora deitada no túmulo da igreja em ruínas.

— É o que diz a história — disse a Sra. Grimesby. — Ela fala de um vestido como esse em seu diário, então temos certeza.

— Ela mantinha um diário? — Elena ficou sobressaltada.

— Ah, sim. Eu o mantenho numa caixa na sala de estar; vou mostrar a você quando estivermos saindo. Agora, o casaco... Ah, o que é isso?

Uma coisa violeta flutuou para o chão quando Elena pegou o casaco.

Ela pôde sentir a expressão paralisar. Pegou o bilhete antes que a Sra. Grimesby pudesse se abaixar e deu uma olhada.

Uma frase. Ela se lembrava de escrever em seu diário em 4 de setembro, o primeiro dia de aula. Só que depois que escreveu, Elena riscou. Aquelas palavras não estavam riscadas; estavam nítidas e claras.

Alguma coisa horrível vai acontecer hoje.

Elena mal conseguiu deixar de se virar para Caroline e sacudir o bilhete na cara dela. Mas isso estragaria tudo. Ela se obrigou a ficar calma enquanto amassava o pedacinho de papel e o atirava na lixeira.

— É só um pedaço de lixo — disse ela, e virou-se para a Sra. Grimesby, com os ombros rígidos. Caroline não disse nada, mas Elena podia sentir os olhos verdes e triunfantes nela.

Espere só, pensou ela. Espere até que eu pegue meu diário de volta. Vou queimá-lo, e depois você e eu vamos ter uma conversinha.

Para a Sra. Grimesby, ela disse:

— Estou pronta.

— Eu também — disse Caroline num tom recatado. Elena fixou um olhar de indiferença fria enquanto olhava a menina. O vestido verde-claro de Caroline, com longas faixas verdes e brancas, não era tão bonito quanto o dela.

— Maravilhoso. Vão andando e esperem por suas carruagens. Ah, e Caroline, não se esqueça de seu retículo.

— Não vou esquecer — disse Caroline, sorrindo, e pegou o saco de pano a seus pés.

Era sorte que desta posição ela não pudesse ver o rosto de Elena, porque neste instante a indiferença fria se espatifou completamente. Elena encarou, aturdida, enquanto Caroline começava a prender o saco na cintura.

Seu espanto não escapou à Sra. Grimesby.

— Isto é um retículo, o ancestral da nossa moderna bolsa — explicava gentilmente a mulher mais velha. — As senhoras usavam para guardar suas luvas e leques. Caroline veio aqui e pegou no início da semana para poder consertar algumas contas soltas... Foi muita consideração da parte dela.

— Tenho certeza de que foi — disse Elena numa voz estrangulada. Ela precisava sair dali ou algo horrível ia acontecer naquele instante. Ia começar a gritar, ou a esmurrar Caroline, ou explodir. — Preciso de ar fresco — disse ela, e saiu do quarto e da casa num rompante.

Bonnie e Meredith esperavam no carro de Meredith. O coração de Elena martelava estranhamente enquanto andava até o carro e se inclinava na janela.

— Ela foi mais esperta do que a gente — disse em voz baixa. — Aquele saco é parte do figurino e ela vai usar o dia todo.

Bonnie e Meredith olharam, primeiro para Elena, depois entre si.

— Mas... Então, o que vamos fazer? — perguntou Bonnie.

— Não sei. — Com um desânimo nauseante, Elena finalmente se deu conta da realidade. — Eu não sei!

— Ainda podemos vigiá-la. Talvez ela tire a bolsa no almoço ou algo assim... — Mas a voz de Meredith parecia oca. Todas sabiam a verdade, pensou Elena, e a verdade era que não havia esperanças. Elas haviam perdido a batalha.

Bonnie olhou pelo retrovisor, depois girou em seu banco.

— É a sua carruagem.

Elena olhou. Dois cavalos brancos puxavam pela rua uma charrete bem restaurada. Havia papel crepom entremeado nas rodas, samambaias decoravam os bancos e uma grande faixa na lateral proclamava, *O Espírito de Fell's Church.*

Elena só teve tempo para um recado desesperado.

— Vigiem-na — disse ela. — E se ela ficar sozinha por um momento... — Depois Elena teve de ir.

Mas por toda a manhã longa e terrível não houve um só momento em que Caroline ficasse a sós. Era cercada de uma multidão de espectadores.

Para Elena, a parada foi pura tortura. Ela ficou sentada na charrete ao lado do prefeito e de sua esposa, tentando sorrir, tentando parecer normal. Mas o medo nauseante era como um peso esmagador em seu peito.

Em algum lugar à frente, entre as bandas marciais, os grupos em formação militar e os conversíveis abertos, estava Caroline. Elena tinha se esquecido de descobrir que carruagem ela ocupava. Talvez fosse a primeira da escola; muitas crianças mais novas e com o traje de época estariam nela.

Isso não importava. Onde quer que estivesse, Caroline ficaria à plena vista de toda a cidade.

O almoço que se seguiu à parada foi dado no refeitório da escola. Elena ficou presa numa mesa com o prefeito Dawley e sua mulher. Caroline estava numa mesa próxima; Elena podia ver a parte de trás de seus brilhantes cabelos ruivos. E, sentado ao lado dela, em geral possessivamente inclinado sobre ela, estava Tyler Smallwood.

Elena estava numa posição perfeita para ver o pequeno drama que acontecia lá pela metade do almoço. Seu coração saltou na garganta quando ela viu Stefan, parecendo despreocupado, andar perto da mesa de Caroline.

Ele falou com Caroline. Elena olhou, esquecendo-se até de brincar com a comida intocada no prato. Mas o que viu em seguida fez seu coração afundar. Caroline levantou a cabeça e respondeu a ele brevemente, depois se virou para sua refeição. E Tyler se colocou de pé, o rosto ficando vermelho enquanto fazia um gesto zangado. Ele só voltou a se sentar quando Stefan se afastou.

Stefan olhou para Elena ao sair, e por um momento seus olhos se encontraram numa comunhão muda.

Então não havia nada a ser feito. Mesmo que os Poderes dele tivessem voltado, Tyler ia mantê-lo longe de Caroline. O peso esmagador espremeu os pulmões de Elena de tal modo que ela mal conseguia respirar.

Depois disso ela simplesmente ficou sentada num torpor de infelicidade e desespero até que alguém a cutucou e disse que era hora de ir para o palco.

Ela ouviu quase com indiferença o discurso de boas-vindas do prefeito Dawley. Ele falou da "época penosa" que Fell's Church enfrentava recentemente, e sobre o espírito de comunidade que os sustentara nos últimos meses. Depois os prêmios foram distribuídos, por rendimento escolar, atletismo, serviços comunitários. Matt subiu ao palco para receber o prêmio de Atleta do Ano e Elena o viu olhar para ela com curiosidade.

Depois veio a peça. As crianças da pré-escola riam, tropeçavam e esqueciam suas falas enquanto retratavam cenas sobre a fundação de Fell's Church, passando pela Guerra Civil. Elena as olhou sem apreender nada. Mesmo depois da última noite, ela andava meio tonta e trêmula, e agora parecia estar pegando uma gripe. Seu cérebro, em geral tão cheio de esquemas e cálculos, estava vazio. Ela não conseguia pensar mais. Quase não se importava.

A peça terminou com flashes de câmeras estourando e aplausos tumultuados. Quando o último soldadinho confederado saiu do palco, o prefeito Dawley pediu silêncio.

— E agora — disse ele —, aos alunos que realizarão a cerimônia de encerramento. Por favor, mostrem sua apreciação pelo Espírito da Independência, pelo Espírito da Fidelidade e pelo Espírito de Fell's Church!

Os aplausos foram ainda mais estrondosos. Elena ficou ao lado de John Clifford, o veterano nerd que foi escolhido para representar o Espírito da Independência. Do outro lado de John estava Caroline. De um jeito distante e quase apático, Elena percebeu que Caroline estava magnífica: a cabeça jogada para trás, os olhos em brasa, o rosto corado.

John falou primeiro, ajeitando os óculos e o microfone antes de começar a ler o pesado livro marrom no atril. Oficialmente, os veteranos eram livres para escolher seus poemas; na prática, eles quase sempre liam as obras de M.C. Marsh, o único poeta gerado por Fell's Church.

Durante toda a leitura de John, Caroline o eclipsava no palco. Ela sorria para o público. Sacudia o cabelo; pesava o retículo pendurado na cintura. Seus dedos afagavam o saco de pano amorosamente e Elena se viu olhando para ele, hipnotizada, memorizando cada conta.

John fez uma mesura e reassumiu seu lugar ao lado de Elena. Caroline atirou os ombros para trás e andou feito uma modelo até o microfone.

Desta vez os aplausos se misturaram com assovios. Mas Caroline não sorria; assumira um ar de responsabilidade trágica. Com um *timing* extraordinário, esperou até que todos fizessem completo silêncio para falar.

— Hoje eu pretendia ler um poema de M.C. Marsh — disse ela e depois de notar uma paralisia generalizada —, mas não vou. Por que ler *isto* — ela ergueu o volume de poemas do século XIX — quando há uma coisa muito mais... relevante... num livro que encontrei por acaso?

Quer dizer que roubou por acaso, pensou Elena. Os olhos dela procuraram entre os rostos na multidão e localizou Stefan. Ele estava de pé perto dos fundos, com Bonnie e Meredith paradas ao lado dele como se o protegessem. Depois Elena percebeu outra coisa. Tyler estava com Dick e vários outros caras, parados poucos metros atrás de Stefan. Os rapazes eram mais velhos, não pareciam estudantes, pareciam durões e eram cinco.

Vá, pensou Elena, encontrando os olhos de Stefan de novo. Ela queria que ele entendesse o que dizia. Vá, Stefan; por favor, vá embora antes que aconteça. Vá *agora*.

Muito devagar, quase imperceptivelmente, Stefan sacudiu a cabeça.

Os dedos de Caroline se metiam pelo saco como se ela mal pudesse esperar.

— O que vou ler trata da Fell's Church de *hoje*, e não de 100 ou 200 anos atrás — dizia ela, aquecendo-se numa espécie de febre exultante. — É importante *agora*; porque trata de alguém que está morando na cidade conosco; na realidade, está bem aqui nesta sala.

Tyler deve ter escrito o discurso para ela, concluiu Elena. No mês passado, no ginásio, ele mostrou um dom para esse tipo de coisa. Ah, Stefan, ah, Stefan. Estou com medo... Seus pensamentos ficaram incoerentes enquanto Caroline colocava a mão na bolsa.

— Acho que vão entender o que quero dizer quando ouvirem isto — disse Caroline, e, com um movimento rápido, pegou o livro com capa de veludo no retículo e o ergueu teatralmente. — Acho que vai explicar muito do que tem acontecido em Fell's Church nos últimos tempos. — Respirando rápida e superficialmente, ela olhou da plateia enfeitiçada para o livro que tinha na mão.

Elena quase perdeu a consciência quando Caroline sacou o diário. Faíscas brilhantes percorriam a beira de sua visão. A vertigem aumentou, prestes a dominar Elena, quando ela percebeu uma coisa.

Deviam ser seus olhos. As luzes do palco e os flashes devem tê-los ofuscados. Ela certamente parecia prestes a desmaiar a qualquer minuto; não era nada surpreendente que não conseguisse enxergar direito.

A capa do caderno nas mãos de Caroline parecia *verde* e não azul.

Eu devo estar enlouquecendo... Ou isto é um sonho... Ou talvez seja um truque da luz. Mas olha a cara de Caroline!

Caroline, os lábios se mexendo, encarava o caderno com capa de veludo. Parecia ter se esquecido totalmente da plateia. Virava o diário sem parar nas mãos, olhando-o por todos os lados. Seus movimentos ficaram frenéticos.

Ela enfiou a mão no retículo como se de algum modo esperasse encontrar outra coisa ali. Depois lançou um olhar desvairado pelo palco, como se procurasse por algo que tivesse caído no chão.

O público murmurava, impaciente. O prefeito Dawley e o diretor da escola trocavam carrancas de lábios cerrados.

Sem encontrar nada no chão, Caroline encarava o caderninho de novo. Mas agora olhava para ele como se fosse um escorpião. Com um gesto repentino, ela o abriu e olhou seu conteúdo, como se fosse sua derradeira esperança de que a capa tivesse mudado e as palavras lá dentro fossem as de Elena.

Depois ela olhou lentamente do caderno para o refeitório lotado.

O silêncio caiu novamente e o instante se arrastou, enquanto cada olhar continuava fixo na menina de vestido verde-claro. Depois, com um som inarticulado, Caroline girou e disparou para fora do palco. Atirou o livro em Elena ao passar, com o rosto envolto numa máscara de raiva e ódio.

Gentilmente, com a sensação de que flutuava, Elena se abaixou para pegar o que Caroline usara para tentar golpeá-la.

O diário de Caroline.

Havia movimento atrás de Elena, pessoas correndo atrás de Caroline, e diante dela, enquanto o público explodia em comentários, discussões e conversas. Elena encontrou Stefan. Dava a impressão de que o júbilo se esgueirava por ele. Mas ele também parecia tão pasmo quanto Elena. Bonnie e Meredith estavam do mesmo jeito. Enquanto o olhar de Stefan cruzava com o dela, Elena sentiu uma onda de gratidão e alegria, mas sua emoção predominante era de espanto.

Era um milagre. Além de qualquer esperança, eles foram resgatados. Foram salvos.

E depois seus olhos encontraram outra cabeça escura entre a multidão.

Damon estava encostado... não, reclinado... na parede norte. Seus lábios se curvavam num meio-sorriso e o olhar ousado localizou Elena.

O prefeito Dawley estava atrás dela, instando-a a avançar, aquietando a multidão, tentando restaurar a ordem. Inútil. Elena leu a seleção numa voz

sonhadora a um grupo de pessoas que tagarelava e não prestava atenção alguma. Ela também não estava atenta; não fazia ideia do que as palavras diziam. Olhava para Damon com frequência.

Houve aplausos, esparsos e distraídos, quando ela terminou, e o prefeito anunciou o resto dos eventos da tarde. E depois tudo estava acabado, e Elena estava livre para ir.

Ela flutuou do palco sem ter consciência nenhuma de para *onde* ia, mas suas pernas a levaram à parede norte. A cabeça escura de Damon saiu pela porta lateral e ela a seguiu.

O ar no pátio estava deliciosamente frio depois da sala abarrotada e as nuvens no alto giravam prateadas. Damon esperava por ela.

Seus passos se reduziram, mas não cessaram. Ela andou até estar a mais ou menos meio metro dele, os olhos procurando seu rosto.

Houve um longo silêncio, depois ela falou.

— Por quê?

— Pensei que estivesse mais interessada no *como*. — Ele deu um tapinha significativo no casaco. — Recebi um convite para um café esta manhã depois de esbarrar num conhecido na semana passada.

— Mas *por quê*?

Ele deu de ombros, e por um instante algo parecido com consternação palpitou por suas feições finas. Pareceu a Elena que ele mesmo não sabia o motivo — ou não queria admitir.

— Para meus próprios fins — disse ele.

— Não penso assim. — Alguma coisa se formava entre eles, algo tão poderoso que assustava Elena com seu poder. — Não acho que este seja o motivo.

Houve um brilho perigoso naqueles olhos escuros.

— Não me pressione, Elena.

Ela se aproximou, quase tocando-o, e olhou para ele.

— Eu acho — disse ela — que talvez você precise ser pressionado.

O rosto dele estava a centímetros do dela e Elena jamais soube o que poderia ter acontecido se naquele momento uma voz não se intrometesse

entre os dois.

— Você *conseguiu* vir, afinal! Estou tão feliz!

Era tia Judith. Elena sentia como se estivesse sendo arrebatada de um mundo a outro. Ela piscou, tonta, recuando, soltando o ar quando percebeu que o prendia.

— E então você veio ouvir Elena ler — continuou tia Judith alegremente. — Fez um belo trabalho, Elena, mas não sei o que houve com Caroline. As meninas nessa cidade parecem enfeitiçadas ultimamente.

— São os nervos — sugeriu Damon, a expressão cuidadosamente solene. Elena sentiu o impulso de rir e depois uma onda de irritação. Estava tudo muito bem ficar agradecida a Damon por salvá-los, mas, se não fosse por Damon, não haveria problema algum, antes de tudo. Damon cometera os crimes que Caroline queria impingir a Stefan.

— E onde *está* Stefan? — disse ela, verbalizando seu pensamento seguinte em voz alta. Ela podia ver Bonnie e Meredith sozinhas no pátio.

O rosto de tia Judith explicitava reprovação.

— Nem o vi — disse ela asperamente. Depois sorriu com ternura. — Mas tenho uma ideia; por que não vem jantar conosco, Damon? Depois talvez você e Elena possam...

— Pare com isso! — disse Elena a Damon. Ele olhou educadamente inquisitivo.

— O quê? — disse tia Judith.

— Pare! — disse Elena a Damon de novo. — Sabe bem o quê. Simplesmente pare agora!

15

— Elena, você está sendo grosseira! — Tia Judith quase nunca se irritava, mas agora estava zangada. — E já está velha demais para esse tipo de comportamento.

— Não é grosseria! A senhora não entende...

— Entendo perfeitamente. Está agindo como fez quando Damon foi jantar em nossa casa. Não acha que um convidado merece um pouco mais de consideração?

A frustração inundou Elena.

— A senhora nem sabe do que está falando — disse ela. Assim era demais. Ouvir as palavras de Damon saindo da boca de tia Judith... Era insuportável.

— Elena! — Um rubor mosqueado subia pelo rosto de tia Judith.

— Estou *chocada* com você! E *tenho* que dizer que está com este comportamento infantil justamente desde que começou a sair com aquele rapaz.

— Ah, "aquele rapaz". — Elena fuzilou Damon com os olhos.

— Sim, aquele rapaz! — respondeu tia Judith. — Desde que perdeu a cabeça por ele, você tem sido uma pessoa diferente. Irresponsável, cheia de segredos... e rebelde! Ele tem sido uma má influência desde o começo, e não vou mais tolerar isso.

— Ah, é mesmo? — Elena sentia que estava falando com Damon e tia Judith ao mesmo tempo, e olhava de um para outro. Todas as emoções que andou reprimindo nos últimos dias — nas últimas semanas, nos meses desde que Stefan entrou em sua vida — agora explodiam. Era como uma grande onda se assomando dentro dela, sobre a qual ela não tinha controle.

Ela percebeu que tremia.

— Bom, isso é péssimo, porque a senhora vai ter que tolerar. Nunca vou desistir de Stefan, por ninguém. Certamente não por *você*! — Esta última foi dirigida a Damon, mas tia Judith arfou.

— Basta! — disse Robert. Ele apareceu com Margaret e seu semblante era sombrio. — Mocinha, se é assim que aquele rapaz a encoraja a falar com sua tia...

— Ele não é "aquele rapaz"! — Elena recuou outro passo, de modo a ficar de frente para os dois. Estava dando um show, todos no pátio olhavam. Mas ela não se importava. Manteve uma tampa sobre seus sentimentos por tanto tempo, reprimindo toda a ansiedade, o medo e a raiva onde não podiam ser vistos. Toda a preocupação com Stefan, todo o terror com Damon, toda a vergonha e a humilhação que sofreu na escola, ela enterrara fundo. Mas agora tudo vinha à tona. Tudo isso, de uma vez só, num turbilhão de violência inacreditável. Seu coração batia descontroladamente; os ouvidos tiniam. Ela sentia que nada mais importava, a não ser magoar as pessoas que estavam diante dela, para mostrar a todos.

— Ele não é "aquele rapaz" — disse ela de novo, a voz mortalmente fria. — O nome deles é Stefan, e é só com ele que me importo. E por acaso estou noiva dele.

— Ah, não seja ridícula! — trovejou Robert. Foi a gota d'água.

— Isto é ridículo? — Ela ergueu a mão, mostrando-lhes o anel. — Nós vamos nos casar!

— Você *não* vai se casar — começou Robert. Todos estavam furiosos. Damon pegou a mão dela e olhou o anel, depois se virou abruptamente e partiu, cada passo cheio da selvageria mal reprimida. Robert cuspia de exasperação. Tia Judith fumegava.

— Elena, eu a proíbo terminantemente de...

— *Você não é a minha mãe!* — gritou Elena. Lágrimas tentavam forçar caminho por seus olhos. Ela precisava se afastar, ficar sozinha, estar com alguém que a amasse. — Se Stefan perguntar, diga a ele que estarei no pensionato! — acrescentou, e partiu por entre a multidão.

Ela esperava, pelo menos um pouco, que Bonnie ou Meredith a seguissem, mas ficou feliz por não fazerem isso. O estacionamento estava lotado de carros, mas quase não havia ninguém. A maioria das famílias ficou para as atividades da tarde. Mas um Ford sedan amassado estava estacionado perto dela e uma figura conhecida abria a porta.

— Matt! Está indo embora? — Ela tomou a decisão de imediato. Estava frio demais para ir a pé até o pensionato.

— Hein? Não, tenho que ajudar o treinador Lyman a tirar as mesas. Só estava guardando isto. — Ele atirou a placa de Atleta do Ano no banco de frente. — Ei, você está bem? — Seus olhos se arregalaram ao ver o rosto de Elena.

— Sim... Não. Vou ficar assim que sair daqui. Olha, posso levar seu carro? Só por um tempinho?

— Bom... Claro, mas... Já sei, por que não me deixa levar você? Vou falar com o treinador Lyman.

— Não! Eu quero ficar sozinha... Ah, por favor, não faça nenhuma pergunta. — Ela quase arrancou a chave da mão dele. — Vou trazer de volta logo, eu prometo. Ou Stefan trará. Se vir Stefan, diga a ele que estou no pensionato. E obrigada. — Ela bateu a porta sob os protestos de Matt e ligou o carro, arrancou, arranhando a marcha porque não estava acostumada a um câmbio duro. Ela o deixou parado ali, de pé observando o carro partir.

Elena dirigiu sem ver nem ouvir o que se passava do lado de fora, chorando, presa em seu turbilhão de emoções. Ela e Stefan iam fugir... Iam escapar... Iam mostrar a todo mundo. Ela nunca mais colocaria os pés em Fell's Church.

E depois tia Judith ia lamentar. Depois Robert ia ver como estava errado. Mas Elena nunca os perdoaria. Nunca.

Quanto à própria Elena, ela não precisava de ninguém. Certamente não precisava da velha e idiota Robert E. Lee, onde você pode passar de megapopular a uma pária social em um dia só por se apaixonar pela pessoa errada. Não precisava de família nenhuma, nem de amigos, nem...

Reduzindo para atravessar a entrada sinuosa do pensionato, Elena sentiu os pensamentos diminuírem de velocidade também.

Bom... Ela não estava chateada com os amigos. Bonnie e Meredith não fizeram nada. Nem Matt. Estava tudo bem com Matt. Na realidade, ela podia não precisar dele, mas seu carro veio muito a calhar.

A contragosto, Elena sentiu uma risada estrangulada subir na garganta. Coitado do Matt. As pessoas sempre pegavam emprestado o dinossauro barulhento do carro dele. Ele devia pensar que ela e Stefan perderam o juízo.

O riso deu lugar a algumas lágrimas e ela ficou sentada, e as enxugou, sacudindo a cabeça. Ah, meu Deus, como as coisas deram essa guinada? Que dia. Ela devia ter uma comemoração vitoriosa porque derrotara Caroline, mas em vez disso estava chorando sozinha no carro de Matt.

Mas Caroline foi *mesmo* muito engraçada. O corpo de Elena se sacudiu gentilmente com a risada descontrolada. Ah, a cara dela. Tomara que alguém tenha filmado isso.

Por fim, o choro e o riso se abateram e Elena sentiu uma onda de cansaço. Encostou-se no volante, tentando não pensar em mais nada por um tempo, depois saiu do carro.

Ia sair e esperar por Stefan, depois os dois iam voltar e lidar com a bagunça que ela arrumou. Seria preciso uma faxina e tanto, pensou ela, esgotada. Coitada de tia Judith. Elena havia gritado com ela na frente de metade da cidade.

Por que ela havia se deixado ficar tão perturbada? Mas suas emoções ainda estavam à flor da pele, quando descobriu que a porta do pensionato estava trancada e ninguém atendeu à campainha.

Ah, que maravilha, pensou ela, os olhos ardendo de novo. A Sra. Flowers também devia ter ido à comemoração do Dia dos Fundadores. E agora Elena tinha a opção de ficar sentada no carro ou de pé aqui, nessa ventania...

Foi a primeira vez que ela percebera o clima, mas neste momento ela olhou em volta, alarmada. O dia começara nublado e frio, mas agora havia uma neblina flutuando pelo chão, como se saísse dos campos que a

cercavam. As nuvens não estavam só girando, estavam fervendo. E o vento ficava mais forte.

Gemia pelos galhos de carvalho, arrancando as folhas restantes e provocando uma chuva delas. O som agora aumentava constantemente, não era só um gemido, mas um uivo.

E havia mais alguma coisa. Algo que vinha não só do vento, mas do próprio ar, ou do espaço em torno do ar. Uma pressão, de ameaça, de uma força inimaginável. Ganhava poder, aproximava-se, fechava-se sobre ela.

Elena girou para olhar os carvalhos.

Havia um grupo deles atrás da casa e mais além, mesclando-se com a floresta. E depois disso havia o rio e o cemitério.

Alguma coisa... estava lá fora. Algo... muito ruim...

— Não — sussurrou Elena. Ela não conseguia ver, mas podia sentir, como uma grande forma erigindo-se para se postar sobre ela, bloqueando o céu. Ela *sentiu* a maldade, o ódio, a fúria animal.

Sede de sangue. Stefan tinha usado a palavra, mas ela não a compreendera. Agora sentia essa sede de sangue... concentrada nela.

— Não!

Cada vez mais alta, assomava sobre ela. Elena ainda não podia ver nada, mas era como se grandes asas se desdobrassem, estendendo-se, tocando o horizonte dos dois lados. Algo com um Poder além da compreensão... E queria matar...

— *Não!* — Ela correu para o carro assim que a coisa se abaixou e mergulhou em sua direção. Suas mãos se atrapalharam freneticamente com a maçaneta e as chaves. O vento gritava, guinchava, vergastava seu cabelo. Um gelo saibroso borrifou seus olhos, cegando-a, mas a chave virou e ela abriu a porta num rompante.

Segura! Ela fechou a porta e bateu o punho na tranca. Depois voou para a outra porta para verificar as trancas do outro lado.

O vento rugia com mil vozes. O carro começou a se sacudir.

— Pare! Damon, pare! — Seu grito fino se perdeu na cacofonia. Ela pôs as mãos no painel, como que para equilibrar o carro, e ele balançou ainda

mais, o gelo o golpeava.

E então Elena viu uma coisa. O vidro traseiro do carro estava embaçado, mas ela pôde discernir a forma através dele. Parecia uma grande ave feita de névoa ou neve, mas a silhueta era nebulosa. Só do que tinha certeza era que batia asas imensas... e vinha na sua direção.

Coloque a chave na ignição. Coloque! Agora! Sua mente cuspia ordens. O Ford antigo ofegou e os pneus cantaram mais alto do que o vento quando ela arrancou. E a forma atrás dela a seguiu, ficando cada vez maior no retrovisor.

Vá para a cidade, vá para Stefan! Ande! Vá! Mas quando ela entrou guinchando na Old Creek Road, pegando à esquerda, as rodas travaram, um raio cortou o céu.

Se ela já não estivesse derrapando e freando, a árvore a teria esmagado. Ainda assim, o impacto violento sacudiu o carro como um terremoto, errando o para-lama dianteiro direito por centímetros. A árvore era uma massa de galhos que se erguia e se atirava, o tronco bloqueando o caminho de volta à cidade.

Ela estava presa. Seu único caminho para casa foi interrompido. Estava sozinha, não tinha como escapar desse poder terrível...

Poder. Era isso; essa era a chave. "Quanto mais fortes são seus Poderes, mais as regras das trevas o cegam."

Água corrente!

Dando a ré no carro, ela manobrou e avançou para a frente. A forma branca se inclinou lateralmente e mergulhou, errando o carro por pouco como fez a árvore, e depois ela estava acelerando pela Old Creek Road na pior tempestade do mundo.

Aquilo ainda estava atrás dela. Só uma ideia martelava o cérebro de Elena. Ela precisava atravessar água corrente, deixar essa coisa para trás.

Houve mais estalos de raio e ela vislumbrou outras árvores caindo, mas Elena costurou entre elas. Não podia estar longe. Ela podia ver o rio cintilando à esquerda pela nevasca. Depois viu a ponte.

Lá estava; ela conseguiu! Uma lufada atirou granizo no para-brisa, mas nos próximos golpes do limpador ela a viu fugazmente de novo. Lá estava, a entrada devia estar *aqui*.

O carro se lançou e derrapou numa estrutura de madeira. Elena sentiu as rodas pegarem as pranchas escorregadias e as sentiu travar. Desesperadamente, ela tentou evitar a derrapagem, mas não conseguia enxergar e não havia espaço...

Depois de bater na grade, a madeira podre da passarela cedeu sob o peso que não podia mais suportar. Houve uma sensação nauseante de rodopio, de queda, e o carro caiu na água.

Elena ouviu gritos, mas não pareciam estar relacionados com ela. O rio cresceu em volta dela e tudo era barulho, confusão e dor. Uma janela se espatifou ao ser golpeada por escombros, depois outra. A água escura jorrava em volta dela, junto com vidro que parecia gelo. Ela foi engolfada. Não conseguia enxergar; não conseguia sair.

E não conseguia respirar. Estava perdida neste tumulto infernal e não havia ar. *Ela precisava respirar*. Tinha de sair dali...

— Stefan, me ajude! — gritou ela.

Mas o grito não produziu som algum. Em vez disso, a água gelada correu para seus pulmões, invadindo-a. Ela se debateu contra ela, mas era forte demais. Sua luta tornou-se mais branda, mais descoordenada, depois parou.

E então tudo se aquietou.

* * *

Bonnie e Meredith estavam procurando com impaciência pelo perímetro da escola. Elas viram Stefan ir por ali, mais ou menos coagido por Tyler e seus novos amigos. Elas partiram atrás dele, mas depois começou aquela história com Elena. E em seguida Matt avisou que Elena tinha ido embora. Então elas partiram atrás de Stefan de novo, mas ninguém estava

ali. Não havia quase nenhuma construção, a não ser o solitário barracão de aço.

— E agora está vindo uma tempestade! — disse Meredith. — Está ouvindo o vento? Acho que vai chover.

— Ou nevar! — Bonnie tremeu. — Mas onde é que eles *foram*?

— Não ligo; só quero ficar debaixo de um telhado. Lá vem ela! — Meredith arfou quando o primeiro manto de chuva gelada a atingiu, e ela e Bonnie correram para o abrigo mais próximo: o barracão.

E foi ali que encontraram Stefan. A porta estava escancarada, e Bonnie recuou ao ver.

— O bando de capangas de Tyler! — sibilou ela. — Cuidado!

Stefan estava num semicírculo de rapazes, entre ele e a porta. Caroline estava no canto.

— Deve estar com ele! Ele, de alguma maneira, conseguiu pegá-lo; eu sei que pegou! — dizia ela.

— Pegou o quê? — disse Meredith em voz alta. Todos se viraram para ela.

O rosto de Caroline se contorceu ao vê-las na porta e Tyler vociferou.

— Saiam — disse ele. — Vocês não querem se envolver nisso.

Meredith o ignorou.

— Stefan, posso falar com você?

— Daqui a pouco. Vai responder à pergunta dela? Pegou o quê? — Stefan estava concentrado em Tyler, totalmente focalizado.

— Claro, vou responder à pergunta dela. Logo depois de responder às suas. — A mão carnuda de Tyler bateu no punho e ele avançou. — Você vai virar ração de cachorro, Salvatore.

Vários dos durões deram uma risadinha.

Bonnie abriu a boca para falar, "Vamos *dar o fora* daqui". Mas o que realmente disse foi:

— A ponte.

Foi estranho o bastante para todos olharem para ela.

— O quê? — disse Stefan.

— A ponte — disse Bonnie de novo, sem pretender. Seus olhos estavam esbugalhados, alarmados. Ela podia ouvir a voz vindo de sua garganta, mas não tinha controle sobre ela. E depois ela sentiu os olhos se arregalarem mais, a boca se abrir e ela recuperou a própria voz. — A ponte, ah, meu Deus, a ponte! É lá que Elena está! Stefan, temos que salvá-la... Ah, rápido!

— Bonnie, tem certeza?

— Tenho, ai, meu Deus... Ela foi para lá. Ela está se afogando! *Rápido!* — Ondas de uma escuridão densa tomavam Bonnie. Mas ela não podia desmaiar agora; tinham de alcançar Elena.

Stefan e Meredith hesitaram um minuto, depois Stefan passou pelos capangas, empurrando-os de lado como se fossem lenços de papel. Eles dispararam pelo campo até o estacionamento, arrastando Bonnie. Tyler partiu atrás deles, mas parou quando o vento o arrebatou com toda força.

— Por que ela saiu nessa tempestade? — gritou Stefan enquanto eles corriam para o carro de Meredith.

— Ela estava aborrecida; Matt disse que ela pegou o carro dele — Meredith respondeu arfando no relativo silêncio do interior do carro. Ela arrancou rápido e entrou no vento, acelerando perigosamente. — Disse que ia para o pensionato.

— Não, ela está na ponte! Meredith, mais rápido! Ah, meu Deus, vamos chegar tarde demais! — Lágrimas corriam pela face de Bonnie.

Meredith voava. O carro balançava, esbofeteado pelo vento e pelo granizo. Por toda aquela viagem de pesadelo, Bonnie chorava de soluçar, os dedos agarrados no assento da frente.

O alerta áspero de Stefan impediu que Meredith batesse numa árvore. Eles saíram do carro e de imediato foram vergastados e castigados pelo vento.

— É grande demais para ser retirada daí! Vamos ter que ir a pé — gritou Stefan.

É claro que era grande demais para ser retirada, pensou Bonnie, já subindo pelos galhos. Era um velho carvalho. Mas depois, que estava do

outro lado, a ventania gelada afastou todos os seus pensamentos a chicotadas.

Minutos depois ela estava entorpecida e a estrada parecia continuar por horas. Eles tentaram correr, mas o vento os empurrava para trás. Eles mal conseguiam enxergar; se não fosse por Stefan, não teriam chegado à margem do rio. Bonnie começou a vacilar como bêbada. Estava prestes a cair no chão quando ouviu Stefan gritando à frente.

O braço de Meredith estava em volta de sua cintura e eles partiram novamente numa correria vacilante. Mas à medida que se aproximavam da ponte, o que viram os fez parar de repente.

— Ah, meu Deus... Elena! — gritou Bonnie. A ponte Wickery era uma massa de destroços. A grade de um lado tinha desaparecido e as pranchas cederam como se um punho gigantesco as tivesse esmagado. Embaixo, a água escura se agitava sobre uma pilha nauseante de escombros. Parte dos escombros, inteiramente submerso a não ser pelos faróis, era o carro de Matt.

Meredith gritava também, mas para Stefan.

— Não! Não pode descer lá!

Ele nem olhou para trás. Mergulhou da margem e a água se fechou sobre sua cabeça.

Mais tarde, a lembrança de Bonnie da hora seguinte seria misericordiosamente sombria. Ela se lembrava de esperar por Stefan enquanto a tempestade atormentava interminavelmente. Lembrava-se de que ela quase não se importava mais quando uma figura recurvada saiu da água. Lembrava-se de não sentir decepção, só uma tristeza imensa e escancarada, ao ver a coisa flácida que Stefan depositava na estrada.

E ela se lembrava do rosto de Stefan.

Lembrava-se de como ele estava enquanto eles tentavam fazer algo por Elena. Só que não era realmente Elena deitada ali, era uma boneca de cera com as feições de Elena. Não era nada que um dia fosse vivo e certamente não estava vivo agora. Bonnie pensou que parecia tolice continuar

empurrando e espicaçando daquele jeito, tentando tirar a água de seus pulmões e assim por diante. Bonecas de cera não respiram.

Ela se lembrava da expressão de Stefan quando ele finalmente desistiu. Quando Meredith lutou e gritou com ele, dizendo algo sobre mais de uma hora sem ar e danos cerebrais. As palavras entraram na mente de Bonnie, mas seu significado, não. Enquanto Meredith e Stefan gritavam um com o outro, ela só pensava que os dois estavam aos berros.

Stefan parou de gritar depois disso. Ficou apenas sentado ali, segurando a boneca de Elena. Meredith gritou mais um pouco, mas ele não a ouvia. Só ficou sentado. E Bonnie nunca se esqueceria da expressão dele.

Depois algo alertou Bonnie, trazendo-a de volta à vida, despertando-a de seu terror. Ela se agarrou a Meredith e encarou a origem daquilo. Algo ruim... Algo terrível estava vindo. Estava quase ali.

Stefan também pareceu sentir. Estava alerta, rígido, como um lobo farejando um rastro.

— O que é? — gritou Meredith. — Qual é o problema de vocês?

— Vocês têm que ir embora! — Stefan se levantou, ainda segurando a forma flácida nos braços. — Saiam daqui!

— Como assim? Não podemos deixar você...

— Sim, podem! Saiam daqui! Bonnie, tire-a daqui!

Ninguém jamais havia dito a Bonnie para cuidar de alguém. As pessoas sempre estavam cuidando *dela*. Mas agora ela pegou o braço de Meredith e começou a puxar. Stefan tinha razão. Não havia nada que elas pudessem fazer por Elena e, se ficassem ali, o que quer que a tenha apanhado as pegaria também.

— Stefan! — gritou Meredith enquanto era arrastada sem explicações.

— Vou colocá-la debaixo das árvores. Dos salgueiros, não dos carvalhos — gritou ele para as duas.

Por que ele dizia isso agora?, perguntou-se Bonnie em uma parte profunda de sua mente que não estava tomada pelo medo e pela tempestade.

A resposta era simples e sua mente de imediato a ofereceu. Porque ele não ia ficar ali para contar a elas mais tarde.

16

Tempos atrás, nas ruas escuras secundárias de Florença, faminto, assustado e exausto, Stefan fez um juramento a si mesmo. Vários juramentos, na verdade, sobre usar os Poderes que sentia dentro de si e sobre como tratar as criaturas fracas, canhestras mas ainda humanas, que o cercavam.

Agora ele ia ter de quebrar todos.

Ele beijou a testa fria de Elena e a deitou sob um salgueiro. Voltaria ali, se pudesse, para se unir a ela, depois.

Ao pensar nisso, a onda de Poder passou por Bonnie e Meredith e o seguiu, mas tinha recuado de novo e agora se afastava, esperando.

Ele não ia esperar por muito tempo.

Desembaraçado do fardo do corpo de Elena, Stefan partiu num galope predatório pela estrada vazia. O granizo e o vento gelado não o incomodavam muito. Seus sentidos de caçador o penetravam.

Ele os voltou para a tarefa de localizar a presa que queria. Sem pensar em Elena. Mais tarde, quando isto estivesse terminado.

Tyler e os amigos ainda estavam no barracão. Ótimo. Jamais saberiam o que era quando as janelas explodiram em cacos de vidro voadores e a tempestade soprou para dentro.

Stefan pretendia matar quando pegou Tyler pelo pescoço e cravou as presas nele. Essa era uma das regras, não matar, e ele queria quebrá-la.

Mas outro dos durões veio a Stefan antes que ele tivesse drenado todo o sangue de Tyler. O sujeito não tentava proteger o líder caído, só escapar. Foi falta de sorte dele e Stefan atravessar sua rota de fuga. Stefan o derrubou no chão e perfurou a nova veia com ansiedade.

O gosto acobreado e quente o reanimou, aquecendo-o, fluiu por ele como fogo. Fomentando o desejo de mais.

Poder. Vida. Eles a tinham; Stefan precisava dela. Com o ímpeto glorioso de força que veio com o que ele já havia bebido, ele os atordoou facilmente, depois passou de um para outro, bebendo profundamente e atirando-os de lado. Era como abrir latas de cerveja.

Ele estava no último quando viu Caroline encolhida num canto.

A boca de Stefan gotejava enquanto ele erguia a cabeça para olhá-la. Aqueles olhos verdes, em geral tão estreitos, apareciam brancos em volta como os de um cavalo apavorado. Seus lábios eram borrões pálidos tagarelando súplicas mudas.

Ele a colocou de pé, puxando-a pela faixa verde da cintura. Ela gemia, os olhos rolando para cima nas órbitas. Ele entrelaçou a mão no cabelo ruivo para posicionar o pescoço exposto onde queria. A cabeça dele recuou para atacar — e Caroline gritou e ficou flácida.

Ele a largou. Já tivera o suficiente. Ia explodir de sangue, como um carrapato que se alimentou demais. Nunca se sentiu tão forte, tão carregado do poder elementar.

Agora era a vez de Damon.

Ele saiu do barracão da mesma maneira que entrou. Mas não na forma humana. Um falcão voou pela janela e girou para o céu.

A forma nova era maravilhosa. Forte... e cruel. E sua visão era aguçada. Ele chegou onde queria, deslizando sobre os carvalhos do bosque. Procurava por uma determinada clareira.

Encontrou-a. O vento o vergastou, mas ele desceu em espiral, com um grito agudo de desafio. Damon, na forma humana abaixo, lançou as mãos para cima a fim de proteger o rosto enquanto o falcão mergulhava em sua direção.

Stefan rasgou tiras de sangue de seus braços e ouviu o grito de dor e raiva de Damon.

Não sou mais seu irmão mais novo e fraco. Ele mandou o pensamento para Damon numa rajada atordoante de Poder. *E desta vez vim buscar o seu sangue.*

Ele sentiu o ódio que Damon repercutiu, mas a voz em sua mente era cínica. *Então é assim que me agradece por salvar você e sua noiva?*

As asas de Stefan se dobraram e ele mergulhou de novo, todo seu mundo estreitado a um objetivo. Matar. Ele partiu para os olhos de Damon, e o galho que Damon pegou assoviou por seu novo corpo. Suas garras rasgaram o rosto de Damon e o sangue escorreu. Ótimo.

Não devia ter me deixado vivo, disse ele a Damon. *Devia ter matado a nós dois de uma vez.*

Ficarei feliz em corrigir esse erro! Antes Damon estivera despreparado, mas agora Stefan podia sentir seu Poder tomando fôlego, armando-se, preparando-se. *Mas primeiro poderia me contar quem eu devo ter matado desta vez.*

O cérebro do falcão não pôde lidar com o turbilhão de emoções suscitado pela pergunta debochada. Gritando sem palavras, ele mergulhou em Damon de novo, mas desta vez o golpe do galho pesado foi certeiro. Ferido, com uma asa pendendo, o falcão caiu atrás das costas de Damon.

Stefan mudou para a forma humana, mal sentindo a dor do braço quebrado. Antes que Damon pudesse se virar, ele o pegou, os dedos de sua mão boa cravando no pescoço do irmão e girando seu corpo.

Quando falou, ele foi quase gentil.

— Elena — disse ele, sussurrando, e partiu para o pescoço de Damon.

Estava escuro, muito frio, e alguém estava ferido. Alguém precisava de ajuda.

Mas ela estava terrivelmente cansada.

As pálpebras de Elena palpitaram e se abriram e isso cuidou da escuridão. Quanto ao frio... Ela estava inteiramente fria, congelando, gelada até a medula. E não era de se admirar; havia gelo em volta dela.

Em algum lugar, no fundo, ela sabia que era mais do que isso.

O que aconteceu? Ela estava em casa, dormindo — não, hoje era o Dia dos Fundadores. Ela estava no refeitório, no palco.

Alguém estava com uma expressão engraçada.

Era demais, não podia lidar com isso; não conseguia pensar. Faces sem corpo flutuavam diante de seus olhos, fragmentos de frases soavam em seus ouvidos. Ela estava muito confusa.

E tão cansada.

Então é melhor voltar a dormir. O gelo não era assim tão ruim. Ela começou a se deitar, depois os gritos voltaram novamente.

Ela os ouviu, não com os ouvidos, mas com a mente. Gritos de raiva e de dor. Alguém estava muito infeliz.

Ela ficou sentada, imóvel, tentando entender tudo.

Houve um tremor de movimento na beira de sua visão. Um esquilo. Ela podia sentir o cheiro dele, o que era estranho, porque ela nunca sentira o cheiro de um esquilo na vida. Ele a olhou com os olhos pretos e brilhantes e subiu no salgueiro. Elena só percebeu que tentou agarrá-lo quando sua mão ficou vazia, com as unhas cravando-se no tronco.

Ora essa, isso era ridículo. Para que *diabos* ela queria um esquilo? Ela ficou confusa por um minuto, depois se deitou, exaurida.

Os gritos ainda continuavam.

Ela tentou tapar os ouvidos, mas isso não os bloqueou. Alguém estava ferido, infeliz e lutava. Era isso. Havia uma luta.

Muito bem. Ela entendeu. Agora podia dormir.

Mas não conseguia. Os gritos chamavam por ela, atraíam-na para eles. Ela sentiu a necessidade irresistível de segui-los até sua origem.

E *depois* ela ia poder dormir. Depois que visse... Ele. Ele que a entendia e que a amava. Ele, que queria ficar com ela para sempre.

O rosto dele apareceu nas névoas de sua mente. Ela o olhou com amor. Muito bem, então. Por *ele* ela se levantaria e andaria por esse granizo ridículo até encontrar a clareira certa. Até se unir a ele. Depois eles ficariam juntos.

Só de pensar nele, ela pareceu se aquecer. Havia um fogo dentro dele que poucas pessoas podiam ver. Mas ela via. Era como o fogo que havia dentro dela.

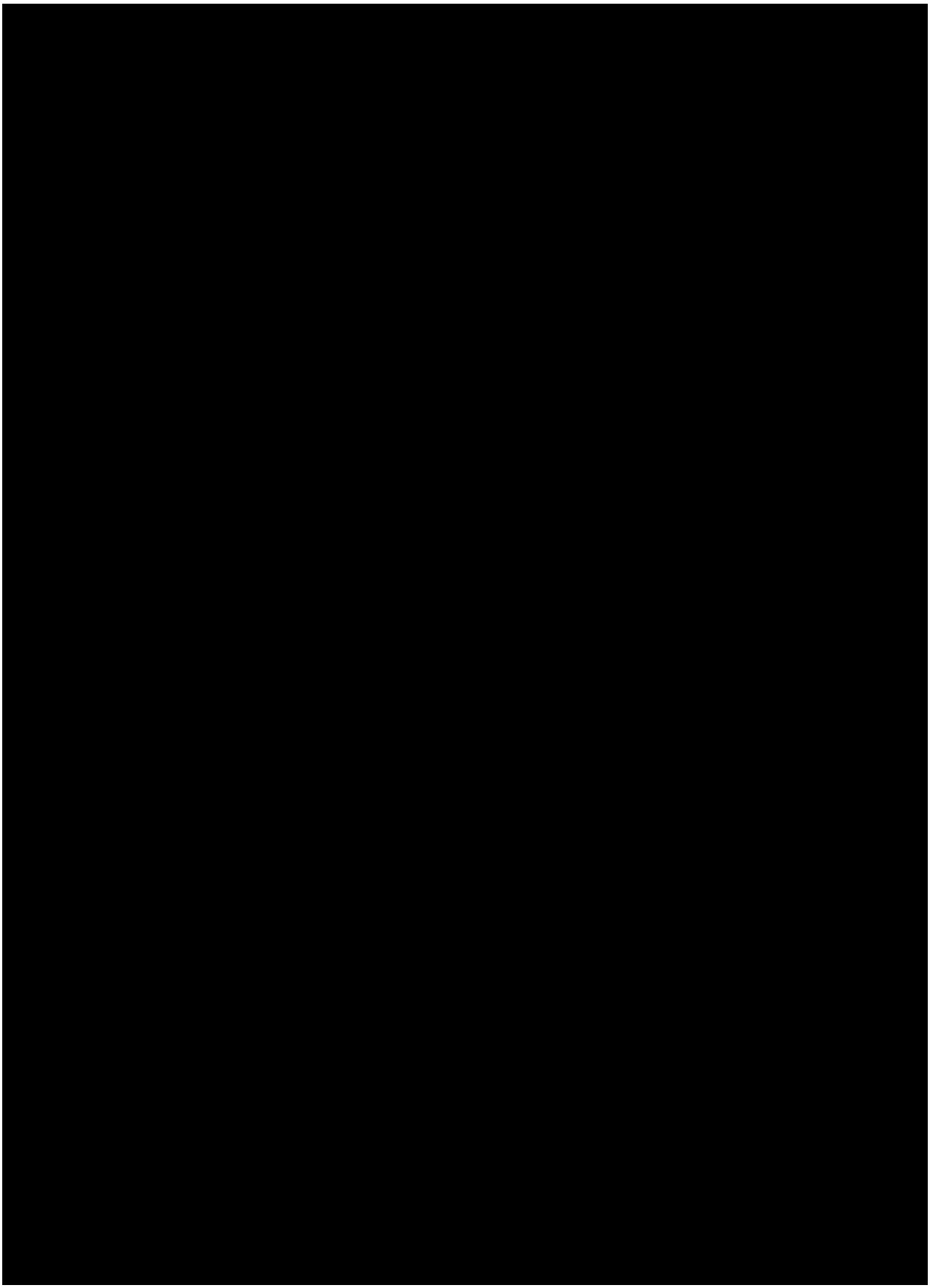
No momento, ele parecia ter algum problema. Pelo menos, havia muitos gritos. Agora ela estava perto o bastante para ouvi-los com os ouvidos e com a mente.

Ali, depois daquele carvalho antigo. Era dali que vinha o barulho. *Ele* estava ali, com os olhos escuros e insondáveis, e seu sorriso secreto. E ele precisava da ajuda dela. Ela o ajudaria.

Sacudindo cristais de gelo do cabelo, Elena entrou na clareira do bosque.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.


DIÁRIOS DO
VAMPIRO
A FÚRIA
L.J. SMITH



Obras da autora publicadas pela Galera Record

***Série* Diários do Vampiro**

O despertar
O confronto
A fúria
Reunião Sombria
O Retorno — Anoitecer
O Retorno — Almas sombrias
O Retorno — Meia-noite
Caçadores — Espectro
Caçadores — Canção da lua
Caçadores — Destino

***Série* Diários de Stefan**

Origens
Sede de sangue
Desejo
Estripador
Asilo

***Série* Os Originais**

Ascensão
A perda

***Série* Círculo Secreto**

A iniciação
A prisioneira
O poder
A ruptura
A caçada
A tentação

Série Mundo das sombras

Vampiro secreto

Filhas da escuridão

Submissão mortal

L.J.SMITH

DIÁRIOS DO VAMPIRO

A FÚRIA

1ª edição

Tradução | Ryta Vinagre

Galera

2023

DIAGRAMAÇÃO DA VERSÃO IMPRESSA
Abreu's System

IMAGEM DE CAPA
Jose AS Reyes / Shutterstock

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S647d

Smith, L. J.

Diários do vampiro: a fúria [recurso eletrônico] / L. J. Smith; tradução Ryta Vinagre. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2023.

recurso digital (Diários do vampiro; 3)

Tradução de: The fury
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5981-340-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Vinagre, Ryta. II. Título. III. Série.

23-84595

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Gabriela Faray Ferreira Lopes – Bibliotecária – CRB-7/6643

Copyright © 1991 by Daniel Weiss Associates, Inc. and Lisa Smith

Publicado mediante acordo com a Rights People, London.

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.
Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado pelo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA GALERA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 120 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil



ISBN 978-65-5981-340-7

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

A minha tia Margie, e em memória de minha tia Agnes e a tia Eleanore, pelo estímulo à criatividade

Sumário

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

1

Elena entrou na clareira.

Sob os pés, farrapos de folhas de outono congelavam na lama. O anoitecer havia caído e o bosque ficava mais frio, embora a tempestade agora esmorecesse. Elena não sentia o frio.

Tampouco ligava para a escuridão que a cercava. Com as pupilas completamente dilatadas, Elena captava quaisquer mínimas partículas de luz que teriam sido invisíveis a um humano. Ela conseguia enxergar com muita clareza duas figuras lutando sob o grande carvalho.

Uma tinha cabelos escuros e grossos que o vento agitava num mar tumultuado de cachos. Era um pouco mais alta do que a outra, e Elena de algum modo sabia que tinha olhos verdes, embora não pudesse enxergar o rosto.

A outra figura também tinha cabelos pretos, mas eram finos e lisos, quase como o pelo de um animal. Os lábios se repuxavam nos dentes em fúria, com todo o charme indolente de seu corpo agachado numa postura de pantera. Os olhos eram escuros como a noite.

Elena os observou por vários minutos sem se mover. Ela se esquecera por que tinha ido ali, por que havia sido atraída pelos ecos dessa batalha, que ecoavam em sua mente. Esta proximidade, o clamor da raiva, do ódio e da dor dos dois era quase ensurdecedor, como gritos silenciosos vindo dos lutadores. Eles travavam um combate mortal.

Qual deles vencerá?, pensou ela. Os dois estavam feridos e sangravam, e o mais alto tinha o braço esquerdo pendendo num ângulo pouco natural. Ainda assim, ele acabara de golpear o outro contra o tronco nodoso de um carvalho. A fúria dele era tanta que Elena podia senti-la e saboreá-la, assim

como também ouvi-la, e sabia que isso conferia a ela uma força inacreditável.

E então Elena se lembrou do motivo para ter vindo. Como poderia ter se esquecido? *Ele* estava ferido. A mente *dele* a convocara até aqui, espancara-a com ondas de raiva e dor. Ela veio ajudá-lo, porque ela pertencia a ele.

As duas figuras agora estavam no chão gelado, lutando como lobos, rosnando. Rápida e silenciosamente Elena foi até eles. Aquele com o cabelo ondulado e olhos verdes — *Stefan*, uma voz em sua mente sussurrou — estava por cima, os dedos arranhando o pescoço do outro. A raiva tomou conta de Elena, raiva e um instinto protetor. Ela estendeu o braço entre os dois para impedir aquela mão que sufocava, para erguer seus dedos.

Não ocorreu que ela devia ser forte o bastante para fazer isso. Ela se sentia muito forte, e isso bastava. Ela lançou o peso do corpo para o lado, arrancando seu cativo do adversário que o feria. Providencialmente, jogou-se com força sobre o braço ferido dele, derrubando-o de cara para o chão tomado de folhas. Depois começou a estrangulá-lo por trás.

O ataque dela o pegou de surpresa, mas ele não estava nem um pouco derrotado. Ele revidou, a mão boa apalpando o pescoço de Elena. Até que o polegar dele cravou em sua via respiratória.

Elena logo se percebeu investindo contra a mão dele, procurando-a com os dentes. A mente dela não conseguia entender o que se passava, mas seu corpo sabia o que fazer. Seus dentes eram uma arma e eles se cravaram na carne dele, arrancando sangue.

Mas ele era bem mais forte do que ela. Com uma virada de ombros, ele se soltou e se livrou das mãos dela, virando-a para baixo. E depois ele estava por cima dela, com uma expressão contorcida de fúria bestial. Ela sibilou para ele e partiu para atacar seus olhos com as unhas, mas ele afastou a mão dela para longe.

Ele ia matá-la. Mesmo ferido, era muito mais forte. Os lábios dele se repuxaram e mostraram os dentes já manchados de escarlate. Como uma serpente, ele estava pronto para dar o bote.

E então parou, pairando acima dela, a expressão em seu rosto transformando-se.

Elena viu os olhos verdes dele se arregalarem. As pupilas, que tinham se contraído a níveis cruéis, dilataram-se. Ele a encarava como se verdadeiramente a visse pela primeira vez.

Por que ele olhava para ela desse jeito? Por que ele simplesmente não acabava logo com tudo? Mas agora a mão de ferro sobre o ombro de Elena a soltava. O esgar animal desaparecera, substituído por um olhar de pasmo e admiração. Ele se sentou, ajudou-a a se sentar, enquanto olhava seu rosto.

— Elena — sussurrou ele, a voz entrecortada. — Elena, é você.

É isso que eu sou?, pensou ela. Elena?

Não importava. Ela lançou um olhar para o antigo carvalho. *Ele* ainda estava ali, parado entre as raízes reviradas, arfando, apoiando-se na árvore com a mão. *Ele* olhava para ela com seus olhos escuros e profundos e as sobrancelhas unidas numa carranca.

Não se preocupe, pensou ela. Posso cuidar deste aqui. Ele é idiota. Depois ela se lançou para o de olhos verdes novamente.

— Elena! — gritou Stefan enquanto ela o chutava para trás. A mão dele que ainda estava boa a segurou pelo ombro e ergueu-a. — Elena, sou eu, Stefan! Elena, olhe para mim!

Ela olhava. Mas só o que conseguia enxergar era o trecho exposto de pele que havia no pescoço dele. Ela sibilou de novo, o lábio superior recuou, revelando seus dentes.

Ele ficou paralisado.

Elena sentiu o choque reverberar pelo corpo de Stefan, viu o olhar dele se espatifar. A expressão facial de Stefan ficou completamente lívida, como se alguém o tivesse golpeado. Ele sacudiu ligeiramente a cabeça no chão lamacento.

— Não — sussurrou ele. — Ah, não...

Ele parecia estar falando consigo mesmo, como se nem confiasse que ela o ouviria. Stefan estendeu a mão até o rosto de Elena e ela o interceptou com um tapa.

— Oh, Elena... — ele sussurrou.

Os últimos vestígios de fúria, de toda aquela sede animal por sangue, desapareceram do rosto dele. Stefan exibia um olhar confuso, magoado e triste.

E vulnerável. Elena tirou proveito do momento para atacar o pescoço exposto de Stefan. O braço dele subiu para impedi-la, empurrá-la, mas então pendeu novamente.

Ele a encarou por um instante, a dor tomando conta do olhar de Stefan até que ele simplesmente desistiu. Parou inteiramente de lutar.

Ela pôde sentir isso acontecer, sentiu a resistência deixar o corpo de Stefan. Ele permaneceu deitado no chão gelado com pedaços de folhas de carvalho no cabelo, olhando para além dela, fitava o céu escuro e nublado.

Acabe logo com isso, dizia a voz cansada que ecoava na mente de Stefan.

Elena hesitou por um instante. Havia algo naquele olhar que sugeria lembranças dentro dela. De pé à luz da lua, sentado num quarto de sótão... Mas as lembranças eram vagas demais. Ela não conseguia apreendê-las e o esforço a deixava tonta e nauseada.

E este aqui tinha de morrer, o dos olhos verdes, chamado Stefan. Porque *ele* foi ferido, o outro, aquele para quem Elena nasceu. Ninguém podia machucar *aquele homem* e continuar vivo.

Ela cerrou os dentes no pescoço dele e mordeu fundo.

Logo percebeu que não estava fazendo do jeito certo. Não atingira nenhuma artéria ou veia. Ela mordeu então a garganta dele, com raiva da própria inexperiência. Era bom morder alguma coisa, mas não saía sangue suficiente. Frustrada, ergueu a cabeça e o mordeu novamente, sentindo o corpo dele se sacudir de dor.

Muito melhor. Desta vez ela encontrou uma veia, mas não a rasgou fundo o bastante. Um pequeno arranhão como aquele não era o bastante. O que ela precisava era rasgá-la, fazer jorrar o sangue quente e suculento.

A vítima tremia enquanto Elena a atacava, os dentes revirando e roendo. Ela sentiu a carne ceder quando mãos a puxaram, erguendo-a por trás.

Elena rosnou sem soltar o pescoço. Mas aquelas mãos eram insistentes. Um braço passou por sua cintura, dedos se entrelaçaram em seu cabelo. Ela lutou, agarrando a presa com dentes e unhas.

Solte-o! Deixe-o!

A voz era ríspida e exigente, como uma lufada de vento frio. Ao reconhecê-la, Elena parou de lutar com as mãos que a puxavam. Enquanto era colocada no chão, Elena finalmente reparou *nele*, e um nome veio a sua mente. Damon. O nome *dele* era Damon. Ela o encarou enfurecida, ressentida por ter sido arrancada de sua presa, mas obediente.

Stefan estava sentado, o pescoço vermelho de sangue. O líquido escorrendo pela camisa. Elena lambeu os lábios, sentindo uma palpitação faminta que parecia vir de cada fibra de seu ser. Ela ficou tonta de novo.

— Eu pensei — disse Damon em voz alta — que você tivesse dito que ela estava morta.

Ele olhava para Stefan, que estava ainda mais pálido do que antes, como se isso fosse possível. Aquela cara branca encheu-se de uma desesperança infinita.

— Olhe para ela. — Foi tudo o que ele disse.

Uma mão puxou o queixo de Elena, levantando seu rosto. Ela encontrou os olhos escuros e estreitos de Damon. Depois dedos longos e finos tocaram os lábios dela, examinando o que havia entre eles. Por instinto, Elena tentou mordê-lo, mas nada muito forte. O dedo de Damon encontrou a curva acentuada de um canino e Elena agora o travou, com uma mordiscada, como de um gatinho.

O rosto de Damon não demonstrou qualquer expressão, os olhos petrificados.

— Sabe onde você está? — disse ele.

Elena olhou em volta. Árvores.

— No bosque — disse ela com astúcia, voltando a olhar para ele.

— E quem é aquele ali?

Ela seguiu o dedo que apontava.

— Stefan — disse ela com indiferença. — Seu irmão.

— E quem sou eu? Sabe quem sou eu?
Ela sorriu para ele, mostrando os dentes pontiagudos.
— É claro que sei. Seu nome é Damon e eu amo você.

2

A voz de Stefan era baixa e selvagem.

— Era isso o que você queria, não era, Damon? E agora conseguiu. Teve de fazê-la como nós, como você. Não bastava apenas matá-la.

Damon sequer olhou para Stefan. Fitava Elena atentamente através daqueles olhos ocultos, ainda ajoelhado ali, segurando seu queixo.

— Esta é a terceira vez que você diz isso e estou ficando meio cansado dessa história — comentou ele delicadamente. Desgrenhado, ainda meio sem fôlego, porém controlado e composto. — Elena, eu matei você?

— É claro que não — disse Elena, entrelaçando os dedos nos da mão livre de Damon. Ela já estava ficando impaciente. Do que estavam falando, afinal? Ninguém morreu.

— Nunca pensei que você fosse mentiroso — disse Stefan a Damon, a amargura em sua voz inalterada. — Podia ser qualquer coisa, menos isso. Nunca vi você tentar se acobertar.

— Mais um minuto — disse Damon — e vou perder a calma.

O que mais você pode fazer a mim?, respondeu Stefan. *Matar-me seria um ato de misericórdia.*

— Esgotei minha misericórdia por você há um século — disse Damon em voz alta. Ele por fim soltou o queixo de Elena. — Do que se lembra do dia de hoje? — perguntou a ela.

Elena respondeu entediadamente, como uma criança recitando uma lição odiada.

— Hoje foi a festa do Dia dos Fundadores. — Ela olhou para Damon, flexionando os dedos nos dele. Era o máximo que conseguia lembrar, mas não bastava. Irritada, ela tentava resgatar mais alguma memória. — Havia alguém no refeitório... Caroline. — Ela deu o nome a ele, satisfeita. — Ela ia

ler meu diário diante de todos e isso era muito ruim porque... — Elena vasculhou a memória mas a informação sumiu. — Não me lembro por quê. Mas nós a enganamos. — Ela sorriu calorosamente para ele, como quem conspira.

— Ah, "nós" conseguimos, não foi?

— Sim. Você tomou o diário dela. Fez isso por mim. — Os dedos de Elena subiram pela jaqueta de Damon, procurando pela capa quadrada do diário. — Porque você me ama — disse ela, encontrando-o e arranhando-o de leve. — Você me ama, não é?

Houve um som fraco no centro da clareira. Elena olhou e viu que Stefan tinha virado o rosto.

— Elena. O que aconteceu depois? — A voz de Damon a chamava de volta.

— Depois? Depois a tia Judith começou a discutir comigo. — Elena refletiu por um momento e por fim deu de ombros. — Sobre... alguma coisa. Eu fiquei com raiva. Ela não é a minha mãe. Não pode me dizer o que fazer.

A voz de Damon era seca.

— Não acho que isso agora seja um problema. E depois?

Elena deu um suspiro pesado.

— Depois peguei o carro do Matt. Matt. — Ela disse o nome reflexivamente, passando a língua no canino. Em sua mente, surgiu um rosto bonito, cabelo louro, ombros fortes. — Matt.

— E aonde foi com o carro de Matt?

— Para a ponte Wickery — disse Stefan, virando-se para eles. O olhar dele estava desolado.

— Não, fui para o pensionato — corrigiu Elena, irritada. — Para esperar... Humm. Esqueci. De qualquer forma, eu esperei ali. Depois... Depois começou a tempestade. Vento, chuva, tudo isso. Eu não gostei. Entrei no carro. Mas alguma coisa veio atrás de mim.

— *Alguém* foi atrás de você — disse Stefan, olhando para Damon.

— Uma *coisa* — insistiu Elena. Ela já estava farta das interrupções dele. — Vamos para algum lugar, só nós dois — disse ela a Damon, ajoelhando-se

para que seu rosto ficasse perto do dele.

— Num minuto — disse ele. — Que tipo de coisa foi atrás de você?

Ela recuou, exasperada.

— Não sei que tipo de coisa! Não era nada que eu já tenha visto. Não como você e Stefan. Era... — Imagens ondulavam por sua mente. Névoa fluindo pelo chão. O silvo do vento. Uma forma, branca, enorme, parecendo feita da própria névoa. Aproximando-se dela como uma nuvem impelida pelo vento.

— Talvez fosse só parte da tempestade — disse ela. — Mas achei que queria me machucar. Então eu fugi. — Mexendo no zíper da jaqueta de couro de Damon, ela sorriu misteriosamente e o fitou com os olhos baixos.

Pela primeira vez, a expressão de Damon transparecia emoção. Os lábios se torciam numa careta.

— Você fugiu.

— Sim. Lembro que... alguém... me falou da água corrente. As coisas más não podem atravessá-la. Então fui de carro para o córrego Drowning, em direção à ponte. E depois... — ela hesitou, franzindo o cenho, tentando encontrar uma lembrança sólida na nova confusão. Água. Ela se lembrava da água. E alguém gritando. Mas não lembrava de mais nada. — E depois atravessei — concluiu Elena, radiante. — Devo ter atravessado, porque estou aqui. É só isso. Agora podemos ir?

Damon não respondeu.

— O carro ainda está no rio — disse Stefan. Ele e Damon se olhavam como dois adultos tendo uma discussão diante de uma criança, as hostilidades suspensas por ora. Elena sentiu uma onda de irritação. — Bonnie, Meredith e eu encontramos o veículo. Mergulhei na água e a tirei de lá, mas nessa hora...

Nessa hora o quê? Elena fechou a cara.

Os lábios de Damon estavam curvados de escárnio.

— E você desistiu dela? De todas as pessoas, você devia ter desconfiado do que podia acontecer. Ou a ideia lhe era tão repugnante que nem pôde pensar no assunto? Preferia que ela estivesse realmente morta?

— Ela não tinha pulsação, nem respiração! — Stefan se inflamou. — Elena não havia recebido sangue suficiente para transformá-la! — Seus olhos endureceram. — Não *de mim*.

Elena abriu a boca novamente, mas Damon colocou dois dedos ali para mantê-la calada. Ele falou suavemente:

— E o problema agora é este... Ou não consegue ver isso também? Você me disse para olhar para ela; olhe você mesmo. Ela está em choque, irracional. Ah, sim, até eu admito isso. — Ele parou para dar um sorriso ofuscante antes de continuar. — É mais do que a confusão normal depois da transformação. Ela vai precisar de sangue, de sangue humano, ou seu corpo não terá forças para concluir a mudança. Ela vai morrer.

Como assim, irracional?, pensou Elena, indignada.

— Estou ótima — disse ela por trás dos dedos de Damon. — Só estou cansada. Eu estava indo dormir quando ouvi vocês dois brigando e vim até aqui só para ajudar. E depois você nem me deixou matá-lo — concluiu ela, enojada.

— Sim, por que não deixou? — disse Stefan. Ele encarava Damon como se pudesse cavar buracos no irmão com os olhos. Qualquer vestígio de cooperação de sua parte havia sumido. — Teria sido a coisa mais fácil de se fazer.

Damon sustentou o olhar de Stefan, subitamente furioso, com sua animosidade fluindo e se unindo à de Stefan. A respiração acelerada e superficial.

— Talvez eu não goste das coisas fáceis — ele sibilou. Depois pareceu recuperar o controle mais uma vez. Seus lábios se curvaram de desdém e ele acrescentou: — Veja desta maneira, meu querido irmão: se alguém tiver a satisfação de matar você, serei eu. Ninguém mais. Pretendo cuidar da tarefa pessoalmente. E nisso eu sou muito bom; posso lhe garantir.

— Já nos demonstrou isso — disse Stefan em voz baixa, como se cada palavra lhe desse náuseas.

— Mas esta aqui — disse Damon, virando-se para Elena com os olhos cintilantes —, eu *não* matei. Por que mataria? Eu podia tê-la transformado

na hora que quisesse.

— Talvez porque ela tivesse acabado de ficar noiva de outro.

Damon ergueu a mão de Elena, ainda entrelaçada na dele. No terceiro dedo brilhou um anel de ouro, com uma pedra azul-escura engastada. Elena franziu a testa para ele, lembrando-se vagamente de já tê-lo visto. Depois deu de ombros e, cansada, encostou-se em Damon.

— Bom, agora — disse Damon, olhando de cima para ela —, este não parece ser um grande problema, não é? Acho que ela pode ter ficado feliz em esquecer você. — Ele olhou para Stefan com um sorriso perverso. — Mas vamos descobrir de uma vez por todas se ela está consciente. Podemos perguntar qual de nós ela prefere. Concorda?

Stefan sacudiu a cabeça.

— Como pode sugerir uma coisa dessas? Depois do que aconteceu... — Sua voz falhou.

— Com Katherine? Eu falo, já que você não consegue. Katherine tomou uma decisão tola e pagou por isso. Elena é diferente; ela tem juízo. Mas isso não importa, se você concordar — acrescentou ele, repelindo outros protestos de Stefan. — O fato é que ela agora está fraca e precisa de sangue. Cuidarei para que o consiga, depois descobrirei quem fez isso com ela. Você pode vir ou não. Fique à vontade.

Ele se levantou, arrastando Elena.

— Vamos.

Elena o seguiu obedientemente, satisfeita em, enfim, se mover. O bosque era interessante à noite; nunca havia percebido isso. As corujas lançavam chamados desolados de caça pelas árvores e ratos-veadeiros fugiam de seus pés que deslizavam. O ar era mais gelado em certos trechos, como se esfriasse primeiro nas cavidades e declives da mata. Ela achou fácil se mover em silêncio ao lado de Damon pelo leito de folhas; a questão era ter cuidado com onde pisava. Elena não olhou para trás para ver se Stefan os seguia.

Ao saírem do bosque, Elena reconheceu o lugar. Tinha estado ali naquele mesmo dia. Agora, porém, havia uma espécie de atividade frenética: luzes vermelhas e azuis piscando em carros, lanternas emoldurando as

formas reunidas e escuras de pessoas. Elena os olhou com curiosidade. Várias eram conhecidas. Aquela mulher, por exemplo, com o rosto magro atormentado e os olhos angustiados — tia Judith? E o homem alto ao lado dela — o noivo de tia Judith, Robert?

Devia haver mais alguém com eles, pensou Elena. Uma criança de cabelo tão claro quanto o de Elena. Mas, por mais que tentasse, não conseguia formar o nome em sua mente.

As duas meninas de braços dados, paradas diante de uma roda de policiais, *daquelas* duas ela se lembrava. A baixinha ruiva que chorava era Bonnie. A mais alta de cabelos pretos, Meredith.

— Mas ela não está *na* água — dizia Bonnie a um homem de uniforme. A voz tremendo à beira das lágrimas. — Vimos Stefan retirá-la. Já falamos isso várias vezes.

— E você o deixou aqui com ela?

— Tivemos que deixar. A tempestade estava piorando e ainda havia algo que estava a caminho...

— Deixe isso pra lá — Meredith interrompeu. Ela só parecia um pouco mais calma do que Bonnie. — Stefan disse que se ele... tivesse de deixá-la, a colocaria deitada sob os salgueiros.

— E onde está Stefan agora? — perguntou outro homem uniformizado.

— Não sabemos. Voltamos para pedir ajuda. Ele deve ter nos seguido. Mas quanto ao que aconteceu com... com Elena... — Bonnie se virou e enterrou a cara no ombro de Meredith.

Elas estavam nervosas *por minha causa*, percebeu Elena. Mas que coisa boba. Posso explicar tudo. Ela partiu em direção à luz, mas Damon a puxou de volta. Elena olhou para ele, magoada.

— Assim não. Escolha os que quiser e vamos atraí-los para fora — disse ele.

— Que eu quiser para quê?

— Para se alimentar, Elena. Agora você é uma caçadora. Aqueles ali são a sua presa.

Elena passou a língua no canino, em dúvida. Nada ali parecia com comida. Ainda assim, como Damon falou, ela estava inclinada a dar a ele o benefício da dúvida.

— O que você achar melhor — disse ela, obediente.

Damon inclinou a cabeça para trás, semicerrou os olhos, observando a cena como um especialista avaliando uma tela famosa.

— Bom, que tal simpaticíssimos paramédicos?

— *Não* — ordenou uma voz por trás deles.

Damon mal olhou para Stefan por sobre o ombro.

— E por que não?

— Porque já chega de ataques. Ela pode precisar de sangue humano, mas não terá de caçar para conseguir. — A expressão de Stefan era carrancuda e hostil, mas trazia um ar de determinação implacável.

— Existe outra maneira? — perguntou Damon com ironia.

— Você sabe que sim. Encontre alguém que esteja disposto... Ou que possa ser influenciado a isso. Alguém que o faça por Elena e seja mentalmente forte o bastante para lidar com isso.

— E eu devia saber onde encontrar tal modelo de virtude?

— Leve-a à escola. Encontrarei vocês lá — disse Stefan, e desapareceu.

Eles deixaram a cena ainda em alvoroço, as luzes piscando, as pessoas zanzando. Enquanto partiam, Elena percebeu algo estranho. No meio do rio, iluminado pelas lanternas, havia um carro. Estava completamente submerso, a não ser pelo para-choque dianteiro, que se projetava da água.

Que lugar idiota para estacionar um carro, pensou ela, seguindo Damon de volta ao bosque.

Stefan recuperava as sensações.

Doía. Ele pensou que havia superado a dor, que não sentiria mais nada. Quando pegou o corpo sem vida de Elena da água escura, ele pensou que jamais sentiria dor novamente porque nada seria páreo para aquele momento.

Stefan estava enganado.

Ele parou, e apoiou a mão que não estava machucada numa árvore, a cabeça baixa, respirando fundo. Quando a neblina vermelha clareou e ele pôde enxergar novamente, Stefan continuou, mas a dor que queimava no peito não diminuía. Pare de pensar nela, disse a si mesmo, sabendo que era inútil.

Mas ela não estava verdadeiramente morta. Isso não valia alguma coisa? Stefan pensou que jamais ouviria sua voz novamente, jamais sentiria seu toque...

E agora, quando ela o tocou, queria matá-lo.

Ele parou novamente, recurvando-se, temendo vomitar.

Ver Elena daquele jeito foi uma tortura pior do que vê-la fria, inerte e morta. É possível que Damon o tenha deixado vivo por isso. Talvez esta fosse a vingança dele.

E talvez Stefan devesse fazer o que pretendia depois de matar Damon. Esperar até o amanhecer e tirar o anel de prata que o protegia do sol. Banhar-se no abraço feroz daqueles raios até que queimassem a carne em seus ossos e eliminassem a dor de uma vez por todas.

Mas ele sabia que não faria isso. Enquanto Elena andasse pela face da Terra, ele jamais a deixaria. Mesmo que ela o odiasse, mesmo que o caçasse. Ele faria qualquer coisa para mantê-la segura.

Stefan pegou um atalho para o pensionato. Precisava se limpar antes de permitir que os humanos o vissem. Em seu quarto, ele lavou o sangue do rosto e do pescoço e examinou o braço. O processo de cura já começara e, concentrado, ele o aceleraria ainda mais. Estava esgotando rapidamente seus Poderes; a luta com o irmão já o enfraquecera. Mas isso era importante. Não por causa da dor — Stefan mal dava por ela — mas porque precisava estar preparado.

Damon e Elena esperavam na frente da escola. Ele podia sentir a impaciência do irmão e a presença selvagem de Elena no escuro.

— É melhor que isto dê certo — disse Damon.

Stefan não disse nada. O auditório da escola era outro centro de comoção. As pessoas deviam estar desfrutando do baile do Dia dos

Fundadores; na realidade, aqueles que ficaram durante a tempestade andavam de um lado a outro ou se reuniam em pequenos grupos para conversar. Stefan olhou por entre a porta aberta, procurando mentalmente uma determinada presença.

Stefan a encontrou. Uma cabeça loura estava curvada sobre uma mesa no canto.

Matt.

Matt endireitou o corpo e olhou em volta, confuso. Stefan desejou que ele saísse. *Precisa de ar fresco*, pensou ele, insinuando a sugestão no subconsciente de Matt. *Você está com vontade de sair por um momento.*

A Damon, parado invisível pouco além da luz, ele disse, *Leve-a para a escola, para a sala de fotografia. Ela sabe onde fica. Não se mostre antes que eu autorize*. Depois voltou e esperou que Matt aparecesse.

Matt saiu, o rosto exausto virado para o céu sem lua. Tomou um susto violento quando Stefan falou com ele.

— Stefan! Você está aqui! — Desespero, esperança e horror lutavam para dominar sua expressão. Ele correu até Stefan. — Eles... conseguiram trazê-la de volta? Há alguma novidade?

— O que *você* soube?

Matt o encarou por um momento antes de responder.

— Bonnie e Meredith apareceram dizendo que Elena tinha caído da ponte Wickery com o meu carro. Disseram que ela... — Ele parou e engoliu em seco. — Stefan, não é verdade, é? — O olhar de Matt era suplicante.

Stefan desviou o rosto.

— Ah, meu Deus — disse Matt com a voz rouca. Ele se virou de novo para Stefan, apertando os olhos com as mãos. — Não acredito; eu *não* acredito. Não pode ser verdade.

— Matt... — Stefan tocou o ombro do rapaz.

— Desculpe. — A voz de Matt era áspera e entrecortada. — Você deve ter passado o diabo e aqui estou eu, piorando tudo.

Mais do que imagina, pensou Stefan, a mão se afastando. Ele veio com a intenção de usar seus Poderes para convencer Matt. Agora parecia algo

impossível. Não podia fazer isso, não com o primeiro — e único — amigo humano que teve neste lugar.

Sua única alternativa era contar a verdade. Deixar que Matt tomasse a decisão, sabendo de tudo.

— Se houvesse alguma coisa que você pudesse fazer por Elena agora — disse ele —, você faria?

Matt estava perdido em emoções para indagar que pergunta idiota era aquela.

— Qualquer coisa — disse ele quase com raiva, passando a manga da camisa nos olhos. — Eu faria qualquer coisa por ela. — Ele olhou para Stefan de um jeito quase desafiador, a respiração trêmula.

Meus parabéns, pensou Stefan, sentindo o estômago ruir de repente. Acaba de ganhar uma viagem para *Além da Imaginação*.

— Venha comigo — disse ele. — Tenho que mostrar uma coisa a você.

3

Elena e Damon esperavam no escuro. Stefan podia sentir a presença dos dois no pequeno anexo ao empurrar a porta da sala de fotografia, abrindo-a e deixando Matt entrar.

— As portas deviam estar trancadas — disse Matt enquanto Stefan acendia um interruptor.

— E estavam — disse Stefan. Ele não sabia o que dizer para preparar Matt para o que viria. Nunca se revelou deliberadamente a um humano.

Stefan ficou parado, em silêncio, até que Matt se virou e olhou para ele. A sala de aula estava fria e silenciosa, o ar parecia pesado. Enquanto o instante se estendia, ele viu a expressão de Matt mudar lentamente do torpor de tristeza e confusão para a inquietude.

— Não estou entendendo — disse Matt.

— Sei que não está. — Ele continuava olhando para Matt, suspendendo intencionalmente as barreiras que escondiam seus Poderes da percepção humana. Viu no rosto de Matt quando a inquietude se fundiu ao medo. Matt piscou e sacudiu a cabeça, a respiração se acelerando.

— O quê...? — ele começou com a voz rouca.

— Você deve ter imaginado um monte de coisas a meu respeito — disse Stefan. — Por que uso óculos escuros na luz forte. Por que não como. Por que meus reflexos são tão rápidos.

Matt agora estava de costas para a sala escura. A garganta palpitando como se ele tentasse engolir. Com os sentidos de um predador, Stefan podia ouvir o coração de Matt batendo acelerado.

— Não — disse Matt.

— Você *deve* ter imaginado, já deve ter se perguntado o que me torna tão diferente dos outros.

— Não. Quer dizer, eu... não ligo. Não me meto no que não é da minha conta. — Matt aproximou-se sorrateiramente da porta, os olhos disparando para ela num movimento que mal era perceptível.

— Não, Matt. Não quero machucar você, mas não posso deixar que vá embora agora. — Stefan podia sentir a necessidade mal reprimida emanando de Elena em seu esconderijo. *Espere*, ele disse a ela.

Matt ficou imóvel, desistindo de qualquer tentativa de sair.

— Se queria me assustar, conseguiu — disse ele em voz baixa. — O que mais você quer?

Agora, disse Stefan a Elena. Ele disse a Matt:

— Vire-se.

Matt se virou. E reprimiu um grito.

Elena estava ali, mas não a Elena daquela tarde, quando Matt a viu pela última vez. Agora seus pés estavam descalços sob a bainha do vestido longo. As pregas finas de musselina branca que envolviam o seu corpo tinham crostas de cristais de gelo, que cintilavam na luz. A pele, sempre branca, aparentava agora um estranho brilho invernal e o cabelo louro claro parecia coberto de uma luz prateada. Mas a verdadeira diferença estava no rosto dela. Aqueles olhos azul-escuros tinham as pálpebras pesadas, e apesar de aparentarem sonolência, estavam estranhamente despertos. E uma expectativa sensual de energia faminta latejava em seus lábios. Ela estava mais linda do que nunca, mas era uma beleza apavorante.

Enquanto Matt a observava, paralisado, a língua rosada de Elena surgiu e ela lambeu seus próprios lábios.

— Matt — disse ela, demorando-se na primeira consoante de seu nome. E então sorriu.

Stefan ouviu o arfar contido de incredulidade e o quase soluço que Matt soltou quando enfim se afastou dela.

Está tudo bem, disse Stefan, mandando o pensamento a Matt numa onda de Poder. Enquanto Matt se virava subitamente para ele com os olhos arregalados de choque, Stefan acrescentou:

— Então agora você já sabe.

A expressão de Matt dizia que ele não queria saber e Stefan podia ver a negação em seu rosto. Mas Damon saiu de trás de Elena e passou um pouco para a direita, acrescentando sua presença à atmosfera carregada da sala.

Matt estava cercado. Os três se fechavam sobre ele, inumanamente lindos, inerentemente ameaçadores.

Stefan podia sentir o cheiro de medo que vinha dele. Era o medo impotente que o coelho sente pela raposa, do camundongo pela coruja. E Matt estava certo em ter medo. Eles eram a espécie caçadora; ele era a caça. A missão deles no ciclo da vida era matá-lo.

E naquele momento os instintos já estavam saindo do controle. O instinto de Matt era entrar em pânico e correr, e isso incitava reflexos na mente de Stefan. Quando a presa corria, o predador perseguia; era simples. Os três predadores estavam tensos e Stefan sentia que não podia se responsabilizar pelas consequências caso Matt corresse.

Não queremos machucar você, disse ele a Matt. *É Elena que precisa de você, e o que ela precisa não causará danos permanentes. Nem precisa doer, Matt.* Mas os músculos de Matt ainda estavam retesados para a fuga e Stefan percebeu que os três preparavam o bote, aproximando-se, prontos para impedir qualquer escapatória.

Você disse que faria qualquer coisa por Elena, lembrou Stefan desesperadamente e então percebeu que ele tomara sua decisão.

Matt soltou a respiração, a tensão saindo de seu corpo.

— Tem razão; eu disse — sussurrou ele. Era visível que Matt se preparava antes de continuar. — Do que ela precisa?

Elena se inclinou para frente e colocou um dedo no pescoço de Matt, acompanhando a saliência submissa de uma artéria.

— Essa daí não — disse Stefan rapidamente. — Não quer matá-lo. Diga a ela, Damon. — Ele acrescentou, quando Damon não fez nenhum esforço para obedecer, *diga a ela.*

— Experimente aqui, ou aqui. — Damon apontou com uma eficiência clínica, erguendo o queixo de Matt. Ele era forte o bastante para Matt não

conseguir se controlar e Stefan sentiu o pânico tomando conta do corpo de Matt novamente.

Confie em mim, Matt. Ele se deslocou para trás do rapaz humano. *Mas a decisão deve ser sua*, concluiu ele, de repente tomado por compaixão. *Você pode mudar de ideia*.

Matt hesitou e então falou entre dentes.

— Não. Ainda quero ajudar. Quero ajudar você, Elena.

— Matt — ela sussurrou, com os olhos azuis de pálpebras pesadas fixos nele. Depois os olhos de Elena desceram pelo pescoço dele e seus lábios se separaram, famintos. Não havia sinal da insegurança que ela havia demonstrado quando Damon sugeriu que se alimentasse dos paramédicos. — Matt. — Ela sorriu de novo e atacou, rápida como uma ave de rapina.

Stefan pôs a mão nas costas de Matt para oferecer apoio. Por um momento, enquanto os dentes de Elena penetravam em sua pele, Matt tentou recuar, mas Stefan imediatamente pensou, *Não lute; é isso que provoca a dor.*

Enquanto Matt tentava relaxar, uma ajuda inesperada veio da parte de Elena, que estava irradiando os felizes pensamentos de um filhote de lobo sendo alimentado. Ela acertou a técnica de morder na primeira tentativa e se enchia de um orgulho inocente e uma satisfação crescente enquanto as pontadas de fome se atenuavam. E tinha consideração por Matt, percebeu Stefan, com um súbito choque de ciúme. Ela não odiava Matt, nem queria matá-lo, porque ele não representava nenhuma ameaça a Damon. Elena gostava de Matt.

Stefan deixou que ela sugasse o quanto fosse seguro e depois interferiu. *Já basta, Elena; não quer feri-lo.* Mas foi necessário combinar o esforço dele ao de Damon e ao de um Matt grogue para arrancá-la dali.

— Ela agora precisa descansar — disse Damon. — Vou levá-la a um lugar onde possa fazer isso com segurança. — Ele não estava pedindo a Stefan; estava apenas comunicando a ele.

Enquanto os dois saíam, a voz mental de Damon acrescentou somente para os ouvidos de Stefan, *Não me esqueci do modo como me atacou, irmão.*

Conversaremos sobre isso depois.

Stefan os observou partir. Notou que os olhos dela continuavam fixos em Damon, que ela o seguia sem questionar. Mas Elena agora estava fora de perigo; o sangue de Matt dera a força de que ela precisava. Era nisso que Stefan teria de se prender agora, e ele disse a si mesmo que era tudo o que importava.

Ele se virou para compreender a expressão atônita de Matt. O menino humano havia se jogado em uma das cadeiras de plástico e olhava fixamente à frente.

Depois seus olhos se encontraram com os de Stefan e eles se encararam com severidade.

— Então — disse Matt. — Agora eu sei. — Ele sacudiu a cabeça, virando-a de leve. — Mas ainda não acredito — murmurou ele. Seus dedos apertaram cautelosamente a lateral do pescoço e ele estremeceu. — A não ser por isto. — Matt franziu o cenho. — Aquele cara... o Damon. Quem é ele?

— Meu irmão mais velho — disse Stefan secamente. — Como sabe o nome dele?

— Ele foi à casa de Elena na semana passada. A gata o atacou. — Matt parou de falar, claramente se lembrando de mais uma coisa. — E Bonnie teve uma espécie de ataque paranormal.

— Ela teve uma premonição? O que ela disse?

— Ela disse... disse que a Morte estava na casa.

Stefan olhou a porta por onde Damon e Elena haviam passado.

— E ela estava certa.

— Stefan, o que está havendo? — Um tom de súplica havia penetrado na voz de Matt. — Ainda não entendo. O que aconteceu com Elena? Ela vai ficar assim para sempre? Não há nada que possamos fazer?

— Ficar assim, como? — disse Stefan com brutalidade. — Desorientada? Uma vampira?

Matt virou a cara.

— As duas coisas.

— Quanto à primeira, agora que ela está alimentada, pode ficar mais racional. É o que Damon pensa, de qualquer forma. Já quanto à segunda, só há uma coisa que você pode fazer para alterar a condição dela. — Enquanto os olhos de Matt se iluminavam de esperança, Stefan continuou. — Pode pegar uma estaca de madeira e cravá-la com um martelo em seu coração. Assim ela não seria mais vampira. Estaria morta.

Matt se levantou e foi à janela.

— Você, na verdade, não a estaria matando, afinal, isso já foi feito. Ela se afogou no rio, Matt. Mas como obteve sangue suficiente de mim — ele parou para estabilizar a voz — e, ao que parece, do meu irmão, ela se transformou em vez de simplesmente morrer. Despertou uma caçadora, como nós. É o que ela será de agora em diante.

Ainda de costas, Matt respondeu.

— Sempre soube que havia algo em você. Dizia a mim mesmo que deveria ser assim porque você era de outro país. — Ele sacudiu a cabeça de novo, cheio de desprezo por si mesmo. — Mas no fundo eu sabia que era mais do que isso. E algo ainda ficava me dizendo que eu devia confiar em você, e eu confiei.

— Como quando você foi comigo pegar a verbena.

— É. Como isso. — E acrescentou: — Agora pode me dizer para que diabos era aquilo?

— Para a proteção de Elena. Eu queria manter Damon longe dela. Mas parece que, no final das contas, não era o que *ela* queria. — Ele não pôde evitar a amargura, a traição crua, em sua voz.

Matt se virou.

— Não a julgue antes de conhecer todos os fatos, Stefan. Essa foi uma coisa que eu aprendi.

Stefan ficou sobressaltado; depois, deu um leve sorriso sem humor. Como ex-namorados de Elena, ele e Matt agora estavam na mesma situação. Ele se perguntou se seria tão elegante quanto Matt. Se também encararia a derrota como um cavalheiro.

Stefan não acreditava nisso.

Lá fora, começou um ruído. Era inaudível a ouvidos humanos e Stefan quase o ignorou — até que as palavras penetraram em sua consciência.

Então ele se lembrou do que tinha feito nesta mesma escola há apenas algumas horas. Até aquele momento, tinha se esquecido completamente de Tyler Smallwood e seus amigos violentos.

Agora aquela lembrança havia voltado; a vergonha e o horror fecharam sua garganta. Ele estava fora de si de tanta tristeza por Elena e seu raciocínio espatifara sob pressão. Mas não existiam desculpas para o que ele havia feito. Estariam eles mortos? Teria ele, que tempos atrás jurou jamais matar, dado fim a seis pessoas hoje?

— Stefan, espere. Aonde você vai? — Como ele não respondeu, Matt o seguiu, quase correndo para acompanhá-lo, deixou o prédio principal da escola e chegou ao asfalto. Do outro lado do campo, o sr. Shelby estava parado perto do barracão.

A cara do zelador era cinza e tomada de rugas de pavor. Ele parecia tentar gritar, mas só um ofegar curto e rouco saía de sua boca. Passando a cotoveladas pelo zelador, Stefan olhou o barracão e teve uma curiosa sensação de *déjà vu*.

Parecia a sala do Estripador da festa de arrecadação de fundos da Casa Mal-Assombrada. Só que isto não era uma representação montada para os visitantes. Era de verdade.

Corpos estavam espalhados por todo lado, em meio a lascas de madeira e cacos de vidro da janela quebrada. Cada superfície visível tinha sangue derramado, vermelho-amarronzado e sinistro ao secar. E bastava olhar os corpos para saber o motivo: cada um deles tinha um par de feridas roxas e nítidas no pescoço. Exceto Caroline: seu pescoço não trazia marcas, mas os olhos eram vagos e fixos.

Atrás de Stefan, Matt ofegava.

— Stefan, Elena não... Ela não...

— Silêncio — respondeu Stefan, tenso. Ele olhou para o sr. Shelby, mas o zelador tinha tropeçado no carrinho de vassouras e esfregões e estava

encostado nele. O vidro rangia sob os pés de Stefan enquanto ele atravessava o chão para se ajoelhar ao lado de Tyler.

Não estava morto. O alívio explodiu em Stefan. O peito de Tyler se movia sutilmente e quando Stefan ergueu a cabeça do menino seus olhos se abriram numa fenda, fixos e desfocados.

Você não se lembra de nada, disse Stefan a Tyler mentalmente. Ao fazer isso, Stefan se perguntou por que se dava a esse trabalho. Ele devia sair de Fell's Church, ir embora agora e nunca mais voltar.

Mas não iria embora. Não enquanto Elena estivesse ali.

Ele pegou a mente inconsciente das outras vítimas em suas garras mentais e lhes disse a mesma coisa, entrando fundo na mente de cada uma delas. *Você não lembra quem atacou. A tarde toda é um borrão.*

Ao fazer isso, ele sentiu seus Poderes mentais tremerem como músculos fatigados demais. Estava à beira do completo esgotamento.

Do lado de fora, o sr. Shelby enfim encontrou sua voz e gritava. Exausto, Stefan deixou a cabeça de Tyler escorregar entre seus dedos até o chão e se virou.

Os lábios de Matt estavam repuxados, as narinas infladas, com se ele tivesse acabado de sentir um cheiro nauseante. Os olhos eram os de um estranho.

— Não foi Elena — sussurrou ele. — Foi *você*.

Silêncio! Stefan passou por ele, empurrando-o, para o agradável frio da noite, guardando distância entre si e aquele barracão, sentindo o ar gelado na pele quente. Passos apressados dos arredores do refeitório indicavam que alguns humanos enfim ouviram os gritos do zelador.

— Foi você, não foi? — Matt seguira Stefan até o campo. Sua voz dizia que ele tentava compreender.

Stefan se virou para ele.

— Sim, fui eu — ele rosnou. Ele olhou Matt de cima, sem esconder a ameaça colérica em seu rosto. — Eu lhe disse, Matt, somos caçadores. Assassinos. Você é a ovelha; nós somos os lobos. E Tyler estava pedindo por isso desde o dia em que cheguei aqui.

— Pedindo um murro no nariz, isso sim, como o que você lhe deu antes. Mas... isso? — Matt se aproximou de Stefan, olhando-o nos olhos, sem medo. Ele tinha coragem física; Stefan precisava reconhecer. — E você nem se arrepende? Não sente remorso por isso?

— Por que sentiria? — disse Stefan com frieza, num tom oco. — Você se arrepende de quando come muita carne? Lamenta pela vaca? — Ele percebeu a expressão de incredulidade nauseada de Matt e pressionou-o, impelindo a dor mais fundo em seu peito. Era melhor que Matt ficasse longe dele de agora em diante, bem longe. Ou Matt poderia terminar como aquela gente no barracão. — Eu sou o que sou, Matt. E se não pode lidar com isso, é melhor ficar longe de mim.

Matt o fitou por um momento a mais, a incredulidade se transformando aos poucos em desilusão, mas a náusea sempre presente. Os músculos em volta de seu queixo se retesaram. Depois, sem dizer nada, ele deu meia-volta e se afastou.

Elena estava no cemitério.

Damon a deixara ali, exortando-a para que ficasse até ele voltar. Mas Elena não queria ficar parada. Estava cansada, mas não tinha sono, e o sangue novo a afetava como um choque de cafeína. Ela queria sair para explorar.

O cemitério estava cheio de atividade, embora não houvesse humano nenhum à vista. Uma raposa escapou pelas sombras para a trilha do riacho. Pequenos roedores faziam um túnel sob a relva alta em volta das lápides, guinchando e correndo. Uma coruja voou quase em silêncio para a igreja em ruínas, onde pousou no campanário com um chamado sinistro.

Elena se levantou e a seguiu. Era muito melhor do que se esconder na relva como um rato ou um arganaz. Ela olhou a igreja em ruínas com interesse, usando seus sentidos afiados para examiná-la. A maior parte do telhado tinha caído e só três paredes estavam de pé, mas o campanário se erguia como um monumento solitário no entulho.

Em um lado havia o túmulo de Thomas e Honoria Fell, como uma grande caixa de pedra ou caixão. Elena olhou as faces de mármore branco das estátuas na tampa. Estavam deitadas num sono tranquilo, os olhos fechados, as mãos cruzadas no peito. Thomas Fell parecia sério e meio severo, mas Honoria parecia apenas triste. Elena pensou distraída em seus próprios pais, deitados lado a lado no cemitério moderno.

Vou para casa; é para lá que eu vou, pensou ela. Acabara de se lembrar de sua casa. Podia imaginá-la agora; seu lindo quarto com cortinas azuis, móveis de cerejeira e a pequena lareira. E havia algo importante debaixo das tábuas do piso do armário.

Ela encontrou o caminho para a Maple Street usando instintos que eram mais profundos do que a memória, deixando que seus pés a guiassem para lá. Era uma casa antiga, com uma varanda grande na frente e janelas que iam do chão ao teto. O carro de Robert estava estacionado na entrada.

Elena partiu para a porta da frente e parou. Havia um motivo para que as pessoas não devessem vê-la, embora ela não conseguisse se lembrar agora. Depois de hesitar subiu com agilidade no marmeleiro e foi até a janela de seu quarto.

Mas não poderia entrar ali sem ser vista. Uma mulher estava sentada na cama com o quimono vermelho de seda de Elena no colo, olhando para ele. A tia Judith. Robert estava de pé junto à cômoda, falando com ela. Elena descobriu que podia captar o murmúrio de sua voz, mesmo através do vidro.

— ... amanhã de novo — dizia ele. — Desde que não chova. Eles vão vasculhar cada centímetro do bosque e vão encontrá-la, Judith. Você verá. — A tia Judith não disse nada e ele continuou, parecendo mais desesperado. — Não podemos perder as esperanças, independente do que as meninas dizem...

— Isso não está dando certo, Bob. — Tia Judith enfim levantou a cabeça e seus olhos estavam avermelhados, mas secos. — De nada adianta.

— O esforço de resgate? Não quero que fale desse jeito. — Ele se aproximou para ficar ao lado dela.

— Não, não é só isso... Embora no fundo eu saiba que não vamos encontrá-la viva. Eu quis dizer... Tudo. Nós. O que aconteceu hoje foi por nossa culpa...

— Isso não é verdade. Foi um acidente anormal.

— Sim, mas nós o provocamos. Se não tivéssemos sido tão duros com Elena, ela nunca teria saído de carro sozinha e não seria pega pela tempestade. Não, Bob, não tente me calar; quero que você ouça. — A tia Judith respirou fundo e continuou. — E nem foi só hoje. Elena vinha tendo problemas há tempos, desde que as aulas começaram, e de algum modo deixei que os sinais me escapassem. Porque eu estava absorta demais comigo mesma... *conosco*... para prestar atenção. Agora eu entendo. E agora que Elena... se foi... não quero que aconteça o mesmo com Margaret.

— O que está dizendo?

— Estou dizendo que não posso me casar com você, não tão cedo, como planejamos. Talvez nunca. — Sem olhar para ele, ela falou com suavidade. — Margaret já perdeu demais. Não quero que ela sinta que está me perdendo também.

— Ela não estaria perdendo você. Se tanto, ela vai ganhar alguém, porque eu estarei presente com mais frequência. Você sabe o que sinto por ela.

— Desculpe, Bob; não vejo a questão dessa maneira.

— Não pode estar falando sério. Depois de todo o tempo que passamos aqui... Depois de tudo o que eu fiz...

A voz de tia Judith era seca e implacável.

— Eu *estou* falando sério.

Do poleiro do lado de fora da janela, Elena olhou Robert com curiosidade. Uma veia pulsava na testa enquanto o rosto dele ficava vermelho.

— Vai pensar diferente amanhã — disse ele.

— Não vou, não.

— Você não está falando sério...

— Eu *falo* a sério. Não me diga que vou mudar de ideia, porque não vou.

Por um instante, Robert olhou em volta numa frustração impotente; depois, sua expressão ensombreceu. Quando falou, a voz era monótona e fria.

— Sei. Bem, se esta é sua resposta definitiva, é melhor eu ir embora agora.

— Bob. — A tia Judith se virou, sobressaltada, mas ele já estava do lado de fora da porta. Ela se levantou, hesitante, como se não tivesse certeza se ia ou não atrás dele. Seus dedos apertaram o tecido vermelho que seguravam. — Bob! — ela chamou de novo, com mais urgência, e se virou para deixar o quimono na cama de Elena antes de segui-lo.

Mas ao se virar ela arfou, a mão voando à boca. Todo seu corpo enrijeceu. Seus olhos fitaram os de Elena através do vidro prateado. Por um longo momento, elas se olharam assim, imóveis. Depois a mão da tia Judith se afastou da boca e ela começou a gritar.

4

Alguma coisa arrancou Elena da árvore e, uivando em protesto, ela caiu e pousou de pé como um gato. Seus joelhos bateram no chão um segundo depois e ficaram machucados.

Ela recuou, as mãos em garra para atacar o responsável por isso. Damon afastou a mão dela com um tapa.

— Por que você me agarrou? — perguntou ela.

— Por que não ficou onde a deixei? — rebateu ele.

Eles se fuzilaram com os olhos, igualmente furiosos. Depois Elena se distraiu. Os gritos ainda vinham do segundo andar, aumentados agora pelas pancadas na janela. Damon a empurrou contra a casa, onde não podiam ser vistos de cima.

— Vamos sair de perto deste barulho — disse ele, exigente, olhando para cima. Sem esperar por uma resposta, Damon pegou-a pelo braço. Elena resistiu.

— Tenho que entrar lá!

— Não pode. — Ele deu-lhe um sorriso selvagem. — E quero dizer literalmente. Você *não pode* entrar nessa casa. Não foi convidada.

Confusa por um instante, Elena deixou que ele a arrastasse por alguns passos. Depois cravou os pés no chão de novo.

— Mas preciso do meu diário!

— O quê?

— No armário, debaixo das tábuas do piso. Eu preciso dele. Não posso dormir sem meu diário. — Elena não sabia por que estava fazendo tanto estardalhaço, mas parecia importante.

Damon ficou exasperado; depois, sua expressão abrandou.

— Tome — disse ele calmamente, os olhos cintilando. E tirou alguma coisa da jaqueta. — Pegue.

Elena olhou a oferta em dúvida.

— É o seu diário, não é?

— É, mas é o antigo. Quero o novo.

— Este terá de servir, porque é só o que vai ter. Vamos logo antes que eles acordem o bairro todo. — Sua voz ficara fria e autoritária de novo.

Elena considerou melhor o livro que ele segurava. Era pequeno, com uma capa de veludo azul e um fecho de bronze. Talvez não fosse a edição mais nova, mas era algo bem familiar. Ela concluiu que era aceitável.

Elena deixou que Damon a levasse pela noite.

Não perguntou aonde estavam indo. Não se importava muito. Mas reconheceu a casa na Magnolia Avenue; era onde Alaric Saltzman estava morando.

E foi Alaric que abriu a porta, gesticulando para Elena e Damon entrarem. O professor de história estava estranho e não parecia realmente enxergá-los. Com os olhos vidrados, ele se movia como um autômato.

Elena lambeu os lábios.

— Não — disse Damon rispidamente. — Este não é para morder. Há alguma coisa suspeita nele, mas você deve ficar segura dentro da casa. Já dormi aqui. Bem ali. — Ele a levou por um lance de escada até um sótão com uma janelinha. Era abarrotado de objetos guardados: trenós, esquis, uma rede. Na ponta, havia um velho colchão no chão.

— Ele nem saberá que você estará aqui amanhã de manhã. Deite-se. — Elena obedeceu, assumindo uma posição que parecia natural para ela. Deitou-se de costas, as mãos cruzadas sobre o diário que protegia no peito.

Damon colocou um tapete em cima de Elena, cobrindo seus pés descalços.

— Durma, Elena — disse ele.

Ele se curvou sobre ela e por um momento Elena pensou que ele ia... fazer alguma coisa. Os pensamentos de Elena estavam nebulosos demais. Mas os olhos escuros como a noite de Damon encheram sua visão. Depois

ele recuou e ela conseguiu respirar novamente. A escuridão do sótão baixou sobre ela, seus olhos se fecharam aos poucos e ela dormiu.

Ela acordou devagar, reunindo informações sobre onde estava, pedaço por pedaço. Pelo que parecia, era o sótão de alguém. O que ela fazia ali?

Ratos ou camundongos disparavam em meio às pilhas de objetos cobertos de encerado, mas o som não a incomodava. O mais leve vestígio de luz aparecia pelas frestas da janela fechada. Elena empurrou o cobertor improvisado e se levantou para investigar.

Sem dúvida era o sótão de alguém, e não de alguém que ela conhecesse. Ela sentia que estivera doente por muito tempo e tinha acordado de sua enfermidade. Que dia é hoje?, perguntou-se ela.

Elena podia ouvir vozes abaixo. No primeiro andar. Alguma coisa dizia para ela ter cuidado e ficar em silêncio. Ela teve medo de causar qualquer perturbação. Abriu a porta do sótão sem fazer ruído e cautelosamente desceu até o patamar. Olhando para baixo, podia ver uma sala de estar. Ela a reconheceu; sentou-se naquela poltrona quando Alaric Saltzman deu uma festa. Ela estava na casa dos Ramsey.

E Alaric Saltzman estava lá embaixo; Elena podia ver seu cocoruto com cabelo cor de areia. O tom de voz de Alaric a desnorteou. Depois de um instante, ela percebeu que era porque ele não parecia presunçoso, nem idiota, nem nada parecido como costumava ficar em sala de aula. Também não estava soltando sua psicologia barata. Falava fria e decisivamente com outros dois homens.

— Ela pode estar em qualquer lugar, até debaixo de nosso nariz. Mas é mais provável que esteja fora da cidade. Talvez no bosque.

— Por que no bosque? — disse um dos homens. Elena também conhecia aquela voz, e aquela careca. Era o sr. Newcastle, o diretor da escola.

— Lembra que as duas primeiras vítimas foram encontradas perto do bosque? — disse o terceiro homem. Aquele era o dr. Feinberg?, pensou Elena. O que ele fazia aqui? O que *eu* estou fazendo aqui?

— Não, é mais do que isso — dizia Alaric. Os outros homens ouviam-no com respeito, até com deferência. — O bosque tem relação com isso. Eles podem ter um esconderijo por lá, uma toca onde possam se enterrar, se forem descobertos. Se houver uma, eu vou encontrar.

— Tem certeza? — disse o dr. Feinberg.

— Absoluta — disse Alaric concisamente.

— E é aí que você acha que Elena está — disse o diretor. — Mas ela vai ficar lá? Ou voltará para a cidade?

— Não sei. — Alaric andou alguns passos e pegou um livro na mesa de centro, passando o polegar por ele, distraidamente. — Uma maneira de descobrir é observarmos as amigas dela. Bonnie McCullough e aquela de cabelos castanhos, Meredith. É provável que sejam as primeiras a vê-la. Em geral é assim que acontece.

— E depois que a localizarmos? — perguntou o dr. Feinberg.

— Deixe isso comigo — disse Alaric em voz baixa e impiedosa. Ele fechou o livro e o largou na mesa de centro com um baque perturbadoramente conclusivo.

O diretor olhou o relógio.

— É melhor ir andando; o funeral começa às dez horas. Vocês dois estarão lá? — Ele parou a caminho da porta e olhou para trás de um jeito decidido. — Alaric, espero que cuide disso. Quando o chamei aqui, as coisas não tinham ido tão longe. Agora estou começando a me perguntar...

— Eu *posso* cuidar disso, Brian. Eu lhe disse; deixe comigo. Preferia ver a Robert E. Lee em todos os jornais, não só como a cena de uma tragédia, mas também como "A Escola Mal-Assombrada de Boone County"? Um ponto de encontro de espíritos do mal? A escola onde andam os mortos-vivos? É esse tipo de publicidade que quer?

O sr. Newcastle hesitou, mordendo o lábio, depois assentiu, ainda insatisfeito.

— Muito bem, Alaric. Mas que seja algo rápido e limpo. Vejo você na igreja. — Ele saiu e o dr. Feinberg o seguiu.

Alaric ainda ficou parado ali por algum tempo, aparentemente olhando o vazio. Por fim, assentiu uma única vez e saiu pela porta da frente.

Elena subiu as escadas devagar.

Ora, do que se tratava tudo aquilo? Ela estava confusa, como se flutuasse solta no tempo e no espaço. Precisava saber que dia era hoje, por que estava ali e por que tinha tanto medo. Por que sentia com tanta intensidade que ninguém devia vê-la, ouvi-la, nem dar por sua presença.

Olhando o sótão, ela não viu nada que pudesse ser útil. Onde estivera deitada só havia um colchão e o tapete — e um livrinho azul.

Seu diário! Ansiosa, ela o pegou e o abriu, pulando as entradas. Paravam em 17 de outubro; não tinha utilidade nenhuma para descobrir a data de hoje. Mas enquanto Elena via o que escrevera, imagens se formaram em sua mente, unindo-se como pérolas num colar, compondo lembranças. Fascinada, ela se sentou devagar no colchão. Voltou ao início e começou a ler sobre a vida de Elena Gilbert.

Quando terminou, estava fraca de medo e pavor. Pontos luminosos dançavam e tremeluziam diante de seus olhos. Havia dor demais naquelas páginas. Tantas tramas, tantos segredos, tanta carência. Era a história de uma menina que se sentia perdida em sua própria cidade natal, em sua própria família. Que estivera procurando... por alguma coisa, algo que jamais alcançaria. Mas não foi isso que provocou o pânico palpitante em seu peito e esgotou toda a energia do seu corpo. Não era por isso que Elena se sentia numa queda livre mesmo quando estando sentada e imóvel. O que provocou o pânico foi que ela *se lembrou.*

Ela agora se lembrava de tudo.

A ponte, a água corrente. O terror enquanto o ar deixava seus pulmões e só havia líquido para respirar. A dor que sentiu. E o instante final, quando parou de doer, quando tudo parou. Quando tudo... parou.

Ah, Stefan, eu estava tão assustada, pensou ela. E agora o mesmo medo estava dentro dela. No bosque, como ela pôde se comportar daquele jeito com Stefan? Como pôde ter se esquecido dele, de tudo o que ele significava para ela? O que a fez agir daquela maneira?

Mas ela sabia. No cerne de sua consciência, Elena sabia. Ninguém se levantava e saía andando de um afogamento daquele jeito. Ninguém se levantava e saía andando, com vida.

Lentamente, ela se ergueu e foi olhar a janela fechada. O vidro escuro agia como um espelho, oferecendo seu reflexo.

Não era o reflexo que ela vira em seu sonho, onde disparava por um corredor de espelhos que pareciam ter vida própria. Não havia nada de dissimulado ou cruel neste rosto. Embora fosse o mesmo, era sutilmente diferente do que estava acostumada a ver. Havia na pele dela um brilho pálido e em volta dos olhos uma cavidade reveladora. Elena tocou o pescoço com a ponta dos dedos, lateralmente. Foi ali que Stefan e Damon sugaram o sangue dela. Teria sido a quantidade necessária, será que ela realmente recebeu o bastante deles?

Deve ter sido. E agora, pelo resto de sua vida, pelo resto de sua existência, teria de se alimentar como Stefan. Ela teria de...

Ela caiu de joelhos, encostando a testa na madeira nua de uma parede. Não posso, pensou ela. Ah, por favor, eu não posso; não posso.

Elena nunca foi muito religiosa. Mas do íntimo seu pavor crescia e cada partícula de seu ser se uniu no apelo por ajuda. Ah, por favor, pensou ela. Por favor, por favor, ajude-me. Não pediu nada específico; não conseguia organizar os pensamentos para tanto. Apenas isto: Ah, por favor, ajude-me por favor, *por favor*.

Depois de um tempo, Elena se levantou novamente.

O rosto dela ainda estava pálido, mas sinistramente bonito, como porcelana fina iluminada por dentro. Os olhos ainda estavam maculados de sombras. Mas traziam determinação.

Precisava encontrar Stefan. Se havia alguma ajuda para ela, ele saberia. E se não houvesse... Bem, precisaria ainda mais dele. Não havia outro lugar onde ela quisesse estar, a não ser ao lado dele.

Ela fechou a porta do sótão com cuidado enquanto saía. Alaric Saltzman não devia descobrir o esconderijo dela. Na parede, viu um calendário com

os dias riscados até 4 de dezembro. Quatro dias desde a noite de sábado. Ela havia dormido por quatro dias.

Quando chegou à porta da frente, Elena se encolheu com a luz do lado de fora. Doía. Embora o céu estivesse tão nublado que a chuva ou a neve parecesse iminente, doía em seus olhos. Ela teve de se obrigar a sair da segurança da casa, depois foi corroída pela paranoia de estar em um espaço aberto. Esgueirou-se pelas cercas, mantendo-se perto das árvores, pronta para se misturar às sombras. Sentia-se ela mesma uma sombra — ou um fantasma, com o vestido longo e branco de Honoria Fell. Ela mataria de medo qualquer um que a visse.

Mas todo aquele cuidado parecia inútil. Não havia ninguém nas ruas; parecia uma cidade abandonada. Elena seguiu por casas aparentemente desertas, jardins abandonados, lojas fechadas. Agora via carros estacionados na rua, mas também estavam vazios.

Depois viu uma forma contra o céu que a fez parar imediatamente. Uma torre, branca contra as nuvens densas e escuras. As pernas de Elena tremeram enquanto ela se obrigava a se esgueirar para mais perto da construção. Conhecia esta igreja desde criança; vira a cruz inscrita naquela parede umas mil vezes. Mas agora se aproximava dali como se houvesse um animal enjaulado que podia, de repente, se soltar e mordê-la. Ela colocou a mão na parede de pedra e deslizou-a cada vez mais perto do símbolo entalhado.

Quando os dedos abertos tocaram o braço da cruz, os olhos de Elena se encheram e a garganta doeu. Ela deslizou a mão pela cruz até cobrir delicadamente o entalhe. Depois se encostou na parede e deixou que as lágrimas saíssem.

Não sou má, pensou ela. Fiz coisas que não devia ter feito. Pensei demais em mim mesma; jamais agradeci a Matt, Bonnie e Meredith por tudo o que fizeram por mim. Eu devia ter brincado mais com Margaret e sido mais gentil com a tia Judith. Mas não sou má. Eu não sou amaldiçoada.

Quando conseguiu enxergar novamente, ela olhou o prédio. O sr. Newcastle disse alguma coisa sobre a igreja. Era a esta que ele se referia?

Ela evitou a frente do prédio e a entrada principal. Havia uma porta lateral que levava à galeria do coro e ela subiu a escada sem fazer ruído, olhando para baixo.

Elena logo entendeu por que as ruas estavam tão vazias. Parecia que todo mundo de Fell's Church estava ali, os assentos todos ocupados e, no fundo da igreja, muitas pessoas estavam de pé. Olhando as filas da frente, Elena percebeu que reconhecia cada rosto que estava ali; eram de colegas da escola, vizinhos e amigos da tia Judith. A tia Judith também estava ali, com o vestido preto que usara no enterro dos pais de Elena.

Ah, meu Deus, pensou Elena. Seus dedos agarraram a grade. Até agora esteve ocupada demais olhando em volta para ouvir o que estava sendo dito, mas a voz monótona e baixa do reverendo Bethea de repente formou palavras distintas.

— ... partilhar nossas lembranças desta menina muito especial — disse ele, e andou de lado.

Elena viu o que aconteceu depois com a sensação sobrenatural de que tinha um camarote num teatro. Não estava envolvida nos acontecimentos do palco; era só uma espectadora, mas era a *própria* vida que ela assistia.

O sr. Carson, pai de Sue Carson, levantou-se e falou sobre ela. Os Carson a conheciam desde criança e ele falou dos tempos em que Elena e Sue brincavam no jardim no verão. Falou da jovem bonita e realizada que ela se tornou. Ele ficou com um nó na garganta e teve de parar e tirar os óculos.

Sue Carson se levantou. Ela e Elena não eram amigas íntimas desde o ensino fundamental, mas ainda se davam bem. Sue tinha sido uma das poucas meninas que ficaram ao lado de Elena depois que Stefan tornou-se suspeito do assassinato do Sr. Tanner. Mas agora Sue chorava como se tivesse perdido uma irmã.

— Muita gente não foi legal com Elena depois do Halloween — disse ela, enxugando os olhos e continuando. — E eu sei que isso a magoou. Mas Elena era *forte*. Ela nunca mudou só para se adaptar ao que os outros pensavam que devia ser. E eu a respeitava por isso, tanto... — A voz de Sue oscilou. — Quando concorri a Rainha do Baile, eu queria ser eleita, mas

sabia que isso não aconteceria e estava tudo bem. Porque se a Robert E. Lee um dia teve uma rainha, foi Elena. E acho que ela sempre será, porque é assim que todos vamos nos lembrar dela. E acho que nos próximos anos as meninas que forem para nossa escola se lembrarão dela e pensarão que ela fazia o que achava certo... — Desta vez Sue não conseguiu sustentar a voz e o reverendo a ajudou a sentar novamente.

As meninas de sua turma de último ano, até aquelas mais antipáticas e rancorosas, choravam e davam as mãos. Meninas que Elena sabia que a odiavam estavam fungando. De repente ela era a melhor amiga de todo mundo.

Havia meninos chorando também. Chocada, Elena se aproximou mais da grade. Não conseguia parar de olhar, embora fosse a coisa mais terrível que vira na vida.

Frances Decatur se levantou, o rosto branco mais pálido que nunca de tristeza.

— Ela fez o possível para ser legal comigo — disse ela com a voz rouca. — Ela me deixou almoçar com ela. — Que besteira, pensou Elena. Só falei com você antes de tudo porque você me seria útil para descobrir informações sobre Stefan. Mas era o mesmo com cada um que subia ao púlpito; ninguém tinha palavras suficientes para elogiar Elena.

"Eu sempre a admirei..."

"Ela era um modelo para mim..."

"Uma de minhas alunas preferidas..."

Quando Meredith subiu, todo o corpo de Elena enrijeceu. Não sabia se suportaria isso. Mas a menina de cabelos pretos era uma das poucas pessoas na igreja que não chorava, embora seu rosto tivesse uma expressão grave e triste que lembrou Elena do túmulo de Honoria Fell.

— Quando penso em Elena, penso no quanto nos divertimos juntas — disse ela, falando baixo e com o autocontrole de sempre. — Elena sempre tinha ideias e podia transformar o trabalho mais chato em diversão. Nunca disse isso a ela, e agora gostaria de ter dito. Gostaria de poder falar com ela mais uma vez, só para que ela soubesse. E se Elena pudesse me ouvir agora

— Meredith olhou a igreja e respirou fundo, aparentemente para se acalmar — se ela pudesse me ouvir agora, eu diria a ela o quanto essas ocasiões significaram para mim e o quanto eu gostaria que ainda pudéssemos ficar juntas. Como nas noites de quinta-feira, quando a gente costumava ficar juntas em seu quarto, praticando para a equipe de debates. Queria poder fazer isso mais uma vez, como costumávamos fazer. — Meredith respirou fundo de novo e sacudiu a cabeça. — Mas sei que não podemos e isso dói.

Do que você está falando?, pensou Elena, a infelicidade interrompida pelo pasmo. Nós costumávamos praticar para a equipe de debates nas noites de *quarta-feira*, e não nas quintas. E não era no meu quarto; era no seu. E não era nada divertido; na verdade, a gente acabava desistindo porque nós duas odiávamos...

De repente, vendo a expressão cuidadosamente composta de Meredith, tão calma por fora para esconder a tensão por dentro, Elena sentiu o coração martelar.

Meredith mandava um recado, um recado que só Elena podia compreender. O que significava que Meredith esperava que Elena pudesse ouvi-la.

Meredith sabia.

Será que Stefan contou a ela? Elena percorreu com os olhos as filas de gente que a pranteava, percebendo pela primeira vez que Stefan não estava ali. Nem Matt. Não, não parecia provável que Stefan contasse a Meredith, ou que Meredith teria escolhido dar um recado a ela desse jeito, se pudesse. Então Elena se lembrou do modo como Meredith a olhou na noite em que elas resgataram Stefan do poço, quando Elena pediu para ficar a sós com Stefan. Ela se lembrou daqueles olhos escuros e perspicazes examinando seu rosto mais de uma vez nos últimos meses, e como Meredith parecia ficar cada vez mais calada e mais pensativa sempre que Elena aparecia com um pedido estranho.

Meredith adivinhara, então. Elena se perguntou o quanto da verdade ela teria deduzido.

Bonnie agora subiu ao púlpito, aos prantos. Isto era surpreendente; se Meredith sabia, por que não havia contado a Bonnie? Mas talvez Meredith só tivesse uma suspeita, algo que não quisesse partilhar com Bonnie, caso a esperança se mostrasse falsa.

O discurso de Bonnie foi emocionado na mesma medida em que o de Meredith foi controlado. A voz falhava e ela enxugava continuamente as lágrimas do rosto. Por fim, o reverendo Bethea se aproximou e deu a ela algo branco, um lenço de tecido ou de papel.

— Obrigada — disse Bonnie, enxugando os olhos lacrimosos. Ela tombou a cabeça para trás e olhou o teto, para recuperar a compostura, ou para ter inspiração. Ao fazer isso, Elena viu uma coisa que ninguém ali podia ver: viu a cara de Bonnie perder a cor e a expressão, não como alguém prestes a desmaiar, mas de um jeito que também era muito familiar.

Um arrepio correu pela espinha de Elena. Aqui não. Ah, meu Deus, em qualquer hora ou lugar, menos aqui.

Mas já estava acontecendo. O queixo de Bonnie baixou; ela olhava a congregação novamente. Só que desta vez não parecia ver ninguém e a voz que saiu da garganta não era de Bonnie.

— Ninguém é o que parece. Lembrem-se disso. *Ninguém é o que parece*. — Depois ela ficou parada ali, imóvel, fitando fixamente com os olhos vagos.

As pessoas começaram a se remexer e se olhar. Houve um murmúrio de preocupação.

— Lembrem-se disso... Não se esqueçam... Ninguém é o que parece... — Bonnie se balançou de repente e o reverendo Bethea correu a ela enquanto outro homem se apressava do outro lado. O segundo homem tinha uma careca que agora brilhava de suor — o sr. Newcastle, percebeu Elena. E, no fundo da igreja, correndo pela nave, estava Alaric Saltzman. Ele alcançou Bonnie no momento em que ela desmaiava e Elena ouviu um passo na escada, vindo por trás.

5

Dr. Feinberg, pensou Elena, desvairada, tentando girar para olhar e ao mesmo tempo se espremer nas sombras. Mas seus olhos não encontraram o semblante pequeno de nariz de falcão do médico. Era um rosto com as feições primorosas de uma moeda ou medalhão romano e olhos de caçador. O tempo parou por um momento e Elena estava nos braços dele.

— Ah, Stefan. Stefan...

Ela sentiu o corpo dele enrijecer de choque. Ele a abraçava mecanicamente, como se ela fosse uma estranha que o tivesse confundido com outra pessoa.

— *Stefan* — disse ela com desespero, enterrando o rosto em seu ombro, tentando ter alguma resposta. Não suportaria que ele a rejeitasse; se ele a odiasse agora, ela *morreria*...

Com um gemido, Elena tentou se aproximar ainda mais dele, querendo se fundir completamente com Stefan, desaparecer dentro dele. Ah, por favor, pensou ela, ah, por favor, por favor...

— Elena. Elena, está tudo bem; estou aqui. — Ele continuou falando com ela, repetindo bobagens sem sentido para acalmá-la, afagando seu cabelo. E ela podia sentir a mudança enquanto os braços de Stefan se estreitavam nela. Ele agora sabia que a abraçava. Pela primeira vez desde que acordou naquele dia, Elena se sentia segura. Ainda assim, muito tempo se passaria até que pudesse relaxar, ainda que por pouco tempo, nos braços dele. Ela não chorava; estava ofegando de pânico.

Por fim, Elena sentiu o mundo começar a se encaixar. Mas não o soltou, ainda não. Simplesmente ficou ali por intermináveis minutos com a cabeça no ombro de Stefan, curtindo o conforto e a segurança de sua presença.

Depois ela levantou a cabeça para olhar nos olhos dele.

Quando pensou em Stefan mais cedo, foi em como ele poderia ajudá-la. Elena pretendia pedir a ele, implorar para salvá-la deste pesadelo, para fazer com que ela voltasse a ser o que era. Mas agora, olhando para ele, sentiu uma estranha resignação desesperada fluir por seu corpo.

— Não se pode fazer nada a respeito disto, não é? — disse ela com muita suavidade.

Ele não fingiu entender mal.

— Não — disse ele, igualmente brando.

Para Elena, foi como se tivesse dado um passo decisivo por uma fronteira invisível em que não havia retorno. Quando conseguiu falar novamente, ela disse:

— Sinto muito pelo modo como agi com você no bosque. Não sei por que fiz aquelas coisas. Lembro de ter feito, mas não me lembro do *porquê*.

— *Você* sente muito? — A voz dele tremia. — Elena, depois de tudo o que fiz com você, tudo o que lhe aconteceu por minha causa... — Ele não conseguiu terminar e os dois se abraçaram com força.

— Mas que comovente — disse uma voz na escada. — Querem que eu imite um violino?

A calma de Elena se desfez e o medo se esgueirou por sua corrente sanguínea. Ela havia se esquecido da intensidade hipnótica de Damon e de seus olhos escuros e ardentes.

— Como chegou aqui? — disse Stefan.

— Imagino que da mesma maneira que você. Atraído pelo farol resplandecente da agonia de Elena. — Damon estava de fato colérico; Elena sabia. Não somente irritado ou incomodado, mas tomado por um calor de pura fúria e hostilidade.

Mas ele a respeitou quando ela estava confusa e irracional. Ele a levou ao abrigo; manteve-a em segurança. E não a beijou enquanto ela estava terrivelmente vulnerável. Ele havia sido totalmente... gentil com ela.

— Aliás, há uma coisa acontecendo lá embaixo — disse Damon.

— Eu sei; é a Bonnie de novo — disse Elena, soltando Stefan e recuando.

— Não foi isso que eu quis dizer. Lá fora.

Sobressaltada, Elena o seguiu até a primeira curva da escada, onde havia uma janela que dava para o estacionamento. Ela sentiu Stefan atrás de si enquanto olhava a cena abaixo.

Uma multidão tinha saído da igreja, mas estava parada em uma falange compacta na beira do estacionamento, sem avançar. Na frente deles, no estacionamento, havia um grupo igualmente grande de cães.

Pareciam dois exércitos se encarando. O aspecto sinistro, porém, era que os dois grupos estavam absolutamente imóveis. As pessoas pareciam estar paralisadas de desconforto e os cães pareciam esperar alguma coisa.

De início, Elena viu que os cães eram de raças diferentes. Havia cachorros pequenos como corgis de cara afilada, terriers castanhos e pretos, e um lhasa apso com pelos dourados e longos. Havia cães de porte médio como springer spaniels ingleses e airedales terrier, e um lindo samoieda branco. E os cães grandes: um rottweiler de peito largo e rabo cortado, um wolfhound irlandês cinza que arfava e um shnauzer gigantesco, inteiramente preto. Depois Elena começou a reconhecê-los individualmente.

— Ali estão o boxer do sr. Grunbaum e o pastor alemão dos Sullivan. Mas o que há com eles?

As pessoas, antes inquietas, agora estavam assustadas. Ficaram ombro a ombro, ninguém queria sair da linha de frente e se aproximar dos animais.

E no entanto os cães não estavam *fazendo* nada, só sentados ou de pé, alguns com a língua pendendo delicadamente. Mas tanta imobilidade era muito estranho, pensou Elena. O menor movimento, como o mais leve balançar do rabo ou das orelhas, parecia exagerado. E não havia rabos abanando, nenhum sinal de amizade. Apenas... esperavam.

Robert foi para a parte de trás da multidão. Elena ficou surpresa ao vê-lo, mas por um momento não conseguiu entender o motivo. Depois percebeu que era porque ele não estivera na igreja. Enquanto ela olhava, ele se afastou mais do grupo, desaparecendo sob o ressalto abaixo de Elena.

— Chelsea! Chelsea...

Alguém enfim se adiantou da linha de frente. Era Douglas Carson, percebeu Elena, irmão mais velho e casado de Sue Carson. Entrou na terra-

de-ninguém entre os cães e as pessoas, com uma mão ligeiramente estendida.

Uma springer spaniel de orelhas longas como cetim castanho virou a cabeça. Seu toco branco de rabo tremeu um pouco, indagativo, e o focinho castanho e branco se ergueu. Mas não foi ao encontro do jovem.

Doug Carson deu outro passo.

— Chelsea... Boa menina. Vem cá, Chelsea. Vem! — Ele estalou os dedos.

— O que você acha que são estes cães aqui embaixo? — murmurou Damon.

Stefan sacudiu a cabeça sem desviar os olhos da janela.

— Nada — disse ele rispidamente.

— Nem eu. — Os olhos de Damon estavam semicerrados, a cabeça tombada criticamente para trás, mas os dentes um tanto expostos lembraram Elena do wolfhound irlandês. — Mas nós *devíamos* entender. Eles devem ter algumas emoções que possamos captar. Em vez disso, sempre que tento sondá-los é como dar numa muralha branca.

Elena gostaria de saber do que eles falavam.

— O que quer dizer com "sondá-los"? — disse ela. — Eles são animais.

— As aparências enganam. — disse Damon ironicamente e Elena pensou nas luzes do arco-íris das penas do corvo que a seguia desde o primeiro dia de aula. Se olhasse mais de perto, veria aquelas mesmas luzes do arco-íris no cabelo sedoso de Damon. — Mas os animais têm emoções e, se os seus Poderes forem suficientemente fortes, você consegue examinar a mente deles.

E meus Poderes não são fortes, pensou Elena. Ela ficou assustada com a pontada de inveja que a tomou. Apenas alguns minutos atrás estava agarrada a Stefan, frenética para se livrar de qualquer Poder que tivesse, para se transformar e *voltar* ao que era antes. E agora queria ser ainda mais forte. Damon sempre exercia um estranho efeito sobre ela.

— Posso não conseguir sondar Chelsea, mas não acho que Doug deva chegar mais perto — disse ela em voz alta.

Stefan estivera olhando fixamente pela janela, as sobrancelhas unidas. Agora assentiu uma fração, mas com uma súbita urgência.

— Nem eu — disse ele.

— Vem, Chelsea, seja boazinha. Vem cá. — Doug Carson se aproximava da fila de cães. Todos os olhos, humanos e caninos, estavam fixos nele, e até os menores movimentos tinham cessado. Se não tivesse visto as laterais de um ou dois cães esvaziarem e se encherem de ar ao respirarem, Elena pensaria que todo o grupo era uma exposição gigantesca de museu.

Doug parou. Chelsea o olhava de trás do corgi e do samoiedo. Doug estalou a língua. Ele estendeu a mão, em seguida a esticou um pouco mais.

— Não — disse Elena. Ela olhava os flancos reluzentes do rottweiler. Esvaziando e enchendo, esvaziando e enchendo. — Stefan, influencie-o. Tire-o dali.

— Sim. — Ela podia ver os olhos dele perderem o foco de concentração; depois ele sacudiu a cabeça, expirando como uma pessoa que tentou levantar algo pesado demais. — Isso não é nada bom; estou esgotado. Não consigo fazer mais nada.

Abaixo, os lábios de Chelsea recuaram sobre os dentes. O airedale terrier vermelho-dourado se colocou de pé em um movimento lindamente suave, como que puxado por cordas. A traseira do rottweiler arriou.

E eles atacaram. Elena não pôde ver qual dos cães foi o primeiro; pareciam avançar juntos, como uma grande onda. Meia dúzia de cães atingiu Doug Carson com força suficiente para derrubá-lo de costas e fazer com que ele desaparecesse sob a massa de animais.

O ar se encheu de um barulho infernal, de um ladrar metálico, que tiniu nas vigas da igreja e provocou uma dor de cabeça instantânea em Elena, e um rosnado gutural e contínuo que ela conseguiu mais sentir do que ouvir propriamente. Os cães rasgavam roupas, rangiam os dentes, lançavam-se, enquanto a multidão se espalhava e gritava.

Elena avistou Alaric Saltzman na beira do estacionamento, o único que não estava fugindo. Estava rigidamente parado e ela pensou ver seus lábios se mexendo, além de suas mãos.

Era um pandemônio em toda parte. Alguém pegara uma mangueira e a jogava no meio do bando de cães. Mas não surtia efeito. Eles pareciam enlouquecidos. E quando Chelsea levantou o focinho castanho e branco do corpo de seu dono, pôde-se notar que ele estava tingido de vermelho.

O coração de Elena martelava tanto que ela mal conseguia respirar.

— Eles precisam de ajuda! — disse ela, assim que Stefan se afastou da janela e desceu a escada de três em três degraus. Elena parou na metade da escada quando percebeu duas coisas: Damon não a seguira e ela não podia deixar que a vissem.

Ela *não podia*. O caos que isso provocaria, as perguntas, o medo e o ódio depois que as perguntas fossem respondidas. Algo que corria mais fundo do que a compaixão, a solidariedade ou a necessidade de ajudar a fez voltar, apoiando-se na parede.

No interior escuro e frio da igreja, ela percebeu um alvoroço. As pessoas corriam de um lado a outro, gritando, o dr. Feinberg, o sr. McCullough, o reverendo Bethea. O ponto imóvel do círculo era Bonnie, deitada num banco com Meredith, a tia Judith e a sra. McCullough debruçadas sobre ela. "Uma coisa maligna", ela gemia, depois a cabeça de tia Judith se levantou, virando-se na direção de Elena.

Elena subiu a escada o mais rápido que pôde, rezando para que a tia não a tivesse visto. Damon estava na janela.

— Não posso descer lá. Eles acham que estou morta!

— Ah, então se lembra disso. Que bom para você.

— Se o dr. Feinberg me examinar, vai saber que há algo errado. Não vai? — perguntou ela, furiosa.

— Ele vai pensar que você é um espécime interessantíssimo.

— Então não posso ir. Mas você pode. Por que não *faz* alguma coisa?

Damon continuava a olhar pela janela, de sobrancelhas erguidas.

— Por quê?

— *Por quê*? — O alarme e o nervosismo extremo de Elena chegaram ao limite e ela quase bateu nele. — Porque eles precisam de ajuda! Porque você *pode* ajudar. Não se importa com nada além de si mesmo?

Damon usava sua máscara mais impenetrável, a expressão de exploração educada que assumiu quando se convidou a entrar na casa de Elena para jantar. Mas ela sabia que por baixo ele tinha raiva, raiva por flagrá-la com Stefan. Ele a importunava de propósito e com um prazer selvagem.

E ela não conseguia reprimir a própria reação de raiva frustrada e impotente. Partiu para cima de Damon e ele a pegou pelos pulsos e a segurou, os olhos cravados nos dela. Elena ficou assustada por ouvir o som que saía dos próprios lábios; era um silvo que mais parecia felino do que humano. Ela percebeu que seus dedos agora eram garras.

O que estou fazendo? Atacando-o porque ele não defende as pessoas contra os cães que estão atacando *a elas*? Que sentido isso faz? Respirando com dificuldade, ela relaxou as mãos e molhou os lábios. Ele recuou e a soltou.

Passou-se um longo momento enquanto eles se olharam.

— Vou descer — disse Elena em voz baixa e se virou.

— Não.

— Eles precisam de ajuda.

— Tudo bem, então, que se dane. — Ela nunca ouvira a voz de Damon tão baixa, nem tão furiosa. — Eu vou... — Ele se interrompeu e Elena, virando-se rapidamente, viu Damon bater o punho no peitoril da janela, espatifando o vidro. Mas a atenção dele estava lá fora e sua voz perfeitamente composta de novo quando ele disse secamente: — Chegou a ajuda.

Eram os bombeiros. As mangueiras deles eram muito mais potentes do que as do jardim, e os jatos de água impeliram os cães com força. Elena viu um xerife com uma arma e mordeu o interior da bochecha enquanto ele mirava e apertava o gatilho. Houve um estampido e o schnauzer gigante arriou. O xerife mirou de novo.

Terminou rapidamente depois disso. Vários cães já corriam do bombardeio de água e outros se separaram do bando e foram para a margem do estacionamento com o segundo estampido da pistola. Era como se o propósito que os impelira tivesse libertado a todos no mesmo instante. Elena

sentiu uma golfada de alívio ao ver Stefan incólume no meio da balbúrdia, atirando um golden retriever de olhar atônito para longe do corpo de Doug Carson. Chelsea se afastou do dono e então o encarou, baixando a cabeça e o rabo.

— Acabou — disse Damon. Ele não parecia muito interessado, mas Elena olhou para ele incisivamente. Então tudo bem, que se dane, eu vou *o quê*? O que ela teria de dizer? Ele não estava com humor para falar com ela, mas Elena estava disposta a pressioná-lo.

— Damon... — Ela apoiou a mão no braço dele.

Ele enrijeceu, depois se virou.

— Sim?

Por um segundo eles se fitaram, depois ouviram passos na escada. Stefan tinha voltado.

— Stefan... está ferido — disse ela, piscando, desorientada de repente.

— Eu estou bem. — Ele limpou o sangue do rosto com a manga rasgada.

— E Doug? — perguntou Elena, engolindo em seco.

— Não sei. Está *bem* machucado. Um monte de gente está. Foi a coisa mais estranha que já vi.

Elena se afastou de Damon, subindo a escada para a galeria do coro. Sentia que precisava pensar, mas sua cabeça latejava. A coisa mais estranha que Stefan já viu... Isso dizia muito. Algo estranho em Fell's Church.

Ela chegou à parede atrás da última fila de bancos e pôs a mão ali, deslizando até se sentar no chão. As coisas pareciam ao mesmo tempo confusas e assustadoramente claras. Algo estranho em Fell's Church. No Dia dos Fundadores, ela teria jurado que não dava a mínima para Fell's Church ou para as pessoas de lá. Mas agora sabia que não era assim. Olhando o serviço fúnebre, ela começara a pensar que talvez *se importasse de verdade*. E depois, quando os cães atacaram, ela entendeu. De certa forma se sentia responsável pela cidade, de uma maneira que nunca sentiu na vida.

Por ora, toda a desolação e solidão que sentia anteriormente foram deixadas de lado. Havia algo mais importante do que seus próprios problemas. E ela se prendeu a esse algo, porque a verdade era que não

conseguia lidar com a situação em que se encontrava, não, Elena não podia verdadeiramente...

Ela ouviu o soluço ofegante que soltou e levantou a cabeça, vendo Stefan e Damon na galeria, olhando-a. Elena sacudiu levemente a cabeça, colocando a mão ali, como se estivesse saindo de um sonho.

— Elena...?

Era Stefan que falava, mas ela se voltou para o outro.

— Damon — disse ela com a voz trêmula —, se eu lhe perguntar uma coisa, vai me dizer a verdade? Sei que você não me perseguiu na ponte Wickery. Eu podia *sentir* o que era, e era algo diferente. Mas quero saber o seguinte: foi você que afundou Stefan no poço antigo dos Francher há um mês?

— Num *poço*? — Damon se encostou na parede oposta, de braços cruzados. Parecia educadamente incrédulo.

— Na noite de Halloween, a noite em que o sr. Tanner foi morto. Depois que você apareceu pela primeira vez para Stefan no bosque. Ele me disse que deixou você na clareira e foi andando até o carro, mas que alguém o atacou antes de ele chegar lá. Quando voltou a si, estava preso no poço e teria morrido se Bonnie não nos levasse até lá. Eu sempre achei que foi você que o atacou. *Ele* sempre achou que foi você. Mas realmente foi?

Os lábios de Damon se torceram, como se ele não gostasse da intensidade exigente da pergunta. Ele olhou de Elena para Stefan com os olhos encobertos e com escárnio. O instante se estendeu até que Elena teve de cravar as unhas nas palmas das mãos, tal a tensão. Depois Damon deu levemente de ombros e olhou à meia distância.

— Na realidade, não — disse ele.

Elena soltou o ar que prendia.

— Não pode acreditar nisso! — Stefan explodiu. — Não pode acreditar em nada do que ele diz.

— Por que eu mentiria? — retorquiu Damon, claramente gostando da perda de controle de Stefan. — Admito tranquilamente ter matado Tanner.

Bebi o sangue dele até ele murchar feito uma ameixa. E não me importaria de fazer o mesmo com *você*, irmão. Mas um *poço*? Não faz o meu gênero.

— Eu acredito em você — disse Elena. A mente disparando em pensamentos. Ela se virou para Stefan. — Não sente isso? Há algo aqui em Fell's Church, que talvez nem seja humano... Que talvez não tenha sido humano, quer dizer. Algo que me perseguiu, forçou meu carro para fora da ponte. Algo que fez os cães atacarem as pessoas. Uma força terrível que está aqui, alguma coisa maligna... — Sentiu a voz falhar e então olhou o interior da igreja onde tinha visto Bonnie deitada. — Alguma coisa maligna... — repetiu ela suavemente. Um vento frio pareceu soprar dentro dela e ela se abraçou, sentindo-se vulnerável e sozinha.

— Se está procurando pelo mal — disse Stefan rispidamente —, não precisa olhar tão longe.

— Não seja mais idiota do que pode evitar — disse Damon. — Eu lhe disse dias atrás que outra pessoa tinha matado Elena. E eu disse que ia descobrir esse alguém e cuidar dele. E eu vou fazer isso. — Ele descruzou os braços e endireitou o corpo. — Vocês dois podem continuar a conversa particular que estavam tendo quando eu os interrompi.

— Damon, espere. — Elena não conseguiu evitar o tremor que tomou conta dela quando ele disse *matado*. Não posso ter sido morta; ainda estou aqui, pensou ela, sentindo o pânico tomar a garganta. Mas agora deixou o pânico de lado para falar com Damon. — O que quer que seja essa coisa, é forte — disse ela. — Pude senti-la quando estava atrás de mim, e parecia preencher todo o céu. Não acho que nenhum de nós, sozinho, teria alguma chance contra ela.

— E daí?

— Daí que... — Elena não teve tempo para levar o raciocínio tão longe. Ela seguia puramente por instinto, por intuição. E sua intuição dizia para não deixar Damon ir. — Daí que... acho que nós três precisamos ficar juntos. Acho que temos uma chance muito maior de descobrir e lidar com a coisa juntos, e não separados. E talvez possamos impedi-la antes que machuque... ou mate... mais alguém.

— Francamente, minha cara, não dou a mínima para mais ninguém — disse Damon de um jeito charmoso. Depois deu um de seus sorrisos gélidos e fugazes. — Mas está sugerindo que é esta sua decisão? Lembre-se, concordamos que você tomaria uma quando estivesse mais racional.

Elena o fitou. É claro que não era opção dela, se ele pretendia dizer no sentido amoroso. Ela estava com o anel que ganhara de Stefan; ela e Stefan pertenciam um ao outro.

Mas depois Elena se lembrou de outra coisa, como um clarão: observando o rosto de Damon no bosque, sentiu tanta excitação, tanta afinidade. Como se ele entendesse a chama que ardia dentro dela como ninguém mais entenderia. Como se juntos eles pudessem fazer o que quisessem, conquistar o mundo ou destruí-lo; como se os dois fossem melhores do que qualquer outro que tivesse vivido.

Eu estava fora do meu juízo perfeito, irracional, disse ela a si mesma, mas esse lampejo de memória não desapareceu.

E então ela se lembrou de ainda outra coisa: a maneira como Damon agira naquela mesma noite, como ele a manteve em segurança, e como fora gentil com ela.

Stefan a olhava e sua expressão mudara da beligerância para a raiva amargurada e o medo. Parte dela queria tranquilizá-lo inteiramente, atirar-se nele e dizer que ela era dele e sempre seria, que nada mais importava. Nem a cidade, nem Damon, nem nada.

Mas Elena não ia fazer isso. Porque outra parte dela dizia que a cidade *importava*. E porque a outra parte era terrivelmente confusa. Tão confusa...

Ela sentiu um tremor começar por dentro, do âmago, depois descobriu que não conseguia reprimi-lo. Sobrecarga emocional, pensou ela, e pôs a cabeça entre as mãos.

6

— Ela já tomou uma decisão. Você viu por si mesmo quando nos "interrompeu". Você já decidiu, não foi, Elena? — disse Stefan não de um jeito presunçoso, nem exigente, mas com uma espécie de vanglória desesperada.

— Eu... — Elena levantou a cabeça. — Stefan, eu te amo. Mas você não entende, já que tenho de decidir agora, decido que todos nós fiquemos juntos. Só por enquanto. Você *entende*? — Vendo apenas frieza no rosto de Stefan, ela se virou para Damon. — E você?

— Acho que sim. — Ele deu para ela seu sorriso secreto e possessivo. — Desde o início, eu disse a Stefan que ele era egoísta por não compartilhar você. Os irmãos devem dividir as coisas, sabe como é.

— Não foi o que eu quis dizer.

— Não? — Damon sorriu novamente.

— Não — disse Stefan. — *Eu* não entendo e não vejo como você pode me pedir para trabalhar com *ele*. Ele é cruel, Elena. Ele mata por prazer; não tem consciência alguma. Não se importa com Fell's Church; ele mesmo disse isso. É um monstro...

— Neste momento ele está sendo mais cooperativo do que você — disse Elena. Ela estendeu a mão para Stefan, procurando uma maneira de atingi-lo. — Stefan, eu *preciso* de você. E nós dois precisamos dele. Não pode tentar aceitar isso? — Como Stefan não respondeu, ela acrescentou: — Stefan, você realmente quer ser inimigo mortal do seu irmão para sempre?

— E você realmente acha que *ele* quer outra coisa?

Elena olhou as mãos unidas, vendo a superfície plana, as curvas e sombras. Ela hesitou responder por um minuto e, quando finalmente o fez, foi num tom de voz baixo e vagaroso.

— Ele me impediu de matar você — disse ela.

Elena sentiu o clarão da raiva defensiva de Stefan emergir, depois a sentiu diminuir. Algo como a derrota se esgueirava por Stefan e ele baixou a cabeça.

— É verdade — disse ele. — De qualquer maneira, quem sou eu para chamá-lo de cruel? O que ele fez que eu mesmo não teria feito?

Precisamos conversar, pensou Elena, detestando este ódio que ele tinha por si mesmo. Mas não era hora nem lugar para isso.

— Então você concorda? — disse ela, hesitante. — Stefan, diga o que está pensando.

— Neste momento estou pensando que você sempre consegue o que quer. É tudo sempre do seu jeito, não é, Elena?

Ela o fitou nos olhos, percebendo que as pupilas estavam tão dilatadas que somente um anel de íris verde aparecia na borda. Não havia mais raiva ali, apenas cansaço e amargura.

Mas não estou fazendo isso por mim, pensou ela, varrendo de sua mente a onda repentina de dúvida pessoal. Vou provar a você, Stefan; você verá. Pela primeira vez não estou fazendo uma coisa para minha própria conveniência.

— Então você concorda? — continuou ela em voz baixa.

— Sim. Eu... concordo.

— E *eu* concordo — disse Damon enquanto estendia a mão numa cortesia exagerada. Ele pegou a de Elena antes que ela pudesse dizer alguma coisa. — Na realidade, parece que todos estamos num frenesi de puro entendimento.

Não, pensou Elena, mas neste momento, no crepúsculo frio da galeria do coro, ela sentiu que era verdade, eles três estavam conectados, em harmonia, e eram fortes.

E então Stefan afastou a mão. No silêncio que se seguiu, Elena podia ouvir o barulho do lado de fora e na igreja. Ainda havia choro e gritos ocasionais, mas a urgência geral passara. Olhando pela janela ela viu pessoas andando pelo estacionamento encharcado entre os pequenos grupos que se

debruçavam sobre as vítimas feridas. O dr. Feinberg ia de um canto ao outro, aparentemente dando conselhos médicos. As vítimas pareciam sobreviventes de um furacão ou de um terremoto.

— Ninguém é o que parece — disse Elena.

— O quê?

— Foi o que Bonnie disse durante o funeral. Ela teve outro daqueles ataques. Acho que pode ser importante. — Ela tentou organizar os pensamentos. — Acho que tem gente na cidade que devíamos investigar. Como Alaric Saltzman. — Ela lhes contou brevemente o que tinha entreouvido naquele dia no sótão. — *Ele* não é o que parece, mas não sei exatamente o que é. Acho que devemos observá-lo. E como eu obviamente não posso aparecer em público, vocês dois terão de fazer isso. Mas não podem deixar que ele desconfie de nada... — Elena se interrompeu enquanto Damon ergueu a mão subitamente.

Ao pé da escada, uma voz chamava.

— Stefan? Está aí em cima? — Depois, a outra pessoa: — Pensei ter visto você subir.

Parecia o sr. Carson.

— Vá — sibilou Elena quase inaudível para Stefan. — Tem de ser o mais normal possível, assim pode ficar em Fell's Church. Eu vou ficar bem.

— Mas para onde *você* vai?

— Para a casa de Meredith. Depois eu explico. Vá.

Stefan hesitou e partiu escada abaixo, dizendo, "Estou indo". Depois recuou.

— Não vou deixar você com *ele* — disse Stefan categoricamente.

Elena levantou as mãos, exasperada.

— Então vão os dois. Vocês acabaram de concordar em trabalhar juntos; vão voltar atrás agora? — Ela perguntou a Damon, que parecia não estar disposto a ceder.

Ele deu de ombros levemente.

— Tudo bem. Só uma coisa... Está com fome?

— Eu... não. — Com o estômago agitado, Elena entendeu o que ele perguntava. — Não, nem um pouco.

— Que bom. Mas ficará, mais tarde. Lembre-se disso. — Ele se espremeu por Stefan na escada, angariando um olhar cáustico. Mas Elena ouviu a voz de Stefan em sua mente enquanto os dois desapareciam.

Encontro você mais tarde. Espere por mim.

Elena queria poder responder com os próprios pensamentos. Ela também percebeu uma coisa. A voz mental de Stefan estava muito mais fraca do que quatro dias atrás, quando ele lutou com o irmão. Pensando bem, ele não conseguira falar com a mente antes, na comemoração do Dia dos Fundadores. Ela ficou tão confusa quando acordou perto do rio que não pensou em nada na hora, mas agora refletia. O que houve para que ele ficasse tão forte? E por que a força dele agora sumia?

Elena teve tempo para pensar nisso enquanto ficava sentada ali na galeria deserta do coro da igreja, enquanto as pessoas lá embaixo deixavam a igreja e o céu nublado aos poucos escurecia. Ela pensou em Stefan, em Damon, e se perguntou se tomou a decisão certa. Jurou que nunca mais deixaria que eles brigassem, mas esse juramento já fora quebrado antes. Seria pedir demais que eles vivessem uma trégua, mesmo que temporária?

Quando o céu ficou uniformemente escuro, ela se arriscou a descer a escada. A igreja estava vazia e ecoava. Elena não pensou em como sairia dali, mas felizmente a porta lateral só estava trancada por dentro. Ela saiu para a noite, agradecida.

Elena não tinha percebido como era bom ficar ao ar livre no escuro. Ficar dentro de construções a fazia se sentir presa e a luz do dia doía em seus olhos. Isto era melhor, livre, sem restrições — e sem ser vista. Os sentidos de Elena se alegraram com o mundo exuberante ao redor. Com o ar tão imóvel, os cheiros pendiam por muito tempo e ela podia sentir toda uma pletora de criaturas noturnas. Uma raposa procurava comida numa lixeira. Os ratos mastigavam alguma coisa nos arbustos. Mariposas chamavam-se com o cheiro.

Ela descobriu que não era difícil chegar à casa de Meredith sem ser detectada; as pessoas pareciam estar dentro de casa. Mas depois que chegou lá, ficou olhando desanimada a graciosa casa de fazenda com a varanda telada. Não podia simplesmente se aproximar da porta da frente e bater. Será que Meredith estava realmente esperando por isso? Ela não estaria lá fora, se assim fosse?

Meredith teria um choque terrível se *não* a estivesse esperando, refletiu Elena, olhando a distância para o telhado da varanda. A janela do quarto de Meredith ficava acima, depois da curva da casa. Seria meio fora de alcance, mas Elena calculou que conseguiria.

Foi fácil chegar ao telhado; seus dedos e os pés descalços encontraram frestas entre os tijolos e a impeliram para cima. Mas se pendurar no canto da janela para olhar pela janela de Meredith foi um esforço e tanto. Ela piscou diante da luz que vinha lá de dentro.

Meredith estava sentada na beira da cama, os cotovelos nos joelhos, olhando o vazio. De vez em quando passava a mão no cabelo preto. Um relógio na mesa de cabeceira marcava 6:43.

Elena bateu as unhas na janela.

Meredith deu um salto e olhou para o lado errado, para a porta. Ficou agachada numa posição defensiva, agarrando uma almofada. Como a porta não se abriu, ela deu um passo ou dois para lá, ainda na defensiva.

— Quem é? — disse ela.

Elena bateu no vidro novamente.

Meredith girou para olhar a janela, a respiração se acelerando.

— Me deixe entrar — disse Elena. Ela não sabia se Meredith podia ouvi-la, então anunciou com clareza. — Abra a janela.

Meredith, ofegante, olhou o quarto como se esperasse que alguém aparecesse para ajudá-la. Como ninguém apareceu, aproximou-se da janela como se esta fosse um animal perigoso. Mas não a abriu.

— Me deixe *entrar* — disse Elena de novo. Depois acrescentou, com impaciência: — Se não queria que eu viesse, por que marcou comigo?

Ela viu o exato momento em que os ombros de Meredith relaxaram um pouco. Devagar, com dedos que eram anormalmente desajeitados, Meredith abriu a janela e recuou.

— Agora me convide para entrar. Se não, não poderei.

— En... — A voz de Meredith falhou e ela teve de tentar novamente. — Entre — disse ela. Quando Elena, estremecendo, se içou sobre o peitoril e flexionou os dedos doloridos, Meredith acrescentou, quase perplexa: — Tinha que ser você. Ninguém mais dá ordens desse jeito.

— Sou eu — disse Elena. Ela parou de flexionar os dedos e olhou nos olhos da amiga. — Sou eu mesma, Meredith — disse ela.

Meredith assentiu e engoliu em seco. Naquele momento, o que Elena mais teria gostado no mundo seria um abraço da amiga. Mas Meredith não era do tipo de abraçar, e agora recuava lentamente para se sentar na cama de novo.

— Sente-se — disse ela numa voz artificialmente calma. Elena puxou a cadeira da escrivaninha e sem pensar assumiu a posição anterior de Meredith, com os cotovelos nos joelhos, a cabeça baixa. Depois ergueu a cabeça.

— Como você soube?

— Eu... — Meredith só a olhou por um instante, depois se sacudiu. — Bom. Você... Seu corpo não foi encontrado, é claro. Isso era estranho. E depois aqueles ataques ao velho, a Vickie e Tanner... E Stefan e as coisinhas que consegui saber sobre ele... Mas eu não *sabia*. Não tinha certeza. Agora tenho — ela terminou quase num sussurro.

— Bom, adivinhou bem — disse Elena. Ela tentava se comportar normalmente, mas o que havia de normal nesta situação? Meredith agia como se mal pudesse olhar para ela. Isso fez com que Elena se sentisse mais solitária, mais sozinha do que nunca.

Uma campainha soou no primeiro andar. Elena a ouviu, mas sabia que Meredith não escutara nada.

— Quem está vindo aqui? — disse ela. — Tem alguém na porta.

— Pedi a Bonnie para vir às sete horas, se a mãe dela deixasse. Deve ser ela. Vou ver. — Meredith parecia quase desesperadamente ansiosa para sair dali.

— Espere. *Ela* sabe?

— Não... hum, quer dizer, eu preciso contar a ela com delicadeza. — Meredith olhou o quarto novamente, insegura, e Elena acendeu a pequena luminária perto da cama.

— Apague a luz do quarto. Meus olhos doem, de qualquer maneira — disse ela em voz baixa. Quando Meredith obedeceu, o quarto ficou escuro o bastante para ela se esconder nas sombras.

Esperando que Meredith voltasse com Bonnie, Elena se escondeu num canto, abraçando os cotovelos com as mãos. Talvez fosse má ideia tentar envolver Meredith e Bonnie. Se a imperturbável Meredith não conseguia lidar com a situação, será que Bonnie conseguiria?

Meredith anunciou a recém-chegada murmurando sem parar, "Não grite agora; *não grite*", enquanto conduzia Bonnie pela soleira da porta.

— Qual é o seu *problema*? O que está *fazendo*? — Bonnie ofegou em resposta. — Me solta. Sabe o que tive que fazer para minha mãe me deixar sair de casa hoje? Ela queria me levar ao hospital em Roanoke.

Meredith fechou a porta.

— Tudo bem — disse ela a Bonnie. — Agora você vai ver uma coisa que vai... Bom, vai ser um choque. Mas não pode gritar, entendeu? Vou te soltar se me prometer isso.

— Está escuro demais para ver alguma coisa e você está me assustando. Qual é o seu *problema*, Meredith? Ah, tá legal, eu prometo, mas do que você está falando...

— Elena — disse Meredith. Elena tomou isto como um convite e avançou um passo.

Ela não esperava por aquela reação de Bonnie. Ela franziu a testa e se inclinou para frente, espiando na luz fraca. Quando viu a silhueta de Elena, Bonnie arfou. Mas depois, ao olhar Elena no rosto, ela bateu palmas com um gritinho de alegria.

— Eu sabia! Eu sabia que eles estavam errados! Aí está, Meredith... E você e Stefan pensaram que sabiam tudo sobre afogamento... Mas eu sabia que vocês estavam errados! Ah, Elena, senti tanto a sua falta! Todo mundo vai ficar tão...

— *Silêncio*, Bonnie! Silêncio! — disse Meredith com urgência. — Eu disse pra não gritar. Escute, sua idiota, acha que se Elena estivesse mesmo bem, ela estaria *aqui* no meio da noite sem ninguém saber disso?

— Mas ela *está* bem; olhe para ela. Está parada ali. É você, não é, Elena? — Bonnie partiu para ela, mas Meredith a segurou novamente.

— Sim, sou eu. — Elena tinha a estranha sensação de que vagava por uma comédia surreal, talvez escrita por Kafka, só que ela não conhecia as falas. Não sabia o que dizer a Bonnie, que a olhava em êxtase. — Sou eu, mas... Não está exatamente tudo bem — disse ela sem jeito, sentando-se novamente. Meredith cutucou Bonnie para se sentar na cama.

— Por que estão fazendo tanto mistério? Ela está aqui, mas não está tudo bem. O que isso quer dizer?

Elena não sabia se ria ou chorava.

— Olha, Bonnie... Ai, não sei como dizer isso. Bonnie, sua avó vidente já falou alguma vez sobre vampiros?

O silêncio caiu pesado como um machado. Os minutos se passaram. Os olhos de Bonnie se arregalaram ainda mais, o que parecia impossível; depois resvalaram para Meredith. Houve vários minutos de silêncio, em seguida Bonnie mudou o peso do corpo para a porta.

— Er, olha, gente — disse ela com brandura —, isso está ficando muito esquisito. Quer dizer, esquisito de verdade...

Elena refletiu.

— Pode olhar meus dentes — disse ela. Ela repuxou o lábio superior, futucando um canino com o dedo. Sentiu o alongamento e afilamento reflexivo, como a garra de um gato se estendendo devagar.

Meredith se aproximou e olhou, depois virou o rosto rapidamente.

— Entendi seu argumento — disse ela, mas a voz não demonstrava o antigo prazer com sua perspicácia. — Bonnie, olhe — disse ela.

Toda a euforia, toda a excitação tinham esgotado Bonnie. Ela parecia prestes a vomitar.

— Não. Não quero.

— Tem que olhar. Precisa acreditar, ou não vamos chegar a parte alguma. — Meredith tentava arrastar uma Bonnie rígida e resistente. — Abra os olhos, boboca. Não é você que adora essas histórias sobrenaturais?

— Eu mudei de *ideia* — disse Bonnie, quase chorando. Havia um desespero genuíno em seu tom de voz. — Me deixe em *paz*, Meredith; não *quero* olhar. — Ela se encolheu, tentando se afastar.

— Não precisa fazer isso — sussurrou Elena, atônita. O desânimo se acumulava dentro dela e as lágrimas tomaram seus olhos. — Foi uma má ideia, Meredith. Eu vou embora.

— *Não*. Ah, não vá. — Bonnie se virou com tanta rapidez que rodou e se precipitou para os braços de Elena. — Desculpe, Elena; desculpe. Eu não me importo com o que você é; só estou feliz por ter voltado. Foi horrível sem você. — Ela agora chorava abertamente.

As lágrimas que não vieram quando Elena estava com Stefan saíram agora. Ela chorou, abraçada a Bonnie, sentindo os braços de Meredith se fecharem nas duas. Todas choravam — Meredith em silêncio, Bonnie ruidosamente e Elena com uma intensidade apaixonada. Parecia que estava chorando por tudo o que acontecera, por tudo o que perdera, por toda a solidão, medo e dor.

Por fim, todas terminaram sentando-se no chão, joelhos contra joelhos, como faziam quando eram crianças e tramavam planos secretos numa festinha de pijama.

— Você é tão corajosa — disse Bonnie a Elena, fungando. — Não sei como pode ser tão corajosa com isso.

— Você não sabe como me sinto por dentro. Não sou nada corajosa. Mas tenho que lidar com isso de alguma maneira, porque não sei mais o que fazer.

— Suas mãos não são geladas. — Meredith apertou os dedos de Elena. — Só um pouquinho. Pensei que ficariam mais frias.

— As mãos de Stefan também não são geladas — disse Elena e estava prestes a continuar, mas Bonnie soltou um guincho.

— *Stefan?*

Meredith e Elena olharam para ela.

— Tenha sensibilidade, Bonnie. Ninguém consegue ser vampira sozinha. Alguém tem que transformar o outro.

— Mas então *Stefan*...? Quer dizer que ele é...? — A voz de Bonnie ficou sufocada.

— Eu acho — disse Meredith — que talvez seja a hora de nos contar toda a história, Elena. Tipo todos aqueles detalhes mínimos que você deixou de fora na última vez em que pedimos a história toda.

Elena assentiu.

— Tem razão. É difícil de explicar, mas vou tentar. — Ela respirou fundo. — Bonnie, lembra do primeiro dia de aula? Foi a primeira vez que soube que você faz profecias. Você olhou a palma da minha mão e disse que eu ia conhecer um garoto, de cabelos castanhos, estrangeiro. E que ele não era alto, mas *tinha* sido. Bom... — Ela olhou para Bonnie e depois para Meredith. — Stefan agora não é alto. Mas antigamente era... Comparado com outras pessoas do século XV.

Meredith assentiu, mas Bonnie soltou um som fraco e se balançou para trás, parecendo chocada.

— Quer dizer...

— Quero dizer que ele viveu na Itália renascentista e a maioria das pessoas era mais baixa que ele na época. Assim, Stefan era mais alto, comparativamente. E, calma, antes que você desmaie, tem outra coisa que devia saber. Damon é irmão dele.

Meredith assentiu de novo.

— Eu imaginei algo assim. Mas por que Damon ficou dizendo que é universitário?

— Eles não se entendem muito bem. Por muito tempo, Stefan nem sabia que Damon estava em Fell's Church. — Elena se interrompeu. Estava entrando na história pessoal de Stefan, que sempre achou que era um

segredo *dele*. Mas Meredith tinha razão; era hora de contar tudo. — Escutem, foi o seguinte — disse ela. — Stefan e Damon estavam apaixonados pela mesma mulher na Itália renascentista. Ela era da Alemanha e o nome dela era Katherine. O motivo para Stefan me evitar no começo das aulas era que eu o lembrava dela; ela também era loura e tinha olhos azuis. Ah, e esse era o anel dela. — Elena soltou a mão de Meredith e mostrou a elas o anel de ouro com entalhes complexos e uma pedra solitária de lápis-lazúli.

— E por acaso Katherine era vampira. Um cara chamado Klaus a transformou na aldeia que ela vivia na Alemanha para que ela não morresse de uma doença terminal. Stefan e Damon sabiam disso, mas não se importaram. Eles pediram para que Katherine decidisse com quem ela queria se casar. — Elena parou e deu um sorriso torto, pensando que o sr. Tanner tinha razão; a história se repetia. Ela só esperava que a história dela mesma não terminasse como a de Katherine. — Mas ela escolheu *os dois*. Ela trocou sangue com os dois e disse que os três podiam viver juntos pela eternidade.

— Que coisa pervertida — murmurou Bonnie.

— Que coisa *burra* — disse Meredith.

— Você entendeu bem — disse-lhe Elena. — Katherine era um doce, mas não era muito inteligente. Stefan e Damon já não se gostavam. Eles disseram que ela *precisava* decidir, que eles nem cogitariam partilhá-la. E ela fugiu, chorando. No dia seguinte... Bom, eles acharam o corpo dela, ou o que restava dele. Olha só, um vampiro precisa de um talismã como este anel para sair ao sol sem ser morto. E Katherine saiu ao sol sem o anel. Ela pensou que Damon e Stefan se reconciliariam se ela ficasse fora do caminho deles.

— Ah, meu Deus, que ro...

— Não, *não* é — Elena interrompeu Bonnie com veemência. — Não é nada romântico. Desde então Stefan tem vivido com a culpa e acho que Damon também, embora ninguém vá conseguir que ele admita isso. E o resultado imediato foi que eles pegaram as espadas e se mataram. Sim, se *mataram*. É por isso que agora eles são vampiros e é por isso que eles se

odeiam tanto. E é por isso que eu devo ser uma grande tola por tentar fazer com que eles cooperem.

7

— Cooperar com o quê? — perguntou Meredith.

— Depois eu explico. Primeiro quero saber o que aconteceu na cidade desde que eu... parti.

— Bom, principalmente toda a comoção — disse Meredith, erguendo uma sobrancelha. — Tia Judith tem estado muito mal. Ela teve uma alucinação de que viu você... Só que não foi alucinação, foi? E parece que ela e Robert terminaram.

— Eu sei — disse Elena, fechando a cara. — Continue.

— Todo mundo na escola está perturbado. Eu queria conversar com Stefan, em especial depois que comecei a desconfiar de que você não estava morta de verdade, mas ele não foi à escola. Matt *foi*, mas tem alguma coisa errada com ele. Parece um zumbi e não fala com ninguém. Eu queria explicar a ele que havia uma possibilidade de você não ter partido para sempre. Pensei que isso o animaria. Mas ele nem me ouviu. Estava totalmente fora de si e a certa altura achei que ele ia me bater. Não ouviu nem uma palavra sequer.

— Ah, meu Deus... Matt. — Algo terrível se agitava no fundo da mente de Elena, uma lembrança perturbadora demais para ser libertada. Ela não podia lidar com mais nada agora, *não podia*, pensou Elena, e empurrou a lembrança de volta.

Meredith continuava.

— Mas é evidente que algumas pessoas também desconfiam de sua "morte". Foi por isso que eu disse o que disse no serviço fúnebre; tive medo de que Alaric Saltzman acabasse pegando você numa emboscada na frente da sua casa se eu dissesse o dia e o lugar corretos. Ele anda fazendo todo tipo

de perguntas, e ainda bem que Bonnie não sabia de nada, ou podia falar demais.

— Isso não é justo — protestou Bonnie. — Alaric está apenas interessado, é só isso, e ele quer nos ajudar a superar o trauma, como antes. Ele é de aquário...

— Ele é um espião — disse Elena. — E talvez mais do que isso. Mas a gente conversa sobre essa história depois. E Tyler Smallwood? Não o vi no funeral.

Meredith ficou confusa.

— Quer dizer que não sabe?

— Eu não sei de *nada*; passei quatro dias dormindo num sótão.

— Bom... — Meredith parou, inquieta. — Tyler acaba de voltar do hospital. O mesmo com Dick Carter e aqueles quatro valentões com quem eles estavam no Dia dos Fundadores. Eles foram atacados no barracão naquela tarde e perderam muito sangue.

— *Ah.* — Estava explicado por que os Poderes de Stefan ficaram muito mais fortes naquela noite. E por que vinham enfraquecendo desde então. Ele não devia se alimentar desde aquele dia. — Meredith, Stefan é suspeito?

— Bom, o pai do Tyler tentou, mas a polícia não conseguiu bater os horários. Eles souberam aproximadamente quando Tyler foi atacado porque ele devia se encontrar com o sr. Smallwood e não apareceu. E Bonnie e eu podemos dar um álibi a Stefan para aquela hora porque tínhamos acabado de deixá-lo perto do rio com seu corpo. Então ele *não pode* ter voltado ao barracão para atacar Tyler... Pelo menos nenhum ser humano normal poderia. E até agora a polícia não pensou em nada sobrenatural.

— Sei. — Elena ficou aliviada pelo menos com isto.

— Tyler e aqueles caras não podem identificar o agressor por que não se lembram de nada daquela tarde — acrescentou Meredith.

— Nem Caroline.

— *Caroline* estava lá?

— Estava, mas não foi mordida. Só estava em choque. Apesar de tudo o que ela fez, eu quase sinto pena dela. — Meredith deu de ombros e

acrescentou: — Ela anda bem patética ultimamente.

— E não acho que alguém vá suspeitar de Stefan depois do que aconteceu com aqueles cães na igreja hoje — acrescentou Bonnie. — Meu pai disse que um cachorro grande pode ter quebrado a janela do barracão, e as feridas no pescoço de Tyler são meio parecidas com mordidas de animal. Acho que muita gente acredita que foi um cachorro ou uma matilha que fez aquilo.

— É uma explicação conveniente — disse Meredith, secamente. — Quer dizer que eles não precisam mais pensar no assunto.

— Mas é ridículo — disse Elena. — Cães normais não se comportam desse jeito. As pessoas não estão se perguntando *por que* seus cães de repente saíram de controle e se voltaram contra elas?

— Muita gente está se livrando deles. Ah, e ouvi alguém falar de um exame obrigatório de raiva — disse Meredith. — Mas não é só raiva, né, Elena?

— Não, acho que não. E nem Stefan ou Damon. E era sobre isso que eu queria conversar. — Elena explicou, com a maior clareza que pôde, o que esteve pensando sobre o Outro Poder em Fell's Church. Contou sobre a força que a perseguira na ponte e da sensação que teve com os cães, de tudo o que ela, Stefan e Damon discutiram. E concluiu: — E a própria Bonnie disse na igreja hoje: "Alguma coisa maligna." Acho que é o que está em Fell's Church, algo que ninguém conhece, algo completamente mau. Não imagino que *você* saiba o que isso significa, Bonnie.

Mas a mente de Bonnie disparava por outra via.

— Então Damon não fez *necessariamente* todas aquelas coisas medonhas que você disse que ele fez — disse ela com astúcia. — Tipo matar Yangtze, machucar Vickie e matar o sr. Tanner, tudo isso. Eu disse para você que um cara tão lindo não podia ser um psicopata homicida.

— Eu acho — disse Meredith fitando Elena — que é melhor você esquecer Damon como interesse amoroso.

— Sim — disse Elena enfaticamente. — Ele *matou* o sr. Tanner, Bonnie. E há motivos para acreditar que os outros ataques também foram dele; vou

perguntar a ele sobre isso. E eu mesma estou tendo muitos problemas para lidar com Damon. Você não vai querer se misturar com ele, Bonnie, pode acreditar.

— Eu tenho que deixar Damon em paz; tenho que deixar Alaric em paz... Tem algum cara que eu *não* deva deixar em paz? E enquanto isso Elena pega todos. Não é justo.

— A *vida* não é justa — disse Meredith com severidade. — Mas escute, Elena, mesmo que exista esse Outro Poder, que tipo de poder acha que é? Parece com o quê?

— Não sei. Uma coisa tremendamente forte... Mas pode se proteger para que não possamos senti-la. Pode parecer uma pessoa comum. E é por isso que vim pedir sua ajuda, porque pode ser qualquer um em Fell's Church. É como o que Bonnie disse no funeral hoje: "Ninguém é o que parece."

Bonnie ficou perdida.

— Não me lembro de ter dito isso.

— Você disse, sim. "Ninguém é o que parece" — Elena citou novamente. — *Ninguém*. — Ela olhou para Meredith, mas os olhos escuros sob as sobrancelhas arqueadas e elegantes eram calmos e distantes.

— Bom, isso faz com que *todo mundo* seja suspeito — disse Meredith em sua voz mais inabalável. — Não é?

— É — disse Elena. — Mas é melhor pegar papel e caneta e fazer uma lista dos mais importantes. Damon e Stefan já concordaram em ajudar na investigação e vamos ter uma chance muito maior de descobrir se vocês ajudarem também. — Nisso ela estava em plena forma; sempre foi boa na organização de tarefas, de esquemas para conseguir meninos a eventos para angariar fundos. Esta era só uma versão mais séria dos velhos planos A e B.

Meredith deu lápis e papel a Bonnie, que olhou para eles, depois para Meredith, em seguida para Elena.

— Tá legal — disse ela —, mas quem *entra* na lista?

— Bom, todo mundo de quem temos motivos para desconfiar de que seja o Outro Poder. Qualquer um que possa ter feito coisas que sabemos que foram feitas: fechar Stefan no poço, me perseguir, colocar os cães contra as

pessoas. Qualquer um que a gente tenha visto com um comportamento estranho.

— Matt — disse Bonnie, escrevendo, atarefada. — E Vickie. E Robert.

— Bonnie! — exclamaram Elena e Meredith ao mesmo tempo.

Bonnie levantou a cabeça.

— Bom, o Matt *tem* estado estranho e Vickie também, há meses. E Robert ficou zanzando do lado de fora da igreja antes do funeral, mas não entrou...

— Ah, Bonnie, francamente — disse Meredith. — A Vickie é uma *vítima*, e não suspeita. E se Matt é um Poder do mal, eu sou o corcunda de Notre Dame. Quanto a Robert...

— Tá legal, já risquei todos — disse Bonnie friamente. — Agora vamos ouvir as *suas* ideias.

— Não, peraí — disse Elena. — Bonnie, só um minutinho. — Ela pensava em alguma coisa, algo que a incomodara por algum tempo, desde... — Desde a igreja — disse ela em voz alta, lembrando-se. — Sabe de uma coisa, eu também vi o Robert na frente da igreja, quando eu estava escondida na galeria do coro. Foi pouco antes do ataque dos cães e ele estava meio que recuando, como se soubesse o que ia acontecer.

— Ah, mas Elena...

— Não, escute, Meredith. E eu o vi antes, na noite de sábado, com a tia Judith. Quando ela disse que não ia se casar com ele, apareceu alguma coisa no rosto dele... Sei lá. Mas acho que é melhor colocar Robert na lista de novo, Bonnie.

Séria, depois de hesitar por um momento, Bonnie escreveu.

— Quem mais? — disse ela.

— Bom, Alaric, eu acho — disse Elena. — Desculpe, Bonnie, mas ele é praticamente o número um. — Ela contou o que ouviu pela manhã entre Alaric e o diretor. — Ele não é um professor de história comum; eles o chamaram aqui por algum motivo. Ele sabe que me tornei uma vampira e está procurando por mim. E hoje, enquanto os cachorros atacavam, ele ficou

parado, fazendo uns gestos esquisitos. Sem dúvida ele não é o que parece e a única pergunta é: o que ele *é*? Está me ouvindo, Meredith?

— Estou. Sabe de uma coisa, acho que devia incluir a sra. Flowers nessa lista. Lembra que ela ficou na janela do pensionato quando tiramos Stefan do poço, mas não desceu para abrir a porta pra gente? Esse é um comportamento estranho.

Elena assentiu.

— É, e ela desligava na minha cara quando eu telefonava para ele. Ela certamente se protege naquela casa velha. Pode ser só uma velha caduca, mas coloque na lista de qualquer forma, Bonnie. — Ela passou a mão no cabelo, tirando-o da nuca. Estava quente. Ou... não exatamente quente, mas desagradável de uma maneira parecida com o calor. Ela estava sedenta.

— Tá legal, vou passar no pensionato amanhã antes da aula — disse Meredith. — Enquanto isso, o que mais podemos fazer? Vamos dar uma olhada na lista, Bonnie.

Bonnie ergueu a lista para que elas pudessem ver, e Elena e Meredith se inclinaram e leram.

~~Matt Honeycutt~~
~~Vickie Bennett~~
Robert Maxwell — O que ele fazia na igreja quando os cães atacaram? E o que aconteceu à noite com a tia de Elena?

Alaric Saltzman — Por que ele faz tantas perguntas? Para que exatamente ele foi chamado a Fell's Church?

Sra. Flowers — Por que ela age de forma tão estranha? Por que não abriu a porta para entrarmos quando Stefan estava ferido?

— Ótimo — disse Elena. — Acho que podemos descobrir também de quem eram os cães que estavam na igreja hoje. E você pode vigiar Alaric na escola amanhã.

— *Eu* vou vigiar Alaric — disse Bonnie com firmeza. — E vou conseguir que ele se livre da suspeita; vai ver só.

— Tudo bem, faça isso. Pode ficar com ele. E Meredith pode investigar a sra. Flowers, e eu vou cuidar do Robert. E quanto a Stefan e Damon... Bom, eles cuidam de *qualquer um*, porque podem usar os Poderes para sondar a mente das pessoas. Além disso, essa lista não está nada completa. Vou pedir a eles para dar uma volta pela cidade em busca de algum sinal de Poder, ou qualquer coisa esquisita que esteja acontecendo. É mais provável que eles reconheçam e eu não.

Recostando-se, Elena lambeu os lábios, distraída. Ela *estava mesmo* sedenta. Percebeu algo que nunca notara: o traçado delicado das veias na face interna do pulso de Bonnie. Bonnie ainda segurava o bloco e a pele de seu pulso era tão transparente que as veias verde-azuladas apareciam com clareza. Elena queria ter dado atenção quando estudaram anatomia humana na escola; qual era mesmo o nome dessa veia, a grande, que se ramifica como uma forquilha numa árvore...?

— Elena. Elena!

Sobressaltada, Elena levantou a cabeça e viu os olhos escuros e preocupados de Meredith e a expressão alarmada de Bonnie. Foi só então que percebeu que estava agachada perto do pulso de Bonnie, alisando a veia maior com o dedo.

— Desculpe — murmurou ela, recostando-se. Mas podia sentir o alongamento de seus caninos afiados. Era parecido com usar aparelho nos dentes; ela podia sentir com clareza a diferença de peso. Elena percebeu que seu sorriso tranquilizador para Bonnie não surtiu o efeito desejado. Bonnie parecia assustada, o que era tolice. Bonnie devia saber que Elena jamais a machucaria. E Elena não estava com *muita* fome esta noite; sempre foi de comer pouco. Podia ter tudo o que precisava daquela veiazinha ali no pulso...

Elena se pôs de pé num salto e girou para a janela, encostando-se no caixilho, sentindo o ar frio da noite soprar em sua pele. Estava tonta e não conseguia controlar a respiração.

O que ela estava *fazendo*? Ela se virou e viu Bonnie aninhada perto de Meredith, as duas parecendo doentes de medo. Elena odiava que a olhassem

dessa maneira.

— Desculpe — disse ela. — Eu não pretendia fazer isso, Bonnie. Olha, não vou chegar mais perto. Eu devia ter me alimentado antes de vir aqui. O Damon disse que eu teria fome mais tarde.

Bonnie engoliu em seco, parecendo ainda mais nauseada.

— Alimentado?

— Sim, claro — disse Elena com acidez. Suas veias ardiam; era esta a sensação. Stefan a descrevera, mas ela nunca entendeu realmente; nunca percebeu o que ele passava quando era dominado pela necessidade de sangue. Era terrível, irresistível. — O que acha que como ultimamente? Vento? — acrescentou ela, num tom de desafio. — Agora sou uma caçadora, e é melhor sair para caçar.

Bonnie e Meredith tentavam compreender; ela sabia que se esforçavam, mas também podia ver a repulsa no olhar das amigas. Elena se concentrou em usar seus novos sentidos, em abrir-se para a noite à procura da presença de Stefan ou Damon. Era difícil porque nenhum dos dois estava projetando sua mente, como fizeram na noite em que lutaram no bosque, mas ela pensou sentir uma centelha de Poder na cidade.

Mas Elena não tinha como se comunicar com eles e a frustração agravou ainda mais a ardência em suas veias. Ela havia decidido simplesmente que podia sair sem eles quando as cortinas bateram em seu rosto, numa lufada de vento. Bonnie recuou com um ofegar, derrubando a luminária da mesa de cabeceira e lançando o quarto na escuridão. Xingando, Meredith tentou endireitar a luminária. As cortinas esvoaçavam na luz que bruxuleava e Bonnie parecia tentar gritar.

Quando a lâmpada finalmente foi atarraxada de volta, revelou Damon sentado despreocupadamente, mas de forma precária, no peitoril da janela aberta, com um joelho para cima. Dava um de seus sorrisos mais ousados.

— Posso? — disse ele. — Isto é desconfortável.

Elena olhou para Bonnie e Meredith, que estavam encostadas no armário, ao mesmo tempo apavoradas e hipnotizadas. Ela sacudiu a cabeça, exasperada.

— E eu achava que *eu* é que gostava de fazer entradas teatrais — disse ela. — Muito engraçado, Damon. Agora vamos.

— Com essas duas lindas amigas suas bem aqui? — Damon sorriu novamente para Bonnie e Meredith. — Além de tudo, acabei de chegar. Ninguém terá a educação de me convidar para entrar?

Os olhos castanhos de Bonnie, incontrolavelmente fixos no rosto dele, se suavizaram um pouco. Seus lábios, que estavam separados de pavor, se separaram ainda mais. Elena reconheceu os sinais de desastre iminente.

— Não, elas *não vão* — disse Elena. Ela se colocou diretamente entre Damon e as outras meninas. — Ninguém aqui está à sua disposição, Damon... Nem agora, nem nunca. — Vendo a chama de desafio nos olhos dele, ela acrescentou com malícia: — De qualquer maneira, estou indo embora. Não sei quanto a *você*, mas eu vou caçar. — Ela ficou mais tranquila ao sentir a presença de Stefan por perto, talvez no telhado, e ouvir sua correção imediata: *Nós vamos caçar, Damon. Pode ficar sentado aí a noite toda, se quiser.*

Damon desistiu com elegância, lançando um último olhar de diversão para Bonnie antes de desaparecer da janela. Bonnie e Meredith partiram para frente, alarmadas, obviamente preocupadas que ele tenha morrido na queda.

— Ele está bem — disse Elena, sacudindo a cabeça de novo. — E não se preocupem, não vou deixar que volte. Encontro vocês nessa mesma hora amanhã. Tchau.

— Mas... Elena... — Meredith parou. — Quer dizer, eu ia perguntar se você queria trocar de roupa.

Elena se olhou. O vestido do século XIX estava esfarrapado e sujo, a musselina fina e branca rasgada em alguns lugares. Mas não havia tempo para trocar de roupa; ela precisava se alimentar *agora*.

— Isso vai ter de esperar — disse ela. — A gente se vê amanhã. — E Elena se atirou pela janela, como Damon fizera. Na última vez em que olhou para trás, viu Meredith e Bonnie observarem atordoadas a sua partida.

Elena estava ficando melhor nos pousos; desta vez não machucou os joelhos. Stefan estava ali e lançou alguma coisa escura e quente em volta dela.

— Seu manto — disse ela, satisfeita. Por um momento eles sorriram um para o outro, lembrando-se da primeira vez em que ele emprestara seu manto a ela, depois de tê-la salvado de Tyler no cemitério e a levado até seu quarto para se limpar. Na hora, ele teve medo de tocar em Elena. Mas, pensou ela, sorrindo para os olhos dele, ela deu um jeito nesse medo rapidamente.

— Pensei que íamos caçar — disse Damon.

Elena voltou o sorriso para ele, sem soltar a mão de Stefan.

— E vamos — disse ela. — Onde devemos ir?

— Qualquer casa desta rua — sugeriu Damon.

— O bosque — disse Stefan.

— O bosque — decidiu Elena. — Não tocamos em humanos e não matamos. Não é assim, Stefan?

Ele retribuiu a pressão em seus dedos.

— É assim — disse ele em voz baixa.

O lábio de Damon se torceu criticamente.

— E o que exatamente vamos procurar no bosque, posso saber? Ratos silvestres? Gambás? Cupins? — Os olhos de Damon encontraram os de Elena e sua voz baixou. — Venha comigo e vou lhe mostrar uma caçada de verdade.

— Podemos ir pelo cemitério — disse Elena, ignorando-o.

— O veado-de-cauda-branca se alimenta a noite toda em espaços abertos — Stefan disse a ela —, mas precisamos ter cuidado ao nos aproximarmos; eles podem ouvir tão bem quanto nós.

Em outra hora, então, disse a voz de Damon na mente de Elena.

8

— Quem...? Ah. É você! — disse Bonnie, alarmando-se ao sentir seu cotovelo sendo tocado. — Me deu um susto. Não ouvi você chegar.

Era preciso ter mais cuidado, percebeu Stefan. Nos poucos dias em que ficou fora da escola, ele perdeu o hábito de andar e se movimentar como um humano e recaíra no andar silencioso e perfeitamente controlado do caçador.

— Desculpe — disse ele, enquanto os dois seguiam lado a lado pelo corredor.

— Tranquilo — disse Bonnie com uma corajosa tentativa de indiferença. Mas seus olhos castanhos estavam arregalados e fixos. — E o que está fazendo aqui hoje? Meredith e eu passamos no pensionato de manhã para ver a sra. Flowers, mas ninguém atendeu. E não vi você na aula de biologia.

— Cheguei esta tarde. Voltei à escola. Pelo menos pelo tempo que precisar para descobrir o que procuramos.

— Quer dizer espionar Alaric — murmurou Bonnie. — Eu disse a Elena ontem para deixar Alaric comigo. Oooops — acrescentou ela, enquanto uma dupla de alunos do primeiro ano que passava a olhou. Ela revirou os olhos para Stefan. Por acordo mútuo, eles pegaram um corredor lateral e foram para o poço de uma escada vazia. Bonnie se encostou na parede com um gemido de alívio.

— Tenho que me lembrar de não falar o nome dela — disse ela, comovida —, mas é *tão difícil*. Minha mãe me perguntou como eu me sentia hoje de manhã e eu quase disse "Bem", porque vi Elena ontem à noite. Não sei como vocês dois conseguem esconder... você sabe o que... um segredo por tanto tempo.

Stefan sentiu um sorriso malicioso brotar entre seus lábios contra a própria vontade. Bonnie era como um gatinho de seis semanas, toda encanto e sem inibições. Sempre dizia exatamente o que passava pela sua cabeça, mesmo que contradissesse inteiramente o que acabara de falar, mas era sincera em tudo.

— Você está num corredor deserto com um você-sabe-o-que agora — Stefan lembrou a ela diabolicamente.

— Uuhhh. — Os olhos de Bonnie se arregalaram ainda mais. — Mas você não faria nada, né? — acrescentou ela, aliviada. — Porque Elena ia *matar* você... Ai, caramba. — Procurando outro assunto, ela engoliu em seco e disse: — E aí... Como foram as coisas ontem à noite?

O estado de espírito de Stefan ficou sombrio de imediato.

— Não muito bem. Ah, Elena está bem; está dormindo em segurança. — Antes que pudesse continuar, seus ouvidos captaram passos no final do corredor. Três meninas do terceiro ano estavam passando e uma delas se separou do grupo ao ver Stefan e Bonnie. A cara de Sue Carson estava pálida e seus olhos estavam avermelhados, mas ela sorriu para os dois.

Bonnie se encheu de preocupação.

— Sue, como você está? Como está o Doug?

— Estou bem. Ele também, ou pelo menos vai ficar. Stefan, eu queria falar com você — acrescentou ela, apressada. — Sei que ontem meu pai agradeceu a você por ajudar o Doug, mas eu queria agradecer também. Quer dizer, sei que as pessoas na cidade foram horríveis com você e... Bom, só estou surpresa que você se importasse a ponto de ajudar. Mas estou feliz com isso! Minha mãe disse que você salvou a vida de Doug. Então eu queria agradecer e pedir desculpas... por tudo.

A voz dela tremeu ao terminar seu discurso. Bonnie fungou e procurou um lenço na mochila, e por um momento parecia que Stefan ia ficar preso no poço da escada com duas meninas aos prantos. Desanimado, ele vasculhou o cérebro, procurando por uma distração.

— Está tudo bem — disse ele. — Como está a Chelsea?

— Está no canil da prefeitura. Estão mantendo os cães em quarentena lá, todos os que conseguiram pegar. — Sue enxugou os olhos e endireitou o corpo, e Stefan relaxou, vendo que o perigo havia passado. Caiu um silêncio canhestro.

— Bom — disse Bonnie enfim a Sue —, já soube o que o conselho da escola decidiu sobre o Baile da Neve?

— Ouvi dizer que se reuniram esta manhã e decidiram nos deixar fazer, assim. Mas alguém disse que falaram em proteção policial. Ih, o último sinal. É melhor irmos para a aula de história antes que Alaric nos dê falta.

— Daqui a pouco vamos também — disse Stefan. Acrescentando despreocupadamente: — Quando vai ser o Baile da Neve?

— No dia 13; na sexta-feira à noite, sabe como é — disse Sue, depois estremeceu. — Ai, meu Deus. Sexta-feira 13. Eu não tinha pensado nisso. Mas me lembra que há outra coisa que quero te dizer. Hoje de manhã tirei meu nome do concurso de rainha da neve. É só que... me parecia o certo a se fazer. Só isso. — Ela se afastou às pressas, quase correndo.

A mente de Stefan disparava.

— Bonnie, *o que é* um Baile da Neve?

— Bom, é como um baile de natal, só que temos uma rainha da neve em vez de uma rainha do natal. Depois do que aconteceu no Dia dos Fundadores, estavam pensando em cancelar, e com os cachorros ontem... Mas parece que vão fazer mesmo, no final das contas.

— Na sexta-feira 13 — disse Stefan com severidade.

— É. — Bonnie estava assustada de novo, se encolhendo e tentando ficar invisível. — Stefan, não faça essa cara; está me apavorando. Qual é o problema? O que acha que vai acontecer no baile?

— Não sei. — Mas algo vai acontecer, pensava Stefan. Fell's Church não tinha uma só comemoração pública que não fosse visitada pelo Outro Poder e esta provavelmente seria a última festividade do ano. Mas não tinha sentido falar nesse assunto agora. — Vamos — disse ele. — Estamos muito atrasados.

Ele tinha razão. Alaric Saltzman já estava ao quadro-negro quando entraram, como estivera no primeiro dia em que apareceu na aula de história. Se ficou surpreso ao vê-los chegando tão tarde, disfarçou impecavelmente, dando um de seus sorrisos mais simpáticos.

Então é você que está caçando o caçador, pensou Stefan, sentando-se e examinando o homem que estava diante dele. Você é mais do que aparenta? Talvez o Outro Poder de Elena?

Diante desta possibilidade, nada mais parecia improvável. O cabelo cor de areia de Alaric, meio comprido demais para um professor, o sorriso juvenil, o ânimo inabalável, tudo contribuía para uma impressão de inocência. Mas Stefan se preocupara desde o início com o que poderia haver por trás dessa fachada inofensiva. Ainda assim, não parecia muito provável que Alaric Saltzman estivesse por trás dos ataques a Elena ou do incidente com os cães. Nenhum disfarce seria tão perfeito.

Elena. A mão de Stefan se fechou sob a mesa e uma dor lenta despertou em seu peito. Ele não pretendia pensar nela. Só conseguiu passar pelos últimos dias mantendo-a à margem de sua mente, sem deixar que a imagem dela se aproximasse de fato. Mas é claro que o esforço de conservá-la a uma distância segura consumia grande parte de seu tempo e energia. E este era o pior lugar de todos para se estar, numa sala de aula onde ele não dava a mínima para o que era ensinado. Não havia mais *nada* para se pensar ali.

Stefan se obrigou a respirar lentamente, com calma. Ela estava bem; era isso que importava. Nada mais tinha importância. Mas mesmo dizendo isso a si mesmo, o ciúme o roía como os golpes de uma chibata. Porque agora, sempre que pensava em Elena, tinha de pensar *nele*.

Em Damon, que estava livre para ir e vir como bem entendesse. Que poderia até estar com Elena neste minuto.

A raiva ardeu na mente de Stefan, forte e fria, misturando-se com a dor quente em seu peito. Ele ainda não estava convencido de que não havia sido Damon que o atirou sem a menor preocupação, sangrando e inconsciente, num poço abandonado para morrer ali. E ele levaria muito mais a sério a ideia de Elena de Outro Poder se tivesse certeza absoluta de que Damon não

perseguira Elena até a morte. Damon era maligno; não tinha misericórdia nem escrúpulos...

E o que ele fez que eu não tenha feito?, perguntou-se Stefan, pela centésima vez, com severidade. Nada.

A não ser matar.

Stefan tentou matar. Pretendia matar Tyler. Em suas lembranças, o fogo frio da raiva que nutria por Damon se extinguia e ele observou uma carteira nos fundos da sala.

Estava vazia. Embora Tyler tivesse saído do hospital na véspera, não voltara à escola. Ainda assim, não devia haver perigo em se lembrar de nada daquela tarde terrível. A sugestão subliminar de esquecer devia durar um tempo, desde que ninguém mexesse com a mente de Tyler.

De repente ele ficou ciente de que fitava a carteira vazia de Tyler com os olhos semicerrados e taciturnos. Ao virar o rosto, viu de relance alguém que o estivera observando.

Matt virou-se rapidamente e se curvou sobre o livro de história, mas não antes que Stefan percebesse sua expressão.

Não pense nisso. Não pense em mais nada, disse Stefan a si mesmo, e tentou se concentrar na aula de Alaric Saltzman sobre a Guerra das Duas Rosas.

5 de dezembro — não sei a hora, talvez o início da tarde

Querido Diário,

Damon trouxe você de volta para mim esta manhã. Stefan disse que não queria que eu voltasse ao sótão de Alaric. É a caneta de Stefan que estou usando. Não tenho mais nada que seja meu, ou pelo menos não posso pegar nenhuma de minhas coisas, e a tia Judith daria falta da maioria delas, se eu pegasse. Estou sentada agora em um celeiro atrás do pensionato. Não posso ir onde as pessoas dormem, a não ser que eu tenha sido convidada. Acho que os animais não contam,

porque há alguns ratos dormindo aqui embaixo do feno e uma coruja no telhado. No momento, nós nos ignoramos.

Estou tentando ao máximo não me descontrolar.

Achei que escrever poderia ajudar. Fazer algo normal, familiar. Só que nada mais na minha vida é normal.

Damon disse que vou me acostumar a isso mais rápido se deixar de lado minha antiga vida e me entregar à nova. Ele parece pensar que é inevitável que eu fique igual a ele. Disse que eu nasci para ser uma caçadora e que não tem sentido fazer as coisas pela metade.

Cacei um cervo ontem à noite. Um macho, porque estava fazendo muito barulho, batendo os chifres em galhos de árvores, desafiando outros machos. Eu bebi o sangue dele.

Quando folheio este diário, só o que vejo é que eu procurava por uma coisa, por um lugar que fosse meu. Mas não é assim. Esta nova vida não é assim. Tenho medo do que vou me tornar se começar a me sentir à vontade nela.

Ah, meu Deus, estou com medo.

A coruja é quase toda branca, em especial quando abre as asas e podemos ver por baixo. De trás, parece mais dourada. Tem um pouco de dourado em volta da face. Ela está me olhando agora porque estou fazendo barulho, tentando não chorar.

É engraçado que eu ainda consiga chorar. Acho que são as bruxas que não conseguem.

Começou a nevar lá fora. Estou puxando o manto em volta de mim.

Elena colocou o livrinho mais perto do corpo e levou o veludo escuro do manto até o queixo. O celeiro estava inteiramente silencioso, a não ser pela respiração mínima dos animais que dormiam ali. Lá fora a neve caía no mesmo silêncio, cobrindo o mundo de uma quietude abafada. Elena olhou a neve com olhos que não enxergavam, mal percebendo as lágrimas que escorriam por seu rosto.

— E Bonnie McCullough e Caroline Forbes, por favor, fiquem mais um minuto em sala — disse Alaric quando tocou o último sinal.

Stefan franziu o cenho, um franzido que se aprofundou quando ele viu Vickie Bennett pairando do lado de fora da porta aberta da sala de história, os olhos tímidos e assustados.

— Vou ficar bem ali fora — disse ele sugestivamente a Bonnie, que assentiu. Stefan acrescentou um erguer de sobrancelhas para alertá-la e ela respondeu com um olhar altivo. Tente pegar *a mim* dizendo alguma coisa que não devia, dizia o olhar.

Ao sair, Stefan só esperava que ela cumprisse sua palavra.

Vickie Bennett entrava enquanto ele saía e ele teve de se afastar para dar passagem a ela. Mas isso o colocou no caminho de Matt, que saía pela outra porta e tentava andar pelo corredor o mais rápido possível.

Stefan pegou o braço dele sem pensar.

— Matt, espere.

— Me solta. — O punho de Matt se ergueu. Ele parecia surpreso, como se não tivesse certeza do motivo para ficar chateado. Mas cada músculo de seu corpo lutava com a mão de Stefan.

— Só queria conversar com você. Apenas um minuto, está bem?

— Não tenho um minuto — disse Matt, e por fim seus olhos, de um azul mais claro e menos confusos do que os de Elena, encontraram os de Stefan. Mas havia um vazio no fundo deles que lembrou Stefan do olhar de quem foi hipnotizado, ou que estava sob a influência de algum Poder.

Só que não havia Poder nenhum, apenas a mente de Matt, percebeu ele abruptamente. Era o que o cérebro humano fazia consigo mesmo quando enfrentava algo com que simplesmente não conseguia lidar. Matt estava em suspenso, tinha se desligado.

Testando, Stefan disse:

— Sobre o que aconteceu no sábado à noite...

— Não sei do que está falando. Olha aqui, eu disse que tenho que ir, que saco. — A negação era como uma fortaleza por trás dos olhos de Matt. Mas Stefan precisava tentar de novo.

— Não o culpo por estar chateado. No seu lugar, eu estaria furioso. Sei como é não querer pensar, em especial quando pensar pode enlouquecer você. — Matt sacudiu a cabeça e Stefan olhou o corredor. Estava quase vazio e o desespero o levou a dar um passo arriscado. Ele baixou a voz. — Mas talvez você pelo menos queira saber que Elena está acordada e ela está muito...

— Elena está morta! — gritou Matt, atraindo a atenção de todos no corredor. — E eu disse para você me soltar! — acrescentou ele, sem dar pela presença da plateia, empurrando Stefan com força. Foi tão inesperado que Stefan esbarrou nos armários, quase se esparramando no chão. Ele fitou Matt, mas Matt não olhou nem uma vez para trás ao seguir pelo corredor.

Ele passou o resto do tempo olhando para a parede, até Bonnie sair. Havia um cartaz ali para o Baile da Neve e Stefan já havia decorado cada centímetro dele quando as meninas saíram da sala.

Apesar de tudo o que Caroline tentara fazer com ele e Elena, Stefan descobriu que não conseguia odiá-la. Seu cabelo castanho arruivado parecia desbotado, a expressão atormentada. Em vez de ser esbelta, sua postura parecia murcha, pensou ele, vendo-a se afastar.

— Está tudo bem? — disse ele a Bonnie, enquanto andavam no mesmo ritmo.

— Sim, claro. Alaric só soube que nós três... Vickie, Caroline e eu... passamos por muita coisa e queria que *nós* soubéssemos que ele está do nosso lado — disse Bonnie, apesar de seu otimismo obstinado com o professor de história ter soado meio forçado. — Mas nenhuma de nós contou nada a ele. Ele vai dar outra reunião na casa dele na semana que vem — acrescentou ela, animada.

Que maravilha, pensou Stefan. Normalmente poderia ter dito alguma coisa sobre isso, mas no momento estava distraído.

— Lá está a Meredith — disse ele.

— Ela deve estar nos esperando... Não, está indo para a sala de história — disse Bonnie. — Que estranho. Eu disse a ela que ia encontrá-la aqui fora.

Era mais do que estranho, pensou Stefan. Ele só pegou um vislumbre de Meredith quando ela virava pelo canto, mas aquele vislumbre ficou em sua mente. A expressão de Meredith era calculada e atenta, seu andar era furtivo. Como se tentasse fazer algo sem ser vista.

— Ela vai voltar daqui a um minuto, quando perceber que não estamos lá — disse Bonnie, mas Meredith não voltou em um minuto, nem em dois, nem em três. Na realidade, passaram-se quase dez minutos antes que ela aparecesse e na hora demonstrou surpresa ao ver Stefan e Bonnie esperando por ela.

— Desculpe, tive um atraso — disse ela com frieza, e Stefan tinha de admirar seu autocontrole. Mas ele se perguntou o que havia por trás daquilo, e só mesmo Bonnie estava com humor para bater papo enquanto os três saíam da escola.

— Mas da última vez você usou o fogo — disse Elena.

— Porque procurávamos por Stefan, por uma pessoa específica — respondeu Bonnie. — Desta vez estamos tentando prever o futuro. Se eu estivesse tentando prever o *seu* futuro, leria a palma de sua mão, mas estamos tentando descobrir algo mais genérico.

Meredith entrou no quarto, equilibrando com cuidado uma tigela de porcelana com água até a borda. Na outra mão, segurava uma vela.

— Consegui as coisas — disse ela.

— A água era sagrada para os druidas — explicou Bonnie, enquanto Meredith colocava a tigela no chão e as três meninas se sentavam em volta.

— Ao que parece, *tudo* era sagrado para os druidas — disse Meredith.

— Shhh. Agora, coloque a vela no castiçal e acenda. Depois vou despejar cera derretida na água e as formas que vão aparecer me darão as respostas para as suas perguntas. Minha avó costumava derreter chumbo, e disse que a avó *dela* usava prata derretida, mas ela me disse que cera serve. — Quando Meredith acendeu a vela, Bonnie olhou para os lados e respirou fundo. — Estou ficando cada vez mais assustada quando faço isso — disse ela.

— Não precisa fazer — disse Elena com brandura.

— Eu sei. Mas eu quero... desta vez. Além disso, não é esse tipo de ritual que me assusta; o medonho é ser dominada. Eu *odeio* isso. Parece que tem outra pessoa entrando no meu corpo.

Elena franziu o cenho e abriu a boca, mas Bonnie continuava.

— De qualquer modo, lá vai. Apague a luz, Meredith. Me dê um minuto para me sintonizar e depois faça suas perguntas.

No silêncio do quarto escurecido, Elena viu a luz da vela bruxulear nas pálpebras de Bonnie e na expressão séria de Meredith. Olhou as próprias mãos no colo, pálidas contra o preto do suéter e das leggings que Meredith emprestara a ela. Depois olhou a chama que dançava.

— Tudo bem — disse Bonnie suavemente, pegando a vela.

Os dedos de Elena se retorceram, fechando-se com força, mas ela falou numa voz baixa para não quebrar o clima.

— Quem é o Outro Poder em Fell's Church?

Bonnie inclinou a vela para que a chama lambesse as laterais. A cera quente escorreu como água na tigela e ali formou glóbulos redondos.

— Estou com medo disso — murmurou Bonnie. — Não há resposta, nenhuma. Tente uma pergunta diferente.

Decepcionada, Elena se recostou, as unhas cravando-se nas palmas das mãos. Foi Meredith quem falou.

— Podemos *descobrir* este Outro Poder, se procurarmos? E podemos derrotá-lo?

— São duas perguntas — disse Bonnie à meia-voz enquanto inclinava a vela de novo. Desta vez a cera formou um círculo, um aro branco e encrespado.

— Isso é a unidade! O símbolo para as pessoas darem as mãos. Quer dizer que podemos conseguir, se ficarmos juntos.

A cabeça de Elena se ergueu de repente. Eram quase as mesmas palavras que ela disse a Stefan e Damon. Os olhos de Bonnie brilhavam de empolgação e elas trocaram um sorriso.

— Cuidado! Ainda está derramando cera — disse Meredith.

Bonnie rapidamente endireitou a vela, olhando a tigela de novo. A cera vertida formou uma linha reta e fina.

— Isso é uma espada — disse ela devagar. — Quer dizer sacrifício. Podemos conseguir, se ficarmos juntos, mas há sacrifícios.

— Que tipo de sacrifício? — perguntou Elena.

— Não sei — disse Bonnie com a expressão perturbada. — Por enquanto, é só o que posso dizer. — Ela recolocou a vela no castiçal.

— Caramba — disse Meredith, levantando-se para acender a luz. Elena também se levantou.

— Bom, pelo menos sabemos que podemos derrotá-lo — disse ela, puxando para cima as leggings, que eram compridas demais. Ela se viu rapidamente no espelho de Meredith. Certamente não parecia mais a Elena Gilbert que lançava moda no colégio. Vestida toda de preto daquele jeito, ela estava pálida e perigosa, como uma espada embainhada. Seu cabelo caía ao acaso nos ombros.

— Não me reconheceriam na escola — murmurou ela, com angústia. Era estranho que se importasse em ir à escola, mas ela se importava. Era porque *não podia* ir, refletiu. E porque era rainha de lá há tanto tempo, mandava nas coisas há tanto tempo, que era quase inacreditável que nunca mais fosse colocar os pés por lá.

— Pode ir a outro lugar — sugeriu Bonnie. — Quer dizer, depois que tudo isso passar, pode terminar o ano letivo em um lugar onde ninguém conheça você. Como o Stefan fez.

— Não, acho que não. — Elena estava com um humor estranho esta noite, depois de passar o dia sozinha no celeiro, olhando a neve. — Bonnie — disse ela de repente — você leria minha mão de novo? Quero que diga o *meu* futuro, o meu futuro pessoal.

— Nem sei se me lembro de todas as coisas que minha avó me ensinou... Mas tá legal, vou tentar — Bonnie cedeu. — Mas é melhor não haver mais *nenhum* estranho de cabelos castanhos pelo caminho. Você já conseguiu todos com que pode lidar. — Ela riu ao pegar a mão estendida de Elena. —

Lembra quando Caroline perguntou o que você podia fazer com dois? Acho que agora descobriu, né?

— Quer fazer o favor de ler a minha mão?

— Tá legal, esta é sua linha da vida... — A tagarelice de Bonnie se interrompeu quase antes de ter começado. Encarava a mão de Elena, o medo e a apreensão em seu rosto. — Devia correr até aqui — disse ela. — Mas é interrompida de repente...

Por um segundo Bonnie e Elena se olharam sem dizer nada, enquanto Elena sentia a mesma apreensão se solidificar por dentro. Depois Meredith falou.

— Bom, naturalmente é curta — disse ela. — Só significa o que já aconteceu, quando Elena se afogou.

— Sim, claro, deve ser isso — murmurou Bonnie. Ela soltou a mão de Elena e esta a puxou devagar. — É isso mesmo — disse Bonnie numa voz mais firme.

Elena se via no espelho novamente. A menina que retribuía seu olhar era bonita, mas havia uma sabedoria triste em seus olhos que a velha Elena Gilbert jamais teve. Ela percebeu que Bonnie e Meredith a observavam.

— Deve ser isso — disse ela num tom animado, mas seu sorriso não chegou aos olhos.

9

— Bom, pelo menos não fui dominada — disse Bonnie. — Mas estou enjoada dessa história de paranormalidade; estou cansada da coisa toda. Foi a última vez, a última.

— Tudo bem — disse Elena, afastando-se do espelho —, vamos falar de outro assunto. Descobriram alguma coisa hoje?

— Eu falei com Alaric e ele vai dar outra reunião na semana que vem — respondeu Bonnie. — Ele perguntou a Caroline, a mim e Vickie se queríamos ser hipnotizadas para nos ajudar a superar o que aconteceu. Mas sei que ele não é o Outro Poder, Elena, ele é legal demais.

Elena assentiu. Ela mesma pensou melhor sobre suas desconfianças a respeito de Alaric. Não por ele ser legal, mas porque ela passou quatro dias dormindo no sótão da casa dele. O Outro Poder a teria mesmo deixado ficar ali, ilesa? É claro que Damon tinha dito que influenciou Alaric para se esquecer de que ela estava ali, mas o Outro Poder teria sucumbido à influência de Damon? Não devia ser algo bem mais poderoso?

A não ser que os Poderes dele estivessem temporariamente esgotados, pensou ela de repente. Como os de Stefan, agora. Ou a não ser que só estivesse *fingindo* ser influenciado.

— Bom, ainda não vamos riscar o nome dele da lista — disse ela. — Precisamos ter cuidado. E a sra. Flowers? Descobriu algo sobre ela?

— Não tive sorte — disse Meredith. — Passamos no pensionato hoje de manhã, mas ela não atendeu à porta. Stefan disse que ia tentar localizá-la esta tarde.

— Se alguém me convidasse a *entrar* lá, eu podia vigiá-la também — disse Elena. — Parece que sou a única que não está fazendo nada. E acho... — ela se interrompeu por um instante, pensando, depois completou: —

Acho que vou para casa... Quer dizer, para a casa da tia Judith. Talvez descubra Robert zanzando pelo jardim ou coisa parecida.

— Vamos com você — disse Meredith.

— Não, é melhor que eu faça isso sozinha. De verdade. Já consigo ser bem discreta ultimamente.

— Então aceite seu próprio conselho e tenha cuidado. Ainda está nevando muito.

Elena assentiu e saiu pela janela.

Ao se aproximar de sua casa, viu que um carro acabava de sair do portão. Elena se misturou nas sombras ficou observando. Os faróis iluminaram uma visão sinistra de inverno: a acácia dos vizinhos, como uma silhueta de galhos nus, com uma coruja branca empoleirada em um deles.

Elena reconheceu o carro que passou roncando. Era o Oldsmobile azul de Robert.

Ora, *isso* era interessante. Ela sentiu o impulso de segui-lo, mas o impulso mais forte foi de olhar a casa, certificar-se de que estava tudo bem. Ela a contornou furtivamente, examinando as janelas.

As cortinas de chintz amarelo da cozinha estavam puxadas, revelando uma parte iluminada do interior do cômodo. Tia Judith fechava a lava-louças. Será que Robert veio jantar?, perguntou-se Elena.

Tia Judith foi para o corredor da frente e Elena a acompanhou, contornando a casa novamente. Descobriu uma brecha nas cortinas da sala de estar e cautelosamente colocou os olhos no vidro ondulado, espesso e antigo da janela. Ouviu a porta da frente se abrir e fechar, depois tia Judith veio para a sala e se sentou no sofá. Ligou a TV e começou a zapear à toa pelos canais.

Elena queria poder enxergar mais do que apenas o perfil de tia Judith na luz trêmula da TV. Dava uma estranha sensação olhar esta sala sabendo que *só* podia olhar, e não entrar. Há quanto tempo não notava que a sala era bonita? A antiga cristaleira de mogno, apinhada de porcelana e copos, o abajur Tiffany na mesa ao lado da Tia Judith, as almofadas bordadas no sofá, tudo agora parecia precioso para ela. Parada ali fora, sentindo a leve carícia

da neve na nuca, Elena queria poder entrar por um momento, só um pouquinho.

A cabeça da tia Judith estava tombada para trás, os olhos fechados. Elena encostou a cabeça na janela, depois se afastou devagar.

Subiu no marmeleiro na frente de seu quarto, mas para sua decepção as cortinas estavam fechadas. O bordo na frente do quarto de Margaret era frágil e mais difícil de escalar, mas Elena teve uma boa visão depois de subir; aquelas cortinas estavam escancaradas. Margaret dormia com as cobertas até o queixo, a boca aberta, o cabelo claro esparramado como um leque no travesseiro.

Oi, neném, pensou Elena, reprimindo as lágrimas. Era uma cena tão inocente e doce: a lâmpada noturna, a menininha na cama, os bichos de pelúcia nas prateleiras guardando seu sono. E ali vinha uma gatinha branca passando pela porta aberta para completar o quadro, pensou Elena.

Snowball pulou na cama de Margaret. A gatinha bocejou, mostrando uma língua mínima e rosada, e então se espreguiçou, exibindo pequenas garras. Depois andou delicadamente para se aconchegar no peito de Margaret.

Alguma coisa formigou nas raízes do cabelo de Elena.

Ela não sabia se era uma nova sensação de caçadora ou mera intuição, mas de repente teve medo. Havia perigo naquele quarto. Margaret corria perigo.

A gata ainda estava ali, o rabo se balançando de um lado a outro. E de repente Elena percebeu o que parecia. Os cães. Parecia o jeito como Chelsea olhava Doug Carson antes de atacá-lo. Ah, meu Deus, a cidade colocou os cães em quarentena, mas ninguém pensou nos gatos.

A mente de Elena trabalhava na velocidade máxima, mas isso não a ajudava. Só relampejavam imagens do que um gato poderia fazer com garras curvas e dentes afiados como agulhas. E Margaret estava deitada ali respirando suavemente, desligada de qualquer risco.

O pelo no dorso de Snowball se eriçava, o rabo inchava como uma escova de garrafa. Suas orelhas se achataram na cabeça e ela abriu a boca

num silvo silencioso. Seus olhos estavam fixos no rosto de Margaret, como os de Chelsea se fixaram nos de Doug Carson.

— Não! — Elena olhou desesperada em volta, procurando por alguma coisa para atirar na janela, algo que fizesse barulho. Não podia se aproximar mais; os galhos mais externos da árvore não suportariam seu peso. — Margaret, acorde!

Mas a neve, acomodando-se como um manto ao redor, parecia amortecer as palavras e reduzi-las a nada. Um gemido baixo e dissonante começava a sair da garganta de Snowball enquanto ela voltava os olhos para a janela e depois novamente para o rosto de Margaret.

— Margaret, acorde! — gritou Elena. Depois, ao ver a gatinha recuar uma pata recurvada, Elena se atirou na janela.

Elena nunca entendeu como conseguiu se segurar. Não havia espaço para se ajoelhar no peitoril, mas suas unhas afundaram na madeira macia e antiga do caixilho e a ponta de uma bota se apertou no apoio abaixo. Ela bateu na janela com o peso do corpo, gritando.

— Fique longe dela! Acorde, Margaret!

Os olhos de Margaret se abriram e ela se sentou, atirando Snowball para trás. As garras da gata pegaram o edredom, lutando para se endireitar. Elena gritou novamente.

— Margaret, saia da cama! Abra a janela, rápido!

A carinha de 4 anos de Margaret estava cheia de surpresa sonolenta, mas não trazia medo. Ela se levantou e cambaleou até a janela enquanto Elena trincava os dentes.

— Isso. Que menina boazinha... Agora diga, "entre". Rápido, diga!

— Entre — disse Margaret obediente, piscando e recuando um passo.

A gata disparou para fora e Elena entrou. Tentou pegá-la, mas ela foi rápida demais. Depois de sair, deslizou pelos galhos do bordo com uma facilidade insultante e saltou na neve, desaparecendo.

A mãozinha puxava o suéter de Elena.

— Você voltou! — disse Margaret, abraçando os quadris de Elena. — Senti tanta saudade.

— Ah, Margaret, eu também senti muitas saudades de *você*... — começou Elena, depois ficou paralisada. A voz de tia Judith vinha do alto da escada.

— Margaret, está acordada? O que está havendo aí?

Elena só teve um segundo para tomar uma decisão.

— Não diga a ela que estou aqui — sussurrou Elena, colocando-se de joelhos. — É segredo, entendeu? Diga que deixou a gata sair, mas não conte que estou aqui. — Não havia tempo para mais nada; Elena se enfiou debaixo da cama e rezou.

Sob o estrado empoeirado, ela viu os pés vestidos com meias de tia Judith entrarem no quarto. Elena comprimiu o rosto no chão, sem respirar.

— Margaret! O que está fazendo fora da cama? Vamos, volte a dormir — disse a voz de tia Judith, depois a cama rangeu com o peso de Margaret e Elena ouviu os ruídos da tia mexendo nas cobertas. — Suas mãos estão congelando. Que diabos a janela está fazendo aberta?

— Eu abri e Snowball saiu — disse Margaret. Elena soltou o ar.

— E agora tem neve por todo o chão. Não acredito nisso... Não abra a janela de novo, entendeu? — Mais algum farfalhar e os pés com meia deixaram o quarto. A porta se fechou.

Elena se espremeu para fora.

— Boa garota — cochichou ela enquanto Margaret se sentava. — Estou orgulhosa de você. Olha, amanhã diga a tia Judith que você tem que dar a gatinha. Diga que ela assustou você. Sei que não quer fazer isso — ela levantou a mão para impedir o gemido que se formava nos lábios de Margaret —, mas tem que fazer. Porque estou dizendo que a gata vai machucar você se ficar com ela. Não quer se machucar, não é?

— Não — disse Margaret, os olhos azuis se enchendo de lágrimas. — Mas...

— E não quer que a gatinha machuque a tia Judith também, né? Então diga a tia Judith que não pode ter uma gatinha, nem um cachorrinho, nem mesmo um passarinho até que... Bom, por algum tempo. Não conte a ela que eu disse isso; ainda é nosso segredo. Diga que teve medo pelo que

aconteceu com os cachorros na igreja. — Era melhor, raciocinou Elena sombriamente, que a menininha tivesse pesadelos do que ver um pesadelo se desenrolando neste quarto.

A boca de Margaret se abriu de tristeza.

— Tá bom.

— Desculpe, meu amor. — Elena se sentou e a abraçou. — Mas é assim que tem de ser.

— Você está fria — disse Margaret. Depois olhou no rosto de Elena. — Você é um anjo?

— Hum... não exatamente. — Exatamente o contrário, pensou Elena com ironia.

— A tia Judith disse que você foi ficar com a mamãe e o papai. Você já viu eles dois?

— Eu... É meio complicado de explicar, Margaret. Ainda não os vi. Não sou um anjo, mas vou ser seu anjo da guarda de qualquer maneira, está bem? Vou cuidar de você, mesmo quando não puder me ver. Está bem?

— Tá. — Margaret brincou com os dedos. — Isso quer dizer que não pode mais morar aqui?

Elena olhou o quarto rosa e branco, os bichos de pelúcia nas prateleiras, no canto a mesinha de escrever e o cavalinho de balanço que antigamente era dela.

— É isso que quer dizer — disse ela suavemente.

— Quando eles disseram que você foi ficar com a mamãe e o papai, eu falei que queria ir também.

Elena piscou com força.

— Ah, neném. Não está na hora de você ir, então não pode. E a tia Judith ama muito você e ela ia ficar sozinha...

Margaret assentiu, as pálpebras arriando. Mas enquanto Elena a deitava e puxava o cobertor, Margaret fez mais uma pergunta.

— Mas *você* não me ama?

— Ah, é claro que sim. Amo muito... E só agora eu percebo isso. Mas vou ficar bem e a tia Judith precisa muito de você. E... — Elena teve de

respirar para se equilibrar e, quando olhou, viu os olhos de Margaret se fechando, a respiração regular. Ela dormia.

Ah. Idiota, *idiota*, pensou Elena, avançando pela neve acumulada até o outro lado da Maple Street. Ela perdeu a oportunidade de perguntar a Margaret se Robert tinha jantado lá. E agora era tarde demais.

Robert. Os olhos dela se estreitaram subitamente. Na igreja, Robert ficou do lado de fora e depois os cães enlouqueceram. E esta noite a gata de Margaret ficou uma fera — pouco depois de o carro de Robert deixar o portão da casa.

Robert tinha muito o que explicar, pensou ela.

Mas a melancolia a puxava, afastando seus pensamentos. Sua mente continuava voltando à casa iluminada que acabara de deixar, repassando as coisas que nunca mais veria. Todas as suas roupas, quinquilharias e joias — o que a tia Judith ia fazer com elas? Não tenho mais nada, pensou Elena. Sou pobre.

Elena?

Com alívio, Elena reconheceu a voz mental e a sombra distinta no final da rua. Correu para Stefan, que tirou as mãos dos bolsos da jaqueta e segurou as dela, para aquecê-las.

— Meredith me contou onde você tinha ido.

— Fui em casa — disse Elena. Era só o que podia dizer, mas ela se encostou nele, procurando conforto, e sabia que ele entendia.

— Vamos encontrar um lugar onde possamos nos sentar — disse ele e parou, frustrado. Todos os lugares a que costumavam ir ou eram perigosos demais, ou vedados a Elena. A polícia ainda estava com o carro de Stefan.

Por fim foram à escola, onde puderam se sentar sob um telhado e olhar a neve cair. Elena contou a ele o que aconteceu no quarto de Margaret.

— Vou pedir a Meredith e Bonnie para espalharem pela cidade que os gatos também podem atacar. As pessoas precisam saber disso. E acho que alguém deve vigiar Robert — concluiu ela.

— Vamos ficar na cola dele — disse Stefan, e ela não pôde deixar de sorrir.

— Engraçado como você ficou americanizado — disse ela. — Não penso nisso há muito tempo, mas quando você chegou aqui, era muito mais estrangeiro. Agora ninguém diria que não morou aqui a vida toda.

— Nós nos adaptamos rapidamente. Temos que nos adaptar — disse Stefan. — Sempre há novos países, novas décadas, novas situações. Você vai se adaptar também.

— Vou mesmo? — Os olhos de Elena se fixaram no brilho dos flocos de neve. — Não sei...

— Vai aprender com o tempo. Se há uma coisa... boa... no que somos, é o tempo. Temos de sobra, o tempo que quisermos. A eternidade.

— "Alegres companheiros para sempre." Não foi o que Katherine disse a você e Damon? — murmurou Elena.

Ela pôde sentir Stefan enrijecer, percebeu seu afastamento.

— Ela falava de nós três — disse ele. — Eu não.

— Ah, Stefan, por favor, agora não. Eu nem estava pensando em Damon, só na eternidade. Isso me apavora. Tudo nisso me apavora, e às vezes acho que só quero dormir e nunca mais acordar...

Ela se sentia mais segura no abrigo dos braços de Stefan e descobriu que seus novos sentidos eram tão incríveis agora quanto pareciam ser à distância. Elena podia ouvir cada pulsação distinta do coração de Stefan, o sangue correndo por suas veias. E podia sentir o cheiro dele misturado com o cheiro da jaqueta que ele usava, e a neve, e a lã das roupas de Stefan.

— Confie em mim, por favor — sussurrou ela. — Sei que está furioso com Damon, mas procure dar uma chance a ele. Acho que há mais nele do que parece. Quero a ajuda dele para descobrir o Outro Poder, e é *só isso* que quero dele.

Neste momento isto era completamente verdadeiro. Esta noite, Elena não queria nada com a vida de caçadas; a escuridão não tinha apelo para ela. Queria poder estar em casa, sentada diante de uma lareira.

Mas era uma delícia só ficar abraçada desse jeito, mesmo que para isso ela e Stefan tivessem de ficar sentados na neve. O hálito de Stefan era quente enquanto ele beijava sua nuca e ela não sentiu mais o distanciamento de seu corpo.

Também não havia fome, ou pelo menos não do tipo que costumava ter quando eles ficavam próximos desse jeito. Agora que ela era uma caçadora como ele, a necessidade era diferente, uma necessidade de união, não de sustento. Não importava. Eles perderam uma coisa, mas ganharam outra. Ela *compreendia* Stefan de uma maneira que jamais entendera. E a compreensão de Elena os aproximava ainda mais, até que suas mentes se tocavam, quase se misturando uma na outra. Não era a tagarelice ruidosa de vozes mentais; era uma comunhão profunda e muda. Como se seus espíritos estivessem unidos.

— Eu amo você — disse Stefan em seu pescoço, e ela o abraçou mais forte. Agora ela entendia por que ele teve medo por tanto tempo. Quando a ideia do futuro o aterrorizava, era difícil se comprometer. Porque você não quer arrastar mais ninguém.

Em particular alguém que amava.

— Eu também amo você. — Ela se obrigou a se sentar e recostar, desfeito o estado de espírito tranquilo. — E você vai tentar dar uma chance a Damon, por mim? Vai tentar trabalhar com ele?

— Vou trabalhar com ele, mas não confio nele. Não consigo. Eu o conheço bem demais.

— Às vezes me pergunto se alguém o conhece de verdade. Mas tudo bem, faça como quiser. Talvez a gente possa pedir a ele para seguir Robert amanhã.

— Eu segui a sra. Flowers hoje. — O lábio de Stefan se torceu. — A tarde toda e à noitinha. E sabe o que ela fez?

— O quê?

— Lavou três cargas de roupa... Numa máquina antiga que dava a impressão de que ia explodir a qualquer minuto. Não tinha secadora de roupas, só um compressor de roupa molhada. Tudo no porão. Depois ela

saiu e encheu as duas dúzias de alimentadores de pássaros. E então voltou ao porão para lavar vidros de conservas. Ela passa a maior parte do tempo lá embaixo. E fala sozinha.

— Como uma velha caduca — disse Elena. — Tudo bem; talvez Meredith esteja errada e ela seja só isso mesmo. — Ela percebeu a mudança na expressão dele ao ouvir o nome de Meredith e acrescentou: — Que foi?

— Bom, a Meredith pode ter de se explicar. Não perguntei a ela sobre isso; pensei que talvez fosse melhor partir de você. Mas hoje ela foi falar com Alaric Saltzman depois da aula. E não queria que ninguém soubesse onde ela estava indo.

A inquietação se desenrolou dentro de Elena.

— E daí?

— Daí que ela mentiu sobre isso depois... Ou pelo menos fugiu do assunto. Tentei sondar sua mente, mas meus Poderes estão quase esgotados. E ela tem uma vontade férrea.

— E você não tem esse direito! Stefan, me escute. Meredith nunca faria nada para nos prejudicar, nem nos trairia. O que quer que esteja escondendo de nós...

— Então admite que ela está escondendo alguma coisa.

— Sim — disse Elena, relutante. — Mas não é nada que nos prejudique, tenho certeza disso. Meredith é minha amiga desde o primeiro ano... — Sem perceber, Elena deixou que a frase escapasse de seus lábios, mas pensava em outra amiga, íntima desde o jardim de infância. Caroline. Que na semana passada tentou destruir Stefan e humilhar Elena diante de toda a cidade.

E o que o diário de Caroline dizia sobre Meredith? *Meredith não* faz *nada; ela só olha. É como se não pudesse agir; ela só pode reagir às coisas. Além disso, eu ouvi meus pais falando sobre a família dela — não admira que ela nunca tenha falado neles.*

Os olhos de Elena abandonaram a paisagem repleta de neve para investigar a expressão de expectativa de Stefan.

— Isso não importa — disse ela em voz baixa. — Eu conheço Meredith e confio nela. Vou confiar nela até o fim.

— Espero que ela seja digna disso, Elena — disse ele. — Espero sinceramente.

10

12 de dezembro, manhã de quinta-feira

Querido Diário,

Então, depois de uma semana de trabalho, o que conseguimos?

Bom, conseguimos seguir nossos três suspeitos quase continuamente nos últimos seis ou sete dias. Resultado: informes dos movimentos de Robert na última semana, de que ele passou agindo como um homem de negócios normal. Informes sobre Alaric, que não fez nada de incomum para um professor de história. Informes sobre a sra. Flowers, que pelo visto passa a maior parte do tempo no porão. Mas não soubemos nada de novo.

Stefan disse que Alaric se encontrou com o diretor algumas vezes, mas ele não conseguiu chegar perto o bastante para ouvir o que conversavam. Meredith e Bonnie espalharam a notícia sobre o perigo de outros animais além dos cães. Não precisaram se esforçar muito; parece que todo mundo na cidade já está à beira de um colapso. Foram notificados vários outros ataques de animais, mas é difícil saber quais podem ser levados a sério. O coelho de estimação dos Massases arranhou o filho mais novo deles. A velha sra. Coomber encontrou serpentes no quintal, quando todas as cobras deveriam estar hibernando.

Só tenho certeza do ataque ao veterinário que mantinha os cães em quarentena. Um bando deles o mordeu e a maioria escapou das gaiolas. Depois disso, simplesmente sumiram. As pessoas estão dando graças a Deus e esperam que eles morram de fome no bosque, mas eu duvido disso.

E tem nevado o tempo todo. Não chega a ser uma nevasca, mas também não para. Nunca vi tanta neve.

Stefan está preocupado com o baile de amanhã à noite.

O que nos leva de volta ao seguinte: o que descobrimos até agora? O que sabemos? Nenhum de nossos suspeitos estava perto da casa dos Massases, da sra. Coomber ou do veterinário quando aconteceram os ataques. Não estamos mais perto de encontrar o Outro Poder do que estávamos quando começamos.

A reuniãozinha de Alaric é esta noite. Meredith acha que devemos ir. Não sei mais o que fazer.

Damon esticou as pernas longas e falou preguiçosamente, observando o celeiro.

— Não, não acho que seja particularmente perigoso. Mas não entendo o que você espera conseguir.

— Nem eu, exatamente — admitiu Elena. — Mas não tenho nenhuma ideia melhor. Você tem?

— O que, quer dizer sobre outras maneiras de passar o tempo? Sim, tenho. Quer que eu lhe fale disso? — Elena gesticulou para ele se calar e ele aquiesceu.

— Quero dizer sobre coisas úteis que podemos fazer a essa altura. Robert viajou e a sra. Flowers fica enfiada...

— No porão — entoaram várias vozes.

— E nós estamos todos sentados aqui. *Alguém* tem uma ideia melhor?

Meredith rompeu o silêncio.

— Se está preocupada no risco para mim e para Bonnie, por que vocês *todos* não vão? Quer dizer, não precisam aparecer. Podem se esconder no sótão. Depois, se alguma coisa acontecer, podemos gritar por ajuda e vocês nos ouviriam.

— Não entendo por que alguém gritaria — disse Bonnie. — Não vai acontecer nada lá.

— Bom, talvez não, mas o seguro morreu de velho — disse Meredith. — O que acham?

Elena assentiu devagar.

— Faz sentido. — Ela olhou em volta, procurando objeções, mas Stefan apenas deu de ombros e Damon murmurou alguma coisa que fez Bonnie rir.

— Muito bem, então, está decidido. Nós vamos.

A neve inevitável os recebeu logo na saída do celeiro.

— Bonnie e eu podemos ir no meu carro — disse Meredith. — E vocês três...

— Ah, temos nossos próprios meios — disse Damon com seu sorriso voraz. Meredith assentiu, sem se impressionar. Que gozado, pensou Elena enquanto as outras meninas se afastavam; Meredith nunca *ficava* impressionada com Damon. O charme dele parecia não ter efeito nenhum sobre ela.

Ela estava prestes a falar que sentia fome quando Stefan virou-se para Damon.

— Está disposto a ficar com Elena o tempo todo em que estiver lá? Cada minuto? — disse ele.

— Experimente me impedir — disse Damon, animado. Ele fechou o sorriso. — Por quê?

— Porque, se realmente estiver, os dois podem ir sozinhos, encontrarei vocês depois. Tenho que fazer uma coisa, mas não vai demorar muito.

Elena sentiu uma onda de calor. Stefan tentava confiar no irmão. Ela sorriu para ele, aprovando, enquanto ele a puxava de lado.

— O que é?

— Recebi um bilhete de Caroline hoje. Perguntando se eu me encontraria com ela na escola antes da festa de Alaric. Disse que queria se desculpar.

Elena abriu a boca para fazer uma observação sarcástica, mas a fechou em seguida. Pelo que soube, Caroline andava lamentável ultimamente. E talvez Stefan se sentisse melhor conversando com ela.

— Bom, *você* é que tem de se desculpar — ela disse. — Tudo o que aconteceu com ela foi por sua culpa. Acha que ela representa algum perigo?

— Não; e de qualquer modo usei grande parte de meus Poderes. Não vai haver problemas com ela. Vou me encontrar com Caroline e podemos ir para a casa de Alaric juntos.

— Cuidado — disse Elena enquanto ele partia na neve.

O sótão era como Elena se lembrava, escuro, empoeirado e cheio de formas misteriosas cobertas de encerado. Damon, que tinha entrado de forma mais convencional pela porta da frente, teve de abrir as venezianas para que Elena entrasse pela janela. Depois eles se sentaram lado a lado no colchão velho e ouviram as vozes que vinham pela tubulação de ar.

— Eu podia pensar em ambientes mais românticos — murmurou Damon, tirando com tédio uma teia de aranha da manga da camisa. — Tem certeza de que não prefere...

— Tenho — disse Elena. — Agora cale a boca.

Era como um jogo, ouvir fragmentos de conversas e tentar juntar as peças, tentar combinar cada voz a um rosto.

"Aí eu disse, não ligo se você tem o periquito há muito tempo; livre-se dele ou vou ao Baile da Neve com Mike Feldman. E ele disse..."

"... dizem os boatos que o túmulo do sr. Tanner foi violado na noite passada..."

"... soube que todo mundo, menos Caroline, abandonou o concurso de rainha da neve? Não acha..."

"... morta, mas estou lhe dizendo que eu a *vi*. E não, eu não estava sonhando; ela estava com uma espécie de vestido prateado e o cabelo era todo dourado, e soprava no vento..."

Elena ergueu as sobrancelhas para Damon, depois olhou incisivamente para a roupa preta que vestia. Ele fez uma careta.

— Romantismo — disse ele. — Eu mesmo prefiro você de preto.

— Bom, você prefere mesmo, não é? — murmurou ela. Era estranho como ultimamente se sentia mais à vontade com Damon. Ela ficou sentada

em silêncio, deixando que a conversa fluísse em volta, quase perdendo o fio da meada. Depois pegou uma voz conhecida, contrariada e mais próxima do que as demais.

"Tá legal, tá legal, eu *vou*. Tá bom."

Elena e Damon trocaram um olhar, levantando-se quando a maçaneta da porta do sótão girou. Bonnie espiou pela fresta.

— Meredith me disse para vir aqui em cima. Não sei por quê. Ela monopolizou Alaric e essa festa está uma porcaria. Saco!

Ela se sentou no colchão e depois de alguns minutos Elena voltou a se sentar, ao lado dela. Começava a desejar que Stefan estivesse ali. Mas quando a porta se abriu novamente e Meredith entrou, ela teve certeza.

— Meredith, o que está havendo?

— Nada, ou pelo menos nada que possa nos preocupar. Cadê o Stefan? — O rosto de Meredith estava incomumente corado e havia uma expressão estranha em seus olhos, como se ela estivesse tentando controlar alguma coisa com esforço.

— Ele virá mais tarde... — começou Elena, mas Damon interrompeu.

— Não importa onde ele está. Quem está subindo a escada?

— Como assim, "quem está subindo a escada"? — disse Bonnie, levantando-se.

— Todo mundo fique *calmo* — disse Meredith, assumindo posição diante da janela, como se a protegesse. Ela mesma não parecia nada calma, pensou Elena. — Tudo bem — chamou ela, e a porta se abriu, entrando Alaric Saltzman.

A reação de Damon foi tão suave que nem os olhos de Elena conseguiram acompanhar; em um só movimento, ele pegou o pulso de Elena e a puxou para trás, ao mesmo tempo colocando-se bem em frente a Alaric. Terminou numa postura agachada de predador, cada músculo tenso e pronto para atacar.

— Ah, não — exclamou Bonnie, desesperada. Ela voou para Alaric, que já começara a se afastar um passo de Damon. Alaric quase perdeu o equilíbrio e tateou a porta atrás dele. A outra mão segurava seu cinto.

— Pare! Pare! — disse Meredith. Elena viu a protuberância atrás do casaco de Alaric e percebeu que era uma arma.

De novo ela não conseguiu acompanhar o que aconteceu. Damon soltou seu pulso e pegou o de Alaric. Depois Alaric estava sentado no chão, aparvalhado, e Damon esvaziava o tambor da arma, bala por bala.

— Eu lhe *disse* que era idiotice e que você não precisava disso — disse Meredith. Elena percebeu que segurava a menina de cabelos pretos pelos braços. Deve ter feito isso para impedir que Meredith interferisse com Damon, mas não se lembrava.

— Essas coisas com ponta de madeira são desagradáveis; podem machucar alguém — disse Damon, numa repreensão branda. Ele recolocou um dos cartuchos e fechou o tambor, mirando pensativamente em Alaric.

— Pare! — exclamou Meredith. Ela se virou para Elena. — Faça-o parar, Elena; ele só está piorando as coisas. Alaric não ia machucar você; eu garanto. Passei a semana toda convencendo-o de que *você* não *o* machucaria.

— E agora acho que meu pulso está quebrado — disse Alaric, com muita calma, o cabelo louro caído nos olhos.

— Só pode culpar a si mesmo — retorquiu Meredith, com amargura. Bonnie, que tinha ficado montada ansiosamente nos ombros de Alaric, olhou a familiaridade do tom de Meredith, depois recuou alguns passos e se sentou.

— Estou morrendo de vontade de ouvir uma explicação para *isto* — disse ela.

— Confie em mim, por favor — disse Meredith a Elena.

Elena olhou em seus olhos escuros. Ela confiava em Meredith; tinha de confiar. E as palavras trouxeram outra lembrança, sua própria voz pedindo pela confiança de Stefan. Ela assentiu.

— Damon? — disse ela. Ele girava o revólver despreocupadamente e sorriu para todos, deixando muito claro que não precisava de nenhuma arma artificial.

— Agora, se todos ouvirem, todos vão entender — disse Meredith.

— Ah, tenho *certeza* que sim — disse Bonnie.

Elena andou até Alaric Saltzman. Não tinha medo dele, mas pelo modo como ele só olhava para ela, lentamente, subindo a partir dos pés, ele tinha medo dela.

Elena parou quando estava a um metro de Alaric e se ajoelhou ali, olhando-o no rosto.

— Oi — disse ela.

Ele ainda segurava o pulso.

— Oi — disse ele, e engoliu a seco.

Elena olhou para Meredith e de novo para Alaric. Sim, ele estava com medo. E com o cabelo nos olhos daquele jeito, ele parecia novo. Talvez quatro anos mais velho do que Elena, talvez cinco. Não mais do que isso.

— Não vamos machucar você — disse ela.

— Foi o que disse a ele o tempo todo — falou Meredith em voz baixa. — Expliquei que independente do ele tenha visto, qualquer história que tenha ouvido, você é diferente. Eu disse o que você me contou sobre Stefan, como ele reprime sua natureza em todos esses anos. Contei sobre o que você passou, Elena, e que nunca pediu por isso.

Mas *por que* contou tanta coisa a ele?, pensou Elena. Mas falou com Alaric:

— Tudo bem, você sabe da gente. Mas todos nós sabemos que você não é professor de história.

— Ele é um caçador — disse Damon suavemente, num tom de ameaça. — Um caça-vampiros.

— *Não* — disse Alaric. — Pelo menos não no sentido que pretendeu dar. — Ele parecia chegar a uma decisão. — Muito bem. Pelo que sei de vocês três... — Ele se interrompeu, olhando o sótão escuro como se de repente percebesse alguma coisa. — Onde está Stefan?

— Está vindo. Na realidade, deveria estar aqui agora. Ia passar na escola para pegar Caroline — disse Elena. Ela não estava preparada para a reação de Alaric.

— Caroline Forbes? — disse ele asperamente, sentando-se ereto. Sua voz parecia a mesma de quando ela o ouviu falando com o dr. Feinberg e o

diretor, tensa e decidida.

— Sim. Ela mandou para ele um bilhete hoje, disse que queria se desculpar ou coisa assim. Queria se encontrar com ele na escola antes da festa.

— Ele não pode ir. Vocês têm de impedi-lo. — Alaric se colocou de pé com dificuldade e repetiu com urgência: — Vocês precisam impedi-lo.

— Ele já foi. Por quê? Por que ele não deveria ir? — perguntou Elena.

— Porque eu hipnotizei Caroline há dois dias. Tentei antes com Tyler, mas não tive sorte. Mas Caroline é uma boa paciente e se lembrou um pouco do que aconteceu no barracão. E identificou Stefan Salvatore como o agressor.

O silêncio de choque durou apenas uma fração de segundo. Depois Bonnie disse:

— Mas o que Caroline pode fazer? Ela não pode feri-lo...

— Não entende? Você não está lidando mais só com estudantes — disse Alaric. — Vai muito além disso. O pai de Caroline sabe, e o pai de Tyler também. Eles estão preocupados com a segurança da cidade...

— Silêncio! Fiquem quietos! — Elena esquadrinhava a própria mente, tentando pegar alguma pista da presença de Stefan. Ele se deixou enfraquecer, pensou ela, com a parte dela que era de uma calma gélida em meio ao medo e ao pânico tumultuado. Por fim sentiu alguma coisa, apenas um vestígio, mas pensou que era Stefan. E estava atormentado.

— Tem algo errado — confirmou Damon, e ela percebeu que ele também devia estar sondando, com uma mente muito mais poderosa do que a dela. — Vamos.

— Espere, vamos conversar primeiro. Não podem saltar de cara nisso. — Mas Alaric podia muito bem estar falando com o vento, tentando refrear seu poder destrutivo com palavras. Damon já estava na janela e no instante seguinte Elena se jogou por ali, pousando ao lado de Damon na neve. A voz de Alaric os seguiu de cima.

— Nós também vamos. *Esperem* por nós lá. Vamos falar com eles primeiro. Eu posso cuidar disso...

Elena mal o ouviu. Sua mente ardia com um só propósito, um só pensamento. Machucar as pessoas que queriam ferir Stefan. A verdade é que tudo já foi longe demais, pensou ela. E agora *eu* vou mais longe ainda. Se eles tiverem a audácia de tocar em Stefan... Imagens lampejaram por sua mente — rápidas demais para contar — do que ela faria com eles. Em outra hora, ela podia ter ficado chocada com a onda de adrenalina, com a empolgação que tomava seus pensamentos.

Elena podia sentir a mente de Damon logo atrás dela enquanto eles disparavam pela neve; era como um clarão vermelho de fúria. A ferocidade dentro de Elena acolheu bem a neve, feliz por senti-la tão perto. Mas depois ocorreu outra coisa a ela.

— Estou retardando você — disse Elena. Ela não estava sem fôlego, nem de correr pela neve intacta, e eles eram extraordinariamente rápidos; mas nada com duas pernas, ou quatro, podia se equiparar à velocidade das asas de um pássaro. — Vá — disse ela. — Chegue lá o mais rápido que puder. Encontro você lá.

Ela não ficou para ver o borrão e o tremor no ar, ou o redemoinho de escuridão que terminou com asas batendo apressadas. Mas viu o corvo no alto, subindo, e ouviu a voz mental de Damon.

Boa caçada, disse ele, e a forma sombria e alada disparou para a escola como uma flecha.

Boa caçada, pensou Elena atrás dele, e era sincera. Ela dobrou a velocidade, a mente fixa na centelha da presença de Stefan.

Stefan estava deitado de costas, desejando que a visão não estivesse tão embaçada ou que ele pudesse se agarrar um pouco mais à consciência. O borrão era parcialmente dor e em parte neve, mas também havia um filete de sangue da ferida de oito centímetros no couro cabeludo.

Ele foi idiota, é evidente, por não dar uma olhada na escola; se tivesse feito isso, teria visto os carros escuros estacionados do outro lado. Ele foi idiota por vir aqui, antes de tudo. E agora ia pagar por sua idiotice.

Se ao menos pudesse organizar os pensamentos o suficiente para chamar por ajuda... Mas a fraqueza que permitira a esses homens dominarem-no com tanta facilidade também impedia isso. Ele mal se alimentou desde a noite em que atacou Tyler. De certo modo, era uma ironia. Sua própria culpa era responsável pela confusão em que se metera.

Eu nunca devia ter tentado mudar minha natureza, pensou ele. No final das contas, Damon tinha razão. Todo mundo era igual — Alaric, Caroline, todo mundo. Todo mundo um dia o traía. Eu devia tê-los caçado a todos e desfrutado disso.

Ele tinha esperanças de que Damon cuidasse de Elena. Ela ficaria em segurança com ele; Damon era forte e impiedoso. Ensinaria ela a sobreviver. Stefan estava feliz com isso.

Mas algo dentro dele chorava.

Os olhos afiados do corvo localizaram os fachos entrecruzados de faróis no solo e desceram. Mas Damon não precisava confirmar nada pela visão; era guiado pela pulsação fraca, a força vital de Stefan. Fraca porque Stefan estava fraco e porque ele não tinha desistido.

Você nunca aprende, não é, irmão?, pensou Damon para ele. *Eu devia deixar você onde está*. Mas mesmo enquanto deslizava ao chão, ele estava mudando, assumindo uma forma que seria ainda mais perigosa do que um corvo.

O lobo preto saltou sobre o grupo de homens que cercavam seu irmão, mirando precisamente o que segurava um cilindro afiado de madeira acima do peito de Stefan. A força do golpe lançou o homem três metros para trás e a estaca caiu, ricocheteando na grama. Damon reprimiu seu impulso — mais forte, porque ele incorporava aos instintos da forma que assumira — de cravar os dentes no pescoço do homem. Girou o corpo e se voltou para o outro homem que ainda estava de pé.

Sua segunda investida os dispersou, mas um deles chegou à beira da luz e se virou, erguendo uma coisa no ombro. Um rifle, pensou Damon. E provavelmente carregado com as mesmas balas especiais da arma de Alaric.

Não havia como chegar ao homem antes que ele apertasse o gatilho. O lobo rosnou e se agachou para se afastar num salto. A cara carnuda do homem se vincou num sorriso.

Rápida como o bote de uma cobra, a mão branca saiu da escuridão e lançou o rifle para longe. O homem olhou em volta, frenético, confuso, e o lobo deixou a mandíbula se abrir num sorriso. Elena tinha chegado.

11

Elena viu o rifle do sr. Smallwood quicar na grama. Gostou da expressão que ele demonstrava enquanto girava o corpo, procurando o que derrubara a arma. E ela sentiu a chama de aprovação de Damon, do outro lado da poça de luz, feroz e quente como o orgulho de um lobo pela primeira vítima de seu filhote. Mas quando viu Stefan de relance deitado no chão, esqueceu-se de todo o resto. Uma fúria pura tirou seu fôlego e ela partiu na direção dele.

— Parem todos! Parem onde estiverem!

O grito chegou a eles com o som de pneus cantando. O carro de Alaric Saltzman quase rodou ao entrar no estacionamento dos funcionários e parou num guincho, e Alaric saltou do carro quase antes que ele tivesse parado inteiramente.

— O que está havendo aqui? — perguntou ele, andando na direção dos homens.

Ao ouvir o grito, Elena recuou automaticamente para as sombras. Agora observava a expressão dos homens que se viravam para Alaric. Além do sr. Smallwood, reconheceu o sr. Forbes e o sr. Bennett, pai de Vickie Bennett. Os outros deviam ser pais dos outros meninos que estavam com Tyler no barracão, pensou ela.

Foi um dos estranhos que respondeu à pergunta, numa voz arrastada que não escondia o nervosismo.

— Neste momento só estamos meio cansados de esperar. Decidimos apressar um pouco as coisas.

O lobo rosnou, um ronco grave que subiu a um grunhido de serra elétrica. Todos os homens se encolheram e os olhos de Alaric se arregalaram ao se depararem com o animal pela primeira vez.

Houve outro barulho, mais suave e contínuo, vindo de uma figura agachada ao lado de um dos carros. Caroline Forbes gemia sem parar:

— Eles disseram que só queriam conversar com ele. Não me disseram o que iam fazer.

Alaric, de olho no lobo, gesticulou para ela.

— E vocês iam deixar que ela visse *isso*? Uma menina? Não percebem os danos psicológicos que poderiam causar?

— E quanto aos danos psicológicos quando a garganta dela fosse cortada? — retorquiu o sr. Forbes, provocando gritos de aquiescência. — É com *isso* que estamos preocupados.

— Então é melhor se preocuparem em pegar o homem certo — disse Alaric. — Caroline — acrescentou ele, virando-se para a menina —, quero que pense, Caroline. Não chegamos a terminar nossas sessões. Sei que quando saí de lá você pensou ter reconhecido Stefan. Mas tem certeza absoluta de que era ele? Podia ser outra pessoa, alguém parecido com ele?

Caroline endireitou o corpo, encostando-se no carro e erguendo o rosto lacrimoso. Olhou para Stefan, que se sentava, depois para Alaric.

— Eu...

— Pense bem, Caroline. Precisa ter certeza absoluta. Há mais alguém que pode ter estado lá, como...

— Como o cara que diz ser Damon Smith — veio a voz de Meredith. Ela estava parada ao lado do carro de Alaric, uma sombra magra. — Lembra dele, Caroline? Ele foi à primeira festa de Alaric. De alguma forma, ele era meio parecido com Stefan.

A tensão manteve Elena em suspenso enquanto Caroline olhava, sem compreender. Depois, aos poucos, a menina ruiva começou a assentir.

— Sim... Pode ter sido, acho que sim. Tudo foi tão rápido... Mas pode ter sido ele.

— E não pode ter certeza absoluta de quem era? — disse Alaric.

— Não... Certeza absoluta, não.

— Aí está — disse Alaric. — Eu disse a vocês que ela precisava de mais sessões, que ainda não podíamos ter certeza de nada. Ela ainda está muito

confusa. — Ele andava com cuidado até Stefan. Elena percebeu que o lobo tinha recuado para as sombras. Ela podia vê-lo, mas era provável que os homens não o vissem.

O desaparecimento do animal os deixou mais agressivos.

— Do que está falando? Quem é esse Smith? Nunca o vi.

— Mas sua filha Vickie deve tê-lo visto, sr. Bennett — disse Alaric. — Isso pode aparecer em minha próxima sessão com ela. Vamos conversar sobre isso amanhã; este assunto pode esperar. Neste momento acho melhor levar Stefan a um hospital. — Houve um remexer de desconforto em alguns dos homens.

— Ah, mas é claro, e enquanto isso esperamos alguma coisa acontecer — começou o sr. Smallwood. — A qualquer hora, em qualquer lugar...

— Então resolveu fazer justiça com as próprias mãos? — disse Alaric. Sua voz ficou mais incisiva. — Mesmo que você consiga pegar o suspeito, que provas tem de que este rapaz tem poderes sobrenaturais? Quais são suas provas? Ele opôs tanta resistência assim?

— Tem um lobo em algum lugar por aí que opôs muita resistência — disse o sr. Smallwood, vermelho. — Talvez eles estejam juntos nisso.

— Não vi lobo nenhum. Vi um cachorro. Talvez um dos cães que saíram da quarentena. Mas o que isso tem a ver? Estou lhe dizendo que, em minha opinião profissional, pegamos o homem errado.

Os homens hesitavam, mas ainda havia dúvida estampada em seus rostos. Meredith falou.

— Acho que devem saber que já houve ataques de vampiros nesta região — disse ela. — Muito tempo antes de Stefan vir para cá. Meu avô foi uma vítima. Talvez alguns de vocês tenham ouvido falar nisso. — Ela olhou para Caroline.

Foi o fim de tudo. Elena podia ver os homens trocarem olhares inquietos e voltarem para os carros. De repente, todos pareciam ansiosos para estar em outro lugar.

O sr. Smallwood foi um dos que permaneceram lá para falar.

— Você disse que íamos conversar sobre isso amanhã, Saltzman. Quero ouvir o que meu filho dirá da próxima vez em que *ele* for hipnotizado.

O pai de Caroline a pegou e entrou rapidamente em seu carro, murmurando alguma coisa sobre tudo ser um equívoco e ninguém levar nada muito a sério.

Quando o último carro se afastava, Elena correu para Stefan.

— Você está bem? Eles o feriram?

Ele se afastou do braço de Alaric, que o sustentava.

— Alguém me bateu por trás enquanto eu ia conversar com Caroline. Eu vou ficar bem... Agora. — Ele olhou para Alaric. — Obrigado. Por quê?

— Ele está do nosso lado — disse Bonnie, juntando-se a eles. — Eu disse a você. Ah, Stefan, você está bem mesmo? Pensei que ia desmaiar bem ali. Eles não falavam a sério. Quer dizer, eles não podiam realmente estar falando a *sério*...

— Sério ou não, não acho que a gente deva ficar aqui — disse Meredith. — Stefan precisa mesmo ir a um hospital?

— Não — disse Stefan, enquanto Elena examinava ansiosamente o corte que ele tinha na cabeça. — Só preciso descansar. Um lugar para me sentar.

— Estou com minhas chaves. Vamos para a sala de história — disse Alaric.

Bonnie olhava as sombras com apreensão.

— O lobo também? — disse ela, depois deu um pulo quando uma sombra se precipitou e se transformou em Damon.

— Que lobo? — disse ele. Stefan virou-se de leve, estremecendo.

— Obrigado a você também — disse ele sem emoção. Mas os olhos de Stefan se demoraram no irmão enquanto o grupo ia para o prédio da escola.

No corredor, Elena o puxou de lado.

— Stefan, *por que* não percebeu que eles vinham por trás? Por que está tão fraco?

Stefan sacudiu a cabeça, evasivo, e ela acrescentou:

— Quando se alimentou pela última vez? Stefan, *quando*? Você sempre dá uma desculpa quando estou por perto. O que está tentando fazer consigo mesmo?

— Estou bem — disse ele. — É verdade, Elena. Vou caçar mais tarde.

— *Promete*?

— Prometo.

Naquele momento não ocorreu a Elena que eles não concordavam com o que significava "mais tarde". Ela deixou que ele andasse na frente dela no corredor.

Aos olhos de Elena, a sala de história parecia diferente à noite. Havia uma atmosfera estranha, como se as luzes fossem fortes demais. Agora todas as carteiras dos alunos foram empurradas de lado e cinco cadeiras puxadas para perto da mesa de Alaric. Alaric, que tinha acabado de arrumar os móveis, insistiu que Stefan usasse sua cadeira acolchoada.

— Muito bem, por que não nos sentamos todos?

Eles o olharam. Depois de um momento, Bonnie afundou numa cadeira, mas Elena ficou de pé ao lado de Stefan. Damon continuou reclinado entre o grupo e a porta e Meredith empurrou alguns papéis no meio da mesa de Alaric e se empoleirou no canto.

O professor parecia ter sumido dos olhos de Alaric.

— Muito bem — disse ele, e se sentou em uma das cadeiras dos alunos. — Muito bem.

— Muito bem — disse Elena.

Todos se olharam. Elena tirou um algodão do kit de primeiros socorros que pegou perto da porta e começou a passar na cabeça de Stefan.

— Acho que está na hora daquela explicação — disse ela.

— É verdade. Sim. Bom, parece que todos vocês adivinharam que eu não sou professor de história...

— Bastaram cinco minutos — disse Stefan. Sua voz era baixa e perigosa, e com um sobressalto Elena percebeu que lembrava a voz de Damon. — E então, quem é você?

Alaric fez um gesto de quem se desculpa e disse, quase desconfiado:

— Psicólogo. Não do tipo do divã — acrescentou ele apressadamente enquanto os outros trocavam olhares. — Sou pesquisador, psicólogo experimental. Da Duke University. Sabe como é, onde começaram os experimentos de percepção extrassensorial.

— Aquelas em que fazem você adivinhar o que está na carta sem olhar para ela? — perguntou Bonnie.

— Sim, bem, é claro que atualmente vai um pouco além disso. Mas eu adoraria testar você com as cartas Rhine, em especial quando você está num de seus transes. — O rosto de Alaric se iluminou de curiosidade científica. Depois ele deu um pigarro e continuou. — Mas... Ah... Como eu estava dizendo, comecei alguns anos atrás quando escrevi um artigo sobre parapsicologia. Eu não tentava provar que existiam poderes sobrenaturais, só queria estudar quais eram seus efeitos psicológicos sobre as pessoas que os tinham. A Bonnie aqui é um caso para estudo. — A voz de Alaric assumiu um tom professoral. — O que acontece com ela, mental e emocionalmente, por ter de lidar com esses poderes?

— É horrível — Bonnie interrompeu com veemência. — Eu não os quero mais. Eu os *odeio*.

— Ora, estão vendo? — disse Alaric. — Você daria um ótimo caso de estudo. Meu problema era que eu não conseguia encontrar ninguém com poderes psíquicos verdadeiros para examinar. Havia muitos charlatães... Curandeiros com cristais, rabdomantes, médiuns, deem o nome que quiserem. Mas não consegui encontrar nada de genuíno até receber uma dica de um amigo do departamento de polícia.

"Havia uma mulher na Carolina do Sul que afirmava ter sido mordida por um vampiro e desde então tinha pesadelos paranormais. Na época eu estava tão acostumado com charlatães que esperava que ela também fosse uma. Mas não era, pelo menos não fingiu sobre a mordida. Nunca pude provar que ela era realmente paranormal."

— Como teve certeza de que ela foi mordida?

— Havia evidências clínicas. Vestígios de saliva semelhante à saliva humana nas feridas... Mas não idêntica. Continha um agente anticoagulante

parecido com o que encontramos na saliva de sanguessugas... — Alaric caiu em si e se apressou. — De qualquer forma, eu tive certeza. E foi assim que começou. Depois de me convencer de que alguma coisa realmente aconteceu com aquela mulher, comecei a procurar por outros casos parecidos. Não havia muitos, mas existiam. Pessoas que tiveram contato com vampiros.

"Larguei todos os meus outros estudos e me concentrei em descobrir vítimas de vampiros e examiná-las. E pensando bem, eu me tornei o maior especialista da área", concluiu Alaric com humildade. "Escrevi vários artigos..."

— Mas nunca viu um vampiro de verdade — interrompeu Elena. — Quer dizer, até agora. É isso?

— Bom... não. Não em carne e osso, por assim dizer. Mas escrevi teses... e outras coisas. — Sua voz falhou.

Elena mordeu o lábio.

— O que estava fazendo com os cães? — perguntou ela. — Na igreja, quando agitava as mãos para eles.

— Ah... — Alaric ficou constrangido. — Aprendi umas coisas aqui e ali, sabe como é. Aquilo era um encantamento que um velho nas montanhas me mostrou para afastar o mal. Pensei que podia funcionar.

— Você tem muito o que aprender — disse Damon.

— É óbvio — disse Alaric, rigidamente. Depois fez uma careta. — Na verdade, deduzi isso logo depois de vir para cá. O diretor da escola, Brian Newcastle, ouviu falar de mim. Ele sabia sobre os meus estudos. Quando Tanner foi morto e o sr. Feinberg encontrou lacerações feitas por dentes no pescoço e não havia sangue no corpo... Bom, ele me telefonou. Pensei que seria uma tremenda oportunidade para mim... Um caso de vampiro ainda nesta região. O único problema era que depois que cheguei aqui, percebi que esperavam que *eu* cuidasse do vampiro. Eles não sabiam que antes eu só tinha lidado com as vítimas. E... Bom, talvez estivesse além de minha capacidade. Mas fiz o máximo que pude para justificar a confiança deles...

— Você fingiu — Elena o acusou. — Era o que estava fazendo quando eu o ouvi falando com eles em sua casa sobre descobrir nossa suposta toca e coisas assim. Você só estava embromando.

— Bom, não *inteiramente* — disse Alaric. — Em teoria, eu *sou* um especialista. — Depois ele pensou melhor. — Mas do que você está falando, quando me ouviu falar com eles?

— Enquanto você procurava uma toca, ela dormia no seu sótão — informou Damon a ele secamente. Alaric abriu a boca e a fechou de novo.

— O que eu gostaria de saber é como Meredith entra em tudo isso — disse Stefan. Ele não sorria.

Meredith, que ficou o tempo todo olhando pensativamente a papelada na mesa de Alaric, levantou a cabeça. Ela falou tranquilamente, sem emoção.

— Eu o reconheci. Não conseguia lembrar onde o tinha visto, porque já fazia quase três anos. Depois percebi que foi no hospital do meu avô. O que eu disse àqueles homens era verdade, Stefan. Meu avô foi atacado por um vampiro.

Houve um silêncio curto e Meredith continuou.

— Aconteceu há muito tempo, antes de eu nascer. Ele não foi muito ferido, mas nunca mais ficou bem. Ele ficou... Bom, meio parecido com Vickie, só que mais violento. Chegou a um ponto em que tivemos medo de que ele se machucasse, ou ferisse outra pessoa. Então levaram meu avô para um hospital, um lugar em que estaria seguro.

— Uma instituição psiquiátrica — disse Elena. Ela sentiu uma pontada de solidariedade pela amiga. — Ah, Meredith. Mas por que não disse nada? Podia ter contado pra gente.

— Eu sei. Eu podia... mas não consegui. A família guarda esse segredo há tanto tempo... Ou tentou guardar. Pelo que Caroline escreveu em seu diário, ela obviamente soube. O caso é que ninguém mais acreditava nas histórias do meu avô sobre o vampiro. Só pensavam que era outro de seus delírios, e ele tinha muitos. Nem eu acreditava nelas... Até Stefan vir para cá. E depois... Sei lá, minha mente começou a juntar as peças. Mas eu não *acreditava* realmente no que estava pensando até você voltar, Elena.

— É uma surpresa que não tenha me odiado — disse Elena com brandura.

— Como poderia? Eu *conheço* você, e conheço Stefan. Sei que não são maus. — Ela nem olhou para Damon; ele podia muito bem não estar presente, a julgar pelo reconhecimento de Meredith. — Mas quando me lembrei de ver Alaric falando com meu avô no hospital, eu sabia que *ele* também não era mau. Simplesmente não sabia muito bem como reunir vocês todos para provar isso.

— Eu também não a reconheci — disse Alaric. — O velho tinha um nome diferente... Ele é pai da sua mãe, não é? E eu posso ter lhe visto andando pela sala de espera vez ou outra, mas você era apenas uma criança de pernas finas. Mudou bastante — acrescentou ele, num tom elogioso.

Bonnie tossiu, um som incisivo.

Elena tentava organizar as coisas em sua mente.

— E o que aqueles homens estavam fazendo com uma estaca se você não disse isso a eles?

— Tive de pedir permissão aos pais de Caroline para hipnotizá-la, é claro. E contei a eles o que descobri. Mas se está pensando que tive algo a ver com o que aconteceu esta noite, está enganada. Eu nem sabia sobre isso.

— Eu contei a ele sobre o que estávamos fazendo, que procurávamos pelo Outro Poder — disse Meredith. — E ele quis ajudar.

— Eu disse que *podia* ajudar — disse Alaric com cautela.

— Errado — disse Stefan. — Você nem está conosco, nem contra nós. Estou grato pelo que fez lá fora, falando com aqueles homens, mas ainda temos o fato de que foi você que começou grande parte desse problema, antes de mais nada. Agora precisa decidir: está do nosso lado... ou do deles?

Alaric olhou cada um dos presentes, o olhar fixo de Meredith e as sobrancelhas erguidas de Bonnie, Elena ajoelhada no chão e o couro cabeludo já quase curado de Stefan. Depois voltou o olhar para Damon, que estava encostado na parede, sombrio e melancólico.

— Vou ajudar — disse ele por fim. — Mas que diabos... Esta será minha tese final.

— Muito bem, então — disse Elena. — Está dentro. Agora, e quanto ao sr. Smallwood amanhã? E se ele quiser que você hipnotize Tyler de novo?

— Vou enrolar o homem — disse Alaric. — Não vai funcionar para sempre, mas ganharei algum tempo. Vou dizer a ele que tenho de ajudar no baile...

— Espere — disse Stefan. — Não devia *haver* um baile, não se houver uma maneira de evitar. Você se entende bem com o diretor; pode conversar com o conselho escolar. Faça com que cancelem.

Alaric ficou sobressaltado.

— Acha que vai acontecer alguma coisa?

— Sim — disse Stefan. — Não somente devido ao que aconteceu no evento público anterior, mas porque alguma coisa está em formação. Vem crescendo a semana toda; posso sentir.

— Eu também posso — disse Elena. Ela só percebeu isso naquele momento, mas a tensão que sentia, a sensação de urgência, não vinha de dentro. Vinha de fora, estava em volta dela. O ar se adensava com isso. — Vai acontecer alguma coisa, Alaric.

Alaric soltou o ar num assovio baixo.

— Bom, posso tentar convencê-los, mas... Não sei. O diretor quer por força que tudo pareça normal. E eu nem posso dar nenhuma explicação racional para que cancelem tudo.

— *Tente* — disse Elena.

— Vou tentar. Nesse meio-tempo, talvez você deva pensar em se proteger. Se o que Meredith disse é verdade, a maior parte dos ataques aconteceu com você ou com pessoas próximas a você. O *seu* namorado foi jogado num poço; seu carro foi perseguido no rio; seu funeral foi interrompido. Meredith disse que até a sua irmã foi ameaçada. Se vai acontecer alguma coisa amanhã, pode ser melhor você deixar a cidade.

Foi a vez de Elena se assustar. Ela nunca pensou nos ataques dessa maneira, mas era verdade. Ela ouviu Stefan inspirar e sentiu os dedos dele se apertarem nos dela.

— Ele tem razão — disse Stefan. — Precisa ir embora, Elena. Posso ficar aqui até que...

— *Não*. Não vou sem você. E — continuou Elena, devagar, pensando — não vou *a lugar nenhum* até que encontremos o Outro Poder e o detenhamos. — Ela olhou para ele com seriedade, agora falando mais rápido. — Ah, Stefan, não está vendo, ninguém mais tem a menor chance contra ele. O sr. Smallwood e seus amigos não têm a menor ideia do que fazer. Alaric acha que pode combatê-lo só agitando as mãos. *Ninguém* sabe contra o que está lutando. Somos os únicos que podemos ajudar.

Ela podia ver a resistência nos olhos de Stefan e senti-la na tensão de seus músculos. Mas enquanto o fitava, viu suas objeções ruírem, uma por uma. Pelo simples motivo de que era verdade e Stefan odiava mentir.

— Muito bem — disse ele por fim, com dificuldade. — Mas assim que tudo isso acabar, vamos embora. Não deixarei você ficar numa cidade em que justiceiros andam por aí com estacas.

— Sim. — Elena retribuiu a pressão de seus dedos. — Depois que tudo terminar, nós iremos.

Stefan virou-se para Alaric.

— E se não houver uma maneira de convencê-los a cancelar o baile de amanhã, acho que devemos ficar bem atentos. Se alguma coisa acontecer, podemos impedir antes que tudo saia de controle.

— É uma boa ideia — disse Alaric, empertigando-se. — Podemos nos encontrar nesta sala, amanhã, depois do anoitecer. Ninguém vem aqui. Podemos vigiar a noite toda.

Elena lançou um olhar de dúvida para Bonnie.

— Bom... Significaria perder o baile... Para os que podem ir, quer dizer.

Bonnie se aprumou.

— Ah, quem liga para perder um *baile*? — disse ela, indignada. — Que importância tem um *baile* para alguém?

— É verdade — disse Stefan. — Estão está combinado. — Um espasmo de dor pareceu tomá-lo e ele estremeceu, baixando a cabeça. Elena de pronto ficou preocupada.

— Precisa ir para casa descansar — disse ela. — Alaric, pode nos levar de carro? Não fica tão longe.

Stefan protestou que estava bem para ir andando, mas no fim cedeu. No pensionato, depois que Stefan e Damon saíram do carro, Elena se encostou na janela de Alaric para fazer uma última pergunta. Corroía sua mente desde que Alaric lhes contou a história.

— Sobre aquelas pessoas que tiveram contato com vampiros — disse ela. — Que efeitos psicológicos tiveram? Quer dizer, elas enlouqueceram ou tinham pesadelos? Alguma delas está bem?

— Depende do indivíduo — disse Alaric. — E do número de contatos que teve, que tipo de contato foi. Mas depende principalmente da personalidade da vítima, até que ponto a mente da pessoa pode lidar com isso.

Elena assentiu e ficou em silêncio até que as luzes do carro de Alaric foram tragadas no ar coberto de neve. Depois se virou para Stefan.

— Matt.

12

Stefan olhou para Elena, os cristais de neve pontilhando o cabelo escuro.

— O que tem o Matt?

— Eu me lembro... de uma coisa. Não está claro. Mas naquela primeira noite, quando eu estava descontrolada... Eu vi o Matt? Será que eu...

O medo e uma sensação nauseante de desânimo encheram a garganta de Elena e interromperam suas palavras. Mas ela não precisava terminar e Stefan não precisou responder. Elena viu nos olhos dele.

— Era o único jeito, Elena — disse ele. — Você teria morrido sem sangue humano. Preferia ter atacado alguém relutante, feri-lo, talvez matá-lo? A necessidade pode levar você a fazer isso. Era o que queria que tivesse acontecido?

— *Não* — disse Elena enfaticamente. — Mas tinha de ser o Matt? Ah, não responda; também não consigo pensar em mais ninguém. — Ela respirou trêmula. — Mas agora estou preocupada com ele, Stefan. Não o vejo desde aquela noite. Ele está bem? O que ele te disse?

— Não muito — disse Stefan, virando o rosto. — Essencialmente, "Me deixe em paz". Ele também negou que alguma coisa aconteceu naquela noite e disse que você estava morta.

— Parece uma daquelas pessoas que não conseguem lidar com o problema — comentou Damon.

— Ah, cale essa boca! — disse Elena. — Fique fora disso e, enquanto reflete, poderia pensar na coitada da Vickie Bennett. Como acha que *ela* tem estado ultimamente?

— Seria bom saber quem é essa Vickie Bennett. Vocês vivem falando nela, mas não conheço a garota.

— Conhece, sim. Não faça seus joguinhos comigo, Damon... No cemitério, lembra? Na igreja em ruínas? A menina que você deixou vagando por ali só de corpete?

— Desculpe, não. E em geral eu *me lembro* de meninas que deixo vagando por aí só de corpete.

— Então deve ter sido Stefan — disse Elena com sarcasmo.

A raiva brilhou nos olhos de Damon, rapidamente encoberta por um sorriso perturbador.

— Talvez tenha sido mesmo. Talvez *você* tenha feito isso. Para mim dá no mesmo, só que estou ficando meio cansado de acusações. E agora...

— Espere — disse Stefan, com uma brandura surpreendente. — Não vá ainda. Precisamos conversar...

— Receio já ter um compromisso. — Houve um bater de asas e Stefan e Elena ficaram a sós.

Elena colocou um dedo nos lábios.

— Droga. Eu não pretendia irritá-lo. Depois de ele ter sido quase civilizado tarde toda.

— Esqueça — disse Stefan. — Ele gosta de ficar com raiva. O que estava dizendo sobre o Matt?

Elena viu o cansaço no rosto de Stefan e passou o braço em volta dele.

— Não deveríamos conversar sobre isso agora, mas acho que amanhã talvez a gente deva procurá-lo. Para dizer a ele... — Elena levantou a outra mão, impotente. Não sabia o que queria dizer a Matt; só sabia que precisava fazer *alguma coisa*.

— E eu acho — disse Stefan devagar — que é melhor *você* ir vê-lo. Tentei conversar, mas ele não quis me ouvir. Posso entender isso, mas talvez você se saia melhor. E eu acho — ele se interrompeu e continuou, resoluto —, acho que é melhor você ficar sozinha com ele. Pode ir agora.

Elena olhou firme para Stefan.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Mas... Você vai ficar bem? Eu devia ficar com você...

— Vou ficar bem, Elena — disse Stefan com gentileza. — Vá.

Elena hesitou, depois assentiu.

— Não vou demorar — ela prometeu.

* * *

Sem ser vista, Elena se esgueirou pela lateral da casa com a tinta descascando e a caixa de correio torta com a plaquinha *Honeycutt*. A janela de Matt estava destrancada. Que menino descuidado, pensou ela, reprovando. Não sabe que uma coisa pode de repente entrar de fininho? Ela a abriu, mas é claro que foi o máximo que pôde fazer. Uma barreira invisível, caindo como uma espécie de muro de ar denso, bloqueava sua passagem.

— Matt — sussurrou ela. O quarto estava escuro, mas ela via uma forma vaga na cama. Um relógio digital com números em verde-claro mostrava que era 00:15. — Matt — ela sussurrou novamente.

A figura se agitou.

— Hein?

— Matt, não quero que se assuste. — Ela abrandou voz, tentando acordá-lo gentilmente e não matá-lo de susto. — Mas sou eu, Elena, e queria conversar. Só que primeiro você precisa me convidar a entrar. Pode me convidar a entrar?

— Ah, pode entrar, então. — Elena ficou maravilhada com a ausência de surpresa na voz dele. Foi só depois de ter passado pelo peitoril que percebeu que ele ainda dormia.

— Matt. *Matt* — sussurrou ela, temerosa de chegar mais perto. O quarto estava abafado e muito quente, o radiador a toda. Ela podia ver um pé descalço saindo pelo monte de cobertores na cama e o cabelo louro no alto.

— Matt? — Insegura, ela se inclinou e tocou nele.

Isto produziu uma resposta. Com um grunhido explosivo, Matt se sentou ereto, girando o corpo. Quando os olhos encontraram os dela, estavam arregalados e assustados.

Elena se viu tentando parecer pequena e inofensiva, sem representar uma ameaça. Ela recuou até a parede.

— Eu não pretendia assustar você. Sei que é um choque. Mas pode conversar comigo?

Ele simplesmente continuou encarando Elena. Seu cabelo loiro estava suado e desgrenhado como penas molhadas de galinha. Ela podia ver a pulsação de Matt latejando no pescoço. Elena teve medo de que ele se levantasse e corresse para fora do quarto.

Depois os ombros dele relaxaram, arriados, e ele fechou os olhos devagar. Respirava profundamente mas de forma entrecortada.

— Elena.

— Sim — ela sussurrou.

— Você está morta.

— Não. Estou aqui.

— Os mortos não voltam. Meu pai não voltou.

— Eu não morri de verdade. Só mudei. — Os olhos de Matt ainda estavam fechados de repúdio e Elena se sentiu tomada por uma onda fria de desesperança. — Mas você preferia que eu tivesse morrido, não é? Vou embora agora — ela sussurrou.

O rosto de Matt se contorceu e ele começou a chorar.

— Não. Ah, não. Ah, não, Matt, por favor. — Ela se viu aninhando-o, esforçando-se para ela mesma não chorar. — Matt, me desculpe; eu não devia ter vindo aqui.

— Não vá embora — disse ele, aos soluços. — Não vá.

— Eu não vou. — Elena perdeu a briga e as lágrimas caíram no cabelo úmido de Matt. — Eu não queria machucar você, nunca — disse ela. — *Jamais*, Matt. Todas aquelas vezes, todas as coisas que eu fiz... Eu jamais quis magoar você. É verdade... — Depois ela parou de falar e apenas o abraçou.

Depois de um tempo, a respiração dele se aquietou e ele se recostou, enxugando o rosto com uma parte do lençol. Os olhos dele evitavam os dela. Havia uma expressão nele, não só de constrangimento, mas de desconfiança, como se estivesse se preparando para alguma coisa que o apavorasse.

— Tudo bem, então você está aqui. Está viva — disse ele asperamente. — E o que você quer?

Elena ficou confusa.

— Anda, deve haver alguma coisa. O que é?

Novas lágrimas se acumulavam, mas Elena as engoliu.

— Acho que mereço isso. Eu *sei* que mereço. Mas pela primeira vez, Matt, eu não quero absolutamente nada. Vim pedir desculpas, dizer que lamento por ter usado você... Não só naquela noite, mas sempre. Eu gosto de você e me importa se está magoado. Pensei que talvez pudesse melhorar as coisas. — Depois de um silêncio pesado, ela acrescentou: — Acho que agora eu *vou* embora.

— Não, espere. Espere um minutinho. — Matt enxugou o rosto com o lençol novamente. — Escute. Isso foi idiotice, e eu sou um idiota...

— Era a verdade e você é um cavalheiro. Ou você teria me mandado passear há muito tempo.

— Não, sou um completo idiota. Eu devia bater a cabeça na parede de alegria porque você não está morta. Já vou fazer isso. Escute. — Ele pegou o pulso de Elena e ela olhou, meio surpresa. — Não ligo se você é o Monstro do Lago Ness, It a Coisa, Godzilla e Frankenstein numa pessoa só. Eu só...

— Matt. — Em pânico, Elena colocou a mão livre na boca de Matt.

— Eu sei. Você está noiva do cara da capa preta. Não se preocupe; eu me lembro dele. Até gosto dele, mas sei lá por quê. — Matt respirou fundo e pareceu se acalmar. — Olha, não sei o que Stefan lhe disse. Ele me contou um monte de coisas... Sobre ser mau, que não lamentava pelo que fez com Tyler. Sabe do que estou falando?

Elena fechou os olhos.

— Ele mal come desde aquela noite. Acho que caçou uma vez. Hoje ele quase morreu por estar fraco demais.

Matt assentiu.

— Então essa é a dieta básica de vocês. Eu devia saber.

— Bom, é e não é. A necessidade é forte, mais forte do que pode imaginar. — Ocorria a Elena que *ela* não se alimentara hoje e que estava

com fome mesmo antes de irem para a casa de Alaric. — Na realidade... Matt, é melhor eu ir. Só uma coisa... Se houver um baile amanhã à noite, não vá. Vai acontecer alguma coisa, algo ruim. Vamos tentar proteger os outros, mas não sei o que nós podemos fazer.

— "Nós" quem? — disse Matt asperamente.

— Stefan e Damon... Acho que Damon... e eu. E Meredith e Bonnie... E Alaric Saltzman. Não pergunte sobre Alaric. É uma longa história.

— Mas proteger *contra* o quê?

— Esqueci; você não sabe. *Essa* também é uma longa história, mas... Bom, a resposta curta é que alguma coisa me matou. Alguma coisa fez os cães atacarem as pessoas no meu funeral. É algo maligno, Matt, que já está em Fell's Church há algum tempo. E vamos tentar impedi-lo de fazer algo amanhã à noite. — Ela tentou não se retrair. — Olhe, me desculpe, mas preciso mesmo ir. — Os olhos de Elena vagavam, contra a vontade, pela veia azulada e larga no pescoço de Matt.

Quando Elena conseguiu virar a cara e olhar o rosto de Matt, viu o choque dando lugar a uma súbita compreensão. Depois a uma coisa inacreditável: a aceitação.

— Está tudo bem — disse Matt.

Ela não sabia se tinha ouvido direito.

— Matt?

— Eu disse que está tudo bem. Não me machucou antes.

— Não. Não, Matt, é sério. Não *vim* aqui para isso...

— Eu sei. É por isso que quero fazer. Quero lhe dar uma coisa que você *não* me pediu. — Depois de um momento, ele disse: — Pelos velhos tempos.

Stefan, pensava Elena. Mas Stefan disse para ela vir, e para vir sozinha. Stefan sabia, percebeu ela. E estava tudo bem. Era o presente dele a Matt — e a ela.

Mas vou voltar para *você*, Stefan, pensou ela.

Enquanto Elena se inclinava para ele, Matt disse:

— Vou ao baile e ajudarei vocês amanhã. Mesmo que não tenha sido convidado.

E então os lábios de Elena tocaram seu pescoço.

13 de dezembro, sexta-feira

Querido Diário,

Esta é a noite.

Sei que escrevi isso antes, ou pelo menos pensei em escrever. Mas esta é a noite, a grande noite, quando tudo vai acontecer. É isso.

Stefan também sente o mesmo. Ele voltou da escola hoje para me dizer que o baile aconteceria — o sr. Newcastle não queria provocar pânico cancelando nada. O que vão fazer é disponibilizar "seguranças" do lado de fora, o que significa a polícia, imagino. E talvez o sr. Smallwood e alguns de seus amigos apareçam lá com rifles. O que quer que vá acontecer, não acho que eles possam impedir.

Não sei se podemos também.

Nevou o dia todo. A estrada está bloqueada, o que significa que nada sobre rodas entra ou sai da cidade. Até que o limpa-neve chegue lá, e isso só vai acontecer pela manhã, mas aí já será tarde demais.

E o ar também está estranho. Não neva apenas. É como se alguma coisa mais fria do que a neve esperasse. Retrocede como o mar recua antes de uma onda. Quando se soltar...

Hoje pensei em meu outro diário, aquele debaixo das tábuas do piso do meu armário. Pensei em tirá-lo de lá, mas não quero voltar em casa de novo. Não acho que consiga lidar com isso, e sei que a tia Judith não suportaria, se me visse.

Estou surpresa de alguém ter sido capaz de suportar. Meredith, Bonnie... Em especial Bonnie. Bom, Meredith também, considerando o que sua família passou. Matt.

São amigos bons e leais. É estranho, antigamente eu pensava que não sobreviveria sem toda uma galáxia de amigos e admiradores. Agora estou muito satisfeita com três, obrigada. Porque eles são amigos de verdade.

Não sei o quanto eu me importava com eles antes. Ou com Margaret, nem mesmo com a tia Judith. E todo mundo na escola... Sei que algumas semanas atrás eu estava dizendo que não ligava se toda a população da Robert E. Lee caísse morta, mas não era verdade. Esta noite vou fazer o que puder para protegê-los.

Sei que estou pulando de um assunto para outro, mas só estou falando de coisas que são importantes para mim. Meio que organizando tudo na minha cabeça. Só por precaução.

Bom, está na hora. Stefan me espera. Vou terminar esta última frase e sair.

Acho que vamos vencer. Espero que sim.

Sei que vamos tentar.

A sala de história estava quente e muito iluminada. Do outro lado do prédio da escola, o refeitório era ainda mais iluminado, brilhando de luzes e enfeites de Natal. Ao chegar, Elena a examinara de uma distância cautelosa, observando os casais chegarem para o baile, passando pelos policiais junto à porta. Sentindo a presença silenciosa de Damon vindo logo atrás, ela apontou uma menina com cabelo castanho claro e comprido.

— Vickie Bennett — disse ela.

— Vou acreditar em sua palavra — respondeu ele.

Agora, ela olhou o quartel-general improvisado deles para a noite. A mesa de Alaric tinha sido limpa e ele estava recurvado sobre um mapa da escola. Meredith inclinava-se ao lado dele, o cabelo escuro tocando a manga da blusa. Matt e Bonnie misturavam-se com os estudantes no estacionamento, e Stefan e Damon rondavam pelo perímetro do terreno da escola. Eles se revezavam.

— É melhor você ficar aqui dentro — disse Alaric a Elena. — A última coisa de que precisamos é que alguém veja você e lhe persiga com uma estaca.

— Andei pela cidade a semana toda — disse Elena, achando graça. — Se eu não quiser ser vista, nem você me verá. — Mas concordou em ficar na

sala de história e coordenar.

É como um castelo, pensou ela ao ver Alaric marcar no mapa as posições dos policiais e de outros homens. E o estamos defendendo. Eu e meus leais cavaleiros.

O relógio redondo e achatado na parede batia os minutos. Elena o olhava enquanto recebia as pessoas na porta da sela e as via sair. Serviu café quente de uma garrafa térmica para os que queriam. Ouviu os relatórios que chegavam.

"Tudo tranquilo no lado norte da escola."

"Caroline acaba de ser coroada rainha da neve. Que surpresa."

"Alguns garotos desordeiros no estacionamento... O xerife acaba de cercá-los..."

A meia-noite chegou e passou.

— Talvez estivéssemos errados — disse Stefan mais ou menos uma hora depois. Era a primeira vez que todos estavam juntos na sala desde o início da noite.

— Talvez esteja acontecendo em outro lugar — disse Bonnie, tirando uma bota e olhando dentro dela.

— Não há como saber onde vai acontecer — disse Elena com firmeza. — Mas não estamos errados sobre o acontecimento.

— Talvez — disse Alaric pensativamente — *haja* uma maneira. De descobrir o que vai acontecer, quero dizer. — Enquanto as cabeças se erguiam indagativas, ele disse: — Precisamos de uma premonição.

Todos os olhos se voltaram para Bonnie.

— Ah, não — disse Bonnie. — Estou cheia de tudo isso. Eu *odeio* isso.

— É um grande dom... — começou Alaric.

— É um grande pé no saco. Olha, vocês não entendem. Já é bem ruim fazer as previsões comuns. Parece que na maior parte do tempo estou descobrindo coisas que não quero saber. Mas ser dominada... é *medonho*. E depois nem me lembro do que eu disse. É horrível.

— Ser dominada? — repetiu Alaric. — Como assim?

Bonnie suspirou.

— Foi o que aconteceu comigo na igreja — disse ela com paciência. — Posso fazer outros tipos de previsões, como adivinhações com água ou ler a mão — ela olhou para Elena, depois virou o rosto —, coisas assim. Mas há horas em que... alguém... me domina e me usa para falar. É como ter outra pessoa no meu corpo.

— Como no cemitério, quando você disse que havia alguma coisa ali esperando por mim — disse Elena. — Ou quando você me avisou para não chegar perto da ponte. Ou quando veio jantar e disse que a Morte, a minha morte, estava na casa. — Ela olhou automaticamente para Damon, que retribuiu o olhar, impassível. Ainda assim, isso foi um erro, pensou ela. Damon não foi a morte dela. Então, o que a profecia significava? Por um instante alguma coisa cintilou em sua mente, mas antes que pudesse apreendê-la, Meredith interrompeu.

— É como outra voz que fala através de Bonnie — explicou Meredith a Alaric. — Ela até fica diferente. Talvez você não tenha chegado tão perto da igreja para ver.

— Mas por que você não me contou sobre isso? — Alaric estava animado. — Pode ser importante. Esta... entidade... seja lá o que for... pode nos dar informações fundamentais. Pode explicar o mistério do Outro Poder, ou pelo menos nos dar uma pista de como combatê-lo.

Bonnie sacudia a cabeça.

— Não. Não é uma coisa que eu possa chamar e não responde a perguntas. Simplesmente me *acontece*. E eu odeio.

— Quer dizer que não consegue pensar em nada que possa invocá-la? Alguma coisa que antes tenha levado a acontecer?

Elena e Meredith, que sabiam muito bem o que podia invocar a entidade, olharam-se. Elena mordeu o interior da bochecha. Era decisão de Bonnie. Tinha de ser decisão de Bonnie.

Bonnie, com a cabeça entre as mãos, olhou de lado por entre seus cachos ruivos para Elena. Depois fechou os olhos e gemeu.

— Velas — disse ela.

— O quê?

— *Velas*. A chama de uma vela pode fazer isso. Mas entendam que eu não tenho certeza; não estou prometendo *nada*...

— Alguém precisa saquear o laboratório de ciências — disse Alaric.

A cena lembrava o dia em que Alaric chegou à escola, quando pediu que todos colocassem as cadeiras em roda. Elena olhou o círculo de rostos sinistramente iluminados de baixo por uma vela. Lá estava Matt, com o queixo rígido. Ao lado dele, Meredith, os cachos escuros lançando sombras no alto. E Alaric, inclinado para frente, ansioso. E Damon, luz e sombra dançando no rosto. E Stefan, as maçãs do rosto altas, parecendo igualmente afiadas aos olhos de Elena. E por fim Bonnie, frágil e pálida na luz dourada da vela.

Estamos conectados, pensou Elena tomada pela mesma sensação que teve na igreja, quando pegou as mãos de Stefan e Damon. Ela se lembrava de um círculo fino de cera branca flutuando num prato de água. *Podemos conseguir se ficarmos juntos*.

— Vou só olhar a vela — disse Bonnie, a voz tremendo um pouco. — E não pensar em nada. Só vou tentar... me abrir para ela. — Ela começou a respirar fundo, fitando a chama da vela.

Depois aconteceu, como antes. O rosto de Bonnie se suavizou, perdendo toda expressão. Os olhos ficaram vagos como o querubim de pedra do cemitério.

Ela não disse uma palavra sequer.

Foi quando Elena percebeu que eles não combinaram o que perguntar. Ela esquadrinhou a mente em busca de uma pergunta antes que Bonnie perdesse o contato.

— Onde podemos encontrar o Outro Poder? — disse ela, no mesmo momento em que Alaric soltou, "Quem é você?". Suas vozes se misturaram, as perguntas se entremeando.

O rosto inexpressivo de Bonnie se virou, percorrendo a roda com olhos que não enxergavam. Depois a voz que não era de Bonnie disse:

— Venham e vejam.

— Espere um minuto — disse Matt, enquanto Bonnie se levantava, ainda em transe, e ia para a porta. — Aonde ela vai?

Meredith pegou o casaco.

— E vamos com ela?

— Não toque nela! — disse Alaric, colocando-se de pé num salto enquanto Bonnie ia para a porta.

Elena olhou para Stefan, depois para Damon. Concordando, eles a seguiram, andando atrás de Bonnie, pelos ecos do corredor vazio.

— Aonde vamos? Que pergunta ela está respondendo? — indagou Matt. Elena só pôde sacudir a cabeça. Alaric tentava acompanhar Bonnie com um andar leve.

Bonnie andou mais devagar enquanto eles saíam para a neve e, para surpresa de Elena, ela foi até o carro de Alaric no estacionamento dos funcionários e ficou ao lado dele.

— Não vai caber todo mundo; eu vou seguir com Matt — disse Meredith rapidamente. Elena, com a pele arrepiada de apreensão e do ar frio, entrou na traseira do carro de Alaric quando ele abriu a porta, com Damon e Stefan de cada lado. Bonnie se sentou na frente. Olhava bem para frente e não falava nada. Mas enquanto Alaric saía do estacionamento, ela ergueu a mão e apontou. À direita na Lee Street, à esquerda na Arbor Green. Em frente para a casa de Elena e depois à direita na Thunderbird. Indo para a Old Creek Road.

Foi quando Elena percebeu aonde eles iam.

Eles pegaram a outra ponte para o cemitério, aquela que todo mundo sempre chamava de "a ponte nova" para distingui-la da ponte Wickery, que agora desaparecera. Aproximavam-se do portão lateral, o lado para onde Tyler tinha ido quando levou Elena na igreja em ruínas.

O carro de Alaric parou exatamente onde o de Tyler havia estacionado. Meredith encostou atrás dele.

Com uma sensação terrível de *déjà vu*, Elena pegou a trilha da colina e passou pelo portão, seguindo Bonnie até a igreja em ruínas, com seu

campanário apontando como um dedo para o céu nublado. No buraco vazio que antes era a porta, ela estacou.

— Onde está nos levando? — disse ela. — *Escute*. Vai nos dizer que pergunta está respondendo?

— Venham e vejam.

Desanimada, Elena olhou os outros. Depois passou pela soleira da porta. Bonnie andava lentamente para a tumba de mármore branco, e parou.

Elena olhou para lá e depois para a expressão fantasmagórica de Bonnie. Cada pelo em seu braço e na nuca estava eriçado.

— Ah, não... — ela sussurrou. — Isso não.

— Elena, do que está falando? — disse Meredith.

Tonta, Elena olhou as esculturas de mármore de Thomas e Honoria Fell, deitados na tampa de pedra de seus túmulos.

— Esta coisa abre — sussurrou ela.

13

— Acha que a gente devia... olhar aí dentro? — disse Matt.

— Não sei — respondeu Elena, infeliz. Não queria ver o que havia dentro da tumba, como não quis ver quando Tyler sugeriu abri-la para vandalizar. — Talvez a gente nem *consiga* abrir — acrescentou ela. — Tyler e Dick não conseguiram. Só começou a deslizar quando eu me encostei nela.

— Encoste agora; deve ter algum mecanismo de mola oculto — sugeriu Alaric e, quando Elena o atendeu, sem resultados, ele disse: — Muito bem, todo mundo encontre apoio e se prepare... Assim. Agora vamos...

Agachado, ele olhou para Damon, que estava imóvel perto da tumba, parecendo se divertir um pouco.

— Com licença — disse Damon e Alaric recuou, de cenho franzido. Damon e Stefan pegaram cada um uma ponta da tampa e a ergueram.

A tampa deslizou, com um moer, enquanto Damon e Stefan a deslizavam para o chão ao lado do túmulo.

Elena não conseguia chegar mais perto.

Em vez disso, reprimindo a náusea, concentrou-se na expressão de Stefan. Isso indicaria o que poderia haver ali. Imagens se chocaram por sua mente, de corpos mumificados cor de pergaminho, cadáveres em decomposição, crânios com dentes à mostra. Se Stefan parecesse apavorado, nauseado ou com nojo...

Mas enquanto Stefan olhava a tumba aberta, seu rosto registrou apenas uma surpresa desconcertada.

Elena não suportou mais.

— O que é isso?

Ele deu um sorriso torto e disse, com um olhar para Bonnie:

— Venham e vejam.

Elena se aproximou um pouco da tumba e olhou para baixo. Depois sua cabeça voou para cima e ela olhou confusa para Stefan.

— *O que é isso?*

— Não sei — respondeu ele. Ele se virou para Meredith e Alaric. — Um de vocês tem uma lanterna? Ou uma corda?

Depois de olhar o buraco na pedra, os dois foram para os carros. Elena continuou onde estava, fitando abaixo, forçando sua visão noturna. Ainda não conseguia acreditar.

A tumba não era uma tumba, mas uma porta.

Agora Elena entendia por que sentiu um vento frio soprando dali quando a tampa se mexera sob sua mão naquela noite. Ela olhava uma espécie de câmara ou porão no chão. Só conseguia ver uma parede, aquela que descia reta abaixo dela, e a que tinha degraus de ferro encravados na pedra, como uma escada.

— Aqui está — disse Meredith a Stefan, voltando. — Alaric pegou uma lanterna e esta é a minha. E aqui está a corda que Elena colocou no meu carro quando fomos procurar por você.

O facho estreito da lanterna de Meredith percorreu o espaço abaixo.

— Não consigo ver muita coisa lá dentro, mas parece vazio — disse Stefan. — Vou descer primeiro.

— Vai *descer*? — disse Matt. — Olha, tem certeza de que a gente *deve* descer? Bonnie, o que acha?

Bonnie não se mexia. Ainda estava parada ali com aquela expressão inteiramente abstraída, como se não enxergasse nada em volta. Sem dizer nada, ela balançou a perna pela beira da tumba, girou o copo e começou a descer.

— Caramba — disse Stefan. Ele colocou a lanterna no bolso da jaqueta, a mão na base da tumba e pulou.

Elena não teve tempo para desfrutar da expressão de Alaric; inclinou-se para baixo e gritou:

— Você está bem?

— Tudo bem. — A lanterna piscou para ela de baixo. — Bonnie também está ótima. Os degraus descem até o chão. Mas é melhor trazer a corda mesmo assim.

Elena olhou para Matt, que era o mais próximo dela. Seus olhos azuis encontraram os dela com desânimo e certa resignação, e ele assentiu. Ela respirou fundo e pôs a mão na base da tumba, como fizera Stefan. Outra mão de repente se fechou em seu pulso.

— Acabo de pensar numa coisa — disse Meredith, sombria. — E se a entidade de Bonnie *for* o Outro Poder?

— Já pensei nisso há muito tempo — disse Elena. Ela deu um tapinha na mão de Meredith, afastou-a, e pulou.

Elena se apoiou no braço que Stefan oferecia e olhou em volta.

— Meu Deus...

Era um lugar estranho. As paredes eram revestidas de pedra. Eram macias e quase pareciam polidas. Seguindo determinados intervalos, encravados nas paredes, havia candelabros de ferro, alguns ainda com os restos de velas de cera. Elena não conseguia ver a outra extremidade do ambiente, mas a lanterna mostrou um portão de ferro batido bem perto, como o portão que algumas igrejas usavam para proteger um altar.

Bonnie tinha acabado de chegar ao fundo da escada. Esperou em silêncio enquanto os outros desciam, primeiro Matt, depois Meredith, em seguida Alaric com outra lanterna.

Elena olhou para cima.

— Damon?

Ela podia ver a silhueta dele contra o retângulo mais escuro que era a abertura da tumba para o céu.

— Sim?

— Está com a gente? — perguntou ela. Não "você *vem* com a gente?" Ela sabia que ele entenderia a diferença.

Elena esperou cinco batidas do coração no silêncio que se seguiu. Seis, sete, oito...

Houve uma lufada de ar e Damon pousou com elegância. Mas não olhou para Elena. Os olhos dele estavam estranhamente distantes e ela não conseguia interpretar sua expressão.

— É uma cripta — dizia Alaric admirado, enquanto sua lanterna cortava a escuridão. — Uma câmara subterrânea sob uma igreja, usada como local de sepultamento. Antigamente elas eram construídas sob igrejas maiores.

Bonnie andou direto para o portão e colocou a mãozinha branca nele, abrindo-o. Ele girou, abrindo passagem.

Agora o coração de Elena começava a bater rápido demais para que ela contasse. De algum modo ela obrigou as pernas a avançarem, a seguirem Bonnie. Seus sentidos afiados estavam quase dolorosamente agudos, mas não traziam qualquer informação sobre o espaço que adentrava. O facho da lanterna de Stefan era fino demais, mostrava apenas o chão de pedra à frente e a forma enigmática de Bonnie.

Bonnie parou.

É isso, pensou Elena, a respiração presa na garganta. Ah, meu Deus, é isso; é isso mesmo. Ela teve a súbita sensação de estar no meio de um sonho lúcido, um sonho em que sabia que estava sonhando, mas não conseguia mudar nada nem acordar. Seus músculos travaram.

Ela sentia o cheiro de medo dos outros e podia sentir a tensão acre de Stefan logo atrás dela. A lanterna de Stefan percorreu objetos para além de Bonnie, mas de início os olhos de Elena não viram nada que fizesse sentido. Viu ângulos, trechos planos, contornos, depois algo entrou em foco. Uma face mortalmente branca, pendendo grotescamente de lado...

O grito não saiu de sua garganta. Era só uma escultura e as feições eram conhecidas. Eram as mesmas da tampa da tumba. Esta tumba era igual àquela por onde entrara. Só que esta tinha sido saqueada, a tampa de pedra quebrada em duas, atirada na parede da cripta. Alguma coisa se espalhava pelo chão como varetas frágeis de marfim. Pedaços de mármore, disse Elena desesperadamente a seu cérebro; é só mármore, cacos de mármore.

Eram ossos humanos, lascados e esmagados.

Bonnie se virou.

Seu rosto em forma de coração girou como se aqueles olhos fixos e vagos examinassem o grupo. Ela terminou diretamente em frente de Elena.

Depois, com um tremor, cambaleou e se jogou violentamente para frente como uma marionete cujas cordas foram cortadas.

Elena não conseguiu segurá-la, e acabou caindo também.

— Bonnie? Bonnie? — Os olhos castanhos que a fitavam, dilatados e desorientados, eram os olhos apavorados de Bonnie. — Mas o que aconteceu? — perguntou Elena. — Onde isso vai dar?

— Eu estou aqui.

Acima da tumba pilhada, aparecia uma luz nevoenta. Não, não era uma luz, pensou Elena. Ela a sentia com os olhos, mas não era a luz do espectro normal. Isto era algo mais estranho do que o infravermelho ou o ultravioleta, algo que os sentidos humanos não podem ver. Revelava-se a ela, forçava-se para dentro de seu cérebro, por um Poder externo.

— O Outro Poder — sussurrou ela, o sangue paralisando.

— Não, Elena.

A voz não tinha som, como a visão não tinha luz. Era silenciosa como o brilho de uma estrela, e era triste. Lembrava Elena de alguma coisa.

Mãe?, pensou ela, desvairada. Mas não era a voz de sua mãe. O brilho acima da tumba parecia girar e refluir, e por um momento Elena vislumbrou um rosto, um rosto gentil e triste. Então ela entendeu.

— Estive esperando por você — disse suavemente a voz de Honoria Fell. — Aqui eu posso lhe falar enfim em minha própria forma, e não pelos lábios de Bonnie. Ouça-me. Seu tempo é curto e o perigo é muito grande.

Elena encontrou a língua.

— Mas o que é este lugar? Por que nos trouxe aqui?

— Você me perguntou. Não podia mostrar antes que você perguntasse. Este é seu campo de batalha.

— Não entendi.

— Esta cripta foi construída para mim pelo povo de Fell's Church. Um lugar de repouso para meu corpo. Um local secreto para quem teve poderes

secretos em vida. Como Bonnie, eu sei de coisas que ninguém mais pode saber. Vi coisas que ninguém mais pôde ver.

— Você era paranormal — sussurrou Bonnie, com a voz rouca.

— Naquele tempo, chamavam de bruxaria. Mas nunca usei meus poderes para o mal e, quando morri, construíram-me este monumento para que meu marido e eu pudéssemos ficar em paz. Mas depois de muitos anos nossa paz foi perturbada.

A fraca luz fluía e refluía, a silhueta de Honoria oscilava.

— Outro Poder veio a Fell's Church, cheio de ódio e destruição. Profanou meu lugar de repouso e espalhou meus ossos. Fez deste lugar o seu lar. Saiu para espalhar o mal em minha cidade. Eu despertei. Tentei alertar você contra isso desde o início, Elena. Ele mora aqui, nos subterrâneos do cemitério. Esteve esperando por você, observando seus passos. Às vezes na forma de uma coruja...

Uma coruja. A mente de Elena disparava. Uma coruja, como a coruja que ela vira aninhada no campanário da igreja. Como a coruja que viu no celeiro, como a coruja na acácia perto de sua casa.

Coruja branca... Ave de rapina... Comedora de carne... Ela pensou. E depois se lembrou das grandes asas brancas que pareciam se estender ao horizonte dos dois lados. Um grande pássaro feito de névoa ou neve, vindo atrás dela, concentrado nela, sedento de sangue e cheio de ódio animal...

— Não! — gritou ela, engolfada pela lembrança.

Ela sentiu as mãos de Stefan em seus ombros, os dedos dele se cravando quase dolorosamente. Isso a trouxe de volta à realidade. Honoria Fell ainda falava.

— E você, Stefan, também tem sido observado. Odiou você antes de odiar Elena. Esteve atormentando você e brincando com você como um gato com um camundongo. Ele odeia os que você ama. É cheio de um amor envenenado.

Elena olhou involuntariamente para trás. Viu Meredith, Alaric e Matt paralisados. Bonnie e Stefan estavam ao lado dela. Mas Damon... Onde estava Damon?

— Seu ódio cresceu tanto que qualquer morte que houver, qualquer sangue derramado será motivo de prazer. Neste momento, os animais que controla saem furtivos do bosque. Seguem para a cidade, para as luzes.

— O Baile da Neve! — exclamou Meredith.

— Sim. E desta vez atacarão até que o último esteja morto.

— Temos de avisar àquelas pessoas — disse Matt. — Todo mundo no baile...

— Nunca terá segurança se a mente que os controla não for destruída. A chacina continuará. Vocês devem destruir o poder que odeia; foi por isso que os trouxe aqui.

Houve outro fluxo na luz; parecia estar recuando.

— Vocês têm coragem, basta encontrá-lo. Sejam fortes. É a única ajuda que posso lhes dar.

— Espere... Por favor... — começou Elena.

A voz continuou, sem dar atenção a Elena.

— Bonnie, você tem alternativa. Seus poderes secretos são uma responsabilidade. Também são um dom, e um dom que pode lhe ser retirado. Prefere renunciar a ele?

— Eu... — Bonnie sacudiu a cabeça, apavorada. — Não sei. Preciso de tempo...

— Não há tempo. Decida. — A luz minguava, sumindo em si mesma.

Os olhos de Bonnie eram confusos e inseguros ao procurarem ajuda no rosto de Elena.

— A decisão é *sua* — sussurrou Elena. — Precisa tomá-la sozinha.

Lentamente, a incerteza deixou o rosto de Bonnie e ela assentiu. Afastou-se de Elena, sem apoio, virando-se para a luz.

— Eu fico com ele — disse ela com a voz rouca. — Vou lidar com ele de alguma maneira. Minha avó fez isso.

A luz bruxuleou como se sentisse prazer.

— Decidiu com sensatez. Que faça bom uso dele. Esta é a última vez que lhe falo.

— Mas...

— Eu conquistei meu descanso. A luta é sua. — E o brilho se apagou, como as últimas brasas de um fogo moribundo.

Com sua partida, Elena pôde sentir a pressão ao redor. Algo ia acontecer. Alguma forma esmagadora vinha em direção a eles, ou pairava sobre eles.

— Stefan...

Stefan também sentia; ela sabia disso.

— Vamos — disse Bonnie, a voz em pânico. — Precisamos sair daqui.

— Temos que chegar ao baile — Matt ofegava. Seu rosto estava branco. — Precisamos ajudá-los...

— Fogo — gritou Bonnie, assustada, como se a ideia acabasse de lhe ocorrer. — O fogo não pode matá-los, mas os afastará...

— Não ouviu? Temos de enfrentar o Outro Poder. E ele está *aqui*, bem aqui, agora mesmo. Não podemos ir! — exclamou Elena. Sua mente era um turbilhão. Imagens, lembranças e um pressentimento medonho... Sede de sangue... Ela podia sentir...

— Alaric. — Stefan falou com um tom de autoridade. — Volte você. Leve os outros; faça o que puder. Eu vou ficar...

— Acho que todos nós devemos ir! — gritou Alaric. Ele teve de gritar para ser ouvido por sobre o ruído ensurdecedor que os cercava.

Sua lanterna hesitante mostrou a Elena algo que ela não havia percebido. Na parede ao lado se abria um buraco, como se a pedra que o revestia estivesse sendo arrancada. E, para além dele, havia um túnel na terra, escuro e interminável.

Onde isso vai dar?, perguntou-se Elena, mas o pensamento se perdeu em meio ao tumulto de seu medo. Coruja branca... Ave de rapina... Comedora de carne... *Corvo*, pensou ela, e de repente ela entendeu com uma clareza ofuscante o que temia.

— Onde está o Damon? — gritou ela, arrastando Stefan ao se virar, olhando. — Onde está o Damon?

— *Saiam!* — gritou Bonnie, a voz estridente de terror. Ela se atirou no portão justo quando o som cortou a escuridão.

Era um rosnado, mas não era de um cão. Não podia ser confundido com um cachorro. Era muito mais grave, mais pesado, mais ressoante. Era um som *descomunal* e exalava a selva, a sede do caçador. Reverberou no peito de Elena, abalou seus ossos.

Deixou-a paralisada.

O som voltou, faminto e selvagem, mas de certo modo quase indolente. Uma confiança. E com ele vieram passos pesados do túnel.

Bonnie tentava gritar, mas só conseguiu soltar um assovio fino. No escuro do túnel, algo se aproximava. Uma forma que se movia com um gingado felino esguio. Elena agora reconhecia o rosnado. Era o som do maior dos felinos caçadores, maior do que um leão. Os olhos do tigre apareceram amarelos ao chegarem à extremidade do túnel.

E então tudo aconteceu ao mesmo tempo.

Elena sentiu Stefan tentar puxá-la para trás e tirá-la do caminho. Mas seus próprios músculos petrificados eram um estorvo para ele, e ela sabia que era tarde demais.

O salto do tigre foi gracioso, os músculos potentes lançando-o no ar. Naquele instante, ela o viu como se ele fosse apanhado pela luz de uma lanterna e sua mente notou os flancos magros e brilhantes e a coluna flexível. Mas sua voz gritou por conta própria.

— *Damon, não!*

Foi apenas quando o lobo preto disparou no escuro para encontrá-lo que ela percebeu que o tigre era branco.

O salto do grande felino foi interceptado pelo lobo e Elena sentiu Stefan arrancá-la do caminho, puxando-a de lado, por precaução. Os músculos de Elena derreteram como flocos de neve e ela se rendeu, num torpor, enquanto ele a colocava encostada na parede. A tampa da tumba agora ficava entre ela e a forma branca que rosnava, mas o portão ficava do outro lado da luta.

A fraqueza de Elena era em parte terror e parte perplexidade. Ela não estava entendendo nada; a confusão rugia em seus ouvidos. Um minuto atrás tinha certeza de que Damon estava jogando com eles o tempo todo,

que ele era o Outro Poder. Mas a maldade e a sede de sangue que emanavam do tigre eram inconfundíveis. Foi isto que a perseguiu no cemitério, e do pensionato ao rio, que provocou sua morte. Este poder branco que o lobo tentava matar.

Era uma contenda impossível. O lobo preto, cruel e agressivo, não teve chances. Um golpe das imensas patas do tigre caiu nos ombros do lobo, expondo o osso. Suas mandíbulas rosnaram abertas enquanto tentavam se fechar e quebrar os ossos do pescoço do lobo.

Mas Stefan estava ali, apontando o facho da lanterna nos olhos do felino, tirando o lobo ferido do caminho. Elena queria poder gritar, queria poder fazer alguma coisa para liberar a dor violenta que tinha por dentro. Ela não entendia; não compreendia nada. Stefan corria perigo. Mas ela não conseguia se mexer.

— Saiam! — gritou Stefan para os outros. — Agora; saiam agora!

Mais rápido do que qualquer humano, ele saiu do caminho de uma pata branca, mantendo a luz nos olhos do tigre. Meredith agora estava do outro lado do portão. Matt meio carregava e meio arrastava Bonnie. Alaric passou por ele.

O tigre arremeteu e o portão se fechou com um baque. Stefan caiu de lado, escorregando ao tentar se levantar.

— Não vamos deixar você... — gritou Alaric.

— Vão! — berrou Stefan. — Vão para o baile; façam o que puderem! *Vão!*

O lobo atacava novamente, apesar das feridas sangrentas na cabeça e nos ombros, onde músculos e tendões estavam expostos e brilhavam. O tigre revidava. Os sons animais chegaram a um volume que ele não suportava. Meredith e os outros foram embora; a lanterna de Alaric desaparecera.

— Stefan! — ela gritou, vendo-o pronto para saltar e voltar à luta.

Se ele morresse, ela também morreria. E se ela tivesse de morrer, queria estar com ele.

A paralisia a deixou e ela avançou aos tropeços até Stefan, chorando, estendendo a mão para segurá-lo com força. Sentiu o braço dele a envolver

enquanto ele mantinha o próprio corpo entre Elena e o barulho e a violência. Mas Elena era teimosa, tanto quanto ele. Ela girou, depois eles ficaram cara a cara.

O lobo estava caído. Deitava-se de costas, e embora seu pelo fosse escuro demais para revelar o sangue, uma poça vermelha se acumulava por baixo. O felino branco assomava no alto, as mandíbulas a centímetros do pescoço preto e vulnerável.

Mas a mordida mortal no pescoço não veio. Em vez disso, o tigre ergueu a cabeça e olhou para Stefan e Elena.

Com uma estranha calma, Elena se viu percebendo detalhes mínimos da aparência do tigre.

Os bigodes eram retos e finos, como fios de prata. O pelo era de um branco puro, com riscos claros de ouro fosco. Branco e dourado, pensou ela, lembrando-se da coruja no celeiro. E isto incitou outra lembrança... De algo que ela vira... Algo de que ouvira falar...

Com um golpe pesado, o felino arrancou a lanterna da mão de Stefan. Elena o ouviu sibilar de dor, mas não conseguia enxergar mais nada no escuro. Onde não havia luz nenhuma, até um caçador era cego. Agarrando-se a ele, ela esperou pela dor do golpe fatal.

Mas de repente sua cabeça girava; enchia-se de cinza e espirais de névoa, e ela não conseguiu se segurar em Stefan. Não conseguia pensar; não conseguia falar. O chão parecia sumir sob seus pés. Ela percebeu vagamente que o Poder estava sendo usado contra ela, que ele dominava sua mente.

Elena sentiu o corpo de Stefan cedendo, arriando, afastando-se dela, caindo, e não conseguiu mais resistir à névoa. Caiu por uma eternidade e não soube quando atingiu o chão.

14

Coruja branca... Ave de rapina... Caçador... Tigre. Brincando com você como um gato com um camundongo. Como um gato... Um gato grande... Um gatinho. Uma gatinha branca.

A morte está na casa.

E a gatinha, a gata que fugiu de Damon. Não por medo dele, mas por medo de ser descoberta. Como aconteceu quando ficou no peito de Margaret e miou ao ver Elena do lado de fora da janela.

Elena gemeu e quase voltou à consciência, mas a névoa cinza a arrastou de volta antes que conseguisse abrir os olhos. Seus pensamentos fervilharam de novo.

Amor envenenado... Stefan, ele odiava você antes de odiar Elena... Branco e dourado... *Uma coisa branca embaixo da árvore...*

Desta vez, quando lutou para abrir os olhos, Elena conseguiu. E antes mesmo de conseguir focalizar na luz fraca e cambiante, ela entendeu. Ela finalmente entendeu.

A figura que arrastava um vestido branco virou-se da vela que acendia e Elena viu que podia ser seu próprio rosto acima daqueles ombros. Mas era um rosto sutilmente distorcido, pálido e lindo como uma escultura de gelo, mas *errado*. Era como os reflexos intermináveis de si que Elena vira no sonho do corredor de espelhos. Distorcido e faminto, e com escárnio.

— Oi, Katherine — sussurrou ela.

Katherine sorriu, um sorriso furtivo e predatório.

— Você não é tão idiota quanto eu pensava — disse ela.

Sua voz era leve e doce — prateada, pensou Elena. Como os cílios. Também havia luzes prateadas em seu vestido quando ela se mexia. Mas o cabelo era dourado, de um dourado quase tão claro quanto o de Elena. Seus

olhos eram como os da gatinha: redondos e azuis. No pescoço trazia um colar com uma pedra da mesma cor.

A garganta de Elena doía, como se tivesse gritado. Também estava seca. Quando virou a cabeça lentamente para o lado, até esse pequeno movimento provocou dor.

Stefan estava ao lado dela, curvado para frente, amarrado pelos braços nas estacas de ferro batido do portão. A cabeça vergava contra o peito, mas o que ela pôde ver de seu rosto era mortalmente branco. O pescoço estava rasgado e o sangue pingava na gola e secava.

Elena se voltou para Katherine tão rapidamente que sua cabeça girou.

— Por quê? Por que fez isso?

Katherine sorriu, mostrando dentes brancos e pontiagudos.

— Porque eu o *amo* — disse ela num cantarolar infantil. — Você não o ama também?

Foi só então que Elena percebeu plenamente por que não conseguia se mexer e por que os braços doíam. Estava amarrada como Stefan, firmemente presa ao portão fechado. Um girar doloroso da cabeça para o outro lado revelou Damon.

Ele estava em piores condições do que o irmão. A jaqueta e o braço estavam rasgados e a visão da ferida deixou Elena nauseada. A camisa pendendo em farrapos e Elena pôde ver o movimento mínimo das costelas com sua respiração. Se não fosse por isso, ela teria pensado que ele estava morto. O sangue colava em seu cabelo e escorria para os olhos fechados.

— De qual deles você gosta mais? — perguntou Katherine, num tom íntimo e confiante. — Pode me dizer. Qual deles acha que é melhor?

Elena olhou para ela, enjoada.

— Katherine — sussurrou ela. — Por favor, me escute, por favor...

— Diga. Vamos. — Aqueles olhos de joias azuis encheram a visão de Elena enquanto Katherine se inclinava para mais perto, os lábios quase tocando os de Elena. — *Eu* acho que os dois são divertidos. Gosta de diversão, Elena?

Revoltada, Elena fechou os olhos e virou a cara. Se ao menos sua cabeça parasse de girar.

Katherine recuou com uma risada vibrante.

— Eu sei, é tão difícil escolher. — Ela deu uma pequena pirueta e Elena viu que o que parecia vagamente a cauda do vestido de Katherine era, na verdade, o cabelo dela. Fluía como ouro derretido por suas costas e caía até o chão, arrastando-se atrás dela. — Tudo depende do seu gosto — continuou Katherine, dando passinhos graciosos de dança e terminando diante de Damon. Olhou malignamente para Elena. — Mas eu tenho um dente bem doce. — Ela segurou Damon pelos cabelos e, puxando a cabeça para cima, afundou os dentes em seu pescoço.

— Não! Não faça isso; não o machuque mais... — Elena tentou se impelir para frente, mas estava amarrada com firmeza. O portão era de ferro maciço, encravado na pedra, e as cordas eram fortes. Katherine produzia ruídos animais, roendo e mastigando a carne, e Damon gemia mesmo inconsciente. Elena viu seu corpo sacudir por reflexo de dor.

— Pare, por favor; ah, por favor, pare...

Katherine levantou a cabeça. O sangue escorria pelo queixo.

— Mas estou com fome e ele é tão *bom* — disse ela. Ela retrocedeu e atacou novamente, e o corpo de Damon teve um espasmo. Elena gritou.

Eu já estive assim, pensou ela. No início, naquela primeira noite no bosque, eu estava assim. Feri Stefan desse jeito, eu queria matá-lo...

A escuridão se elevou em volta e ela cedeu, agradecida.

O carro de Alaric derrapou em um trecho de gelo ao chegar à escola e Meredith quase bateu na traseira. Ela e Matt saltaram do carro, deixando as portas abertas. À frente, Alaric e Bonnie fizeram o mesmo.

— E o resto da cidade? — gritou Meredith, correndo até eles. O vento aumentava e seu rosto ardia com a neve.

— Só a família de Elena... A tia Judith e Margaret — gritou Bonnie. Sua voz era estridente e apavorada, mas havia concentração em seus olhos. Ela tombou a cabeça para trás como se tentasse se lembrar de alguma coisa e

disse: — Sim, é isso. São elas que os cães também procurarão. Diga para irem a algum lugar... Tipo o porão. Mantenha as duas ali!

— Vou fazer isso. Vocês três cuidem do baile!

Bonnie se virou para correr atrás de Alaric. Meredith disparou de volta ao carro.

O baile estava nos últimos estágios de encerramento. Havia casais tanto do lado de dentro como de fora, partindo para o estacionamento. Alaric gritou para eles enquanto ele, Matt e Bonnie se aproximavam correndo.

— Voltem! Todo mundo deve ficar lá dentro e fechar as portas! — gritou ele para os policiais.

Mas não deu tempo. Ele chegou ao refeitório ao mesmo tempo que a primeira forma que espreitava no escuro. Um policial caiu sem ruído ou chance de disparar a arma.

Outro foi mais rápido e disparou um tiro, ampliado pelo pátio de concreto. Estudantes gritaram e começaram a fugir para o estacionamento. Alaric foi atrás deles, gritando, tentando conduzi-los de volta.

Outras formas surgiram da escuridão, por entre os carros estacionados, por todos os lados. Fez-se pânico. Alaric ainda gritava, tentando conduzir os estudantes apavorados para o prédio. Ali fora eram uma presa fácil.

No pátio, Bonnie virou-se para Matt.

— Precisamos de fogo! — disse ela. Matt disparou para o refeitório e voltou com uma caixa cheia de programas do baile. Atirou-os no chão, procurando nos bolsos por um dos fósforos que antes usara para acender a vela.

O papel pegou fogo e ardeu. Formou uma ilha de segurança. Matt continuou a acenar para as pessoas na porta do refeitório atrás do fogo. Bonnie se enfiou para dentro, encontrando ali um cenário tão tumultuado quanto o de fora.

Ela procurou por alguém com autoridade, mas não viu nenhum adulto, só crianças em pânico. Depois os enfeites de papel crepom vermelhos e verdes atraíram sua atenção.

O barulho era ensurdecedor; nem um grito podia ser ouvido ali. Lutando para passar pelas pessoas que tentavam sair, ela foi para a outra extremidade da sala. Caroline estava lá, pálida sem o bronzeado de verão, usando a tiara de rainha da neve. Bonnie a levou ao microfone.

— Você fala bem. Diga a eles para entrarem e *ficarem* aqui! Diga para começarem a arrancar os enfeites. Precisamos de tudo que possa queimar... Cadeiras de madeira, coisas das lixeiras, *qualquer coisa*. Diga que é nossa única chance! — Ela acrescentou, enquanto Caroline a encarava, assustada e sem compreender: — Você agora tem a coroa... Então *faça* alguma coisa com ela!

Bonnie não esperou para ver Caroline obedecer. Enfiou-se novamente no furor do ambiente. Um instante depois ouviu a voz de Caroline, primeiro hesitante, depois urgente, nos alto-falantes.

O silêncio era mortal quando Elena voltou a abrir os olhos.

— Elena?

Ao ouvir o sussurro rouco, ela tentou focalizar e se viu fitando olhos verdes cheios de dor.

— Stefan — disse ela. Elena se inclinou para ele ansiosamente, tentando se mexer. Não fazia sentido, mas ela achava que se os dois pudessem se abraçar, não seria tão ruim.

Ouviu-se uma risada infantil. Elena não se virou, mas Stefan sim. Elena viu a reação dele, viu a sequência de expressões passando por seu rosto numa velocidade quase demasiada para que fossem identificadas. O choque, a incredulidade, a alegria incipiente — depois o pavor. Um pavor que por fim tornou seus olhos cegos e opacos.

— Katherine — disse ele. — Mas é impossível. Não pode ser. Você estava morta...

— Stefan... — disse Elena, mas ele não respondeu.

Katherine pôs a mão diante da boca e riu por trás.

— Você acordou também — disse ela, olhando o outro lado de Elena. Elena sentiu uma onda de Poder. Depois de um instante, a cabeça de Damon

se ergueu devagar e ele piscou.

Havia perplexidade em seu rosto. Ele inclinou a cabeça para trás, os olhos semicerrados de cansaço, e por um minuto olhou quem o capturara. Em seguida sorriu, um sorriso fraco e dolorido, mas reconhecível.

— Nossa doce gatinha branca — sussurrou ele. — Eu devia saber.

— Mas não sabia, não é? — disse Katherine, ansiosa como uma criança brincando de um jogo. — Nem você adivinhou. Enganei a todos. — Ela riu novamente. — Foi tão divertido ver você enquanto vigiava Stefan, e nenhum dos dois sabia que eu estava lá. Eu até arranhei você uma vez! — Curvando os dedos em garras, ela imitou um golpe de gato.

— Na casa de Elena. Sim, eu me lembro — disse Damon, devagar. Ele não estava tão colérico, mas parecia se divertir de uma forma vaga e extravagante. — Bom, você é sem dúvida uma caçadora. A dama *e* o tigre, por assim dizer.

— E eu coloquei Stefan no poço — Katherine se gabava. — Vi vocês dois lutando. Gostei disso. Segui Stefan até a beira do bosque, depois... — Ela bateu palmas, como alguém pegando uma mariposa. Abrindo-as lentamente, olhou dentro delas como se realmente houvesse alguma coisa ali, e riu secretamente. — Eu ia ficar com ele para brincar — confidenciou ela. Depois seu lábio inferior se projetou e ela olhou malignamente para Elena. — Mas você o pegou. Isso foi maldade, Elena, não devia ter feito isso.

A astúcia medonha e infantil sumira de seu rosto e por um momento Elena vislumbrou o ódio ardente de uma mulher.

— Meninas gananciosas precisam ser castigadas — disse Katherine, avançando para ela — E você foi uma menina gananciosa.

— Katherine! — Stefan acordava de seu torpor e falou rapidamente. — Não quer nos contar o que mais você fez?

Distraída, Katherine recuou um passo. Parecia surpresa, até lisonjeada.

— Bom... Se quer mesmo saber. — Ela abraçou os cotovelos e deu uma pirueta de novo, o cabelo dourado girando no chão. — Não — disse ela alegremente, virando-se e apontando para eles. — Adivinhem. Vão adivinhar e vou dizer se está certo ou errado. Adivinhem!

Elena engoliu a seco, lançando um olhar disfarçado para Stefan. Não via sentido em embromar Katherine; no fim, tudo ia dar no mesmo. Mas um instinto dizia para se agarrar ao máximo à vida.

— Você atacou Vickie — disse ela receosa. A seus ouvidos, sua voz parecia não ter fôlego, mas ela agora foi mais firme. — A menina na igreja em ruínas naquela noite.

— Muito bom! Sim — exclamou Katherine. Ela deu outro golpe de gato com os dedos em garra. — Bem, afinal, ela estava na minha igreja — acrescentou ela. — E o que ela e aquele menino estavam fazendo... Ora essa! Não se faz isso numa igreja. Por isso, eu a *arranhei*! — Katherine arrastou a palavra, demonstrando, como alguém contando uma história a uma criancinha. — E... eu lambi o sangue dela! — Ela lambeu os lábios rosados com a língua. Depois apontou para Stefan. — Agora você!

— Você a esteve assombrando desde então — disse Stefan. Ele não participava do jogo; fazia uma observação nauseada.

— Sim, acertou! Vamos para outra coisa — disse Katherine asperamente. Mas depois mexeu nos botões da gola do vestido, os dedos se retorcendo. E Elena pensou em Vickie, com os olhos sobressaltados, despindo-se no refeitório, na frente de todos. — Eu a obriguei a fazer tolices — Katherine riu. — Era divertido brincar com ela.

Os braços de Elena estavam dormentes e doíam. Ela percebeu que puxava as cordas por reflexo, tão ofendida pelas palavras de Katherine que não conseguia ficar parada. Elena se obrigou a parar, tentando se recostar e recuperar parte da sensibilidade nas mãos entorpecidas. Não sabia o que ia fazer se ela se libertasse agora, mas precisava tentar.

— Próxima *adivinhação* — dizia Katherine num tom ameaçador.

— Por que diz que é a sua igreja? — perguntou Damon. Sua voz ainda trazia certa diversão, como se nada disso o afetasse. — E Honoria Fell?

— Ah, aquela assombração velha! — disse Katherine com malícia. Ela olhou atrás de Elena, fazendo beicinho, os olhos fixos. Elena percebeu pela primeira vez que estavam de frente para a entrada da cripta, com a tumba saqueada atrás. Talvez Honoria os ajudasse...

Mas depois se lembrou daquela voz baixa e enfraquecida. *Esta é a única ajuda que posso lhe dar.* E entendeu que não viria auxílio nenhum.

Como se lesse os pensamentos de Elena, Katherine dizia:

— Ela não pode fazer *nada*. É só um monte de ossos velhos. — As mãos graciosas fizeram gestos como se Katherine estivesse quebrando aqueles ossos. — Só o que pode fazer é falar, e por muitas vezes eu a impedi de ouvi-la. — A expressão de Katherine era mais uma vez sombria e Elena sentiu uma pontada acre de medo.

— Você matou o cachorro de Bonnie, Yangtze — disse ela. Era um chute ao acaso, dado para distrair Katherine, mas funcionou.

— Sim! Isso foi divertido. Vocês todos saíram correndo da casa e começaram a gemer e chorar... — Katherine evocou a cena numa pantomima: o cachorrinho deitado diante da casa de Bonnie, as meninas correndo e encontrando o corpo estatelado no chão. — O gosto dele era ruim, mas valeu a pena. E segui Damon para lá quando ele era um corvo. Costumava segui-lo muito. Se quisesse, teria agarrado aquele corvo e... — Ela fez um gesto brusco de quem torce alguma coisa.

O sonho de Bonnie, pensou Elena, tomada por uma revelação gélida. Só percebeu que falava em voz alta quando viu Stefan e Katherine olhando para ela.

— Bonnie sonhou com você — sussurrou ela. — Mas pensou que era eu. Ela me disse que me viu parada debaixo de uma árvore, com o vento soprando. E teve medo de mim. Disse que eu estava diferente, pálida, mas quase brilhava. E um corvo voou e eu o peguei, torcendo seu pescoço. — A bile subia pela garganta de Elena e ela a engoliu. — Mas era você — disse ela.

Katherine ficou deliciada, como se Elena de algum modo provasse seu argumento.

— As pessoas sonham muito comigo — disse ela, presunçosa. — Sua tia... Ela sonhou comigo. Eu disse que era culpa dela você ter morrido. Ela achou que era você que falava.

— Ah, meu Deus...

— Queria que você *tivesse mesmo* morrido — continuou Katherine, assumindo uma expressão rancorosa. — *Devia* ter morrido. Segurei você no rio por tempo suficiente. Mas você era tão vagabunda, tirando sangue dos dois, que acabou voltando. Ah, que seja. — Ela deu um sorriso furtivo. — Agora posso brincar com você por mais tempo. Naquele dia, perdi a cabeça porque vi que Stefan lhe dera o meu anel. O meu anel! — sua voz se elevou. — O meu, que deixei para eles se lembrarem de mim. E ele deu a *você*. Foi quando percebi que não ia só brincar com ele. Eu tinha de matá-lo.

Os olhos de Stefan estavam fixos e confusos.

— Mas pensei que você estivesse morta — disse ele. — Você *estava* morta, há quinhentos anos. Katherine...

— Ah, aquela foi a primeira vez que enganei vocês — disse Katherine, mas agora não havia alegria em sua voz. Era taciturna. — Combinei tudo com Gudren, minha criada. Os dois não aceitariam minha decisão — ela contou, olhando com raiva de Stefan para Damon. — Eu queria que nós todos fôssemos felizes; eu os amava. Amava os dois. Mas não bastava para vocês.

O rosto de Katherine mudou de novo e Elena viu nele a criança magoada de cinco séculos atrás. Katherine deve ter sido assim na *época*, pensou Elena, admirada. Seus grandes olhos azuis se encheram de lágrimas.

— Eu queria que vocês se amassem — prosseguiu Katherine, parecendo desnorteada —, mas não era assim. E me senti péssima. Achei que se pensassem que eu estava morta, vocês se *amariam*. E eu sabia que tinha de ir embora, de qualquer modo, antes que papai começasse a desconfiar do que eu era. Então Gudren e eu arrumamos tudo — disse ela brandamente, perdida nas lembranças — Mandei fazer outro talismã contra o sol e lhe dei meu anel. E ela pegou meu vestido branco... meu melhor vestido branco... e cinzas da lareira. Queimamos gordura para que as cinzas tivessem o cheiro certo. E ela colocou tudo no sol, onde vocês o encontraram, junto com meu bilhete. Eu não tinha certeza se vocês seriam ludibriados, mas foram.

"E então — o rosto de Katherine se retorceu de pesar — vocês fizeram *tudo* errado. Deviam se lamentar, chorar, se reconfortar. Eu fiz isso por *vocês*.

Mas em vez disso vocês correram e pegaram em espadas. Por que fizeram isso? — Era um apelo do coração. — Por que não *aceitaram* meu presente? Vocês o trataram como lixo. Eu disse no bilhete que queria que se reconciliassem. Mas vocês não ouviram e pegaram em espadas. Mataram-se. *Por que* fizeram isso?

Lágrimas vertiam pelo rosto de Katherine e a face de Stefan também estava molhada.

— Fomos estúpidos — disse ele, deixando-se levar pelas recordações do passado, como Katherine. — Culpamos um ao outro por sua morte e fomos tão estúpidos... Katherine, escute. Foi minha culpa; fui eu que ataquei primeiro. E eu lamentei tanto... Não sabe como lamentei desde então. Não sabe quantas vezes pensei nisso e quis que houvesse alguma coisa que pudesse fazer para mudar tudo. Eu daria qualquer coisa em troca... *Qualquer coisa*. Matei meu irmão... — A voz dele falhou e lágrimas caíram de seus olhos.

Elena, com o coração partido de tristeza, virou-se desamparada para Damon e viu que ele nem estava ciente da presença dela. O olhar de diversão se fora e seus olhos estavam fixos e absortos em Stefan.

— Katherine, por favor, escute-me — continuou Stefan trêmulo, recuperando a voz. — Todos nós já nos magoamos o bastante. Por favor, deixe-nos ir agora. Fique comigo, se quiser, mas deixe-os partir. É a mim que deve culpar. Fique comigo e farei o que você quiser...

Os olhos de joia de Katherine estavam fluidos e incrivelmente azuis, cheios de uma tristeza infinita. Elena não se atreveu a respirar, temerosa de romper o encanto enquanto a mulher magra se aproximava de Stefan, o rosto brando e cheio de desejo.

Mas depois o gelo do íntimo de Katherine voltou à superfície, paralisando as lágrimas em seu rosto.

— Devia ter pensado nisso há muito tempo — disse ela. — Eu podia lhe dar ouvidos na época. No início lamentei que vocês tivessem se matado. Eu fugi, mesmo sem Gudren, de volta a minha terra natal. Mas depois não

tinha *nada*, nem mesmo um vestido novo, e estava faminta e com frio. Podia ter morrido de fome se Klaus não tivesse me encontrado.

Klaus. Em seu desalento, Elena se lembrou de uma coisa que Stefan lhe contara. Klaus foi o homem que transformou Katherine em vampira, o homem que os aldeões diziam ser maligno.

— *Klaus* me ensinou a verdade — disse Katherine. — Mostrou-me como o mundo realmente é. Você precisa ser forte e pegar as coisas que quiser. Deve pensar apenas em si mesmo. E eu agora sou a mais forte de todos. Eu sou. Sabe como cheguei a esse ponto? — Ela respondeu à pergunta sem esperar que eles reagissem. — Vidas. Muitas vidas. Humanas e vampiras, e agora estão todas dentro de *mim*. Matei Klaus depois de um ou dois séculos. Ele ficou *surpreso*. Não sabia o quanto eu havia aprendido. Eu estava tão feliz, tomando vidas, enchendo-me delas. Mas depois me lembrei de *vocês*, dos dois, e do que fizeram. Como trataram meu presente. E entendi que precisava puni-los. Finalmente pensei em como fazer isso. Trouxe vocês aqui, os dois. Coloquei o pensamento em sua mente, Stefan, como você coloca pensamentos nas mentes dos humanos. Eu guiei você a este lugar. Depois me certifiquei de que Damon o seguisse. Elena estava aqui. Acho que ela deve ter alguma ligação comigo; é parecida comigo. Eu sabia que você a veria e se sentiria culpado. Mas você não devia se apaixonar por ela! — O ressentimento na voz de Katherine deu lugar à fúria. — Não devia ter se esquecido de mim! Não devia ter dado meu anel a ela!

— Katherine...

Katherine prosseguiu.

— Ah, você me deu tanta raiva. E agora vou fazer com que se arrependa disso, e se arrependa de verdade. Sei bem quem mais odeio agora, e é você, Stefan. Porque eu o amava mais. — Ela pareceu recuperar o controle, enxugando os últimos traços de lágrimas do rosto e erguendo-se com uma dignidade exagerada. — Eu não odeio tanto Damon — disse ela. — Até podia deixá-lo viver. — Seus olhos se estreitaram, depois se arregalaram com uma ideia. — Escute, Damon — disse ela secretamente. — Você não é tão idiota quanto Stefan. Sabe como as coisas realmente são. Eu o ouvi dizer

isso. Vi as coisas que você fez. — Ela se inclinou para frente. — Ando solitária desde a morte de Klaus. Você podia me fazer companhia. Só o que precisa fazer é dizer que me ama mais. Depois eu os matarei e vamos embora. Você pode até matar a menina, se quiser. Eu deixo. O que acha?

Ah, meu Deus, pensou Elena, nauseada de novo. Os olhos de Damon fixavam-se nos olhos azuis de Katherine; pareciam examinar seu rosto. E a diversão caprichosa tinha voltado a sua expressão. Ah, meu Deus, não, pensou Elena. Por favor, não...

Lentamente, Damon sorriu.

15

Elena observava Damon com um pavor mudo. Conhecia muito bem aquele sorriso perturbador. Mas mesmo enquanto sentia o coração afundar, sua mente lhe fazia uma pergunta debochada. Que diferença fazia? Ela e Stefan iam morrer de qualquer maneira. Só fazia sentido para Damon se salvar. E era um erro esperar que ele contrariasse sua natureza.

Ela olhou seu sorriso lindo e caprichoso, com pena pelo que Damon poderia ter sido.

Katherine sorria para ele, encantada.

— Vamos ser tão felizes juntos. Depois que eles estiverem mortos, eu vou soltar você. Não pretendia machucá-lo, não mesmo. Só fiquei com raiva. — Ela estendeu a mão magra e afagou seu rosto. — Desculpe.

— Katherine — disse ele. Damon ainda sorria.

— Sim. — Ela se inclinou para mais perto.

— Katherine...

— Sim, Damon?

— Vá para o inferno.

Elena se encolheu com o que aconteceu em seguida, antes de ter acontecido, sentindo a onda violenta do Poder, de um Poder malévolo e desenfreado. Ela gritou ao ver a alteração em Katherine. Aquele lindo rosto se retorcia, modificava-se, assumindo algo que não parecia humano nem animal. Uma luz vermelha brilhava nos olhos de Katherine enquanto ela caía sobre Damon, as presas afundando em seu pescoço.

Garras surgiram da ponta de seus dedos e com elas Katherine revirou o peito já sangrento de Damon, dilacerando a pele enquanto o sangue corria. Elena continuou gritando, percebendo vagamente que a dor em seus braços era da luta com as cordas que a amarravam. Ouviu Stefan gritar também,

mas acima de tudo ouviu o guincho ensurdecedor da voz mental de Katherine.

Agora vai se lamentar por isso! Agora farei com que se arrependa! Vou matá-lo! Eu vou matá-lo! Eu vou matá-lo! Eu vou matá-lo!

As palavras por si só já machucavam, como adagas esfaqueando a mente de Elena. Seu mero Poder a deixou estupefata, empurrando-a contra as estacas de ferro. Mas não havia maneira de se livrar daquilo. Parecia ecoar em tudo ao redor, martelando em seu crânio.

Matar! Matar! Vou matar você!

Elena desmaiou.

* * *

Meredith, agachada ao lado de tia Judith na lavanderia, mudou o peso do corpo, retesando-se para interpretar os sons do lado de fora da porta. Os cães tinham entrado no porão; ela não sabia como, mas, a julgar pelos focinhos ensanguentados de alguns, Meredith deduziu que tinham quebrado as janelas no nível do chão. Agora estavam do lado de fora da lavanderia, mas Meredith não sabia o que faziam. O silêncio era muito grande ali.

Margaret, encolhida no colo de Robert, gemeu uma vez.

— Quietinha — sussurrou Robert rapidamente. — Está tudo bem, meu amor. Tudo vai ficar bem.

Meredith encontrou os olhos assustados e determinados dele por sobre a cabeça caída de Margaret. Quase o tomamos pelo Outro Poder, pensou ela. Mas agora não havia tempo para arrependimentos.

— Cadê a Elena? Elena disse que ia cuidar de mim — disse Margaret, os olhos grandes e solenes. — Ela disse que ia cuidar de mim. — A tia Judith pôs a mão em sua boca.

— Ela está cuidando de você — sussurrou Meredith. — Só me mandou fazer isso, é só. Esta é a *verdade* — acrescentou ela sugestivamente e viu o olhar de reprovação de Robert se fundir em perplexidade.

Do lado de fora, o silêncio dera lugar a arranhões e mordidas. Os cães trabalhavam na porta.

Robert aninhou a cabeça de Margaret mais perto de seu peito.

* * *

Bonnie não sabia há quanto tempo estavam trabalhando. Certamente horas. Uma eternidade, ao que parecia. Os cães tinham conseguido entrar na cozinha e passar pelas velhas portas laterais de madeira. Até agora, porém, só cerca de uma dúzia deles passara pela barricada de fogo diante das portas. E os homens armados cuidaram da maioria deles.

Mas o sr. Smallwood e seus amigos agora empunhavam rifles descarregados. E, às pressas, procuravam coisas para queimar.

Vickie tinha ficado descontrolada há algum tempo, gritando e segurando a cabeça como se alguma coisa a ferisse. Eles procuravam por maneiras de reprimi-la quando ela finalmente desmaiou.

Bonnie foi até Matt, que olhava por sobre o fogo, através da porta lateral demolida. Não procurava pelos cães, ela sabia disso, mas por algo muito mais distante. Algo que não era possível ver dali.

— Precisa ir, Matt — disse ela. — Não há nada mais que possa fazer. — Ele não respondeu, nem se virou. — Está quase amanhecendo — disse ela. — Talvez, quando o sol nascer, os cães saiam. — Mas mesmo ao dizer isso, ela sabia que não era verdade.

Matt não respondeu. Ela tocou o ombro dele.

— Stefan está com ela. Stefan está lá.

Por fim, Matt deu alguma resposta. Ele assentiu.

— Stefan está lá.

Castanha e rosnando, outra forma arremeteu das sombras.

* * *

Era muito mais tarde quando Elena as poucos recuperou a consciência. Ela sabia disso porque conseguia enxergar, não só pelo punhado de velas que Katherine tinha acendido, mas também pelo cinza frio e quase claro que se infiltrava pela abertura da cripta.

Também podia ver Damon. Ele estava prostrado no chão, as amarras cortadas, assim como suas roupas. Agora havia luz suficiente para ver toda a extensão de seus ferimentos e Elena se perguntou se ele ainda estaria vivo. Estava imóvel o bastante para parecer morto.

Damon?, pensou ela. Foi só depois de fazer isso que Elena percebeu que a palavra não fora pronunciada. De algum modo, os gritos de Katherine fecharam um circuito em sua mente, ou talvez tenham despertado algo adormecido. E o sangue de Matt sem dúvida ajudou, dando a ela força para finalmente encontrar sua voz mental.

Ela virou a cabeça para o outro lado. *Stefan?*

O rosto de Stefan estava desfigurado de dor, mas consciente. Consciente demais. Elena quase desejou que ele estivesse tão insensível quanto Damon para o que acontecia com eles.

Elena, respondeu ele.

Onde ela está?, disse Elena, os olhos movendo-se lentamente pelo ambiente.

Stefan olhou pela abertura da cripta. *Foi lá para cima, há algum tempo. Talvez para ver como os cães estão se saindo.*

Elena pensou ter chegado ao limite do medo e do pavor, mas não era verdade. Até então, não tinha se lembrado dos outros.

Elena, me desculpe. O rosto de Stefan estava cheio do que nenhuma palavra podia expressar.

Não foi sua culpa, Stefan. Você não fez isso com ela. Ela fez a si mesma. Ou... simplesmente aconteceu, devido ao que ela é. Ao que nós somos. Por baixo do raciocínio de Elena, passava a lembrança de como havia atacado Stefan no bosque e como se sentiu quando estava correndo para o sr. Smallwood, pretendendo se vingar. *Poderia ter sido eu*, disse ela.

Não! Você nunca ficaria assim.

Elena não respondeu. Se tivesse o Poder agora, o que faria com Katherine? O que *não teria feito* com ela? Mas Elena sabia que falar nesse assunto só aborreceria Stefan.

Pensei que Damon fosse nos trair, disse ela.

Eu também, disse Stefan, com estranheza. Olhava o irmão com uma expressão esquisita.

Ainda o odeia?

O olhar de Stefan escureceu. *Não*, disse ele, baixo. *Não, não o odeio mais.*

Elena assentiu. De algum modo, isso era importante. Depois ela se sobressaltou, os nervos hiperalertas, como se algo fizesse sombra na entrada da cripta. Stefan também ficou tenso.

Ela está vindo, Elena...

Eu te amo, Stefan, disse Elena desesperançada, e a forma nevoenta e branca se arremessou para baixo.

Katherine tomou forma na frente deles.

— Não sei o que está acontecendo — disse ela, visivelmente irritada. — Você está bloqueando meu túnel. — Ela olhou por trás de Elena novamente, para a tumba quebrada e o buraco na parede. — É o que uso para circular por aí — continuou ela, aparentemente sem ter consciência do corpo de Damon a seus pés. — Passa por baixo do rio. Então não preciso atravessar água corrente. Como vê, em vez disso, eu o atravesso *por baixo*. — Ela olhou para eles como se esperasse aprovação à piada.

É claro, pensou Elena. Como pude ser tão idiota? Damon estava conosco no carro de Alaric quando passamos pelo rio. Ele atravessou a água corrente e deve ter feito isso muitas outras vezes. Ele não podia ser o Outro Poder.

Era estranho que conseguisse pensar, embora estivesse tão apavorada. Era como se parte de sua mente ficasse vigilante, à distância.

— Agora vou matar vocês — disse Katherine num tom informal. — Depois vou por baixo do rio para matar seus amigos. Não acho que os cães tenham conseguido. Mas vou cuidar desse assunto eu mesma.

— Deixe Elena ir — disse Stefan. Sua voz se extinguia, mas ao mesmo tempo era convincente.

— Anda não decidi como vou fazer isso — disse Katherine, ignorando-o. — Eu podia assar você. Quase há luz suficiente para isso. E eu peguei isto. — Ela pôs a mão na frente do vestido e estendeu a mão fechada. — Um... Dois... Três! — disse ela, largando no chão dois anéis de prata e um de ouro. As pedras brilhavam azuis como os olhos de Katherine, azuis como a pedra no colar em seu pescoço.

As mãos de Elena giraram freneticamente e ela sentiu o vazio suave no dedo do anel. Era verdade. Não teria acreditado em como se sentia nua sem aquele aro de metal. Era necessário para sua vida, para sua sobrevivência. Sem ele...

— Sem eles vocês morrerão — disse Katherine, mexendo de leve nos anéis com a ponta do pé. — Mas não sei se é *lento* o bastante. — Ela andou quase até a parede oposta da cripta, o vestido prateado brilhando na luz fraca.

Foi quando Elena teve uma ideia.

Ela podia mexer as mãos. O suficiente para que uma sentisse a outra, o bastante para saber que não estavam mais dormentes. As cordas estavam mais frouxas.

Mas Katherine era forte. Incrivelmente forte. E mais rápida do que Elena. Mesmo que Elena se libertasse, teria tempo apenas para uma investida rápida.

Ela girou um pulso, sentindo as cordas cederem.

— Há outras maneiras — disse Katherine. — Eu podia cortá-los e vê-los sangrar. Gosto de assistir.

Trincando os dentes, Elena fez pressão contra a corda. Sua mão estava curvada num ângulo aflitivo, mas ela continuou a pressionar. Sentiu a corda queimar ao deslizar de lado.

— Ou ratos — dizia Katherine, pensativa. — Ratos podem ser divertidos. Posso dizer a eles quando começar e quando parar.

O trabalho com a outra mão livre foi muito mais fácil. Elena tentou não dar sinal do que fazia pelas costas. Teria gostado de chamar Stefan com sua

mente, mas não se atrevia. Não se houvesse alguma possibilidade de Katherine ouvir.

O andar de Katherine a levava diretamente a Stefan.

— Acho que vou começar por você — disse ela, colocando o rosto perto do dele. — Estou com fome de novo. E você é tão doce, Stefan. Tinha me esquecido de como você era doce.

Havia um retângulo de luz cinzenta no chão. A luz do amanhecer. Vinha pela abertura da cripta. Katherine já estava fora dessa luz. Mas...

Katherine sorriu de repente, os olhos azuis cintilando.

— Já sei! Vou beber você quase completamente e obrigá-lo a olhar enquanto mato *Elena*! Vou deixar você com forças suficientes para assisti-la morrer. Não lhe parece um bom plano? — Alegre, ela bateu palmas e deu outra pirueta, afastando-se em sua dança.

Só mais um passo, pensou Elena. Ela viu Katherine se aproximar do retângulo de luz. Só mais um passo...

Katherine deu o passo.

— Então é isso! — Ela começou a se virar. — Que bom que...

Agora!

Puxando as mãos doloridas dos últimos laços de corda, Elena disparou na direção de Katherine. Era como a arrancada de um felino em caça. Uma corrida desesperada para chegar à presa. Uma só chance. Uma única esperança.

Ela atingiu Katherine com todo seu peso. O impacto fez com que as duas caíssem no retângulo de luz. Elena sentiu a cabeça de Katherine estalar no piso de pedra.

E sentiu a dor em brasa, como se seu corpo tivesse sido mergulhado em veneno. Era uma sensação parecida com a secura abrasadora da fome, só que mais forte. Mil vezes mais forte. Era insuportável.

— *Elena!* — gritou Stefan, com a mente e com a voz.

Stefan, pensou ela. Por baixo, seu Poder surgia, enquanto os olhos atordoados de Katherine recuperavam o foco. Sua boca se retorceu de fúria,

as presas se projetando. Eram tão longas que cortaram o lábio inferior. Aquela boca distorcida se abriu num uivo.

A mão desajeitada de Elena tateou o pescoço de Katherine. Seus dedos se fecharam no metal frio do colar azul. Com toda a força, ela o puxou e sentiu a corrente ceder. Tentou segurá-la, mas seus dedos pareciam espessos e descoordenados e a mão em garra de Katherine arranhava sem parar. O colar girou, afastando-se nas sombras.

— *Elena!* — gritou Stefan novamente naquela voz apavorada.

Parecia a Elena que seu corpo estava cheio de luz. Como se fosse transparente. Só que a luz era dor. Abaixo dela, o rosto disforme de Katherine olhava o céu de inverno. Em vez de um uivo, havia um guincho que não parava de crescer.

Elena tentou se levantar, mas não tinha forças. O rosto de Katherine arrebentava, rachava. Riscos de fogo se abriam nele. O grito atingia um crescendo. O cabelo de Katherine estava em chamas, a pele escurecia. Elena sentiu o fogo por cima e por baixo.

Depois sentiu alguma coisa agarrá-la, pegar seus ombros e tirá-la dali. A frieza das sombras era como água gelada. Algo a estava virando, aninhando-a.

Ela viu os braços de Stefan, vermelhos onde tinham sido expostos ao sol e sangrando onde se rasgaram, soltando-se das cordas. Ela viu seu rosto, viu o horror ferido e a tristeza. Depois seus olhos se toldaram e ela não viu mais nada.

Meredith e Robert, golpeando os focinhos ensopados de sangue que se enfiavam pelo buraco na porta, estacaram, confusos. Os dentes tinham parado de morder e rasgar. Um focinho se sacudiu e deslizou para fora. Andando de lado, Meredith viu que os olhos do cão estavam fixos e leitosos. Não se mexiam. Ela olhou para Robert, que estava de pé, ofegando.

Não vinha mais ruído nenhum do porão. Tudo ficou em silêncio.

Mas eles não se atreveram a ter esperanças.

Os gritos estridentes de Vickie cessaram como se tivessem sido cortados com uma faca. O cachorro que afundara seus dentes na coxa de Matt enrijeceu e teve um tremor convulsivo; depois, suas mandíbulas o soltaram. Arfando para respirar, Bonnie girou para olhar além do fogo moribundo. Havia luz suficiente para ver que corpos de outros cães jaziam onde caíram, do lado de fora.

Ela e Matt se encostaram um no outro, olhando em volta, estarrecidos.

Finalmente tinha parado de nevar.

Lentamente, Elena abriu os olhos.

Tudo estava muito claro e calmo.

Ela estava feliz pela gritaria ter terminado. Foi horrível; doeu. Agora nada doía. Parecia que seu corpo estava cheio de luz novamente, mas desta vez não era dor. Era como se ela estivesse flutuando, muito alto e facilmente, em lufadas de ar. Quase sentia que não tinha corpo nenhum.

Elena sorriu.

Virar a cabeça não doía, embora aumentasse a sensação de flutuação. Ela viu, na elipse de luz clara no chão, os restos em combustão de um vestido prateado. A mentira de quinhentos anos de Katherine se tornara realidade.

Então era isso. Elena virou o rosto. Agora não desejava machucar mais ninguém e não queria perder tempo com Katherine. Havia coisas muito mais importantes.

— Stefan — disse ela e suspirou, sorrindo. Ah, isso era bom. Deve ser como se sente um pássaro. — Eu não pretendia que as coisas terminassem assim — disse ela, um tanto sentida. Os olhos verdes de Stefan estavam molhados. Encheram-se novamente, mas ele retribuiu o sorriso.

— Eu sei — disse ele. — Eu sei, Elena.

Ele compreendia. Isso era bom; era importante. Era fácil ver as coisas que agora eram realmente importantes. E a compreensão de Stefan significava mais para ela do que o mundo todo.

Parecia que se passara muito tempo desde que ela realmente olhava para ele. Desde que teve tempo para apreciar como ele era lindo, com seu cabelo

preto e os olhos verdes como folhas de carvalho. Mas agora ela via, e via sua alma brilhando através daqueles olhos. Isso valia tudo, pensou Elena. Eu não queria morrer; não quero morrer agora. Mas, se fosse preciso, faria tudo de novo.

— Eu te amo — sussurrou ela.

— Eu te amo — disse ele, apertando suas mãos.

A leveza estranha e langorosa a aninhou suavemente. Elena mal sentia Stefan abraçado a ela.

Ela teria pensado que estava apavorada. Mas não estava, não enquanto Stefan estivesse ali.

— As pessoas no baile... Agora vão ficar bem, não vão? — disse ela.

— Agora elas vão ficar bem — sussurrou Stefan. — Você as salvou.

— Não me despedi de Bonnie e Meredith. Nem da tia Judith. Precisa dizer a elas que eu as amo.

— Eu direi — disse Stefan.

— Pode dizer você mesma — arfou outra voz, rouca, parecendo desacostumada de falar. Damon tinha se arrastado pelo chão atrás de Stefan. Seu rosto estava arruinado, raiado de sangue, mas os olhos escuros ardiam para ela. — Use sua vontade, Elena. Segure-se nela. Você tem as forças...

Ela sorriu para ele, hesitante. Elena sabia a verdade. O que acontecia agora só concluía o que começara semanas antes. Ela teve treze dias para consertar as coisas, corrigir-se com Matt e se despedir de Margaret. Dizer a Stefan que o amava. Mas agora a moratória expirava.

Ainda assim, não tinha sentido magoar Damon. Ela o amava também.

— Vou tentar — prometeu ela.

— Vamos levar você para casa — disse ele.

— Ainda não — disse-lhe ela com gentileza. — Vamos esperar só um pouquinho.

Algo aconteceu nos olhos escuros e insondáveis e a centelha se esvaiu. E então ela percebeu que Damon também sabia.

— Não estou com medo — disse ela. — Bom... só um pouco. — Começava uma sonolência e ela se sentia muito à vontade, mas era como se

estivesse adormecendo. As coisas escapavam dela.

Uma dor surgiu em seu peito. Elena não teve muito medo, mas lamentava. Havia tantas coisas de que sentiria falta, tantas coisas que queria ter feito.

— Ai — disse ela brandamente. — Que estranho.

As paredes da cripta pareciam ter derretido. Eram cinzentas e nebulosas, e havia algo parecido com uma porta ali, como a porta que servia de abertura para a sala no subsolo. Só que essa porta dava numa luz diferente.

— Que lindo — murmurou ela. — Stefan? Estou tão cansada.

— Pode descansar agora — sussurrou ele.

— Não vai me soltar?

— Não.

— Então não vou ter medo.

Algo brilhava no rosto de Damon. Ela estendeu a mão, tocou-o e afastou os dedos, admirada.

— Não fique triste — ela disse a ele, sentindo a umidade fria na ponta dos dedos. Mas uma onda de preocupação a perturbou. Quem entenderia Damon agora? Quem estaria presente para pressioná-lo, para tentar ver o que havia realmente dentro dele? — Vocês precisam cuidar um do outro — disse ela, percebendo isso. Uma pequena força a tomou novamente, como uma vela queimando ao vento. — Stefan, você promete? Promete que vão cuidar um do outro?

— Prometo — disse ele. — Ah, Elena...

Ondas de sonolência a dominavam.

— Que bom — disse ela. — Isso é bom, Stefan.

A porta estava mais próxima, tão perto que agora Elena podia tocá-la. Ela se perguntou se seus pais estariam em algum lugar lá atrás.

— Hora de ir para casa — sussurrou ela.

E depois a escuridão e as sombras desapareceram e só o que havia era luz.

Stefan a abraçou enquanto Elena fechava os olhos. Depois só a abraçou, as lágrimas que reprimira caindo sem restrições. Era uma dor diferente de quando a tirou do rio. Desta vez não havia raiva, e nenhum ódio, mas um amor que parecia continuar para sempre.

Doía ainda mais.

Ele olhou o retângulo de luz do sol, só a um ou dois passos dele. Elena tinha entrado na luz. Ela o deixou ali sozinho.

Mas não por muito tempo, pensou ele.

O anel dele estava no chão. Ele nem o olhou ao se levantar, os olhos fixos nos raios de sol embaixo.

Uma mão tomou seu braço e o puxou para trás.

Stefan encarou o irmão.

Os olhos de Damon eram escuros como a meia-noite e ele segurava o anel de Stefan. Enquanto Stefan observava, incapaz de se mover, ele forçou o anel no dedo de Stefan e o soltou.

— Agora — disse ele, arriando o corpo com dificuldade — pode ir aonde quiser. — Ele pegou no chão o anel que Stefan dera a Elena e o estendeu. — Isto também é seu. Pegue. Pegue e vá. — Ele virou o rosto.

Por um longo tempo, Stefan olhou o aro dourado em sua mão.

Depois seus dedos se fecharam e ele olhou para Damon. Os olhos do irmão estavam fechados, e respirava com dificuldade. Ele parecia exaurido e com muita dor.

E Stefan tinha feito uma promessa a Elena.

— Vamos — disse ele em voz baixa, colocando o anel no bolso. — Vamos para um lugar onde você possa descansar.

Stefan pôs o braço em volta do irmão para ajudá-lo a se levantar. Depois, por um instante, o abraçou.

16

16 de dezembro, segunda-feira

Stefan me deu isto. Ele deu a maior parte das coisas de seu quarto. No início eu disse que não queria, porque não sabia o que fazer com isso. Mas agora acho que tenho uma ideia.

As pessoas já estão começando a esquecer. Elas entenderam errado os detalhes e acrescentaram coisas que imaginaram. E, acima de tudo, inventam explicações. Por que não era de fato sobrenatural, por que há um motivo racional para isso ou aquilo. É pura tolice, mas não há como impedi-las, em especial os adultos.

Eles são os piores. Dizem que os cães tinham hidrofobia ou coisa assim. O veterinário apareceu com um nome novo para isso, uma espécie de raiva que é disseminada por morcegos. Meredith disse que isso é uma ironia. Acho que é só estupidez.

É um pouco melhor com os mais novos, em especial os que estavam no baile. Acho que podemos confiar em alguns, como Sue Carson e Vickie. Vickie mudou tanto nos últimos dois dias que até parece um milagre. Ela não está como nos últimos dois meses e meio, mas também não está como era antigamente. Antigamente ela era uma dondoca, andava com um pessoal estranho. Mas agora acho que está bem.

Nem Caroline está tão má ultimamente. Ela não falou no outro funeral, mas neste falou. Disse que Elena era a verdadeira rainha da neve, o que era uma espécie de plágio do discurso que Sue fez antes, mas deve ter sido o melhor que Caroline podia fazer. Foi um gesto legal.

Elena estava tão tranquila. Não parecia uma boneca de cera, era como se estivesse dormindo. Sei que todo mundo diz isso, mas é verdade. Desta vez, é mesmo verdade.

Mas depois as pessoas ficaram falando de "sua escapada extraordinária do afogamento" e coisas assim. E dizendo que ela morreu de embolia ou coisa parecida. O que é completamente ridículo. Mas isso me deu uma ideia.

Vou pegar o outro diário de Elena no armário dela. Depois vou pedir à sra. Grimesby para colocá-los na biblioteca, não numa caixa, como o de Honoria Fell, mas onde as pessoas possam pegá-lo e ler. Porque a verdade está ali. É onde está a verdadeira história. Não quero que ninguém se esqueça dela.

Acho que as crianças se lembrarão.

Acho que eu devia contar o que aconteceu ao resto das pessoas daqui; Elena ia querer isso. A tia Judith está bem, embora, dos adultos, seja quem menos consegue lidar com a verdade. Ela precisa de uma explicação racional. Ela e Robert vão se casar no Natal. Isso deve ser bom para Margaret.

Margaret teve o raciocínio certo. Me disse no funeral que um dia ia ver Elena e os pais, mas não agora, porque havia muitas coisas que ainda tinha de fazer aqui. Não sei de onde tira essas ideias. Ela é inteligente para uma menina de 4 anos.

Alaric e Meredith também estão bem, é claro. Quando se viram naquela manhã horrível, depois de tudo se aquietar e nos reunirmos, eles praticamente caíram nos braços um do outro. Acho que tem alguma coisa rolando ali. Meredith disse que vai discutir isso quando tiver 18 anos e se formar.

É típico, totalmente típico. Todo mundo se arranja. Estou pensando em tentar um dos rituais de minha avó, só para ver se um dia vou mesmo me casar. Nem há ninguém com quem eu queira me casar aqui.

Bom, tem o Matt. O Matt é legal. Mas agora ele só tem uma garota em mente. Não sei se isso um dia vai mudar.

Hoje, no funeral, ele deu um murro no nariz de Tyler, porque Tyler disse uma coisa de mau gosto sobre Elena. Tyler é uma pessoa que tenho certeza de que jamais mudará, independente de qualquer coisa. Ele sempre será o babaca cruel e nojento que é.

Mas Matt... Bom, os olhos de Matt são incrivelmente azuis. E ele tem um gancho de direita que é demais.

Stefan não pôde bater em Tyler porque não estava aqui. Ainda há muita gente na cidade que acha que ele matou Elena. Ele deve ter matado, dizem, porque não havia mais ninguém lá. As cinzas de Katherine estavam espalhadas por todo o lugar quando o resgate chegou à cripta. Stefan disse que ela pegou fogo daquele jeito porque era muito velha. Disse que devia ter percebido isso na primeira vez, quando Katherine fingiu queimar, que uma vampira jovem não se transformaria em cinzas daquele jeito; ela só morreria, como Elena. Só os mais velhos viram farelo.

Algumas pessoas — especialmente o sr. Smallwood e os amigos dele — provavelmente culpariam Damon, se pudessem colocar as mãos nele. Mas não podem. Ele não estava lá quando chegaram à tumba, porque Stefan o ajudou a sair. Stefan não disse para onde ele foi, mas acho que algum lugar no bosque. Os vampiros devem se curar rápido, porque hoje, quando eu o encontrei depois do funeral, Stefan disse que Damon tinha saído de Fell's Church. Ele não estava satisfeito com isso; acho que Damon não contou a ele. Agora a pergunta parece ser a seguinte: o que Damon está fazendo? Mordendo meninas inocentes? Ou ele se corrigiu? Eu não apostaria em nenhuma das duas coisas. Damon era um cara estranho.

Mas lindo. Sem dúvida nenhuma, lindo.

Stefan também não disse para onde vai. Mas tenho uma desconfiança estranha de que Damon pode ter uma surpresa se olhar

para trás. Ao que parece, Elena fez Stefan prometer que cuidaria dele ou coisa assim. E Stefan leva as promessas muito, mas muito a sério.

Desejei a ele sorte. Mas ele vai fazer o que Elena queria, o que acho que o fará feliz. Feliz na medida do possível, sem ela. Ele agora usa o anel dela numa corrente no pescoço.

Se você acha que alguma coisa daqui parece fútil ou que eu não me importo com Elena, isso só mostra como você está enganado. ~~Desafio qualquer um a me dizer isso~~. Meredith e eu choramos o sábado todo e na maior parte do domingo. E eu estava com tanta raiva que queria rasgar e quebrar coisas. Fiquei pensando, por que Elena? Por quê? Quando havia tanta gente que podia ter morrido naquela noite. De toda a cidade, tinha de ser justamente ela.

É claro que ela fez isso para salvá-los, mas por que teve de dar a vida para isso? Não é justo.

Ah, estou começando a chorar de novo. É o que acontece quando você pensa se a vida é justa. E eu não posso explicar por que não é. Eu queria bater na tumba de Honoria Fell e perguntar se ela pode explicar, mas ela não falaria comigo. Não acho que seja uma coisa que alguém saiba.

Eu amava Elena. E vou sentir uma falta terrível dela. Toda a escola vai. É como uma luz que se apagou. Robert disse que era o que o nome dela significava em latim, "luz".

Agora sempre haverá uma parte de mim onde a luz desapareceu.

Eu queria ter me despedido dela, mas Stefan disse que ela mandou dizer que me ama. Vou tentar pensar nisso como uma luz que levo comigo.

É melhor parar de escrever. Stefan está indo embora, e eu, Matt, Meredith e Alaric vamos vê-lo partir. Eu não pretendia entrar tão fundo nisso; nunca fui de ter um diário. Mas quero que as pessoas saibam a verdade sobre Elena. Ela não era nenhuma santa. Nem sempre era meiga, boa, sincera e agradável. Mas era forte e carinhosa, e adorava os amigos, e no fim fez a coisa mais altruísta que qualquer

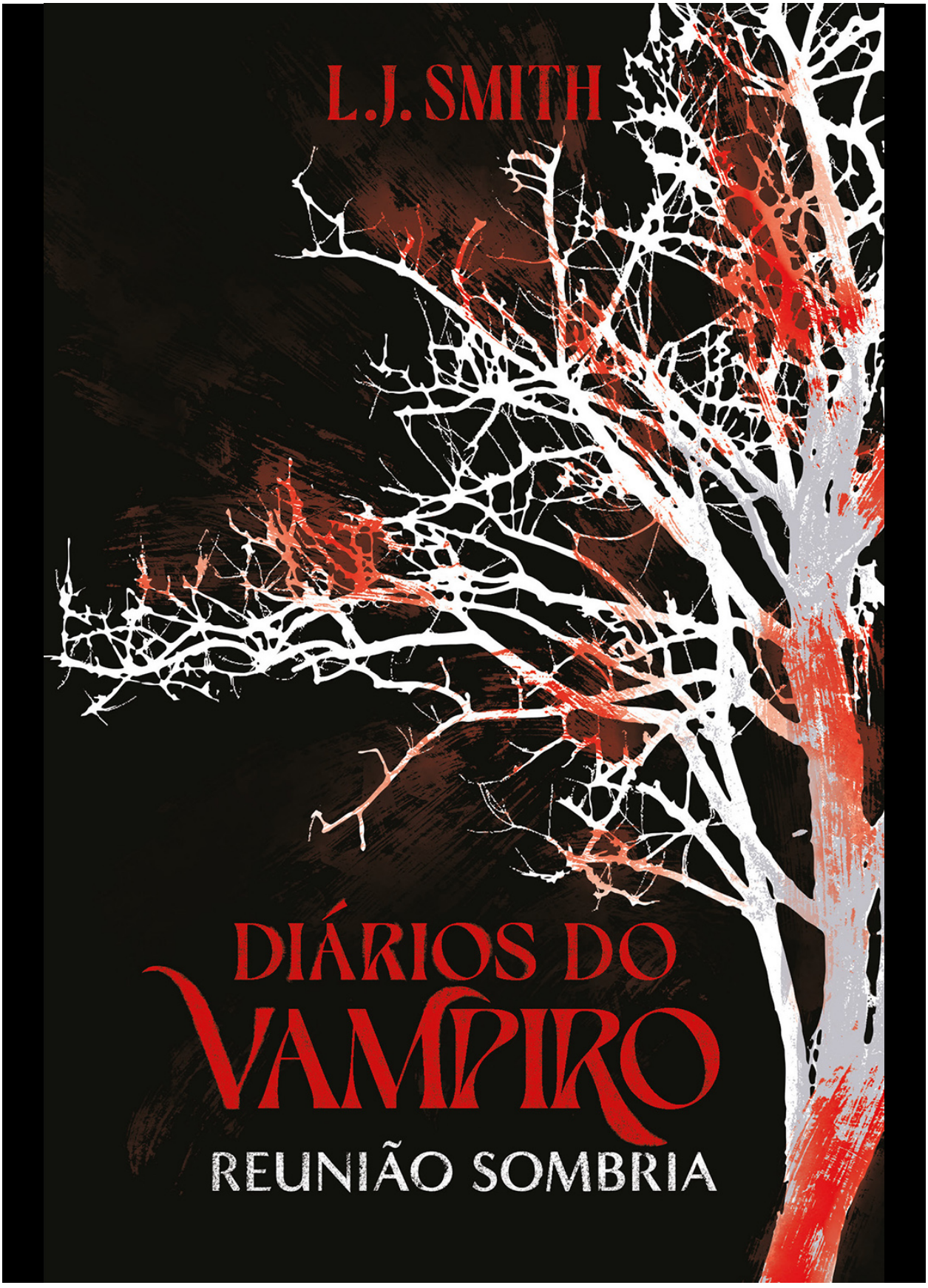
um poderia fazer. Meredith falou que isso quer dizer que ela preferiu a luz à escuridão. Quero que as pessoas saibam disso, quero que se lembrem para sempre.

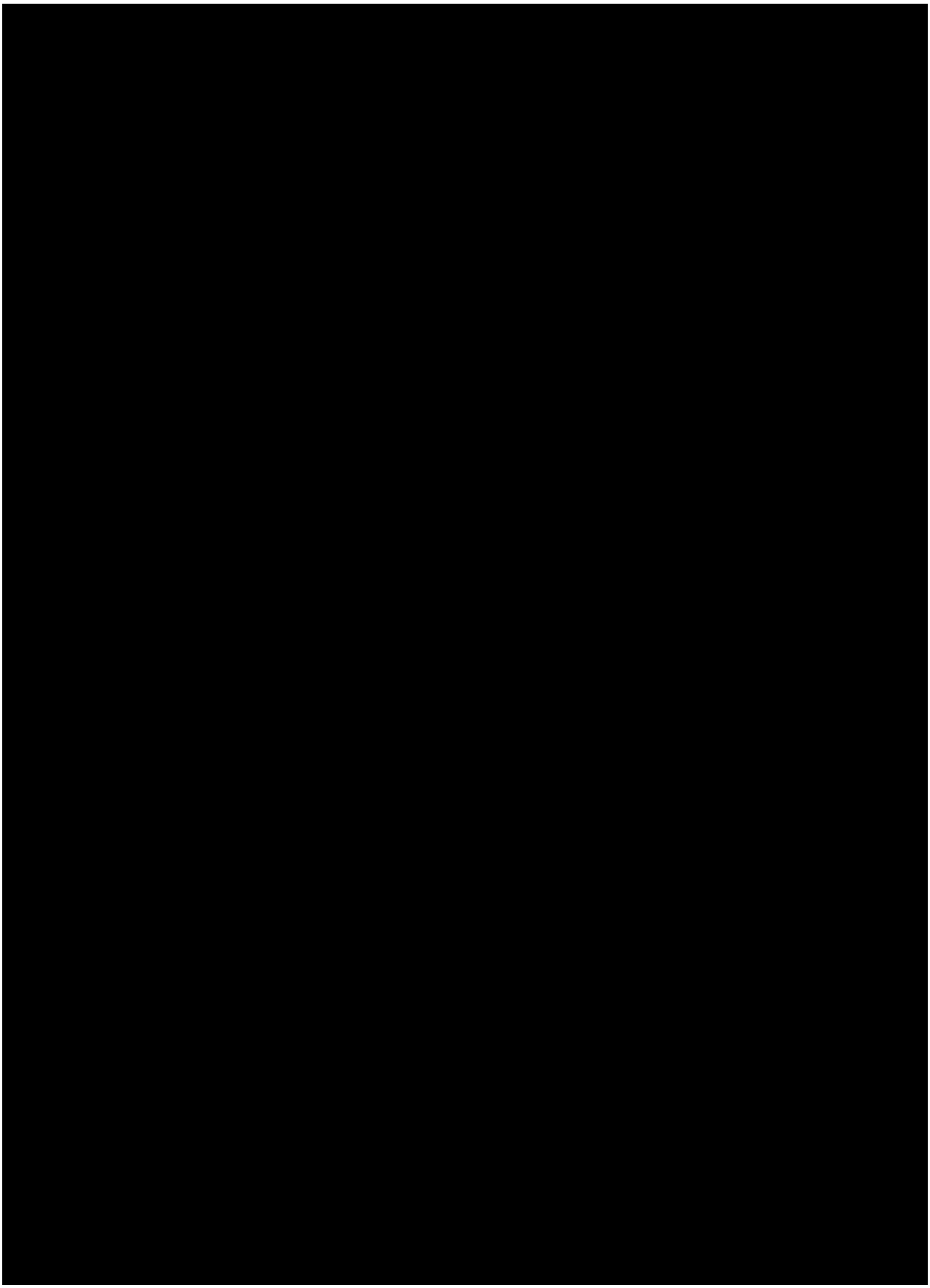
Eu sempre me lembrarei.

— Bonnie McCullough

16/12/91

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.


L.J. SMITH
DIÁRIOS DO
VAMPIRO
REUNIÃO SOMBRIA



Obras da autora publicadas pela Galera Record

***Série* Diários do Vampiro**

O despertar
O confronto
A fúria
Reunião Sombria
O Retorno — Anoitecer
O Retorno — Almas sombrias
O Retorno — Meia-noite
Caçadores — Espectro
Caçadores — Canção da lua
Caçadores — Destino

***Série* Diários de Stefan**

Origens
Sede de sangue
Desejo
Estripador
Asilo

***Série* Os Originais**

Ascensão
A perda

***Série* Círculo Secreto**

A iniciação
A prisioneira
O poder
A ruptura
A caçada
A tentação

Série Mundo das sombras

Vampiro secreto

Filhas da escuridão

Submissão mortal

L.J.SMITH

DIÁRIOS DO VAMPIRO

REUNIÃO SOMBRIA

1ª edição

Tradução | Ryta Vinagre

Galera

2023

DIAGRAMAÇÃO DA VERSÃO IMPRESSA
Abreu's System

IMAGEM DE CAPA
dundanim / Shutterstock

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S647d

Smith, L. J.

Diários do vampiro : reunião sombria [recurso eletrônico] / L. J. Smith; tradução Ryta Vinagre. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2023.

recurso digital (Diários do vampiro; 4)

Tradução de: Dark reunion
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5981-341-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Vinagre, Ryta. II. Título. III. Série.

23-84596

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Gabriela Faray Ferreira Lopes – Bibliotecária – CRB-7/6643

Copyright © 1991 by Daniel Weiss Associates, Inc. and Lisa Smith

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.
Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado pelo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela

EDITORA GALERA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 120 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil



ISBN 978-65-5981-341-4

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

Sumário

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

1

— As coisas podem ser como eram antes — disse Caroline, entusiasmada, estendendo o braço para apertar a mão de Bonnie.

Mas isso não era verdade. Nada nunca mais poderia ser como era antes da morte de Elena. Nada. E Bonnie tinha sérias dúvidas sobre a festa que Caroline estava tentando organizar. Uma sensação perturbadora e vaga na boca do estômago lhe dizia que, por algum motivo, essa era uma ideia muito, mas muito ruim.

— O aniversário de Meredith *já passou* — observou ela. — Foi no último sábado.

— Mas ela não teve festa, não uma festa de verdade, como essa. Vamos ter a noite toda; meus pais só voltam no domingo de manhã. Vamos lá, Bonnie... Pense na surpresa que vai ser para ela.

Ah, ela vai ficar surpresa mesmo, pensou Bonnie. Tão surpresa que pode até querer me matar depois.

— Olha, Caroline, o motivo para Meredith não ter dado uma grande festa é que ela ainda não está em clima de comemoração. Parece... falta de respeito, de certo modo...

— Mas isso é um *erro*. Elena ia querer que a gente se divertisse, você sabe disso. Ela adorava festas. E odiaria saber que ficamos sentadas e chorando mais de seis meses depois de ela ter morrido. — Caroline se inclinou para a frente, os olhos verdes normalmente felinos agora francos e convincentes. Nada de artifícios nem da habitual manipulação desagradável de Caroline. Bonnie sabia que ela estava sendo sincera.

— Eu queria que fôssemos amigas como éramos antes — disse Caroline. — Sempre comemorávamos nossos aniversários juntas, só nós quatro,

lembra? E lembra que os garotos sempre tentavam invadir nossas festas? Será que vão tentar esse ano?

Bonnie sentiu o controle da situação lhe escapar. Era uma má ideia, esta era uma péssima ideia, pensou ela. Mas Caroline continuava, com um olhar sonhador e quase romântico, lembrando dos bons e velhos tempos. Bonnie não teve coragem de dizer a ela que os bons e velhos tempos estavam tão mortos quanto a música disco.

— Mas nem somos mais quatro. Três não dão lá uma festa muito boa — protestou ela bem baixinho quando conseguiu dizer alguma coisa.

— Vou convidar a Sue Carson também. Meredith se dá bem com ela, né?

Bonnie tinha de admitir que sim; todo mundo se dava bem com Sue. Mas mesmo assim, Caroline precisava entender que as coisas não podiam ser como antes. Não se pode substituir Elena por Sue Carson e dizer, pronto, agora está tudo consertado.

Mas como explicar isso a Caroline?, pensou Bonnie. De repente ela teve uma ideia.

— Vamos convidar Vickie Bennett — disse ela.

Caroline a olhou.

— *Vickie Bennett?* Deve estar brincando. Convidar aquela idiotinha esquisita que tirou a roupa na frente de metade da escola? Depois de tudo o que aconteceu?

— *Por causa* de tudo o que aconteceu — disse Bonnie com firmeza. — Olha, sei que ela nunca foi da nossa turma. Mas ela não está mais com aquela galera barra pesada; eles não a querem e ela morre de medo deles. Ela precisa de amigos. Nós precisamos de gente. Vamos convidá-la.

Por um momento, Caroline ficou frustrada. Bonnie empinou o queixo, pôs as mãos nos quadris e esperou. Por fim, Caroline suspirou.

— Tudo bem; você venceu. Vou convidá-la. Mas você tem que levar Meredith na minha casa no sábado à noite. E Bonnie... Cuide para que ela não tenha a menor ideia do que vai acontecer. Quero que seja uma surpresa de verdade.

— Ah, e será mesmo — disse Bonnie, de cara amarrada. Ela não estava preparada para a luz repentina na expressão de Caroline ou o calor impulsivo de seu abraço.

— Que bom que você finalmente começou a ver as coisas do meu jeito — disse Caroline. — E vai ser tão bom a gente se reunir de novo.

Ela não entendeu nada, percebeu Bonnie, chocada, enquanto Caroline se afastava. O que será que vou ter de fazer para explicar? Dar um soco nela?

E depois: Ah, meu Deus, agora tenho que contar a Meredith.

Mas, no fim do dia, ela decidiu que talvez Meredith não precisasse saber. Caroline queria surpreender Meredith; bom, talvez Bonnie devesse dar essa surpresa a ela. Assim pelo menos Meredith não teria de se preocupar com isso de antemão. Sim, concluiu Bonnie, devia ser mais generoso *não* contar nada a Meredith.

E quem sabe, escreveu ela no diário na sexta à noite. *Talvez eu esteja sendo dura demais com Caroline. Talvez ela lamente de verdade por todas as coisas que nos fez, tipo tentar humilhar Elena na frente de toda a cidade ou tentar fazer com que Stefan fosse acusado de assassinato. Talvez Caroline tenha amadurecido desde então e tenha aprendido a pensar nos outros, não só em si mesma. Talvez a gente realmente consiga se divertir nessa festa.*

E talvez eu seja abduzida por alienígenas amanhã à tarde, pensou Bonnie ao fechar o diário. Só o que lhe restava era a esperança.

O diário era um caderno barato, a capa estampada de florzinha. Ela só começou a escrever quando Elena morreu, mas já estava meio viciada nisso. Era o único lugar em que podia dizer o que quisesse sem que os outros ficassem chocados e dissessem, "Bonnie McCullough!" ou "Ah, *Bonnie*".

Ela ainda estava pensando em Elena quando apagou a luz e se aninhou debaixo das cobertas.

Ela estava sentada no gramado bonito e bem cuidado que se estendia para todo lado, até onde a vista alcançava. O céu era de um azul impecável, o ar era cálido e perfumado. Passarinhos cantavam.

"Que bom que você pôde vir", disse Elena.

"Ah... sim", disse Bonnie. "Bom, naturalmente eu viria. É claro." Ela olhou em volta de novo, depois apressadamente para Elena.

"Mais chá?"

Havia uma xícara na mão de Bonnie, fina e frágil como casca de ovo.

"Ah... Sim. Obrigada."

Elena estava com um vestido do século XVIII de musselina branca de gaze, que se grudava em sua pele, mostrando como era magra. Serviu o chá com precisão, sem derramar uma gota.

"Gostaria de um rato?"

"Um *o quê*?"

"Eu disse: gostaria de um sanduíche para acompanhar o chá?"

"Ah. Um sanduíche. Sim. Ótimo." Era de pepino, em fatias finas com maionese em um delicado quadrado de pão branco. Sem a casca.

A cena toda era tão bela e cintilante quanto uma tela de Seurat. Warm Springs, era onde estávamos. O antigo parque de piquenique, pensou Bonnie. Mas, sem dúvida, temos coisas mais importantes a discutir do que o chá.

"Quem tem arrumado seu cabelo ultimamente?", perguntou Bonnie. Elena jamais conseguiu fazer isso sozinha.

"Você gosta?" Elena pôs a mão no cabelo sedoso e dourado-claro que formava um coque na nuca.

"É perfeito", disse Bonnie, parecendo por tudo no mundo a própria mãe num jantar das Filhas da Revolução Americana.

"Bom, o cabelo é importante, sabia?" Seus olhos brilharam com um azul mais escuro do que o céu, de lápis-lazúli. Bonnie tocou os cachos ruivos e abundantes, meio constrangida.

"É claro que o sangue também é importante", disse Elena.

"Sangue? Ah, sim... claro", disse Bonnie, aturdida. Não fazia ideia do que Elena estava falando e lhe parecia que estavam andando numa corda bamba acima de crocodilos. "Sim, o sangue de fato é muito importante", concordou ela, desanimada.

"Mais um sanduíche?"

“Obrigada.” Este era de queijo com tomate. Elena escolheu um para si, mordendo-o delicadamente. Bonnie a olhou, sentindo a inquietação crescer a cada minuto dentro de si, e depois...

E depois ela viu a lama vazando pelas beiradas do sanduíche.

“O que... *O que é isso*?” O pavor deixou sua voz estridente. Pela primeira vez, o sonho parecia um sonho e Bonnie descobriu que não conseguia se mexer, só ofegar e olhar. Uma massa espessa da coisa marrom caiu do sanduíche de Elena, sobre a toalha xadrez de mesa. Era lama mesmo. “Elena... Elena, o que...”

“Ah, nós comemos isso por aqui.” Elena sorriu com os dentes sujos de marrom. Só que a voz não era de Elena; era feia e distorcida, e era uma voz masculina. “Você vai comer também.”

O ar não era mais cálido e perfumado; era quente e de um doce enjoativo, tinha cheiro de lixo podre. Havia covas escuras no gramado, que não era aparado e crescia desordenadamente. Não era Warm Springs. Ela estava no antigo cemitério — como não tinha percebido isso? Só que os túmulos eram novos.

“Mais um rato?”, disse Elena, e riu de forma obscena.

Bonnie olhou o sanduíche meio comido em sua mão e gritou. Havia um rabo marrom e viscoso pendurado na ponta. Ela o atirou com toda força que conseguiu reunir em uma lápide, na qual ele bateu e se espatifou. Depois ela se levantou, o estômago revirado, esfregando os dedos freneticamente no jeans.

“Não pode ir embora agora. Os convidados estão chegando.” O rosto de Elena se transformava; ela já havia perdido o cabelo, e sua pele ficava aos poucos cinza e curtida. Coisas se mexiam no prato de sanduíches e nas covas, agora abertas. Bonnie não queria ver nada disso; achou que, se visse, ia enlouquecer.

“Você não é a Elena!”, gritou ela, e correu.

O vento jogou o cabelo em seus olhos e ela não conseguia enxergar. O perseguidor estava atrás dela; Bonnie podia sentir, bem atrás. Para a ponte, pensou Bonnie, correndo até esbarrar em alguma coisa.

“Estive esperando por você”, disse a coisa com o vestido de Elena, a coisa esquelética e cinza com dentes compridos e tortos. “Bonnie, me escute.” Isso a reteve com uma força terrível.

“Você não é Elena! Você não é Elena!”

“Ouça, Bonnie!”

Era a voz de Elena, a verdadeira voz de Elena, não parecia satisfeita e sorridente, nem densa e fria, mas urgente. Vinha de algum lugar atrás de Bonnie e cortou o sonho como um vento frio e fresco. “Bonnie, preste atenção, rápido...”

Tudo se desmanchava. As mãos ossudas nos braços de Bonnie, o cemitério rastejante, o ar quente e rançoso. Por um momento a voz de Elena ficou clara, mas era entrecortada como uma ligação interurbana ruim.

“... Ele está distorcendo as coisas, alterando tudo. Não sou tão forte quanto ele...” Bonnie perdeu algumas palavras, “... mas isto é importante. Você precisa descobrir... agora”. A voz dela sumia aos poucos.

“Elena, não estou ouvindo! Elena!”

“... um feitiço fácil, só dois ingredientes, aqueles que já disse...”

“Elena!”

Bonnie ainda gritava ao se sentar na cama.

2

— É tudo o que me lembro — concluiu Bonnie enquanto ela e Meredith andavam pela Sunflower Street em meio a fileiras de casas vitorianas altas.

— Mas era mesmo Elena?

— Era, e no final ela tentou me dizer alguma coisa. Mas essa parte não ficou clara, só que era importante, importante de verdade. O que você acha?

— Sanduíches de rato e covas abertas? — Meredith arqueou uma sobrancelha elegante. — Acho que você está misturando Stephen King com Lewis Carroll.

Bonnie achou que Meredith devia ter razão. Mas o sonho ainda a incomodava, espreitando-a o dia todo, o suficiente para tirar as preocupações anteriores de sua cabeça. Agora, enquanto ela e Meredith se aproximavam da casa de Caroline, as antigas preocupações voltaram — de forma intensa e violenta.

Devia ter contado a Meredith sobre isso, pensou Bonnie, lançando olhares de esguelha e inquietos para a menina mais alta. Não devia deixar que Meredith entrasse lá despreparada...

Meredith levantou a cabeça, olhando as janelas iluminadas da casa Queen Anne com um suspiro.

— Você precisa *mesmo* daqueles brincos para hoje?

— Sim, preciso; sim, totalmente. — Tarde demais. Podia muito bem aproveitar isso ao máximo. — Você vai adorar quando os vir — acrescentou ela, ouvindo o tom de desespero esperançoso na própria voz.

Meredith parou e seus olhos escuros e perspicazes examinaram atentamente a cara de Bonnie. Depois bateu na porta.

— Só espero que Caroline não esteja em casa. A gente pode acabar tendo que ficar com ela.

— Caroline, em casa no sábado à noite? Não seja ridícula. — Bonnie tinha prendido a respiração por tempo demais; estava começando a ficar tonta. Seu riso saiu fraco e falso. — Que ideia — continuou ela um tanto nervosamente enquanto Meredith dizia, "Acho que não *tem ninguém* em casa" e experimentava a maçaneta. Tomada por um impulso incontrolável, Bonnie acrescentou: — Ta-tááááá.

Com a mão na maçaneta, Meredith ficou paralisada e se virou para Bonnie.

— Bonnie — disse ela, baixinho —, você está bem?

— Não. — Sem graça, Bonnie pegou o braço de Meredith e encarou com urgência seus olhos. A porta se abria sozinha. — Ah, meu Deus, Meredith, por favor, não me mate...

— *Surpresa!* — gritaram três vozes.

— Sorria — sibilou Bonnie, empurrando pela porta a amiga subitamente resistente. Entraram na sala iluminada, cheia de barulho com uma chuva de confetes de boas-vindas. Ela abriu um sorriso desvairado e falou entredentes. — Me mate depois... eu mereço... mas agora, só sorria.

Havia balões, uma decoração sofisticada, e um monte de presentes na mesa de centro. Havia até um arranjo de flores, embora Bonnie tenha percebido que as orquídeas combinavam perfeitamente com o cachecol verde-claro de Caroline. Era de seda, Hermès, com padrão de uvas e folhas. Aposto que ela vai acabar usando uma daquelas orquídeas no cabelo, pensou Bonnie.

Os olhos azuis de Sue Carson estavam meio ansiosos, o sorriso hesitante.

— Espero que não tenha nenhum grande plano para esta noite, Meredith — disse ela.

— Nada que não possa deixar para depois — respondeu Meredith. Mas ela sorria também, com uma cordialidade irônica, e Bonnie relaxou. Sue foi a princesa do Baile na corte de Elena, junto com Bonnie, Meredith e Caroline. Foi a única menina da escola, além de Bonnie e Meredith, que deu apoio a Elena quando todo mundo virou as costas a ela. Nos funerais, ela

disse que Elena sempre seria a verdadeira rainha da Robert E. Lee, e desistira de sua candidatura para Rainha da Neve em memória de Elena. Ninguém podia odiar Sue. O pior já passou, pensou Bonnie.

— Quero tirar uma foto de todas nós juntas no sofá — disse Caroline, posicionando-as atrás do arranjo de flores. — Vickie, você pode tirar?

Vickie Bennett tinha ficado num canto, em silêncio, sem ser percebida. Agora disse, "Ah, claro" e, nervosa, tirou o cabelo castanho-claro e comprido dos olhos enquanto pegava a câmera.

Como se fosse uma espécie de serviçal, pensou Bonnie, depois o flash a ofuscou.

Enquanto a polaroide processava a foto e Sue e Caroline riam e contornavam o comportamento seco de Meredith, Bonnie percebeu outra coisa. Era uma boa foto; Caroline estava deslumbrante, como sempre, com o cabelo castanho-arruivado cintilante e as orquídeas verde-claras diante dela. E havia Meredith, parecendo resignada, irônica e sombriamente bonita sem precisar se esforçar, e ela mesma, com a cabeça mais baixa do que a das outras, os cachos ruivos desgrenhados e uma expressão tímida. Mas o estranho era a figura ao lado delas no sofá. Era Sue, é claro que era Sue, mas por um momento o cabelo louro e os olhos azuis pareciam pertencer a outra pessoa. Alguém que olhava para ela com urgência, prestes a dizer algo importante. Bonnie franziu o cenho para a foto, piscando rapidamente. A imagem oscilou diante de seus olhos e um arrepio de mal-estar correu por sua espinha.

Não, era apenas Sue na foto. Por um minuto ela deve ter se confundido, ou estava se deixando afetar pelo desejo de Caroline de que elas "ficassem juntas de novo".

— Vou tirar a próxima — disse ela, levantando-se num salto. — Sente-se, Vickie. Não, mais longe, mais longe... Aí! — Todos os movimentos de Vickie eram rápidos, leves e nervosos. Quando o flash se apagou, ela olhava como um animal assustado prestes a fugir.

Caroline mal olhou esta foto, levantando-se e indo para a cozinha.

— Em vez de bolo, adivinha o que eu preparei? — disse ela. — Estou fazendo minha própria versão de uma sobremesa de matar. Vamos, vocês têm de me ajudar a derreter a calda. — Sue a seguiu e, depois de uma pausa insegura, Vickie também.

Os últimos vestígios da expressão simpática de Meredith evaporaram e ela se virou para Bonnie.

— Devia ter me contado.

— Eu sei. — Bonnie baixou a cabeça docilmente por um minuto. Depois a levantou e sorriu. — Mas você não teria vindo e nós não provaríamos uma sobremesa de matar.

— Então vale a pena?

— Bem, ajuda — disse Bonnie, com um ar racional. — Na verdade, não deve ser tão ruim. Caroline está mesmo tentando ser legal e é bom para Vickie sair de casa de vez em quando...

— Não parece que está sendo bom para ela — disse Meredith, asperamente. — Parece que ela vai ter um ataque cardíaco.

— Ué, ela só deve estar nervosa. — Na opinião de Bonnie, Vickie tinha bons motivos para ficar nervosa. Ela passou a maior parte do outono anterior em transe, sendo lentamente enlouquecida por um poder que não compreendia. Ninguém esperava que saísse disso tão bem.

O olhar de Meredith ainda era gélido.

— Pelo menos — disse Bonnie, num tom de consolo — não é seu aniversário de verdade.

Meredith pegou a câmera e ficou virando repetidamente. Ainda olhando as próprias mãos, ela disse:

— Mas é.

— Como? — Bonnie olhou e disse mais alto: — *O que foi* que você disse?

— Eu disse que é meu aniversário de verdade. A mãe de Caroline deve ter contado; ela e minha mãe foram amigas há um tempão.

— Meredith, do que está falando? Seu aniversário foi na semana passada. No dia 30 de maio.

— Não foi, não. É hoje, 6 de junho. É verdade; está na minha carteira de motorista e tudo. Meus pais começaram a comemorar uma semana antes porque 6 de junho era um dia perturbador demais para eles. Foi o dia em que meu avô foi atacado e ficou louco. — Enquanto Bonnie arfava, incapaz de falar, ela acrescentou calmamente: — Ele tentou matar minha avó, sabe como é. Tentou me matar também. — Meredith pôs a câmera com cuidado no meio da mesa de centro. — A gente tem que ir para a cozinha — disse ela em voz baixa. — Sinto cheiro de chocolate.

Bonnie ainda estava paralisada, mas sua mente começava a funcionar de novo. Ela se lembrava vagamente de Meredith falando disso, mas na época não contou toda a verdade. E ela não tinha dito quando aconteceu.

— Atacado... Quer dizer, como Vickie foi atacada — soltou Bonnie. Ela não conseguia dizer a palavra *vampiro*, mas sabia que Meredith entendia.

— Como Vickie foi atacada — confirmou Meredith. — Vamos — acrescentou ela, num tom ainda mais baixo. — Elas estão esperando a gente. Eu não pretendia perturbar você.

Meredith não queria me deixar perturbada, então não vou *ficar perturbada*, Bonnie disse para si mesma, despejando calda quente na sobremesa de chocolate. Embora sejamos amigas desde a primeira série e ela nunca tenha me contado esse segredo.

Por um instante, sua pele se arrepiou e flutuaram palavras nos cantos escuros de sua mente. *Ninguém é o que parece*. Ela havia sido avisada no ano passado pela voz de Honoria Fell falando através dela, e a profecia se provou assustadoramente verdadeira. E se ainda não tivesse acabado?

Depois Bonnie balançou a cabeça, decidida. Não podia pensar nisso agora; tinha de pensar na *festa*. E vou cuidar para que seja uma *boa* festa e que a gente se entenda bem, pensou ela.

Estranhamente, não foi assim tão difícil. Meredith e Vickie não falaram muito no início, mas Bonnie fez o que pôde para ser legal com Vickie, e nem Meredith conseguiu resistir à pilha de presentes na mesa de centro. Quando abriu o último, todas já conversavam e riam. O espírito de trégua e

tolerância continuou enquanto elas iam para o quarto de Caroline olhar suas roupas, CDs e álbuns de fotos. Já era quase meia-noite e elas se jogaram em sacos de dormir, ainda conversando.

— Por onde anda Alaric ultimamente? — perguntou Sue a Meredith.

Alaric Saltzman era namorado de Meredith — mais ou menos. Era formado na Universidade Duke com especialização em parapsicologia, e tinha sido chamado a Fell's Church no ano passado, quando começaram os ataques de vampiros. Embora no início fosse um inimigo, ele acabou sendo um aliado — e um amigo.

— Ele está na Rússia — disse Meredith. — Perestroika, sabe? Ele foi para lá para descobrir o que fizeram com os paranormais durante a Guerra Fria.

— O que vai dizer a ele quando voltar? — perguntou Caroline.

Esta era uma pergunta que a própria Bonnie queria ter feito a Meredith. Como Alaric era quase quatro anos mais velho, Meredith disse a ele para esperar até que ela se formasse para falar do futuro dos dois. Mas hoje Meredith completa 18 anos, lembrou-se Bonnie, e a formatura seria dali a duas semanas. O que ia acontecer depois disso?

— Ainda não decidi — disse Meredith. — Alaric quer que eu vá para a Duke e eu fui aceita lá, mas não tenho certeza. Preciso pensar.

Bonnie ficou radiante. Ela queria que Meredith fosse para o Boone Junior College com *ela*, e não fosse embora e se casasse, nem mesmo ficasse noiva. Era idiotice se comprometer com alguém assim tão jovem. A própria Bonnie era famosa porque sua fila andava, indo de menino a menino, a seu bel-prazer. Ela se apaixonava com facilidade e os superava com igual facilidade.

— Ainda não conheci um cara que valesse a fidelidade — dizia agora.

Todas a olharam rapidamente. Sue perguntou com o queixo pousado nos punhos:

— Nem Stefan?

Bonnie devia ter previsto. Sob a luz fraca do abajur e o único som do farfalhar de folhas novas nos salgueiros do lado de fora, era inevitável que a conversa se voltasse para Stefan — e para Elena.

Stefan Salvatore e Elena Gilbert já eram uma espécie de lenda na cidade, como Romeu e Julieta. Quando Stefan chegou a Fell's Church, toda menina o queria. E Elena, a mais linda, mais popular e mais inacessível menina da escola, o queria também. Ela só percebeu o perigo depois de conseguir. Stefan não era o que parecia — tinha um segredo muito mais sombrio do que qualquer pessoa poderia imaginar. E tinha um irmão, Damon, ainda mais misterioso e perigoso do que ele. Elena ficou entre os dois irmãos, amando Stefan, mas atraída irresistivelmente para o furor apaixonado de Damon. No final, ela morreu para salvar os dois e redimir o amor fraterno entre eles.

— Talvez Stefan... Se fosse Elena — murmurou Bonnie, capitulando. O astral tinha mudado. Agora estava tudo silencioso, meio triste, perfeito para confidências noturnas.

— Ainda não acredito que ela se foi — disse Sue em voz baixa, balançando a cabeça e fechando os olhos. — Ela era muito mais cheia de vida do que os outros.

— A chama dela ardia mais forte — disse Meredith, olhando os padrões do abajur rosa e dourado no teto. Sua voz era baixa mas intensa, e parecia a Bonnie que aquelas palavras descreviam Elena melhor do que qualquer outra que tivesse ouvido.

— Algumas vezes eu a odiava, mas nunca pude ignorá-la — admitiu Caroline, os olhos verdes semicerrados com a lembrança. — Ela não era alguém que se pudesse ignorar.

— Uma coisa eu aprendi com a morte dela — disse Sue —, é que isso podia ter acontecido a qualquer uma de nós. Não se pode desperdiçar nada da vida porque nunca se sabe quanto tempo vamos durar.

— Pode ser sessenta anos ou sessenta minutos — concordou Vickie em voz baixa. — Qualquer uma de nós pode morrer esta noite.

Bonnie se remexeu, perturbada. Mas antes que pudesse dizer alguma coisa, Sue repetiu:

— Ainda não acredito que ela morreu. Às vezes sinto que ela está perto da gente, em algum lugar.

— Ah, eu também — disse Bonnie, distraída. Uma imagem de Warm Springs lampejou por sua mente e, por um momento, parecia mais nítida do que o quarto sombrio de Caroline. — Na noite passada, sonhei com Elena e tive a sensação de que ela *estava mesmo* ali, tentando me dizer alguma coisa. Ainda tenho essa sensação — disse ela a Meredith.

As outras observavam em silêncio. Antigamente, todas teriam feito piada se Bonnie sugerisse alguma coisa sobrenatural, mas não agora. Seus poderes paranormais eram inquestionáveis, incríveis e meio apavorantes.

— É mesmo? — sussurrou Vickie.

— O que acha que ela tentava dizer? — perguntou Sue.

— Não sei. No final ela se esforçava ao máximo para manter o contato comigo, mas não conseguiu.

Houve outro silêncio. Por fim Sue disse, hesitante, com uma leve empolgação na voz:

— Você acha... acha que pode fazer contato com *ela*?

Era o que todas se perguntavam. Bonnie olhou para Meredith. Antes, Meredith menosprezara o sonho, mas agora fitava Bonnie nos olhos com seriedade.

— Não sei — disse Bonnie devagar. Visões do pesadelo giravam em volta dela. — Não quero entrar em transe e me abrir ao que pode estar lá fora, disso eu tenho certeza.

— É a única maneira de se comunicar com os mortos? O que acha de uma tábua Ouija ou coisa assim? — perguntou Sue.

— Meus pais têm uma tábua Ouija — disse Caroline, meio alto demais. De repente o clima de silêncio e reserva foi rompido e uma tensão indefinível encheu o ar. Todas se sentaram mais retas e se olharam especulativamente. Até Vickie parecia intrigada, apesar de seu pavor.

— Será que daria certo? — Meredith questionou Bonnie.

— E será que a gente deve tentar? — perguntou-se Sue em voz alta.

— A gente se atreveria? Esta é a questão — disse Meredith. Mais uma vez Bonnie se viu olhando para ela. Ela hesitou um instante, depois deu de ombros. A excitação agitava seu estômago.

— E por que não? — disse Bonnie. — O que temos a perder?

Caroline se virou para Vickie.

— Vickie, tem um armário no pé da escada. A tábua Ouija deve estar lá dentro, na prateleira de cima, com um monte de outros jogos.

Ela nem teve tempo de dizer, "Por favor, pode pegar?" Bonnie franziu a testa e abriu a boca, mas Vickie já estava na porta.

— Você podia ser mais educada — disse Bonnie a Caroline. — O que é isso, uma imitação da madrasta malvada da Cinderela?

— Ah, tenha dó, Bonnie — disse Caroline com impaciência. — Ela tem sorte por ter sido convidada. E *sabe* disso.

— E eu aqui pensando que ela veio por nosso esplendor coletivo — disse Meredith num tom seco.

— E além de tudo... — Bonnie começou, mas foi interrompida. O barulho era agudo, estridente e perdia sua força no final, mas não havia como confundir. Era um grito. Foi seguido por um silêncio mortal e de repente por uma torrente de gritos penetrantes.

Por um instante, as meninas ficaram paralisadas no quarto. Depois todas dispararam pelo corredor e desceram a escada.

— Vickie! — Meredith, com suas pernas longas, chegou ao pé da escada primeiro. Vickie estava diante do armário, os braços estendidos como que para proteger o rosto. Agarrou-se a Meredith, ainda gritando.

— Vickie, o que foi? — perguntou Caroline, parecendo mais irritada do que assustada. Havia caixas de jogos espalhados pelo chão, e peças de Banco Imobiliário e cartões de Master em toda parte. — Por que está gritando?

— Uma coisa me agarrou! Eu estava alcançando a primeira prateleira e algo me segurou pelo pulso!

— De trás?

— Não! De dentro do armário.

Sobressaltada, Bonnie olhou o interior do armário aberto. Casacos de inverno estavam pendurados numa camada impenetrável, alguns chegando ao chão. Desembaraçando-se delicadamente de Vickie, Meredith pegou um guarda-chuva e começou a futucar os casacos.

— Ah, não... — começou Bonnie involuntariamente, mas o guarda-chuva só encontrou a resistência da roupa. Meredith o usou para empurrar os casacos de lado e revelou a madeira crua da parede do armário.

— Está vendo? Não tem ninguém ali — disse ela, com ânimo. — Mas você sabe como são essas mangas de casaco. Se você se inclinar muito entre elas, aposto que pode sentir os braços de alguém se fechando em você.

Vickie avançou um passo, tocando uma manga pendurada, depois olhando a prateleira de cima. Pôs as mãos no rosto, o longo cabelo sedoso envolvendo seu rosto. Por um instante medonho Bonnie pensou que ela estivesse chorando, depois ouviu suas risadas.

— Ah, meu Deus! Eu pensei mesmo... Ah, que idiotice a minha! Vou arrumar tudo — disse Vickie.

— Depois — disse Meredith com firmeza. — Vamos para a sala.

Bonnie conferiu uma última vez o armário enquanto as meninas saíam dali.

Quando estavam todas reunidas em volta da mesa de centro, com várias lâmpadas apagadas para dar o clima, Bonnie pôs os dedos de leve sobre o pequeno indicador de plástico. Nunca tinha usado uma tábua Ouija, mas sabia como se fazia. O indicador se mexia, apontando letras e soletrando uma mensagem — isto é, se os espíritos estivessem dispostos a falar.

— Todo mundo tem que tocar aqui — disse Bonnie, e viu as outras obedecerem. Os dedos de Meredith eram longos e mais finos, os de Sue magros e encimados por unhas ovais. As unhas de Caroline eram pintadas num tom de cobre brilhante. As de Vickie eram roídas.

— Agora vamos fechar os olhos e nos concentrar — disse Bonnie em voz baixa. Houve alguns silvos de expectativa enquanto as meninas obedeciam; todas estavam entrando no clima.

— Pensem em Elena. Imaginem Elena. Se ela estiver lá fora, queremos atraí-la para cá.

A sala grande ficou silenciosa. No escuro, por trás das pálpebras fechadas, Bonnie viu cabelos louros claros e olhos de lápis-lazúli.

— Venha, Elena — sussurrou ela. — Fale comigo.

O indicador começou a se mexer.

Nenhuma delas podia estar guiando; todas exerciam pressão de diferentes pontos. No entanto, o pequeno triângulo de plástico deslizava suavemente, com segurança. Bonnie ficou de olhos fechados até que o indicador parou. Apontava para *Sim*.

Vickie soltou o que parecia um leve soluço.

Bonnie observou as outras. Caroline tinha a respiração acelerada, os olhos verdes semicerrados. Sue era a única que mantinha os olhos resolutamente fechados. Meredith estava pálida.

Todas esperavam que ela soubesse o que fazer.

— Continuem concentradas — disse Bonnie. Ela se sentia despreparada e meio idiota, falando com o vento. Mas era a especialista; precisava fazer isso.

— É você, Elena? — perguntou.

O indicador descreveu um pequeno círculo e voltou ao *Sim*.

De repente, o coração de Bonnie batia com tanta força que ela teve medo de que seus dedos tremessem. O plástico na ponta dos dedos parecia diferente, quase eletrificado. Como se uma energia sobrenatural fluísse por ele. Ela não se sentia mais uma idiota. Lágrimas tomaram seus olhos e ela podia ver que os olhos de Meredith também cintilavam. Meredith assentiu para Bonnie.

— Como podemos ter certeza? — dizia Caroline, alto, desconfiada. Caroline não caiu nessa, percebeu Bonnie; ela não sentia como eu. Do ponto de vista paranormal, ela era um fracasso.

O indicador se mexeu de novo, agora tocando letras, com tanta rapidez que Meredith mal teve tempo de entender a mensagem. Mesmo sem pontuação e acentuação, era clara:

CAROLINE NAO SEJA IDIOTA TEM SORTE POR EU FALAR COM VOCE

— Essa é a Elena mesmo — disse Meredith secamente.

— Parece ela, mas...

— Ah, cala a boca, Caroline — disse Bonnie. — Elena, estou tão feliz... — Sua garganta se fechou e ela tentou de novo.

BONNIE NAO HA TEMPO PARE DE CHORAMINGAR E VAMOS AO QUE INTERESSA

E *essa* era Elena também, Bonnie fungou e continuou.

— Eu tive um sonho com você ontem à noite.

CHA

— Sim, chá. — O coração de Bonnie batia mais rápido do que nunca. — Eu queria falar com você, mas as coisas ficaram estranhas e depois perdemos contato...

BONNIE NAO ENTRE EM TRANSE SEM TRANSES SEM TRANSES

— Tudo bem. — Isso respondia à pergunta e ela ficou aliviada por ouvir.

INFLUENCIAS PERVERSAS DISTORCENDO NOSSA COMUNICACAO COISAS RUINS MUITO RUINS AQUI

— Tipo o quê? — Bonnie se aproximou mais da tábua. — Tipo o quê?

NAO HA TEMPO! O indicador pareceu acrescentar o ponto de exclamação. Sacudia violentamente de uma letra a outra como se Elena mal pudesse conter a impaciência. ELE ESTA OCUPADO POSSO FALAR AGORA MAS NAO HA MUITO TEMPO ESCUTE QUANDO PARARMOS SAIAM DA CASA RAPIDO VOCES CORREM PERIGO

— Perigo? — repetiu Vickie, dando a impressão de que ia saltar da cadeira e correr.

ESPEREM PRIMEIRO ESCUTEM A CIDADE TODA CORRE PERIGO

— O que vamos fazer? — disse Meredith de imediato.

VOCES PRECISAM DE AJUDA E DEMAIS PARA VOCES INCRIVELMENTE FORTE AGORA ESCUTEM E SIGAM AS INSTRUCOES PRECISAM FAZER UM FEITICO DE INVOCACAO E OS PRIMEIROS INGREDIENTES SAO C...

De repente, o indicador escapou das letras e voou como louco pela tábua. Apontou para a imagem estilizada da lua, depois o sol, depois para as palavras *Parker Brothers, Inc.*

— Elena!

O indicador voltou às letras.

MAIS UM RATO MAIS UM RATO MAIS UM RATO

— O que está havendo? — Sue exclamou, os olhos agora arregalados.

Bonnie teve medo. O indicador pulsava de energia, uma energia sombria e feia, como piche fervente que grudava nos dedos. Mas ela também podia sentir o fio prateado e trêmulo: a presença de Elena lutando.

— Não soltem! — gritou ela, desesperada. — Não tirem a mão!

RATOLAMATEMATA, a tábua recitou, veloz. SANGUESANGUESANGUE. E depois... BONNIE SAIA CORRA ELE ESTA AQUI FUJA FUJA FU...

O indicador deu solavancos furiosos, escapando dos dedos de Bonnie e saindo de seu alcance, voando pela tábua e pelo ar como se alguém o tivesse atirado. Vickie gritou. Meredith pulou de pé.

Então todas as luzes se apagaram, mergulhando a casa na completa escuridão.

3

Os gritos de Vickie ficaram descontrolados. Bonnie podia sentir o pânico subindo pelo peito, dominando-a.

— Vickie, pare! Vamos, temos que sair daqui! — Meredith gritava para ser ouvida. — Caroline, é a sua casa; todo mundo de mãos dadas e você nos leva para a porta da frente.

— Tudo bem — disse Caroline. Ela não parecia tão apavorada quanto as outras. Esta era a vantagem de não ter imaginação, pensou Bonnie. Não se podia imaginar as coisas terríveis que iam te acontecer.

Ela se sentiu melhor com a mão fria e estreita de Meredith apertando a dela. Ela tateou o outro lado e pegou a mão de Caroline, sentindo suas unhas compridas e firmes.

Bonnie não conseguia enxergar nada. A essa altura, seus olhos deviam ter se adaptado ao escuro, mas ela não conseguia distinguir nem um fiapo de luz ou sombra quando Caroline começou a guiá-las. Não havia luz da rua entrando pelas janelas; o Poder parecia estar em toda parte. Caroline xingou, esbarrando em algum móvel, e Bonnie esbarrou nela.

Vickie gemia levemente atrás na fila.

— Aguenta — sussurrou Sue. — Aguenta, Vickie, a gente vai conseguir.

Elas fizeram um progresso lento e laborioso pelo escuro. Depois Bonnie sentiu lajota sob os pés.

— Este é o hall da frente — disse Caroline. — Fiquem aqui um minuto enquanto acho a porta. — Seus dedos se soltaram dos de Bonnie.

— Caroline! Não solte... Aonde você vai? Caroline, me dê sua mão! — gritou Bonnie, tateando freneticamente sem enxergar.

No escuro, uma coisa grande e úmida prendeu seus dedos. Era a mão de alguém. E não era de Caroline.

Bonnie gritou.

Vickie de imediato a acompanhou, berrando, desesperada. A mão úmida e quente puxava Bonnie para a frente. Ela esperneou, lutando, mas não fez diferença. Depois sentiu os braços de Meredith em sua cintura, pegando-a por trás. E Bonnie finalmente se libertou da mão grande que a segurava.

Em seguida ela estava se virando e correndo, só correndo, mal percebendo que Meredith estava ao lado. Bonnie não tinha consciência nenhuma de que ainda gritava, até que uma poltrona grande impediu seu progresso e ela se ouviu.

— Silêncio! Bonnie, silêncio, para! — Meredith a sacudia. As duas tinham deslizado do encosto da poltrona para o chão.

— Uma coisa me pegou! Uma coisa me pegou, Meredith!

— Eu sei. Fica quieta! Ainda está por aqui — disse Meredith. Bonnie pressionou o rosto no ombro de Meredith para não gritar de novo. E se aquilo estivesse na sala com elas?

Os segundos se arrastaram e o silêncio se adensava em volta delas. Por mais que Bonnie se esforçasse, não conseguia ouvir som nenhum, só a própria respiração e o bater surdo de seu coração.

— Escute! Temos que achar a porta dos fundos. Agora acho que estamos na sala de estar. Isso quer dizer que a cozinha fica bem atrás da gente. Temos que chegar lá — disse Meredith em voz baixa.

Bonnie começou a assentir, infeliz, mas de repente ergueu a cabeça.

— Cadê a Vickie? — sussurrou ela com a voz rouca.

— Não sei. Tive que soltar a mão dela para puxar você daquela coisa. Vamos.

Bonnie a puxou de volta.

— Mas por que ela não está gritando?

Um tremor tomou o corpo de Meredith.

— Não sei.

— Ah, meu Deus. Ah, meu Deus. Não podemos deixá-la, Meredith.

— *Temos* que fazer isso.

— *Não podemos*, Meredith. Eu convenci Caroline a convidar Vickie. Se não fosse por mim, ela não estaria aqui. Temos que tirá-la daqui.

Houve uma pausa, depois Meredith sibilou:

— Tá bom! Mas você escolhe umas horas muito esquisitas para ser nobre, Bonnie.

Uma porta se fechou e as duas deram um pulo. Depois o som de alguma coisa batendo, como passos na escada, pensou Bonnie. E, brevemente, uma voz se elevou.

— Vickie, cadê você? Não... Vickie, não! Não!

— Essa foi a Sue — disse Bonnie, ofegante, num salto. — Veio da escada!

— Por que não temos uma *lanterna*? — Meredith estava furiosa.

Bonnie entendeu o que ela quis dizer. Estava escuro demais para correr a esmo pela casa; era apavorante demais. Havia um pânico primitivo martelando em seu cérebro. Ela precisava de luz, qualquer luz.

Bonnie não podia voltar a tatear o escuro, exposta de todos os lados. Não *podia* fazer isso.

Entretanto, deu um passo trêmulo para longe da poltrona.

— Vamos — disse Bonnie ofegante, e Meredith a acompanhou, passo a passo, pelo escuro.

Bonnie ainda esperava que a mão quente e úmida a alcançasse e a pegasse de novo. Cada centímetro de sua pele formigava de expectativa desse toque, em especial a própria mão, que ela mantinha estendida para reconhecer o caminho.

E ela cometeu o erro de se lembrar do sonho.

Imediatamente, o cheiro doce e enjoativo de lixo a tomou. Bonnie imaginou coisas se rastejando e se lembrou da cara de Elena, cinza e careca, com lábios murchos nos dentes arreganhados. Se *essa coisa* a pegasse...

Não posso avançar mais; não posso, não posso, pensou ela. Lamento por Vickie, mas não posso continuar. Por favor, me deixa parar aqui.

Ela estava agarrada a Meredith, quase chorando. Depois, do segundo andar, veio o som mais apavorante que Bonnie ouviu na vida.

Foi uma série de ruídos, mas todos em sequência, formando uma onda de barulho terrível. Primeiro houve gritos, Sue aos berros, "Vickie! Vickie! Não!" Depois um baque alto, vidro se quebrando, como se cem janelas se espatifassem de uma vez. E por cima disso um grito contínuo, de puro e intenso terror.

E então tudo parou.

— *O que foi isso*? O que houve, Meredith?

— Alguma coisa ruim. — A voz de Meredith era tensa e sufocada. — Alguma coisa muito ruim. Bonnie, me solta. Vou lá ver.

— Sozinha não, não pode ir sozinha — disse Bonnie com veemência.

Elas acharam a escada e subiram. Quando chegaram ao patamar, Bonnie podia ouvir um som esquisito e estranhamente nauseante, o tinido de cacos de vidro caindo.

E então as luzes se acenderam.

Foi repentino demais; Bonnie gritou sem querer. Virando-se para Meredith, quase gritou de novo. O cabelo preto de Meredith estava desgrenhado e as maçãs do rosto pareciam acentuadas demais; o rosto era pálido e encovado de medo.

E o tinido continuava.

Era *pior* com a luz acesa. Meredith ia para a última porta do corredor, de onde vinha o barulho. Bonnie a seguiu, mas de repente entendeu, em seu íntimo, que não queria ver o que estava dentro daquele quarto.

Meredith abriu a porta. Ficou paralisada por um minuto na soleira e avançou rapidamente para dentro. Bonnie partiu para a porta.

— *Ai, meu Deus, não entre!*

Bonnie não hesitou. Enfiou-se porta adentro, mas se deteve de repente. À primeira vista, parecia que toda a lateral da casa desaparecera. As janelas francesas que ligavam o quarto principal à sacada pareciam ter explodido para fora, a madeira lascada, o vidro espatifado. Cacos pequenos de vidro pendiam precariamente aqui e ali nos restos dos caixilhos, tinindo ao cair.

Cortinas brancas e diáfanas flutuavam ao sabor do vento, para dentro e para fora do buraco que agora havia na casa. Na frente, em silhueta, Bonnie

pôde ver Vickie. Estava de pé, com as mãos ao lado do corpo, imóvel como um bloco de pedra.

— Vickie, você está bem? — Bonnie ficou tão aliviada ao vê-la viva que chegava a doer. — Vickie?

Vickie não se virou, nem respondeu. Bonnie a contornou com cautela, observando em seu rosto. Vickie olhava apenas para a frente, as pupilas mínimas. Respirava curto, assoviando, o peito se erguendo.

— Eu sou a próxima. Ele disse que eu sou a próxima — sussurrava sem parar, mas não parecia falar com Bonnie. Nem parecia ver que Bonnie estava ali.

Tremendo, Bonnie cambaleou. Meredith estava na sacada. Virou-se enquanto Bonnie chegava às cortinas e tentou impedir sua passagem.

— Não olhe. Não olhe para baixo — disse ela.

Para baixo *onde*? De repente Bonnie entendeu. Passou esbarrando em Meredith, que a pegou pelo braço para impedi-la de ficar à beira de uma queda vertiginosa. A grade da sacada tinha sido arrancada como as janelas francesas e Bonnie podia ver o jardim iluminado embaixo. No chão, havia uma figura retorcida como uma boneca quebrada, braços e pernas tortos, o pescoço num ângulo grotesco, o cabelo louro em leque no chão escuro do jardim. Era Sue Carson.

Em toda a confusão que se passou depois disso, dois pensamentos competiam pela mente de Bonnie. Um era que Caroline nunca teria seu quarteto de novo. Outro era que não era justo que isso tivesse acontecido no aniversário de Meredith. Simplesmente não era justo.

— Desculpe, Meredith. Não acho que ela esteja disposta agora.

Apática, Bonnie ouviu a voz do pai na porta da frente enquanto colocava o adoçante numa xícara de chá de camomila. Ela baixou a colher de pronto. Não estava era disposta a ficar sentada na cozinha por nem mais um minuto. Precisava sair.

— Eu vou ficar bem, pai.

A aparência de Meredith era ainda pior que a da noite anterior: a cara abatida, os olhos sombrios. A boca se apertava numa linha estreita.

— Só vamos dar um passeio de carro — disse Bonnie ao pai. — Talvez ver o pessoal. Afinal, você mesmo disse que não tem perigo, né?

O que ele poderia dizer? O sr. McCullough baixou os olhos para sua filha baixinha, que empinava o queixo teimoso que herdara dele e o fitava nos olhos com franqueza. Ele levantou as mãos.

— Já são quase quatro horas. Volte antes do anoitecer — disse ele.

— Como se fizesse alguma diferença — disse Bonnie a Meredith enquanto ia para o carro da amiga. Depois de entrarem, as duas trancaram rapidamente as portas.

Enquanto Meredith engrenava o carro, lançou para Bonnie um olhar de compreensão amarga.

— Seus pais também não acreditam em você.

— Ah, acreditam em tudo o que conto a eles... Menos no que é realmente importante. Como podem ser tão *idiotas*?

Meredith soltou uma risada curta.

— Precisa entender o ponto de vista deles. Eles acharam um cadáver sem marca nenhuma, só as que foram provocadas pela queda. Descobriram que houve um apagão no bairro por causa de um defeito na Virginia Electric. Eles nos encontraram, desesperadas, dando respostas que devem ter parecido muito esquisitas. Quem fez isso? Um monstro com mãos suadas. Como sabemos? Nossa amiga morta Elena nos contou tudo através de uma tábua Ouija. Não é de admirar que tenham lá suas dúvidas.

— Se eles nunca tivessem visto nada assim na vida — disse Bonnie, batendo na porta do carro com o punho. — *Mas eles já viram*. Será que acham que inventamos aqueles cães que atacaram no Baile da Neve do ano passado? Eles acham que Elena foi morta por uma fantasia?

— Já estão se esquecendo — respondeu Meredith com brandura. — Você mesma previu. A vida voltou ao normal e todo mundo em Fell's Church se sente mais seguro assim. Todos acham que acordaram de um pesadelo, e a última coisa que querem é entrar nele de novo.

Bonnie se limitou a balançar a cabeça.

— Então é mais fácil acreditar que um bando de adolescentes se desesperou brincando com uma tábua Ouija, e que quando a luz voltou entraram em pânico e fugiram. Mas uma delas ficou tão apavorada e confusa que se atirou correndo por uma janela.

— Eu queria que Alaric estivesse aqui — disse Meredith depois de um instante de silêncio.

Normalmente, Bonnie teria lhe dado um cutucão nas costelas e dito, "E *eu* também", numa voz meio depravada. Alaric era um dos caras mais bonitos que ela já vira na vida, mesmo que tivesse apenas 22 anos de idade. Agora, ela só deu um apertão desconsolado no braço de Meredith.

— Não dá para você ligar para ele?

— Na Rússia? Nem sei *onde* ele está na Rússia.

Bonnie mordeu o lábio.

Depois elas se sentaram eretas. Meredith entrava na Lee Street, e no estacionamento da escola elas podiam ver uma multidão.

Ela e Meredith trocaram olhares e Meredith assentiu.

— A gente pode tentar — disse ela. — Vamos ver se eles são mais inteligentes do que os pais.

Bonnie podia ver os rostos assustados virando-se enquanto o carro manobrava lentamente pelo estacionamento. Quando ela e Meredith saíram, as pessoas recuaram, abrindo caminho para as duas até o meio do grupo.

Caroline estava ali, segurando os cotovelos com as mãos e balançando o cabelo castanho-arruivado, distraidamente.

— Só vamos dormir naquela casa de novo depois que for reformada — dizia ela, tremendo em seu suéter branco. — Papai disse que vamos ficar num apartamento em Heron até que tenham acabado.

— Que diferença isso faz? Ele pode seguir você até Heron, eu sei disso — disse Meredith.

Caroline se virou, mas os olhos verdes de gata não encontraram os de Meredith.

— Quem? — disse ela, vagamente.

— Ah, Caroline, você também não! — Bonnie explodiu.

— Eu só quero ir embora daqui — disse Caroline. Seus olhos se ergueram e por um instante Bonnie viu que ela estava apavorada. — Não aguento mais. — Como se tivesse de provar o que dizia naquele minuto, ela abriu caminho aos empurrões pela multidão.

— Deixe Caroline ir, Bonnie — disse Meredith. — É inútil.

— *Ela* é inútil — disse Bonnie, furiosa. Se Caroline, que *sabia*, agia daquela maneira, o que dizer do resto das pessoas?

Ela viu a resposta em cada expressão que a cercava. Todo mundo parecia assustado, apavorado, como se Bonnie e Meredith tivessem levado uma doença medonha a todos. Como se ela e Meredith fossem o problema.

— Não acredito nisso — murmurou Bonnie.

— Eu também não acredito — disse Deanna Kennedy, amiga da Sue. Estava na frente da multidão e não parecia tão inquieta como os outros. — Conversei com Sue ontem à tarde e ela estava tão feliz. Ela *não pode* estar morta. — Deanna começou a chorar. O namorado a abraçou e várias outras meninas começaram a chorar também. Os meninos na multidão pareciam inquietos, uma expressão rígida em cada rosto.

Bonnie sentiu uma pequena onda de esperança.

— E ela não será a única a morrer — acrescentou. — Elena nos disse que toda a cidade corre perigo. Elena disse... — Contra sua própria vontade, Bonnie ouviu sua voz falhar. Podia ver, pelo modo como a olharam quando falou no nome de Elena. Meredith tinha razão; eles deixaram para trás tudo o que aconteceu no inverno anterior. Não acreditavam mais.

— Qual é o *problema* de vocês todos? — disse ela, desamparada, querendo bater em alguma coisa. — Não podem realmente achar que Sue se atirou daquela sacada!

— As pessoas estão dizendo... — O namorado de Deanna começou e deu de ombros, na defensiva. — Bom... vocês contaram à polícia que Vickie Bennett estava no quarto, né? E agora ela está mal de novo. E só um pouquinho antes vocês ouviram Sue gritar, "Não, Vickie, não!", não foi?

Parecia a Bonnie que o ar tinha sido arrancado dela.

— Acham que *Vickie*... ah, meu Deus, o que deu em vocês? Escutem aqui. Alguma coisa pegou minha mão naquela casa, e *não era* Vickie. E Vickie não atirou Sue da sacada.

— Ela nem tem força para tanto, para começar — disse Meredith. — Ela pesa no máximo uns 43 quilos.

— Vickie tinha histórico de doença mental...

Alguém do fundo da multidão murmurou sobre pacientes psiquiátricos terem poderes sobre-humanos.

— Elena nos disse que foi um homem! — Bonnie quase gritou, perdendo a batalha com o autocontrole. As expressões que se viraram para ela eram sérias e inflexíveis. Depois ela viu um rosto que fez seu peito relaxar. — Matt! Diga a eles que você acredita na gente.

Matt Honeycutt estava parado na margem com as mãos nos bolsos e a cabeça loura tombada. Agora levantou a cabeça, e o que Bonnie viu em seus olhos azuis lhe tirou o fôlego. Não eram duros nem severos como os dos outros, mas estavam cheios de um desespero que era igualmente ruim. Ele deu de ombros sem tirar as mãos dos bolsos.

— Por mais estranho que pareça, eu acredito em vocês — disse ele. — Mas que diferença faz? Vai dar no mesmo, de qualquer maneira.

Era algo inédito em sua vida, mas Bonnie ficou sem fala. Matt andava perturbado desde que Elena morreu, mas isto...

— Então ele acredita — dizia Meredith, tirando proveito do momento. — Agora, o que temos de fazer para convencer vocês todos?

— Incorporar o Elvis pra gente, talvez — disse uma voz que de imediato fez o sangue de Bonnie ferver. Tyler. Tyler Smallwood. Arreganhando os dentes brancos e fortes feito um macaco, vestindo seu caríssimo suéter Perry Ellis. — Não é tão bom quanto psicografar a mensagem de uma Rainha do Baile morta, mas dá pro gasto — acrescentou.

Matt sempre dizia que aquele sorriso pedia um murro no nariz. Mas Matt, o único cara no grupo grande o suficiente para enfrentar Tyler, fitava estupidamente o chão.

— Cala a boca, Tyler! Você não sabe o que aconteceu naquela casa — disse Bonnie.

— Bom, ao que parece, nem vocês. Se não estivessem escondidas na sala, teriam visto o que aconteceu. Então alguém poderia até acreditar em vocês.

A resposta de Bonnie morreu em sua língua. Ela encarou Tyler, chegou a abrir a boca, depois desistiu. Tyler esperou. Como Bonnie não respondeu, ele arreganhou os dentes de novo.

— Aposto toda a minha grana como foi Vickie — disse ele, piscando para Dick Carter, ex-namorado de Vickie. — Ela é uma garotinha forte, né, Dick? *Pode muito bem* ter feito isso. — Ele se virou e acrescentou deliberadamente por sobre o ombro. — Ou então aquele cara, o Salvatore, voltou à cidade.

— Seu nojento! — gritou Bonnie. Até Meredith gritou, inconformada. Afinal, à menção do nome de Stefan, é claro que se fez um pandemônio, exatamente como Tyler devia saber que aconteceria. Todo mundo se virava para a pessoa ao lado e comentava algo com alarme, pavor, excitação. Principalmente as meninas, que pareciam mais agitadas.

Mas isso deu um fim definitivo à reunião. Antes as pessoas já estavam se afastando disfarçadamente, agora se separaram em grupos de dois ou três, discutindo e partindo às pressas.

Bonnie os olhou com raiva.

— Imagine se tivessem acreditado em vocês. O que querem que eles façam? — disse Matt. Bonnie não havia percebido que ele estava atrás dela.

— Não sei. Qualquer coisa diferente de ficar parado esperando ser atacado. — Ela tentou olhar na cara dele. — Matt, você está bem?

— Não sei. Você está?

Bonnie pensou.

— Não. Quero dizer, de certo modo estou surpresa por estar tão bem, porque, quando Elena morreu, eu simplesmente não aguentei. Mesmo. Mas eu não era tão próxima de Sue, e além de tudo... Não sei! — Bonnie teve vontade de bater em alguma coisa de novo. — É simplesmente demais!

— Você está chateada.

— *É*, estou chateada. — De repente Bonnie compreendeu os sentimentos que a rondaram o dia todo. — Matar Sue não foi só errado, foi *cruel*. Verdadeiramente cruel. E quem fez isso não vai se safar. Isso seria... Se o mundo é assim, um lugar onde isso pode acontecer sem punição nenhuma... Se a verdade é essa... — Ela descobriu que não tinha como terminar.

— Então o quê? Não quer mais viver aqui? E se o mundo *for mesmo* assim?

Os olhos de Matt estavam tão perdidos, tão amargurados. Bonnie tremia. Mas disse com firmeza:

— Eu não vou *deixar* que fique assim. E nem você.

Ele simplesmente a olhou como se ela fosse uma criança insistindo que Papai Noel existia.

Meredith se manifestou.

— Se esperarmos que os outros nos levem a sério, é melhor que a gente se leve a sério. Elena *se comunicou* com a gente. Ela queria que fizéssemos alguma coisa. Agora, se vamos acreditar nisso, é melhor pensarmos no que significa.

A expressão de Matt se retorceu ao ouvir o nome de Elena. Coitado, ele ainda é apaixonado por ela, como sempre foi, pensou Bonnie. Será que existe alguma coisa que o faça esquecer?

— Vai nos ajudar, Matt? — disse Bonnie.

— Vou ajudar — disse Matt em voz baixa. — Mas ainda não sei o que vocês pretendem fazer.

— Vamos deter esse assassino psicopata antes que ele mate mais alguém — disse Bonnie. Era a primeira vez que percebia plenamente que era isso que pretendia fazer.

— Sozinhas? Porque vocês estão sozinhas, sabem disso.

— *Nós três* estamos sozinhos — Meredith o corrigiu. — Mas era o que Elena tentava nos dizer. Ela disse que tínhamos de fazer um feitiço de invocação para pedir ajuda.

— Um feitiço fácil, só dois ingredientes — Bonnie se lembrou do sonho. Estava ficando animada. — E ela disse que já havia dito quais eram os

ingredientes... só que não falou.

— Ontem à noite ela disse que havia influências perversas distorcendo a comunicação — disse Meredith. — Para mim, parece o que aconteceu no seu sonho. Acha que era realmente Elena que estava tomando chá com você?

— Acho — disse Bonnie, com segurança. — Quero dizer, sei que não estávamos realmente num chá qualquer em Warm Springs, mas acho que Elena mandava essa mensagem para meu cérebro. E aí, no meio do sonho, alguma coisa a possuiu e empurrou Elena para fora. Mas ela lutou, e por um minuto recuperou o controle no final.

— Tá bom. Então isso quer dizer que temos de nos concentrar no começo do sonho, quando ainda era Elena se comunicando com você. Mas se o que ela dizia já estava sendo distorcido por outras influências, talvez tenha saído estranho. Talvez não tenha sido uma coisa que ela disse, talvez seja alguma coisa que ela fez...

A mão de Bonnie voou até os cachos.

— Cabelo! — exclamou ela.

— O quê?

— Cabelo! Eu perguntei quem fazia o cabelo dela e conversamos sobre isso, e ela disse, "O cabelo é muito importante", e Meredith... Quando ela tentava nos falar dos ingredientes ontem à noite, a primeira letra de um deles era *C*!

— É isso mesmo! — Os olhos escuros de Meredith faiscavam. — Agora só temos de pensar no outro.

— Mas eu sei esse também! — O riso de Bonnie borbulhava, exuberante. — Ela me disse logo depois de falarmos de cabelo e achei que ela só estava estranha. Disse: "O sangue também é importante."

Meredith fechou os olhos, apreendendo tudo aquilo.

— E ontem à noite a tábua Ouija disse "sanguesanguesangue". Pensei que era a outra coisa nos ameaçando, mas não era — disse Meredith, e abriu os olhos. — Bonnie, acha que é isso mesmo? São esses os ingredientes, ou temos de começar a nos preocupar com lama, sanduíches de rato e chá?

— Os ingredientes são esses — disse Bonnie com firmeza. — São do tipo que faz sentido para um feitiço de invocação. Sei que posso achar um ritual que tenha a ver com eles nos meus livros de magia celta. Só temos que pensar na pessoa que vamos invocar... — Alguma coisa ocorreu-lhe, e a voz de Bonnie dissipou-se frente ao horror.

— Eu estava mesmo me perguntando quando é que você se tocaria — disse Matt, falando pela primeira vez por um bom tempo. — Vocês não sabem quem é, estou certo?

4

Meredith olhou com ar de ironia para Matt.

— Huum — ela murmurou. — Ora essa, quem você *acha* que Elena chamaria se estivesse com problemas?

O sorriso de Bonnie deu lugar a uma pontada de culpa pela expressão de Matt. Não era justo brincar com ele sobre isso.

— Elena disse que o assassino é forte demais para a gente e que é por isso que precisamos de ajuda — disse ela a Matt. — E só consigo pensar numa pessoa que Elena sabe que combateria esse assassino do além.

Lentamente, Matt assentiu. Bonnie não sabia o que ele sentia. Antigamente ele e Stefan eram amigos, mesmo depois de Elena preferir Stefan a Matt. Mas isso foi antes de Matt descobrir o que Stefan era e a violência que era capaz de cometer. Em sua fúria e tristeza pela morte de Elena, Stefan quase matou Tyler Smallwood e outros cinco caras. Poderia Matt esquecer isso? Poderia ele lidar com a volta de Stefan a Fell's Church?

Emoldurado pelo queixo quadrado, o rosto de Matt não revelava nada e Meredith falava novamente.

— Então só o que precisamos fazer é sangrar um pouco e cortar um pouco do cabelo. Não quer perder um ou dois cachos, Bonnie?

Bonnie estava tão distraída que quase deixou passar essa. Depois balançou a cabeça.

— Não, não, não. Não é do *nosso* sangue e do *nosso* cabelo que precisamos. Deve ser da pessoa que queremos invocar.

— Como é? Mas isso é ridículo. Se tivéssemos o sangue e o cabelo de *Stefan*, não íamos *precisar* invocá-lo, não é mesmo?

— Não tinha pensado nisso — admitiu Bonnie. — Em geral, em um feitiço de invocação, a gente consegue as coisas de antemão e usa quando

quer chamar a pessoa de volta. O que vamos fazer, Meredith? Isso é impossível.

As sobrancelhas de Meredith se uniram.

— Se fosse impossível, por que Elena pediria?

— Elena já pediu um monte de coisas impossíveis — disse Bonnie, sombria. — Não me olhe assim, Matt. Você sabe que eu tenho razão. Ela nunca foi santa.

— Talvez, mas esta não é impossível — disse Matt. — Sei de um lugar que teria o sangue do Stefan e, se tivermos sorte, um pouco do cabelo também. A cripta.

Bonnie se encolheu, mas Meredith simplesmente assentiu.

— Claro — disse ela. — Enquanto Stefan estava amarrado na cripta, deve ter deixado um rastro de sangue pelo lugar todo. E nesse tipo de luta ele pode ter perdido algum cabelo. Se tudo estiver lá, se ninguém mexeu...

— Não acho que alguém tenha descido até a cripta desde que Elena morreu — disse Matt. — A polícia investigou e depois deixou isso de lado. Mas só há uma maneira de descobrir.

Eu estava errada, pensou Bonnie. Estava preocupada se Matt poderia lidar com a volta de Stefan, e aqui está ele fazendo tudo o que pode para nos ajudar a invocá-lo.

— Matt, eu podia te dar um beijo! — disse ela.

Por um instante, uma coisa que ela não conseguiu identificar faiscou nos olhos de Matt. Surpresa, sem dúvida, mas havia mais do que isso. De repente, Bonnie se perguntou o que ele faria se ela o tivesse beijado *mesmo*.

— Todas dizem isso — respondeu ele calmamente, com um dar de ombros de falsa resignação. Era o mais próximo que ele chegaria de uma brincadeira o dia todo.

Meredith, porém, estava séria.

— Vamos. Temos muito a fazer e acredito que a última coisa que queremos é ficar presos numa cripta depois do anoitecer.

A cripta ficava embaixo da igreja em ruínas, que se destacava numa colina do cemitério. Era ainda final de tarde, havia muita luz, Bonnie ficava dizendo a si mesma enquanto eles subiam a colina. Mesmo assim ela teve arrepios. Já era bem ruim o cemitério moderno de um lado, mas o antigo cemitério, do outro lado, era completamente apavorante mesmo à luz do dia. Havia muitas lápides esfareladas tombando bizarramente na relva, representando os tantos jovens mortos na Guerra Civil. Não era preciso ser paranormal para sentir a presença deles.

— Espíritos inquietos — murmurou ela.

— Hein? — disse Meredith ao pisar numa pilha de entulho, que era uma parede da igreja em ruínas. — Olha, a tampa da tumba ainda está levantada. Isso é bom; não acredito que a gente conseguisse abrir.

Os olhos de Bonnie se demoraram com tristeza nas estátuas de mármore branco entalhadas na tampa deslocada. Honoria Fell estava deitada ali com o marido, as mãos cruzadas no peito, parecendo gentil e triste, como sempre. Mas Bonnie sabia que não haveria mais ajuda da parte dela. Acabaram-se os deveres de Honoria como protetora da cidade que fundou.

Deixou a peteca para Elena, pensou Bonnie de cara amarrada, olhando o buraco retangular que levava à cripta. A escada de ferro desaparecia na escuridão.

Mesmo com a ajuda da lanterna de Meredith, foi difícil descer ao subsolo. Lá, estava escuro e silencioso entre as paredes revestidas de pedra polida. Bonnie se esforçou para não tremer.

— Olha — disse Meredith, baixinho.

Matt tinha a lanterna apontada para o portão de ferro que separava a antessala da cripta de sua câmara principal. A pedra abaixo estava preta de sangue em vários lugares. Bonnie ficou tonta ao olhar as poças e regatos de sangue coagulado e seco.

— A gente sabe que Damon foi o que mais se feriu — disse Meredith, avançando. Ela parecia calma, mas Bonnie podia perceber o quanto controlava sua voz. — Então ele deve ter estado deste lado, onde tem mais

sangue. Stefan disse que Elena estava no meio. Isso quer dizer que o próprio Stefan devia estar... aqui. — Ela se curvou.

— Eu faço isso — disse Matt, num rosnado. — Você segura a lanterna. — Com uma faca plástica que estava no carro de Meredith, ele raspou a crosta na pedra. Bonnie engoliu em seco, feliz por só ter tomado chá no almoço. Em teoria, ela não tinha problemas com o sangue, mas quando se fica cara a cara de uma quantidade tão grande — em especial quando se tratava do sangue de um amigo que foi torturado...

Bonnie se virou, olhando as paredes de pedra e pensando em Katherine. Stefan e o irmão mais velho, Damon, eram apaixonados por Katherine na Florença do século XV. Mas o que eles não sabiam era que a garota que amavam não era humana. Um vampiro em sua aldeia na Alemanha a transformara para salvar-lhe a vida quando ela estava doente. Katherine, por sua vez, transformou os dois em vampiros.

Depois, pensou Bonnie, ela fingiu a própria morte para que Stefan e Damon parassem de brigar por ela. Mas não deu certo. Eles se odiaram mais do que nunca, e ela odiou os dois por *isso*. Ela voltou ao vampiro que a transformou e com o passar dos anos ficou tão cruel quanto ele. Até que, por fim, só o que queria era destruir os irmãos que um dia amou. Ela os atraiu a Fell's Church para matá-los, e foi nesta cripta que ela quase conseguiu. E Elena morreu para impedi-la.

— Pronto — disse Matt, e Bonnie piscou, voltando a si. Matt segurava um guardanapo de papel que agora tinha lascas de pedra com o sangue de Stefan incrustado. — Agora, o cabelo — disse ele.

Eles varreram o chão com os dedos, encontrando poeira, pedaços de folhas, fragmentos de coisas que Bonnie não queria identificar. Em meio aos detritos, havia fios de cabelo louro-dourado. De Elena — ou de Katherine, pensou Bonnie. Eram muito parecidos. Também havia fios de cabelo mais curto e escuro, encaracolados, com um leve ondulado. De Stefan.

Foi um trabalho lento e meticuloso separar tudo e colocar os fios certos em outro guardanapo. Matt fez a maior parte. Quando terminaram, todos

estavam cansados e a luz que entrava pela abertura retangular no alto era azul-escura. Mas Meredith sorriu com malícia.

— Conseguimos — disse ela. — Tyler quer Stefan de volta; bom, vamos *dar* isso a ele.

E Bonnie, que prestava pouca atenção ao que fazia, ainda perdida em pensamentos, ficou paralisada.

Estava pensando em coisas completamente diferentes que não tinham nada a ver com Tyler, mas ao ouvir o nome dele algo piscou em sua mente. Algo que ela percebeu no estacionamento e depois se esqueceu, no calor da discussão. As palavras de Meredith incitaram a lembrança e agora de repente tudo ficava claro. Como ele *sabia*?, perguntou-se ela, o coração disparado.

— Bonnie? Qual é o problema?

— Meredith — disse ela brandamente —, você disse especificamente à polícia que estávamos na sala quando tudo aconteceu no segundo andar com Sue?

— Não, acho que só disse que estávamos no térreo. Por quê?

— Por que eu também não contei. E Vickie não pode ter contado a eles, porque ela estava catatônica de novo, Sue estava morta e Caroline do lado de fora. *Mas Tyler sabia*. Lembra, ele disse: "Se vocês não estivessem escondidas na sala de estar, teriam visto o que aconteceu." Como ele sabia?

— Bonnie, se está sugerindo que Tyler era o assassino, não cola. Para começar, ele não tem inteligência para organizar um ataque homicida desse porte — disse Meredith.

— Mas tem outra coisa. Meredith, no ano passado, no Baile de Reencontro, Tyler me tocou no ombro. Nunca vou me esquecer disso. A mão dele era grande, carnuda, quente e úmida. — Bonnie tremeu ao se lembrar. — Igualzinha à mão que me tocou ontem à noite.

Mas Meredith balançava a cabeça e nem Matt parecia se convencer.

— Então Elena estava perdendo tempo ao nos pedir para trazer Stefan de volta — disse ele. — Eu podia cuidar de Tyler com alguns ganchos de direita.

— Pense bem, Bonnie — acrescentou Meredith. — Tyler tem o poder paranormal de mover uma tábua Ouija ou entrar em seus sonhos? Ele *tem*?

Não, ele não tinha. Do ponto de vista paranormal, Tyler era um fracasso tão grande quanto Caroline. Bonnie não podia negar isso. Mas também não podia negar sua intuição. Não fazia sentido, mas ainda achava que Tyler estivera na casa na noite anterior.

— É melhor a gente ir andando — disse Meredith. — Está escuro e seu pai vai ficar uma fera.

Todos ficaram em silêncio a caminho de casa. Bonnie ainda pensava em Tyler. Ao chegarem, levaram os guardanapos escondidos para cima e começaram a folhear os livros de druidas e magia celta de Bonnie. Desde que descobriu que descendia da antiga raça de magos, Bonnie se interessou pelos druidas. E em um dos livros encontrou um ritual para um feitiço de invocação.

— Precisamos comprar velas — disse ela. — E água pura... melhor que seja mineral — ela disse a Meredith. — Giz para desenhar um círculo no chão, e algo para fazer uma pequena fogueira. Posso achar essas coisas na casa. Não precisamos correr; o feitiço deve ser feito à meia-noite.

Ainda faltava muito para a meia-noite. Meredith comprou os artigos necessários no mercadinho e os levou. Jantaram com a família de Bonnie, embora nenhum deles estivesse com muito apetite. Às onze da noite, Bonnie já desenhara o círculo no piso de madeira de seu quarto e todos os outros ingredientes estavam num banquinho ao lado do círculo. Precisamente à meia-noite, ela começou.

Matt e Meredith viram Bonnie acender um fogo pequeno numa tigela de cerâmica. Três velas ardiam atrás da tigela; ela enfiou um alfinete até a metade em uma, bem no meio. Depois abriu um guardanapo e com cuidado agitou as amostras de sangue seco em uma taça com água. Esta adquiriu um tom de cor-de-rosa sujo.

Bonnie abriu o outro guardanapo. Três fios de cabelo escuro foram para o fogo, chamuscando com um cheiro horrível. Depois, foram três gotas da água manchada, que sibilaram.

Os olhos de Bonnie foram para as palavras no livro aberto.

Vindes ligeiro à colina,
Três vezes meu feitiço vos invoca,
Três vezes meu fogo vos perturba.
Vinde a mim sem demora.

Ela leu as palavras em voz alta, lentamente, três vezes. Depois se sentou sobre os calcanhares. O fogo continuava ardendo, fumarento.

A chama das velas dançou.

— E agora? — disse Matt.

— Não sei. Aqui só diz para esperar que a vela do meio queime até o alfinete.

— E depois?

— Acho que vamos descobrir quando acontecer.

Em Florença, amanhecia.

Stefan olhava a garota descer a escada, a mão pousada de leve no corrimão para manter o equilíbrio. Os movimentos eram lentos e um tanto oníricos, como se ela flutuasse.

De repente, ela oscilou e se agarrou com mais força ao corrimão. Stefan foi rapidamente para trás da menina e pôs a mão sob seu cotovelo.

— Você está bem?

Ela o olhou com o mesmo ar sonhador. Era muito bonita. As roupas caras eram da última moda e seu cabelo era louro, de um desgrenhado moderno. Uma turista. Ele sabia que era americana antes mesmo de ela falar.

— Sim... acho que sim... — Seus olhos castanhos não tinham foco.

— Tem como ir para casa? Onde está hospedada?

— Na Via dei Conti, perto da Capela Medici. Estou com os Gonzaga, no programa de Florença.

Droga! Então não era turista; era estudante. E isso significava que levaria esta história com ela, contando às colegas de turma sobre o italiano lindo

que conheceu na noite passada. Aquele com olhos escuros como a noite. Que a levou a sua casa exclusiva na Via Tornabuoni e bebeu vinho com ela, jantou com ela e depois, à luz da lua, talvez, no quarto dele ou no pátio cercado, aproximou-se para olhar nos olhos dela e...

O olhar de Stefan se desviou do pescoço da menina, que tinha duas feridas avermelhadas de perfuração. Ele via marcas assim com demasiada frequência — como ainda tinham o poder de perturbá-lo? Mas tinham; deixavam-no nauseado e provocavam um ardor lento em suas entranhas.

— Qual é o seu nome?

— Rachael. Com *a*. — Ela soletrou.

— Muito bem, Rachael. Olhe para mim. Vai voltar a sua *pensione* e não vai se lembrar de nada da noite passada. Não sabe onde esteve nem quem viu. E você também nunca viu *a mim*. Repita.

— Eu não me lembro de nada da noite passada — disse ela, obediente, os olhos fixos nos dele. Os Poderes de Stefan não eram tão fortes como seriam se ele bebesse sangue humano, mas bastavam para isso. — Não sei onde estive nem quem eu vi. Eu não vi você.

— Muito bom. Tem dinheiro para voltar? Tome. — Stefan pegou no bolso um punhado de notas amassadas e a levou para fora.

Quando ela estava segura num táxi, ele voltou para dentro e seguiu direito para o quarto de Damon.

Damon estava recostado perto da janela, descascando uma laranja, e ainda nem estava vestido. Levantou a cabeça, irritado, quando Stefan entrou.

— Costuma-se bater — disse ele.

— Onde a conheceu? — perguntou Stefan. Depois, quando Damon voltou um olhar inexpressivo para ele: — Aquela garota. Rachael.

— Era esse o nome dela? Acho que não me dei ao trabalho de perguntar. No Bar Gilli. Ou talvez no Bar Mario. Por quê?

Stefan se esforçou para reprimir a raiva.

— Não foi a única coisa que não se deu ao trabalho de fazer. Também não se deu ao trabalho de influenciá-la a esquecer você. *Quer* ser apanhado, Damon?

Os lábios de Damon se curvaram num sorriso e ele girou uma casca de laranja torcida.

— Eu *nunca* sou apanhado, irmãozinho — disse ele.

— E o que vai fazer quando procurarem por você? Quando alguém perceber, "Meu Deus, tem um monstro chupador de sangue na Via Tornabuoni"? Matar todo mundo? Esperar até que arrebentem a porta da frente e então se misturar no escuro?

Damon o olhou nos olhos, de um jeito desafiador, aquele leve sorriso ainda em seus lábios.

— E por que não? — disse ele.

— Mas que *droga*! — disse Stefan. — Escute aqui, Damon. Isso tem que parar.

— É comovente a sua preocupação com a minha segurança.

— Não é justo, Damon. Pegar uma menina relutante como aquela...

— Ah, ela não relutou, meu irmão. Ela estava muito, mas muito disposta.

— E você disse a ela o que ia fazer? Avisou sobre as consequências de trocar sangue com um vampiro? Os pesadelos, as alucinações? Ela estava disposta a passar por *isso*? — Damon claramente não ia responder, então ele continuou. — Você sabe que está errado.

— Na realidade, sim. Eu sei. — Damon deu um de seus súbitos sorrisos enervantes, abrindo e fechando a boca instantaneamente.

— E não se importa — disse Stefan, desanimado, virando o rosto.

Damon jogou a laranja fora. O tom de sua voz era suave e convincente:

— Meu irmão mais novo, o mundo está cheio do que você chama de "erro" — disse ele. — Por que não relaxa e se une aos vencedores? É muito mais divertido, posso lhe garantir.

Stefan sentiu-se arder de raiva.

— Como pode sequer dizer isso? — ele rebateu. — Não aprendeu nada com Katherine? *Ela* escolheu o lado dos "vencedores".

— Katherine morreu rápido demais — disse Damon. Ele sorria novamente, mas seu olhar era gélido.

— E ainda agora você só consegue pensar em vingança. — Olhando o irmão, Stefan sentiu um peso esmagador se assentar no peito. — Nisso e em seu próprio prazer — disse ele.

— E existe mais alguma coisa? Apenas o prazer é real, meu irmãozinho... O prazer e o poder. E você é um caçador por natureza, tanto quanto eu — disse Damon. E acrescentou: — Aliás, não me lembro de ter convidado você a vir para Florença comigo. Se não está se divertindo, por que não vai embora?

O peso no peito de Stefan de repente ficou ainda maior, insuportável. Mas seu olhar, fixo no de Damon, não hesitou.

— Você sabe por quê — disse ele em voz baixa. E por fim teve a satisfação de ver os olhos de Damon baixarem.

O próprio Stefan podia ouvir as palavras de Elena em sua mente. Naquele momento ela estava morrendo e sua voz era fraca, mas ele a ouvia com clareza. *Vocês precisam cuidar um do outro. Stefan, você promete? Promete que vão cuidar um do outro?* E ele prometeu, e cumpriria com sua palavra. Independentemente de qualquer coisa.

— Sabe por que não vou embora — disse ele novamente a Damon, que não olhava mais para ele. — Pode fingir que não se importa. Pode enganar o mundo todo. Mas *eu* sei que não é assim. — A essa altura, teria sido mais gentil deixar Damon em paz, mas Stefan não estava com humor para gentilezas. — Sabe a garota que você pegou, a Rachael? — acrescentou ele. — O cabelo era igual, mas a cor dos olhos era outra. Os olhos de Elena eram azuis.

Com isso ele se virou, pretendendo deixar Damon ali, para que ele pudesse pensar no assunto — se Damon fosse realmente capaz de fazer algo tão introspectivo, é claro. Mas ele nunca sequer chegou à porta.

— Pronto! — disse Meredith rispidamente, os olhos na chama da vela e no alfinete.

Bonnie respirou fundo. Abria-se diante dela algo parecido com um fio de prata, um túnel prateado de comunicação. Ela corria por ele, sem ter

como parar nem verificar a velocidade. Ah, meu Deus, pensou ela, quando eu chegar no fim e bater...

O clarão na cabeça de Stefan não teve som ou luz, mas era poderoso como um trovão. Ao mesmo tempo, ele sentiu um puxão violento e arrebatador. Um impulso de seguir... alguma coisa. Este não era um chamado subliminar e dissimulado de Katherine para ir a um lugar; era um grito sobrenatural. Uma ordem que não podia ser contrariada.

Dentro do clarão ele sentiu uma presença, mas não acreditava em quem era.

Bonnie?

Stefan! É você! Funcionou!

Bonnie, o que você fez?

Elena me disse para fazer. É sério, Stefan, ela disse mesmo. Estamos com problemas e precisamos...

E acabou. A comunicação entrou em colapso, desmoronando em si mesma e extinguindo-se por fim. Foi-se, e em sua esteira o quarto vibrava de Poder.

Stefan e o irmão ficaram ali, olhando um para o outro.

Bonnie soltou a respiração que não percebera que prendia e abriu os olhos, mas não se lembrava de tê-los fechado. Estava deitada de costas. Matt e Meredith estavam agachados por cima dela, assustados.

— O que houve? Deu certo? — perguntou Meredith.

— Deu. — Ela deixou que a ajudassem a se levantar. — Fiz contato com Stefan. Falei com ele. Agora só o que podemos fazer é esperar e ver se ele virá ou não.

— Você falou em Elena? — perguntou Matt.

— Falei.

— Então ele virá.

5

Segunda-feira, 8 de junho, 23h15

Querido Diário,

Parece que não estou com sono esta noite, então posso muito bem escrever. Esperei o dia todo que alguma coisa acontecesse. Não se faz um feitiço como aquele, que funcionou daquele jeito, sem que nada aconteça depois.

Mas não aconteceu nada. Não fui à escola porque minha mãe achou melhor eu ficar em casa. Ela estava aborrecida por Matt e Meredith terem ficado até tão tarde no domingo à noite e disse que eu precisava descansar. Mas sempre que me deito, vejo o rosto de Sue.

O pai de Sue fez o discurso fúnebre para Elena. E quem vai fazer isso para Sue na quarta-feira?

Preciso parar de pensar nisso.

Talvez eu tente dormir de novo. Talvez, se me deitar com os fones no ouvido, eu não veja a Sue.

Bonnie colocou o diário na gaveta da mesa de cabeceira e pegou o walkman. Trocou as estações enquanto encarava o teto com um olhar pesado. Através dos estalos da estática, uma voz de DJ soou em seu ouvido.

"E aqui está uma pérola para todos os fãs dos incríveis anos 1950. 'Goodnight Sweetheart', dos Spaniels, pelo selo Vee Jay..."

Bonnie se deixou levar pela música.

O ice cream soda era de morango, o preferido de Bonnie. A jukebox tocava "Goodnight Sweetheart" e o balcão brilhava de tão limpo. Mas Elena,

concluiu Bonnie, nunca usaria uma saia poodle.

"Poodles, não", disse ela, gesticulando para a saia. Elena desviou os olhos do sorvete com calda. O cabelo louro estava num rabo de cavalo. "Mas quem pensa nessas coisas?", perguntou Bonnie.

"Você, sua boba. Eu só estou de visita."

"Ah." Bonnie pegou uma colherada de sorvete. Os sonhos. Havia um motivo para ter medo dos sonhos, mas agora ela não conseguia se lembrar qual era.

"Não posso ficar muito tempo", disse Elena. "Acho que ele já sabe que estou aqui. Só vim para dizer..." Ela franziu o cenho.

Bonnie olhou para ela, solidária.

"Não consegue se lembrar também?" Ela tomou mais sorvete. Tinha um gosto estranho.

"Eu morri nova demais, Bonnie. Havia tanta coisa que eu devia fazer, tanto a realizar. E agora preciso ajudar você."

"Obrigada", disse Bonnie.

"Isso não é fácil. Não tenho tanto poder assim. É difícil atravessar e é difícil controlar tudo."

"Controlar tudo", assentiu Bonnie. Estava estranhamente tonta. O que havia naquele sorvete?

"Não tenho muito controle e as coisas ficam meio estranhas. Acho que é ele que está fazendo isso. Ele sempre está lutando comigo. Ele observa você. E sempre que tentamos nos comunicar, ele aparece."

"Tá legal." A sala flutuava.

"Bonnie, está me ouvindo? Ele pode usar seu medo contra você. É assim que ele age."

"Tá legal..."

"Mas *não o deixe entrar*. Diga isso a todos. E diga a Stefan..." Elena parou e pôs a mão na boca. Algo caiu no sorvete com calda.

Era um dente.

"Ele está aqui." A voz de Elena agora era estranha e indistinta. Bonnie olhou o dente com pavor, hipnotizada. Estava no meio do creme batido, com

as amêndoas fatiadas. “Bonnie, diga a Stefan...”

Outro dente caiu, e mais um. Elena gemeu, agora com as duas mãos na boca. Seus olhos estavam apavorados e indefesos.

“Bonnie, não vá...”

Mas Bonnie recuava. Tudo ali girava. O sorvete borbulhava na taça, e não era mais sorvete; era sangue. Vermelho-vivo e espumante, do tipo que antecede a morte. O estômago de Bonnie revirou.

“Diga a Stefan que eu o amo!” Era a voz de uma velha desdentada e terminou num choro lamentoso. Bonnie ficou feliz por entrar na escuridão e se esquecer de tudo.

Bonnie roía a ponta da caneta, os olhos no relógio, a mente no calendário. Tinha de sobreviver a mais oito dias e meio de aulas. E parecia que cada minuto seria um novo sofrimento.

Um colega deixou isso muito claro, afastando-se dela na escada.

— Sem ofensas, mas é que seus amigos acabam mortos. — Bonnie foi para o banheiro e chorou.

Tudo o que ela queria agora era sair da escola, ficar longe de todos os rostos tristes e olhares acusadores — ou pior, daqueles que sentiam *pena*. O diretor fez um discurso no auditório sobre “esta nova tragédia” e “esta perda terrível”, e Bonnie sentiu cada olhar fulminante em sua nuca.

Quando a sineta tocou, ela foi a primeira a sair pela porta. Mas, em vez de ir para a aula seguinte, foi de novo ao banheiro, onde esperou pela sineta seguinte. Depois, quando os corredores estavam vazios, Bonnie correu para a ala de línguas estrangeiras. Passou por boletins e cartazes de eventos de fim de ano sem olhar para eles. O que importavam as notas, o que importava a formatura, o que importava qualquer coisa? Todos poderiam estar mortos no fim do mês.

Ela quase esbarrou na pessoa parada no corredor. Sua cabeça se levantou de repente, vendo docksides surrados da moda, talvez importados. Acima deles um par de jeans, envolvendo o corpo, velho o bastante para parecer confortável sobre músculos rijos. Quadris estreitos. Peitoral definido. Um

rosto de encantar qualquer escultor; boca sensual, maçãs do rosto proeminentes. Óculos escuros. Cabelo preto ligeiramente bagunçado. Bonnie ficou boquiaberta por um instante.

Ah, meu Deus, eu esqueci como ele é lindo, pensou ela. Elena, me perdoe; eu vou agarrar esse cara.

— Stefan! — disse ela.

Depois sua mente voltou à realidade e ela olhou em volta, com medo. Ninguém à vista. Bonnie pegou o braço dele.

— O que deu em você para aparecer aqui?

— Eu tinha de encontrá-la. Pensei que fosse urgente.

— É, mas... — Era tão incongruente, Stefan parado ali no corredor da escola. Tão exótico. Como uma zebra num rebanho de ovelhas. Ela começou a empurrá-lo em direção ao armário de vassouras.

Ele não cedeu. Era mais forte do que ela.

— Bonnie, você disse que falou com...

— Você precisa se esconder! Vou trazer Matt e Meredith aqui, e aí a gente pode conversar. Mas se alguém o vir perambulando pela escola, você pode ser linchado. Houve outro assassinato.

A expressão de Stefan mudou e ele deixou que Bonnie o empurrasse para o armário. Ele ia dizer alguma coisa, depois desistiu.

— Vou esperar — respondeu simplesmente.

Bonnie só precisou de alguns minutos para encontrar Matt na aula de mecânica e Meredith na de economia. Eles correram para o armário de vassouras e levaram Stefan para fora da escola o mais disfarçadamente possível, o que não deu muito certo.

Alguém deve ter nos visto, pensou Bonnie. Tudo depende de *quem* e do quanto gosta de fofocar.

— Temos que levá-lo a um lugar seguro... que não seja a casa de algum de nós — dizia Meredith. Todos atravessavam o mais rápido possível o estacionamento da escola.

— Tudo bem, mas *onde*? Peraí, e o pensionato...? — A voz de Bonnie falhou. Havia um carrinho preto na vaga diante dela. Um carro italiano,

polido, sofisticado, curvilíneo. Todas as janelas eram ilegalmente escuras; não se podia ver nada em seu interior. Depois Bonnie distinguiu o logo do cavalo na traseira.

— Ah, meu *Deus.*

Stefan olhou a Ferrari, distraído.

— É de Damon.

Três pares de olhos se viraram chocados para ele.

— *De Damon?* — disse Bonnie, ouvindo a estridência da própria voz. Ela esperava que Stefan tivesse dito que Damon tinha emprestado a ele.

Mas o vidro do carro deslizou para baixo, revelando cabelos pretos tão brilhantes e uniformes quanto a pintura do carro, óculos espelhados e um sorriso muito branco.

— *Buon giorno* — disse Damon, suavemente. — Alguém quer uma carona?

— Ah, meu Deus — disse Bonnie de novo, sentindo-se fraca. Mas não recuou.

Stefan estava visivelmente impaciente.

— Vamos para o pensionato. Você nos segue. Estacione atrás do celeiro para que ninguém veja seu carro.

Meredith teve de arrastar Bonnie para longe da Ferrari. Não porque Bonnie ainda gostasse de Damon ou pudesse deixar que ele a beijasse de novo, como fez na festa de Alaric. Ela sabia que ele era perigoso — não tão mau quanto Katherine, talvez, mas ainda assim mau. Ele matava só por diversão. Damon matara o sr. Tanner, o professor de história, na festa da Casa Mal-Assombrada, no Halloween passado. Podia matar de novo a qualquer momento. E talvez por isso Bonnie se sentisse como um camundongo diante de uma cobra preta e brilhante quando olhava para ele.

Na privacidade do carro de Meredith, Bonnie e a amiga trocaram olhares.

— Stefan não devia tê-lo trazido — disse Meredith.

— Talvez ele só tenha vindo — propôs Bonnie. Ela não achava que Damon fosse o tipo de pessoa que fosse *levado* a algum lugar.

— Por quê? Certamente não vai nos ajudar em nada. — Matt nem pareceu perceber a tensão no carro. Não dizia nada. Só olhava pelo para-brisa, perdido em si mesmo.

O céu estava nublando.

— Matt?

— Deixe ele em paz, Bonnie — disse Meredith.

Que maravilha, pensou Bonnie, a depressão caindo como um manto escuro sobre ela. Matt, Stefan e Damon, todos juntos, todos pensando em Elena.

Eles estacionaram atrás do antigo celeiro, perto do carro preto e rebaixado. Quando entraram, Stefan estava sozinho ali. Virou-se e Bonnie viu que ele tinha tirado os óculos. Um leve arrepio a tomou, eriçando levemente os pelos dos braços e da nuca. Stefan não era parecido com nenhum outro cara que ela tenha conhecido. Os olhos eram tão verdes; verdes como folhas de carvalho na primavera. Mas só que agora tinham olheiras.

Por um momento, eles ficaram sem jeito — os três parados de um lado, olhando Stefan, sem dizer nada. Ninguém parecia saber o que dizer.

Depois Meredith se aproximou dele e pegou sua mão.

— Você parece cansado — disse ela.

— Eu vim assim que pude. — Ele a envolveu num abraço breve e quase hesitante. Stefan nunca fez isso nos velhos tempos, pensou Bonnie. Antigamente ele era mais reservado.

Ela se aproximou para dar seu abraço também. A pele de Stefan era fria sob a camiseta e ela teve de se controlar para não tremer. Quando Bonnie recuou, os olhos estavam marejados. O que ela sentia, agora que Stefan Salvatore estava de volta a Fell's Church? Alívio? Tristeza pelas lembranças que ele trazia? Medo? Só o que ela podia dizer era que tinha vontade de chorar.

Stefan e Matt se olhavam. Lá vamos nós, pensou Bonnie. Era quase engraçado; a mesma expressão estampada nos dois rostos. Mágoa e cansaço,

ambos tentando não demonstrar. Independentemente do que acontecesse, Elena sempre estaria entre os dois.

Por fim, Matt estendeu a mão e Stefan a apertou. Os dois deram um passo para trás, parecendo satisfeitos por terem acabado com o momento desconfortável.

— Cadê o Damon? — questionou Meredith.

— Dando uma olhada por aí. Pensei que quisessem ter alguns minutos sem ele.

— Queremos algumas *décadas* sem ele — respondeu Bonnie antes que pudesse se reprimir.

— Não podemos confiar nele, Stefan — disse Meredith.

— Acho que está enganada — retorquiu Stefan em voz baixa. — Ele pode ser de grande ajuda, se resolver se dedicar.

— Enquanto não mata alguns moradores uma noite ou outra? — indagou Meredith, as sobrancelhas erguidas. — Não devia tê-lo trazido, Stefan.

— Mas ele não trouxe. — A voz veio de trás de Bonnie, de trás e assustadoramente próxima. Bonnie deu um salto e partiu instintivamente para cima de Matt, que a segurou pelo ombro.

Damon abriu um sorrisinho, erguendo só o canto da boca. Tirou os óculos de sol, mas os olhos não eram verdes. Eram pretos como os espaços entre as estrelas. Ele era quase mais bonito do que Stefan, pensou Bonnie desvairada, encontrando os dedos de Matt e se pendurando neles.

— Então agora ela é sua, não é? — perguntou Damon a Matt, despreocupadamente.

— Não — disse Matt, mas não soltou Bonnie.

— Stefan não trouxe você? — perguntou Meredith do outro lado. De todos, ela parecia a menos afetada por Damon. Não parecia ter medo, era menos suscetível a ele.

— Não — disse Damon, ainda olhando para Bonnie. Ele não se *virava* como os outros, pensou ela. Continuava olhando o que quisesse, independente de quem estivesse falando. — Você trouxe — disse ele.

— Eu? — Bonnie se encolheu um pouco, sem saber o que ele queria dizer.

— Você. Você fez o feitiço, não foi?

— O... — Ah, que *inferno*. Uma imagem surgiu na mente de Bonnie, de cabelos pretos em um guardanapo branco. Seus olhos foram para o cabelo de Damon, mais fino e mais liso do que os de Stefan, mas igualmente escuros. É óbvio que Matt cometeu um erro ao escolher os fios.

A voz de Stefan era impaciente.

— Você nos trouxe aqui, Bonnie. Nós viemos. O que há?

Todos se sentaram nos fardos de feno meio apodrecidos; todos exceto Damon, que continuou de pé. Stefan estava inclinado para a frente, as mãos nos joelhos, olhando para Bonnie.

— Você me disse... disse que Elena falou com você. — Houve uma pausa perceptível antes de ele pronunciar o nome. O rosto dele estava tenso de tanto controle.

— Sim. — Ela conseguiu abrir um sorriso para Stefan. — Eu tive um sonho, Stefan, um sonho muito estranho...

Ela contou sobre o sonho, e contou sobre o que aconteceu depois. Levou um longo tempo. Stefan ouvia atentamente, os olhos verdes faiscando a cada vez que ela falava em Elena. Quando Bonnie contou sobre como terminou a festa de Caroline e como encontraram o corpo de Sue no quintal, o rosto dele ficou ainda mais pálido, mas Stefan não disse nada.

— A polícia apareceu e disse que ela estava morta, mas nós já sabíamos — concluiu Bonnie. — E eles levaram Vickie... A coitada da Vickie estava delirando. Não nos deixaram falar com ela e a mãe dela desligou na nossa cara todas as vezes que ligamos. Algumas pessoas estão até dizendo que foi Vickie quem *fez* isso, o que é um absurdo. Mas não acreditariam que Elena falou com a gente, então não acreditariam em nada do que ela disse.

— E ela disse que foi "ele" — interrompeu Meredith. — Várias vezes. É um homem; alguém com muito poder sobrenatural.

— E foi um homem que pegou minha mão no corredor — disse Bonnie. Ela contou a Stefan sobre sua desconfiança de Tyler, mas, como Meredith

observou, Tyler não combinava com o restante da descrição. Ele não tinha cérebro, nem poder paranormal para ser o motivo da preocupação de Elena.

— E Caroline? — perguntou Stefan. — Ela pode ter visto alguma coisa?

— Ela estava na frente — disse Meredith. — Achou a porta e saiu enquanto todo mundo corria. Ouviu os gritos, mas estava assustada demais para voltar para dentro de casa. E, para ser sincera, eu não a culpo.

— Então ninguém viu realmente o que aconteceu, exceto Vickie.

— Exatamente. E Vickie não está falando. — Bonnie continuou a história de onde tinha parado. — Depois que percebemos que ninguém ia acreditar na gente, lembramos da mensagem de Elena sobre o feitiço de invocação. Deduzimos que devia ser você que ela queria invocar, porque ela achou que você podia fazer alguma coisa para ajudar. E então... você pode?

— Posso tentar — disse Stefan. Ele se levantou e se distanciou um pouco, dando as costas para o grupo. Ficou um tempo imóvel e em silêncio. Por fim, se virou e fitou Bonnie nos olhos. — Bonnie — disse ele, num tom baixo mas intenso —, em seus sonhos, você realmente falou com Elena cara a cara. Acha que se entrasse em transe poderia fazer isso de novo?

Bonnie teve certo medo do que viu nos olhos de Stefan. Fulgurava um verde-esmeralda em seu rosto pálido. De repente, era como se ela pudesse ver por trás da máscara de controle que ele usava. Por baixo havia tanta dor, tanto desejo — tanta intensidade que ela mal suportava olhar.

— Eu *podia*, talvez... mas Stefan...

— Então vamos fazer logo isso. Aqui mesmo, agora. E vamos ver se consegue me levar com você. — Aqueles olhos a hipnotizavam, não com um poder oculto, mas pela mera força da vontade de Stefan. Bonnie queria fazer isso por ele — ele a levava a ter esse desejo. Mas a lembrança do último sonho era intensa demais. Ela não poderia enfrentar aquele horror de novo; não *podia*.

— Stefan, isso é perigoso demais. Posso me abrir a qualquer coisa... E eu estou *com medo*. Se essa coisa se apoderar da minha mente, não sei o que pode acontecer. Eu *não posso*, Stefan. Por favor. Mesmo com uma tábua Ouija, eu o estaria convidando a aparecer.

Por um momento, ela pensou que ele ia tentar obrigá-la. Os lábios de Stefan se estreitaram numa linha obstinada e seus olhos brilharam ainda mais. Mas aos poucos o fogo morreu.

Bonnie sentiu o coração apertado.

— Stefan, desculpe — sussurrou ela.

— Vamos ter de fazer isso sozinhos — disse ele. A máscara estava de volta, mas seu sorriso parecia rígido, como se doesse. E então ele continuou com mais ânimo agora: — Primeiro temos de descobrir quem é o assassino e o que ele quer aqui. Só o que sabemos por enquanto é que algo maligno está de volta a Fell's Church.

— Mas *por quê*? — disse Bonnie. — Por que uma coisa maligna escolheu justamente esta cidade? Já não passamos por coisas demais?

— Parece uma coincidência estranha — replicou Meredith com algum humor. — Por que somos tão exclusivamente abençoados?

— Não é coincidência — disse Stefan. Ele se levantou e ergueu as mãos como se não tivesse certeza de como começar. — Existem alguns lugares na terra que são... diferentes — disse ele. — São cheios de energia sobrenatural, positiva ou negativa, boa ou má. Alguns sempre foram assim, como o Triângulo das Bermudas ou Salisbury Plain, o lugar onde construíram Stonehenge. Outros *ficam* assim, em especial onde foi derramado muito sangue. — Ele olhou para Bonnie.

— Espíritos inquietos — sussurrou ela.

— Sim. Houve uma batalha aqui, não houve?

— Na Guerra Civil — disse Matt. — Foi assim que a igreja do cemitério foi derrubada. Foi uma carnificina dos dois lados. Ninguém venceu, mas quase todo mundo que lutou foi morto. Os bosques estão cheios de túmulos.

— E a terra ficou ensopada de sangue. Um lugar como esse atrai poderes sobrenaturais. Atrai o mal. Por isso Katherine foi atraída a Fell's Church, antes de tudo. Eu também, quando vim aqui pela primeira vez.

— E agora outra coisa também foi atraída — disse Meredith, completamente séria pela primeira vez. — Mas como vamos combatê-lo?

— Primeiro temos de saber contra o que vamos lutar. Acho... — Mas antes que ele conseguisse terminar, ouviu-se um guincho e um raio de sol pálido e poeirento caiu nos fardos de feno. A porta do celeiro se abriu.

Todos ficaram tensos, na defensiva, prontos para pular e correr ou lutar. Mas a figura que empurrou a porta para trás com o cotovelo não era nada ameaçadora.

A sra. Flowers, a dona do pensionato, sorriu para eles, os olhinhos pretos enfeitados por rugas. Trazia uma bandeja.

— Achei que vocês podiam tomar alguma coisa enquanto conversam, crianças — disse ela num tom simpático.

Todos trocaram olhares desconcertados. Como a sra. Flowers sabia que eles estavam ali? E como podia ficar tão calma com isso?

— Sirvam-se — disse a sra. Flowers. — É suco de uva, feito de minhas próprias uvas Concord. — Ela pôs um copo de papel ao lado de Meredith, depois de Matt, em seguida de Bonnie. — E uns biscoitos de gengibre. Recém-assados. — Ela passou o prato em volta. Bonnie percebeu que ela não ofereceu nada a Stefan e Damon.

— Vocês dois podem ir para o sótão, se quiserem, e experimentar meu vinho de amora silvestre — disse-lhes ela com o que Bonnie podia jurar que era uma piscadela.

Stefan respirou fundo, cansado.

— Bem, olha, sra. Flowers...

— E seu antigo quarto está exatamente como você deixou. Ninguém subiu lá desde que você foi embora. Pode usar quando quiser; não vai me atrapalhar em nada.

Stefan ficou sem palavras.

— Bem... obrigado. Muito obrigado. Mas...

— Se estiver preocupado que eu conte alguma coisa a alguém, pode ficar sossegado. Não sou de falar demais. Nunca fui e nunca serei. Como está o suco de uva? — perguntou, virando-se de repente para Bonnie.

Bonnie tomou um gole apressado.

— Bom — disse ela, com sinceridade.

— Quando terminarem, joguem os copos na lixeira. Gosto das coisas sempre arrumadas. — A sra. Flowers lançou um olhar para o celeiro, sacudindo a cabeça e suspirando. — Que pena. Uma menina tão bonita. — Ela se virou para Stefan, os olhos de ônix penetrantes. — Desta vez você tem muito o que fazer, rapaz — disse ela e saiu, ainda sacudindo a cabeça.

— Ora essa! — disse Bonnie, olhando para ela, admirada. Todos os outros se olharam com o mesmo pasmo.

— "Uma menina tão bonita"... mas qual? — disse Meredith, por fim. — Sue ou Elena? — Ela passou uma semana mais ou menos neste mesmo celeiro no inverno passado; mas a sra. Flowers não devia saber disso. — Você *contou* alguma coisa a ela sobre a gente? — Meredith perguntou a Damon.

— Nem uma palavra. — Damon parecia se divertir. — Ela é velha, não presta atenção nas coisas.

— Ela é mais esperta do que qualquer um de nós pensa — disse Matt. — Quando lembro dos dias que passamos vendo-a cuidar de seus potes no porão... Acha que ela *sabia* que estávamos vigiando?

— Não sei o que pensar — disse Stefan devagar. — Só fico feliz por ela parecer estar do nosso lado. E ter nos dado um lugar seguro para ficar.

— E suco de uva, não se esqueça disso. — Matt sorriu para Stefan. — Quer um pouco? — Ele ofereceu o copo vazio.

— Tá, pode pegar seu suco de uva e... — mas Stefan estava quase sorrindo. Por um instante Bonnie viu os dois como eram antigamente, antes de Elena morrer. Amistosos, cordiais, tão à vontade juntos como Meredith e ela própria. Bonnie foi tomada por uma agonia.

Mas Elena não está morta, pensou ela. Está mais presente do que nunca. Está orientando tudo o que dizemos e fazemos.

Stefan voltou a falar, sério agora.

— Quando a sra. Flowers entrou, eu estava prestes a dizer que deveríamos começar logo. E acho que temos que começar pela Vickie.

— Ela não vai nos receber — respondeu Meredith de pronto. — Os pais dela mantêm todo mundo a distância.

— Então vamos ter que nos desviar dos pais dela — disse Stefan. — Você vem conosco, Damon?

— Uma visita a outra menina bonita? Não perderia por nada.

Bonnie olhou alarmada para Stefan, mas ele falou num tom tranquilizador enquanto a guiava para fora do celeiro:

— Vai dar tudo certo. Ficarei de olho nele.

Bonnie esperava que ele conseguisse.

6

A casa de Vickie ficava numa esquina e eles se aproximavam pela transversal. Mas agora o céu se enchia de nuvens roxas e pesadas. A luz era fraca, como se estivessem debaixo d'água.

— Parece que vem um temporal — disse Matt.

Bonnie olhou para Damon. Nem ele nem Stefan gostavam da luz forte. E ela podia sentir o Poder emanando dele, como um tamborilar baixo sob a pele. Damon sorriu sem olhar para ela e disse:

— O que acha de neve no verão?

Bonnie se encolheu com um tremor.

Ela reparara em Damon uma ou duas vezes no celeiro e achou que ele ouvia a história com um ar de indiferença distante. Ao contrário de Stefan, a expressão de Damon não se alterara nem um pouco quando mencionou Elena — ou quando falou da morte de Sue. O que ele sentia realmente por Elena? Ele uma vez invocou uma nevasca e a deixou para congelar ali. O que ele sentia agora? Será que queria pegar o assassino?

— Este é o quarto de Vickie — disse Meredith. — A janela fica nos fundos.

Stefan olhou para Damon.

— Quantas pessoas na casa?

— Duas. Homem e mulher. A mulher está bêbada.

Coitada da sra. Bennett, pensou Bonnie.

— Preciso que os dois durmam — disse Stefan.

Contra a própria vontade, Bonnie ficou fascinada com a onda de Poder que sentiu emanar de Damon. A capacidade paranormal dela nunca fora forte o bastante para sentir essa essência bruta, mas agora sim. Agora ela

podia sentir o poder com a mesma clareza com que podia ver a luz violeta escurecendo ou sentir o cheiro de madressilva na frente da janela de Vickie.

Damon deu de ombros.

— Estão dormindo.

Stefan bateu de leve no vidro.

Não houve resposta, ou pelo menos nenhuma que Bonnie pudesse ter percebido. Mas Stefan e Damon se olharam.

— Ela já está meio em transe — disse Damon.

— Ela tem medo. Eu farei isso; ela me conhece — disse Stefan. Ele pôs a ponta dos dedos na janela. — Vickie, é Stefan Salvatore — disse ele. — Estou aqui para ajudá-la. Deixe-me entrar.

Sua voz era tão baixa que não poderia ser ouvida do outro lado do vidro. Mas depois de um instante as cortinas se agitaram e apareceu um rosto.

Bonnie arfou alto.

O cabelo castanho-claro e comprido de Vickie estava despenteado e a pele parecia de giz. Tinha olheiras enormes. Seus olhos eram fixos e vidrados. Os lábios ásperos e rachados.

— Parece que ela está vestida para a cena de loucura de Ofélia — disse Meredith à meia-voz. — De camisola e tudo.

— Ela parece *possuída* — sussurrou Bonnie, nervosa.

— Vickie, abra a janela — disse Stefan simplesmente.

Mecanicamente, como uma boneca de corda, Vickie abriu um pouco um dos painéis laterais da janela e Stefan perguntou:

— Posso entrar?

Os olhos vidrados de Vickie percorreram o grupo do lado de fora. Por um momento, Bonnie achou que ela não reconhecia nenhum deles. Mas depois Vickie piscou e disse devagar:

— Meredith... Bonnie... Stefan? Você voltou. O que estão fazendo aqui?

— Convide-me a entrar, Vickie. — A voz de Stefan era hipnótica.

— Stefan... — Houve uma longa pausa, e depois: — Entre.

Ela recuou um passo enquanto ele colocava a mão no peitoril e saltava pela janela. Matt o seguiu, depois Meredith. Bonnie, que estava de minissaia,

continuou do lado de fora com Damon. Deveria ter ido de jeans à escola hoje, mas não sabia que ia sair numa expedição.

— Não devia estar aqui — disse Vickie a Stefan, quase com calma. — Ele vem me pegar. E vai pegar você também.

Meredith a abraçou. Stefan disse simplesmente:

— Quem?

— Ele. Ele vem a mim em sonhos. Ele matou Sue. — O tom categórico de Vickie era mais assustador do que qualquer escândalo que pudesse fazer.

— Vickie, estamos aqui para ajudar — disse Meredith com gentileza. — Agora tudo vai ficar bem. Não vamos deixar que ele machuque você, eu prometo.

Vickie girou o corpo para fitar Meredith. Olhou-a de cima a baixo como se Meredith de repente tivesse se transformado numa coisa inacreditável. Depois começou a rir.

Foi uma gargalhada medonha e rouca, como uma tosse seca. Continuou até que Bonnie teve de cobrir as orelhas. Por fim, Stefan disse:

— Vickie, pare com isso.

O riso se transformou no que pareciam soluços e Vickie parecia menos vidrada e mais genuinamente perturbada quando voltou a levantar a cabeça.

— Todos vocês vão morrer, Stefan — disse ela, balançando a cabeça. — Ninguém pode lutar com ele e continuar vivo.

— Precisamos saber sobre ele para que *possamos* lutar com ele. Precisamos de sua ajuda — pediu Stefan. — Diga como ele é.

— Não consigo vê-lo em meus sonhos. Ele é só uma sombra sem rosto. — Vickie sussurrava, os ombros arriados.

— Mas você o viu na casa de Caroline — disse Stefan, insistente. — Vickie, escute — acrescentou ele enquanto a menina se virava bruscamente. — Sei que está assustada, mas isto é importante, mais importante do que pode compreender. Não podemos combatê-lo se não soubermos o que estamos enfrentando, e você é a única, a *única* pessoa que tem as informações de que precisamos. Tem que nos ajudar.

— Não consigo *me lembrar*...

A voz de Stefan era implacável.

— Sei como ajudá-la a se lembrar — disse ele. — Posso tentar?

Os segundos se arrastaram, depois Vickie soltou um suspiro longo e entrecortado, arriando o corpo.

— Faça o que quiser — disse ela com indiferença. — Não ligo. Não vai fazer diferença alguma.

— Você é uma garota corajosa. Agora olhe para mim, Vickie. Quero que relaxe. Só olhe para mim e relaxe. — A voz de Stefan caiu a um murmúrio tranquilizador. Continuou assim por alguns minutos, e os olhos de Vickie se fecharam.

— Sente-se — Stefan a guiou até a cama. Ele se sentou ao lado dela, observando seu rosto. — Vickie, agora você está calma e relaxada. Nada do que se lembrar vai prejudicá-la — disse ele, a voz suave. — Agora, preciso que volte à noite de sábado. Você está no segundo andar, no quarto principal da casa de Caroline. Sue Carson está com você, e mais alguém. Preciso que veja...

— Não! — Vickie se contorcia como se tentasse escapar de alguma coisa. — Não! Não posso...

— Vickie, acalme-se. Ele não vai feri-la. Ele não pode ver você, mas você pode vê-lo. Preste atenção na minha voz.

Enquanto Stefan falava, os gemidos de Vickie se aquietaram. Mas ela ainda se debatia.

— Você *precisa* vê-lo, Vickie. Ajude-nos a combatê-lo. Como ele se parece?

— Ele parece o demônio!

Foi quase um grito. Meredith se sentou do outro lado de Vickie e pegou sua mão. Olhou pela janela, para Bonnie, que a fitava com os olhos arregalados e tremia um pouco. Bonnie não fazia ideia do que Vickie estava falando.

— Conte-me mais — pediu Stefan com tranquilidade.

A boca de Vickie se retorceu. Suas narinas inflaram como se ela sentisse um cheiro horrível. Ao falar, pronunciou pausadamente cada palavra como

se lhe desse náuseas.

— Ele veste... um sobretudo antigo. Bate nas pernas dele com o vento. Ele faz o vento soprar. O cabelo é louro. Quase branco. É eriçado em toda a cabeça. Os olhos são tão azuis... De um azul vívido. — Vickie lambeu os lábios e engoliu em seco, parecendo enjoada. — Azul é a cor da morte.

"Ele é alto. E ele ri. Estende a mão para mim, rindo. Mas Sue grita, 'Não, não' e tenta me puxar para longe. Então ele a pega. A janela se quebra e a sacada fica bem ali. Sue está gritando, 'Não, por favor'. E depois eu o vejo... Eu o vejo atirar Sue..."

A respiração de Vickie era entrecortada, a voz se elevava agudamente.

— Vickie, está tudo bem. Você não está lá. Está segura.

— Ah, por favor, não... Sue! *Sue! Sue!*

— Vickie, fique comigo. Escute. Preciso de mais uma coisa. Olhe para ele. Diga se ele tem uma joia azul...

Mas Vickie balançava a cabeça violentamente, chorando, mais descontrolada a cada segundo.

— Não! Não! Eu sou a próxima! Eu sou a próxima! — De repente, seus olhos se abriram e ela saiu sozinha do transe, sufocada e arfando. Depois sua cabeça girou.

Na parede, um quadro se agitava.

Foi seguido pelo espelho com moldura de bambu. Depois pelos frascos de perfume e batom na cômoda abaixo. Com um som de pipoca estourando, os brincos começaram a voar de cada suporte. A agitação era cada vez mais ruidosa. Um chapéu de palha caiu do gancho. Choviam fotos do espelho. Fitas e CDs voaram de uma prateleira e caíram no chão como cartas de baralho sendo distribuídas.

Meredith ficou de pé e Matt também, com os punhos cerrados.

— Faça isso parar! Faça parar! — gritava Vickie, desesperada.

Mas não parava. Matt e Meredith observavam o quarto enquanto novos objetos entravam na dança. Tudo que podia ser deslocado se sacudia, tremia, balançava. Era como se o quarto tivesse sido jogado num terremoto.

— Pare! Pare! — gritava Vickie, as mãos nos ouvidos.

Bem acima da casa, explodiu um trovão.

Bonnie saltou violentamente ao ver o zigue-zague do raio atravessar o céu. Por instinto, procurou algo em que se segurar. Enquanto o raio faiscava, um pôster na parede de Vickie se rasgou na diagonal, como se retalhado por uma faca fantasma. Bonnie reprimiu o grito e se agarrou com mais força.

Depois, com a rapidez de alguém apagando um interruptor, todo o barulho cessou.

O quarto de Vickie ficou em silêncio. A franja do abajur da mesa de cabeceira oscilava de leve. O pôster tinha se enrolado em dois pedaços irregulares, acima e abaixo. Devagar, Vickie tirou as mãos das orelhas.

Matt e Meredith olharam ao redor do quarto mais uma vez, trêmulos.

Bonnie fechou os olhos e murmurou algo que parecia uma oração. Só quando os abriu percebeu onde estivera se segurando. Era no couro frio e macio de uma jaqueta. E era o braço de Damon.

Mas ele não se afastou dela. Agora não se mexia. Estava meio inclinado para a frente, os olhos semicerrados, analisando atentamente o quarto.

— Vejam o espelho — disse ele.

Todos obedeceram e Bonnie prendeu a respiração, os dedos se fechando de novo. Não tinha visto, mas deve ter acontecido enquanto todo o quarto entrava num frenesi.

Na superfície do vidro do espelho emoldurado com bambu, quatro palavras estavam escritas com o batom coral de Vickie.

Boa-noite, meu amor.

— Ah, meu Deus — sussurrou Bonnie.

Stefan desviou o olhar do espelho para Vickie. Havia algo diferente nele, pensou Bonnie, ele se mantinha relaxado mas atento, como um soldado que acabara de receber a confirmação de uma batalha. Era como se tivesse aceitado um desafio pessoal.

Ele pegou alguma coisa no bolso de trás e desdobrou, revelando ramos de uma planta de folhas verdes e longas e florezinhas lilases.

— Isto é verbena, verbena fresca — disse ele em voz baixa, tranquila e intensa. — Colhi em Florença; está florescendo lá agora. — Ele pegou a mão

de Vickie e colocou nela o maço. — Quero que segure isso e fique com elas. Coloque em cada cômodo da casa e esconda pedaços da planta nas roupas de seus pais, para que eles a tenham perto do corpo. Enquanto estiver com isto, ele não poderá se apoderar de sua mente. Ele pode assustar você, Vickie, mas não pode obrigá-la a nada, como abrir uma janela ou porta para ele. E ouça, Vickie, porque isto é importante.

Vickie tremia, a cara amarfanhada. Stefan pegou as mãos de Vickie e a fez olhar para ele, falando devagar e distintamente.

— Se eu não estiver enganado, Vickie, *ele só poderá entrar se você deixar*. Então fale com seus pais. Diga a eles que é importante que não convidem nenhum estranho a entrar na casa. Na realidade, posso pedir a Damon para colocar essa sugestão na mente deles agora mesmo. — Ele olhou para Damon, que deu de ombros e assentiu de leve, dando a impressão de que sua atenção estava em outro lugar. Constrangida, Bonnie tirou a mão de sua jaqueta.

A cabeça de Vickie estava arriada sobre a verbena.

— Ele vai arrumar um jeito de entrar — disse ela em voz baixa, com uma certeza apavorada.

— Não. Vickie, escute. A partir de agora, vamos vigiar a casa. Estaremos esperando por ele.

— Isso não *importa* — disse Vickie. — Vocês não podem impedi-lo. — Ela começou a rir e chorar ao mesmo tempo.

— Vamos tentar — disse Stefan. Ele olhou para Meredith e Matt, que assentiram. — Muito bem. A partir deste momento, não ficará mais sozinha. Sempre haverá um ou mais de nós lá fora, vigiando você.

Vickie se limitou a balançar a cabeça tombada. Meredith apertou seu braço e se levantou enquanto Stefan se voltava para a janela.

Quando ela e Matt se juntaram a ele, Stefan falou com todos aos sussurros.

— Não quero deixá-la desprotegida, mas eu mesmo não posso ficar agora. Há uma coisa que devo fazer e preciso de uma das meninas comigo.

Por outro lado, não quero deixar Bonnie nem Meredith sozinhas aqui. — Ele se virou para Matt. — Matt, você poderia...

— Eu vou ficar — disse Damon.

Todos olharam para ele, sobressaltados.

— Bom, é a solução mais lógica, não é? — Damon parecia se divertir. — Afinal, o que espera que um *deles* faça contra ele?

— Eles podem chamar *a mim*. Posso monitorar seus pensamentos dessa distância — disse Stefan, sem ceder um milímetro.

— Bem — disse Damon de um jeito curioso. — Eu também posso chamar por você, irmãozinho, se tiver problemas. Estou ficando entediado com essa sua investigação mesmo. Posso ficar aqui, como em qualquer lugar.

— Vickie precisa ser protegida, e não maltratada — disse Stefan.

O sorriso de Damon era sedutor.

— *Ela*? — Ele assentiu para a menina que estava sentada na cama, tremendo com a verbena nas mãos. Do cabelo desgrenhado aos pés descalços, Vickie não era uma imagem nada bonita. — Pode acreditar em mim, meu irmão, eu posso fazer melhor do que isso. — Por um instante, Bonnie pensou que aqueles olhos escuros se viraram para ela. — Você está sempre dizendo que gostaria de confiar em mim — acrescentou Damon. — Aqui está sua oportunidade de provar.

Stefan transparecia uma vontade de confiar, como se estivesse tentado. Mas ao mesmo tempo parecia desconfiado. Damon não disse nada, apenas sorriu daquele jeito debochado e enigmático. Praticamente pedindo para que *não confiassem nele*, pensou Bonnie.

Os irmãos ficaram se olhando enquanto o silêncio e a tensão se estendiam entre os dois. Só então Bonnie pôde ver a semelhança familiar em seus rostos, um sério e intenso, o outro afável e meio debochado, mas ambos inumanamente lindos.

Stefan soltou a respiração lentamente.

— Tudo bem — concordou em voz baixa. Agora Bonnie, Matt e Meredith o encaravam, mas ele não pareceu perceber. Falou com Damon como se só os dois estivessem presentes. — Você fica aqui, na frente da casa,

onde não será visto. Voltarei e assumirei quando terminar o que preciso fazer.

As sobrancelhas de Meredith estavam mais erguidas do que nunca, mas ela não fez nenhum comentário. Nem Matt. Bonnie tentou vencer a própria inquietação. Stefan devia saber o que estava fazendo, disse a si mesma. De qualquer forma, ele *sabe muito bem o que não deve fazer*.

— Não demore muito — disse Damon com desprezo.

E foi esse o último cenário que viram, com Damon misturando-se na sombra das nogueiras no jardim de Vickie e a própria Vickie em seu quarto, balançando-se sem parar.

No carro, Meredith disse:

— Para onde agora?

— Preciso testar uma teoria — disse Stefan.

— De que o assassino é um vampiro? — perguntou Matt da traseira, onde estava sentado com Bonnie.

Stefan olhou para ele de forma incisiva.

— Sim.

— Foi por isso que disse a Vickie para não convidar ninguém a entrar — acrescentou Meredith, para não ser superada no quesito raciocínio. Os vampiros, lembrou-se Bonnie, não podem entrar num lugar onde vivem e dormem humanos se não forem convidados. — E foi por isso que perguntou se o homem estava usando uma pedra azul.

— Um amuleto para protegê-lo da luz do dia — disse Stefan, abrindo a mão direita. No dedo médio havia um anel de prata com um lápis-lazúli. — Sem uma dessas, a exposição direta ao sol nos mata. Se o assassino *for* um vampiro, ele tem uma pedra dessas em algum lugar do corpo. — Como que por instinto, Stefan tocou brevemente algo sob a camiseta. Depois de um instante, Bonnie percebeu o que devia ser.

O anel de Elena. Stefan dera a ela, e depois de sua morte ele o pegou para usar numa corrente no pescoço. Assim essa parte dela ficaria com ele para sempre, segundo ele.

Quando Bonnie olhou para o lado, viu que os olhos de Matt estavam fechados.

— Então, como vamos saber se ele é vampiro? — perguntou Meredith.

— Só consigo pensar numa maneira e não é muito agradável. Mas tem que ser feito.

O coração de Bonnie afundou. Se Stefan pensava que não era muito agradável, a própria Bonnie sabia que ia descobrir que era ainda pior.

— O que é? — disse ela sem qualquer entusiasmo.

— Preciso dar uma olhada no corpo de Sue.

Houve um silêncio mortal. Até Meredith, normalmente tão inabalável, ficou horrorizada. Matt virou a cara, encostando a testa no vidro.

— Deve estar brincando — disse Bonnie.

— Bem que eu gostaria.

— Mas... pelo amor de Deus, Stefan. Não *podemos*. Não vão deixar. Isto é, o que vamos dizer? "Com licença, posso procurar buracos nesse cadáver?"

— Bonnie, pare com isso — disse Meredith.

— Não posso evitar — rebateu Bonnie, tremendo. — É uma ideia *terrível*. E além de tudo, a polícia verificou o corpo dela. Não havia marca nenhuma, a não ser os cortes que teve na queda.

— A polícia não sabe o que procurar — disse Stefan. Sua voz era de aço. Ouvi-la lembrava alguma coisa a Bonnie, algo que ela tendia a esquecer. Stefan era um *deles*. Um dos caçadores. Ele já vira mortos na vida. Pode até ter matado alguns.

Ele bebe *sangue*, pensou ela, e tremeu.

— E então? — disse Stefan. — Ainda estão comigo?

Bonnie tentou sumir no banco traseiro. As mãos de Meredith estavam firmes no volante. Foi Matt quem falou, virando-se da janela.

— Não temos alternativa, temos? — disse ele, cansado.

— O corpo poderá ser visto de sete às dez na capela funerária — acrescentou Meredith em voz baixa.

— Vamos ter de esperar até depois disso, então. Depois que fecharem a capela, quando estivermos sozinhos com ela — disse Stefan.

— Esta é a coisa mais horripilante que já tive de fazer — sussurrou Bonnie com tristeza. A capela funerária estava escura e fria. Stefan tinha arrombado a fechadura da porta com um arame fino e flexível.

A sala de visitação tinha um carpete grosso, as paredes cobertas de painéis escuros de carvalho. Teria sido um lugar deprimente até com as luzes acesas. No escuro, parecia um lugar apertado, sufocante e apinhado de formas grotescas. Parecia que alguém podia estar agachado atrás de cada um dos muitos arranjos florais.

— Eu não queria *estar* aqui — gemeu Bonnie.

— Vamos acabar logo com isso, está bem? — disse Matt entredentes.

Quando ele acendeu a lanterna, Bonnie olhou para todo lado, menos para onde a luz apontava. Ela não queria ver o caixão, *não queria*. Olhou as flores, as rosas em formato de coração. Lá fora, o trovão soava como um animal adormecido.

— Vamos abrir isso... pronto — dizia Stefan. Apesar de sua decisão, Bonnie acabou vendo.

O caixão era branco, revestido de cetim rosa-claro. O cabelo louro de Sue brilhava contra o fundo como o cabelo de uma princesa de conto de fadas adormecida. Mas Sue não parecia estar dormindo. Estava pálida demais, imóvel demais. Como uma boneca de cera.

Bonnie se aproximou um pouco, os olhos fixos no rosto de Sue.

Por isso é tão frio aqui, disse ela a si mesma. Para evitar que a cera derreta. Isso ajudou um pouco.

Stefan estendeu a mão e tocou a blusa rosa de gola alta de Sue. Ele abriu o primeiro botão.

— Pelo amor de *Deus* — sussurrou Bonnie, ofendida.

— Para que acha que estou fazendo isso? — sibilou Stefan. Mas seus dedos pararam no segundo botão.

Bonnie olhou por um minuto, depois tomou uma decisão.

— Saia da frente — disse ela e, como Stefan não se mexeu de imediato, deu-lhe um empurrão. Meredith se aproximou e as duas formaram uma

falange entre Sue e os meninos. Seus olhos se encontraram com compreensão. Se tinham mesmo de tirar a blusa, os meninos estavam fora.

Bonnie abriu os botões pequenos enquanto Meredith segurava a lanterna. A pele de Sue parecia de cera, fria contra a ponta de seus dedos. Sem jeito, ela dobrou a blusa para trás, revelando um sutiã branco de renda. Depois, Bonnie se obrigou a tirar o cabelo dourado e brilhante do pescoço pálido de Sue. O cabelo estava duro de spray.

— Não tem buracos — disse ela, olhando o pescoço de Sue. Ela estava orgulhosa por sua voz parecer quase controlada.

— Não — disse Stefan com estranheza. — Mas tem outra coisa. Veja isto. — Gentilmente, ele passou por Bonnie para apontar um corte, pálido e sem sangue como a pele que o cercava, mas visível como uma linha fraca correndo da clavícula ao peito. Acima do coração. O dedo longo de Stefan traçou o ar acima dele e Bonnie enrijeceu, pronta para dar um tapa em sua mão se ele a tocasse.

— O que é isso? — perguntou Meredith, confusa.

— Um mistério — disse Stefan. Sua voz ainda era distante. — Se eu visse uma marca assim em um vampiro, seria porque o vampiro estava dando sangue a um humano. É assim que se faz. Os dentes humanos não conseguem penetrar nossa pele, então a cortamos, quando queremos compartilhar sangue. Mas Sue não era vampira.

— Mas é claro que não! — disse Bonnie. Ela tentou reprimir a imagem que sua mente queria lhe mostrar, de Elena curvada sobre um corte como esse no peito de Stefan, chupando, bebendo...

Ela tremeu e percebeu que seus olhos estavam fechados.

— Há mais alguma coisa que precise ver? — disse ela, abrindo os olhos.

— Não. Já basta.

Bonnie fechou os botões. Arrumou novamente o cabelo de Sue. Depois, enquanto Meredith e Stefan recolocavam a tampa do caixão, andou rapidamente pela sala e foi para a porta. Ali parou, envolvendo o corpo nos próprios braços.

Uma mão tocou de leve seu cotovelo. Era Matt.

— Você é mais durona do que parece — disse ele.

— É, bom... — Ela tentou dar de ombros. E de repente estava chorando, e chorando muito. Matt a abraçou.

— Eu sei — disse ele. Só isso. Não disse "Não chore", nem "Calma", nem "Vai ficar tudo bem". Só "Eu sei". A voz dele tinha a desolação que Bonnie sentia.

— Colocaram spray no cabelo dela — disse ela entre soluços. — Sue *nunca* usou spray para cabelo. É horrível. — De algum modo, neste momento, isto parecia o pior de tudo.

Ele simplesmente a abraçou.

Depois de um tempo, Bonnie recuperou o fôlego. Descobriu que se abraçava a Matt de uma forma quase dolorosa e afrouxou os braços.

— Molhei sua camisa toda — disse ela num tom de desculpas, fungando.

— Isso não tem importância.

Algo na voz de Matt a fez recuar e olhar para ele. Sua expressão era a mesma que Bonnie vira no estacionamento da escola. Tão perdido, tão... sem esperanças.

— Matt, o que foi? — sussurrou ela. — Por favor.

— Eu já falei — Ele olhava uma distância imensurável. — Sue está morta aqui, e não devia estar. Você mesma disse, Bonnie, que mundo é esse que deixa uma coisa dessas acontecer? Que deixa uma menina como a Sue ser assassinada por prazer, ou crianças do Afeganistão passarem fome, ou filhotes de foca serem despelados vivos? Se o mundo é assim, o que mais importa? Já está tudo acabado mesmo. — Ele parou e pareceu voltar a si. — Entende o que estou dizendo?

— Não sei bem. — Bonnie nem achava que queria entender. Era apavorante demais. Mas foi dominada pelo impulso de reconfortá-lo, de salvá-lo daquele olhar perdido. — Matt, eu...

— Acabamos — disse Stefan de trás.

Enquanto Matt se voltava para a voz, a aparência de perdido pareceu se intensificar.

— Às vezes acho que *todos* estamos acabados — disse Matt, afastando-se de Bonnie, sem explicar o que queria dizer com aquilo. — Vamos.

7

Stefan se aproximou com relutância da casa da esquina, quase temeroso do que podia encontrar. De certo modo esperava que Damon tivesse abandonado seu posto. Antes de mais nada, talvez tenha sido um idiota por confiar nele.

Mas, quando chegou ao quintal, havia um tremor de movimento em meio às nogueiras. Seus olhos, mais aguçados do que os de um humano porque eram adaptados para a caça, distinguiram a sombra mais escura encostada num tronco.

— Demorou muito para voltar.

— Tive de deixar os outros em segurança em casa. E precisei me alimentar.

— Sangue animal — disse Damon com desdém, os olhos fixos em uma manchinha redonda na camiseta de Stefan. — Coelho, a julgar pelo cheiro. De certo modo é adequado, não acha?

— Damon... Eu dei verbena a Bonnie e a Meredith também.

— Uma precaução sensata — disse Damon, mostrando os dentes.

Uma onda familiar de irritação tomou Stefan. Por que Damon sempre tinha de ser tão difícil? Falar com ele era como andar entre minas terrestres.

— Agora eu vou — continuou Damon, pendurando a jaqueta no ombro. — Tenho meus próprios negócios para cuidar. — Ele lançou um sorriso arrasador por sobre o ombro. — Não espere acordado.

— Damon. — Damon se virou um pouco, sem olhar, mas atento. — A última coisa de que precisamos é uma menina desta cidade gritando "vampiro!" — disse Stefan. — Ou mostrando os sinais. Essas pessoas já passaram por isso; não são ignorantes.

— Vou me lembrar disso. — Foi falado com ironia, mas era a coisa mais próxima de uma promessa que Stefan arrancaria do irmão na vida.

— E Damon?

— O que é agora?

— Obrigado.

Essa foi demais. Damon girou o corpo, os olhos frios e nada convidativos, os olhos de um estranho.

— Não espere nada de mim, meu irmãozinho — disse ele, ameaçador. — Porque estará errado sempre. E não pense também que pode me manipular. Aqueles três humanos podem seguir você, mas eu não. Estou aqui por meus próprios motivos.

Damon se foi antes que Stefan encontrasse palavras para responder. Isso não teria importado. Damon nunca ouvia nada do que ele dizia. Damon nunca o chamava pelo nome. Era sempre o desdenhoso "irmãozinho".

E agora partiu para provar o quanto era indigno de confiança, pensou Stefan. Que maravilha. Ele faria alguma coisa particularmente cruel só para mostrar a Stefan do que era capaz.

Cansado, Stefan encontrou uma árvore onde se encostar e deslizou por ela para olhar o céu noturno. Tentou pensar no problema que tinha, no que descobrira esta noite. A descrição que Vickie fizera do assassino. Alto, louro de olhos azuis, pensou ele, isso o lembrava de alguém. Não alguém que tenha conhecido, mas de que ouvira falar...

Era inútil. Ele não conseguia se concentrar no enigma. Estava cansado, sentia-se sozinho e precisava desesperadamente de consolo. E a verdade nua e crua era que não havia consolo para ele.

Elena, *você mentiu para mim*. Stefan disse para si mesmo.

Foi a única coisa em que ela insistira, a única que sempre prometera. "Aconteça o que acontecer, Stefan, eu estarei com você. Diga que acredita nisso." E ele respondeu, indefeso a seu feitiço, "Ah, Elena, eu acredito. Aconteça o que acontecer, ficaremos juntos".

Mas ela o deixara. Não por vontade própria, talvez, mas o que isso importava, no fim das contas? Ela o deixara e fora embora.

Havia ocasiões em que só o que ele queria era segui-la.

Pense em outra coisa, qualquer outra coisa, disse Stefan a si mesmo, mas era tarde demais. Depois de libertas, as imagens de Elena giravam em volta dele, dolorosas demais para suportar, belas demais para que ele as afugentasse.

A primeira vez em que ele a beijou. O choque de doce vertigem quando sua boca encontrou a dela. E depois continuou, um choque depois do outro, mas em um nível cada vez mais profundo. Como se ela estivesse atingindo a essência dele, um cerne de que ele quase se esquecera.

Assustado, ele sentiu a guarda baixar. Todos os seus segredos, toda sua resistência, todos os truques que usava para manter as pessoas a uma distância segura. Elena dilacerara tudo, expondo a vulnerabilidade de Stefan.

Expondo sua alma.

E no fim ele concluiu que queria. Queria que Elena o visse sem defesas, sem muralhas. Queria que ela o conhecesse como ele realmente era.

Apavorante? Sim. Quando ela enfim descobriu seu segredo, quando ela o encontrou se alimentando daquela ave, ele encolhera de vergonha. Tinha certeza de que ela se afastaria por causa do sangue em sua boca, apavorada. Com nojo.

Mas quando ele a olhou nos olhos naquela noite, viu a compreensão. O perdão. O amor.

O amor de Elena o curara.

E foi quando ele entendeu que os dois jamais se separariam.

Outras lembranças surgiram e Stefan se agarrou a elas, embora a dor o rasgasse com suas garras. Sensações. Elena encostada nele, suave em seus braços. O roçar de seu cabelo no rosto, leve como as asas de uma mariposa. A curva de seus lábios, o gosto deles. O azul-escuro inacreditável de seus olhos.

Tudo perdido. Tudo para sempre fora de seu alcance.

Mas Bonnie fizera contato com Elena. O espírito de Elena, sua alma, ainda estava presente.

De todas as pessoas, ele devia ser capaz de invocá-la. Tinha o Poder. E tinha mais direito do que qualquer um de procurá-la.

Ele sabia como se fazia. Fechar os olhos. Imaginar a pessoa que quer atrair. Isso era fácil. Ele podia ver Elena, senti-la, sentir seu cheiro. Depois chamá-la, deixar que o desejo se estendesse ao vazio. Abrir-se e deixar que sua carência fosse sentida.

Era mais fácil ainda. Stefan não dava a mínima para o perigo. Apelou ao seu desejo, a toda sua dor, entregando-os e pedindo, como uma oração.

E o que sentiu... nada.

Só o vazio e sua própria solidão, apenas o silêncio.

O poder de Stefan não era o mesmo de Bonnie. Ele não podia fazer contato com o que mais amava, o que mais importava para ele.

Nunca se sentira tão sozinho em toda a vida.

— Você quer *o quê?* — disse Bonnie.

— Um registro sobre a história de Fell's Church. Em particular sobre os fundadores — disse Stefan. Estavam todos sentados no carro de Meredith, estacionado a uma distância discreta atrás da casa de Vickie. Era o anoitecer do dia seguinte e eles tinham voltado dos funerais de Sue... Com exceção de Stefan.

— Tem alguma coisa a ver com a Sue, não tem? — Os olhos escuros de Meredith, sempre tão equilibrados e inteligentes, sondavam os de Stefan. — Acha que resolveria o mistério.

— É possível — admitiu ele. Stefan passou o dia pensando. Deixou a dor para trás na noite anterior e mais uma vez estava controlado. Embora não conseguisse contato com Elena, podia justificar a fé que Elena tinha nele; podia fazer o que ela queria. E havia conforto no trabalho, na concentração. Mantinha as emoções ao largo. Ele acrescentou: — Tenho uma ideia sobre o que pode ter acontecido, mas é um tiro no escuro e não quero fazer isso sem ter certeza.

— Por quê? — perguntou Bonnie. Que contraste com Meredith, pensou Stefan. O cabelo vermelho como fogo e um espírito que correspondia a ele.

Mas aquele rosto delicado em formato de coração e a pele quase transparente eram enganosos. Bonnie era esperta e engenhosa, mesmo que ela mesma só estivesse começando a descobrir isso agora.

— Porque, se eu estiver errado, um inocente pode se machucar. Olha, a essa altura é só uma ideia. Mas prometo que se descobrir qualquer prova esta noite, vou contar tudo a vocês.

— Pode falar com a sra. Grimesby — sugeriu Meredith. — Ela é a bibliotecária da cidade e sabe muito sobre a fundação de Fell's Church.

— Ou sempre tem a Honoria — disse Bonnie. — Quer dizer, ela *foi* uma das fundadoras.

Stefan olhou para ela rapidamente.

— Pensei que Honoria Fell tivesse parado de se comunicar com você — disse ele com cautela.

— Eu não quis dizer falar com *ela*. Ela se foi, puf — disse Bonnie, revoltada. — Quis dizer o diário dela. Fica na biblioteca, bem do lado do diário de Elena; a sra. Grimesby os colocou num mostruário perto da mesa da recepção.

Stefan ficou surpreso. Não gostava muito da ideia de o diário de Elena ficar exposto. Mas os registros de Honoria podiam ser exatamente o que ele procurava. Honoria não só foi uma mulher sensata; era versada no sobrenatural. Uma bruxa.

— Agora a biblioteca está fechada — disse Meredith.

— Melhor ainda — disse Stefan. — Ninguém vai saber em quais informações estamos interessados. Dois de nós podem ir lá e entrar, e os outros dois podem ficar aqui. Meredith, se puder vir comigo...

— Gostaria de ficar aqui, se não se importa — disse ela. — Estou cansada — acrescentou à guisa de explicação, vendo a expressão dele. — E assim posso terminar meu turno e ir para casa mais cedo. Por que não vão você e Matt, e Bonnie e eu ficamos aqui?

Stefan ainda a olhava.

— Tudo bem — disse ele devagar. — Está bem. Se não tiver problema para Matt. — Matt deu de ombros. — Então é isso. Vamos levar algumas

horas. Vocês duas fiquem no carro com as portas trancadas. Devem ficar seguras assim. — Se ele tivesse razão em sua desconfiança, não haveria mais ataques por algum tempo, ou pelo menos por alguns dias. Bonnie e Meredith *deviam* estar seguras. Mas Stefan não conseguia deixar de se perguntar o que havia por trás da sugestão de Meredith. Não era simples cansaço, disso ele tinha certeza.

— Aliás, cadê o Damon? — perguntou Bonnie enquanto ele e Matt partiam.

Stefan sentiu os músculos do estômago se apertarem.

— Não sei. — Ele esperava mesmo que alguém perguntasse. Não via o irmão desde a noite anterior e não fazia ideia de onde Damon poderia estar.

— Ele vai acabar aparecendo — disse ele, e fechou a porta do carro de Meredith. — E é isso que eu temo.

Ele e Matt foram a pé e em silêncio para a biblioteca, permanecendo nas sombras, evitando áreas iluminadas. Ele não podia ser visto. Stefan voltara para ajudar Fell's Church, mas tinha certeza de que Fell's Church não queria sua ajuda. Era um estranho de novo, um intruso. Eles o machucariam se o pegassem.

Foi fácil arrombar a fechadura da biblioteca, só um simples mecanismo de mola. E os diários estavam onde Bonnie dissera.

Stefan obrigou a sua mão a se afastar do diário de Elena. Dentro dele estava o registro dos últimos dias de Elena, em sua própria letra. Se começasse a pensar nisso agora...

Ele se concentrou no livro com capa de couro ao lado. Era complicado ler a tinta desbotada nas páginas amareladas, mas depois de alguns minutos seus olhos se adaptaram à escrita densa e intrincada e seus floreios elaborados.

Era a história de Honoria Fell e o marido que, assim como os Smallwood e algumas outras famílias, vieram para Fell's Church quando o lugar ainda era uma região erma e despovoada. Tiveram de enfrentar não só os perigos do isolamento e da fome, mas da vida nativa. Honoria contava a história de

sua batalha para sobreviver com simplicidade e clareza, sem sentimentalismos.

E, naquelas páginas, Stefan encontrou o que procurava.

Com um formigamento na nuca, ele releu o registro com atenção. Por fim se recostou e fechou os olhos.

Ele tinha razão. Não havia mais dúvidas. E isso significava que também devia estar certo sobre o que acontecia em Fell's Church agora. Por um instante, Stefan foi tomado por uma intensa náusea e uma raiva que deu a ele uma súbita vontade de rasgar, de machucar alguma coisa. Sue. A linda Sue, que foi amiga de Elena, morreu por... isso. Um ritual de sangue, uma iniciação obscena. Stefan teve vontade de *matar*.

Mas a raiva esmaeceu, substituída por uma determinação feroz de deter o que estava acontecendo e consertar as coisas.

Eu lhe prometo, sussurrou ele a Elena em sua mente. Vou *impedir* isso de alguma maneira. Aconteça o que acontecer.

Ele olhou para Matt e descobriu que ele o fitava.

O diário de Elena estava na mão de Matt, fechando-se sobre seu polegar. Nesta hora os olhos de Matt pareciam tão escuros quanto os de Elena. Escuros demais, cheios de confusão, tristeza e algo parecido com amargura.

— Você descobriu — disse Matt. — E é ruim.

— Sim.

— Tinha que ser. — Matt recolocou o diário de Elena no mostruário e se levantou. Havia um tom quase satisfeito em sua voz. Como de alguém que acabasse de vencer uma discussão. — Eu podia ter poupado você do trabalho de vir até aqui. — Matt examinou a biblioteca escura, sacudindo moedas no bolso. Um observador qualquer poderia pensar que ele estava relaxado, mas sua voz o traía. Era rude de tensão. — A gente imagina a pior coisa que pode e é sempre a verdade — disse ele.

— Matt... — Uma preocupação súbita afetou Stefan. Ele andara ocupado demais desde que voltara a Fell's Church para observar Matt com atenção. Agora percebia que tinha sido imperdoavelmente idiota. Algo estava muito

errado. Por trás daquela fachada, todo o corpo de Matt estava rígido de tensão. E Stefan podia sentir a angústia, o desespero na mente de Matt.

— Matt, o que foi? — disse ele em voz baixa. Stefan se levantou e foi até o outro. — Foi alguma coisa que eu fiz?

— Eu estou bem.

— Você está tremendo. — Era verdade. Leves tremores percorriam seus músculos tensos.

— Eu disse que estou bem! — Matt afastou-se dele, os ombros recurvados, na defensiva. — Aliás, o que *você* pode ter feito para me aborrecer? Quero dizer, além de roubar minha garota e deixar que ela morresse?

Esta punhalada foi diferente, atingiu algum lugar no coração de Stefan, perfurando-o diretamente. Como a lâmina que o matara há tanto tempo. Ele tentou respirar, sem confiar que conseguiria falar.

— Desculpe. — A voz de Matt era carregada e Stefan viu que os ombros tensos tinham arriado. — Foi uma coisa horrível de se dizer.

— Foi a verdade. — Stefan esperou um momento e acrescentou, com tranquilidade: — Mas esse não é todo o problema, não é verdade?

Matt não respondeu. Olhava o chão, empurrando alguma coisa invisível com a lateral de um dos tênis. Quando Stefan estava prestes a desistir, o próprio Matt fez uma pergunta:

— Como é realmente o mundo?

— Como... o quê?

— O mundo. Você viu muito dele, Stefan. Tem uns quatro ou cinco séculos a mais do que nós, não é? Então, como é? Quero dizer, é basicamente o tipo de lugar que vale salvar ou é essencialmente um monte de bosta?

Stefan fechou os olhos.

— Ah.

— E as pessoas, hein, Stefan? A raça humana. Somos a doença ou só o sintoma? Quero dizer, pense em alguém como... Elena. — A voz de Matt tremeu levemente, mas ele continuou. — Elena morreu para manter a

cidade segura para meninas como Sue. E agora Sue morreu. E tudo está acontecendo de novo. Não acaba nunca. Não podemos vencer. Então, o que você acha disso tudo?

— Matt.

— O que quero saber é o seguinte, que sentido tem? É alguma piada metafísica que não estou entendendo? Ou a coisa toda não passa de um grande erro de merda? Entende o que estou tentando dizer?

— Eu entendo, Matt. — Stefan se sentou e passou as mãos no cabelo. — Se calar a boca por um minuto, vou tentar responder.

Matt puxou uma cadeira e sentou-se virado para o encosto.

— Ótimo. Por favor, se esforce. — Seus olhos duros o desafiavam, mas por baixo Stefan viu a mágoa e a confusão que fermentavam ali.

— Eu vi muito do mal, Matt, mais do que pode imaginar — disse Stefan. — Até vivi nele. Sempre fará parte de mim, por mais que eu o combata. Às vezes acho que toda a raça humana é cruel, que dirá minha espécie. E às vezes acho que nas duas raças há tanta gente má que não importa o que pode acontecer ao resto. Mas, quando se chega a esse ponto, não se sabe mais o que fazer. Não posso lhe dizer se há um fim ou se as coisas sempre mudam para a melhor. — Stefan olhou nos olhos de Matt e falou com segurança. — Mas tenho outra pergunta para você. E daí?

Matt o fitou.

— E daí?

— É. E daí.

— E daí que o mundo seja cruel e que nada do que tentarmos para mudá-lo faça alguma diferença? — A voz de Matt ganhava volume com sua incredulidade.

— É, e daí? — Stefan se inclinou para a frente. — E daí o que você vai fazer, Matt Honeycutt, se cada coisa ruim que disse for verdade? O que você, pessoalmente, vai fazer? Vai parar de lutar e nadar com os tubarões?

Matt segurava o encosto da cadeira.

— Do que está falando?

— Você pode fazer isso, sabe que sim. Damon diz isso o tempo todo. Pode se juntar ao lado do mal, o lado vencedor. E ninguém pode culpar você, porque se o mundo é assim, por que você não seria também?

— Mas que inferno! — explodiu Matt. Seus olhos azuis estavam em brasa e ele se levantava da cadeira. — Talvez esta seja a solução de Damon! Mas só porque é um caso perdido não quer dizer que a gente possa parar de lutar. Mesmo que eu *saiba* que é um caso perdido, ainda preciso tentar. Preciso tentar, mas que droga!

— Eu sei. — Stefan se recostou e abriu um sorriso fraco. Era um sorriso cansado, mas mostrava a amizade que sentia por Matt. E num momento ele viu no rosto de Matt que ele entendia. — Sei, porque sinto o mesmo — continuou Stefan. — Não há desculpas para desistir só porque parece que será uma batalha perdida. Precisamos tentar... Porque a alternativa é a rendição.

— Não estou pronto para me render a *nada* — disse Matt entredentes. Parecia que ele estivera combatendo um incêndio por dentro, que queimou tudo o que podia. — Nunca — disse ele.

— Sim, ora, "nunca" é muito tempo — disse Stefan. — Mesmo sem garantia nenhuma, também vou tentar. Não sei se é possível, mas vou tentar.

— É o que qualquer um deveria fazer — disse Matt. Lentamente, ele afastou a cadeira e se colocou de pé. A tensão deixara seus músculos e os olhos eram claros, quase os olhos azuis penetrantes de que Stefan se lembrava. — Tudo bem — disse ele em voz baixa. — Se descobriu o que procurava, é melhor voltarmos às meninas.

Stefan refletiu, a mente trocando de marcha.

— Matt, se eu estiver certo sobre o que está havendo, as meninas devem ficar bem por um tempo. Vá você e fique ao lado delas. Já que estou aqui, há uma coisa que gostaria de ler... De um sujeito chamado Gervase de Tilbury, que viveu no início dos anos 1200.

— Antes mesmo de sua época, né? — disse Matt, e Stefan respondeu com a sugestão de um sorriso. Eles ficaram parados por um momento, olhando-se. — Tudo bem, então — continuou Matt — Acho que vejo você

na casa da Vickie. — Matt se voltou para a porta, depois hesitou. Abruptamente, virou-se de novo e estendeu a mão. — Stefan... Estou feliz por ter voltado.

Stefan pegou a mão de Matt.

— E eu fico feliz em ouvir isso — Foi só o que Stefan disse, mas por dentro sentia um calor que afastava a dor da punhalada.

E parte da solidão também.

8

De onde Bonnie e Meredith estavam sentadas no carro, só era possível ver a janela de Vickie. Teria sido melhor chegar mais perto, mas alguém podia descobri-las.

Meredith serviu o que restava de café na garrafa térmica e bebeu. Depois bocejou. Ela se empertigou, cheia de culpa, e olhou para Bonnie.

— Também tem tido problemas para dormir à noite?

— Tenho. Nem imagino por quê — disse Meredith.

— Acha que os meninos estão tendo uma conversinha?

Meredith olhou-a rapidamente, visivelmente surpresa, depois sorriu. Bonnie percebeu que Meredith não esperava que ela entendesse.

— Espero que sim — disse Meredith. — Pode fazer bem a Matt.

Bonnie assentiu e relaxou no banco. O carro de Meredith nunca pareceu tão confortável.

Quando voltou a olhar para Meredith, a menina de cabelos pretos dormia.

Ah, que ótimo. Incrível. Bonnie olhou a borra em sua xícara de café, fazendo uma careta. Não se atrevia a relaxar de novo; se as *duas* dormissem, podia ser um desastre. Ela cravou as unhas nas palmas das mãos e olhou a janela iluminada de Vickie.

Quando começou a enxergar as imagens se duplicando diante dela, entendeu que precisava fazer alguma coisa.

Ar fresco. Isso ajudaria. Sem se incomodar em fazer silêncio, ela destrancou a porta e puxou a maçaneta. A porta se abriu, mas Meredith continuou respirando profundamente.

Ela deve mesmo estar cansada, pensou Bonnie, saindo. Fechou a porta com mais gentileza, trancando Meredith por dentro. Foi só então que se deu

conta de que não tinha a chave.

Ah, que seja, ela acordaria Meredith para entrar de novo. Enquanto isso, ia dar uma olhada em Vickie. Vickie ainda devia estar acordada.

O céu era melancólico e nublado, mas a noite era cálida. Atrás da casa de Vickie, as nogueiras se agitavam. Grilos cricrilavam, mas seu canto monótono só parecia compor um silêncio maior.

O cheiro de madressilva encheu as narinas de Bonnie. Ela bateu as unhas de leve na janela de Vickie, espiando pela fresta na cortina.

Nenhuma resposta. Na cama, podia distinguir um monturo de cobertores com cabelo castanho desgrenhado aparecendo no alto. Vickie também dormia.

Parada ali, o silêncio pareceu se adensar, envolvendo Bonnie. Os grilos não cantavam mais e as árvores ficaram imóveis. E, no entanto, era como se ela estivesse se esforçando para ouvir alguma coisa que *sabia* que estava presente.

Eu não estou sozinha, percebeu Bonnie.

Nenhum de seus sentidos comuns lhe dizia isso. Mas seu sexto sentido, aquele que provocava arrepios nos braços e frio na espinha, aquele que recentemente fora despertado na presença do Poder, estava certo. Havia... alguma coisa... por perto. Algo... que a observava.

Bonnie se virou devagar, com medo de fazer algum ruído. Se não fizesse ruído algum, talvez o que quer que fosse não a incomodasse. Talvez nem notasse a presença dela.

Mas o silêncio tornou-se mortal e ameaçador. Zumbia em seus ouvidos com o pulsar seu próprio sangue. E ela não conseguia deixar de imaginar o que podia surgir gritando a qualquer minuto.

Algo com mãos quentes e úmidas, pensou ela, olhando o breu do quintal. Escuridão no cinza, preto no preto, era só o que conseguia ver. Cada forma podia ser qualquer coisa e todas as sombras pareciam se mexer. Algo com mãos quentes e suadas e braços fortes o suficiente para esmagarem-na...

O estalo de um galho explodiu como um tiro.

Ela girou para o som, os olhos e ouvidos atentos. Mas só havia escuridão e silêncio.

Dedos tocaram sua nuca.

Bonnie girou novamente, quase caindo, quase desmaiando. Estava apavorada demais para gritar. Quando viu quem era, o choque lhe subtraiu todos os sentidos e seus músculos entraram em colapso. Ela teria terminado arriada no chão se ele não a tivesse segurado e a mantido de pé.

— Você parece assustada — disse Damon suavemente.

Bonnie balançou a cabeça. Ainda não tinha voz. Pensou que ainda podia desmaiar. Mas tentou se afastar assim mesmo.

Ele não estreitou o aperto, mas também não a soltou. E lutar seria o mesmo que tentar quebrar um muro de tijolos com as mãos nuas. Ela desistiu e procurou acalmar a respiração.

— Está com medo *de mim*? — disse Damon. Ele sorriu, reprovador, como se os dois partilhassem um segredo. — Não precisa.

Como Elena conseguiu lidar com isso? Mas Elena não precisou, é claro, percebeu Bonnie. No fim, Elena sucumbiu a Damon. Damon vencera e conseguiu o que queria.

Ele soltou um dos braços de Bonnie para acompanhar com os dedos, muito de leve, a curva de seu lábio superior.

— Acho que devo ir embora — disse ele — e não assustar mais você. É o que quer?

Como um coelho e uma serpente, pensou Bonnie. Era assim que o coelho se sentia. Só que eu não acho que ele vá me matar. Mas posso morrer por minha própria conta. Ela sentia que as pernas podiam derreter a qualquer minuto, como se fosse desmaiar. Havia um calor e um tremor dentro dela.

Pense em alguma coisa... rápido. Aqueles olhos escuros e insondáveis agora enchiam o universo. Ela pensou que podia ver estrelas dentro deles. *Pense*. Rápido.

Elena não ia gostar disso, pensou Bonnie, assim que os lábios dele tocaram os dela. Sim, foi isso mesmo. Mas o problema era que ela não tinha

forças para falar. O calor crescia, percorrendo todo seu corpo, da ponta dos dedos à sola dos pés. Os lábios dele eram frios, como seda, mas todo o resto era quente. Ela não precisava ter medo; podia se deixar levar e flutuar aquele momento. A doçura tomou seu corpo...

— Mas que merda está acontecendo?

A voz interrompeu o silêncio, quebrou o feitiço. Bonnie se sobressaltou e se viu incapaz de virar a cabeça. Matt estava parado na beira do quintal, os punhos cerrados, os olhos como lascas de gelo azul. Um gelo que podia queimar.

— Fique longe dela — ordenou Matt.

Para surpresa de Bonnie, o aperto em seus braços se afrouxou. Ela recuou, endireitando a blusa, meio sem fôlego. Sua mente funcionava de novo.

— Está tudo bem — disse ela a Matt com a voz quase normal. — Eu só estava...

— Volte para o carro e fique lá.

Agora *peraí um minutinho*, pensou Bonnie. Ela estava feliz por Matt ter aparecido; a interrupção aconteceu numa hora muito conveniente. Mas ele estava pegando meio pesado no papel de irmão mais velho e protetor.

— Olha, Matt...

— Vá — disse ele, ainda encarando Damon.

Meredith não teria deixado que mandassem nela desse jeito. E Elena certamente também não. Bonnie abriu a boca para dizer a Matt para ir ele mesmo se sentar no carro quando, de repente, percebeu um detalhe.

Esta era a primeira vez em meses que ela via Matt realmente *se importar* com alguma coisa. A luz tinha voltado àqueles olhos azuis — o lampejo frio de uma raiva justificada que fazia até Tyler Smallwood recuar. Matt agora estava vivo e cheio de energia. Tinha voltado a ser ele mesmo.

Bonnie mordeu o lábio. Por um momento, reprimiu o orgulho. Depois o dominou e baixou o olhar.

— Obrigada por me salvar — murmurou ela, e saiu do quintal.

Matt estava tão furioso que não se atreveu a se aproximar de Damon por medo de começar a bater nele. E a escuridão gélida nos olhos do vampiro indicava que não seria uma ideia muito boa.

Mas a voz de Damon era suave, quase desapaixonada.

— Meu gosto por sangue não é só um capricho, sabe. É uma necessidade. E você está interferindo. Só estou fazendo o que preciso.

Aquela indiferença e falta de sensibilidade foram demais para Matt. Eles acham que somos comida, lembrou-se ele. São os caçadores e nós somos a presa. E ele tinha as garras em Bonnie, que não conseguiria brigar nem com um gatinho.

— Então por que não escolhe alguém do seu tamanho? — disse Matt com desdém.

Damon sorriu e o ar ficou mais frio.

— Como você?

Matt se limitou a encará-lo. Podia sentir os músculos trincando no queixo. Depois de um instante, disse entredentes:

— Pode tentar.

— Posso fazer mais do que isso, Matt. — Damon deu um único passo na direção dele, como uma pantera espreitando a presa. Involuntariamente, Matt pensou em felinos selvagens, em seu bote poderoso e nos dentes afiados, que dilaceravam. Pensou em como ficou Tyler no barracão no ano anterior, quando Stefan o atacou. Carne vermelha. Só carne vermelha e sangue.

— Qual era mesmo o nome do seu professor de história? — Damon dizia num tom suave. Agora ele parecia se divertir, parecia gostar. — Sr. Tanner, não era? O que fiz com ele foi bem mais do que uma tentativa.

— Você é um assassino.

Damon assentiu, sem se ofender, como se estivesse sendo apresentado.

— É claro que ele enfiou uma faca em mim. Eu não pretendia matá-lo, mas ele me irritou e eu mudei de ideia. Agora é você que está me irritando, Matt.

Matt estava com os joelhos travados para não correr. Era mais do que a elegância furtiva do felino, era mais do que os olhos escuros e sobrenaturais fixos nele. Havia algo *dentro* de Damon que sussurrava terror no cérebro humano. Uma ameaça que falava diretamente ao sangue de Matt, dizendo-lhe para dar um jeito de sair dali.

Mas ele não ia correr. A conversa com Stefan estava esquecida momentaneamente, mas graças a ela, Matt aprendera uma coisa. Mesmo que morresse ali, ele não ia correr.

— Não seja idiota — disse Damon, como se ouvisse cada palavra dos pensamentos de Matt. — Nunca lhe tiraram sangue à força, não é? Isso dói, Matt. Dói muito.

Elena, lembrou-se Matt. Naquela primeira vez, quando ela tirou o sangue dele, ele ficou apavorado e o medo já fora bem assustador. Mas, daquela vez, ele estava fazendo aquilo por vontade própria. Como seria quando não estivesse de acordo?

Eu não vou correr. Não vou virar a cara.

Ele disse em voz alta, ainda olhando fixamente para Damon:

— Se vai me matar, é melhor parar de falar e agir. Porque talvez possa me matar, mas é só o que pode fazer comigo.

— Você é ainda mais idiota do que o meu irmão — observou Damon. Com dois passos, ele atravessou a distância até Matt, pegando-o pela camiseta; a outra mão na lateral do pescoço. — Acho que realmente vou ter de lhe dar uma lição.

Tudo ficou paralisado. Matt podia sentir o cheiro do próprio medo, mas não se mexeu. Não podia se mexer agora.

Isso não importava. Ele não cedeu. Se morresse agora, morreria consciente.

Os dentes de Damon eram fagulhas brancas no escuro. Afiados como facas de carne. Matt quase podia sentir o gume de navalha daqueles dentes antes mesmo que o tocassem.

Não vou me render a nada, pensou ele, e fechou os olhos.

O empurrão quase tirou todo seu equilíbrio. Ele cambaleou e caiu para trás, com os olhos se abrindo de repente. Damon o soltara, empurrando-o em seguida.

Sem expressão, aqueles olhos escuros caíram em Matt, sentado na terra.

— Vou tentar colocar isso de uma maneira que você possa entender — disse Damon. — Você não quer se meter comigo, Matt. Sou mais perigoso do que pode imaginar. Agora dê o fora daqui. É meu turno de vigilância.

Em silêncio, Matt se levantou. Esfregou a camisa, onde as mãos de Damon a amassaram. Depois saiu, mas não correu e não se encolheu sob o olhar de Damon.

Venci, pensou ele. Ainda estou vivo, então venci.

E no fim havia de fato uma espécie de respeito amargo naqueles olhos escuros. Fez com que Matt repensasse muita coisa. Realmente fez.

Bonnie e Meredith estavam sentadas no carro quando ele voltou. As duas pareciam preocupadas.

— Você demorou muito — disse Bonnie. — Está tudo bem?

Matt queria que as pessoas parassem de perguntar isso.

— Eu estou bem — disse ele, e acrescentou: — É sério. — Mas depois de um instante ele concluiu que havia mais uma coisa que devia dizer. — Desculpe se gritei com você antes, Bonnie.

— Está tudo bem — disse Bonnie com frieza. Depois, derretendo, disse: — Você parece mesmo melhor, sabia? Mais como era antigamente.

— É? — Ele esfregou a camiseta amassada de novo, olhando em volta. — Bom, mexer com vampiros obviamente é um ótimo exercício de aquecimento.

— O que vocês fizeram? Baixaram a cabeça, se encararam e correram um na direção do outro, cruzando o quintal? — perguntou Meredith.

— Algo parecido. Ele disse que agora vai vigiar a Vickie.

— Acha que podemos confiar nele? — disse Meredith com seriedade.

Matt pensou no assunto.

— Na realidade, acho. É estranho, mas não acho que ele vá prejudicá-la. E se o assassino aparecer, pode ter uma surpresa. Damon está ávido por uma briga. A gente pode muito bem voltar para a biblioteca e encontrar Stefan.

Stefan não estava visível na frente da biblioteca, mas quando o carro manobrou e desceu a rua uma ou duas vezes, ele se materializou no escuro. Segurava um livro grosso.

— Arrombando, invadindo e roubando um livro grande da biblioteca — observou Meredith. — Foi o que andou fazendo ultimamente?

— Peguei emprestado — disse Stefan, com um ar agressivo. — Não é para isso que servem as bibliotecas? E eu copiei o que precisava do diário.

— Quer dizer que encontrou? Você entendeu? Então pode nos contar tudo, como prometeu — disse Bonnie. — Vamos para o pensionato.

Stefan ficou meio surpreso quando soube que Damon tinha aparecido e assumido seu turno na casa de Vickie, mas não comentou nada. Matt não contou *exatamente como* Damon apareceu, e percebeu que Bonnie fez o mesmo.

— Tenho quase certeza do que está acontecendo em Fell's Church. E, de qualquer maneira, resolvi metade do quebra-cabeça — disse Stefan depois que todos estavam acomodados no quarto do sótão do pensionato. — Mas só há uma maneira de provar, e só uma maneira de resolver a outra metade. Preciso de ajuda, mas não é uma coisa que eu peça de consciência tranquila. — Ele olhava para Bonnie e Meredith ao falar.

Elas se olharam, depois se voltaram para ele.

— Esse cara matou uma de nossas amigas — disse Meredith. — E está enlouquecendo outra. Se precisa de nossa ajuda, já tem.

— Para o que der e vier — acrescentou Bonnie.

— É uma coisa perigosa, não é? — perguntou Matt. Ele não conseguia se reprimir. Como se Bonnie já não tivesse passado pelo suficiente...

— É perigosa, sim. Mas a luta é delas também, você sabe disso.

— Mas é claro que é — disse Bonnie. Meredith obviamente tentava reprimir um sorriso. Por fim se virou e sorriu com malícia.

— Matt voltou — disse ela quando Stefan perguntou qual era a graça.

— Sentimos sua falta — acrescentou Bonnie. Matt não conseguia entender por que todo mundo sorria para ele e isso o deixou envergonhado e pouco à vontade. Foi se postar perto da janela.

— É *realmente* perigoso. Não vou enganar vocês — disse Stefan às meninas. — Mas é a única chance. A história toda é meio complicada, e é melhor começar do início. Temos que voltar à fundação de Fell's Church...

E ele contou, entrando pela madrugada.

Quinta-feira, 11 de junho, 7:00h

Querido Diário,

Não pude escrever ontem à noite porque cheguei tarde demais. Minha mãe estava aborrecida de novo. Ela anda agitada, como se soubesse o que eu realmente ando fazendo. Saindo com vampiros e planejando algo que pode me matar. Que pode matar a todos nós.

Stefan tem um plano para emboscar o cara que matou Sue. Me lembra um dos planos de Elena — e isso me preocupa. Eles sempre parecem incríveis, mas na maior parte das vezes dá tudo errado.

Conversamos sobre quem fica com a parte mais perigosa e decidimos que deve ser Meredith. Por mim, tudo bem — quer dizer, ela é mais forte e mais atlética, e sempre mantém a calma nas emergências. Mas me incomoda um pouco que todo mundo tenha escolhido Meredith tão rápido, em especial Matt. Quer dizer, até parece que sou uma completa incompetente. Sei que não sou tão inteligente como os outros, e certamente não sou tão boa nos esportes nem tenho o sangue frio necessário, mas não sou uma completa idiota. Sou boa em alguma coisa.

Mas então, vamos executar o plano depois da formatura. Todos estamos dentro, menos Damon, que vai ficar vigiando Vickie. É estranho, mas todo mundo agora confia nele. Até eu. Apesar do que ele me fez ontem à noite, não acho que vá deixar que Vickie se machuque.

Não tenho mais sonhado com Elena. Acho que vou perder a cabeça se eu sonhar. Ou nunca mais vou dormir. Simplesmente não suporto mais isso.

Tá legal. É melhor eu ir. Com sorte, no domingo teremos o mistério resolvido e o assassino capturado. Eu confio em Stefan.

Só espero conseguir me lembrar da minha parte.

9

— ... E assim, senhoras e senhores, eu lhes deixo com a turma de 1992!

Bonnie atirou o capelo no ar junto com todos os outros. Conseguimos, pensou ela. Independente do que acontecer esta noite, Matt, Meredith e eu passamos pela formatura. Houve ocasiões neste ano letivo em que ela duvidou seriamente se eles conseguiriam.

Considerando a morte de Sue, Bonnie esperava que a cerimônia de formatura fosse desanimada ou melancólica. Mas na verdade houve uma espécie de excitação frenética, como se todos estivessem comemorando o fato de estarem vivos — antes que fosse tarde demais.

Virou uma confusão enquanto os pais avançaram e os alunos do último ano da Robert E. Lee se dividiram em todas as direções, uivando e se exibindo. Bonnie recuperou o capelo e olhou para a lente da câmera da mãe.

Aja normalmente, é isso que importa, disse ela a si mesma. Ela teve um vislumbre da tia Judith e Robert Maxwell — o homem que com quem tia Judith se casara recentemente — parados nas laterais. Robert segurava a mão da irmã mais nova de Elena, Margaret. Quando viram Bonnie, eles sorriram corajosamente, mas ela se sentiu pouco à vontade no momento que se aproximaram.

— Ah, srta. Gilbert... Quer dizer, sra. Maxwell... Não devia ter feito isso — disse ela a tia Judith, que lhe entregava um pequeno buquê de rosas.

Tia Judith sorriu com lágrimas nos olhos.

— Este deveria ser um dia muito especial para Elena — disse ela. — Quero que seja especial para você e Meredith também.

— Ah, tia Judith. — Por impulso, Bonnie lançou os braços em volta da mulher mais velha. — Eu sinto tanto — sussurrou ela. — A senhora sabe o quanto.

— Todos sentimos falta dela — disse a tia Judith. Depois ela recuou e sorriu de novo, e os três saíram. Bonnie desviou os olhos com um nó na garganta e observou a multidão que comemorava intensamente.

Lá estava Ray Hernandez, o menino que a acompanhou no Baile do Reencontro, convidando todo mundo para uma festa na casa dele naquela noite. O amigo de Tyler, Dick Carter, também estava lá, bancando o idiota, como sempre. Tyler sorria com audácia enquanto o pai tirava uma foto depois de outra. Matt ouvia, com uma expressão nada impressionada, um recrutador de futebol americano da Universidade James Mason. Meredith estava ali perto, segurando um buquê de rosas vermelhas com uma expressão pensativa.

Vickie não estava lá. Os pais dela a mantiveram em casa, dizendo que ela não estava em condições de sair. Caroline também não estava presente. Ficou no apartamento em Heron. A mãe dela disse à mãe de Bonnie que ela se gripou, mas Bonnie sabia a verdade: Caroline estava com medo.

E talvez tivesse razão, pensou Bonnie, andando até Meredith. Caroline podia ser a única de nós a conseguir chegar à semana seguinte.

Pareça normal, aja normalmente. Ela chegou ao grupo de Meredith. Meredith enrolava a fita vermelha e preta do capelo no buquê, o fazendo girar entre seus dedos elegantes e nervosos.

Bonnie olhou rapidamente em volta. Que bom. O lugar era este. E chegou a hora.

— Cuidado com isso; vai estragar tudo — disse ela em voz alta.

O olhar de melancolia pensativa de Meredith não mudou. Ela continuou olhando a fita, torcendo-a.

— Não é justo — disse ela — que a gente receba um desses e Elena não. Não está certo.

— Eu sei; é horrível — disse Bonnie. Mas ela manteve o tom de leveza. — Queria que houvesse alguma coisa que pudéssemos fazer, mas não há.

— *Nada* está certo — continuou Meredith, como se não tivesse ouvido. — Aqui estamos nós, sob a luz do sol, nos formando, e ela está debaixo daquela... pedra.

— Eu sei, eu sei — disse Bonnie num tom tranquilizador. — Meredith, não adianta se revoltar. Por que não tenta pensar em outra coisa? Olha, depois que você jantar com seus pais, quer ir para a festa do Raymond? Mesmo que não tenhamos sido convidadas, podemos entrar de penetras.

— Não! — disse Meredith com uma veemência assustadora. — Não quero ir a festa nenhuma. Como pode sequer pensar nisso, Bonnie? Como pode ser tão fútil?

— Bom, a gente tem que fazer *alguma coisa*...

— Vou te dizer o que *eu* vou fazer. Vou até o cemitério depois do jantar. Vou colocar *isto* no túmulo de Elena. Ela é que merece isso. — Os nós dos dedos de Meredith estavam brancos ao sacudir a fita.

— Meredith, não seja idiota. Não pode ir lá, e muito menos à noite. É loucura. Matt diria a mesma coisa.

— Bom, não estou convidando o Matt. Não estou convidando ninguém. Eu vou sozinha.

— Não pode. Meu Deus, Meredith. Sempre pensei que você tivesse a cabeça no lugar...

— E eu sempre pensei que você tivesse alguma sensibilidade. Mas é evidente que nem quer pensar em Elena. Ou está assim porque quer o antigo namorado dela para você?

Bonnie respondeu com um tapa.

Foi um belo tabefe, carregado de energia. Meredith respirou ruidosamente, a mão no rosto vermelho. Todo mundo em volta olhava agora.

— Vou lhe dizer uma coisa, Bonnie McCullough — disse Meredith depois de um momento, numa voz mortalmente baixa. — Nunca mais quero falar com você. — Ela deu meia-volta e se afastou.

— *Nunca* seria cedo demais para mim! — gritou Bonnie para as costas que se retiravam.

Rapidamente, as pessoas, ao redor evitaram o olhar de Bonnie. Mas não havia dúvidas de que ela e Meredith tinham sido o centro das atenções por

vários minutos. Bonnie mordeu o interior da bochecha para manter a expressão séria e foi até Matt, que tinha perdido o recrutador.

— Como foi? — cochichou ela.

— Muito bom.

— Acha que o tapa foi demais? Não planejamos isso; só me deixei levar pelo momento. Talvez fosse óbvio demais...

— Foi tudo ótimo, tudo ótimo. — Matt parecia preocupado. Não tinha aquele olhar vago e apático dos últimos meses, mas estava nitidamente distraído.

— O que foi? Alguma coisa errada com o plano? — disse Bonnie.

— Não, não. Olha, Bonnie, eu andei pensando. Foi você que descobriu o corpo do sr. Tanner na Casa Mal-Assombrada no Halloween passado, não foi?

Bonnie ficou sobressaltada. E tremeu involuntariamente de aversão com a lembrança.

— Bom, eu fui a primeira a saber que ele estava morto, morto de verdade, em vez de só fazendo a cena. Por que quer falar disso agora?

— Porque talvez você possa responder a essa pergunta. O sr. Tanner pode ter dado uma facada em Damon?

— *Como é?*

— Bom, pode ou não?

— Eu... — Bonnie piscou e franziu a testa. Depois deu de ombros. — Acho que sim. Claro. Era uma cena de sacrifício druida, lembra, e a faca que usamos era de verdade. Conversamos sobre usar uma falsa, mas como o sr. Tanner ia ficar deitado ali ao lado dela, concluímos que era seguro. Na verdade... — O vinco na testa de Bonnie se aprofundou. — Acho que quando encontrei o corpo, a faca estava num lugar diferente de onde tínhamos colocado. Mas alguma criança pode ter mexido. Matt, por que está perguntando?

— Foi só uma coisa que Damon me disse — respondeu Matt, fitando o vazio de novo. — Eu me perguntei se podia ser verdade.

— Ah. — Bonnie esperou que ele dissesse mais, mas ele não falou. — Bom — disse ela por fim —, se está tudo explicado, pode voltar à Terra, por favor? E não acha que devia me abraçar? Só para mostrar que está do meu lado e de jeito nenhum *você* vai aparecer no túmulo da Elena esta noite com Meredith?

Matt bufou, mas o olhar distante sumiu. Por um brevíssimo instante ele deu um abraço apertado em Bonnie.

Déjà vu, pensou Meredith ao parar no portão do cemitério. O problema era que ela não conseguia se lembrar exatamente de quais experiências anteriores esta noite no cemitério faziam-na se lembrar. Foram muitas.

De certo modo, tudo começou ali. Foi ali que Elena jurou não descansar até que Stefan pertencesse a ela. Ela fez Bonnie e Meredith jurarem ajudá-la também — com sangue. Que sutileza, pensou Meredith agora.

E foi ali que Tyler atacou Elena na noite do Baile do Reencontro. Stefan apareceu em seu resgate e este foi o começo dos dois. Este cemitério já viu muita coisa.

Aquele lugar presenciara, inclusive, todo um grupo deles subir a colina até a igreja em ruínas em dezembro passado, procurando pelo covil de Katherine. Sete deles desceram à cripta: a própria Meredith, Bonnie, Matt e Elena, acompanhados por Stefan, Damon e Alaric. Mas só seis conseguiram sair. Quando tiraram Elena de lá, foi para enterrá-la.

Este cemitério foi o começo e também o fim. E talvez viesse a representar outro fim esta noite.

Meredith começou a andar.

Queria que você estivesse aqui agora, Alaric, pensou ela. Eu poderia aproveitar seu otimismo e sua experiência com o sobrenatural — e não me importaria de me aproveitar de seus músculos também.

A lápide de Elena ficava no novo cemitério, é claro, onde a grama ainda era aparada e os túmulos marcados com ramalhetes de flores. A lápide era bem simples, não tinha praticamente nada, apenas uma curta inscrição. Meredith se curvou e depositou o buquê de rosas diante dela. Depois,

lentamente, acrescentou a fita vermelha e preta do capelo. Nesta luz fraca, as cores pareciam as mesmas, como sangue seco. Ela se ajoelhou e cruzou as mãos, em silêncio. E esperou.

Todo o cemitério estava quieto. Parecia estar aguardando com ela, prendendo a respiração em expectativa. As filas de lápides brancas se estendiam dos dois lados com um brilho fraco. Meredith tentou ouvir algum som.

E ouviu. Passos pesados.

De cabeça baixa, ela ficou quieta, fingindo não perceber nada.

Os passos pareciam mais próximos, sem se incomodar em parecerem furtivos.

— Oi, Meredith.

Meredith se virou rapidamente.

— Ah... Tyler — disse ela. — Que susto. Pensei que fosse... deixa pra lá.

— É? — Os lábios de Tyler recuaram num sorriso perturbador. — Bom, desculpe decepcioná-la. Mas sou eu, só eu e mais ninguém.

— O que está fazendo aqui, Tyler? Não tem nenhuma festa boa hoje?

— Eu poderia fazer a mesma pergunta. — Os olhos de Tyler caíram na lápide, na fita, e a expressão de seu rosto ficou sombria. — Mas acho que já sei a resposta. Você está aqui por causa *dela*. Elena Gilbert. Uma Luz nas Trevas — ele leu com sarcasmo.

— É isso mesmo — disse Meredith tranquilamente. — "Elena" quer dizer luz, sabe como é. E ela certamente era cercada de trevas. Quase a derrotaram, mas no fim ela venceu.

— Talvez — disse Tyler e endireitou o maxilar, meditativo, semicerrando os olhos. — Mas sabe, Meredith, tem uma coisa engraçada nas trevas. Sempre há mais esperando de tocaia.

— Como nesta noite — disse Meredith, olhando o céu. Era limpo e pontilhado de estrelas fracas. — Está muito escuro hoje, Tyler. Mas em algum momento o sol vai nascer.

— É, mas a lua nasce primeiro. — Tyler riu de repente, como se fosse uma piada que só ele pudesse entender. — Olha, Meredith, já viu o

mausoléu da família Smallwood? Venha comigo, vou te mostrar. Não fica longe.

Exatamente como ele mostrou a Elena, pensou Meredith. De certo modo ela estava curtindo esse embate verbal, mas não se esqueceu do que viera fazer ali. Seus dedos frios se enfiaram no bolso do casaco e encontraram o ramo mínimo de verbena. — Tranquilo, Tyler. Acho que prefiro ficar aqui mesmo.

— Tem certeza? É perigoso ficar sozinha num cemitério.

Espíritos inquietos, pensou Meredith. Ela o olhou.

— Eu sei.

Ele agora sorria, exibindo dentes que mais pareciam lápides.

— De qualquer forma, pode ver daqui, se enxergar bem. Olhe para lá, para o antigo cemitério. Agora, vê alguma coisa com um brilho vermelho no meio?

— Não. — Havia uma fraca luminosidade sobre as árvores a leste. Meredith manteve os olhos fixos ali.

— Poxa, Meredith. Não está se esforçando. Depois que a lua nascer, você vai enxergar melhor.

— Tyler, não posso perder mais tempo aqui. Vou embora.

— Não vai, não — disse ele. E depois, enquanto os dedos dela apertavam a verbena, envolvendo-a, ele acrescentou numa voz sedutora: — Quero dizer, só vai depois que eu explicar qual é a história daquela lápide, está bem? É uma ótima história. Olha, a lápide é feita de mármore vermelho, o único em todo o cemitério. E aquela bola no alto... está vendo?... Deve pesar uma tonelada. Mas ela se mexe. Se mexe toda vez que um Smallwood está para morrer. Meu avô não acreditava nisso; fez um risco bem na frente dela. Ele vinha verificá-la quase todo mês. E aí, um dia, ele veio e encontrou o risco na parte de trás. A bola tinha virado totalmente. Ele fez tudo o que pôde para desvirá-la, mas não conseguiu. Era pesada demais. Naquela noite, na cama, ele morreu. E foi enterrado sob aquela pedra.

— Deve ter tido um ataque cardíaco por excesso de esforço — disse Meredith, ácida, mas as palmas das mãos formigavam.

— Você é engraçadinha, né? Sempre tão fria. Sempre tão controlada. É preciso muito para fazer você gritar, né?

— Estou indo, Tyler. Já basta para mim.

Ele a deixou andar alguns passos, depois disse:

— Mas você gritou naquela noite na casa de Caroline, não gritou?

Meredith se virou.

— Como sabe disso?

Tyler revirou os olhos.

— Reconheça que eu tenho alguma inteligência, tá legal? Sei de muita coisa, Meredith. Por exemplo, sei o que está no seu bolso.

Os dedos de Meredith enrijeceram.

— Como assim?

— Verbena, Meredith. *Verbena officinalis*. Tive um amigo que gostava dessas coisas. — Tyler agora estava concentrado, o sorriso crescendo, observando a expressão de Meredith como se fosse seu programa de TV preferido. Como um gato cansado de brincar com um camundongo, ele avançava. — E sei também para que serve. — Ele fez uma cena, lançando um olhar exagerado a seu redor e colocando um dedo nos lábios. — Shhh. Vampiros — cochichou. Depois lançou a cabeça para trás e deu uma gargalhada.

Meredith recuou um passo.

— Acha que isso vai ajudar, não é? Mas vou te contar um segredo.

Os olhos de Meredith mediram a distância entre ela e a trilha. Ela mantinha a expressão calma, mas um tremor violento começava por dentro. Não sabia se ia conseguir se safar dessa.

— Não vai a lugar nenhum, garota — disse Tyler, e uma grande mão agarrou o pulso de Meredith. Era quente e úmida onde ela podia sentir, por baixo do punho do casaco. — Vai ficar bem aqui, para ver uma surpresa. — O corpo de Tyler estava recurvado, a cabeça lançada para a frente, com uma malícia triunfante nos lábios.

— Me solta, Tyler. Está me machucando! — O pânico correu pelos nervos de Meredith ao sentir a carne de Tyler na dela, mas a mão só segurou

com mais força, apertando seu pulso.

— Isso é um segredo, garota, que ninguém mais sabe — disse Tyler, puxando-a para perto, o hálito no rosto de Meredith. — Você vem aqui toda precavida contra vampiros. Mas não sou um vampiro.

O coração de Meredith martelava.

— Me *solta*!

— Primeiro quero que dê uma olhada ali. Dá para ver a lápide agora — disse ele, virando-a para que ela não pudesse desviar o olhar. E ele tinha razão; ela *podia* ver, como um monumento vermelho com um globo reluzente no alto. Ou — não era um globo. A bola de mármore parecia... parecia...

— Agora olhe para o leste. O que vê lá, Meredith? — Tyler continuava, a voz rouca de excitação.

Era lua cheia. Subira enquanto ele falava com ela, e agora pendia sobre as colinas, perfeitamente redonda e enormemente distendida, uma bola vermelha, imensa e inchada.

E era isso que a lápide parecia. Uma lua cheia pingando sangue.

— Você veio aqui protegida contra vampiros, Meredith — disse Tyler atrás dela, ainda mais rouco. — Mas os Smallwood não são vampiros. Somos outra coisa.

E então ele grunhiu.

Nenhuma garganta humana poderia produzir aquele som. Não era uma imitação de animal; era *real*. Um rosnado gutural e cruel que não parava, fazendo com que Meredith virasse a cabeça para olhar para ele, encarando, incrédula. O que via era tão horrível que sua mente não conseguia aceitar...

Meredith gritou.

— Eu avisei que era uma surpresa. O que acha disso? — disse Tyler. Sua voz era espessa de saliva e a língua vermelha pendia entre as filas de longos dentes caninos. Seu rosto não era mais um rosto. Projetava-se grotescamente em um focinho, e os olhos eram amarelos, com pupilas em fenda. O cabelo arruivado crescera sobre as bochechas e descera até o pescoço. Uma

pelagem. — Pode gritar o quanto quiser, mas ninguém vai ouvir você — acrescentou ele.

Cada músculo do corpo de Meredith estava rígido, tentando se afastar dele. Era uma reação visceral que ela não poderia evitar, mesmo que quisesse. O hálito dele era tão quente, e tinha um cheiro selvagem, de animal. As unhas que cravava em seu pulso eram garras rombudas e escuras. Ela não tinha forças para gritar de novo.

— Além dos vampiros, existem outras coisas que adoram sangue — disse Tyler, babando e com sua nova voz. — E quero provar o seu. Mas primeiro vamos nos divertir um pouco.

Embora ele ainda estivesse sobre dois pés, seu corpo era corcunda e estranhamente distorcido. Meredith pouco pôde resistir enquanto ele a forçava ao chão. Ela era uma menina forte, mas ele era muito mais, os músculos inchados sob a camisa agora esgarçada.

— Você sempre foi boa demais para mim, não é? Bom, agora vai descobrir o que estava perdendo.

Não consigo respirar, pensou Meredith, ensandecida. O braço dele estava atravessado em seu pescoço, bloqueando o ar. Ondas cinzentas rolavam por seu cérebro. Se ela desmaiasse agora...

— Vai preferir ter morrido rápido, como Sue. — A cara animal de Tyler flutuava acima dela, vermelha como a lua, com aquela língua comprida e pendente. Com a outra mão, ele segurou seus braços no alto da cabeça. — Já ouviu a história da Chapeuzinho Vermelho?

O cinza se transformava em preto, pontilhado de luzes pequenas. Como estrelas, pensou Meredith. Estou caindo nas estrelas...

— Tyler, tire as mãos dela! Solte-a agora! — gritou a voz de Matt.

O rosnado babujento de Tyler foi interrompido, dando lugar a um gemido de surpresa. O braço no pescoço de Meredith afrouxou a pressão e o ar entrou em seus pulmões.

Passos soavam em volta dela.

— Esperei muito tempo para fazer isso, Tyler — disse Matt, puxando a cabeça arruivada pelos cabelos. Depois o punho de Matt caiu no focinho

recém-crescido de Tyler. O sangue jorrou do nariz animal.

O ruído de Tyler fez o coração de Meredith congelar no peito. Ele partiu para Matt, girando em pleno ar, as garras estendidas. Matt caiu de costas com o ataque e Meredith, tonta, tentou se levantar. Não conseguiu; todos os músculos tremiam incontrolavelmente. Mas outra pessoa tirou Tyler de cima de Matt como se Tyler não pesasse mais do que uma boneca de pano.

— Como nos velhos tempos, Tyler — disse Stefan, colocando Tyler a seus pés e encarando-o.

Tyler observou Stefan por um instante, depois tentou fugir.

Ele era rápido, esquivando-se com agilidade entre as filas de lápides. Mas Stefan foi ainda mais rápido e o interceptou.

— Meredith, você está ferida? Meredith? — Bonnie se ajoelhou ao lado dela. Meredith assentiu (ainda não conseguia falar) e deixou que Bonnie apoiasse sua cabeça. — Eu sabia que devia tê-lo parado antes, eu sabia — continuou Bonnie, preocupada.

Stefan arrastava Tyler de volta.

— Eu sempre soube que você era um babaca — disse ele, empurrando Tyler contra uma lápide —, mas não sabia que era tão burro. Pensei que teria aprendido a não atacar meninas em cemitérios, mas não. E ainda teve que se gabar do que fez com a Sue. Não foi nada inteligente também, Tyler.

Meredith olhou para eles, que se encaravam. Tão diferentes, pensou ela. Embora os dois, de certa maneira, fossem criaturas das trevas. Stefan era pálido, os olhos verdes faiscavam de raiva e ameaça, mas havia uma dignidade, quase uma pureza nele. Era como um anjo sombrio entalhado em mármore. Tyler só parecia um animal encurralado. Estava agachado, respirando com dificuldade, o sangue e a saliva se misturando no peito. Os olhos amarelos brilhavam de ódio e medo, e os dedos trabalhavam como se quisessem agarrar alguma coisa. Um ruído grave saía de sua garganta.

— Não se preocupe, desta vez não vou lhe dar uma surra — disse Stefan. — A não ser que tente escapar. Vamos todos à igreja ter uma conversinha. Você gosta de contar histórias, Tyler? Bom, vai me contar uma agora.

Tyler avançou, saltando direto do chão para o pescoço de Stefan. Mas ele estava preparado. Meredith desconfiava de que Stefan e Matt desfrutariam dos minutos seguintes, dando vazão a agressividade acumulada que havia nos dois. Mas ela não estava gostando nem um pouco, então virou o rosto.

No fim, Tyler foi amarrado com uma corda de náilon. Podia andar, ou pelo menos se arrastar, e Stefan segurou as costas de sua camisa e o guiou com urgência caminho acima, até a igreja.

Em seu interior, Stefan empurrou Tyler para o chão ao lado da tumba aberta.

— Agora — disse ele —, vamos conversar. E você vai cooperar, Tyler, ou vai se arrepender muito, mas muito mesmo.

10

Meredith se sentou nas ruínas do que restara da igreja, uma parede na altura dos joelhos.

— Você disse que ia ser perigoso, Stefan, mas não disse que deixaria ele me estrangular.

— Desculpe. Eu esperava que ele desse mais informações, em especial depois de admitir estar lá quando a Sue morreu. Mas não devia ter esperado tanto.

— Eu não teria admitido nada! Você não pode provar nada — disse Tyler. O ganido animal estava de volta a sua voz, mas o rosto e o corpo voltaram ao normal ao longo da caminhada. Ou melhor, voltaram à forma humana, pensou Meredith. Os inchaços, hematomas e sangue seco não eram nada normais.

— Não estamos num tribunal, Tyler — disse Meredith. — Seu pai não vai poder ajudar você agora.

— Mas se fosse, teríamos um caso muito bom — acrescentou Stefan. — O suficiente para acusá-lo de conspiração para cometer assassinato, imagino.

— Isso se alguém não derreter as colheres de sua avó para fazer uma bala de prata — acrescentou Matt.

Tyler olhou de um para outro.

— Não vou dizer nada a vocês.

— Tyler, sabe o que você é? Você é um valentão — disse Bonnie. — E os valentões sempre acabam entregando o jogo.

— Você não se importa de prender uma menina no chão e ameaçá-la — disse Matt —, mas quando os amigos dela aparecem, se borra de medo.

Tyler se limitou a observar os quatro.

— Bom, se não quer falar, acho que *eu* terei de fazer isso — disse Stefan. Ele se abaixou e pegou o livro grosso que tinha retirado da biblioteca. Com um pé na tampa da tumba, pousou o livro no joelho e o abriu. Neste momento, pensou Meredith, ele se parecia assustadoramente com Damon.

— Este é um livro de Gervase de Tilbury, Tyler — disse ele. — Foi escrito em 1210. Entre outras coisas, fala de lobisomens.

— Não pode provar nada! Não tem prova alguma...

— Cale-se, Tyler! — Stefan o encarou. — Não preciso provar. Eu posso *ver*, agora mesmo. Esqueceu o que eu sou? — Houve um silêncio, depois Stefan continuou. — Quando cheguei aqui há alguns dias, havia um mistério. Uma menina estava morta. Mas quem a matou? E por quê? Todas as pistas que eu podia ver eram contraditórias.

"Não foi um assassinato comum, nem era um psicopata humano solto nas ruas. Eu tinha a palavra de alguém em quem confiava — e outras provas também. Um assassino comum não pode operar uma tábua Ouija por telecinesia. Um assassino comum não pode provocar um curto nos fusíveis de uma estação de eletricidade a centenas de quilômetros.

"Não, era alguém com uma tremenda força física e paranormal. Pelo que Vickie me disse, parecia um vampiro.

"Só que Sue Carson ainda tinha sangue. Um vampiro teria sugado pelo menos parte dele. Nenhum vampiro resiste a isso, em especial um assassino. É de onde vem a euforia, e é este o motivo para matar. Mas o legista não encontrou perfurações nas veias, apenas algum sangramento. Não fazia sentido.

"E havia outra coisa. *Você* esteve naquela casa, Tyler. Cometeu o erro de segurar Bonnie naquela noite, depois cometeu o erro de falar demais no dia seguinte, dizendo coisas que só poderia saber se estivesse lá.

"E então, o que tínhamos? Um vampiro maduro, um assassino cruel com poderes inimagináveis? Ou um valentão da escola que mal consegue ir ao banheiro sozinho? Uma bruxa? As evidências apontavam para os dois lados e eu não conseguia entender.

"Depois fui ver eu mesmo o corpo de Sue. E lá estava, o maior mistério de todos. Um corte *aqui*." O dedo de Stefan desenhou uma linha fina a partir da clavícula. "Um corte típico e tradicional — feito por vampiros para partilhar seu sangue. Mas Sue *não era* vampira, e não fez ela mesma esse corte. Alguém fez isso enquanto ela estava prostrada no chão."

Meredith fechou os olhos e ouviu Bonnie ao lado engolir em seco. Estendeu a mão para encontrar a de Bonnie, apertando-a bem forte, mas continuou a ouvir. Antes, quando falou com elas, Stefan não havia chegado a esses detalhes.

— Os vampiros não precisam cortar suas vítimas desse jeito; eles usam os dentes — disse Stefan. Seu lábio superior se ergueu de leve, mostrando os próprios dentes. — Mas se um vampiro quisesse tirar sangue *para outra pessoa beber*, seria provável que desse um corte em vez de uma mordida. Se um vampiro quisesse dar um corte e só provar, ele poderia fazer isso.

"E *isso* me fez pensar no sangue. O sangue é importante. Para os vampiros, ele dá vida, Poder. É só do que precisamos para nossa sobrevivência, e há ocasiões em que a necessidade nos faz perder o controle. Mas é bom para outras coisas também. Por exemplo... para a iniciação.

"Iniciação e Poder. Pensei nessas duas coisas, colocando-as ao lado do que eu vira em *você*, Tyler, quando estive antes em Fell's Church. Mas me lembrei de uma coisa que Elena me contou sobre a história de sua família e decidi verificar no diário de Honoria Fell."

Stefan levantou uma folha de papel entre as páginas do livro que segurava.

— E lá estava, na letra de Honoria. Fiz uma cópia da página e posso ler para você. O segredinho da família Smallwood... Se puder ler nas entrelinhas.

Olhando o papel, ele leu:

— *12 de Novembro. Velas prontas, o linho cardado. Estamos com pouco milho e sal, mas conseguiremos atravessar o inverno. Na noite passada, um alarme: lobos atacaram Jacob Smallwood quando voltava da floresta. Tratei do*

ferimento com arando e casca de salgueiro, mas é profundo e estou temerosa. Depois de voltar para casa, lancei as runas. Só contei o resultado a Thomas.

— Lançar as runas é divinatório — acrescentou Stefan, olhando para cima. — Honoria era o que chamamos de bruxa. Ela volta a falar de "problemas com lobos" em várias outras partes da colônia — parece que de repente houve ataques frequentes, em especial a jovens mulheres. Ela conta para o marido e ficam cada vez mais preocupados. E por fim, isto:

"*20 de dezembro. Novos problemas com lobos para os Smallwood. Ouvimos os gritos alguns minutos atrás e Thomas disse que chegara a hora. Fez os projéteis ontem. Carregou o rifle e vamos usá-los. Se formos poupados, escreverei novamente.*

"21 de dezembro. Fomos à casa dos Smallwood na noite passada. Jacob gravemente ferido. O lobo morto.

"Enterraremos Jacob no pequeno cemitério ao pé da colina. Que sua alma encontre a paz na morte."

"Na história oficial de Fell's Church", disse Stefan, "interpretaram que Thomas Fell e sua esposa foram à casa dos Smallwood e encontraram Jacob Smallwood sendo atacado por um lobo novamente, e que o lobo o matou. Mas isto é um equívoco. O que realmente diz *não* é que o lobo matou Jacob Smallwood, mas que Jacob Smallwood, *o lobo*, foi morto".

Stefan fechou o livro.

— Ele era um lobisomem, o avô de seu tatatataravô, Tyler. Ele ficou assim por ter sido ele mesmo atacado por um lobisomem. E passou o vírus de lobisomem para o filho, que nasceu oito meses e meio depois de ele morrer. Como seu pai passou a você.

— Eu sempre soube que havia alguma coisa em você, Tyler — disse Bonnie, e Meredith abriu os olhos. — Nunca soube bem o que era, mas no fundo alguma coisa me dizia que era algo a ser temido.

— A gente fazia piada disso — disse Meredith, a voz ainda rouca. — Sobre seu "magnetismo animal" e seus dentões brancos. Nunca imaginamos como estávamos perto da verdade.

— Às vezes os paranormais podem sentir esse tipo de coisa — concordou Stefan. — Às vezes até pessoas comuns podem. *Eu* devia ter visto, mas tinha outras preocupações. Ainda assim, não há desculpas. E evidentemente outra pessoa... o assassino espiritual... viu corretamente. Não foi, Tyler? Um homem de sobretudo o procurou. Ele era alto, de cabelo louro e olhos azuis, e fez algum acordo com você. Em troca de... *alguma coisa*... ele lhe mostrou como reclamar sua herança. Como se tornar um lobisomem de verdade.

"Porque, segundo Gervase de Tilbury", Stefan bateu o livro no joelho, "um lobisomem que não foi mordido precisa ser iniciado. Isso significa que você pode ter o vírus do lobisomem a vida toda mas jamais saber dele, porque não foi ativado. Gerações de Smallwood viveram e morreram, mas o vírus ficou latente porque eles não conheciam o segredo para despertá-lo. Mas o homem de sobretudo sabia. Ele sabia que você precisava matar e sentir o gosto de sangue fresco. Depois disso, na primeira lua cheia, você se transformaria". Stefan levantou a cabeça e Meredith acompanhou seu olhar até o disco branco no céu, a lua. Agora era clara e bidimensional, e não mais um globo vermelho e mórbido.

Uma expressão desconfiada passou pelas feições carnudas de Tyler, depois uma fúria renovada.

— Vocês me enganaram! Vocês planejaram isso!

— Muito esperto — disse Meredith, e Matt completou:

— Ah, não me diga.

Bonnie molhou o dedo e escreveu um número 1 imaginário num quadro invisível.

— Eu sabia que você não resistiria a seguir uma das meninas até aqui, se pensasse que ela estaria só — disse Stefan. — Achou que o cemitério era o lugar perfeito para matar; teria total privacidade. E eu sabia que você não resistiria a se gabar do que fez. Eu tinha esperanças de que você contasse mais a Meredith sobre o outro assassino, aquele que realmente atirou Sue pela janela, aquele que a cortou para você beber sangue fresco. O vampiro, Tyler. Quem é ele? Onde está escondido?

O rosto de Tyler passou de uma expressão de ódio venenoso para desprezo.

— Acha que vou lhe contar isso? Ele é meu amigo.

— Ele não é seu amigo, Tyler. Ele está usando você. É um assassino.

— Não se afunde ainda mais nessa, Tyler — acrescentou Matt.

— Você já fez muita besteira. Esta noite tentou matar Meredith. Logo não será capaz de voltar atrás, mesmo que queira. Seja inteligente e pare com isso agora. Diga o que sabe.

Tyler arreganhou os dentes.

— Não vou dizer *nada* a vocês. Como vão me obrigar a isso?

Os outros trocaram olhares. O ambiente mudou, ficou carregado de tensão enquanto todos se voltavam para Tyler.

— Você não entende mesmo, não é, Tyler? — disse Meredith em voz baixa. — Tyler, você ajudou a *matar* Sue. Ela morreu em um ritual obsceno para que você se transformasse nessa *coisa* que vimos. Você pretendia me matar, e Vickie e Bonnie também, tenho certeza disso. Acha que temos pena de você? Acha que o trouxemos aqui em cima para sermos piedosos com você?

Tyler ficou em silêncio. O desprezo sumia de seus lábios. Ele olhou de um rosto para outro.

Todos pareciam implacáveis. Até o rostinho de Bonnie era inflexível.

— Gervase de Tilbury fala numa coisa interessante — disse Stefan, quase satisfeito. — Há uma cura para os lobisomens, além da tradicional bala de prata. Escutem. — À luz da lua, ele leu o livro que apoiava em seu joelho. — *É comumente narrado e sustentado por sérios e dignos médicos que, se um de seus membros for decepado, um lobisomem certamente recuperará o corpo original.* Gervase conta então a história de Raimbaud de Auvergne, um lobisomem que foi curado quando um carpinteiro cortou uma de suas patas traseiras. É claro que deve ter sido uma dor indescritível, mas a história conta que Raimbaud agradeceu ao carpinteiro "por livrá-lo para sempre da forma amaldiçoada". — Stefan levantou a cabeça. — Agora, estou pensando que se Tyler não nos ajudar com as informações, o mínimo que podemos

fazer é cuidar para que ele não saia por aí matando novamente. O que vocês acham?

Matt se pronunciou.

— Acho que é nosso dever curá-lo.

— Só precisamos eliminar um de seus membros — concordou Bonnie.

— Posso pensar num deles agora mesmo — disse Meredith à meia-voz.

Os olhos de Tyler começavam a se esbugalhar. Por baixo da terra e do sangue, sua cara normalmente vermelha ficara pálida.

— Vocês estão blefando!

— Me dê o machado, Matt — disse Stefan. — Meredith, tire um dos sapatos dele.

Tyler chutou quando ela obedeceu, mirando o rosto dela. Matt se aproximou e prendeu sua cabeça numa chave de braço.

— Não piore as coisas para si mesmo, Tyler.

O pé descalço que Meredith expôs era grande, a sola tão suada quanto as mãos de Tyler. Pelos ásperos brotavam dos dedos. Deu arrepios em Meredith.

— Vamos acabar logo com isso — disse ela.

— Vocês estão de sacanagem! — uivou Tyler, debatendo-se tanto que Bonnie teve de pegar a outra perna e se ajoelhar sobre ela. — Não podem fazer isso! Não podem!

— Mantenham-no imóvel — disse Stefan. Trabalhando juntos, eles esticaram Tyler, a cabeça presa no braço de Matt, as pernas abertas e presas pelas meninas. Certificando-se de que Tyler não pudesse ver o que ele fazia, Stefan equilibrou um galho talvez de 5 centímetros de espessura na tampa da tumba. Ergueu o machado e o desceu com força, seccionando o galho em um só golpe.

— Está bem afiado — disse ele. — Meredith, enrole as pernas da calça para cima. Depois amarre uma corda pouco acima do tornozelo o mais apertado que puder, para fazer um torniquete. Não queremos que ele tenha uma hemorragia.

— Não pode fazer isso! — Tyler gritava. — *Não pode fazer issoooooooo!*

— Grite o quanto quiser, Tyler. Aqui em cima, ninguém vai ouvir, não é mesmo? — disse Stefan.

— Você não é melhor do que eu! — Tyler gritava, cuspindo saliva. — Também é um assassino!

— Sei exatamente quem eu sou — disse Stefan. — Acredite, Tyler. Eu sei. Todos estão prontos? Que bom. Segurem-no; ele vai pular quando eu fizer isso.

Os gritos de Tyler já não eram mais palavras. Matt o segurava para que ele pudesse ver Stefan se ajoelhar e mirar, erguendo a lâmina do machado acima do tornozelo de Tyler para adquirir força e distância.

— Agora — disse Stefan, levantando alto o machado.

— *Não! Não!* Eu falo! Eu vou falar! — gritou Tyler.

Stefan olhou para ele.

— Tarde demais — disse ele, e desceu o machado.

Ele quicou no piso de pedra com um clangor e uma faísca, mas o barulho foi tragado pelos gritos de Tyler. Tyler pareceu levar vários minutos para perceber que a lâmina não tocara seu pé. Só parou para respirar quando ficou sufocado, e virou os olhos desvairados e esbugalhados para Stefan.

— Comece a falar — disse Stefan com a voz gélida e sem remorsos.

Pequenos gemidos saíram da garganta de Tyler e havia espuma em seus lábios.

— Não sei o nome dele — respondeu, ofegante. — Mas ele é como você disse. E tem razão; ele é um vampiro, cara! Eu o vi secar um cervo adulto enquanto ainda se debatia. Ele *mentiu* para mim — acrescentou Tyler, o gemido voltando aos poucos a sua voz. — Prometeu que eu seria mais forte que qualquer um, forte como ele. Disse que eu podia ter a garota que quisesse, do jeito que eu quisesse. O esquisitão desgraçado mentiu.

— Ele disse que você podia matar e se safar disso — disse Stefan.

— Disse que eu podia ficar com Caroline naquela noite. Ela nem merecia depois de ter me rejeitado daquela maneira. Eu queria que ela

implorasse... mas ela conseguiu fugir da casa de algum jeito. Eu podia ter Caroline e Vickie, ele disse. Tudo o que ele queria era Bonnie e Meredith.

— Mas você acaba de tentar matar Meredith.

— Isso foi *agora*. Agora as coisas são diferentes, idiota. Ele disse que não tinha problema.

— Por quê? — Meredith perguntou a Stefan.

— Talvez porque você tenha servido aos propósitos dele — disse ele. — Você me trouxe aqui. — Depois ele continuou. — Muito bem, Tyler, mostre-nos que está cooperando. Conte como podemos pegar esse sujeito.

— *Pegar*? Vocês enlouqueceram! — Tyler começou a gargalhar de um jeito estranho e Matt estreitou o braço em seu pescoço. — Ei, pode me asfixiar, se quiser; não adianta, essa ainda vai ser a verdade. Ele me disse que é um dos Antigos, um dos Originais, sei lá o que isso quer dizer. Disse que transforma humanos em vampiros desde antes das pirâmides. Disse que fez um pacto com o diabo. Você pode enfiar uma estaca no coração dele e não vai acontecer *nada*. Não pode matá-lo. — Riu de forma descontrolada.

— Onde ele está escondido, Tyler? — perguntou Stefan, sério. — Todo vampiro precisa de um lugar para dormir. Onde fica?

— Ele vai me matar se eu contar isso. Ele vai me *comer vivo*, cara. Meu Deus, se eu contar o que ele fez com aquele cervo antes de ele morrer... — O riso de Tyler se transformava em algo parecido com um pranto.

— Então é melhor nos ajudar a destruí-lo antes que ele o ache, não é? Qual é o ponto fraco dele? Como ele é vulnerável?

— Meu Deus, coitado daquele cervo... — Tyler balbuciava.

— E Sue? Não vai chorar por *ela*? — disse Stefan incisivamente. Ele pegou o machado. — Acho — disse ele — que está desperdiçando nosso tempo.

O machado se ergueu.

— Não! Não! Vou contar a vocês; vou contar uma coisa. Olha, tem um tipo de madeira que pode machucá-lo... Não o mata, mas machuca. Ele admitiu isso, mas não me disse qual era! Eu juro que é a verdade!

— Não basta, Tyler — disse Stefan.

— Pelo amor de Deus... Eu vou contar onde ele está esta noite. Se vocês forem rápidos, talvez possam impedi-lo.

— Como assim, onde ele está esta noite? Fale logo, Tyler!

— Ele vai na casa da Vickie, tá legal? Disse que hoje à noite cada um teria a sua. Isso ajuda, né? Se vocês correrem, talvez consigam chegar lá a tempo!

Stefan ficou paralisado e Meredith sentiu o coração disparar. Vickie. Eles nem tinham pensado num ataque a Vickie.

— Damon a está protegendo — disse Matt. — Não é Stefan? Não é?

— Deveria estar — disse Stefan. — Eu o deixei lá ao anoitecer. Se alguma coisa acontecesse, ele teria me chamado...

— Ah, vocês... — sussurrou Bonnie. Seus olhos estavam arregalados e os lábios tremiam. — Acho melhor irmos lá *agora*.

Eles a olharam por um momento, mas logo todos estavam em movimento. O machado tiniu no chão quando Stefan o largou.

— Ei, não podem me deixar assim! Eu não posso dirigir! Ele vai voltar para me pegar! Voltem aqui e desamarrem minhas mãos! — Tyler berrava. Nenhum deles respondeu.

Eles desceram toda a colina correndo e se amontoaram no carro de Meredith. Meredith partiu a toda, virando esquinas perigosamente rápido e ultrapassando sinais vermelhos, mas havia uma parte dela que não queria chegar à casa de Vickie. Que queria dar a volta e ir para outro lado.

Estou calma; sempre sou a que fica calma, pensou ela. Mas isso era por fora. Meredith sabia muito bem como aparentar calma quando tudo desmoronava por dentro.

Eles viraram a última esquina, entrando na Birch Street, e Meredith pisou no freio.

— Ah, meu Deus! — Bonnie gritou do banco traseiro. — Não! Não!

— Rápido! — disse Stefan. — Ainda pode haver uma chance. — Ele abriu a porta num rompante e estava na rua antes que o carro tivesse parado. Mas na traseira, Bonnie chorava.

11

O carro parou numa derrapada atrás de uma das viaturas policiais que estavam atravessadas na rua. Havia luzes em toda parte, luzes piscando azuis, vermelhas e âmbar, luzes fortes na casa dos Bennett.

— Fique aqui — disse Matt e saltou para fora, seguindo Stefan.

— Não! — A cabeça de Bonnie se levantou de repente; ela queria pegá-lo e arrastá-lo de volta. A náusea vertiginosa que sentia desde que Tyler falou em Vickie agora a dominava. Era tarde demais; ela sabia, logo de cara, que era tarde demais. Matt só ia acabar morto também.

— Você fica, Bonnie... Mantenha as portas trancadas. Vou atrás deles — disse Meredith.

— Não! Estou cheia de todo mundo me dizer para *ficar*! — gritou Bonnie, lutando com o cinto de segurança, finalmente conseguindo abri-lo. Ainda chorava, mas enxergava o suficiente para sair do carro e partir para a casa de Vickie. Podia ouvir os passos de Meredith bem atrás dela.

A atividade parecia se concentrar na frente; pessoas gritando, uma mulher aos berros, as vozes com estática dos rádios da polícia. Bonnie e Meredith foram direto para os fundos, para a janela de Vickie. O que havia de errado naquele cenário?, pensou Bonnie, desesperada, ao se aproximarem. A estranheza era inegável, mas difícil de situar. A janela de Vickie estava aberta — mas *não podia* estar aberta; a vidraça do meio de uma janela de nicho nunca se abre, pensou Bonnie. Mas como as cortinas podiam estar adejando como uma fralda de camisa?

Não estava aberta, estava quebrada. Havia vidro em todo o caminho de cascalho, rangendo sob os pés. Havia cacos que pareciam dentes sorridentes nos caixilhos. A casa de Vickie tinha sido arrombada.

— Ela o convidou a *entrar* — gritou Bonnie numa fúria agoniada. — Por que ela *fez* isso? Por quê?

— Fique aqui — disse Meredith, tentando umedecer os lábios secos.

— *Pare de me dizer isso.* Eu aguento, Meredith. Estou *irritada*, é só isso. Eu o *odeio*. — Ela pegou o braço de Meredith e avançou.

O buraco estava cada vez mais perto. As cortinas tremulavam. Havia espaço suficiente entre elas para ver o interior.

No último minuto, Meredith empurrou Bonnie de lado e olhou primeiro. Não importava. Os sentidos paranormais de Bonnie estavam despertos e já lhe falavam deste lugar. Era como a cratera que fica no chão depois que o meteoro a atinge e explode, ou como o esqueleto carbonizado de uma floresta depois de um incêndio. Poder e violência ainda vibravam no ar, mas o evento principal já havia acabado. Este lugar fora violado.

Meredith se afastou da janela, curvando-se, com ânsia de vômito. Cerrando os punhos com tanta força que as unhas machucaram as palmas das mãos, Bonnie avançou e olhou para dentro.

Foi atingida primeiro pelo cheiro. Um cheiro úmido, de carne e cobre. Ela quase podia sentir o gosto, e tinha gosto de língua mordida por acidente. O aparelho de som tocava alguma coisa que ela não conseguia identificar com a gritaria na frente e o bater surdo nos próprios ouvidos. Seus olhos, adaptando-se da escuridão do lado de fora, só conseguiam enxergar vermelho. Só vermelho.

Porque essa era a nova cor do quarto de Vickie. O azul-claro se fora. Papel de parede vermelho, edredom vermelho. Vermelho em grandes borrifos berrantes pelo chão. Como se uma criança tivesse brincado com um balde de tinta vermelha sem supervisão.

O aparelho de som estalou e a música voltou ao início. Com um choque, Bonnie a reconheceu enquanto recomeçava.

Era "Goodnight Sweetheart".

— Seu monstro — disse Bonnie, ofegante. A dor atingiu o estômago dela em cheio. Sua mão se segurou no parapeito, com uma força cada vez maior. — Seu monstro, eu te *odeio*! Eu te odeio!

Meredith ouviu e endireitou o corpo, virando-se. Trêmula, empurrou o cabelo para trás e conseguiu respirar fundo algumas vezes, tentando dar a impressão de que estava controlada.

— Você está cortando a mão — disse ela. — Deixe-me ver.

Bonnie nem tinha percebido que se agarrava ao vidro quebrado. Deixou que Meredith pegasse a mão, mas em vez de permitir que a examinasse, girou-a e segurou com força a mão de Meredith. Meredith estava péssima: os olhos escuros vidrados, os lábios branco-azulados e tremendo. Mas ainda assim Meredith tentava cuidar dela, ainda tentava controlar a situação.

— Anda — disse ela, olhando atentamente a amiga. — Chora, Meredith. Grita, se quiser. Mas faça alguma coisa. Não precisa ser fria agora e guardar tudo isso. Tem todo o direito de perder o controle hoje.

Por um momento Meredith ficou apenas parada ali, tremendo, mas depois balançou a cabeça numa tentativa de sorriso.

— Não posso. Simplesmente não sou assim. Vamos, deixa eu olhar sua mão.

Bonnie podia ter discutido, mas Matt apareceu, pelo canto da casa. Disparou naquela direção ao ver as meninas paradas ali.

— O que estão fazendo...? — começou ele. Depois viu a janela.

— Ela está morta — disse Meredith sem rodeios.

— Eu sei. — Matt parecia uma fotografia ruim dele mesmo, uma foto que foi exposta demais. — Me disseram lá na frente. Eles estão tirando... — ele parou.

— Estragamos tudo. Mesmo depois de prometermos a ela... — Meredith parou também. Não havia mais nada a dizer.

— Mas a polícia terá de acreditar na gente — disse Bonnie, olhando para Matt, depois para Meredith, encontrando um motivo para ficar agradecida. — Eles *vão ter* que ouvir.

— Não — disse Matt —, não vão, Bonnie, porque estão dizendo que foi suicídio.

— *Suicídio?* Mas eles viram o quarto? Eles chamam *isso* de suicídio? — exclamou Bonnie, a voz se elevando.

— Estão dizendo que ela era mentalmente desequilibrada. Dizem que ela... pegou uma tesoura...

— Ai, meu Deus — disse Meredith, dando as costas.

— Eles acham que ela devia estar se sentindo culpada por ter matado a Sue.

— Alguém invadiu a casa — disse Bonnie com violência. — Eles têm de admitir isso!

— Não. — A voz de Meredith era branda, como se ela estivesse muito cansada. — Observe aqui, a janela. Tem vidro por todo lado. Alguém o quebrou de dentro para fora.

E isso era o que havia de errado com o ambiente, pensou Bonnie.

— *Ele* deve ter feito isso, ao sair — disse Matt. Eles se olharam em silêncio, derrotados.

— Cadê o Stefan? — perguntou Meredith a Matt baixinho. — Ele está na frente, onde todo mundo pode ver?

— Não, depois que descobrimos que ela estava morta, ele veio por aqui. Eu vim atrás dele. Deve estar aqui em algum lugar...

— Shhhh! — disse Bonnie. Os gritos da frente tinham parado. A mulher que antes berrava, também. Na quietude relativa, eles ouviram uma voz fraca atrás das nogueiras no quintal.

— ... enquanto *você* a devia estar vigiando!

O tom fez a pele de Bonnie se arrepiar.

— É ele! — disse Matt. — E está com Damon. Vamos!

Depois que chegaram às árvores, Bonnie podia ouvir a voz de Stefan com clareza. Os dois irmãos estavam de frente um para o outro sob a luz da lua.

— Eu confiei em você, Damon. Eu confiei em você! — dizia Stefan. Bonnie nunca o vira com tanta raiva, nem mesmo com Tyler, no cemitério. Mas era mais do que raiva.

— E você deixou que isso acontecesse — continuou Stefan, sem olhar para Bonnie e os outros, que se aproximavam, sem dar a Damon a oportunidade de responder. — Por que não fez *alguma coisa*? Se você era

covarde demais para lutar com ele, podia pelo menos ter me chamado. Mas só ficou parado aqui!

O rosto de Damon era duro e sério. Seus olhos escuros cintilavam e sua postura não trazia a preguiça ou a despreocupação de costume. Ele parecia rígido e frágil como uma chapa de vidro. Abriu a boca, mas Stefan o interrompeu.

— A culpa é minha. Eu devia saber muito bem. Eu *devia* saber. Todos *eles* sabem; e me avisaram, mas não dei ouvidos.

— Ah, *eles* sabem? — Damon olhou de lado para Bonnie. Um arrepio a tomou.

— Stefan, espere — disse Matt. — Eu acho...

— Eu devia ter ouvido! — Agora Stefan estava furioso. Nem pareceu ouvir Matt. — Eu mesmo devia ter ficado aqui. Prometi a ela que ficaria em segurança... E menti! Ela morreu pensando que eu a traí. — Bonnie podia ver agora em seu rosto, a culpa o devorando por dentro, como ácido. — Se eu tivesse ficado aqui...

— Também estaria morto! — sibilou Damon. — Não está lidando com um vampiro comum. Ele teria partido você em dois como um galho seco...

— *E teria sido melhor assim!* — exclamou Stefan. Seu peito subia e descia. — Seria melhor morrer com ela do que ficar parado olhando! O que houve, Damon? — Ele agora estava mais controlado, estava calmo, calmo demais; seus olhos verdes ardiam, febris no rosto pálido, a voz cruel e cheia de veneno. — Estava ocupado demais perseguindo outra menina pelos arbustos? Ou desinteressado demais para interferir?

Damon não disse nada. Estava tão pálido quanto o irmão, cada músculo tenso e rígido. Uma onda sombria de fúria emanava dele enquanto olhava o irmão.

— Ou talvez tenha gostado — continuava Stefan, aproximando-se outro meio passo, para se colocar bem diante do rosto de Damon. — Sim, deve ter sido isso; você gostou de ficar com outro assassino. Foi bom, Damon? Ele deixou você olhar?

O punho de Damon recuou e atingiu Stefan.

Aconteceu rápido demais para os olhos de Bonnie acompanharem. Stefan caiu de costas no chão macio, as pernas compridas se esparramando. Meredith gritou alguma coisa e Matt pulou na frente de Damon.

Corajoso, pensou Bonnie meio tonta, mas burro. O ar estalava de eletricidade. Stefan levou a mão à boca e encontrou sangue, preto na luz da lua. Bonnie partiu para o lado dele e o segurou pelo braço.

Damon ia partir para cima dele de novo. Matt se atirou na frente dele e caiu, mas não completamente. Ficou de joelhos ao lado de Stefan, apoiando-se nos calcanhares, uma das mãos erguidas.

— Chega, vocês dois! Chega, está bem? — gritou ele.

Stefan tentava se levantar. Bonnie segurou seu braço com mais firmeza.

— Não! Stefan, não! Não! — implorava ela. Meredith segurou o outro braço.

— Damon, deixe isso pra lá! Deixe pra lá! — pedia Matt, sério.

Estamos todos envolvidos, nos intrometendo nisso, pensou Bonnie. Tentando evitar uma briga entre dois vampiros furiosos. Eles vão nos matar só para calar a nossa boca. Damon vai esmagar Matt como se fosse uma mosca.

Mas Damon parou, com Matt bloqueando seu caminho. Por um bom tempo, a cena continuou paralisada, ninguém se mexia, todos rígidos de tensão. Depois, lentamente, a postura de Damon relaxou.

Suas mãos baixaram e ele descerrou os punhos. Respirou devagar. Bonnie percebeu que também prendia a respiração e tentava relaxar.

A expressão de Damon era fria, como uma estátua de gelo.

— Muito bem, como você quiser — disse ele, e sua voz era fria também. — Mas estou farto daqui. Vou embora. E desta vez, *irmão*, se me seguir, eu o matarei. Com ou sem promessas.

— Não vou segui-lo — disse Stefan de onde estava sentado. Sua voz dava a impressão de que ele engolia vidro moído.

Damon fechou a jaqueta, endireitando-a. Com um olhar de relance para Bonnie, ele se virou para partir. Em seguida deu meia-volta e falou com

clareza e exatidão, cada palavra uma flecha que disparava na direção de Stefan.

— Eu o avisei — disse Damon. — Sobre quem sou, sobre que lado venceria. Devia ter ouvido *a mim*, irmãozinho. Talvez aprenda alguma coisa esta noite.

— Aprendi o quanto custa confiar em você — disse Stefan. — Saia daqui, Damon. Nunca mais quero ver você.

Sem dizer mais nada, Damon deu as costas a eles e se afastou no escuro.

Bonnie soltou o braço de Stefan e pôs a cabeça entre as mãos.

Stefan se levantou, sacudindo-se como um gato que ficou preso contra a própria vontade. Afastou-se um pouco dos outros, sem olhar para eles. Depois simplesmente ficou ali. A raiva parecia deixá-lo com a mesma rapidez com que chegou.

O que vamos dizer agora?, perguntava-se Bonnie, olhando para cima. O que *podemos* dizer? Stefan tinha razão numa coisa: eles o alertaram sobre Damon e ele não deu ouvidos. Ele verdadeiramente parecia acreditar que o irmão merecia confiança. E depois todos ficaram vulneráveis, dependendo de Damon, porque era fácil e porque precisavam de ajuda. Ninguém questionou o fato de Damon vigiar Vickie esta noite.

Todos podiam ser culpados. Mas era Stefan quem iria se dilacerar de culpa por tudo aquilo. Ela sabia o que havia por trás da fúria descontrolada de Damon: a própria vergonha e remorso. Ela se perguntou se Damon sabia disso, ou se ele se importava. E ela se perguntou o que realmente aconteceu esta noite. Agora que Damon foi embora, eles talvez jamais viessem a saber.

Mas não importava, pensou ela, *era melhor que ele fosse embora*.

Na rua, os ruídos se reafirmavam: carros dando a partida, a explosão curta de uma sirene, portas batendo. Eles estavam seguros entre as árvores, mas não podiam ficar ali.

Meredith estava com a mão na testa, de olhos fechados. Bonnie olhou dela para Stefan, para as luzes na casa silenciosa de Vickie, além da vegetação. Uma onda de exaustão atravessou seu corpo. Toda a adrenalina que a sustentou esta noite agora parecia ter esgotado. Ela nem conseguia

mais sentir raiva pela morte de Vickie; só depressão e náusea, e um cansaço muito, muito grande. Ela queria poder se arrastar para a cama em casa e puxar o cobertor até a cabeça.

— Tyler — disse ela em voz alta. E quando todos se viraram, continuou: — Nós o deixamos na igreja em ruínas. E ele agora é nossa última esperança. Temos que convencê-lo a nos ajudar.

Isso animou a todos. Stefan virou-se em silêncio, sem falar nada nem olhar ninguém nos olhos, seguindo-os para a rua. As viaturas e ambulâncias tinham partido e eles seguiram sem incidentes de carro para o cemitério.

Mas, ao chegarem à igreja em ruínas, Tyler não estava lá.

— Nós o deixamos desamarrado — disse Matt com a voz embargada e uma careta de repulsa por si mesmo. — Ele deve ter ido a pé, porque o carro dele ainda está ali.

Ou pode ter sido pego, pensou Bonnie. Não havia marca no piso de pedra para mostrar o que tinha acontecido.

Meredith foi até a parede baixa e se sentou, os dedos beliscando a ponta do nariz.

Bonnie se encostou no campanário.

Eles foram um completo fracasso. Esta era a síntese desta noite. Eles perderam e *ele* venceu. Tudo que fizeram hoje terminou em derrota.

E Stefan, ela sabia, carregava toda a responsabilidade em seus ombros.

Ela olhou a cabeça morena e tombada no banco da frente enquanto eles voltavam de carro ao pensionato. Outro pensamento ocorreu a Bonnie, um pensamento que provocou arrepios de alarme por seus nervos. Agora que Damon tinha ido embora, eles só podiam contar com a proteção de Stefan. E se o próprio Stefan estivesse fraco e exaurido...

Bonnie mordeu o lábio enquanto Meredith estacionava perto do celeiro. Uma ideia se formava em sua mente. Deixou-a inquieta, até assustada, mas outro olhar para Stefan a fez decidir.

A Ferrari ainda estava estacionada atrás do celeiro — ao que parecia, Damon a abandonara. Bonnie se perguntou como ele pretendia atravessar o país, mas logo lembrou-se das asas. Macias como veludo, asas pretas e fortes

de corvo que refletiam o arco-íris em suas penas. Damon não precisava de um carro.

Eles entraram no pensionato por tempo suficiente para Bonnie telefonar para os pais e dizer que ia passar a noite na casa de Meredith. Isto foi ideia dela. Mas depois que Stefan subiu a escada para seu quarto no sótão, Bonnie parou Matt na varanda da frente.

— Matt? Posso te pedir um favor?

Ele girou, os olhos azuis arregalados.

— Esta é uma pergunta cheia de significado. Sempre que Elena dizia exatamente estas palavras...

— Não, não, não é nada terrível. Só quero que cuide de Meredith, veja se ela está bem depois que chegar em casa e essas coisas. — Ela indicou a amiga, que já voltava para o carro.

— Mas você vem com a gente.

Bonnie olhou a escada através da porta aberta.

— Não, acho que vou ficar uns minutos. Stefan pode me levar para casa. Só quero conversar uma coisa com ele.

Matt ficou confuso.

— Conversar o que com ele?

— É só uma coisa. Não posso explicar agora. Você pode, Matt?

— Mas... Ah, tudo bem. Estou cansado demais para me importar. Como você quiser. A gente se vê amanhã. — Ele se afastou, parecendo desnorteado e meio irritado.

A própria Bonnie ficou confusa com a atitude dele. Por que ele *devia* se importar, com ou sem cansaço, se ela ia conversar com Stefan? Mas não havia tempo a perder pensando nisso. Ela se virou para a escada e, endireitando os ombros, subiu.

A lâmpada do teto do sótão não estava ali e Stefan tinha acendido uma vela. Estava deitado de qualquer jeito na cama, uma perna para fora, os olhos fechados. Talvez dormindo. Bonnie entrou de mansinho e criou coragem, respirando fundo.

— Stefan?

Os olhos dele se abriram.

— Pensei que tivesse ido embora.

— Eles foram. Eu não. — Meu Deus, como ele está pálido, pensou Bonnie. Por impulso, ela foi direto ao assunto. — Stefan, eu estive pensando. Agora que Damon foi embora, você é a única coisa entre nós e o assassino. Isso quer dizer que você precisa estar forte, o mais forte possível. E, bom, me ocorreu que talvez... Sabe como é... Você possa precisar... — Sua voz falhou. Inconscientemente, ela começou a mexer no maço de lenços de papel que formavam uma atadura improvisada na palma da mão. Ainda sangrava lentamente do corte que teve no vidro.

O olhar de Stefan acompanhou o dela. Depois os olhos de Stefan se ergueram rapidamente para seu rosto, lendo a confirmação ali. Fez-se um longo silêncio.

Ele sacudiu a cabeça, em negação.

— Mas por quê? Stefan, não quero me intrometer na sua vida, mas francamente, você não parece nada bem. Não será de muita ajuda para alguém se desabar. E... eu não ligo se você só tomar um pouco. Quer dizer, nem vou sentir falta, né? E não pode doer tanto assim. E... — De novo, sua voz falhou. Ele se limitava a olhar para ela, o que era desconcertante. — Bom, por que *não*? — perguntou ela, sentindo-se meio rejeitada.

— Porque — disse ele suavemente — eu fiz uma promessa. Talvez não com tantas palavras, mas... foi uma promessa, mesmo assim. Não me alimentarei de sangue humano, porque isso significa *usar* uma pessoa como gado. E não vou trocar sangue com ninguém, porque isso significa amor, e... — Desta vez foi Stefan que não conseguiu concluir. Mas Bonnie entendeu.

— Nunca mais haverá outra, não é? — disse ela.

— Não. Não para mim. — Stefan estava tão cansado que seu controle se esvaía e Bonnie podia ver isso por trás da máscara. E de novo viu a dor e a carência, tão grandes que teve de desviar os olhos dele.

Um friozinho estranho de premonição e desânimo perfurou seu coração. Antes, ela se perguntara se Matt um dia superaria Elena, e ele superou, ao que parecia. Mas Stefan...

Stefan, percebeu Bonnie, o arrepio se aprofundando, era diferente. Por mais que o tempo passasse, independentemente do que ele fizesse, jamais seria o mesmo novamente. Sem Elena, ele sempre viveria pela metade, seria meio vivo.

Ela precisava pensar em alguma coisa, fazer alguma coisa, para afastar essa sensação de pavor. Stefan precisava de Elena; não podia ser inteiro sem ela. Esta noite ele começou a falhar, oscilando perigosamente entre o controle rígido e a fúria violenta. Se ele pudesse ver Elena só por um minuto e falar com ela...

Ela subiu ao sótão para dar a Stefan um presente que ele não queria. Mas havia outra coisa que ele queria, percebeu Bonnie, e só ela tinha o poder de dar isso a ele.

Sem olhar para Stefan, com a voz rouca, ela perguntou:

— Gostaria de ver Elena?

Silêncio mortal na cama. Bonnie se sentou, observando as sombras no quarto oscilarem. Por fim, ela se arriscou a olhar para ele pelo canto do olho.

Ele respirava com dificuldade, de olhos fechados, o corpo tenso como um arco. Bonnie diagnosticou que ele tentava reunir forças para resistir à tentação.

E perdia. Bonnie viu isso.

Elena sempre foi demais para ele.

Quando os olhos de Stefan encontraram os dela de novo, pareciam melancólicos e sua boca era uma linha firme. A pele não estava mais pálida, mas corada. Seu corpo ainda estava trêmulo e tenso, e nervoso de expectativa.

— Você pode se machucar, Bonnie.

— Eu sei.

— Pode se abrir a forças que estão além de seu controle. Não posso garantir que consigo protegê-la delas.

— Eu sei. Como quer fazer isso?

Ele pegou a mão dela com firmeza e intensidade.

— Obrigado, Bonnie — sussurrou ele.

Ela sentiu o sangue subir ao rosto.

— Está tudo bem — disse ela. Meu *Deus*, ele era lindo. Aqueles olhos... Num minuto ela ou ia pular em cima dele, ou derreter numa poça naquela cama. Com uma sensação ao mesmo tempo agradável e agoniada por sua virtude, ela puxou a mão e se virou para a vela.

— E se eu entrar em transe e tentar contato com ela, e depois que fizer contato tentar encontrar você e o atrair? Acha que pode dar certo?

— Pode, se eu entrar em contato com você também — disse ele, desviando aquela intensidade de Bonnie e concentrando-se na vela. — Posso tocar sua mente... Quando estiver pronta, eu a sentirei.

— Tudo bem. — A vela era branca, as laterais de cera lisas e reluzentes. A chama aumentou e reduziu. Bonnie a olhou até se perder nela, até que o resto do quarto escurecesse. Só havia a chama, ela mesma e a chama. Ela entrava na chama.

Um clarão insuportável a cercou. E ela desmaiou no escuro.

A casa funerária era fria. Inquieta, Bonnie olhou o ambiente, perguntando-se como tinha chegado lá, tentando raciocinar. Estava inteiramente só e por algum motivo isso a incomodava. Não devia haver mais alguém ali? Ela procurava por alguém.

Havia luz no cômodo seguinte. Bonnie foi para lá e seu coração começou a bater mais rápido. Era uma sala de estar e estava cheia de candelabros, as velas brancas cintilando e tremendo. No meio havia um caixão branco com a tampa aberta.

Passo a passo, como se alguma coisa a empurrasse, Bonnie foi se aproximando do caixão. Não queria olhar dentro dele. Mas tinha de olhar. Havia alguma coisa naquele caixão esperando por ela.

Todo o ambiente estava envolto pela luz branca e suave das velas. Era como flutuar em uma ilha de energia radiante. Mas ela não queria olhar...

Andando como se estivesse em câmera lenta, ela chegou ao caixão, observando o forro de cetim branco. Estava vazio.

Bonnie fechou a tampa e se encostou ali, suspirando.

Depois percebeu um movimento em sua visão periférica e girou o corpo. Era Elena.

— Ah, meu Deus, você me assustou — disse Bonnie.

— Pensei ter dito a você para não vir aqui — respondeu Elena.

Desta vez o cabelo dela estava solto, flutuando sobre os ombros e caindo nas costas, o dourado claro de uma chama. Estava com um vestido branco e fino que refletia suavemente a luz das velas. Parecia ela mesma uma vela, luminosa, radiante. Seus pés estavam descalços.

— Eu vim aqui para... — Bonnie se atrapalhou, algo estava insistentemente perturbando sua mente. Era o sonho *dela*, o transe dela. Ela precisava se lembrar. — Vim aqui para que você veja Stefan — disse.

Os olhos de Elena se arregalaram, os lábios se separando. Bonnie reconheceu a expressão de desejo, de anseio quase irresistível. Há menos de 15 minutos vira a mesma expressão em Stefan.

— Oh — sussurrou Elena. Ela engoliu em seco, os olhos se toldando. — Ah, Bonnie... Mas *eu não posso*.

— E por que não?

Agora as lágrimas rolavam dos olhos de Elena e seus lábios tremiam.

— E se as coisas começarem a mudar? E se *ele* vier e... — Ela pôs a mão na boca e Bonnie se lembrou do último sonho, os dentes dela caindo como gotas de chuva. Bonnie olhou Elena nos olhos com um pavor compreensível.

— Não entende? Eu não suportaria se alguma coisa assim acontecesse — sussurrou Elena. — Se ele me visse assim... E não posso controlar as coisas aqui; não sou forte o bastante para isso. Bonnie, por favor, não deixe Stefan entrar. Diga a ele o quanto eu lamento. Diga a ele... — Ela fechou os olhos, as lágrimas cobrindo seu rosto.

— Tudo bem. — Bonnie teve vontade de chorar também, mas Elena tinha razão. Ela tentou localizar Stefan telepaticamente para explicar a ele, para ajudá-lo a suportar a decepção. Mas, no instante em que pensou nele, Bonnie entendeu que tinha cometido um erro.

— Stefan, não! Elena disse... — Não importava. A mente de Stefan era mais forte e, no instante em que ela fez contato, ele a dominou. Ele sentiu a

essência de sua conversa com Elena, mas não ia aceitar aquela resposta. Impotente, Bonnie se sentiu dominada, sentiu a mente de Stefan cada vez mais perto, mais próxima do círculo de luz formado pelos candelabros. Sentiu a presença dele ali, sentiu que sua forma estava se estabelecendo. Virou-se e o viu, o cabelo preto, o rosto tenso, os olhos verdes penetrantes como os de um falcão. E então, sabendo que não havia mais nada a fazer, ela recuou para que os dois ficassem a sós.

12

Stefan ouviu um sussurro suave de dor.

— Oh, não.

Uma voz que ele nunca pensou que voltaria a ouvir, que ele jamais esqueceria. Uma sequência de arrepios tomaram sua pele e, em seu íntimo, podia sentir o começo de um tremor. Ele se virou na direção da voz, a atenção fixa de imediato, a mente quase se desligando porque não podia lidar com tantas emoções súbitas e fortes ao mesmo tempo.

Seus olhos estavam embaçados e só conseguiram discernir um banho de luz, como de mil velas. Mas não importava. Ele podia *sentir* a presença dela. A mesma presença que sentira no dia em que chegou a Fell's Church, um clarão dourado e claro que brilhava em sua consciência. Um turbilhão de uma beleza fria, paixão ardente, vibração e vida. Exigindo que ele se aproximasse, que ele se esquecesse de todo o resto.

Elena. Era verdadeiramente Elena.

A presença de Elena o impregnou, tomando-o até a ponta dos dedos. Todos os sentidos em alerta, fixos naquele banho de luz, procurando por ela. Precisando dela.

E então ela avançou.

Ela se movia lentamente, hesitante. Como se mal conseguisse ou soubesse andar. Stefan foi preso pela mesma paralisia.

Elena.

Ele reparou em cada traço dela como se fosse a primeira vez. O cabelo dourado-claro flutuando no rosto e nos ombros como um halo. A pele branca e impecável. O corpo magro e flexível que agora o evitava, a mão erguida em protesto.

— Stefan. — Veio o sussurro, e era a voz *de Elena*. A voz dela dizendo o nome dele. Mas a dor que havia ali impelia Stefan a correr até Elena, abraçá-la, prometer que tudo ia ficar bem. — Stefan, por favor... Eu *não posso*...

Ele agora podia ver os olhos de Elena. O azul-escuro como lápis-lazúli, pontilhado de ouro na luz. Arregalados de dor e imersos em lágrimas não derramadas. Retalhou-o por dentro.

— Não quer me ver? — A voz dele era seca como poeira.

— Não quero que *você me* veja. Ah, Stefan, ele pode fazer qualquer coisa acontecer. E ele vai nos descobrir. Ele virá aqui...

O alívio e uma alegria dolorosa inundaram Stefan. Ele mal conseguia se concentrar nas palavras dela, e isso não importava. Bastava o modo como Elena dizia seu nome. Aquele "ah, Stefan" era tudo o que ele queria, e precisava, ouvir.

Ele se aproximou em silêncio, a mão estendendo-se para a dela. Viu sua cabeça balançar em protesto, viu que seus lábios estavam separados devido à respiração acelerada. De perto, sua pele tinha um brilho que vinha de dentro, como uma chama reluzindo através da cera transparente de uma vela. Pequenas lágrimas se prendiam aos seus cílios, como diamantes.

Embora ela balançasse a cabeça, ainda protestando, não recolheu a mão. Nem mesmo quando os dedos estendidos de Stefan a tocaram, apertando as pontas frias dos dedos de Elena como se estivessem em lados opostos de uma vidraça.

E, a essa distância, os olhos dela não fugiram dos dele. Eles se olhavam, fixamente, e não se desviaram. Até que, por fim, ela parou de sussurrar "Stefan, não" e só sussurrou o nome dele.

Ele não conseguia pensar. O coração ameaçava saltar do peito. Nada mais importava, apenas que ela estava ali, que ali eles estavam juntos. Ele não percebeu o ambiente estranho, não se importou com quem poderia estar olhando.

Lentamente, bem devagar, ele fechou a mão na dela, entrelaçando os dedos, como deviam ficar. A outra mão de Stefan se ergueu até o rosto de Elena.

Os olhos dela se fecharam ao toque, o rosto se inclinando para ele. Stefan sentiu a umidade em seus dedos e um riso ficou preso na garganta. Lágrimas de sonho. Mas eram reais, *ela* era real. Elena.

A doçura o penetrou. Um prazer tão agudo que era uma dor, só de retirar as lágrimas do rosto dela com seu polegar.

Toda a ternura frustrada dos últimos seis meses, toda a emoção que ele manteve presa no coração por tanto tempo saíram de uma vez, submergindo-o. Afogando os dois. Bastou um movimento mínimo e ele a abraçava.

Um anjo em seus braços, frio e eletrizado de vida e beleza. Um ser de chama e ar. Ela tremia em seu abraço; depois, de olhos ainda fechados, ergueu os lábios.

Não havia frieza alguma naquele beijo. Provocou faíscas em Stefan, derretendo e dissolvendo tudo o que havia em volta. Ele sentiu seu controle se desfazer, o controle que se esforçava tanto para manter desde que a perdera. Tudo dentro dele se abalava e se soltava, todos os nós desatados, todas as comportas abertas. Ele podia sentir as próprias lágrimas ao abraçá-la, tentando fundi-los numa só carne, num só corpo. Para que nada pudesse separá-los novamente.

Os dois choravam sem interromper o beijo. Agora os braços magros de Elena estavam em seu pescoço, cada centímetro dela se encaixando nele como se não pertencesse a nada mais. Ele sentia o sal de suas lágrimas nos lábios e mais uma vez a doçura o inundou.

Ele sabia, vagamente, que havia mais alguma coisa em que devia estar pensando. Mas o primeiro toque eletrizante da pele fria de Elena lhe tirara a razão. Eles estavam no meio de um redemoinho de fogo; o universo podia explodir, esfarelar-se ou arder até as cinzas, desde que ele pudesse mantê-la segura.

Mas Elena tremia.

Não só de emoção, daquela intensidade que o deixava tonto e inebriado de prazer. De medo. Ele podia sentir o medo na mente de Elena e queria protegê-la, abrigá-la, amá-la e *matar* qualquer coisa que se atrevesse a

assustá-la. Com algo parecido com um rosnado, ele ergueu a cabeça para olhar em volta.

— O que é? — disse ele, ouvindo o quão áspera soava sua própria voz, como a de um predador. — Se alguma coisa tentar feri-la...

— Nada pode me ferir. — Ela ainda se agarrava a ele, mas se inclinou para trás para olhar em seu rosto. — Eu tenho medo por *você*, Stefan, pelo que ele pode fazer a você. E pelo que pode fazer você ver... — Sua voz oscilou. — Ah, Stefan, vá agora, antes que ele chegue. Ele pode encontrar você através de mim. Por favor, vá, por favor...

— Peça qualquer outra coisa e eu farei — disse Stefan. O assassino teria de rasgá-lo nervo por nervo, músculo por músculo, célula por célula para obrigá-lo a deixar Elena.

— Stefan, é só um sonho — disse Elena desesperada, com novas lágrimas rolando. — Não podemos nos tocar de verdade, não podemos ficar juntos. Não é permitido.

Stefan não se importava. Não parecia um sonho. Parecia real. E mesmo num sonho ele não ia desistir de Elena, por ninguém. Nenhuma força do céu ou do inferno o obrigaria a...

— Nem pense nisso, garoto. Surpresa! — disse uma nova voz, uma voz que Stefan nunca ouvira. Por instinto, porém, ele reconheceu a voz de um assassino. Um caçador entre caçadores. E, quando se virou, lembrou-se do que Vickie, a pobre Vickie, havia dito.

Ele parece o demônio.

Se o demônio fosse lindo e louro.

Vestia um sobretudo puído, como Vickie descrevera. Sujo e esfarrapado. Parecia qualquer morador de rua de uma grande cidade, só que era muito alto e os olhos eram claros e penetrantes. De um azul intenso, como o céu de inverno. O cabelo era quase branco, eriçado como se soprado por uma lufada de vento gelado. O sorriso largo deu náuseas em Stefan.

— Salvatore, eu presumo — disse ele, ensaiando uma mesura. — E, é claro, a linda Elena. A linda Elena... *morta*. Veio se juntar a ela, Stefan? Os dois deveriam ficar juntos.

Ele parecia jovem, mais velho do que Stefan, mas ainda assim jovem. Só que não era.

— Stefan, deixe-me agora — sussurrou Elena. — Ele não pode me atingir, mas com você é diferente. Ele pode fazer alguma coisa que o seguirá para além deste sonho.

O braço de Stefan ficou preso a ela.

— Bravo! — aplaudiu o homem de sobretudo, olhando ao redor, como que para estimular uma plateia invisível. Ele cambaleou um pouco e, se fosse humano, Stefan teria pensado que estava bêbado.

— Stefan, *por favor* — sussurrou Elena.

— Seria uma grosseria sair sem que antes fôssemos apresentados — disse o louro. Com as mãos nos bolsos do casaco, ele se aproximou um ou dois passos. — Não quer saber quem eu sou?

Elena balançou a cabeça, não por não querer saber, mas um sinal de derrota, apoiando a testa no ombro de Stefan. Ele pôs a mão em concha em seu cabelo, querendo proteger cada parte dela daquele homem assustador.

— Quero — disse ele, sem tirar os olhos do louro por sobre a cabeça de Elena.

— Não entendo por que não me perguntou primeiro — respondeu o homem, coçando o rosto com o dedo médio. — Em vez de procurar todo mundo. *Eu* sou o único que pode responder às suas perguntas. Estou por aqui há muito tempo.

— Quanto? — disse Stefan, sem se deixar impressionar.

— Há *muito* tempo... — O olhar do louro ficou sonhador, como se fitasse o passado. — Eu já rasgava pescoços bonitos quando seus ancestrais construíram o Coliseu. Matei com o exército de Alexandre. Combati na Guerra de Troia. Sou velho, Salvatore. Sou um dos Originais. Em minhas recordações mais antigas, eu portei um machado de bronze.

Lentamente, Stefan assentiu.

Ele ouviu falar dos Antigos. Eram assunto entre os vampiros, mas ninguém das relações de Stefan realmente conheceu um deles. Cada vampiro tinha origens em outro vampiro, transformado pela troca de

sangue. Mas em algum lugar, no passado, existiram os Originais, aqueles que *não* foram transformados. Era neles que a linha de continuidade parava. Ninguém sabia como se tornaram vampiros. Mas seus Poderes eram lendários.

— Ajudei a derrubar o Império Romano — continuou o louro, ainda sonhador. — Eles nos chamavam de bárbaros... Simplesmente não compreendiam! Guerra, Salvatore! Não há nada assim. Na época, a Europa era empolgante. Decidi ficar pelo interior e desfrutar a vida. Estranho, as pessoas nunca ficavam muito à vontade perto de mim. Costumavam fugir ou empunhar crucifixos. — Ele balançou a cabeça. — Mas uma mulher se aproximou e pediu minha ajuda. Era criada na casa de um barão, e sua pequena senhora estava doente. Morrendo, disse ela. Queria que eu fizesse alguma coisa. E assim... — O sorriso voltou e se alargou, ficando maior, incrivelmente maior. — Eu fiz. Ela era uma coisinha linda.

Stefan girou o corpo para afastar Elena do louro, e agora, por um momento, também virou a cabeça. Ele devia saber, devia ter imaginado. Então tudo remontava a ele. A morte de Vickie, e de Sue, eram de responsabilidade dele. Ele começara a cadeia de acontecimentos que terminava aqui.

— Katherine — disse ele, levantando a cabeça para olhar o homem. — Você foi o vampiro que transformou Katherine.

— Para *salvar* a *vida* dela — disse o louro, como se Stefan fosse burro e não compreendesse. — A vida que sua namoradinha aqui tirou.

Um nome. Stefan procurava por um nome em sua mente. Lembrava que Katherine mencionara este nome, como deve ter descrito este homem uma vez. Ele podia ouvir as palavras de Katherine em sua mente: *Acordei no meio da noite e vi o homem que Gudren, minha criada, tinha trazido. Fiquei com medo. O nome dele era Klaus e eu ouvira o povo do vilarejo dizer que ele era cruel...*

— Klaus — disse o louro com brandura, como se concordasse com alguma coisa. — Era assim que *ela* me chamava. Ela voltou a mim depois que dois sujeitinhos italianos a rejeitaram. Ela fez tudo por eles,

transformou-os em vampiros, deu-lhes a vida eterna, mas eles foram ingratos e a abandonaram. Muito estranho.

— Não foi o que aconteceu — retrucou Stefan entredentes.

— O mais estranho era que ela nunca conseguiu superar vocês, os Salvatore. Especialmente você. Ela sempre fazia comparações nada lisonjeiras entre nós. Tentei meter algum juízo naquela cabeça, mas jamais tive sucesso. Talvez devesse simplesmente tê-la matado eu mesmo, não sei. Mas acabei me acostumando com a presença dela. Ela nunca foi lá muito inteligente. Mas era bom olhar para Katherine e ela sabia se divertir. Ensinei isso a ela, a gostar de matar. Por fim sua mente mudou um pouco, mas e daí? Não era o cérebro dela que eu queria por perto.

Não havia mais nenhum vestígio de amor por Katherine no coração de Stefan, mas ainda assim ele se viu odiando o homem que fez dela o horror que era no fim.

— Eu? *Eu*, garoto? — Klaus apontou para o próprio peito, incrédulo. — *Você* fez de Katherine o que ela é agora, ou sua namoradinha fez. *Neste momento*, ela é pó. Ração de vermes. Mas infelizmente no momento sua namoradinha está um pouco além de meu alcance. Vibrando em um plano superior, não é o que dizem os místicos, Elena? Por que não vibra aqui embaixo, com o restante de nós?

— Se eu pudesse — sussurrou Elena, levantando a cabeça e encarando-o com ódio.

— Ah, sim. Enquanto isso tenho seus amigos. Sue era um *doce*, pelo que soube. — Ele lambeu os lábios. — E Vickie, uma delícia. Delicada mas encorpada, com um bom buquê. Mais para 19 anos do que para 17.

Stefan tentou dar um passo, mas Elena o segurou.

— Stefan, não! Este é o território dele e seus Poderes são mais fortes do que os nossos. Ele manda aqui.

— Exatamente. Este é meu território. A irrealidade. — Klaus sorriu com malícia, o sorriso psicótico de novo. — De onde vêm seus pesadelos mais loucos, gratuitamente. Por exemplo — disse ele, olhando para Stefan —, gostaria de ver a aparência de sua namorada agora? Sem a maquiagem?

Elena soltou um murmúrio leve, quase um gemido. Stefan a abraçou com mais força.

— Quanto tempo faz que ela morreu? Uns seis meses? Sabe o que acontece com um corpo depois de enterrado por seis meses? — Klaus lambeu os lábios de novo, como um cachorro.

Agora Stefan entendia. Elena tremeu, de cabeça tombada, e tentou se afastar, mas ele manteve os braços firmes em volta dela.

— Está tudo bem — disse delicadamente. E para Klaus: — Está se esquecendo de um detalhe: não sou um humano que pula ao ver sombras e sangue. Sei sobre a morte, Klaus. Ela não me assusta.

— Não, mas emocionaria você? — A voz de Klaus era mais grave, inebriante. — Não é excitante, o fedor, a podridão, os fluidos da carne em decomposição? Não é um *prazer*?

— Stefan, solte-me. *Por favor*. — Elena tremia, empurrando-o com as mãos, o tempo todo mantendo a cabeça afastada para que ele não visse seu rosto. Sua voz denunciava que estava à beira das lágrimas. — *Por favor*.

— O único poder que você tem aqui é o da ilusão — disse Stefan a Klaus. Stefan prendeu Elena a ele, o rosto em seu cabelo. Podia sentir as mudanças no corpo que abraçava. O cabelo sob o rosto parecia se espessar e o corpo de Elena se encolhia.

— Em alguns solos, a pele pode ficar curtida como couro — garantiu-lhe Klaus, os olhos brilhando, como se sorrissem.

— Stefan, não quero que olhe para mim...

Com os olhos em Klaus, Stefan afastou gentilmente o cabelo branco e espesso e afagou o rosto de Elena, ignorando a aspereza sob seus dedos.

— Mas é claro que na maior parte do tempo só se decompõe. Que jeito de terminar. Você perde tudo, a pele, a carne, os músculos, os órgãos internos... Tudo volta à terra...

O corpo nos braços de Stefan minguava. Ele fechou os olhos e abraçou Elena com mais força, o ódio por Klaus ardendo dentro dele. Uma ilusão, era tudo uma ilusão...

— Stefan... — Era um sussurro seco, fraco. Pendeu no ar por um minuto e desapareceu, e Stefan se viu abraçando uma pilha de ossos.

— E por fim termina assim, em mais de duzentos pedaços separados, de fácil montagem. Vêm numa caixa de jogos... — Do outro lado do círculo de luz, ouviu-se um rangido. O caixão branco se abria sozinho, a tampa se erguia. — Por que não faz as honras, Salvatore? Acomode Elena no lugar certo.

Stefan caiu de joelhos, tremendo, olhando os ossos brancos e finos em suas mãos. Era tudo uma ilusão — Klaus estava apenas controlando o transe de Bonnie e mostrando a Stefan o que queria que Stefan visse. Ele não feriu realmente Elena, mas a fúria ardente e protetora dentro de Stefan não reconhecia isso. Com cuidado, Stefan pôs os ossos frágeis no chão e os tocou uma vez, gentilmente. Depois olhou para Klaus, os lábios franzidos de desprezo.

— *Isto* não é Elena — disse ele.

— Claro que é. Eu a reconheceria em qualquer lugar. — Klaus abriu as mãos e declamou: — *Conheci uma mulher, em seus ossos formosa...*

— Não. — O suor brotava na testa de Stefan. Ele se desligou da voz de Klaus e se concentrou, os punhos cerrados, os músculos se rasgando do esforço. Combater a influência de Klaus era como empurrar um pedregulho morro acima. Mas onde eles estavam, os ossos delicados começaram a tremer e uma luz dourada e clara brilhava em volta deles.

— *Farrapos, ossos e cabelos em rama... os tolos a chamavam de bela dama...*

A luz bruxuleava, dançando, lambendo os ossos e os unindo. Ouro e calor se desdobravam por eles, envolvendo-os e erguendo-os no ar. O que estava ali agora de pé era uma forma indistinta e suavemente radiante. O suor escorreu até os olhos de Stefan e ele sentiu que seus pulmões podiam explodir.

— *O corpo imóvel, o sangue vagava...*

O cabelo de Elena, longo, dourado e sedoso, arrumou-se sobre ombros cintilantes. As feições de Elena, de início embaçadas, mas aos poucos

entrando em foco, claras, formaram-se no rosto. Com amor, Stefan reconstruiu cada detalhe. Cílios grossos, nariz pequeno, lábios separados como duas pétalas de rosa. Uma luz branca girava em volta da figura, criando um vestido fino.

— *... e a fenda na xícara abre uma estrada para a terra dos mortos...*

— Não. — A vertigem tomou Stefan quando ele sentiu a última onda de Poder escapar dele. Um sopro ergueu o peito da figura e olhos azuis de lápis-lazúli se abriram.

Elena sorriu e sentiu a força do seu amor tocar Stefan.

— Stefan. — Sua cabeça era altiva, orgulhosa como de uma rainha.

Stefan virou-se para Klaus, que tinha parado de falar e olhava fixamente, em silêncio.

— Esta — disse Stefan distintamente — é Elena. Não a casca vazia que deixou na terra. Esta é Elena e nada do que fizer poderá atingi-la.

Ele estendeu a mão, Elena a pegou e se aproximou dele. Quando os dois se tocaram, ele sentiu um solavanco, depois percebeu que os Poderes de Elena fluíam para ele, sustentando-o. Ficaram lado a lado, de frente para o louro. Stefan nunca se sentiu tão vitorioso na vida, nem tão forte.

Klaus os olhou talvez por alguns segundos e ficou furioso.

Seu rosto se retorceu de ódio. Stefan podia sentir as ondas de Poder maligno atingindo Elena e ele, e usou toda sua força para resistir. O redemoinho de fúria sombria tentava separá-los, uivando pelo ambiente, destruindo tudo em seu caminho. As velas se apagaram e voaram como se apanhadas por um tornado. O sonho se rompia ao redor deles, espatifando-se.

Stefan segurou a outra mão de Elena. O vento soprou por seu cabelo, chicoteando-o no rosto.

— Stefan! — ela gritava, tentando se fazer ouvir. Depois ele ouviu a voz dela em sua mente. — *Stefan, escute! Há uma coisa que pode fazer para impedi-lo. Você precisa de uma vítima, Stefan... Encontre uma das vítimas dele. Só uma vítima saberá...*

O nível de ruído era insuportável, como se o tecido do espaço e do tempo se rasgasse. Com um grito de desespero, ele tentou alcançá-la novamente, mas não sentiu nada. Já estava esgotado pelo esforço de lutar com Klaus e não conseguiu se prender à consciência. A escuridão o tomou, levando-o em círculos para baixo.

Bonnie havia presenciado tudo.

Foi estranho, mas depois que ela se afastou para deixar Stefan a sós com Elena, pareceu deixar de estar fisicamente dentro do sonho. Era como se não fosse mais atriz ali, mas o cenário da ação continuasse rodando. Ela podia assistir, mas não podia interferir em mais nada.

No fim, Bonnie teve medo. Não era forte o bastante para segurar o sonho e toda a coisa finalmente explodiu, arrancando-a do transe, de volta ao quarto de Stefan.

Ele estava deitado no chão e parecia morto. Tão branco, tão imóvel. Mas quando Bonnie o puxou, tentando colocá-lo na cama, seu peito se ergueu e ela o ouviu arfar.

— Stefan? Você está bem?

Desvairado, ele olhou em volta como se tentasse encontrar alguma coisa.

— Elena! — disse ele, depois parou, a lembrança voltando com clareza.

Seu rosto se retorceu. Por um instante pavoroso, Bonnie pensou que ele ia chorar, mas só fechou os olhos e apoiou a cabeça nas mãos.

— Eu a perdi. Não consegui segurá-la.

— Eu sei. — Bonnie o olhou por um momento; em seguida, criando coragem, ajoelhou-se diante dele, tocando seus ombros. — Eu sinto muito.

A cabeça de Stefan se levantou de repente, os olhos verdes secos, mas com as pupilas tão dilatadas que pareciam pretos. As narinas se inflaram, os dentes à mostra num rosnado.

— Klaus! — Ele cuspiu o nome como se fosse uma maldição. — Você o viu?

— Vi — disse Bonnie, recuando. Ela engoliu em seco, o estômago revirado. — Ele é perigoso, não é, Stefan?

— Sim. — Stefan se levantou. — E precisa ser detido.

— Mas como? — Desde que vira Klaus, Bonnie ficara mais apavorada do que nunca, mais apavorada e menos confiante. — O que pode impedi-lo, Stefan? Nunca senti um Poder daqueles.

— Mas você não...? — Stefan voltou-se para ela rapidamente. — Bonnie, não ouviu o que Elena disse no fim?

— Não. Como assim? Não consegui ouvir nada; tinha um furacão ali na hora.

— Bonnie... — Os olhos de Stefan eram distantes, especulativos, mas ele começou a falar, aparentemente consigo mesmo. — Isso quer dizer que *ele* também não deve ter ouvido. Então ele não sabe e não vai tentar nos impedir.

— Do quê? Stefan, do que está falando?

— De encontrar uma vítima. Escute, Bonnie, Elena me disse que se pudermos encontrar uma vítima que sobreviveu a Klaus, podemos achar um meio de detê-lo.

Bonnie estava totalmente confusa.

— Mas... Por quê?

— Porque os vampiros e seus doadores... as presas... partilham a mente por algum tempo, enquanto o sangue está sendo trocado. Às vezes, o doador pode descobrir coisas sobre o vampiro dessa maneira. Nem sempre, mas acontece de vez em quando. É o que deve ter acontecido e Elena sabe disso.

— Está tudo muito bem, tudo muito bom... Menos por um detalhe — disse Bonnie com azedume. — Quer, por favor, me dizer quem *poderia* ter sobrevivido a um ataque de Klaus?

Ela esperou que Stefan murchasse, mas não aconteceu.

— Um vampiro — disse ele simplesmente. — Um humano que Klaus transformou em vampiro se caracteriza como vítima. Se trocaram sangue, compartilharam a consciência.

— Ah. *Ah.* Então... Se encontrarmos um vampiro que ele tenha transformado... Mas *onde*?

— Talvez na Europa. — Stefan começou a andar pelo quarto, os olhos semicerrados. — Klaus tem uma longa história e alguns vampiros dele estão por aí. Talvez tenha que partir para procurar por um deles.

Bonnie ficou visivelmente desanimada.

— Mas, Stefan, não pode nos deixar. Não pode!

Stefan parou onde estava, do outro lado do quarto, e ficou totalmente imóvel. Depois se virou para Bonnie.

— Não quero ir — disse ele em voz baixa. — Vamos primeiro pensar em outra solução... Talvez possamos prender Tyler de novo. Vou esperar uma semana, até o sábado que vem. Mas talvez eu tenha de partir, Bonnie. Sabe disso tão bem quanto eu.

O silêncio se estendeu entre os dois. Bonnie reprimiu o calor nos olhos, decidida a tentar ser adulta amadurecida. Não era uma criança e provaria isso agora, de uma vez por todas. Ela sustentou o olhar de Stefan e assentiu, lentamente.

13

19 de junho, 23:45h

Querido Diário,

Ah, meu Deus, o que vamos fazer? Esta foi a semana mais longa da minha vida. Hoje foi o último dia de aula e amanhã Stefan vai partir. Ele vai à Europa procurar por um vampiro que tenha sido transformado por Klaus. Disse que não queria nos deixar desprotegidos. Mas vai assim mesmo.

Não conseguimos encontrar Tyler de novo. Seu carro desapareceu do cemitério, mas ele não deu as caras na escola. Faltou a todas as provas finais desta semana. Não que o restante de nós esteja se saindo muito melhor. Eu queria que a Robert E. Lee fosse como as escolas que têm todas as provas finais antes da formatura. Nem sei se ultimamente estou escrevendo na minha língua ou em suaíli.

Eu odeio Klaus. Pelo que vi, ele é tão perigoso quanto Katherine — e ainda mais cruel. O que ele fez com a Vickie... mas não posso nem falar nisso, ou vou começar a chorar de novo. Ele só estava brincando com a gente na festa de Caroline, como um gato caçando um camundongo. E era aniversário de Meredith também — embora eu acredite que ele nem soubesse disso. Mas ele parece saber de muita coisa. Ele não fala como um estrangeiro, não como Stefan quando veio para a América, e ele sabe tudo daqui, até músicas dos anos 1950. Talvez ele já esteja aqui há um bom tempo...

Bonnie parou de escrever. Refletia, desesperada. Em todo esse tempo, eles pensaram em vítimas na Europa, em vampiros. Mas pelo modo como

Klaus falava, evidentemente estava na América há muito tempo. Não parecia nem um pouco estrangeiro. E tinha escolhido atacar as meninas no aniversário de Meredith...

Bonnie se levantou, pegou o telefone e discou o número de Meredith. Atendeu uma voz sonolenta de homem.

— Sr. Sulez, é a Bonnie. Posso falar com Meredith?

— Bonnie! Sabe que horas são?

— Sei. — Bonnie pensou rápido. — Mas é sobre... sobre a prova que fizemos hoje. Por favor, preciso falar com ela.

Houve uma longa pausa, depois um suspiro pesado.

— Só um minuto.

Bonnie tamborilou os dedos com impaciência enquanto esperava. Por fim houve o estalo de outro aparelho sendo tirado do gancho.

— Bonnie? — Era a voz de Meredith. — Qual é o problema?

— Nenhum. Quer dizer... — Era difícil, mas Bonnie estava consciente da linha aberta, do fato de que o pai de Meredith não tinha desligado. Ele podia estar ouvindo. — É sobre... aquele problema de alemão em que estivemos trabalhando. Você se *lembra*? Quando não conseguimos encontrar a solução. Lembra que procuramos pela única pessoa que pode nos ajudar a resolver? Bom, acho que sei quem é.

— Você *sabe*? — Bonnie podia sentir Meredith se atrapalhando para encontrar as palavras certas. — Bom... e quem é? Envolve alguma ligação internacional?

— Não — disse Bonnie —, não precisa. Está muito mais perto de casa, Meredith. Muito. Na verdade, pode-se dizer que está bem no nosso quintal, pendurado na árvore da nossa família.

A linha ficou em silêncio por tanto tempo que Bonnie se perguntou se Meredith ainda estava ouvindo.

— Meredith?

— Estou pensando. Essa solução tem algo a ver com uma coincidência?

— Não. — Bonnie relaxou e sorriu de leve, melancólica. Meredith agora entendeu. — Não tem nada a ver com coincidência. É mais um exemplo de

repetição da história. Deliberadamente se repetindo, se entende o que estou falando.

— Sei — disse Meredith. Ela parecia estar se recuperando de um choque, e não era de admirar. — Sabe de uma coisa, acho que você pode ter razão. Mas ainda tem a questão de convencer... essa pessoa... a nos ajudar.

— Acha que pode ser um problema?

— Acho que sim. Às vezes as pessoas ficam muito agitadas... com uma prova. Às vezes elas até meio que perdem o juízo.

O coração de Bonnie afundou. Esta era uma coisa que não havia ocorrido a ela. E se ele *não pudesse* dizer a elas? E se estivesse distante demais?

— Só o que podemos fazer é tentar — disse ela, usando o tom mais otimista possível. — Vamos tentar amanhã.

— Tudo bem. Pego você ao meio-dia. Boa-noite, Bonnie.

— Boa-noite, Meredith. — Bonnie acrescentou: — Desculpe.

— Não, acho que pode ser uma boa ideia, a melhor. Assim essa história não vai se repetir para sempre. Tchau.

Bonnie apertou o botão de desligar no fone. Depois ficou sentada por uns minutos, o dedo no botão, olhando a parede. Por fim recolocou o fone na base e pegou o diário. Pôs um ponto na última frase e acrescentou outra.

Vamos ver o avô de Meredith amanhã.

— Sou um idiota — disse Stefan no carro de Meredith no dia seguinte. Eles iam para a Virgínia Ocidental, visitar a instituição onde o avô de Meredith estava internado. Seria uma longa viagem.

— Todos somos idiotas. Menos Bonnie — disse Matt. Mesmo no meio dessa ansiedade, Bonnie sentiu um lampejo de calor.

Mas Meredith balançava a cabeça, os olhos na estrada.

— Stefan, você não poderia ter pensado nisso, então pare de se recriminar. Não sabia que o dia em que Klaus nos atacou na festa de Caroline era o dia do aniversário do ataque a meu avô. E não ocorreu a Matt nem a mim que Klaus podia estar na América há tanto tempo, porque não

tínhamos visto Klaus, nem ouvimos como ele falava. Estávamos pensando em quem ele pode ter atacado na Europa. Na verdade, Bonnie era a única que *podia* juntar todos os pontos, porque tinha todas as informações.

Bonnie mostrou a língua para ela. Meredith viu pelo retrovisor e arqueou uma sobrancelha.

— Só não quero que fique metida demais — disse ela.

— Não estou; a modéstia é uma de minhas virtudes mais encantadoras — respondeu Bonnie.

Matt bufou, mas depois disse:

— Ainda acho que foi muito inteligente. — O que fez com que Bonnie ficasse feliz novamente.

A instituição era horrível. Bonnie tentou ao máximo esconder o horror e a repulsa, mas sabia que Meredith podia sentir. Os ombros da amiga estavam rígidos de orgulho — mas na defensiva —, enquanto ela andava pelos corredores na frente do grupo. Bonnie, que a conhecia há tantos anos, podia ver a humilhação por baixo daquele orgulho. Os pais de Meredith consideravam o problema do avô uma mancha tal que jamais permitiram que ele fosse mencionado a estranhos. Era uma sombra sobre toda a família.

E agora Meredith estava mostrando esse segredo a estranhos pela primeira vez. Bonnie sentiu uma onda de amor e admiração pela amiga. Era tão típico de Meredith fazer isso sem estardalhaço, sem deixar que os outros soubessem o quanto lhe custava. Mas a instituição ainda assim era horrível.

Não era suja nem cheia de pacientes agitados, nada disso. Eles pareciam limpos e bem-cuidados. Mas havia alguma coisa, no cheiro estéril de hospital, nos corredores cheios de cadeiras de rodas imóveis e olhos vagos, que fez com que Bonnie tivesse vontade de correr.

Parecia um prédio cheio de zumbis. Bonnie viu uma velha, o couro cabeludo rosado aparecendo sob o cabelo branco e fino, sua cabeça arriada na mesa ao lado de uma boneca de plástico sem roupa. Quando Bonnie estendeu o braço desesperadamente, encontrou a mão de Matt já alcançando

a dela. Eles seguiram Meredith assim, segurando-se com tanta força que doía.

— Este é o quarto dele.

Em seu interior havia outro zumbi, mas a cabeça branca ainda mostrava alguns fios pretos, como os de Meredith. Seu rosto era uma massa de rugas e marcas, os olhos remelentos e coroados de vermelho. Fitavam o vazio.

— Vovô — disse Meredith, ajoelhando-se diante de sua cadeira de rodas. — Vovô, sou eu, Meredith. Vim para visitar o senhor. Tenho uma pergunta importante para você.

Os olhos não deram sinal de vida.

— Às vezes ele reconhece a gente — disse Meredith em voz baixa, sem emoção. — Mas ultimamente não tem reconhecido.

O velho só encarava.

Stefan se abaixou, apoiando-se nos calcanhares.

— Deixe-me tentar — disse ele. Olhando para a cara enrugada, ele começou a falar, suavemente, de um jeito tranquilizador, como fizera com Vickie.

Mas os olhos escuros e baços nem piscaram. Só continuaram encarando, vagos. O único movimento foi um leve tremor contínuo nas mãos nodosas sobre os braços da cadeira de rodas.

E, por mais que Meredith e Stefan tentassem, foi a única resposta que conseguiram arrancar.

Por fim, Bonnie tentou, usando seus poderes paranormais. Podia sentir *alguma coisa* no velho, uma centelha de vida presa no corpo que o aprisionava. Mas não conseguiu alcançá-la.

— Desculpe — disse ela, recostando-se e tirando o cabelo dos olhos. — É inútil. Não posso fazer nada.

— Talvez a gente possa vir em outra hora — disse Matt, mas Bonnie sabia que não era verdade. Stefan ia partir no dia seguinte; não haveria outra chance. E esta parecia uma ideia tão boa... A chama que a aquecera agora virou cinza e seu coração pesava. Ela se virou e viu Stefan já saindo do quarto.

Matt pôs a mão sob o cotovelo de Bonnie para ajudá-la a se levantar e guiá-la para fora. E depois de ficar de pé por um minuto com a cabeça tombada de desânimo, Bonnie cedeu. Foi difícil criar energia suficiente para colocar um pé na frente do outro. Vagarosamente, ela olhou para trás para ver se Meredith os seguia...

E *gritou*. Meredith estava no meio do quarto, de frente para a porta, o desânimo estampado em seu rosto. Mas atrás dela a figura na cadeira de rodas enfim se mexera. Numa explosão de movimento, erguia-se silenciosamente sobre ela, os olhos velhos e remelentos arregalados e a boca escancarada. O avô de Meredith parecia ter sido apanhado em pleno salto — os braços no ar, a boca formando um uivo silencioso. Os gritos de Bonnie ressoaram no teto.

E então tudo aconteceu a um só tempo. Stefan voltou rapidamente. Meredith girou o corpo, Matt a segurou. Mas o velho não saltou. Ficou assomando acima de todos eles, olhando por sobre as cabeças, parecendo ver algo que ninguém mais via. Por fim saíram ruídos de sua boca, sons que formaram uma única palavra num uivo.

— *Vampiro! Vampiiiiro!*

Enfermeiros entraram no quarto, expulsando Bonnie e os outros, segurando o velho. Seus gritos aumentaram o pandemônio.

— *Vampiro! Vampiro!* — O avô de Meredith gritava, como se alertasse a cidade. Bonnie sentiu o pânico. Ele olhava para Stefan? Era uma acusação?

— Por favor, vocês precisam sair agora. Desculpe, mas terão de ir — dizia uma enfermeira. Eles estavam sendo expulsos. Meredith resistiu ao ser obrigada a ir para o corredor.

— Vovô...!

— *Vampiro!* — A voz gemia de um jeito sobrenatural.

E depois:

— Madeira de carvalho branco! Vampiro! Madeira de carvalho branco...

A porta bateu.

Meredith ofegou, reprimindo as lágrimas. Bonnie estava com as unhas cravadas no braço de Matt. Stefan se virou para eles, os olhos verdes

arregalados de choque.

— Eu *disse* que vocês têm de ir embora agora — repetia a enfermeira, atormentada de impaciência. Os quatro a ignoraram. Todos se olhavam, em seus rostos o espanto dava lugar à compreensão.

— Tyler disse que só havia um tipo de madeira que podia feri-lo... — começou Matt.

— *Carvalho branco* — disse Stefan.

— Vamos ter de descobrir onde ele está escondido — disse Stefan a caminho de casa. Ele dirigia, uma vez que Meredith deixou cair as chaves na porta do carro. — Primeiro isso. Se formos rápidos, podemos atraí-lo para fora.

Seus olhos verdes brilhavam com um misto extraordinário de triunfo e determinação amarga, e ele falava em frases curtas e aceleradas. Todos estavam elétricos, pensou Bonnie, como se tivessem tomado energéticos a noite toda. Seus nervos estavam em frangalhos de tal maneira que qualquer coisa podia acontecer.

Bonnie também tinha a sensação de uma catástrofe iminente. Como se tudo estivesse caminhando a um fim, todos os acontecimentos desde o aniversário de Meredith chegando a uma conclusão.

Esta noite, pensou ela. Tudo vai acontecer esta noite. Parecia estranhamente adequado que fosse a véspera do solstício.

— A véspera do quê? — disse Matt.

Ela não havia percebido que falara em voz alta.

— A véspera do solstício — disse ela. — Hoje. Um dia antes do solstício de verão.

— Não me diga. Druidas, né?

— Eles o comemoravam — confirmou Bonnie. — É um dia mágico, que marca a mudança das estações. E... — Ela hesitou. — Bom, é como qualquer outro dia de festa, como o Halloween ou o solstício de inverno. Um dia em que a fronteira entre o mundo visível e o invisível é tênue. Quando podemos ver fantasmas, eles costumavam dizer. Quando coisas acontecem.

— Coisas vão acontecer — disse Stefan, entrando na rodovia principal que os levaria de volta a Fell's Church.

Nenhum deles sabia que seria tão rápido.

A sra. Flowers estava no quintal. Eles seguiram com o carro direto para o pensionato à procura dela. Estava podando roseiras e o cheiro de verão a cercava.

Ela franziu o cenho e piscou quando todos se reuniram em volta e lhe perguntaram apressadamente onde encontrar carvalho branco.

— Calma, devagar — disse ela, espiando o grupo sob a aba do chapéu de palha. — O que vocês querem? Carvalho branco? Tem alguns depois daqueles carvalhos ali ao fundo. Ora, esperem um minuto... — acrescentou ela enquanto todos partiram em disparada.

Stefan cortou um galho da árvore com um canivete que Matt tirou do bolso. Quando será que ele começou a andar com *isso*?, pensou Bonnie. Ela também se perguntou o que a sra. Flowers pensou deles enquanto eles voltavam, os dois meninos carregando o galho coberto de folhas de quase dois metros entre eles nos ombros.

Mas a sra. Flowers se limitou a observar sem dizer nada. Enquanto eles se aproximavam da casa, porém, ela gritou.

— Chegou uma encomenda para você, garoto.

Stefan virou a cabeça, o galho ainda no ombro.

— Para *mim*?

— Tinha seu nome. Um pacote e uma carta. Encontrei na varanda lá da frente hoje à tarde. Deixei no seu quarto.

Bonnie olhou para Meredith, depois para Matt e Stefan, encontrando o olhar confuso e desconfiado dos amigos. De repente a expectativa no ar aumentou, tornando-se quase insuportável.

— Mas de quem será? Quem pode saber que você está aqui... — começou ela enquanto todos subiam a escada para o sótão. Depois ela parou, o medo palpitando entre as costelas. A premonição zumbia dentro de

Bonnie como uma mosca ranheta, mas ela a afugentou. Agora não, pensou ela, agora não.

Mas não havia como deixar de ver o pacote na mesa de Stefan. Os meninos encostaram o galho de carvalho branco na parede e foram olhar, um embrulho comprido e achatado em papel pardo, com um envelope creme por cima.

Na frente, numa letra familiar e torta, estava escrito *Stefan*.

A letra do espelho.

Todos ficaram olhando o pacote como se fosse um escorpião.

— Cuidado — disse Meredith, vendo Stefan lentamente estender a mão para abri-lo. Bonnie sabia o que ela queria dizer. Era como se aquilo pudesse explodir, soltar um gás venenoso ou se transformar em algo com dentes e garras.

O envelope que Stefan pegou era quadrado e firme, o papel era de qualidade, com bom acabamento. Como um convite de um príncipe para o baile, pensou Bonnie. Mas, o incongruente era que havia várias digitais na superfície e estava sujo nas beiradas. Bom — no sonho, Klaus também não parecia nada limpo.

Stefan olhou a frente e o verso, depois abriu o envelope. Tirou dele uma folha de papel grossa de escritório. Os outros três se reuniram em volta, olhando por sobre o ombro de Stefan. Depois Matt exclamou.

— Mas o que... está em branco!

Estava. Dos dois lados. Stefan virava o papel sem parar, examinando cada face. Seu rosto estava tenso, misterioso. Mas todos os outros relaxaram, com ruídos que denunciavam desprezo. Uma pegadinha idiota. Meredith estendeu a mão para o pacote, que parecia achatado o bastante para também estar vazio, quando Stefan de repente enrijeceu, a respiração sibilando. Bonnie olhou rapidamente e deu um salto. A mão de Meredith ficou paralisada no pacote e Matt xingou.

No papel em branco, firme entre as mãos de Stefan, apareciam letras. Eram pretas, com golpes longos para baixo, como se cada uma delas

estivesse sendo cortada por uma faca invisível aos olhos de Bonnie. Ela leu as palavras e o pavor dentro dela cresceu.

Stefan,
Tentaremos resolver isso como dois cavalheiros? Estou com a menina. Venha à antiga fazenda no bosque após o anoitecer e conversaremos, só nós dois. Venha só e eu a libertarei. Traga alguém e ela morrerá.

Não havia assinatura, mas ao pé da página apareceram as palavras: *Isto fica entre mim e você.*

— Que menina? — perguntava Matt, olhando de Bonnie para Meredith como que para ter certeza de que elas ainda estavam ali. — Que menina?

Com um movimento ágil, os dedos elegantes de Meredith abriram o pacote e tiraram o que havia ali dentro. Um cachecol verde-claro com uma estampa de uvas e folhas. Bonnie se lembrava perfeitamente dele e a visão perpassou sua mente num átimo. Confete e presentes de aniversário, orquídeas e chocolate.

— Caroline — sussurrou ela, fechando os olhos.

As duas últimas semanas foram tão estranhas, tão diferentes da vida comum na escola, que ela quase se esquecera da existência de Caroline. Caroline mudou-se para um apartamento em outra cidade para escapar, para ficar em segurança — mas Meredith disse a ela no início. *Ele pode seguir você a Heron, eu sei disso.*

— Ele só estava brincando com a gente de novo — murmurou Bonnie. — Deixou que chegássemos a esse ponto, que até víssemos seu avô, Meredith, e depois...

— Ele devia saber — concordou Meredith. — Ele devia saber o tempo todo que procurávamos por uma vítima. E agora ele nos colocou em xeque. A não ser... — Seus olhos escuros se iluminaram com uma esperança súbita. — Bonnie, não acha que Caroline pode ter deixado esse cachecol cair na noite da festa? E que ele simplesmente o pegou?

— Não. — A premonição zumbia mais perto e Bonnie a afugentava, tentando mantê-la a distância. Ela não a *queria*, não queria saber. Mas de uma coisa tinha certeza: isto não era um blefe. Klaus estava com Caroline.

— O que vamos fazer? — disse ela em voz baixa.

— Sei o que *não* vamos fazer, e é dar ouvidos a *ele* — disse Matt. — "Tentar resolver isso como cavalheiros"... Ele é um idiota, não é um cavalheiro. É uma cilada.

— É claro que é uma cilada — disse Meredith com impaciência. — Ele esperou até que descobríssemos como feri-lo e agora está tentando nos separar. Mas não vai dar certo!

Bonnie estivera olhando a expressão de Stefan com um desânimo crescente. Porque, enquanto Matt e Meredith falavam indignados, ele dobrou em silêncio a carta e a recolocou no envelope. Agora o fitava, o rosto imóvel, sem se deixar afetar por nada que acontecia a seu redor. E a expressão em seus olhos verdes assustou Bonnie.

— Podemos fazer com que isso se volte contra ele — dizia Matt. — Não é, Stefan? Não acha?

— Eu acho — disse Stefan com cautela, concentrando-se em cada palavra — que vou ao bosque depois do anoitecer.

Matt assentiu e, como o *quarterback* que era, começou a traçar um plano.

— Tudo bem, você o distrai. E enquanto isso, nós três...

— Vocês três — continuou Stefan no mesmo tom metódico, olhando diretamente para Matt — vão para casa. Vão dormir.

Houve uma pausa que pareceu interminável para os nervos tensos de Bonnie. Os demais olhavam Stefan.

Por fim, Meredith disse alegremente:

— Bom, vai ser difícil pegá-lo se estivermos dormindo, a não ser que ele faça a gentileza de nos visitar.

Isso quebrou a tensão e Matt disse, soltando um suspiro longo e sofrido:

— Tudo bem, Stefan. Entendo como se sente... — Mas Stefan o interrompeu.

— Estou falando sério, Matt. Klaus tem razão; isto é entre nós dois. E ele disse para eu ir sozinho, ou vai machucar Caroline. Então vou sozinho. É minha decisão.

— É o seu *enterro* — soltou Bonnie, quase perdendo o controle. — Stefan, você enlouqueceu. Não *pode*.

— Fique olhando.

— Não vamos *deixar* você...

— Você acha — disse Stefan, olhando para ela — que pode me impedir, se tentar?

Este silêncio foi muito desagradável. Olhando para Stefan, pareceu a Bonnie que ele se transformava diante de seus olhos. O rosto parecia mais afilado, a postura diferente, como que para lembrá-la dos músculos leves e duros de predador por baixo das roupas. De repente ele parecia distante, estranho. Assustador.

Bonnie desviou os olhos.

— Sejamos razoáveis — dizia Matt, mudando de tática. — Vamos nos acalmar e conversar sobre isso...

— Não há o que discutir. Eu vou. Vocês, não.

— Você nos deve mais do que isso, Stefan — disse Meredith, e Bonnie sentiu-se grata pelo tom frio da amiga. — Tudo bem, então você pode nos rasgar, membro por membro; tá legal, não se discute. Entendemos o argumento. Mas depois de tudo o que passamos juntos, merecemos uma discussão detalhada antes que você saia correndo.

— Você disse que era uma luta das meninas também — acrescentou Matt. — Quando foi que decidiu que não era?

— Quando descobri quem era o assassino! — disse Stefan. — É por minha causa que Klaus está aqui.

— Não é, não! — exclamou Bonnie. — Você obrigou Elena a matar Katherine?

— Eu obriguei Katherine a voltar para Klaus! Foi *assim* que começou. E envolvi Caroline nisso; se não fosse por mim, ela jamais teria odiado Elena, nunca teria se metido com Tyler. Tenho responsabilidades para com ela.

— Você só *quer* acreditar nisso — Bonnie quase gritava. — Klaus odeia a todos nós! Acha realmente que ele vai deixar você sair andando de lá? Acha que ele pretende deixar o resto de nós em paz?

— Não — disse Stefan, e pegou o galho que estava encostado na parede. Ele pegou o canivete de Matt do próprio bolso e começou a retirar os ramos, fazendo uma lança branca e reta.

— Ah, que ótimo, você vai a um duelo! — disse Matt, furioso. — Não entende a estupidez disso? Vai cair direto na armadilha dele! — Ele avançou um passo para Stefan. — Pode achar que nós três não podemos impedir você...

— Não, Matt. — A voz baixa e leve de Meredith atravessou o quarto. — Isso não vai trazer bem algum. — Stefan olhou para ela, os músculos em torno dos olhos endurecendo, mas ela só retribuiu o olhar com a expressão equilibrada e calma. — Então está decidido a encontrar Klaus cara a cara, Stefan. Muito bem. Mas antes que vá, pelo menos certifique-se de ter uma chance na luta. — Friamente, ela começou a desabotoar a gola da blusa bordada.

Bonnie sentiu um choque, embora tivesse feito a mesma oferta uma semana antes. Mas foi em particular, pelo amor de Deus, pensou ela. Depois deu de ombros. Em público ou em particular, que diferença fazia?

Ela olhou para Matt, cujo rosto refletia sua consternação. Depois viu a testa de Matt franzir e o início daquela expressão obstinada que costumava apavorar os treinadores de times de futebol adversários. Seus olhos azuis se voltaram para os dela e ela assentiu, empinando o queixo. Sem dizer nada, abriu o zíper do agasalho leve que vestia enquanto Matt tirava a camiseta.

Tentando ocultar o próprio choque, Stefan olhou de um para outro, os três que, de cara amarrada, se despiam em seu quarto. Mas balançou a cabeça, a lança branca diante dele como uma arma.

— Não.

— Não seja burro, Stefan — rebateu Matt. Mesmo na confusão deste momento terrível, algo dentro de Bonnie parou para admirar o peito dele,

despido. — Nós somos três. Deve poder tomar o suficiente sem machucar nenhum de nós.

— Eu disse não! Não por vingança, e nem para combater o mal com o mal! Por motivo nenhum. Pensei que *você* entenderia isso. — O olhar de Stefan para Matt era amargurado.

— Eu entendo que você vai morrer lá! — gritou Matt.

— Ele tem razão! — Bonnie apertou o nó dos dedos na boca. A premonição rompia suas defesas. Ela não queria deixar que entrasse, mas não tinha mais forças para resistir. Com um tremor, sentiu-a apunhalar e ouviu as palavras em sua mente.

— *Ninguém pode lutar com ele e viver* — disse ela com dificuldade. — Foi o que Vickie disse e é verdade. E eu *sinto*, Stefan. Ninguém pode lutar com ele e viver!

Por um momento, só por um momento, Bonnie pensou que ele a estava ouvindo. Depois o rosto de Stefan ficou rígido novamente e ele falou com frieza.

— Não é problema seu. Deixe que eu me preocupe com isso.

— Mas se não há como vencer... — começou Matt.

— Não foi o que Bonnie disse! — respondeu Stefan, tenso.

— Foi, sim! O que você pensa que está fazendo? — gritou Matt. Era difícil fazer Matt perder a calma, mas, depois que perdia, era igualmente difícil conseguir que ele a recuperasse. — Stefan, para mim já chega...

— E para mim também! — respondeu Stefan num urro. Num tom que Bonnie nunca o ouvira usar. — Estou de saco cheio de vocês todos, de saco cheio de suas briguinhas e fraquezas... E de suas premonições também! Este problema é *meu*.

— Pensei que fôssemos uma equipe... — exclamou Matt.

— Não somos uma *equipe*. *Vocês* são um bando de humanos idiotas! Mesmo depois de tudo o que aconteceu com vocês, no fundo só querem ter suas vidinhas seguras em suas casinhas seguras até o momento de irem para suas covinhas seguras! Não sou parecido com vocês e não quero ser! Aguentei vocês esse tempo todo porque fui obrigado a isso, mas agora

acabou. — Ele olhou de um para outro e falou com decisão, destacando cada palavra. — Não preciso de nenhum de vocês. Não quero vocês comigo, e não quero que me sigam. Vocês só vão estragar minha estratégia. Quem se *atrever* a me seguir, eu matarei.

E com um último e ardente olhar, ele deu meia-volta e saiu.

14

— Ele perdeu o juízo — disse Matt, olhando a soleira vazia da porta pela qual Stefan tinha desaparecido.

— Não é nada disso — disse Meredith. Sua voz era triste e baixa, mas também havia uma espécie de divertimento nela. — Não entendeu o que ele fez, Matt? — disse ela quando ele se virou. — Gritando, fazendo com que a gente o odeie, tentando nos afastar. Sendo o mais desagradável possível para que a gente fique com raiva e deixe que ele faça isso sozinho. — Ela olhou a porta e ergueu as sobrancelhas. — Mas o "Quem se atrever a me seguir, eu matarei" *foi* meio exagerado.

Bonnie riu de repente, descontrolada.

— Acho que pegou emprestado de Damon. "Prestem atenção, eu não preciso de nenhum de vocês!"

— "Seu bando de humanos idiotas" — acrescentou Matt. — Mas ainda não entendo. Você teve uma premonição, Bonnie, e em geral Stefan não despreza essas coisas. Se não há como lutar e vencer, que sentido tem ir até lá?

— Mas Bonnie não disse que não há como lutar e vencer. Ela disse que não há como lutar e *sobreviver*. Não é, Bonnie? — Meredith olhou para ela.

A crise de riso se dissolveu. Sobressaltada, Bonnie tentou examinar a premonição, mas não alcançava nada além das palavras que brotaram em sua mente. *Ninguém pode lutar com ele e viver*.

— Quer dizer que Stefan acha... — Um horror lento e explosivo ardia nos olhos de Matt. — Ele acha que vai deter Klaus se matando? Como um cordeiro de sacrifício?

— Mais como Elena fez — disse Meredith, séria. — E talvez... assim ele possa ficar com ela.

— Ahã. — Bonnie balançou a cabeça. Ela não podia saber tudo sobre a profecia, mas *disto* ela sabia. — Ele não pensa assim, eu tenho certeza. Elena é especial. Ela é o que é porque morreu nova demais; foi embora com muita coisa inacabada na vida e... bom, ela é um caso especial. Mas Stefan é vampiro há quinhentos anos e certamente não morreria jovem. Não há garantias de que vá terminar com Elena. Ele pode ir para outro lugar, ou... ou só *sumir*. E ele sabe disso. Tenho certeza de que ele sabe. Acho que ele só está cumprindo a promessa que fez a ela, de impedir Klaus a qualquer custo.

— Pelo menos tentar — disse Matt delicadamente, e parecia que ele estava citando outro alguém. — Mesmo sabendo que vai perder. — Ele olhou as meninas de repente. — Vou atrás dele.

— Claro — disse Meredith, paciente.

Matt hesitou.

— Bom... Acho que não dá para convencer as duas a ficarem aqui, né?

— Depois de toda aquela conversa inspiradora sobre trabalho em equipe? Nem pensar.

— Era o que eu temia. Então...

— Então — disse Bonnie —, vamos nessa.

Eles juntaram as armas que puderam. O canivete de Matt, que Stefan tinha largado, a adaga de cabo de marfim da cômoda de Stefan, uma faca de carne da cozinha.

Do lado de fora, não havia sinal da sra. Flowers. A oeste, o céu tinha tons claros de roxo e laranja-amarelado. O crepúsculo da véspera do solstício, pensou Bonnie, e os pelos de seus braços começaram a se eriçar.

— Klaus falou da antiga fazenda no bosque... Deve ser a fazenda dos Francher — disse Matt. — Onde Katherine jogou Stefan no poço abandonado.

— Faz sentido. Ele devia estar usando o túnel de Katherine para ir e voltar pelo rio — disse Meredith. — A não ser que os Antigos sejam tão poderosos que possam atravessar água corrente sem problema nenhum.

É verdade, lembrou-se Bonnie, as coisas más não podiam atravessar água corrente e quanto mais cruel você fosse, mais difícil era.

— Mas não sabemos nada dos Originais — disse ela em voz alta.

— Não, e isso quer dizer que precisamos ter cuidado — disse Matt. — Conheço muito bem esse bosque e sei qual trilha Stefan deve ter usado. Acho que temos que usar uma diferente.

— Então Stefan não vai nos ver e nos matar?

— Então *Klaus* não vai nos ver, ou não todos nós. Assim talvez a gente tenha uma chance de chegar a Caroline. De uma forma ou de outra temos que tirar Caroline da equação; se Klaus pode machucá-la, pode obrigar Stefan a fazer o que ele quiser. E é sempre bom ter um plano para pegar o inimigo de surpresa. Klaus disse para eles se encontrarem depois do anoitecer; bom, estaremos lá *antes* de anoitecer e talvez possamos surpreendê-lo.

Bonnie ficou muito impressionada com essa estratégia. Não admira que ele seja *quarterback*, pensava ela. Eu simplesmente teria corrido para lá aos gritos.

Matt escolheu uma trilha quase invisível entre os carvalhos. A mata era especialmente exuberante nessa época do ano, com musgo, relva, plantas floridas e samambaias. Bonnie tinha de confiar que Matt sabia aonde estava indo, porque *ela* certamente não sabia. No alto, as aves soltavam um último canto antes de procurar um abrigo para passar a noite.

Escurecia. Mariposas e bichos-lixeiros batiam contra o rosto de Bonnie. Depois de cambalear por um trecho de cogumelos cobertos de lesmas, ela ficou muito agradecida por desta vez estar de jeans.

Por fim, Matt as parou.

— Estamos chegando perto — disse ele, baixinho. — Tem uma espécie de escarpa de onde podemos olhar para baixo e Klaus não pode nos ver. Fiquem em silêncio e tenham cuidado.

Bonnie nunca teve tantos problemas para caminhar. Felizmente, o leito de folhas estava molhado e não estalava. Depois de alguns minutos, Matt se abaixou sobre a barriga e gesticulou para elas fazerem o mesmo. Bonnie

ficou dizendo a si mesma, repetidamente, que não se importava se seus dedos encostassem em centopeias e minhocas e que de maneira alguma sentia as teias de aranha no rosto. Isto era uma questão de vida ou morte e ela era *capaz*. Não era idiota, não era uma criança, mas *capaz*.

— Aqui — sussurrou Matt, a voz quase inaudível. Bonnie se colocou de barriga para baixo ao lado dele e olhou.

Eles estavam diante da casa principal da fazenda dos Francher — ou do que restou dela. Tinha ruído há muito tempo, tomada pela floresta. Agora só restavam as fundações, pedras cobertas com mato florido e arbustos espinhosos, e uma chaminé alta como um monumento solitário.

— Ela está ali. Caroline — Meredith cochichou no ouvido de Bonnie.

Caroline era uma figura indistinta sentada e encostada na chaminé. O vestido verde-claro se destacava no anoitecer, mas o cabelo castanho-arruivado parecia preto. Uma coisa branca brilhava em seu rosto, e depois de um instante Bonnie percebeu que era uma mordaça. Fita adesiva ou atadura. Por sua postura estranha — os braços nas costas, as pernas estendidas na frente — Bonnie também deduziu que estava amarrada.

Coitada da Caroline, pensou ela, perdoando todas as coisas antipáticas, mesquinhas e egoístas que ela fizera — uma quantia considerável quando se pensava bem no assunto. Mas Bonnie não conseguia imaginar nada pior do que ser raptada por um vampiro psicopata que já matara duas de suas colegas de turma, ser arrastada para o bosque e amarrada, depois deixada ali, esperando, sua vida dependendo de outro vampiro que tinha bons motivos para odiar você. Afinal, Caroline quis Stefan desde o início, e odiou e humilhou Elena por consegui-lo. Stefan Salvatore era a última pessoa que devia se preocupar com Caroline Forbes.

— Olhem! — disse Matt. — É ele? Klaus?

Bonnie viu também, uma onda de movimento do outro lado da chaminé. Enquanto Bonnie se esforçava para enxergar, ele apareceu, o sobretudo caramelo-claro batendo fantasmagórico nas pernas. Ele olhou para Caroline e ela se encolheu, tentando se afastar. O riso dele soou com tanta clareza no ar silencioso que Bonnie se retraiu.

— É ele — cochichou ela, baixando atrás da tela de samambaias. — Mas cadê o Stefan? Já é quase noite.

— Talvez ele tenha ficado esperto e decidiu não vir — disse Matt.

— Não temos tanta sorte — disse Meredith. Ela olhava através das samambaias, para o sul. Bonnie olhou na mesma direção e tomou um susto.

Stefan estava parado na beira da clareira, tendo se materializado ali como que do ar. Nem mesmo Klaus o vira chegar, pensou Bonnie. Ele estava em silêncio, sem tentar se esconder, nem ocultar a lança branca que segurava. Havia algo em sua atitude e no modo como olhava o ambiente ao redor que fez Bonnie se lembrar de que, no século XV, ele era um aristocrata, integrante da nobreza. Ele não dizia nada, esperando que Klaus desse por sua presença, recusando-se a ser precipitado.

Quando Klaus se virou para o sul, ele continuou parado e Bonnie teve a sensação de que ele ficou surpreso por Stefan ter chegado de mansinho. Mas depois Klaus riu e abriu os braços.

— Salvatore! Que coincidência; eu estava mesmo pensando em você!

Lentamente, Stefan olhou Klaus de cima a baixo, da bainha do sobretudo esfarrapado ao alto da cabeça soprada pelo vento.

— Você me convidou. Estou aqui. Solte a menina.

— Eu disse isso? — Parecendo genuinamente surpreso, Klaus colocou as mãos no peito. Depois balançou a cabeça, rindo. — Acho que não. Primeiro vamos conversar.

Stefan assentiu, como se Klaus tivesse confirmado algo amargo que ele estava esperando. Tirou a lança do ombro e a colocou diante dele, manipulando o pedaço de madeira com habilidade e facilidade.

— Estou ouvindo — disse ele.

— Não é tão burro quanto parece — murmurou Matt de trás das samambaias, com um tom de respeito na voz. — E não está tão ansioso para ser morto como eu pensei — acrescentou. — Está sendo cauteloso.

Klaus gesticulou para Caroline, a ponta dos dedos roçando o cabelo da menina.

— Por que não vem até aqui, para não termos de gritar? — Mas ele não ameaçou machucar a prisioneira, percebeu Bonnie.

— Posso ouvi-lo muito bem daqui — respondeu Stefan.

— Ótimo — sussurrou Matt. — Isso mesmo, Stefan!

Mas Bonnie examinava Caroline. A menina capturada lutava, jogando a cabeça de um lado a outro como se estivesse frenética ou sentisse dor. Mas Bonnie teve uma sensação estranha com os movimentos de Caroline, em especial aqueles safanões violentos da cabeça, como se a menina estivesse se esforçando para chegar ao céu. O céu... O olhar de Bonnie se ergueu, onde a completa escuridão tinha caído e uma lua minguante brilhava sobre as árvores. Era por isso que agora podia ver que o cabelo de Caroline era castanho-arruivado; o luar, pensou ela. Depois, com um choque, seus olhos caíram na árvore acima de Stefan, cujos galhos roçavam de leve na ausência de qualquer vento.

— Matt? — cochichou ela, alarmada.

Stefan estava concentrado em Klaus, todos os sentidos, todos os músculos, cada átomo de seu Poder afiado e voltado para o Antigo diante dele. Mas na árvore, bem acima...

Toda a estratégia, de perguntar a Matt o que fazer, escapou da cabeça de Bonnie. Ela deu um salto, saiu do esconderijo e gritou.

— Stefan! Acima de você! É uma armadilha!

Stefan saltou de lado, elegante como um felino, assim que alguma coisa desceu no exato lugar onde ele estivera um segundo antes. A lua iluminou perfeitamente a cena, o suficiente para Bonnie ver os dentes brancos e expostos de Tyler.

E ver o brilho branco dos olhos de Klaus enquanto ele girava o corpo para ela. Por um momento de espanto, ela o encarou, depois estalou um raio.

De um céu sem nuvens.

Foi só mais tarde que Bonnie percebeu a estranheza — o caráter pavoroso — daquilo. Na hora ela mal percebeu que o céu estava limpo e estrelado, e que o raio azul irregular parou na palma da mão erguida de

Klaus. O que ela viu em seguida foi tão apavorante quanto a escuridão em tudo: Klaus fechando a mão sobre aquele raio, *pegando-o* de algum modo e atirando na direção dela.

Stefan gritava, gritava para ela se afastar, *saia daí*! Bonnie o ouviu enquanto ele olhava, paralisado, depois algo a segurou, puxando-a para o lado. O raio estalou sobre sua cabeça, com um som de chicote gigante e um cheiro de ozônio. Ela caiu de cara no musgo e rolou para pegar a mão de Meredith e agradecer por tê-la salvado, só que ali ela encontrou Matt.

— Fique aqui! Bem aqui! — gritou ele, e correu.

Aquelas palavras de novo! Bonnie ficou de pé num átimo e antes de saber o que estava fazendo corria atrás de Matt.

E então o mundo virou um caos.

Klaus se voltara para Stefan, que lutava com Tyler, batendo nele. Tyler, em sua forma de lobo, soltava ruídos terríveis enquanto Stefan o atirava no chão.

Meredith corria para Caroline, aproximando-se por trás da chaminé para que Klaus não a visse. Bonnie a viu chegar até Caroline e percebeu o clarão da adaga de prata de Stefan quando Meredith cortou as cordas que envolviam os pulsos da menina. Depois Meredith carregou e arrastou Caroline para trás da chaminé para desamarrar seus pés.

O som de chifres se chocando fez Bonnie se virar. Klaus tinha se aproximado de Stefan com um galho comprido que ele arranjara — devia estar no chão antes. Parecia tão afiado quanto o de Stefan, outra lança útil. Mas Klaus e Stefan não estavam só se golpeando; usavam os bastões para aparar os golpes. Robin Hood, pensou Bonnie, perplexa. Como John e Robin. Era o que parecia; Klaus era muito mais alto e de estrutura muito mais robusta do que Stefan.

Depois Bonnie viu outra coisa e gritou sem palavras. Atrás de Stefan, Tyler tinha se levantado de novo e estava agachado, como estivera no cemitério antes de saltar para o pescoço de Stefan. Stefan estava de costas para ele. E Bonnie não conseguiria avisá-lo a tempo.

Mas ela havia se esquecido de Matt. De cabeça baixa, ignorando garras e presas, ele partiu para Tyler, atacando-o como um *linebacker* de primeira linha antes de ele poder saltar. Tyler voou para o lado, com Matt em cima dele.

Bonnie ficou estupefata. Tanta coisa acontecia ao mesmo tempo. Meredith cortava as cordas nos tornozelos de Caroline; Matt esmurrava Tyler de uma forma que certamente teria provocado sua expulsão do campo de futebol americano; Stefan girava aquele bastão de carvalho branco como se fosse treinado para isso. Klaus ria, delirante, parecendo animado pelo exercício, os dois trocando golpes com velocidade e precisão letais.

Mas agora Matt parecia ter problemas. Tyler o agarrava e rosnava, tentando atingir seu pescoço. Num rompante, Bonnie procurou uma arma por perto, inteiramente esquecida da faca no bolso. Seus olhos caíram em um galho de carvalho. Ela o pegou e correu para onde Tyler e Matt lutavam.

Ao chegar lá, estacou. Não se atrevia a usar o galho por medo de acertar Matt. Ele e Tyler rolavam sem parar num borrão de movimento.

Depois Matt ficou por cima de Tyler de novo, prendendo a cabeça dele no chão, libertando-se. Bonnie viu sua chance e mirou o galho. Mas Tyler *viu* Bonnie. Com uma explosão de força sobrenatural, o lobo empurrou com as pernas e o garoto voou para trás. A cabeça de Matt bateu numa árvore com um ruído que Bonnie jamais se esqueceria. O baque surdo de um melão podre explodindo. Ele escorregou pela frente da árvore e ficou imóvel.

Bonnie ofegava, atordoada. Podia ter partido no socorro de Matt, mas Tyler estava bem ali diante dela, bafejando, uma saliva ensanguentada escorrendo pelo queixo. Ele parecia mais animal do que no cemitério. Como que num sonho, Bonnie ergueu o galho, mas o sentia tremer em suas mãos. Matt estava tão imóvel — estaria respirando? Bonnie podia ouvir o soluço em sua própria respiração ao olhar para Tyler. Era ridículo; este era um menino da escola dela. Um menino com quem ela dançou no Baile do Reencontro no ano anterior. Como podia afastá-la de Matt, como podia tentar machucar a todos eles? Como ele podia *fazer* isso?

— Tyler, por favor... — começou ela, pretendendo chamá-lo à razão, pedir a ele...

— Totalmente sozinha no bosque, menininha? — disse ele, e sua voz era um rosnado denso e gutural, formando as palavras no último minuto. Naquele instante, Bonnie entendeu que este não era o menino de sua escola. Era um *animal*. Ah, meu Deus, como ele é feio, pensou ela. Filetes de saliva vermelha pendiam de sua boca. E aqueles olhos amarelos com as pupilas em fenda — neles ela viu a crueldade do tubarão, do crocodilo, da vespa que põe os ovos no corpo vivo de uma lagarta. Toda a crueldade da natureza naqueles olhos amarelos.

— Alguém deveria ter avisado — disse Tyler, baixando o queixo para dar uma gargalhada de cachorro. — Porque, se você vai ao bosque sozinha, pode encontrar o Lobo...

— ... babaca! — uma voz terminou por ele, e com uma gratidão que beirava a devoção, Bonnie viu Meredith ao lado dela. Meredith, com a adaga de Stefan, que brilhava fluida na luz da lua.

— Prata, Tyler — disse Meredith, brandindo a arma. — O que será que a prata faz com os membros de um lobisomem? Quer ver? — Toda a elegância de Meredith, sua reserva, a falta de emoção do observador frio tinham sumido. Esta era a Meredith em sua essência e, embora sorrisse, ela estava *irada*.

— *Isso!* — gritou Bonnie, alegre, sentindo uma onda de poder. De repente conseguia se mexer. Ela e Meredith, juntas, eram fortes. Meredith cercava Tyler por um lado, Bonnie brandia o galho de outro. Um desejo que ela nunca sentiu a tomou, o desejo de bater com tanta força em Tyler que sua cabeça sairia voando. Ela podia sentir a força para fazer isso chegando a seu braço.

E Tyler, com seu instinto animal, podia sentir, podia sentir as duas, se aproximando dos dois lados. Ele se retraiu, preparou-se e se virou para tentar escapar delas. Elas se viraram também. Num minuto, os três orbitavam como um pequeno sistema solar; Bonnie e Meredith em volta dele, procurando por uma oportunidade de atacar.

Um, dois, *três*. Um alerta silencioso disparou de Meredith para Bonnie. Assim que Tyler saltou para Meredith, tentando jogar a faca longe, Bonnie o golpeou. Lembrando-se do conselho de um antigo namorado que tentou ensiná-la a jogar beisebol, ela não imaginou bater na cabeça de Tyler, mas *através* de sua cabeça, atingindo algo do outro lado. Pôs todo o peso do pequeno corpo no golpe e o choque do contato quase arrancou seus dentes. Tyler lançou os braços numa agonia e espatifou o galho. Mas caiu como um passarinho alvejado no céu.

— Consegui! *Isso! É isso mesmo! É!* — gritava Bonnie, atirando longe o galho. O triunfo saiu dela em um grito primal. — *Conseguimos!* — Ela segurou o corpo pesado pelas costas e o puxou de Meredith, onde tinha caído. — *Nós...*

Depois se interrompeu, as palavras paralisadas na garganta.

— *Meredith!* — gritou ela.

— Está tudo bem — Meredith disse, ofegante, a voz tensa de dor. E fraqueza, pensou Bonnie, arrepiada como se tomasse um banho de água gelada. As garras de Tyler penetraram a perna dela até o osso. Havia cortes imensos e abertos na coxa do jeans de Meredith e na pele branca que aparecia com clareza pelo tecido rasgado. E, para o pavor completo de Bonnie, ela também podia ver por dentro da pele, a carne e o músculo rasgados e o sangue vermelho vertendo dali.

— Meredith... — gritava ela freneticamente. Precisavam levar Meredith ao médico. Todo mundo devia parar agora; todos deviam entender isso. Havia uma pessoa ferida; precisavam de uma ambulância, deveriam ligar para a emergência. — Meredith — disse ela, arfando, quase gemendo.

— Amarre alguma coisa. — A cara de Meredith era branca. Choque. Entrando em choque. E era tanto sangue; saía tanto sangue. Ah, Deus, pensou Bonnie, por favor, me ajude. Ela procurou por alguma coisa para amarrar, mas não havia nada.

Algo caiu no chão ao lado dela. Uma corda de náilon, como aquela que eles usaram para amarrar Tyler, com as pontas puídas. Bonnie levantou a cabeça.

— Dá para usar isso? — perguntou Caroline, insegura, os dentes batendo.

Ela estava com o vestido verde, o cabelo castanho-arruivado disperso e grudado no rosto suado e sujo de sangue. Enquanto falava, balançou e caiu de joelhos ao lado de Meredith.

— *Você* está machucada? — perguntou Bonnie, sem fôlego.

Caroline balançou a cabeça, mas depois se inclinou para a frente, teve ânsias de vômito e Bonnie pôde ver as marcas em seu pescoço. Mas não havia tempo para se preocupar com Caroline. Meredith era mais importante.

Bonnie amarrou a corda em volta do ferimento de Meredith, a mente repassando desesperadamente coisas que aprendera com a irmã, Mary. Mary era enfermeira. Ela disse uma vez que um torniquete não pode ser apertado demais nem ficar muito tempo no local, ou pode gangrenar. Mas ela precisava estancar a hemorragia. Ah, Meredith.

— Bonnie... Ajude Stefan — Meredith arfava, a voz quase um sussurro. — Ele vai precisar disso... — Ela tombou para trás, a respiração entrecortada, os olhos semicerrados voltados para o céu.

Molhado. Tudo estava molhado. As mãos de Bonnie, suas roupas, o chão. Molhado do sangue de Meredith. E Matt ainda estava deitado sob a árvore, inconsciente. Ela não podia deixá-los, não com Tyler ali. Ele podia voltar a si.

Desnorteada, ela se voltou para Caroline, que tremia e tentava vomitar, o suor brotando no rosto. Inútil, pensou Bonnie. Mas não tinha alternativa.

— Caroline, preste atenção. — Ela pegou o pedaço maior do galho que usou em Tyler e colocou nas mãos de Caroline. — Fique com Matt e Meredith. Afrouxe o torniquete mais ou menos a cada vinte minutos. E se Tyler começar a voltar a si, se ele sequer *se retorcer*, bata nele com a maior força que puder com isso. Entendeu? Caroline — acrescentou ela —, esta é sua grande chance de provar que é boa em alguma coisa. Que não é uma inútil. Está bem? — Ela olhou os olhos verdes furtivos e repetiu: — Está bem?

— Mas o que *você* vai fazer?

Bonnie olhou a clareira.

— Não, Bonnie. — A mão de Caroline a segurou, e em algum lugar de sua mente Bonnie notou as unhas quebradas dela, a abrasão das cordas nos pulsos. — Fique aqui, onde é seguro. Não vá até eles. Não há nada que você possa fazer...

Bonnie se livrou da mão de Caroline e foi para a clareira antes que perdesse a coragem. No fundo, sabia que Caroline tinha razão. Não havia nada que pudesse fazer. Mas algo que Matt dissera antes de eles saírem tinia em sua mente. Pelo menos tentar. Ela precisava tentar.

Ainda assim, nos terríveis minutos seguintes, só o que ela pôde fazer foi olhar.

Até agora, Stefan e Klaus trocavam golpes com tal violência e precisão que era uma dança letal e bela. Mas era um embate equilibrado, ou quase isso. Stefan suportava bem.

Agora ela viu Stefan descendo com a lança de carvalho branco, pressionando Klaus a ficar de joelhos, forçando-o para trás, cada vez mais para trás, como um dançarino de mambo vendo até que ponto podia se abaixar. E agora Bonnie pôde ver a expressão de Klaus, a boca entreaberta, olhando Stefan com o que parecia assombro e medo.

E então tudo mudou.

Bem no finalzinho da descida, quando Klaus se curvara de costas ao máximo, quando parecia que estava prestes a entrar em colapso ou se romper, algo aconteceu.

Klaus sorriu.

E começou a empurrar.

Bonnie viu os músculos de Stefan se retesarem, viu os braços ficarem rígidos, tentando resistir. Mas Klaus, ainda sorrindo diabolicamente, de olhos arregalados, continuava avançando. Desdobrou-se como uma caixa de surpresa pavorosa, só que devagar. Lentamente. Inexoravelmente. Seu sorriso ficou mais desvairado, até dar a impressão de que podia cortar seu rosto. Como o gato de Cheshire.

Um gato, pensou Bonnie.

Um gato com um camundongo.

Agora era Stefan que grunhia e se esforçava, os dentes trincados, tentando afastar Klaus. Mas Klaus e seu bastão desciam, forçando Stefan para trás, empurrando-o para o chão.

E ele sorria o tempo todo.

Até que Stefan estava deitado de costas, o próprio bastão em seu pescoço com o peso da lança de Klaus atravessada por cima dele. Klaus o olhou e ficou radiante.

— Estou cansado de brincar, garotinho — disse ele, e endireitou o corpo, empurrando o bastão para baixo. — É hora de morrer.

Ele tirou a lança de Stefan com a mesma facilidade que a tiraria de uma criança. Pegou-a com um giro do pulso e a quebrou no joelho, mostrando como era forte, como sempre foi forte. Com que crueldade estivera brincando com Stefan.

Uma das metades do bastão de carvalho branco que ele atirou por sobre o ombro atravessou a clareira. A outra, ele cravou em Stefan. Não usou a ponta afiada, mas a lascada, quebrada em dezenas de pontos. Ele golpeava com uma força que parecia quase despreocupada, mas Stefan gritou. Klaus repetiu a estocada, arrancando um grito a cada vez.

Bonnie berrou, mas a voz não saiu.

Nunca vira Stefan gritar na vida. Não precisava que lhe dissessem que dor causava isso. Ela não precisava que lhe dissessem que o carvalho branco podia ser a única madeira mortal para Klaus, mas que qualquer madeira era mortal para Stefan. Que Stefan, se já não estivesse morto agora, estava morrendo. Que Klaus, com a mão agora erguida, ia terminar com tudo em mais um golpe. O rosto de Klaus estava virado para a lua com um sorriso obsceno de prazer, mostrando que era *disto* que ele gostava, era nisso que tinha prazer. Em matar.

E Bonnie não conseguia se mexer, nem conseguia gritar. O mundo flutuava em volta dela. Tudo foi um erro, ela não era competente; era, afinal,

uma criança. Ela não queria ver o último golpe, mas não conseguia desviar os olhos. E tudo isso não podia estar acontecendo, mas estava. Estava.

Klaus fez um floreio com a estaca lascada e com um sorriso de puro êxtase começou a baixá-la.

E uma lança atravessou a clareira e o atingiu no meio das costas, caindo e tremendo como uma flecha gigantesca. Os braços de Klaus voaram para o lado, largando a estaca; o sorriso de êxtase esvaiu-se de seu rosto. Ele se levantou, de braços estendidos por um segundo, depois se virou com o bastão de carvalho branco, cravado nas costas, balançando de leve.

Os olhos de Bonnie estavam embaçados demais para que ela enxergasse, mas ela ouviu a voz com clareza, fria e arrogante, tomada por uma convicção absoluta. Só cinco palavras, mas palavras que mudavam tudo.

— *Fique longe do meu irmão.*

15

Klaus gritava, um grito que lembrou Bonnie de predadores antigos, animais pré-históricos e ferozes como o tigre-dentes-de-sabre e o mamute. O sangue espumava de sua boca junto com o grito, transformando aquele belo rosto numa máscara distorcida de fúria.

Suas mãos tatearam as costas, tentando pegar e arrancar a estaca de carvalho branco. Mas entrou fundo demais. O arremesso foi certeiro.

— Damon — sussurrou Bonnie.

Ele estava na beira da clareira, emoldurado pelos carvalhos. Bonnie viu que ele deu um passo na direção de Klaus, depois outro; passos leves e furtivos, cheios de um propósito mortal.

E ele estava furioso. Se não estivesse com os músculos paralisados, Bonnie teria corrido só de olhar seu rosto. Ela jamais vira tal ameaça tão mal controlada.

— Fique... longe... do meu irmão — repetiu ele, quase aos sussurros agora, com os olhos fixos em Klaus ao dar outro passo.

Klaus gritou de novo, mas suas mãos pararam de tatear freneticamente.

— Seu idiota! Não precisamos lutar! Eu expliquei isso na casa! Podemos nos ignorar!

A voz de Damon não ficou mais alta.

— Fique longe do meu irmão. — Bonnie podia sentir que dentro de Damon havia uma onda de Poder, como um tsunami. Ele continuou com a voz tão baixa que Bonnie precisou se esforçar para ouvir. — Antes que eu arranque seu coração.

Bonnie afinal conseguiu se mexer. Recuou um passo.

— Eu lhe disse! — gritou Klaus, espumando. Damon não ouvia nada. Todo seu ser parecia concentrado no pescoço de Klaus, em seu peito, no

coração batendo por dentro, o coração que ele ia arrancar.

Klaus pegou a lança intacta e se precipitou na direção de Damon.

Apesar de todo o sangue, ainda pareciam restar muitas forças ao homem louro. A arrancada foi repentina, violenta e quase infalível. Bonnie o viu atirar a lança para Damon e fechou os olhos involuntariamente, mas os abriu um segundo depois ao ouvir o bater de asas.

Klaus tinha mergulhado exatamente no local onde Damon estivera e um corvo preto subia deixando para trás uma única pena. Aos olhos de Bonnie, a corrida de Klaus o levou pelo escuro, para além da clareira, e ele desapareceu.

Um silêncio mortal pairou no bosque.

A paralisia de Bonnie aos poucos cedeu e ela deu o primeiro passo, correndo em seguida até Stefan. Ele não abriu os olhos quando ela se aproximou; parecia inconsciente. Ela se ajoelhou ao lado dele. E sentiu uma calma horrível se esgueirar por ela, como alguém que estivera nadando em águas geladas e enfim sente os primeiros e inegáveis sinais de hipotermia. Se ela já não tivesse sofrido tantos choques sucessivos, podia ter fugido aos gritos ou se debulhado, desesperada. Mas este era simplesmente o último passo, o último deslize para a irrealidade. Para um mundo que não podia existir, mas existia.

Porque era ruim, muito ruim. O pior possível.

Ela nunca viu ninguém ferido daquele jeito, nem mesmo o sr. Tanner, e ele morreu em decorrência dos ferimentos. Nada que Mary tenha contado podia ajudar a sanar isto. Mesmo que colocassem Stefan numa maca na frente de uma sala de cirurgia, não bastaria.

Num estado de calma pavorosa, ela levantou a cabeça e viu um borrão de bater de asas e um tremeluzir à luz da lua. Damon se colocou ao lado dela e ela perguntou controlada e racionalmente.

— Ajudaria se eu desse sangue a ele?

Ele não parecia ouvi-la. Seus olhos estavam completamente pretos, só pupilas. Aquela violência descontrolada, a energia feroz recuara, se fora. Ele se ajoelhou e tocou a cabeça morena no chão.

— Stefan?

Bonnie fechou os olhos.

Damon está com medo, pensou ela. Damon está com medo — *Damon!* — e ah, meu Deus, não sei o que fazer. Não há *nada* a fazer — tudo acabou e todos perdemos, e Damon está com medo por Stefan. Ele não vai cuidar das coisas, não sabe o que fazer e alguém precisa consertar isso. E, ah, meu Deus, por favor, me ajude, porque estou muito apavorada e Stefan está morrendo e Meredith e Matt estão feridos e Klaus vai voltar.

Ela abriu os olhos e fitou Damon. Ele estava branco, o rosto jovem tomado pelo pavor, os olhos escuros dilatados.

— Klaus vai voltar — disse Bonnie num sussurro. Ela não tinha mais medo dele. Eles não eram um caçador de séculos de idade e uma menina humana de 17 anos, sentados ali na margem do mundo. Eram só duas pessoas, Damon e Bonnie; e precisavam fazer o melhor que pudessem.

— Eu sei — disse Damon. Ele segurava a mão de Stefan, totalmente confortável fazer isso, e tudo parecia muito lógico e sensato. Bonnie podia sentir que ele emanava Poder para Stefan, também podia sentir que não era o suficiente.

— O sangue o ajudaria?

— Não muito. Um pouco, talvez.

— Temos que tentar qualquer coisa que possa ajudar.

Stefan sussurrou.

— Não.

Bonnie ficou surpresa. Pensou que ele estivesse inconsciente. Mas agora os olhos de Stefan estavam abertos, e atentos, verdes e em brasa. Eram a única coisa viva nele.

— Não seja burro — disse Damon, a voz endurecendo. Segurou a mão de Stefan até que os nós dos dedos ficaram brancos. — Você está muito ferido.

— Não vou quebrar minha promessa. — Aquela obstinação inabalável continuava na voz de Stefan, em seu rosto pálido. E quando Damon voltou a abrir a boca, sem dúvida para dizer que Stefan iria quebrá-la ou ele

quebraria seu pescoço, Stefan acrescentou: — Até porque não vai adiantar nada.

Houve um silêncio enquanto Bonnie lutou com a verdade crua disto. Onde estavam agora, neste lugar terrível para além das coisas comuns, o faz de conta ou a falsa confiança pareciam equivocados. Só a verdade serviria. E Stefan dizia a verdade.

Ele ainda olhava o irmão, que olhava para ele, toda aquela atenção feroz e furiosa concentrada em Stefan como antes estivera em Klaus. Como se de algum modo pudesse ajudar.

— Não estou muito ferido, estou morto — disse Stefan brutalmente, os olhos fixos em Damon. O último e maior conflito de vontade dos dois, pensou Bonnie. — E você precisa tirar Bonnie e os outros daqui.

— Não vamos deixar você — Bonnie se intrometeu. Era a verdade; ela sabia disso.

— *Têm* de ir embora! — Stefan não olhou para ela, não desviou os olhos do irmão. — Damon, sabe que tenho razão. Klaus chegará a qualquer minuto. Não desperdice sua vida. Não desperdice a vida *deles*.

— Não dou a mínima para a vida deles — sibilou Damon. Também era verdade, pensou Bonnie, curiosamente sem se ofender. Só havia uma vida com que Damon se importava ali, e não era a própria.

— Dá, sim! — Stefan respondeu, furioso. Pendurava-se na mão de Damon como numa queda de braço, como se fosse um combate e ele pudesse forçar Damon a ceder. — Elena fez um último pedido; ora, este é o meu. Você tem Poder, Damon. Quero que use-o para ajudá-los.

— Stefan... — sussurrou Bonnie, desamparada.

— *Prometa* — disse Stefan a Damon, e um espasmo de dor distorceu seu rosto.

Por segundos incontáveis, Damon simplesmente olhou o irmão.

— Eu prometo — disse ele, rápido e afiado como um golpe de adaga. Damon soltou a mão de Stefan e se colocou de pé, virando-se para Bonnie. — Vamos.

— Não podemos *deixar* Stefan...

— Podemos, sim. — Agora não havia nada de jovial no rosto de Damon. Nada vulnerável. — Você e seus amigos humanos vão embora daqui, de uma vez. *Eu* vou voltar.

Bonnie balançou a cabeça. Ela sabia, vagamente, que Damon não estava traindo Stefan, que Damon colocava os ideais de Stefan acima da vida do irmão, mas era tudo obscuro e incompreensível demais para ela. Bonnie não entendia e não queria entender. Só o que sabia era que Stefan não podia ficar ali daquele jeito.

— Vocês vão *agora* — disse Damon, estendendo a mão para ela, o aço voltando a sua voz. Bonnie se preparou para uma briga, mas aconteceu algo que destruiu toda a importância da discussão. Houve um estalo, como de um chicote gigante, um clarão tão brilhante quanto a luz do dia, e Bonnie ficou ofuscada. Quando conseguiu enxergar por meio da imagem persistente, seus olhos focaram as chamas que ardiam em um buraco, agora escurecido, na base de uma árvore.

Klaus voltara. Com raios.

Os olhos de Bonnie dispararam para ele, a única coisa que se movia na clareira. Ele agitava a estaca de carvalho branco ensanguentada que tinha arrancado das costas como um troféu sangrento.

Um bastão de raios, pensou Bonnie sem nenhuma lógica, e houve outro estalo.

Desceu de um céu sem nuvens, em bifurcações imensas e branco-azuladas que a tudo iluminaram como o sol do meio-dia. Bonnie viu uma árvore depois de outra sendo atingida, cada uma mais perto do que a anterior. As chamas lambiam como demônios vermelhos e famintos entre as folhas.

Duas árvores de um lado de Bonnie explodiram, com estalos tão altos que ela sentiu em vez de ouvir, penetrando em seus tímpanos. Damon, de olhos mais sensíveis, ergueu a mão para protegê-los.

Depois gritou:

— Klaus! — E disparou para o louro. Ele não foi furtivo; esta era a disparada mortal do ataque. A explosão de velocidade letal do felino ou do

lobo caçador.

O raio o atingiu no meio do salto.

Bonnie gritou ao ver, dando um pulo. Houve um clarão azulado de gases superaquecidos e um cheiro de queimado, e então Damon estava no chão, deitado, o rosto imóvel. Bonnie podia ver filetes de fumaça saindo dele, saíam das árvores.

Emudecida de pavor, ela olhou para Klaus.

Ele cambaleava pela clareira, segurando a estaca ensanguentada como um taco de golfe. Ao passar, curvou-se sobre Damon e sorriu. Bonnie queria gritar de novo, mas não teve fôlego. Não parecia haver nenhum ar para respirar.

— Cuidarei de *você* depois — disse Klaus a um Damon inconsciente. Depois seu rosto se ergueu para Bonnie.

— Você — disse ele —, vou cuidar de você agora.

Passou-se um instante antes de ela perceber que ele olhava para Stefan, e não para ela. Aqueles olhos azuis vibrantes estavam fixos no rosto de Stefan. Depois deslocaram-se para o corpo ensanguentado.

— Agora vou *devorar* você, Salvatore.

Bonnie estava completamente só. A única que estava de pé. E tinha medo.

Mas sabia o que precisava fazer.

Ela caiu de joelhos de novo, baixando ao chão ao lado de Stefan.

E é assim que termina, pensou ela. A gente se ajoelha ao lado do cavalheiro e enfrenta o inimigo.

Ela olhou para Klaus e moveu-se de forma a proteger Stefan. Ele pareceu dar pela presença dela pela primeira vez, e franziu o cenho como se encontrasse uma mosca na sopa. O fogo bruxuleava num vermelho-alaranjado em seu rosto.

— Saia da frente.

— Não.

E é assim o início do fim. Assim, com essa simplicidade, com uma só palavra, e você morre numa noite de verão. Uma noite de verão em que a lua

e as estrelas brilham e fogueiras queimam com as mesmas chamas que os druidas usavam para invocar os mortos.

— Bonnie, vá — disse Stefan com dificuldade. — Saia daqui enquanto pode.

— Não — disse Bonnie. *Desculpe, Elena*, pensou ela. *Não posso salvá-lo. É só isso que posso fazer*.

— Saia da frente — disse Klaus entredentes.

— Não. — Ela podia esperar e deixar que Stefan morresse sozinho, e não com os dentes de Klaus em seu pescoço. Não faria muita diferença, mas era o máximo que ela podia oferecer.

— Bonnie... — sussurrou Stefan.

— Sabe quem eu sou, garota? Eu andei com o demônio. Se sair daí agora, eu lhe darei uma morte rápida.

A voz de Bonnie tinha sumido. Ela balançou a cabeça.

Klaus jogou o pescoço para trás e riu. Um pouco mais de sangue também saiu.

— Muito bem — disse ele. — A decisão foi sua. Os dois irão juntos.

Noite de verão, pensou Bonnie. A véspera do solstício. Quando a fronteira entre os mundos é muito tênue.

— Diga boa-noite, meu amor.

Não há tempo para entrar em transe, não há tempo para nada. Nada a não ser um apelo desesperado.

— *Elena!* — gritou Bonnie. — *Elena! Elena!*

Klaus se retraiu.

Por um instante, parecia que só o nome tinha o poder de alarmá-lo. Ou ele esperava que alguma coisa respondesse ao apelo de Bonnie. Klaus ficou parado, escutando.

Bonnie invocou seus poderes, colocando tudo o que tinha neles, lançando sua necessidade e seu apelo na voz.

E o que sentiu... Nada.

Nada perturbou a noite de verão, a não ser o crepitar das chamas. Klaus voltou-se para Bonnie e Stefan e sorriu com malícia.

Então Bonnie viu a neblina se esgueirando pelo chão.

Não — não podia ser neblina. Devia ser fumaça do incêndio. Mas não se comportava nem como uma coisa, nem como outra. Girava em espiral, subindo no ar como um redemoinho mínimo de poeira. Reunia-se numa forma mais ou menos da altura de um homem.

Havia outra a uma curta distância. Depois Bonnie viu uma terceira. A mesma coisa acontecia em toda parte.

A neblina fluía do chão, entre as árvores. Poças, cada uma separada e distinta. Bonnie, olhando emudecida, podia ver por cada mancha, podia ver as chamas, os carvalhos, os tijolos da chaminé. Klaus parara de sorrir, parara de se mexer e também observava.

Bonnie se virou para Stefan, incapaz até de formular a pergunta.

— Espíritos inquietos — sussurrou ele com a voz rouca, os olhos verdes resolutos. — O solstício.

E Bonnie entendeu.

Eles chegavam. Vinham do outro lado do rio, onde ficava o antigo cemitério. Do bosque, onde incontáveis covas improvisadas foram cavadas para despejar corpos antes que apodrecessem. Os espíritos inquietos, os soldados que combateram aqui e morreram na Guerra Civil. Uma horda sobrenatural atendendo a seu apelo por ajuda.

Eles tomavam forma. Eram centenas.

Bonnie agora via seus rostos. Os contornos nebulosos enchiam-se de cores pálidas, como aquarelas que se misturavam. Ela viu um lampejo de azul, um pouco de cinza. Soldados da União e confederados. Bonnie vislumbrou uma pistola enfiada num cinto, o brilho de uma espada decorada. Divisas em uma manga. Uma barba escura e basta; outra branca, comprida e bem cuidada. Uma figura pequena, do tamanho de uma criança, com buracos escuros nos olhos e um tambor pendurado na altura da coxa.

— Ah, meu Deus — sussurrou ela. — Ah, *meu Deus*. — Não era um lamento. Era como uma oração.

Não que ela não estivesse com medo deles, porque estava. Era cada pesadelo que teve com o cemitério tornando-se realidade. Como seu

primeiro sonho com Elena, quando as coisas se esgueiravam para fora de covas escuras na terra; só que estas coisas não se arrastavam, estavam *voando*, planando e flutuando até que assumiam uma forma quase humana. Tudo o que Bonnie já sentiu com o antigo cemitério — que era vivo e cheio de olhos que observavam, que havia um Poder à espreita por trás de sua quietude — provava-se a verdade. O solo de Fell's Church revelava suas lembranças sangrentas. Os espíritos dos que morreram aqui andavam novamente.

E Bonnie podia sentir a raiva que sentiam. Isso a assustava, mas outra emoção despertava dentro dela, fazendo com que prendesse a respiração e apertasse ainda mais a mão de Stefan. Porque o exército de neblina tinha um líder.

Uma figura flutuava diante das outras, mais perto de Klaus. Ainda não tinha forma definida, mas brilhava e cintilava como a luz dourada clara da chama de uma vela. Depois, diante dos olhos de Bonnie, pareceu ganhar substância no ar, brilhando cada vez mais forte, a cada minuto, uma luz sobrenatural. Era mais luminosa do que o círculo de fogo. Brilhava tanto que Klaus inclinou o corpo para trás, fugindo dela, e Bonnie piscou, mas quando se virou para um som baixo, viu Stefan olhando fixamente, os olhos arregalados. E sorrindo, fraco, como se feliz por ser esta a última coisa que via na vida.

Então Bonnie teve certeza.

Klaus largou a estaca. Afastou-se de Bonnie e Stefan para ficar de frente para a luz que pendia na clareira como um anjo vingador. Cabelos dourados voavam com um vento invisível e Elena olhava de cima para ele.

— Ela veio — sussurrou Bonnie.

— Você a chamou — murmurou Stefan. Sua voz falhou com a respiração laboriosa, mas ele ainda sorria. Seus olhos eram serenos.

— Fique longe deles — disse Elena, a voz chegando ao mesmo tempo à mente e aos ouvidos de Bonnie. Era como o tocar de dezenas de sinos, simultaneamente distantes e próximos. — Agora acabou, Klaus.

Mas Klaus se refez rapidamente. Bonnie viu seus ombros subirem com a respiração, percebeu pela primeira vez o buraco nas costas do sobretudo caramelo, onde a estaca de carvalho branco tinha penetrado. Estava suja de um vermelho opaco e agora fluía um sangue novo, enquanto Klaus abria os braços.

— Acham que tenho medo de vocês? — gritou ele. Ele girou o corpo, rindo para todas as formas pálidas. — Acham que tenho medo de qualquer um de vocês? Vocês estão mortos! São poeira no vento! Não podem tocar em mim!

— Está enganado — disse Elena na voz de sinos ao vento.

— Eu sou um dos Antigos! Um Original! Sabem o que isso significa? — Klaus se virou novamente, dirigindo-se a todos eles, os olhos azuis nada naturais parecendo captar parte do brilho vermelho do fogo. — *Eu nunca morri*. Cada um de vocês morreu, seu bando de fantasmas! Mas não eu. A morte não pode me tocar. Eu sou *invencível*!

A última palavra saiu num grito tão alto que ecoou nas árvores. *Invencível... Invencível... Invencível.* Bonnie a ouviu sumir no som furioso do fogo.

Elena esperou até que o último eco morresse. Depois disse, com muita simplicidade:

— Nem tanto. — Ela se virou para olhar as formas nebulosas em volta. — Ele quer verter mais sangue.

Uma nova voz falou, uma voz oca que escorreu como um filete de água fria pela espinha de Bonnie.

— Eu diria que já tivemos muitas mortes. — Era um soldado da União com uma fileira de botões dourados no paletó.

— Mais do que o suficiente — disse outra voz, como o ribombar de um tambor distante. Um confederado portando uma baioneta.

— É hora de alguém dar um fim a isso — disse um velho com uma roupa marrom de tingimento artesanal.

— Não podemos permitir que isso continue — o menino do tambor com os buracos pretos no lugar dos olhos.

— Basta de sangue derramado! — Várias vozes se elevaram a um só tempo. — Basta de mortes! — O grito passou de um a outro até que o volume de som era mais alto do que o rugido do fogo. — Basta de sangue!

— *Não podem tocar em mim!* Não podem me matar!

— Peguem o homem, rapazes!

Bonnie nunca soube quem deu este último comando. Mas foi obedecido por todos, soldados confederados e da União. Eles se elevavam, flutuando, dissolvendo-se em névoa de novo, uma névoa escura com centenas de mãos. Caíram sobre Klaus como uma grande onda, lançando-se nele e o engolfando. Cada mão o segurou, e embora Klaus lutasse e batesse braços e pernas, eles eram muitos. Em segundos, Klaus foi obscurecido por eles, cercado, tragado pela neblina escura. Ela subiu, girando como um tornado, de onde era possível ouvir uns gritos fracos.

— Não podem me matar! Sou imortal!

O tornado girou no escuro para além da visão de Bonnie. Foi seguido por uma trilha de fantasmas como a cauda de um cometa, disparando no céu noturno.

— Para onde o estão levando? — Bonnie não pretendia dizer isso em voz alta; simplesmente saiu antes que ela pudesse raciocinar. Mas Elena ouviu.

— Onde ele não prejudicará mais ninguém — disse ela, e sua expressão impediu que Bonnie fizesse mais perguntas.

Houve um grito, um balido do outro lado da clareira. Bonnie se virou e viu Tyler, em sua horrível forma, parte humana, parte animal, de pé. Não havia necessidade do bastão de Caroline. Ele olhava Elena e as poucas figuras fantasmagóricas e vagas que restavam.

— Não deixem que me levem! Não deixem que me levem também!

Antes que Elena pudesse falar, ele girou o corpo. Por um instante olhou o fogo, mais alto do que sua cabeça, depois mergulhou nele, chegando ao bosque. Por uma brecha entre as chamas, Bonnie o viu cair no chão, apagar o fogo em seu corpo aos tapas, depois se levantou e correu de novo. Em seguida o fogo crepitou mais alto e ela não conseguiu ver mais nada.

Mas ela se lembrou de uma coisa: Meredith — e Matt. Meredith estava deitada e apoiada, a cabeça no colo de Caroline, olhando. Matt ainda estava imóvel, de costas. Ferido, mas não tanto quanto Stefan.

— Elena — disse Bonnie, atraindo a atenção da figura luminosa, depois simplesmente olhou para ele.

O brilho chegou mais perto. Stefan não piscou. Olhou no cerne da luz e sorriu.

— Ele agora foi detido. Graças a você.

— Foi Bonnie que nos chamou. E ela não podia ter feito isso no lugar e na hora certas sem você e os outros.

— Eu tentei cumprir minha promessa.

— Eu sei, Stefan.

Bonnie não gostou do tom desta conversa. Parecia demais uma despedida — e uma despedida permanente. Suas próprias palavras flutuaram de volta a ela: *Ele pode ir para outro lugar ou... ou simplesmente sumir.* E ela não queria que Stefan fosse *a lugar nenhum*. Certamente alguém que parecia um anjo daquele jeito...

— Elena — disse ela —, não pode... fazer alguma coisa? Não pode ajudá-lo? — Sua voz tremia.

E a expressão de Elena ao se virar para Bonnie, gentil mas triste, foi ainda mais perturbadora. Lembrou-a de alguém, e então ela se recordou. Honoria Fell. Os olhos de Honoria a fitaram desse jeito, como se vissem todos os erros inevitáveis do mundo. Toda a injustiça, todas as coisas que não deviam existir, mas existiam.

— Posso fazer uma coisa — disse ela. — Mas não sei se é a ajuda que ele quer. — Ela se voltou para Stefan. — Stefan, posso curar o que Klaus fez. Esta noite tenho todo esse Poder. Mas não posso curar o que Katherine fez.

O cérebro entorpecido de Bonnie se debateu com isso por um tempo. O que Katherine fez — mas Stefan se recuperou há meses da tortura de Katherine na cripta. Depois ela entendeu. O que Katherine fez foi tornar Stefan um vampiro.

— Faz muito tempo — dizia Stefan a Elena. — Se você *curasse* isso, eu viraria um monte de pó.

— Sim. — Elena não sorriu, só o olhava fixamente. — Quer minha ajuda, Stefan?

— Para viver neste mundo, nas sombras... — A voz de Stefan agora era um sussurro, os olhos verdes, distantes. Bonnie queria sacudi-lo. *Viva*, pensou ela por ele, mas não se atreveu a dizer por medo de fazê-lo decidir pelo contrário. Então pensou em outra coisa.

— Para tentar — disse Bonnie, e os dois a olharam. Ela retribuiu o olhar, o queixo empinado. E viu o começo de um sorriso nos lábios brilhantes de Elena. Elena se virou para Stefan e aquela sugestão mínima de sorriso o contagiou.

— Sim — disse ele baixinho e depois, para Elena: — Eu quero sua ajuda.

Ela se curvou e o beijou.

Bonnie viu o brilho fluir de Elena para Stefan, como um rio de luz faiscante que o abraçava. Correu por ele como a neblina escura que cercou Klaus, como uma cascata de diamantes, até que todo o corpo de Stefan brilhava tanto quanto o de Elena. Por um instante, Bonnie imaginou poder ver o sangue dentro dele derretendo, fluindo para fora de cada veia, cada capilar, curando tudo o que tocava. Depois o brilho esmaeceu a uma aura dourada, ensopando a pele de Stefan. Sua camisa ainda estava destruída, mas por baixo a carne era lisa e firme. Bonnie, sentindo os próprios olhos arregalados de assombro, não conseguiu deixar de tocar.

Era como qualquer pele. As feridas horríveis sumiram.

Ela riu alto tamanha era a empolgação, depois levantou a cabeça, mais séria.

— Elena... Tem a Meredith também...

O ser luminoso que era Elena já estava se movendo pela clareira. Meredith olhou para ela do colo de Caroline.

— Oi, Elena... — disse ela, quase normalmente, a não ser pela voz fraca.

Elena se curvou e a beijou. A luz fluiu de novo, envolvendo Meredith. E quando desapareceu Meredith se levantou, ficando de pé sozinha.

Depois Elena fez o mesmo com Matt, que voltou a si, parecendo confuso, mas alerta. Ela beijou Caroline também, e Caroline parou de tremer e endireitou sua postura.

Depois Elena foi até Damon.

Ele ainda estava prostrado onde tinha caído. Os fantasmas passaram por cima dele, sem perceber sua presença. O brilho de Elena pairou sobre ele, uma mão luminosa se estendendo para tocar seu cabelo. Depois ela se curvou e beijou a cabeça escura no chão.

Enquanto a luz faiscante se apagava, Damon se sentou e balançou a cabeça. Viu Elena e ficou imóvel; em seguida, com cada movimento cauteloso e controlado, levantou-se. Não disse nada, apenas olhou para Elena, que se voltava para Stefan.

Ele estava em silhueta contra o fogo. Bonnie mal havia notado que o brilho vermelho aumentara tanto que quase eclipsava o dourado de Elena. Mas agora viu e sentiu um arrepio de alarme.

— Meu último presente para vocês — disse Elena, e começou a chover.

Não era uma tempestade de raios e trovões, mas uma chuva forte que ensopou tudo — inclusive Bonnie — e apagou o fogo. Era fresca e fria, e parecia lavar todo o horror das últimas horas, limpando tudo o que acontecera na clareira. Bonnie levantou a cabeça, fechando os olhos, querendo estender os braços e abraçar a chuva. Por fim, soltou o corpo e olhou novamente para Elena.

Elena fitava Stefan e agora não havia sorriso em seus lábios. A tristeza muda voltara a seu rosto.

— É meia-noite — disse ela. — Eu preciso ir.

Bonnie entendeu de imediato, ao ouvir aquele "ir", que não significava temporariamente. "Ir" era para sempre. Elena ia a um lugar que nenhum transe nem sonho podia alcançar.

E Stefan entendeu também.

— Só mais uns minutos — disse ele, estendendo a mão para ela.

— Desculpe...

— Elena, espere... Eu preciso lhe dizer...

— Não posso! — Pela primeira vez a serenidade daquela face luminosa foi destruída, mostrando não só uma gentileza triste, mas um pesar dilacerante. — Stefan, não posso esperar. Eu sinto muito. — Era como se estivesse sendo puxada, retraindo-se deles para uma dimensão que Bonnie não podia ver. Talvez o mesmo lugar para onde foi Honoria quando sua tarefa estava concluída, pensou Bonnie. Para ficar em paz.

Mas os olhos de Elena não transmitiam paz nenhuma. Prenderam-se a Stefan, e ela estendeu a mão para ele, desesperada. Eles não se tocaram. Para onde quer que Elena estivesse sendo puxada, era longe demais.

— Elena... *Por favor*! — Era o mesmo tom que Stefan usara para chamar por ela em seu quarto. Como se seu coração estivesse se despedaçando.

— Stefan — ela exclamou, as mãos estendidas para ele. Mas ela diminuía, desaparecia. Bonnie sentiu o choro se acumular no peito, perto da garganta. Não era justo. Só o que eles queriam era ficar juntos. E agora a recompensa de Elena por ajudar a cidade e concluir sua tarefa era se separar irrevogavelmente de Stefan. Não era *justo*.

— Stefan — chamou Elena de novo, mas sua voz chegou como se viesse de muito longe. A luz quase sumia. Depois, enquanto Bonnie olhava através das lágrimas de desespero, ela desapareceu num piscar de olhos.

Deixando a clareira em silêncio mais uma vez. Todos se foram, os fantasmas de Fell's Church que vagaram por uma noite para evitar que mais sangue fosse derramado. O espírito luminoso que os deixou tinha desaparecido sem deixar rastros, e até a lua e as estrelas estavam encobertas de nuvens.

Bonnie sabia que a umidade no rosto de Stefan não se devia à chuva que ainda caía.

Ele estava de pé, o peito subindo e descendo, olhando o último lugar em que estivera a luz de Elena. E todo o desejo e dor que Bonnie vislumbrara em seu rosto em outras ocasiões não era nada perto do que via agora.

— Não é justo — sussurrou ela. Depois ela gritou para o céu, sem se importar com quem falava. — Não é justo!

Stefan respirava cada vez mais rápido. Agora levantou a cabeça também, não de raiva, mas de uma dor insuportável. Seus olhos vasculhavam as nuvens como se pudessem encontrar o último vestígio da luz dourada, um brilho palpitando por ali. Não conseguiram. Bonnie viu o espasmo percorrer o corpo de Stefan, como a agonia da estaca de Klaus. E o grito que saiu dele foi a coisa mais terrível que ela ouviu na vida.

— *Elena!*

16

Bonnie jamais conseguiu se lembrar muito bem como foram os instantes seguintes. Ela ouviu o grito de Stefan que quase pareceu abalar a terra. Viu Damon partir para ele. E depois viu o clarão.

Um clarão como o raio de Klaus, só que não era branco-azulado. Era dourado.

E tão forte que Bonnie sentiu que o sol tinha explodido diante de seus olhos. Só o que ela conseguiu distinguir por vários segundos foram redemoinhos de cores. E viu algo no meio da clareira, perto da pilha de escombros da chaminé. Algo branco, na forma de um fantasma, só que parecia mais sólido. Algo pequeno e enroscado que tinha de ser alguma coisa, menos o que seus olhos lhe diziam.

Porque parecia uma menina nua e magra tremendo no chão da floresta. Uma menina de cabelos dourados.

Parecia Elena.

Não a Elena cintilante de luz de vela do mundo espiritual, nem a menina pálida e inumanamente linda que foi a Elena vampira. Esta era uma Elena cuja pele cremosa era inchada e rosada e mostrava arrepios sob a chuva. Uma Elena que parecia confusa ao erguer lentamente a cabeça e olhar em volta, como se todas as coisas familiares na clareira lhe fossem desconhecidas.

Era uma ilusão. Ou isso, ou eles lhe deram mais alguns minutos para se despedir. Bonnie repetia isso para si mesma, mas não conseguia acreditar.

— Bonnie? — disse uma voz insegura. Uma voz que não era nada parecida com sinos no vento. A voz de uma jovem assustada.

Os joelhos de Bonnie cederam. Uma sensação desesperada crescia dentro dela. Ela tentou afugentá-la, sem ousar sequer examiná-la ainda. Só

olhava para Elena.

Elena tocou a relva diante de si. No início hesitante, depois com mais firmeza, cada vez mais rápido. Ela pegou uma folha nos dedos que pareciam desajeitados, baixou-a, afagou o chão. Pegou-a de novo. Agarrou todo um punhado de folhas molhadas, ergueu-as, sentiu seu cheiro. Olhou para Bonnie, as folhas se espalhando.

Por um momento, elas só se ajoelharam e se olharam a pouca distância. Depois, trêmula, Bonnie estendeu a mão. Mal conseguia respirar. A sensação crescia cada vez mais.

A mão de Elena se ergueu. Na direção da mão de Bonnie. Seus dedos se tocaram.

Dedos de verdade. No mundo real. Onde as duas estavam.

Bonnie soltou um grito e se lançou para Elena.

Num minuto elas se apalpavam num frenesi, com um prazer intenso e inacreditável. E Elena era sólida. Estava molhada da chuva e tremia, e as mãos de Bonnie não a atravessavam. Pedaços de folha molhada e farelos de terra grudavam-se nos cabelos de Elena.

— Você está aqui — disse ela, chorando. — Eu posso tocar em você, Elena!

Elena respondeu, ofegante.

— E eu também posso tocar em você! Estou aqui! — Ela pegou as folhas novamente. — Posso tocar no chão!

— Estou vendo que você pode! — Elas podiam continuar com isso indefinidamente, mas Meredith as interrompeu. Estava a alguns passos, de pé, fitando, os olhos escuros enormes, a cara branca. Ela soltou um ruído sufocado.

— Meredith! — Elena se virou para ela e estendeu o punhado de folhas. Ela abriu os braços.

Meredith, que conseguiu aguentar quando o corpo de Elena foi encontrado no rio, quando Elena apareceu na janela dela como vampira, quando Elena se materializou na clareira como um anjo, ficou parada ali, tremendo. Parecia prestes a desmaiar.

— Meredith, ela é sólida! Pode tocar nela! Está vendo? — Bonnie deu tapinhas em Elena de novo, com alegria.

Meredith não se mexia.

— É impossível... — sussurrou.

— É verdade! Está vendo? É verdade! — Bonnie estava desesperada. Ela sabia que estava e não se importava. Se alguém tinha o direito de se desesperar, era ela. — É verdade, é verdade — entoou. — Meredith, venha *ver*.

Meredith, que ficou encarando Elena aquele tempo todo, soltou outro ruído sufocado. Depois, em um só movimento, voou para Elena. Tocou-a, descobriu que sua mão encontrava a resistência da carne. Olhou no rosto de Elena. E depois se debulhou em lágrimas incontroláveis.

Ela chorou sem parar, a cabeça no ombro despido de Elena.

Bonnie afagava alegremente as duas.

— Não acha melhor vestir alguma coisa? — disse uma voz, e Bonnie levantou a cabeça, vendo Caroline tirar o vestido. Caroline fez isso calmamente, de pé com a combinação de poliéster bege, como se fizesse esse tipo de coisa o tempo todo. Sem imaginação, Bonnie pensou novamente, mas sem maldade. Claramente havia ocasiões em que não ter imaginação era uma bênção.

Meredith e Bonnie colocaram o vestido pela cabeça de Elena. Ela parecia pequena dentro dele, molhada e de certo modo pouco natural, como se não estivesse mais acostumada a usar roupas. Mas era de qualquer forma uma proteção contra os elementos.

Depois Elena sussurrou.

— Stefan.

Ela se virou. Ele estava de pé ali, com Damon e Matt, meio separados das meninas. Só a olhava. Como se não só sua respiração, mas sua vida estivesse em suspenso, esperando.

Elena se levantou e deu um passo trôpego para ele, depois outro, em seguida mais um. Magra e frágil dentro do vestido emprestado, ela oscilava

ao andar até ele. Como a pequena sereia aprendendo a usar as pernas, pensou Bonnie.

Ele deixou que ela percorresse a maior parte do caminho, limitando-se a olhar, antes de partir na direção dela. Eles acabaram por correr e caíram no chão juntos, os braços envolvendo o outro, abraçando-se com a maior força possível. Nenhum dos dois disse uma só palavra.

Por fim, Elena recuou para olhar Stefan e ele colocou seu rosto nas mãos em concha, limitando-se a fitá-la também. Elena riu alto de pura alegria, abrindo e fechando os próprios dedos e olhando para eles com prazer antes de enterrá-los no cabelo de Stefan. E eles se beijaram.

Bonnie olhava sem pudor, sentindo parte da alegria inebriante se derramar em lágrimas. Sua garganta doía, mas eram lágrimas doces, não as salgadas de dor, e ela ainda sorria. Estava suja, ensopada de chuva e nunca foi tão feliz na vida. Tinha vontade de dançar, cantar e fazer todo tipo de maluquice.

Algum tempo depois, Elena desviou os olhos de Stefan e olhou para todos eles, a expressão quase tão luminosa quanto aquela que flutuou na clareira como um anjo. Brilhando como uma estrela. Ninguém jamais voltaria a chamá-la de Princesa de Gelo, pensou Bonnie.

— Meus amigos — disse Elena. Foi só o que ela disse, mas foi o bastante, isso e o soluço de alegria que soltou enquanto estendia a mão para eles. Eles a cercaram num segundo, jogaram-se nela, todos tentando abraçá-la ao mesmo tempo. Até Caroline.

— Elena — disse Caroline —, me desculpe...

— Está tudo esquecido agora — disse Elena, e a abraçou com a mesma alegria dos outros. Depois segurou a mão forte e a levou brevemente ao rosto. — Matt — disse ela, e ele sorriu, os olhos azuis marejados. Mas não de infelicidade por vê-la nos braços de Stefan, pensou Bonnie. Neste momento o rosto de Matt expressava apenas a felicidade.

Uma sombra pairou sobre o pequeno grupo, vindo por entre eles e a lua. Elena olhou e estendeu a mão novamente.

— Damon — disse ela.

A luz clara e o amor radiante no rosto de Elena eram irresistíveis. Ou deviam ser irresistíveis, pensou Bonnie. Mas Damon avançou sem sorrir, os olhos escuros tão insondáveis e misteriosos como sempre. O brilho que irradiava de Elena não se refletia neles.

Stefan olhou para o irmão sem medo, como olhou o brilho doloroso da luz dourada de Elena. Depois, sem desviar os olhos, estendeu a mão também.

Damon ficou parado, encarando os dois, as duas expressões francas e destemidas, a oferta muda de suas mãos. A oferta de ligação, calor, humanidade. Nada transparecia em seu rosto e ele ficou completamente imóvel.

— Vamos, Damon — disse Matt em voz baixa. Bonnie olhou para ele rapidamente e viu que os olhos azuis agora eram atentos, fitando a face sombria do caçador.

Damon falou sem se mexer.

— Não sou como vocês.

— Você não é diferente de nós, como prefere pensar — disse Matt. — Escute — acrescentou ele, um tom estranho de desafio em sua voz —, sei que você matou o sr. Tanner em legítima defesa, porque você me contou. E sei que você não veio para Fell's Church porque o feitiço de Bonnie o trouxe aqui, porque eu escolhi os cabelos e não cometi erro nenhum. Você é mais parecido com a gente do que admite, Damon. A única coisa que *não* sei é por que não entrou na casa de Vickie para ajudá-la.

Damon respondeu de pronto, quase automaticamente.

— Porque não fui convidado!

A lembrança inundou Bonnie. Ela mesma na frente da casa de Vickie, Damon ao lado dela. A voz de Stefan: *Vickie, me convide a entrar*. Mas ninguém convidou Damon.

— Mas então, como *Klaus* entrou...? — começou ela, seguindo o próprio raciocínio.

— Isso sem dúvida foi obra de Tyler — disse Damon, tenso. — O que Tyler fez por Klaus em troca de aprender a reclamar sua herança. E ele deve

ter convidado Klaus a entrar antes que começássemos a proteger a casa... Provavelmente antes de Stefan e eu chegarmos a Fell's Church. Klaus estava preparado. Naquela noite, ele estava na casa e a menina estava morta antes que eu soubesse o que acontecia.

— Por que não chamou Stefan? — disse Matt. Não havia acusação em sua voz. Era uma simples pergunta.

— Porque não havia nada que ele pudesse fazer! *Eu* sabia com o que vocês estavam lidando assim que vi. Um Antigo. Stefan ia acabar morto e a situação da menina era irremediável, de qualquer modo.

Bonnie ouviu a frieza na voz de Damon e quando ele se virou para Stefan e Elena, seu rosto tinha endurecido. Era como se já tivesse tomado uma decisão.

— Como veem, não sou como vocês — disse ele.

— Isso não importa. — Stefan ainda não havia recolhido a mão. Nem Elena.

— E às vezes os caras bons *vencem* — disse Matt num tom baixo e encorajador.

— Damon... — começou Bonnie. Devagar, quase com relutância, ele se virou para ela. Ela pensava naquele momento em que eles se olharam ao lado de Stefan e ele pareceu tão novo. Quando eles tinham sido só Damon e Bonnie na margem do mundo.

Ela pensou, só por um momento, ter visto estrelas naqueles olhos escuros. E podia sentir em algum lugar nele — um fermento de sentimentos, como desejo, confusão, medo e raiva, tudo misturado. Mas tudo esmoreceu de novo e seus escudos estavam erguidos, e os sentidos paranormais de Bonnie não lhe diziam nada. Aqueles olhos escuros eram simplesmente opacos.

Damon se virou para o casal no chão. Tirou a jaqueta e se postou atrás de Elena. Envolveu os ombros dela na jaqueta sem tocá-la.

— A noite está fria — disse ele. Seus olhos sustentaram o olhar de Stefan por um momento enquanto ele colocava a jaqueta em Elena.

E ele se virou para entrar na escuridão entre os carvalhos. De repente, Bonnie ouviu o farfalhar de asas.

Stefan e Elena deram-se as mãos sem dizer nada, a cabeça dourada de Elena apoiada no ombro de Stefan. Por sobre Elena, os olhos verdes de Stefan se voltaram para o trecho da noite onde o irmão tinha desaparecido.

Bonnie balançou a cabeça, sentido um aperto na garganta. Foi atenuado quando alguma coisa tocou seu braço e ela olhou, vendo Matt ali. Mesmo ensopado, mesmo coberto de musgo e folhas de samambaia, ele era uma linda visão. Ela sorriu para ele, sentindo a volta de seu espanto e de sua alegria. A excitação vertiginosa ao pensar no que acontecera esta noite. Meredith e Caroline também sorriam, e, de repente, Bonnie segurou as mãos de Matt e girou com ele numa dança. No meio da clareira, eles chutaram folhas molhadas, girando e rindo. Estavam vivos, eram jovens e era o solstício de verão.

— Você queria todos nós juntos de novo! — gritou Bonnie para Caroline e puxou a menina escandalizada para a dança. Meredith, com a dignidade esquecida, juntou-se a eles também.

E assim, por um bom tempo na clareira, só o que havia era júbilo.

21 de junho, 7h30

O Solstício de Verão

Querido Diário,

Ah, é tanta coisa para explicar e você não acreditaria mesmo. Vou dormir.

Bonnie

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Box Diários do vampiro

Site oficial da autora:
https://ljanesmith.net/

Página sobre a autora na Wikipédia:
https://pt.wikipedia.org/wiki/L._J._Smith

Página da autora no Skoob:
https://www.skoob.com.br/autor/72-l-j-smith

Página da autora no Goodreads:
https://www.goodreads.com/author/show/50873.L_J_Smith

Table of Contents

- BOX DIÁRIOS DO VAMPIRO
- O DESPERTAR
  - Obras da autora
  - Rosto
  - Créditos
  - Dedicatória
  - Sumário
  - 1
  - 2
  - 3
  - 4
  - 5
  - 6
  - 7
  - 8
  - 9
  - 10
  - 11
  - 12
  - 13
  - 14
  - 15
  - 16
- O CONFRONTO
  - Obras da autora
  - Rosto
  - Créditos
  - Sumário
  - 1
  - 2
  - 3
  - 4
  - 5

6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
A FÚRIA
Obras da autora
Rosto
Créditos
Dedicatória
Sumário
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
REUNIÃO SOMBRIA
Obras da autora
Rosto
Créditos

Sumário
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
COLOFÃO
SAIBA MAIS